FRANCES DE PONTES PEEBLES

TEMPO DE GRAÇA, TEMPO DE DOR

"Ecos de Elena Ferrante ressoam nesta saga esplêndida."
– *O, The Oprah Magazine*

ARQUEIRO

TEMPO DE GRAÇA, TEMPO DE DOR

O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

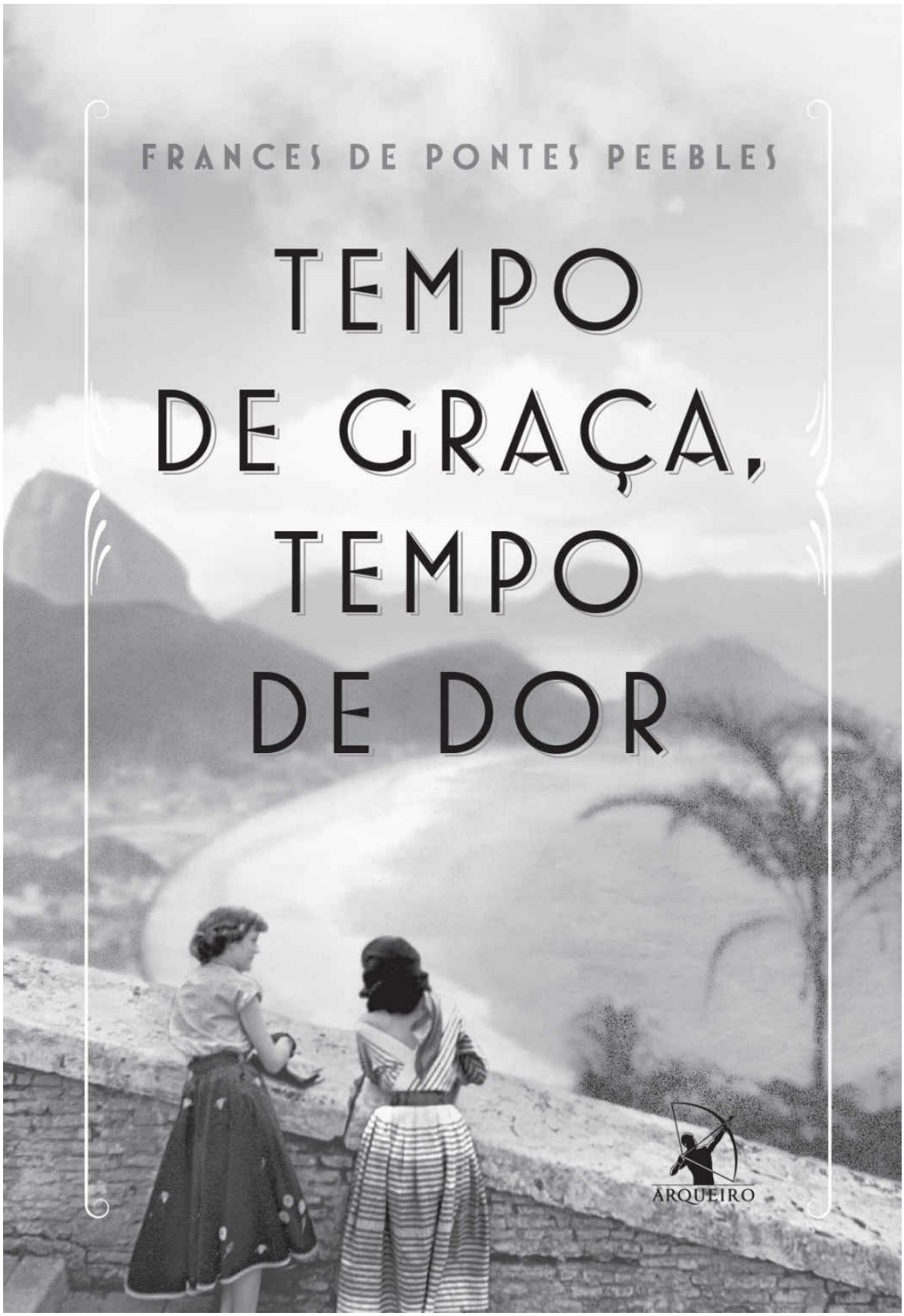
Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

FRANCES DE PONTES PEEBLES

TEMPO DE GRAÇA, TEMPO DE DOR



ARQUEIRO

Título original: *The Air You Breathe*
Copyright © 2018 por Frances de Pontes Peebles
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Rafaella Lemos

revisão: Rita Godoy e Tais Monteiro

diagramação: Julio Moreira | Equatorium Design

capa: Nayon Cho

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagem de capa: Album / Jacques Rouchon / akg-images/ Fotoarena (mulheres na sacada); Harriet Chalmers Adams / National Geographic Society / The Granger Colletion / Glow Images (Pão de Açúcar)

foto da autora: © Elaine Melko

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P421t

Peebles, Frances de Pontes
Tempo de graça, tempo de dor [recurso eletrônico]/ Frances de Pontes Peebles; tradução de Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2019.
recurso digital

Tradução de: The air you breath
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-306-0042-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título.

19-59407

CDD: 869.3
CDU: 82-3(81)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PARA EMÍLIA

Sumário

Riacho doce

Fuga

O ar que você respira

Somos do samba

Destinados a ser

Sem remorso nem virtude

Samba, por um tempo você foi meu

Virei gringa

Entre nós

Meu fim

Agradecimentos

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro

O tempo é curto e a água está subindo.

Era isso que um dos diretores de Sofia Salvador – não lembro o nome dele – costumava gritar antes do início das filmagens. A cada vez que ele dizia isso eu imaginava a gente num aquário, as mãos escorregando desesperadamente pelas laterais de vidro enquanto a água cobria nosso pescoço, nosso nariz, nossos olhos.

Caio no sono escutando nossos discos antigos e acordo com a boca seca, a língua áspera como a de um gato. Puxo a alavanca da poltrona reclinável e, com um solavanco, estou sentada com as costas eretas. Uma pilha de fotos repousa no meu colo.

Sou dona da foto mais famosa de Sofia Salvador – a *Brazilian Bombshell*, a Pequena Notável, a ninfa de fala rápida e olhos saltados com seus figurinos reluzentes e cabelo joãozinho que, dependendo da idade e nacionalidade de quem vê, é uma piada, um ícone do brega, uma vítima, uma traidora, uma grande inovadora ou até, como declarou um pesquisador, "um objeto de estudo sério sobre as Latinas de Hollywood". (É assim que estão chamando a gente agora?) Comprei a foto original e o negativo num leilão, e paguei muito mais do que valiam. Hoje em dia dinheiro não é problema para mim; sou podre de rica e não me envergonho de dizer isso. Quando eu era jovem, os músicos tinham que fingir que sucesso e dinheiro não importavam. A ambição, num sambista e especialmente numa mulher, era vista como um defeito imperdoável.

Na foto, tirada em 1942, Sofia Salvador está com o corte joãozinho que a tornou famosa. Seus olhos estão arregalados. Os lábios, entreabertos. A língua encosta no céu da boca; não dá para saber se ela está cantando ou gritando. Brincos que se assemelham a beija-flores em tamanho real – os olhos de pedras preciosas reluzindo, seus bicos dourados afiados – pendem das orelhas. Ela era vaidosa com relação aos lóbulos, tinha medo de que ficassem caídos pelo peso de sua coleção de brincos, cada par mais fantástico do que o outro. Era vaidosa com relação a tudo, na verdade; tinha que ser.

Na foto ela usa uma gargantilha de ouro, enrolada duas vezes no pescoço. Abaixo dela há fios e mais fios de pérolas falsas, cada uma do tamanho de um globo ocular. E depois há as pulseiras – argolas de coral e ouro – ocupando a maior parte dos antebraços. No fim do dia, quando eu tirava aqueles colares e aquelas pulseiras e ela parava de ser Sofia Salvador (pelo

menos por um momento), Graça balançava os braços e dizia:

– Estou tão leve! Poderia sair voando!

Ela desenhava as sobrancelhas escuras de Sofia tão arqueadas que parecia sempre estar surpresa. A boca – aquela famosa boca vermelha – era o que ela levava mais tempo para produzir. Pintava além do contorno dos lábios de modo que, como todo o resto, eles viravam um exagero da coisa real. E quem era a coisa real? No final de sua curta vida, até mesmo Graça tinha dificuldade de responder a essa pergunta.

A foto foi tirada para a revista *Life*. O fotógrafo posicionou Graça de pé na frente de um fundo branco.

– Finja que está cantando – ordenou ele.

– Por que fingir? – respondeu Graça.

– Achei que você só sabia fazer isso – disparou o fotógrafo.

Ele acreditava que sua fama lhe dava o direito de ser cruel.

Graça o encarou. Estava muito cansada. Sempre estávamos, até eu, que assinava o nome Sofia Salvador em centenas de fotos brilhosas enquanto Graça e os rapazes do Lua Azul suportavam dezoito horas diárias de filmagem, provas de figurino, testes de câmera, ensaios de dança e fotos de divulgação para qualquer que fosse seu filme musical mais recente. Poderia ser pior: poderíamos estar passando fome como nos velhos tempos. Mas pelo menos nos velhos tempos tocávamos música de verdade, juntos.

– Então vou fingir que respeito você – disse Graça ao fotógrafo idiota.

Em seguida ela abriu a boca e cantou. As pessoas se lembram do corte de cabelo, dos brincos enormes, das saias de lantejoulas, do sotaque, mas se esquecem de sua voz. Quando ela cantou para aquele fotógrafo, a câmera quase caiu das mãos dele.

Escuto seus discos – só os antigos, quando ela cantava as minhas músicas e as do Vinicius – e é como se ela ainda tivesse 17 anos e estivesse sentada do meu lado. Graça, com toda a sua obstinação, seu humor, suas resistências bobas, sua determinação, seu egoísmo completo. É assim que eu a quero, nem que seja só pelos três minutos de uma canção.

Quando a música termina, estou exausta, chorando baixinho. Imagino-a aqui, me cutucando de leve, me trazendo de volta aos meus sentidos.

Por que diabo você está tão chateada, Dor?, ela me repreende. *Pelo menos você ainda está aqui.*

A voz é tão nítida que preciso me lembrar de que ela não é de verdade. Conheço Graça há mais tempo na minha imaginação do que na vida real.

Quem quer a vida real?, pergunta Graça, rindo de mim. (Ela está sempre rindo de alguém.)

Balanço a cabeça. Depois de todo esse tempo – 95 anos, para ser exata –, ainda não sei a resposta.

A vida que levo agora é uma confusão maçante de caminhadas na praia acompanhada por uma enfermeira; idas à mercearia; tardes no meu escritório; noites ouvindo discos; horas e horas de tédio suportando um fluxo constante de fisioterapeutas e médicos com seus anúncios e sua dedicação sem um pingo de humor. Moro numa casa enorme cercada de empregados. Uma vez,

muito tempo atrás, desejei esse conforto.

Cuidado com o que você deseja, Dor.

É tarde demais para ter cuidado, meu amor.

Agora desejo que a parte antiga e caótica da minha vida – aqueles primeiros trinta e poucos anos – volte, mesmo com sua crueldade, seu sacrifício, seus erros, seus malfeitos. Meus malfeitos. Se eu pudesse escutar minha vida – se pudesse colocá-la num toca-discos como um LP gasto –, ouviria um samba. Não do tipo escandaloso que toca no Carnaval. Nem uma daquelas marchinhas bobas, efêmeras e insossas como bolhas de sabão. Tampouco um daqueles lentos e românticos. Não. O meu seria um samba de roda, do tipo que a gente tocava depois do trabalho e de umas bebidas fortes. Começa triste, talvez com o gemido solitário de uma cuíca. Depois, bem devagar, outros se juntam à roda – vozes, violões, um tamborim, o raspar de um reco-reco – e a música começa a abrir caminho desse ponto de partida manso e passa para algo mais cheio, mais denso, mais sombrio. Tem todos os elementos de um samba de verdade (ainda que não necessariamente um grande samba). Há lamento, humor, rebeldia, luxúria, ambição, arrependimento. E amor. Tem isso também. É todo improvisado, então, se houver erros, eu tenho que passar por cima deles e continuar tocando. Por baixo de tudo há o ostinato – o ritmo principal que nunca varia, nunca hesita. Mantém o compasso teimoso; a batida que está sempre ali. E aqui estou eu: a única que restou na roda, evocando vozes que não ouço há décadas, ouvindo um refrão de discussões que eu nunca deveria ter tido. Tentei não escutar esta música por inteiro. Tentei evitá-la com a bebida, o tempo e a indiferença. Mas ela continua na minha cabeça, e não vai parar até que eu me lembre da letra inteira. Até que eu a cante em alto e bom som, do início ao fim.

RIACHO DOCE

Vem beber comigo,
vem ouvir esta canção.
O tempo endureceu meu coração.
O álcool vai soltar meu canto,
o som vai nos levar, eu sei,
aos lugares que um dia amei.

O homem criou o fogo
pra queimar canaviais.
E Deus criou a música
para abafar os meus ais.

Na minha terra o açúcar é rei,
o riacho é doce e é bela a natureza.
Dizem que uma mulher se afogou nas águas
e seu fantasma assombra as profundezas.

Fique ao meu lado, aqui na margem,
ouça a minha voz, forte de emoção.
Entre comigo na água doce,
me deixe, com essa canção,
abrir seu coração.

Fomos arrastadas sob as águas,
este refrão sempre cantando:
Se voltar ao lugar tão amado
verá que ele acabou mudando.

O homem criou o fogo
pra queimar canaviais.
E Deus criou a música
para abafar os meus ais.

RIACHO DOCE

Seria melhor começar com Graça – com sua chegada, com nosso primeiro encontro. Mas a vida não é bem-ordenada como uma história ou uma canção; ela nem sempre começa e termina em pontos decisivos. Mesmo antes da chegada de Graça, mesmo quando eu ainda era pequena, eu sentia que tinha nascido num papel que não se encaixava com as minhas ambições, como um talo de cana-de-açúcar enfiado à força num dedal.

Sobrevivi ao meu próprio nascimento, o que em 1920 era um grande feito se você nascesse na miséria, morando num canavial. A parteira contou a todo mundo como ficou surpresa ao ver uma menina tão forte e saudável sair do útero cansado da minha mãe. Fui a última de cinco filhos. A maioria das mulheres que trabalhavam no engenho tinha dez, doze, até dezoito filhos. Mas ela não era casada e nunca tinha sido. Todos os meus irmãos há muito desaparecidos e eu – a única menina – tivemos pais diferentes. Isso fazia com que minha mãe fosse pior do que uma puta aos olhos das pessoas, porque pelo menos uma puta tinha o bom senso de cobrar pelos seus serviços.

Eu não ousava perguntar sobre minha mãe, com medo do que poderia ouvir e não querendo me arriscar a apanhar; eu não podia fazer pergunta nenhuma, veja bem. Ninguém falava sobre ela, a não ser para me insultar. Diziam que eu era grandalhona como ela. Que eu tinha o pavio curto como ela. Que eu era feia que nem o pecado, como ela, que só me faltavam as cicatrizes cobrindo os braços e o rosto, provocadas pela cana. Pelo menos durante um tempo ela foi cortadora de cana – uma das poucas mulheres que suportavam esse trabalho. Mas o insulto que mais aparecia era sobre seu jeito fácil com os homens. Se eu não usasse sal suficiente para esfregar o sangue das tábuas de corte do engenho, se parasse de mexer a geleia quente infernal no fogão mesmo que por um segundo ou se demorasse demais para trazer à cozinheira Nena ou às suas ajudantes alguma coisa da despensa ou da horta, me acertavam com uma colher de pau e me chamavam de filha da puta. Assim, passei a conhecer minha mãe através de todas as coisas que as pessoas desprezavam nela e em mim. E me dei conta, mesmo não podendo articular isso com clareza na infância, de que as pessoas odiavam o que temiam, e por isso eu me orgulhava

dela.

A parteira ficou com pena de mim, por ser um bebê tão saudável, e em vez de me sufocar, de me jogar no canavial para os urubus bicarem ou de me dar a algum coronel para criar feito bicho de estimação ou escrava (na época essas práticas eram comuns para as crianças sem família), ela me entregou a Nena, a cozinheira-chefe no Engenho Riacho Doce. Havia centenas de engenhos no litoral do nosso estado de Pernambuco, e o Riacho Doce era um dos maiores. Nos bons tempos, quando o preço do açúcar estava alto, Nena comandava uma equipe de dez ajudantes de cozinha e dois criados. Ela era peituda feito um galo premiado e tinha mãos tão grandes e mortais quanto suas frigideiras de ferro fundido. A família Pimentel era dona do Riacho Doce e seus membros eram os senhores da casa-grande, mas, na cozinha, era Nena quem mandava. Por isso ninguém se opôs quando, depois de a parteira me trazer, nua e chorando, a cozinheira decidiu me criar como sua ajudante.

Todo mundo da casa-grande – as arrumadeiras, as lavadeiras, os cavalariços, os criados – foi à cozinha de Nena para me ver. Repararam sem disfarçar na minha pele rosada, nas minhas pernas compridas, nos meus pés perfeitos. No dia seguinte, parei de tomar o leite de cabra que Nena me dava na mamadeira. Ela foi à casa de uma ama de leite e cuspi as tetas da mulher. Eu era pequena demais para tomar mingau de mandioca, mas Nena tentou me dar assim mesmo. Cuspi isso também, e logo fiquei murcha e amarela feito uma velhota. Falaram que tinham colocado olho grande em mim. Mau-olhado, diziam, olho gordo. Nomes diferentes para o mesmo azar.

Nena foi pedir ajuda ao Velho Euclides. Euclides era enrugado, fofoqueiro, da cor do melaço raspado dos tachos do engenho. Ele trabalhava no Riacho Doce por mais tempo do que Nena, primeiro como cavalariço e depois como jardineiro. Euclides tinha uma jumenta que dera cria e perdera o filhote, mas não o leite. Nena me levou ao estábulo e me segurou bem na teta da jega, e eu bebi. Tomei aquele leite de jega até engordar e ficar forte de novo. Minha cor mudou; ficou menos como uma rosa e mais como o pelo castanho daquela jumenta. Meu cabelo cresceu grosso. Depois disso passaram a me chamar de Jega.

Na mente supersticiosa e atrasada das pessoas, a garota que me tornei era indissociável do leite materno que eu havia tomado.

– Jega é burra feito um jumento – provocavam os criados.

– Jega é teimosa feito um jumento – reclamavam as ajudantes de cozinha.

– Jega é feia que nem um jumento – diziam os cavalariços quando queriam ser cruéis.

Todos queriam que eu acreditasse nisso. Queriam que eu virasse aquela Jega. Eu jamais daria a eles esse gosto.

A casa-grande ficava no alto de um morro. Da varanda cheia de colunas dava para ver quase todas as áreas do Riacho Doce: o portão principal, o engenho propriamente dito, com a chaminé enegrecida, os estábulos dos cavalos e dos jumentos, a casa do administrador, o barracão do

carpinteiro, a velha casa de farinha, um pequeno quadrado de pasto e milharal, o alambique e os armazéns com suas grossas portas de ferro. E era possível ver a linha de água marrom que dava seu nome ao Engenho Riacho Doce, apesar de ser muito mais largo do que um riacho e suas águas não serem doces.

Todo engenho tinha uma história de fantasma, e o nosso não era diferente: uma mulher havia se afogado no rio e ainda morava lá. Alguns diziam que ela fora morta por um amante, outros que por um patrão, outros diziam que ela havia se matado. Diziam que era possível ouvi-la à noite, embaixo d'água, cantando pelo amor perdido ou tentando atrair as pessoas para as águas para afogá-las, para que lhe fizessem companhia. A história variava, dependendo de você acreditar no fantasma bom ou no vingativo. As mães do Riacho Doce a contavam aos filhos na hora de dormir, e isso os mantinha longe do rio. Foi Nena quem me contou a história do fantasma.

Atrás da casa-grande ficava um pomar, e atrás desse as senzalas de telhado baixo que tinham sido convertidas em alojamentos dos empregados. Nena e eu éramos as únicas que tinham permissão de dormir na casa-grande, o que nos separava do resto dos empregados. Esse status especial não afetava Nena tanto quanto afetava a mim. Eu era Jega – a alma mais inferior na hierarquia rígida da casa-grande – e as criadas e os criados faziam questão de me lembrar desse fato. Me davam tapas, beliscavam meu pescoço, me xingavam e cuspiam em mim. Me davam pancadas com colheres de pau e passavam banha na soleira da porta dos empregados para me fazer escorregar e cair. Me trancavam na latrina fedorenta até eu abrir a porta a chutes. Nena sabia que me pregavam essas peças, mas não fazia nada para impedir.

– A cozinha é assim mesmo – dizia ela. – Você tem sorte de os garotos não tentarem entrar debaixo da sua saia. Daqui a pouco vão querer fazer isso. É melhor aprender a se defender agora.

Nena sempre me advertia:

É melhor ficar de cabeça baixa.

É melhor ficar fora das vistas.

É melhor *arrumar o que fazer*.

Se eu não obedecesse, ela me batia com uma colher de pau, um velho chicote ou com as próprias mãos. E, apesar de temer essas surras, eu não as considerava estranhas ou ruins; não conhecia nenhum outro tipo de afeto, e Nena também não. Ela usava os punhos para me ensinar as coisas que não conseguia articular, lições que me manteriam viva. Nena era capaz de me manter em segurança só em sua cozinha, e em mais lugar nenhum. Eu era uma criatura sem família nem dinheiro. Mais uma boca para alimentar. E, pior ainda, era uma menina. Por um capricho dos donos eu poderia ser expulsa da casa-grande e ter que me virar sozinha naquele mar de cana-de-açúcar. E o que uma menininha feia tinha a oferecer ao mundo, a não ser o próprio corpo? Então eu precisava aprender a defender implacavelmente aquele corpo contra todo cavalariço, peão ou qualquer um que pudesse tentar usá-lo com violência. E ao mesmo tempo precisava aprender a ser útil na casa, obedecer aos patrões a todo custo ou, melhor ainda, ficar totalmente fora das vistas deles. Enquanto permanecesse invisível, estaria em segurança.

Assim, enquanto menininhas como Graça brincavam com bonecas e vestidos, eu aprendia

outras brincadeiras. Brincadeiras onde força era poder e esperteza significava sobrevivência.

Quando eu tinha 9 anos, a grande depressão financeira atingiu o Brasil e o açúcar passou a valer quase nada. Propriedades menores perto do Riacho Doce fecharam as casas-grandes com tábuas nas portas e janelas e puseram os trabalhadores para fora dos portões. O engenho do Riacho Doce foi fechado. Depois de ficar soterrada em dívidas, a família Pimentel se mudou. Houve boatos de uma venda. Logo depois os cortadores de cana foram trabalhar em outros engenhos que haviam sobrevivido à crise. As plantações foram abandonadas. O alambique foi trancado. Um a um, as criadas, as ajudantes de cozinha e os cavalariços foram embora. Logo restaram apenas Nena, o Velho Euclides e eu.

– Eles vão voltar – dizia Nena, falando da família Pimentel. – Ninguém abandona as próprias terras. E, quando eles voltarem, vão lembrar quem foi leal e quem não foi.

Nena era impelida pela lealdade e pelo medo. Ela e o Velho Euclides tinham nascido no Riacho Doce antes de a escravidão ser abolida no Brasil em 1888, e tinham permanecido mesmo depois de serem libertos. Durante o abandono, o Velho Euclides cuidava do terreno, garantindo que ninguém levasse animais do estábulo ou roubasse frutas do pomar. Nena não deixaria seus tachos de cobre e suas panelas de ferro caírem nas mãos de saqueadores ou cobradores, por isso escondia qualquer coisa de valor. Jogos de louça, bandejas e terrinas de prata, talheres de ouro puro, uma tigela feita de madrepérola, tudo foi posto embaixo das tábuas do piso da cozinha. Comemos tudo que restava na despensa. E depois, como nenhum de nós tinha recebido nada desde a partida da família Pimentel, começamos a fazer escambo na feira. Trocávamos ovos por farinha, carambolas do pomar por um pouco de carne-seca, garrafas de melado por feijão. Foram tempos de vacas magras, mas não infelizes. Pelo menos para mim.

Durante muitos meses a casa-grande ficou fechada e eu passava os dias lá dentro. Eu saltitava pelo piso de pedra, enfiava as mãos embaixo dos panos colocados para proteger os móveis e sentia o mármore frio, as ondulações e curvas dos pés de mesa, os chanfros dourados dos espelhos. Tirava livros das estantes e os abria bem para ouvir as encadernações estalarem. Subia e descia orgulhosamente a ampla escadaria de madeira, como imaginava que a dona da casa faria. Pela primeira vez em meus 9 anos de vida, eu tinha o luxo do tempo e da liberdade – para explorar, fazer de conta, brincar sem medo de levar uma surra ou uma bronca, viver sem a preocupação constante de ser expulsa do Riacho Doce por alguma pequena infração. Eu podia ser criança e comecei a acreditar que sempre teria essa liberdade. Deveria saber muito bem que não seria assim.

Um dia, enquanto eu estava na biblioteca tentando decodificar os símbolos misteriosos dentro dos livros da família Pimentel, ouvi um rugido terrível lá fora. Parecia um cachorro gigante rosnando junto ao portão da casa-grande. Corri até Nena, que abriu a porta da frente.

Um automóvel roncava do lado de fora da porteira. O Velho Euclides foi correndo, subitamente alerta feito um cachorrinho, e a abriu. O carro parou e um homem saiu pelo lado do motorista. Usava chapéu e um sobretudo para proteger o terno. Ele abriu a porta do carona e a de trás. Duas mulheres saíram: uma pálida, também usando casaco de viagem, e a outra com uniforme listrado de empregada doméstica e uma touca de renda. A empregada tentou puxar

alguma coisa do banco de trás. Ouvi um sibilar e um guincho alto. Por um momento acreditei que havia um animal no carro – um gato ou algum tipo de gambá –, até que vi as mãos da criada segurando dois pés pequenos calçados com botas de couro envernizado. As botas se soltaram das mãos da criada com chutes. A mulher se enfiou mais para dentro do carro. Depois vieram gritos, grunhidos, um redemoinho de anáguas brancas e finalmente um berro. A criada pulou do banco de trás do automóvel com os olhos lacrimejando, a mão pressionando um arranhão recente no rosto.

– Deixe-a aí dentro! – disse o homem rispidamente. – Ela já tem idade para descer sozinha.

A criada concordou com a cabeça, a mão ainda pressionando o rosto. A outra mulher suspirou e desabotoou o sobretudo, revelando um vestido de seda e um emaranhado de pérolas no pescoço.

Um halo de cachos ruivos cercava seu rosto. A pele era do tipo que chamamos de “branco de engenho”, porque essa era a valiosa cor do açúcar. O que usávamos na cozinha da casa-grande era o de segunda: grosso e cor de areia; não era branco, mas também não era marrom. Exatamente como eu.

– É melhor mesmo ela não sair – disse o homem, olhando a estrada de terra. – Ela vai ficar imunda.

Ele era mais moreno, tinha o queixo bem marcado e um nariz romano que se inclinava feito uma flecha apontando para a boca de lábios grossos.

– Daqui em diante teremos de nos acostumar com um pouco de terra – respondeu a mulher branca de engenho, e seus lábios se franziram como se ela estivesse contendo o riso, como se tivesse contado a si mesma uma piada indecente.

À menção da terra, uma menina da minha idade saiu se contorcendo do banco de trás. Usava um vestido cor de manteiga e luvas brancas. Na cabeça tinha um laço torto; ela o arrancou do cabelo e jogou no chão. Chutou a terra, arrastando as botas, depois olhou de cara feia para os adultos ao redor, desafiando-os a mandar que ela parasse. Depois me viu e ficou imóvel. Para ela, eu não era invisível.

Seus olhos eram cor de cortiça. A boca parecia pintada no rosto, como de uma boneca. Não sei quanto tempo ficamos nos encarando; só lembro que eu não queria desviar os olhos primeiro, decidida a não deixá-la vencer.

Ainda me encarando, a menina colocou a mão enluvada na lataria do carro, arrastando-a pela lateral inteira. Depois levantou a mão. A palma da luva estava vermelha como a terra embaixo dos meus pés descalços. A menina abriu um sorrisinho, como se contasse uma piada, mas eu sabia que ela não queria me divertir. Luvas eram para os ricos. Eram caras e delicadas. Alguma pobre lavadeira teria a tarefa nem um pouco invejável de tentar limpar aquela luva imunda, tão pequena que ficaria embolada em suas mãos e faria os nós dos dedos rasparem na tábua de lavar até sangrarem. Mas a menina não ligava para a luva, para a lavadeira ou para coisa alguma. Era capaz de arruinar uma coisa perfeitamente boa sem motivo nenhum. Senti respeito e repulsa ao mesmo tempo.

– Graça! – gritou o homem.

O homem e a mulher começaram a discutir. Nena, o Velho Euclides e eu ficamos parados, esperando que reconhecessem nossa presença. Só quando precisaram de ajuda nós nos tornamos de carne e osso para eles: o homem ordenou que Euclides pegasse as bagagens no porta-malas; a mulher pálida largou o casaco nos braços de Nena. Foi então que eu soube que aquelas pessoas não eram visitantes, mas sim proprietários que tinham vindo assumir o Riacho Doce e a casa-grande.

Também eram da família Pimentel – primos dos donos anteriores. À medida que atravessávamos juntos a casa-grande, Dona Aurora se movia languidamente ao lado do marido, parecendo cansada enquanto apontava vazamentos e rachaduras, tinta descascando e madeira podre. Seu marido, Seu Pimentel, puxou os panos que cobriam móveis, como um mágico revelando seu truque.

– Eu me lembro do meu avô usando essa escrivaninha! – exclamou ele. E, mais tarde: – Fui eu que derramei tinta nessa poltrona!

A liberdade vertiginosa que eu tinha sentido durante muitos meses se esvaiu em apenas uma hora depois da chegada daqueles novos patrões. Todos os livros que eu tinha tirado das estantes, todo o marfim e as quinquilharias de vidro que eu tinha limpado e acariciado, todas as mesas embaixo das quais eu tinha me escondido fingindo que estava numa tenda em alguma terra exótica, todos os espelhos em que havia me examinado jamais seriam meus de novo, para brincar. Outra vez eu precisaria ser útil e invisível, obedecer para não ser mandada embora. Quando os pais não estavam olhando, a menina com olhos de cortiça esticava a língua para mim. Era rosa e lisa como um jambo. Senti vontade de arrancar a ponta a dentadas.

Por fim os novos patrões tiraram os panos que protegiam duas poltronas e se sentaram, exaustos, na sala de estar. Ordenaram que Nena fizesse café. Nós corremos para a cozinha, onde Nena agarrou meu braço e me mandou pegar os últimos preciosos grãos que ela havia escondido embaixo de seu catre. Depois de voltar para cima, espiei por entre as ripas da porta da sala enquanto Nena servia café aos novos patrões. Eles esperaram até ela sair para beber; não a acompanhei até a cozinha.

Seu Pimentel tomou um gole e fez careta.

– Ela usou uma meia velha para coar isso? – perguntou.

Dona Aurora balançou a cabeça.

– Precisaremos treinar novos empregados. Que coisa exaustiva!

– Nena é uma boa cozinheira, você vai ver. Ela está aqui desde que eu era pequeno.

– Você acha que ela e o velho tiveram aquela menina juntos? Coisinha feia, coitada.

Seu Pimentel gargalhou.

– Nena já está com o pé na cova. E a menina é clara demais para ser deles. Aposto que não é tão feia embaixo de toda aquela sujeira. Ela só precisa de um bom banho.

– Ela vai ficar na cozinha – disse rispidamente Dona Aurora. – Se crescer e ficar com uma aparência aceitável, poderá servir à mesa.

Seu Pimentel segurou a mão da mulher. Ela o encarou com a mesma expressão cansada que tivera ao inspecionar a casa-grande. Os dois discutiram os planos para a casa. Móveis que

estavam em cima viriam para baixo. Tapetes seriam jogados fora. Cortinas, trocadas. Seriam instalados encanamento de água e um vaso sanitário, o que significava quebrar as grossas paredes brancas da casa.

Ouvi passos atrás de mim. Antes que pudesse me esconder, senti uma ardência terrível na parte de trás do braço. A menina com olhos de cortiça beliscou a pele acima do meu cotovelo. Olhei-a irritada e sacudi o braço, me soltando.

– Marta sempre chorava quando eu beliscava ela – disse a menina.

– Quem é Marta?

– A ajudante de cozinha na minha outra casa, no Recife. É uma mansão. Melhor do que este chiqueiro.

– Esta é a melhor casa de todos os engenhos – falei.

A menina deu de ombros.

– Você deve morrer de chatice aqui.

– Estou parecendo morta?

– É só um modo de falar. Você é burra?

– Muito menos do que você parece.

Os olhos da menina se arregalaram.

– Você não pode falar assim comigo.

Ela tinha razão: eu estava arriscando meu lugar naquela casa-grande. Culpo aqueles muitos meses de liberdade pela minha ousadia e pelo que aconteceu em seguida.

– Agora esta casa é minha – disse ela.

Minha mão deu um tapa estalado, arrebatador, na bochecha dela. A menina ofegou. Eu saí correndo.

A despensa era um lugar vazio, fresco. Sentei lá dentro, esperando. Meus dedos latejavam do tapa que eu tinha dado. Tive pensamentos nauseantes de Nena me encontrando e me dando a pior surra da minha vida. Ou, pior ainda, do Seu Pimentel entrando na cozinha e me expulsando do único lar que eu havia conhecido. Depois do que pareceu uma eternidade, houve passos e um falatório, depois o automóvel roncou outra vez e os novos patrões partiram com a promessa de voltar e começar as reformas.

Fiquei impressionada de a menina não ter me dedurado. Isso a tornou tolerável para mim, mas também perigosa. O que iria querer em troca do silêncio? O que eu ficaria devendo a ela? Essas foram as perguntas que fiquei me fazendo nas semanas antes da volta dos novos patrões, enquanto carpinteiros, pedreiros e encanadores serravam, martelavam e enfiavam tubos de cobre nas paredes da casa-grande.

Anos depois perguntei a Graça sobre o dia em que nos conhecemos e ela riu. Disse que eu me lembrava de tudo errado. Ela é que tinha me dado um tapa.

Eu conhecia cada canto empoeirado da casa-grande, cada armário vazio, cada aparador com

tamanho suficiente para me esconder dentro. Quando os novos patrões finalmente se mudaram para o Riacho Doce, eu esperava os momentos em que Nena estava distraída e saía da cozinha. Me escondia e observava Graça vestir e despir suas bonecas, mordendo seu lábio rosa e perfeito quando não conseguia combinar um vestido com um avental. Observava a criada escovar o cabelo dela até ficar lustroso feito o chocolate derretido que Nena derramava em cima dos bolos para os Pimentel. Observava Graça almoçar na mesa de refeições formal, o pé pequenino chutando os pés da cadeira até que sua mãe se irritasse e a mandasse parar. Ela usava meias com acabamento de renda e anáguas e vestidos com aventais cheios de babados. No fim do dia as roupas engomadas murchavam por causa do calor. Uma vez entrei na lavanderia e achei suas roupas sujas. Segurei um dos vestidos na frente do corpo e depois o encostei no rosto. A lavadeira me pegou e, com a mão parecendo uma correia de couro em volta do meu braço, me arrastou até Nena. A lavadeira disse que eu estava tentando colocar um dos vestidos da patroinha, o que era mentira.

– Eu não quero os vestidos idiotas dela – reagi, me defendendo para Nena. – Queria saber qual era o cheiro do suor dela.

– E qual é o cheiro? – perguntou Nena, rindo. – De rosas?

– Só de suor – respondi.

Nena balançou a cabeça e depois me bateu com um cinto velho.

Uma tarde, não muito tempo depois do incidente na lavanderia, Graça entrou sorrateira na cozinha. Eu estava sozinha perto da despensa, descascando batatas. Ela puxou minha trança. Fiquei feliz em vê-la, mas não sorri.

– Venha ao meu quarto – ordenou ela. – Agora.

– Estou trabalhando.

– Você tem que fazer tudo que eu mandar.

Esfreguei uma batata molhada em seu nariz perfeitamente arrebitado.

– Eu faço o que Nena manda.

Graça deu um passo atrás, limpando o sumo de batata do nariz, e depois saiu correndo.

Senti uma emoção secreta por vencer aquela contenda, e então me arrependi imediatamente. Aquilo não era uma disputa de iguais. Graça era a patroinha e poderia facilmente me castigar de maneiras que eu jamais poderia castigá-la. Mas lhe negar minha companhia era o único poder que eu tinha.

No dia seguinte Dona Aurora apareceu na cozinha. Andou em volta das mesas, parando em cada posto de trabalho e fingindo inspecionar o que cada moça fazia. A seriedade não era algo natural para ela. Todos nós, que trabalhávamos na casa-grande, tínhamos nascido no papel de serviçais, havíamos sido ensinados desde a infância a adivinhar os hábitos e humores dos patrões, por isso notamos a fraqueza de Dona Aurora antes mesmo de ela dar uma única ordem, e muitos se aproveitaram disso. Nena não permitia que ninguém que trabalhasse na cozinha se safasse dos próprios deveres, mas as empregadas da frente da casa não estavam sob seu comando. Elas não limpavam a poeira atrás dos armários, deixavam impressões digitais na prataria e se sentavam nos móveis dos Pimentel quando ninguém estava olhando –

comportamentos que uma patroa capaz teria notado e castigado rapidamente. Dona Aurora não era capaz. Como muitas mulheres de sua época, tinha sido treinada para ser tímida e recatada com todo mundo, a não ser com os empregados, com quem deveria ser enérgica e segura de si. Esperava-se que ela fosse duas mulheres ao mesmo tempo, e acho que isso era o que causava a sua saúde frágil.

Pensando na Dona Aurora, não consigo me lembrar exatamente do seu rosto. Tinha olhos castanhos ou azuis? Os dentes da frente eram tortos ou retos e certinhos como os de um pente? Quando penso nela, penso num fado: a tristeza óbvia, mas uma profundidade e uma voluptuosidade tais que a gente não consegue deixar de querer que a melodia nos envolva. O fado não tem o humor dissimulado do blues; seus lamentos são dolorosamente sérios. Isso faz com que algumas pessoas não gostem dele, sentindo repulsa por sua vulnerabilidade. Já outras nos sentimos protetoras em relação a ele.

Hoje tenho certeza de que um médico diagnosticaria Dona Aurora com depressão, ansiedade, baixa autoestima ou qualquer uma dessas enfermidades mentais que se tornaram tão populares. Diria para ela tomar comprimidos, ler livros sobre aproveitar a vida, e ela pagaria a alguém para ouvi-la falar dos próprios sentimentos. Talvez essas coisas tivessem ajudado a Dona Aurora, mas elas não existiam quando ela era viva. Médicos visitavam o Riacho Doce e o diagnóstico de todos eles era que Dona Aurora tinha uma disposição nervosa. Na época era chique as mulheres de um certo status sofrerem desse tipo de doença.

Se a nova senhora da casa-grande era um fado de carne e osso, o senhor era o oposto: era um jingle. O tipo de música que não é feita para satisfazer nossos desejos mais profundos, mas para nos convencer e induzir a comprar uma certa marca de goma de mascar; o tipo de música grudenta cujo encanto a princípio faz a gente acreditar que ela é inofensiva, ao mesmo tempo que vai penetrando e nos coagindo a acreditar que é preciso querer exatamente o que ela manda querer, que a gente deveria se abrir para ela e deixá-la reivindicar seu domínio. E quando a gente percebe as intenções do jingle, já é tarde demais. Não dá para fugir dele, nem mesmo décadas depois, por mais que se tente.

Seu Pimentel era bonito, para um homem casado de seu status; não tinha permitido que as refeições fartas e a bebida o deixassem inchado. Todas as manhãs, mandava o Velho Euclides engraxar suas botas de montaria até brilharem como espelhos. E depois de permitir ao velho o prazer de lhe calçar as botas, Seu Pimentel montava no cavalo e percorria os canaviais com seu capataz, coisa que o fazia parecer diligente. Beijava frequentemente a mão da esposa e a acompanhava até a mesa para as refeições. Se ela estivesse cansada demais para descer para comer, ele a visitava em seus aposentos. Tratava a Dona Aurora como se ela fosse um parente mais velho, mais poderoso – era obsequioso e gentil na sua presença, mas depois, quando ela saía, soltava um pequeno suspiro de alívio. As criadas fofocavam dizendo que tinha sido a fortuna da senhora que os mantivera de pé e permitira que salvassem o Riacho Doce da ruína. Porém era Seu Pimentel, como o homem da família, que segurava as rédeas do engenho. Ele tinha um sorriso para todo mundo, até para mim, e especialmente para as criadas jovens. Mais de uma vez o vi conversando com as mais novas – moças de 13 e 14 anos que ficavam boquiabertas

com suas roupas chiques e, acima de tudo, com o interesse que ele demonstrava por elas. Ele as fazia dar risadinhas e ruborizar.

– É melhor ficar fora do caminho do Seu Pimentel – me alertava Nena.

Eu acreditava que seu aviso era simplesmente uma repetição do que ela já havia martelado em mim: cuide da sua vida, fique fora das vistas. E mais tarde, quando Dona Aurora insistiu que todas as criadas trabalhassem em pares – uma mais velha com uma mais nova –, achei que ela estivesse simplesmente tentando mostrar a todos nós quem é que mandava.

No dia em que Dona Aurora apareceu na cozinha nós ficamos de cabeça baixa e continuamos a descascar, raspar, misturar e lavar. Mas não perdíamos seus movimentos de vista enquanto ela passava pelos fogões e pelas mesas de corte, finalmente parando ao meu lado. Ficou olhando pelo que pareceram horas enquanto eu catava feijão, tirando pedrinhas e grãos murchos e estragados. Então ela fez uma coisa que eu não esperava: estendeu o braço e segurou minha trança em sua mão pálida, como se estivesse pesando um pedaço de corda.

Fiquei imóvel. Até aquele ponto, o toque mais suave de que eu podia me lembrar era o de Nena me cutucando com a colher de pau. O fato de a Dona Aurora não me dar um puxão para trás me confundiu e me espantou.

– Cabelo liso como de uma indiazinha – disse ela, passando os dedos na ponta da trança. – As moças do Recife pagariam uma fortuna por um cabelo assim.

Dona Aurora se afastou de mim e falou baixo com Nena.

– Jega! – gritou Nena assim que Dona Aurora saiu. – Lave as mãos e atrás das orelhas e vá colocar o seu vestido bom. A senhora quer você na frente da casa.

Minha mão se elevou até a minha trança e a segurou.

– Por quê?

– Não tem nada de “por que”, menina. A senhora quer você. E pronto.

– Ela vai roubar meu cabelo? – perguntei sem pensar.

Perto de nós, uma ajudante de cozinha soltou uma risada estridente. Outra riu. Nena balançou a cabeça. Nunca fui particularmente ligada ao meu cabelo, mas ele era meu e eu queria mantê-lo assim.

– Anda logo antes que eu deixe você roxa de pancada e corte seu cabelo eu mesma! – gritou ela.

A frente da casa estava silenciosa. As criadas falavam aos sussurros. No corredor escutei a Velha Tita afofando almofadas na sala de estar. Quando Tita me viu junto à porta, suspirou, parou de trabalhar e me levou para o andar de cima, ao quarto de brinquedos. Graça estava lá. Com uma determinação inflexível ela vestia e despia uma série de bonecas com cabeça de louça.

– Aqui – disse ela, jogando uma para mim. – Troque a roupa dela.

Eu nunca tinha segurado uma boneca. Seus olhos pintados eram grandes, a boca vermelha aberta numa espécie de espanto idiota.

– Por que chamam você de Jega? – perguntou Graça.

Encarei-a.

– Porque eu dou coice e mordo.

Graça me olhou de volta, sem se impressionar.

– É um nome idiota. Deve ser o mais idiota que eu já escutei.

Olhei para a boneca no meu colo, de modo que Graça não me visse sorrir.

– Você gosta dessas bonecas?

– Não – respondeu Graça. – Eu brincava no armário da mamãe. Podia experimentar os vestidos de noite. As tiaras. Mas ela não trouxe nenhuma coisa fina para cá.

Pus a boneca no chão e fui para a porta do quarto de brinquedos.

– Venha – falei.

– Para onde?

– Lá para fora.

Graça se levantou.

– A gente não pode ir lá.

– Por que não?

– Porque eu não disse que a gente pode.

– Então diga. Diga que a gente vai lá para fora.

Graça olhou para a boneca frouxa em suas mãos, depois para mim.

– Primeiro diga o seu nome de verdade.

Nena tinha me contado qual era o meu nome – meu nome de batismo – quando eu já tinha idade para lembrar. Antes de morrer, minha mãe disse à parteira como queria que eu me chamasse. Foi a única coisa que ela me deu, além da vida.

– Maria das Dores – respondi.

Graça jogou sua boneca numa pilha de brinquedos.

– Das Dores, aqui não tem nada para fazer. A gente vai lá para fora.

Então eu surpreendi Graça e a mim mesma pegando-a pela mão. Era macia e quente, como uma pequena bola de massa que eu poderia moldar facilmente entre os dedos.

Ela era Maria das Graças e eu era Maria das Dores. Pegue qualquer nome, começando com qualquer letra do alfabeto, ponha Maria na frente e você terá o nome de três quartos das meninas da nossa geração, ricas ou pobres – Maria Emília, Maria Augusta, Maria Benedita, Maria do Carmo, Maria das Neves e assim por diante. Havia tantas Marias que ninguém nos chamava de Maria. Usávamos o segundo nome. Assim Graça foi sempre Graça, até virar Sofia Salvador, e eu sempre fui Jega, até ela me chamar de Das Dores.

Os americanos me chamam de *Das Dorís*. Não dá para evitar. Tento ensinar as pessoas a dizer meu nome do jeito certo, como é em português.

– Dô-res – digo –, a primeira sílaba forte e a segunda bem fraca.

Quando perguntam o que significa, eu respondo sem hesitar:

– Dor, sofrimento.

Depois sempre franzem a testa. Entendo por quê: todo mundo quer que os nomes signifiquem

coisas boas. Como se nosso nome fosse nosso destino.

Graça e Das Dores, o par perfeito! O engenho era nosso reino. Ensinei Graça a subir nas árvores no pomar, a jogar acerolas podres nos criados, a pegar aveia escondida, levar para os jegues e fazer carinho no focinho macio deles. Ela me ensinou a jogar bola de gude e pedrinhas, a fazer um laço, a ficar sentada ereta com os tornozelos cruzados. Nós subíamos em cima de barris e espiávamos dentro do engenho, olhando os homens, o peito brilhando de suor, fazendo a cana virar açúcar. Ficávamos longe das plantações porque as folhas de cana eram afiadas como as facas de Nena; todos os cortadores de cana tinham cicatrizes nos braços. Mas depois da colheita a terra ficava marrom e nua como um bolo sem glacê, e Graça e eu íamos aonde queríamos. Às vezes escapávamos até o rio para nadar escondidas e voltávamos queimadas de sol e suando à casa-grande, onde Dona Aurora estava de pé na varanda dos fundos (eu não tinha permissão de usar a porta da frente) esperando por nós.

– Onde vocês estavam? – perguntava Dona Aurora a Graça. – Você não pode brincar muito tempo no sol! Vai ficar com o rosto moreno e nunca vai casar.

Essa era a ameaça que Dona Aurora usava contra Graça em suas tentativas débeis de disciplinar a filha: *Não roa as unhas, senão nunca vai casar! Não arranhe as pernas nas árvores, senão nunca vai casar! Tenha bons modos, senão nunca vai casar!*

Graça era uma patroinha, e o destino de uma patroinha era se casar e ter uma casa-grande só dela. A do Riacho Doce e todas as suas terras não seriam de Graça; estavam destinadas ao seu irmão, que, para frustração de Seu Pimentel, ainda não existia. Durante suas discussões frequentes ele perguntava à esposa por que, depois de meses exposta ao ar puro e à tranquilidade do campo, ela não estava se sentindo melhor. Dona Aurora respondia que a mudança para o Riacho Doce não tinha sido por causa dela, que desejava que o marido parasse de fingir. Insistia que tinham se mudado para longe da capital por causa dele, que tinha sonhos equivocados de se tornar um barão do açúcar. Se tivessem ficado no Recife, gritava Dona Aurora, Graça estaria numa escola decente, teria amigos decentes, aprenderia bons modos, usaria chapéus e luvas e, mais tarde, seria cercada por uma dezena de jovens cavalheiros querendo-a como esposa.

– Ela tem o sobrenome Pimentel – respondia inevitavelmente o senhor. – Mesmo se for sem graça feito um poste, os rapazes vão fazer fila por causa dela. O que está na cabeça dela não importa, querida.

– Minha filha nunca será sem graça.

Se Seu Pimentel acreditava que, por ser uma menina, Graça era insignificante e, portanto, invisível, Dona Aurora acreditava que era seu dever dar à filha substância e fazer com que ela fosse vista. Naquela época, ser mulher de substância significava ser encantadora mas jamais atirada, divertida mas não frívola, adorável mas não desesperada para que gostassem dela, e devota mas não carola. E, o que era mais importante: se você não tinha beleza, precisava ter graça. Uma boa família e muito dinheiro também eram uma exigência, mas essas coisas não podiam ser ensinadas; eram pré-requisitos. Eu, claro, não tinha família nem dinheiro, mas isso não impedia que Dona Aurora me incluísse nas lições da filha. Ela esperava que Graça e eu fôssemos distintas, mas por motivos diferentes: um dia Graça seria a patroa e eu (se tivesse sorte

e inteligência) seria a governanta da casa dela.

Dona Aurora montava elaboradas festas de faz de conta para nós três, colocando tantos utensílios em volta dos pratos que ficávamos tontas e fazendo com que memorizássemos qual garfo era para peixe e qual era para ostras, qual taça era para xerez e qual cálice era para água. Em outros dias, nós três dávamos longos passeios juntas, longe da casa-grande. Para proteger a pele, Dona Aurora e Graça usavam grandes chapéus de palha que as faziam parecer cortadoras de cana. Durante essas caminhadas, Dona Aurora ensinava a Graça e a mim a contar em inglês: *one, two, three...* Depois nos ensinava palavras em inglês para todas as coisas que víamos nos passeios: *bird, sugar, man, tree, knife, donkey, cart, mill, smoke*.

Naqueles dias, as jovens damas respeitáveis precisavam aprender inglês britânico ou francês. Os brasileiros do círculo de Dona Aurora consideravam qualquer coisa europeia o ponto alto do bom gosto. No Recife, a capital, os ingleses administravam uma ferrovia, operavam enormes fábricas de tecidos e até tinham seu próprio country clube e seu cemitério particular. Em sua juventude Dona Aurora tinha estudado numa escola britânica e falava um inglês passável, ainda que um tanto dificultoso. Aquelas palavras inglesas que ela nos ensinava entraram no meu cérebro e ficaram ali, presas, como se eu estivesse faminta e tivesse posto uma armadilha para elas. Mas escaparam facilmente da memória de Graça e, no fim das nossas caminhadas, ela e a mãe faziam beicinho e suspiravam frustradas.

Quando a patroa não estava se sentindo bem (o que era cada vez mais frequente à medida que o tempo foi passando), Graça e eu íamos ao seu quarto, onde ela ficava deitada e lia para nós contos de fadas de um livro que mantinha ao lado da cama. Logo Graça e eu começamos a representá-los. Eu era o lenhador, o príncipe, a bruxa, o sapo, o gigante. Graça era sempre a princesa. Às vezes Dona Aurora trançava o nosso cabelo e eu gostava de sentir seus dedos frios e pálidos na minha cabeça. Uma vez, depois de eu entregar sua bandeja de comida, ela pediu que eu escovasse seu cabelo ruivo e minhas mãos ficaram tão escorregadias que a escova caiu, assustando nós duas.

Os contos que Dona Aurora lia para nós e as histórias de sua infância que ela contava continham palavras que eu nunca tinha ouvido. Palavras grandes. Palavras com tantas sílabas que pareciam feitiços. *Petulante. Subjugado. Verdejante. Perambular.* Eu pedia, por favor, que Dona Aurora repetisse aquelas palavras novas e depois dissesse seu significado. Ela parecia feliz em me ajudar. À noite, na minha cama em frente da de Nena, em nosso quartinho minúsculo ao lado da cozinha, eu sussurrava as palavras que tinha aprendido naquele dia, de novo e de novo, como se também fizesse feitiços. Sabia que jamais poderia usá-las fora do quarto de Dona Aurora, por medo de Nena me dar um tapa e dizer que eu estava metida demais para o gosto dela, mas como eu as adorava! Adorava o som e acima de tudo a possibilidade que representavam: de que existia uma palavra para cada ideia e emoção que eu podia imaginar, não importando quão difícil ou estranha fosse. Queria recolher todas. Então, um dia, na frente de Graça, Dona Aurora me entregou um caderninho – que cabia dentro do bolso do meu avental – e um lápis.

– Para você se lembrar das nossas palavras, Das Dores – disse a patroa.

Nossas palavras. Elas pertenciam a nós duas.

Era um caderninho simples, com capa de pano. O lápis era um cotoco mal apontado. Mas eu os segurei com tanta força – com medo de serem arrancados de mim – que meus dedos doeram. Dizem que nenhum amor pode se comparar ao primeiro amor, e também acredito que nenhum presente pode se comparar ao primeiro presente que recebemos, não importa quão pequeno e insignificante ele seja aos olhos de quem o deu.

Fiquei de cabeça baixa e fechei os olhos, mas uma lágrima quente, enorme, escapou e escorreu pela bochecha. Dona Aurora fez “tsc tsc”. Ela encostou a mão macia no meu rosto. Naquele momento, do modo bobo como as crianças fazem, desejei ter domínio sobre o tempo e fazê-lo parar completamente.

– Ai, que fastio – exclamou Graça rispidamente. – Neste quarto não tem ar.

A mão da patroa se afastou do meu rosto.

– Peça a Nena um pouco d’água e uma fatia de bolo – disse ela.

Acompanhei Graça, relutante, para fora do quarto e descemos a escada, mas ela não foi para a cozinha. Em vez disso saiu da casa-grande e foi para o rio.

Lá, nós tiramos os vestidos e entramos na água fria, mas nunca indo fundo demais, por medo de sermos levadas pela correnteza.

– Conte de novo sobre o fantasma – ordenou Graça.

Obedeci, contando a lenda da mulher afogada que atraía as pessoas para o rio com suas cantigas. Ela ouviu com atenção, depois balançou a cabeça.

– Ela não quer companhia – disse, olhando para a água turva ao redor. – Ela quer ser salva. Alguém colocou ela aqui, uma pessoa terrível, e ela quer ser salva, mas ninguém presta atenção.

– A história não é assim.

– É a história que eu quero.

– Você não pode fazer isso. Não pode mudar uma história só porque quer. Não é assim que funciona.

– É sim – gritou Graça, batendo na água. – Porque eu estou dizendo. Porque eu sou a patroinha, e não você, não importa quantas palavras idiotas você sabe! Você nem precisa de caderno. Nem sabe escrever!

Ela havia estudado antes de vir para o Riacho Doce. Eu, não. Mas não foi isso que me incomodou na explosão de Graça. Era a primeira vez que ela se chamava de “patroinha” na minha frente. Antes disso nós ríamos da palavra. Zombávamos dela, como se a patroinha fosse outra menina e nós corrêssemos para longe dela, para brincar sozinhas.

Tivemos nossa primeira briga ali, na água. Graça me empurrou. Eu a empurrei de volta. Nós nos engalfinhamos e empurramos, as mãos escorregando nos braços molhados. Puxamos cabelos e as camisolas encharcadas uma da outra. Quando voltamos para a praia, batendo os pés, estávamos chorando, com os braços vermelhos e o couro cabeludo dolorido. Lado a lado nos sentamos na terra vermelha da margem, recuperando o fôlego. Pus a cabeça entre os joelhos e cobri o pescoço com os braços, como fazia às vezes quando Nena batia em mim. Em geral, naqueles momentos com Nena, eu sentia uma determinação calma de esperar que ela terminasse, de que aquilo chegasse ao final. Tentei encontrar a mesma calma com Graça, sentada na margem

do rio, mas, em vez disso, senti uma solidão sem tamanho. Ela havia se chamado de patroinha e eu vi a futilidade da nossa amizade.

O sol estava forte; eu sentia o calor nos ombros. Então houve outro tipo de calor no meu lado esquerdo. Graça chegou perto de mim, com a perna encostada na minha perna, o quadril encostado no meu quadril.

– Eu também não sei escrever – disse ela. – Tive uma professora no Recife, mas não adiantou. Sou burra feito uma porta.

Levantei a cabeça. Graça estava me olhando com os olhos estreitos, as bochechas e o nariz vermelhos demais.

– Seu rosto está queimado – falei. – Agora nunca vai casar.

Graça sorriu. Cruzou os dedos nos meus e nós apertamos com força as mãos suadas. Depois nos reclinamos para trás, fechamos os olhos e ficamos sentadas ao sol, juntas.

O caderninho que Dona Aurora me deu continuou no meu bolso, suas páginas vazias. Graça e eu não brigamos de novo, mas nossas visitas ao quarto da mãe dela não eram mais a mesma coisa. Graça se remexia e suspirava, olhava pela janela, brincava com o vestido e com as fivelas dos sapatos. Depois de algumas semanas, anunciou que as histórias de Dona Aurora eram chatas, que sua mania de trançar nossos cabelos era irritante e que o quarto dela cheirava a naftalina. Um dia, depois de uma manhã saracoteando pelo Riacho Doce, em vez de voltar para ver a mãe na casa-grande, como sempre fazíamos, Graça insistiu que visitássemos o engenho.

Com sua chaminé que subia 30 metros acima dos canaviais, o engenho propriamente dito era a maior construção do Riacho Doce e, para mim, era a mais alta do mundo. Só saía fumaça daquela estreita torre de tijolos nas semanas depois da colheita. Ninguém da casa-grande tinha permissão de chegar perto do engenho quando era época de fazer açúcar, e nenhum de nós reclamava dessa regra. Nas semanas depois da colheita, o engenho funcionava dia e noite, transformando cana em açúcar. Até lá da casa-grande dava para ouvir o gemido das engrenagens, os estalos da lenha estourando nos fogos enormes e as cantigas dos homens que trabalhavam em turnos de quatro horas porque o calor era insuportável. Eles remexiam nos tachos de cobre cheios de açúcar líquido que vomitavam uma espuma mais quente do que o fogo. Às vezes havia gritos. Então um grupo de homens, molhados de suor e com os olhos arregalados de pânico, aparecia à porta da cozinha segurando um colega e gritando por Nena. Ela conseguia tratar algumas queimaduras com suas ervas e seus cataplasmas. Outras exigiam a atenção de um médico ou de um coveiro. Um pobre coitado morreu ali mesmo, na cozinha, na nossa frente, a pele esturricada e seca como uma palha de milho colocada no fogo.

No dia em que Graça e eu fomos ao engenho, a cana do Riacho Doce crescia alta nas colinas ao redor. A gigantesca roda estava silenciosa e os tachos vazios, o cobre com um tom esverdeado desbotado. Graça passou pelas ferramentas gastas e pelas máquinas de aparência antiga como um cachorro seguindo um cheiro, desinteressada de qualquer engenhoca humana ao redor. Chegando

à porta do escritório, não se deu ao trabalho de bater. Eu cogitei a possibilidade de sair correndo: invadir o engenho vazio era uma coisa, mas incomodar Seu Pimentel em seu escritório era outra bem diferente. Não havia tempo para eu sumir. Graça entrou no escritório e eu fechei os olhos, preparada para ouvir os gritos do Seu Pimentel. Em vez disso houve uma gargalhada. Ele abriu os braços e pegou Graça no colo.

– A que devo essa honra? – perguntou à filha.

As mangas da sua camisa estavam enroladas, expondo os antebraços musculosos.

Graça regalou o pai com histórias sobre a nossa manhã: que tínhamos corrido no pomar, subido em árvores, chupado carambolas até ficar com os lábios enrugados. Nenhum dos dois reconheceu minha presença junto à porta. Mas depois de uns poucos minutos o sorriso de Seu Pimentel se esvaiu e ele afastou os joelhos. Graça desceu de seu colo.

– Hora de ir – disse ele. – Menininhas podem brincar o dia todo. Os homens precisam trabalhar.

Graça franziu a testa.

– Mas eu não contei a melhor parte! Nós vimos um peixe vermelho, brilhante, pular para fora do rio, no ar!

Seu Pimentel levantou as sobrancelhas.

– Nós vimos, não vimos? – perguntou Graça, olhando para mim.

Seu Pimentel olhou na minha direção. Não sorriu nem acenou com a cabeça, não disse “olá” nem mandou que eu entrasse. Mesmo assim, manteve os olhos fixos em mim, reconhecendo, pela primeira vez, minha mera existência.

– Conte, Jega – disse ele. – É verdade o que a patroinha está dizendo?

O que é a verdade? Uma pessoa pode ser completamente sincera na crença do que viu e de quando viu. Mas outra, ao ver a mesma coisa, tem uma percepção diferente. Um peixe vermelho se torna roxo ao pôr do sol, preto à noite. Uma formiga diria que o rio do Riacho Doce era um oceano. Um gigante diria que era um fio d’água. O que vemos no mundo depende muito de quem somos e do momento em que estamos. Histórias como essas podem ser dádivas, como migalhas de pão que nos guiam para fora de uma floresta escura, ou podem ser distrações terríveis, levando mais fundo para dentro de um labirinto do qual nunca podemos escapar.

Graça e eu não tínhamos chegado nem perto do rio naquela manhã, mas isso não importava. Ela me encarou, os olhos implorando. Seu Pimentel também me encarou, o maxilar rígido, sem desviar os olhos.

– É – respondi. – A gente viu.

Seu Pimentel assentiu com a cabeça. Graça sorriu e se virou para o pai. Eu, outra vez, fiquei esquecida.

– Aposto que ele pulou da água para ver seu rosto lindo – disse Seu Pimentel, beijando a testa de Graça. – Os pretendentes vão fazer fila para beijar esse rosto! E você vai se casar com o mais rico de todos. Rico o bastante para comprar todos os engenhos, daqui até a Paraíba!

Depois dessa ocasião, íamos todos os dias ao escritório do engenho. Todo dia Graça recebia afagos e era beijada por uns poucos minutos até que Seu Pimentel se cansava e tentava tirá-la do

colo. Graça se agarrava ao pescoço dele, para ficar. Contava histórias cada vez mais exageradas. Contanto que o distraísse, ficaria em seu abraço.

– A gente viu um gavião de duas cabeças! – dizia. Ou: – Tinha um fantasma no rio!

Depois dessas histórias Seu Pimentel balançava a cabeça e, inevitavelmente, me olhava. Ele e Graça esperavam minha confirmação obediente. Não importava quanto a história fosse ridícula, eu sempre concordava. Continuamos com essas visitas terríveis por meses a fio. Desde que eu jamais contradissesse a patroinha, tinha permissão de ficar. Mas Seu Pimentel sempre empurrava Graça do colo e a mandava embora, declarando que estava ocupado demais.

– Eu posso ajudar o senhor, papai – dizia Graça, apontando para os papéis na mesa dele. – Posso separar as coisas. Posso carimbar esses papéis ou encher seu tinteiro.

Seu Pimentel balançava a cabeça.

– Você iria fazer uma bagunça, querida. Vá dizer à sua mãe para lhe dar um irmãozinho. Ele pode me ajudar e você pode ajudar a cuidar dele.

Desde então comecei a desprezar Seu Pimentel, não por me fazer mentir, mas por aceitar as atenções de Graça e jogá-las fora. Mesmo assim Graça persistia nas visitas. Nas semanas antes da colheita de cana, as contas se empilhavam alto na mesa dele e os trabalhadores começaram a encher o engenho. Um dia Seu Pimentel gritou com Graça assim que ela abriu a porta do escritório, mandando que ela fosse embora, dizendo que ela era uma chateação inútil.

Corremos para o rio. Ali, na margem, Graça engoliu os soluços e declarou que nunca, jamais, colocaríamos os pés no engenho de novo.

Fiquei feliz: ela tinha dito “nós”.

Depois de um ano deixando Graça à solta comigo, Dona Aurora contratou uma professora particular. A mulher era uma viúva que só usava vestidos pretos e sapatos de solado grosso. Graça e eu a apelidamos de Bruxa, apesar de ela não se parecer com as feiticeiras dos livros de contos de fadas de Dona Aurora, com seus narizes verruguentos e dedos nodosos. Quando era criança, eu achava que ela era velhíssima, mas agora percebo que deveria ter 30 e poucos anos, com o cabelo escuro preso num coque apertado e olhos tão grandes e castanhos que pareciam de cavalo. Podia até ser bonita, se não tivesse a maldade de uma bruxa.

Quando Graça descobriu que eu não estava incluída nas aulas, gritou, chorou, jogou um conjunto de anjos de louça no chão e os transformou em caquinhos com as solas das botas.

Rapidamente me tornei a segunda aluna nas aulas da Bruxa.

Ganhei sete vestidos novos (um para cada dia da semana) e era tirada do serviço durante as aulas, mas a Bruxa nunca me deixou esquecer que eu vinha da cozinha. Eu não tinha permissão de falar nas aulas. Durante os lanches no meio da manhã, eu olhava enquanto Graça e a Bruxa tomavam café e comiam biscoitos, mas nunca tinha permissão de comer também. E se tivesse uma dúvida, precisava sussurrar para Graça, que depois perguntava à Bruxa.

A professora ocupava um quarto de hóspedes, pequeno e abafado, na casa-grande. Não tinha

permissão de jantar com Graça e a família, mas podia fazer as refeições em seu quarto, entregues numa bandeja. Isso a diferenciava dos outros empregados, e qualquer variação na hierarquia do Riacho Doce era recebida com desconfiança. As lavadeiras precisavam lavar e passar as roupas da Bruxa, e frequentemente colocavam goma demais nos vestidos pretos da professora e riam de suas combinações encardidas e das calcinhas velhas. As ajudantes de cozinha que entregavam suas bandejas de comida tentavam puxar conversa com a Bruxa, mas não conseguiam, e rapidamente proclamaram que ela era "metida a besta". Havia boatos, na maioria maldosos, do motivo por que a Bruxa só usava vestidos e sapatos pretos: estava de luto pelo marido, que tinha pulado de uma ponte para fugir dela; tinha envenenado toda a família e se livrado da cadeia, então seguia vestindo preto como uma espécie de penitência. Nena me alertou para nunca comer nada oferecido pela Bruxa, como se a professora sequer reconhecesse minha existência. Mas eu estava satisfeita em suportar o desprezo da Bruxa se isso significava que eu podia frequentar as aulas. Ao contrário de Graça, eu gostava de aprender a contar, escrever e falar bem português e inglês. Gostava de como cada letra do alfabeto tinha sons que, quando unidos a outros, se transformavam em palavras. E de como as palavras inglesas eram curtas e objetivas, ao passo que o português tinha mais melodia, com palavras de sete e até oito sílabas.

Eu tinha facilidade em matemática e comecei a ajudar a Nena registrando o estoque da despensa – contando vidros de geleia, garrafas de azeite de dendê, as centenas de cebolas, cenouras e outros legumes e verduras. Eu contava todas as manhãs e todas as noites, e desse modo sabíamos se precisávamos pedir mais mantimentos e, mais importante, se algum tinha sido surrupiado durante o dia pelas empregadas. Contanto que as coisas que eu aprendia fossem aplicadas a alguma questão prática – inventariar mantimentos, ler os rótulos dos óleos perfumados chiques que Dona Aurora trazia do Recife, somar a conta do açougueiro para ver se ele estava nos enganando –, isso era aceito, até mesmo elogiado. A cada vez que eu verificava uma conta ou questionava um mascate por cobrar demais, o peito de Nena estufava e ela dava um tapinha nas minhas costas com sua mão enorme, quase me fazendo cair para a frente.

– Não dá para enganar esta daqui – dizia Nena, sorrindo, enquanto as ajudantes de cozinha ficavam olhando, boquiabertas, como se eu tivesse acabado de ser nomeada presidente da república.

Sempre que amassava o pão eu escrevia na camada de farinha que cobria a mesa: *Maria das Dores*. Moldava as sobras de massa formando emes e dês. A cada vez que fazia geleia e o caldo engrossava, escrevia meu nome verdadeiro repetidamente no doce, com a colher. Uma vez, no pomar, peguei uma pedra e gravei meu nome no tronco de um limoeiro. Quando Nena descobriu, arrancou um galho da mesma árvore e me deu uma surra com ele, mas não me importei. Durante meses depois disso, a cada vez que passava por aquela árvore eu me via ali. Eu não era Jega, a filha da puta, a ajudante de cozinha que viveria e morreria esquecida no engenho Riacho Doce. Era Maria das Dores, uma menina que deixaria sua marca no mundo. Uma menina que seria lembrada.

Comecei a copiar palavras de muitas sílabas no meu caderninho. Algumas terminavam com um som parecido: *consumar, negar, apaixonar, consagrar, inovar, ondular*. Eu já sabia sobre

rimas, claro. Tinha ouvido as empregadas cantando cantigas de amor com versos simples, rimados. E é um instinto humano tentar combinar coisas, encontrar semelhanças onde pode não haver nenhuma. Mas aquelas rimas pareciam algo diferente para mim; eu estava entendendo a música escondida nas palavras antes de realmente entender a música em si.

Depois de um ano de lições, eu era capaz de ler trechos inteiros dos livros da Bruxa melhor do que Graça. Durante as aulas, ela me olhava pedindo ajuda com as lições e eu sussurrava as respostas. Então eu a via ser elogiada pela minha inteligência.

Numa tarde Dona Aurora saiu da cama, pegou Graça e a mim no quarto de brinquedos e nos escoltou pelo gramado da casa-grande até o engenho, onde ficava o escritório do Seu Pimentel. Para a ocasião, Dona Aurora usava um vestido e pérolas, o cabelo preso, e o esforço de se fazer apresentável, junto com a caminhada pelo gramado, minou suas forças; no minuto em que Seu Pimentel abriu a porta do escritório ela se deixou cair numa cadeira.

Seu Pimentel a cumprimentou secamente. Ele usava uma gravata que, bem no centro, estava presa com um cubo de açúcar de ouro incrustado com diamantes. Era novo, um presente dado a si mesmo, imagino, para fazer com que ele se sentisse um verdadeiro barão do açúcar apesar dos prejuízos constantes do engenho. Seu Pimentel falou de novo com a esposa, mas eu não registrei o que era dito. Fiquei olhando o alfinete de gravata brilhar a cada subida e descida de seu peito.

O que um diamante significava para mim, naquela época? Se alguém tivesse me perguntado o que era um diamante, eu não saberia dizer. Mas ver aquele cubo com suas centenas de pedrinhas reluzentes, brancas como açúcar de verdade porém mais brilhantes, mais lindas, me deu vontade de estender a mão para o peito enorme do Seu Pimentel e arrancá-lo, colocá-lo na boca e ver se era doce, se iria se desmanchar na minha língua. Felizmente, antes que eu pudesse agir impelida por esse desejo, Dona Aurora falou:

– Vou levar as meninas a um concerto. No Recife.

– As meninas? – perguntou Seu Pimentel.

Dona Aurora suspirou.

– Você não pode esperar que eu entretenha Graça durante toda a viagem até o Recife e de volta, não é? Ela e Das Dores vão brincando.

– A Jega?

– Apelidos são coisa vulgar, Miguel – respondeu Dona Aurora.

O sorriso de Seu Pimentel desapareceu.

– Que tipo de concerto?

– Do tipo que tem música. Música de verdade, e não os lundus que as criadas cantam.

– Você vai conseguir viajar?

Dona Aurora se empertigou na cadeira.

– Claro. Graça precisa ser exposta à arte.

– Então mande a professora mostrar alguns livros a ela ou faça com que ela desenhe umas

flores num vaso. Que utilidade tem um concerto?

– Nem tudo precisa ser útil – disse a senhora.

– Precisa, se eu estiver pagando – retrucou Seu Pimentel.

Sua esposa estremeceu. As pessoas do círculo deles, não importava quão endividadas estivessem, jamais falavam de dinheiro. Mas o dinheiro era originalmente dela, e não dele, motivo pelo qual, acho, o senhor suavizou subitamente a voz.

– Ela está crescendo com ar puro e comida saudável, sem nenhuma distração da cidade – disse ele. – É pura como um botão de flor. É isso que importa para o marido, e não todas aquelas coisas que as garotas supostamente sofisticadas têm. Ela é nossa florzinha.

Seu Pimentel segurou o rosto de Graça, que fechou os olhos, como se fosse desmaiar.

– Aqui ela vai virar uma selvagem, se não tivermos cuidado. Qualquer marido digno vai levá-la para uma cidade, e ela vai ser motivo de chacota, alguém que não sabe diferenciar uma sinfonia de uma cantiga. Vão chamá-la de matuta pelas costas.

Arte, para mim, era o escuro quadro a óleo pendurado na sala da casa-grande. Era estranho Dona Aurora achar que as meninas precisavam de uma coisa assim. Era mais estranho ainda Seu Pimentel finalmente concordar com ela.

Foi assim que, aos 12 anos, saí do Riacho Doce pela primeira vez e me vi no Recife, na capital. Ficamos na antiga casa da família Pimentel. Eles tinham deixado o lugar fechado e os móveis cobertos por panos, com apenas uma empregada para cuidar de tudo. No dia do concerto ela tirou desajeitadamente das malas nossos vestidos formais. Dona Aurora tinha mandado fazer uma roupa chique para mim: um vestido simples, de seda azul, que era bem singelo comparado com a criação cheia de camadas e babados que Seu Pimentel havia comprado para Graça, como um presente surpresa. Apesar da simplicidade da minha roupa, eu nunca tinha usado nada tão fino e fiquei petrificada, com medo de amarrotar ou manchar o vestido antes de chegarmos ao teatro.

Uma famosa cantora de fado, vinda de Portugal, estava em turnê pelo Brasil e havia parado no Recife para cantar no Teatro Santa Isabel. Até aquela noite eu acreditava que o engenho do Riacho Doce era a maior construção da terra. O Santa Isabel fazia o engenho parecer pequeno e decrépito como uma palhoça de cortador de cana. Andando pelo saguão apinhado do teatro, com suas escadarias largas como estradas, fiquei tonta e com medo. Como uma estrutura daquelas podia permanecer de pé? Como o teto podia sustentar lustres tão gigantescos? Meu coração batia rápido como o de um passarinho. Sem dúvida as paredes do teatro iriam ceder e desmoronar a qualquer momento, sob o peso de tanto vidro e tanta pedra, pensei. Segurei a mão enluvada de Graça e a soltei apenas quando encontramos nossos lugares.

Eu não era uma completa ignorante: já tinha ouvido cantigas e instrumentos musicais no Riacho Doce. Uma vez por ano, no dia de São João, Seu Pimentel permitia que fizessem uma fogueira e pedia que os trabalhadores tocassem músicas em acordeões ofegantes. E toda noite havia o som de tambores e vozes longínquas vindas das palhoças dos cortadores de cana. Lá eles faziam rodas, mas ninguém da casa-grande tinha permissão de confraternizar com os cortadores, quanto mais ir no meio da noite ouvi-los cantar. Em algumas noites eu acordava com o som dos

tambores e acreditava que eram as batidas do meu coração.

As luzes do teatro diminuíram. Houve aplausos. Uma mulher entrou bamboleando no palco, levantando a saia pesada do vestido de noite para não tropeçar na bainha. Seus tornozelos eram grossos como minhas coxas. Os sapatos pequeninos, de salto alto, pareciam a ponto de se partir sob seu peso. Um violonista solitário a acompanhava. Assim que os aplausos terminaram, ele tocou as primeiras notas. A voz da cantora ressoou como um sino – aguda, poderosa, alarmante – por todo o teatro.

> "No fim da minha rua
> o oceano bate,
> o oceano bate.
> Sobre ele há um pedaço de lua,
> uma fatia do meu destino."

Fechei os olhos. Vi um oceano escuro como os canaviais à noite. Vi estrelas brilhando mais do que os diamantes no alfinete de cubo de açúcar do Seu Pimentel. A cantora continuou.

> "Onde está o meu destino?
> Onde está o meu lar?
> Nunca terei um lugar neste mundo?
> Sozinha vou sempre estar?"

Senti como se a mão de alguém tivesse agarrado meu coração. A cada nota emitida pela cantora, a mão apertava com mais força.

– Meu Deus! – sussurrou Dona Aurora. – Vamos limpar você.

Ela tirou um lenço de sua bolsinha de contas e o colocou nas minhas mãos. Quando não enxuguei o rosto molhado nem o ranho que me escorria pelo queixo, Dona Aurora pegou o lenço e me limpou. Foi delicada, mas eu a odiei por me distrair da cantora. Odiei Graça por se remexer na poltrona. Odiei o homem atrás de nós, que tossiu. Odiei minha vida até aquele ponto: pensar em todas aquelas noites que eu tinha desperdiçado descascando batatas ou ouvindo as fofocas das empregadas quando alguém, em algum lugar, estava cantando músicas assim! Por que não tinha ouvido essa música antes? E quando ouviria de novo? Minhas entranhas pareciam muito pesadas, como se eu tivesse bebido uma jarra de concreto que estivesse endurecendo dentro de mim.

Com o tempo aprendi a identificar esse sentimento como pesar. Mas na época eu tinha 12 anos e acreditei que estava com uma doença mortal. A música havia provocado a doença, mas também era a única cura. Sentada na beira daquela poltrona de veludo vermelho, achei que meu estado era grave: eu morreria assim que o concerto terminasse, assim que a música parasse.

Para minha surpresa, sobrevivi. No fim da apresentação Dona Aurora nos conduziu pela

multidão até o carro alugado. Ali tirou as luvas e pôs a mão fria na minha testa.

– Ela não está doente – disse Graça.

Dona Aurora balançou a cabeça.

– Eu deveria saber que a cidade seria demais para ela, coitadinha.

– São as músicas, mãe – reagiu Graça rispidamente. – As músicas ainda estão dentro dela.

Dona Aurora olhou para a filha como se Graça tivesse falado numa língua estranha. Mas as palavras dela – sua compreensão total de como eu me sentia – fizeram meus olhos se encherem de lágrimas outra vez. Envergonhada, cobri o rosto com as mãos.

– Ela está tendo um ataque nervoso – disse Dona Aurora. – Se precisar vomitar, não faça isso no automóvel.

Durante o trajeto de volta à casa da família, Dona Aurora fechou os olhos, sinal de que a ida ao teatro a havia exaurido e ela não prestaria mais atenção em mim. Graça se espremeu ao meu lado. Alisou o meu cabelo. Minha cabeça caiu no seu colo. Suas mãos eram macias, o vestido escorregadio sob meu rosto. Minha orelha se encaixou perfeitamente no espaço entre as pernas dela. Caí no sono ouvindo o farfalhar de seu vestido embaixo de mim.

Naquela noite Graça insistiu que eu dormisse no seu quarto, e não na área dos empregados, atrás da cozinha. Assim que Dona Aurora nos deu boa-noite, Graça saiu de sua cama e veio para o meu colchãozinho no chão. Ela usava uma echarpe em volta do cabelo, para não desfazer os cachos. Seu braço pareceu muito quente, encostado no meu.

– Vou cantar num palco igual àquele – disse Graça. – Vou fazer as pessoas engolirem minhas músicas e ficarem com elas dentro. Vou ser conhecida. Vou ser vista.

– Eu também – falei, já me preparando para a zombaria de Graça, para ela me dizer que eu nunca poderia fazer algo assim.

– Precisamos arranjar um fonógrafo – disse ela.

– Um o quê?

– Uma máquina que toca discos. Vou pedir um à mamãe. Ela me dá tudo o que eu quero.

– Certo – falei, como se entendesse os planos de Graça.

Eu nunca tinha visto um disco, quanto mais ouvido um, mas fiquei empolgada, apesar da minha ignorância.

Naquela noite mal consegui dormir. Mesmo naquela época eu sabia que existem poucas certezas nessa vida: um ato pode ter uma dezena de interpretações, uma palavra pode ter uma dezena de significados dependendo de como é dita. Tudo pode ser questionado, separado, escrutinado, até nossos sentimentos. Então como é milagroso ouvir uma coisa e saber, sem qualquer dúvida, que é uma coisa linda.

Tive mais sorte do que a maioria dos órfãos bastardos: não fui jogada no canavial para morrer; tive Nena como professora e protetora; tinha me tornado a favorita da patroinha e recebido instrução. Mas se os ventos mudassem e Graça ficasse farta de mim, ou se os Pimentel se cansassem de me alimentar e me vestir, ou se eu cometesse um erro que provocasse uma desaprovação, perderia qualquer sorte que tivesse. Nada na minha vida era garantido, e nada era só meu. Assim, foi incrível que, apesar da precariedade da minha existência, apesar da dureza e

da violência que sempre ameaçaram me sufocar, existisse essa beleza, essa graça, que havia me encontrado através da música, e que ninguém podia tirar de mim. Esse foi o presente que a música deu a Graça e a mim naquela noite e em todas as noites que vieram depois: tínhamos uma coisa nossa para amarmos de verdade, e tínhamos uma à outra para compartilhar isso.

A saúde de Dona Aurora piorou depois da nossa viagem ao Recife. Ela ficava na cama, como antes, mas não tinha energia para trançar nossos cabelos nem contar histórias. O sininho de ouro, que ela mantinha ao lado da cama e tocava constantemente para chamar as criadas e ordenar que lhe levassem água, um livro novo, o almoço numa bandeja, permanecia em silêncio. Era pesado demais, ela dizia. Um médico veio, entrou no quarto e trancou a porta. Quando saiu, Graça partiu para a ação, entrando no quarto da mãe antes que uma empregada ou seu pai pudessem impedi-la.

Dentro, Graça segurou os dedos da mãe com tanta força que eu vi Dona Aurora se encolher.

– Preciso daquele fonógrafo – disse ela, como se tivesse feito o pedido muitas vezes.

Dona Aurora sorriu.

Uma semana depois a máquina chegou ao Riacho Doce. Foi posta num armário alto de madeira na sala da casa-grande. Uma caixa de discos veio junto. Graça e eu tiramos todos eles da capa de papel e os colocamos, um a um, no prato do fonógrafo. Naquele primeiro dia ouvimos a Sonata ao Luar, Enrico Caruso, Heitor Villa-Lobos e outros. Colocamos aqueles primeiros discos para tocar tanto que Seu Pimentel reclamou do barulho. Mas ele não podia nos afastar daquele fado lamentoso, da voz profunda e obstinada de Caruso ou dos concertos de violão, em que o som das cordas parecia cortante como a mordida numa carambola madura.

Todos temos as mesmas partes básicas no corpo: lábios, dentes, língua, palato, tudo levando a uma série de músculos pequenos na garganta, cobertos com um muco que tem a mesma consistência de gelatina de hospital. Nós respiramos, o ar bate nas dobras minúsculas desses músculos, eles vibram e produzem som. Se tivermos sorte, podem produzir música. É mais complicado do que isso, claro; todos podemos ter as mesmas partes do corpo, a mesma capacidade de fazer som, mas nem toda voz é igual.

Para Graça, cantar era natural como respirar. Para mim, era como tentar levantar um saco de açúcar de 30 quilos acima da cabeça: algo que eu certamente poderia fazer, com o tempo, mas não sem muito treino e esforço. Isso não me desanimou. Meu cérebro de 12 anos não considerava o fato do talento bruto, de ter um dom natural, de as cordas vocais de Graça serem de algum modo mais bem-feitas do que as minhas. Em vez disso parecia natural que eu precisasse me esforçar para cantar e Graça não: afinal de contas ela era uma patroinha, e as patroinhas não se esforçavam para nada. Eu, por outro lado, tinha sido criada acreditando que qualquer coisa que valesse a pena vinha com o esforço.

Todo dia, depois das aulas intermináveis com a Bruxa, corríamos para a sala e discutíamos sobre qual disco colocar no prato. Numa tarde, Graça e eu ficamos imóveis junto à porta da sala.

Dona Aurora estava sentada numa poltrona com almofadas, ao lado do fonógrafo, um cobertor sobre os ombros, o cabelo ruivo recém-lavado e preso numa trança grossa.

– Eu costumo pedir a Tita para deixar minha porta aberta, para ouvir vocês – disse Dona Aurora. – Mas hoje eu queria ver.

Graça e eu arrastamos os pés até o fonógrafo. Não parecia adequado discutir na frente da patroa, por isso deixei Graça escolher o primeiro disco. Ela pegou o Caruso – o mais difícil de cantar –, claro. Quando estávamos sozinhas, eu costumava fechar os olhos enquanto cantava, mas Graça gostava de saltar, rodopiar e abrir os braços para o céu. Às vezes eu copiava seus gestos e nós caíamos na gargalhada ao fim da música. Naquele dia, com Dona Aurora olhando, ficamos ombro a ombro, como fazíamos no início das aulas da Bruxa para ela inspecionar nossas orelhas e embaixo das unhas, procurando sujeira. Atrás de nós o disco começou a girar. Lá estava Caruso, em disparada, vencendo as notas de "Nessun dorma". A princípio Graça e eu cantamos aos sussurros, mas então chegou nossa parte predileta da música – quando a voz de Caruso começa a implorar, mas não de um modo fraco. É como se estivesse gritando para as estrelas, pedindo ao mundo a ajuda que ele merece. Eu não sabia italiano, nem Graça; a letra da música não fazia sentido para nós. Apenas décadas depois descobri o que Graça e eu tentávamos cantar todo dia na sala da casa-grande:

> "Mas meu mistério está trancado dentro de mim.
> Meu nome ninguém saberá!
> Não, não, eu o direi em tua boca,
> quando a luz resplandecer!
> E meu beijo derreterá o silêncio
> que te faz ser minha."

Fechei os olhos e segurei com força a mão de Graça enquanto minha voz tentava desesperadamente acompanhar a dela. Então a música terminou, o disco girando em silêncio, e Dona Aurora bateu palmas. Abri os olhos.

– Bravo! – exclamou ela.

Um calor foi do meu peito para o pescoço e chegou às minhas orelhas, que pulsavam e ardiam.

– Agora vocês devem fazer uma reverência – disse Dona Aurora. – É assim que se demonstra à plateia que estão agradecidas. Afinal de contas, estão servindo a ela.

Olhei para Graça em busca de orientação. Ela deu de ombros. Dona Aurora se levantou e o cobertor escorregou dos seus ombros. Ela segurou o roupão de seda, pôs um pé na frente do outro e se curvou, baixando a cabeça. Seu cabelo caiu por cima do ombro, parecendo uma corda vermelha com uma fita na ponta. Então Dona Aurora se empertigou e se deixou cair de novo na poltrona.

Depois desse dia, nós sempre encontrávamos Dona Aurora esperando na sala, pronta para

escutar. Foi nossa primeira plateia, e a melhor de todas.

Quando somos jovens, nos entregamos completamente. Permitimos que nossos primeiros amigos, os primeiros amantes e as primeiras canções entrem e se tornem parte de nosso ser não formado, sem sequer pensar nas consequências ou em sua permanência dentro de nós. Esta é uma das belezas da juventude e um de seus fardos.

Poucos meses depois da nossa primeira apresentação para Dona Aurora, chegou um médico do Recife. Seu automóvel passou rapidamente pelo portão da casa-grande e parou derrapando diante da porta da frente, onde Seu Pimentel esperava. Na cozinha houve gritos, agitação, preces. Nena, com o rosto suado como argila esmaltada, despejava água fervente em panelas que as criadas levavam para cima.

– Jega! – gritou Nena ao me ver. – Limpe essas remelas da cara e vá ajudar sua patroa.

– O que aconteceu com ela? – perguntei.

– O neném está tentando chegar antes da hora.

– Neném?

Nena balançou a cabeça. O suor pingava em seu avental.

– Ela não deveria ter levado vocês duas à cidade. Aquelas estradas cheias de buraco. E depois descer todo dia para ouvir a música daquela máquina do Diabo! Bom, agora...

Nena enxugou o rosto e ordenou que eu fosse à lavanderia, pegar panos limpos, e os levasse para cima. Obedeci, mas só conseguia pensar numa coisa: *Tem um neném dentro dela.* Eu sabia que essas coisas aconteciam; para uma criança do campo, o sexo é tão comum quanto o sol nascendo e se pondo. Eu tinha visto o Velho Euclides cruzando seus jumentos. Os rapazes do estábulo transformavam em esporte, apostando quantas vezes a fêmea ia recusar o jumento até ele conseguir o que queria. Eu tinha visto bodes se mijando todos antes de montar numa cabra e galos brigando até tirar sangue pela chance de pegar uma galinha. Mas a ideia de Seu Pimentel – bronzeado, musculoso e de lábios finos – fazendo esse tipo de coisa com Dona Aurora era repreensível para mim. Não era de espantar que ela estivesse morrendo.

Dona Aurora lutou com o bebê durante muitas horas. Ela era teimosa, como Graça. Às vezes o médico do Recife saía do quarto e ficava no corredor fumando ou tomando às pressas uma caneca de café. A cada vez que aparecia, ele estava diferente: primeiro seu paletó sumiu, depois o colete, em seguida os botões da camisa estavam abertos, depois as mangas enroladas até acima dos cotovelos. Seu Pimentel andava de um lado para o outro no corredor e fumava. A cada vez que o médico aparecia, ele corria até o sujeito e perguntava:

– É um menino?

Graça e eu nos escondemos no fim do corredor, espremidas embaixo de um aparador.

– O médico ainda não foi embora – sussurrei. – O que ele está fazendo com ela?

– O neném está matando ela – disse Graça. – Eu queria poder matar ele.

– Você sabia do neném?

– Você não sabia?

Sem trocarmos uma palavra, saímos de fininho da casa-grande, passando pelo pomar, onde levei Graça até o galinheiro. Dentro, tirei ovos de baixo da barriga quente das galinhas, como tinha feito centenas de vezes para Nena. Dessa vez, assim que estávamos fora do galinheiro, entreguei a Graça o cesto cheio.

Arremessamos a maioria deles contra uma árvore. Outros nós pisamos. Alguns Graça jogou no chão com tanta força que pedaços de casca e gema espirraram no meu queixo. Quando não havia mais ovos, Graça jogou o cesto contra a parede do galinheiro e nós nos sentamos embaixo de uma árvore no pomar, com medo demais de voltar para dentro.

O neném era um menino, fato que Seu Pimentel lamentou com as criadas e o pessoal da cozinha e, mais tarde, com o punhado de parentes que viajaram do Recife para os enterros. Dona Aurora e o irmão não nascido de Graça foram enterrados no mausoléu da capela do Riacho Doce, a apenas 50 metros da casa-grande, mas era uma distância que eu não tinha permissão de atravessar. Os empregados não compareciam aos enterros.

Numa entrevista muitos anos depois, quando um repórter perguntou a Sofia Salvador qual tinha sido o momento mais triste da vida dela até então, ela disse, sem hesitar e para minha grande surpresa:

– Perder minha mãe quando eu era criança. Ficar sem mãe é um sofrimento que eu não desejaria para o meu pior inimigo.

Sometimes I feel like a motherless child – às vezes me sinto como uma criança sem mãe. Uma vez assisti a T-Bone Walker cantando esse *spiritual* numa boatezinha vagabunda em Los Angeles, com o piso inclinado e notas de dólar amareladas presas nas paredes. Fiquei lá no escuro, junto ao balcão, e o ouvi cantar o mesmo verso repetidamente. A princípio não entendi seu lamento e fiquei incomodada. Todos nós não acabamos ficando sem mãe? O objetivo não é que os filhos sobrevivam aos pais? Mas a força da canção está em uma palavra: *Sometimes*. Às vezes. Como se esse sentimento fosse difícil demais para suportar o tempo todo. Como se houvesse outros momentos, momentos mais esperançosos, não importa quão breves, em que o cantor se lembra do conforto indiscutível de ser amado completamente.

Ao ouvir T-Bone percebi que a música dele não era sobre perder o amor da mãe, e sim o sentimento de jamais tê-lo experimentado. Se a paixão está profundamente ligada à incerteza, o amor de mãe é o oposto: jamais hesita, jamais depende do desempenho, jamais exige uma quantidade igual de amor em troca. Você tem o luxo de não dar importância ao amor de mãe, sabendo que seu desprezo ou sua indiferença jamais farão com que ele desapareça. Mas existem alguns de nós que não podem esquecer, que nunca tiveram o doce alívio do “às vezes”. Minha mãe era um rumor, uma sombra, uma fofoca indecente, um modo de os outros me insultarem. Assim, mesmo entendendo o sofrimento de Graça pela perda de Dona Aurora, havia em sua tristeza algo que me deixava com uma raiva amarga. Graça tinha experimentado doze anos de um amor que a sustentou – ela sabia como era respirar aquele ar doce, e portanto podia levá-lo consigo pelo resto dos seus dias. Dona Aurora não era minha mãe e eu nunca, nem por um segundo, fingi que fosse. Mas ela havia sido boa para mim quando as outras pessoas não foram.

Suas gentilezas eram pequenas – caprichos que alguém concede a um serviçal favorecido –, mas eram gentilezas mesmo assim. Então eu também sofri por ela, do meu jeito.

Durante o velório, Nena mandou que eu saísse da cozinha, onde ela e as ajudantes estavam preparando a ceia pós-enterro, e fosse catar limões no pomar. Era uma tarefa fácil, que eu podia terminar em minutos. Deixei o cesto cheio na cozinha e fui nas pontas dos pés até a sala, onde a poltrona da patroa estava vazia. Tirei um disco de dentro da capa. Passei os dedos nos sulcos, depois enfiei um no buraco do centro. Como queria ouvir aquela música! Como queria colocar a agulha naquele disco e aumentar o volume do fonógrafo ao máximo, até que a casa tremesse com as vibrações! Até que as pessoas de luto na capela, com seus ternos pretos e véus de renda, ouvissem o som e levantassem a cabeça! Até que os cortadores de açúcar, que tinham recebido o dia de folga por respeito à Dona Aurora, saíssem de suas palhoças e se perguntassem de onde vinha aquele som magnífico! Em vez disso segurei o disco de laca nas duas mãos e fui dobrando-o até ele se estilhaçar feito vidro.

– Por que você está chorando?

Graça estava junto à porta, o vestido preto amarrotado, o véu de renda embolado na mão.

Enxuguei os olhos e respondi à sua pergunta com outra:

– O que você está fazendo aqui?

– Aquela capela cheira a ovo podre. Ninguém liga se estou lá ou não. – Graça entrou na sala e olhou os cacos do disco junto aos meus pés. – Nós vamos fugir.

– Para onde? – perguntei.

– Para o Rio. Para onde mais?

– Você deveria primeiro ir para o Recife. É mais perto.

Graça balançou a cabeça.

– O Rio é o lugar. É onde fazem os programas de rádio. E minha tia disse que tem filmes lá. Um filme é uma fotografia que se mexe, Dor. Passa numa tela maior do que um canavial e a gente vê os atores se mexendo, representando os papéis.

– Que nem numa peça de teatro?

– Não. Não são pessoas de verdade representando os papéis. São imagens delas, se mexendo. Assim elas podem estar em muitos lugares ao mesmo tempo.

– Que nem fantasmas? – perguntei, pensando no mausoléu da capela e na Dona Aurora lá dentro, enfiada numa gaveta de pedra fria. – Parece coisa de macumba.

– Bom, não é. Você vai ver.

– Como?

– Vamos entrar num navio. Pegar o trem. Tem muitos jeitos de chegar no Rio.

– Vamos precisar de passagens – falei. – A gente precisaria comprar.

– Mamãe me deixou um monte de joias. Estão no armário dela. Vamos pegar e vender pelo caminho.

– Vender para quem?

– Pare de ser chata! Quem se importa em saber *como* a gente vai chegar lá?

– Eu me importo.

– Você é chata feito uma tábua! – berrou Graça antes de sair pisando firme.

Acabamos nos reconciliando. Na época isso sempre acontecia. Depois dessa discussão Graça parou de falar em fugir do Riacho Doce, mas eu sabia que a ideia estava dentro dela como uma semente na terra, pacientemente se enraizando.

Todos os anos havia uma grande queimada no canavial. A colheita era sempre no verão, no tempo seco. O rio se tornava mais estreito, as estradas rachavam e se enchiam de poeira, a água ficava com gosto de terra. Mas a cana permanecia verde e densa, as folhas compridas e afiadas como machetes. Se um cortador pegasse seu facão e tentasse cortar uma área não queimada, seria como lutar contra mil homens. Seria retalhado, se não fosse picado e morto por uma cobra venenosa antes. Assim, no início de cada colheita, um exército de cortadores levava latas de gasolina até as bordas dos canaviais. Era sempre no crepúsculo, quando a temperatura refrescava e o vento diminuía. Os cortadores andavam em fileiras, derramando gasolina na base marrom dos pés de cana, e depois acendendo.

Graça e Dona Aurora, quando era viva, sempre iam para o Recife durante as queimadas. Era desagradável ficar. O fogo nunca chegava perto da casa-grande, mas seu calor atravessava as paredes e nos dava a sensação de estarmos presos num forno. Todo mundo no Riacho Doce, até Seu Pimentel, que fingia supervisionar as queimadas, precisava usar lenços molhados em cima do nariz e da boca por causa da fumaça. Nossos olhos ardiam. As roupas fediam a fuligem durante semanas depois do fim da queimada. Cinzas flutuavam no ar como se milhares de pássaros escuros tivessem perdido as penas. E no céu havia provavelmente mais de mil pássaros, voando ao longo das bordas do canavial em chamas, pegando as cobras, os ratos e gambás que fugiam do fogo.

Quando o vento mudava de repente, os cortadores ficavam presos entre as áreas incendiadas. Homens morriam. Não todo ano, mas com frequência suficiente para tornar as queimadas um momento de inquietação no Riacho Doce. Nós, na casa-grande, recebíamos ordem de ficar longe dos canaviais.

Nos meses depois da morte de Dona Aurora, quando Graça e eu fizemos 13 anos, ela foi enviada para longe durante essa época, para ficar com uma tia no Recife. Seu Pimentel mandou dinheiro suficiente para a tia comprar um novo guarda-roupa completo para ela. Os botões de suas blusas antigas se esticavam contra o busto que crescia. As saias estavam apertadas nas coxas. Uma costureira no Recife podia fazer uma dezena de vestidos largos para Graça, mas nem mesmo um saco de aniagem conseguiria esconder sua nova silhueta. Era difícil para todo mundo no Riacho Doce – criadas, criados, até o Velho Euclides – não ficar olhando quando ela passava.

Graça não era bonita, pelo menos não como fomos ensinados a ver a beleza, como algo que provoca desejo ou necessidade de proteger. Graça não era sensual nem delicada. Não havia nada realmente extraordinário em sua boca, em seus olhos ou seu corpo. Mas quando a gente combinava todos os seus atributos físicos com a voz, o riso, a energia crua e inabalável e a

maneira como se movia, Graça nos fazia acreditar que ela era linda. Estar ao lado dela fazia a pessoa se sentir parte de uma grande aventura, um destino cheio de significado e propósito. Sua beleza não era uma característica física. Era uma influência sob a qual se caía – como uma bebida forte ou uma carreira de pó –, infundindo a pessoa com coragem, espirituosidade e simpatia que a gente nem tinha ideia de que tinha, até ela fazer tudo aquilo sair com jeitinho.

Eu não sabia disso quando éramos crianças, claro. Fui perceber muitos anos depois, quando vi Graça em seu caixão. Ele estava cercado de flores e Graça lá dentro, de olhos fechados, com os braços cruzados sobre o peito. Usava um vestido de gala vermelho e seu batom vermelho característico, mas parecia perturbadoramente comum: uma professora primária fantasiada de atriz. Inclinei-me e a belisquei com força.

– Graça, pare de brincadeira! Levante-se. Por favor! – sussurrei, até Vinicius me puxar para longe.

Ao contrário de Graça, nos nossos anos de adolescência eu fiquei alta, e não curvilínea. Minhas blusas eram curtas demais para o tronco; as saias não conseguiam cobrir as pernas subitamente desengonçadas e pouco cooperativas. Eu tinha que me inclinar para passar pelas portas baixas da cozinha. Os cavalariços, os trabalhadores do engenho, até Seu Pimentel precisavam levantar a cabeça para me olhar nos olhos. Muitos anos depois, quando nos mudamos para Los Angeles, medir 1,78 não era algo estranho em meio às estrelas amazonas e aos galãs robustos do cinema, mas no Brasil eu era indiscutivelmente enorme. Na adolescência minha altura não me incomodava tanto quanto as outras mudanças no corpo. Meu peito estava sensível ao toque e, para meu horror, pelos escuros brotaram embaixo dos meus braços e entre as minhas pernas. As criadas e as ajudantes de cozinha tinham pelos nesses lugares, mas nelas isso parecia natural, bonito até.

No fim do dia Nena sempre ordenava que algumas ajudantes voltassem aos seus postos porque tinham esquecido de limpar direito alguma coisa. Durante a queimada da cana, ela me mandou para a área do vestiário das mulheres, para pegar as ajudantes de cozinha delinquentes. Havia um bando delas lá, fofocando e tirando os uniformes e aventais para serem lavados. Eu me escondi junto à porta, tonta com o cheiro de perfume barato misturado com a fumaça da queimada, e fiquei olhando aquelas gloriosas moças do campo se espremerem para fora de seus uniformes engomados. Era um mistério como aquelas moças, que antes me maltratavam e irritavam, haviam subitamente se tornado as criaturas mais fascinantes que eu já tinha visto. Tentei ficar fora das vistas pelo máximo de tempo que pude, só para olhá-las desabotoar os uniformes e levantar os braços compridos acima da cabeça, com as axilas cheias de pelos, as barrigas lisas, os seios pendendo redondos e macios como frutas perfeitamente maduras.

Uma das empregadas me pegou junto à porta.

– Sua espiã – sussurrou ela. – Não vá contar à Nena o que eu falei, de me encontrar com o Rodrigo atrás do galinheiro.

– Está brincando – disse outra empregada. – Jega não estava prestando atenção a uma palavra do que você disse! – falou ela, antes de segurar os seios nus e os sacudir para mim.

Olhei para as tábuas do piso. As empregadas riram. Eram grosseiras, más, e esperavam que

eu saísse correndo sem dar as ordens de Nena. Respirei fundo e olhei de novo para a que estava sem blusa.

– Nena quer você de volta na cozinha. Você não esfregou direito as tábuas de corte.

Ela sorriu.

– Quando você vai arranjar um namorado, Jega?

– Nunca – rosnei.

As empregadas riram.

– Você vai mudar de ideia. Ou um dos rapazes vai mudar sua ideia por você.

– A quem a gente pode pagar para domar a Jega? – berrou outra moça. – Ela vai morder e escoicear, mas vai ser montada!

Deixei as moças cacarejando e tossindo no vestiário e corri até o pomar. O sol havia se posto, mas uma queimada iluminava o horizonte no oeste. As árvores do pomar estavam peludas, cobertas por cinzas caídas. Andei em volta delas.

Eu não tinha intenção de ser montada por um cavalariço, por um criado ou por qualquer rapaz, na verdade. Nena era a cozinheira-chefe e não tinha marido nem filhos, nem desejo mais profundo do que o de servir à família Pimentel. Sempre acreditei que esse seria o meu destino, até que Graça chegou. Queria que ela estivesse ali, naquele pomar comigo, e não no Recife, comprando vestidos idiotas. Tentei invocá-la, tentei ouvir sua voz me convencendo de que as criadas eram umas chatas imbecis, e que sonhos maiores, mais grandiosos do que o de ser uma cozinheira de engenho, eram possíveis. Nauseada de saudade de Graça, olhei a cana queimando no horizonte.

Então desobedeci à regra da colheita e fui ver a queimada.

Depois do que pareceram horas caminhando, me escondi atrás de uma carroça que os cortadores usavam para carregar as latas de gasolina e fiquei olhando enquanto eles começavam uma queimada na borda de uma área plantada. A princípio o fogo era tímido. Lambia as hastes e as folhas caídas. Depois subiu, cada vez mais decidido, ganhando confiança, até finalmente jorrar para cima e chamejar, um manancial de luz e calor.

Voltei à casa-grande coberta de fuligem e tão zonza que me sentia bêbada, antes mesmo de saber o que era estar bêbada. Nena me deu uma surra. Naquela noite estava particularmente séria, e fustigou minhas pernas e meu traseiro com uma vara até a pele ficar vermelha e escoriada.

– Está ruim da cabeça?! – disse, ofegante de tanto me bater. – O fogo não se importa se você é uma menina ou uma moita de cana; ele não vai parar por sua causa. Ele quer tudo que tocar.

Durante toda a minha breve vida eu tinha sentido uma dor perpétua, como um dente podre que jamais pudesse curar. Como um osso quebrado que nunca se consolidasse. Jega não tinha permissão de querer nada além dos desejos mais básicos da condição humana: um prato de comida, uma cama, sobrevivência. Mas Das Dores? Das Dores tinha ganhado um caderno e um lápis, aulas, livros e palavras. Tinha ganhado música e uma plateia. Tinha ganhado uma amiga.

Para além daquela cozinha e daqueles canaviais existia um mundo de possibilidades que eu não conseguia imaginar, mas queria. Fiquei pasma com a avidez daquele incêndio no canavial. Era lindo em sua necessidade constante, em sua fome sem limites. Olhei-o queimar, o calor

golpeando minha pele, e soube que éramos parecidos, aquele fogo e eu. Queríamos mais do que nos davam, e sempre seria assim.

FUGA

Lembras, meu amor,
quando me convenceste a fugir?
Éramos unha e carne,
com todo o futuro por vir.

Fizemos nossos planos.
Fugimos.
Deixando tudo que nos atava.
Depois disseste que eu não te amava.

Mas não posso perder a cabeça
quando há contas a pagar.
Meu amor é lavar suas roupas.
Meu amor é cozinhar.
Meu amor é ver nossos filhos dormir.
Meu amor é varrer os quintais.
Meu amor é jamais descansar.
Meu amor é profundo demais.

Fizemos nossos planos.
Fugimos.
Deixamos tudo que nos atava.
Depois disseste que eu não te amava.

Não sabes que esse amor,
mais incêndio do que brasa,
não mantém a luz acesa,
Não aquece a nossa casa?

Meu amor é lavar as janelas.
Meu amor é remendar o colchão.
Meu amor é enxugar as panelas.

Meu amor é encerar o chão.

Mas fizeste teus planos,
fugiste.
Em nossa casa arrumada eu ficava.
E disseste que eu não te amava.

Antes de ela virar Sofia Salvador e eu me tornar Das Dores de Oliveira, Graça e eu tínhamos nossos discos no Riacho Doce. Acreditávamos que a música emergia magicamente daqueles discos. Mais tarde, quando gravamos nossas canções em LPs, descobrimos a verdade: os sulcos dos discos eram um código lido pela agulha da vitrola; as notas graves eram sulcos grossos na superfície, as notas agudas eram os finos. A agulha, vibrando mil vezes por segundo, cai naqueles picos e vales e, milagrosamente, decifra a música.

O que é o som, senão uma vibração levada pelo ar? Uma maré interminável e invisível que bate em nossos tímpanos durante toda a vida. É avassalador pensar na cacofonia do mundo. Nem mesmo o útero é silencioso: ouvimos o chiado do sangue, a percussão do coração, o ronco do estômago e a voz da nossa mãe – reverberada no líquido – até vibrar dentro de cada um dos nossos ossos minúsculos.

Pelo bem de nossa sanidade, aprendemos a distinguir quais sons são importantes e quais devemos ignorar. Memorizamos a diferença entre um sussurro e um grito, um ronronar e um rosnado. Construímos dentro de nós uma grande lista de sons, até que ouvimos o rangido de um degrau e sabemos, pela profundidade e pelo timbre, quanto peso está sendo posto na madeira e quem está subindo a escada para nos saudar. Uma inspiração e o estalo suave de um papel fazem a gente ansiar por um cigarro. E quando a pessoa amada suspira, aprendemos a distinguir entre um suspiro longo e agudo e outro curto e rouco, e sabemos se ela está satisfeita ou desapontada. Assim, veja bem, o som nunca é simplesmente som. O som é memória.

Minha memória é um long-play, mas como naquela primeira geração de LPs, existem idiossincrasias: notas sustentadas que oscilam ligeiramente; às vezes um empenamento, ou um som opaco; e o pré-eco, que era quando uma parte da música surgia fraca, prematura, à frente do tempo. Aquilo não deveria estar ali. Não deveria revelar o que vem depois, muito depois, se é que vem. A gente nunca tem certeza se o pré-eco é real ou imaginado. Aqui vai um pré-eco para você:

Vinicius e eu estamos sentados no bar do Desert Inn, bebericando uísque e esperando a

explosão. O Desert Inn tem uma enorme janela panorâmica que dá para a Strip e o deserto. A 100 quilômetros de Las Vegas, no Mohave, o governo vai detonar uma bomba atômica. Alguns hotéis contrataram limusines para levar convidados especiais para perto do local da explosão, para verem melhor. Mas no Desert Inn acontece uma Festa Atômica.

Graça está no palco. Usa um vestido verde elétrico e uma estola de pele branca. Seu cabelo está recém-tingido de preto, tão curto que parece uma peliça. Ela canta "Fuga", uma das minhas favoritas, num ritmo mais lento do que a música permite. A letra deveria ser cantada rapidamente, de modo que a plateia entenda a natureza frenética das palavras e seu lamento. Mas Graça arrasta o ritmo, parando depois de cada palavra. Sorri e faz gestos amplos com os braços, mas suas pernas permanecem plantadas no meio do palco. Seus olhos estão vidrados. A plateia, como Vinicius e eu, divide a atenção entre Sofia Salvador e a janela panorâmica, esperando a explosão.

A Strip é um carnaval de neon. Duvido que possamos ver a explosão tão de longe e com tanta iluminação em volta, mas, antes que eu possa dizer isso, Vinicius acena com a cabeça na direção da janela.

– Lá vai – diz ele.

No horizonte há um pequeno clarão. Depois um rugido, parecido com uma trovoada. Só que, em vez de viajar por cima de nós, o som se move por baixo. A janela panorâmica do Desert Inn treme. Nossas bebidas estremecem no balcão. A noite vira dia. A Strip desaparece numa luz branca que vem na nossa direção, mais forte do que um refletor. Vinicius segura minha mão. Dou as costas para a janela panorâmica e olho para Graça. Ela parou de cantar, mas está com a boca aberta. Seus olhos perderam a expressão nebulosa. Ela olha o horizonte fixamente – tão luminoso e ofuscante – e sorri como se estivesse diante de uma enorme multidão aplaudindo. Então a luz finalmente chega até nós, e Graça, o palco, Vinicius, o bar e todos os clientes, inclusive eu, estamos inundados de luz, depois somos obliterados por ela.

Eu me lembro disso. Me lembro do gelo batendo no copo de uísque enquanto o balcão tremia. Me lembro da leve expressão de pânico no rosto de Vinicius, da cor do vestido de Graça, da luz forte – e, no entanto, nada disso pode ser verdade. O Desert Inn nunca marcou apresentações de artistas durante as festas para assistir às explosões atômicas; a bomba em si era diversão suficiente. A maioria das detonações acontecia às quatro da madrugada, de modo que nessa hora estaríamos dormindo, depois de uma longa noite de shows na Strip. Naqueles shows, Vinicius tocava junto com outros músicos exilados, de modo que estaria no palco, não ao meu lado no bar. Eu estaria bêbada – bêbada demais para me deixarem ficar na plateia. E Graça? Ela jamais pôs os pés em Las Vegas. A essa altura já fazia muito tempo que tinha morrido, no entanto aqui está ela, na minha mente, na minha memória, intrometendo-se teimosamente onde não deveria.

Será que uma coisa pode ser chamada de lembrança se não for verdade?

É minha culpa Graça estar aqui; passei tantos anos invocando-a que agora ela aparece quando bem entende, e em lugares onde sua presença física é uma impossibilidade.

Nos anos depois da morte de Graça, sempre que Vinicius e eu comíamos algo incrível,

assistíamos a um show horrível ou escutávamos o disco de um músico iniciante, perguntávamos um ao outro: *Dá para imaginar o que Graça diria sobre isso?* E então a recriávamos um para o outro, numa espécie de competição.

– Graça teria detestado aquela cantorinha vagabunda – eu diria.

E Vinicius balançaria a cabeça, contrapondo:

– Ela teria adorado.

Às vezes essas pequenas discordâncias se transformavam em discussões genuínas, dependendo do nosso humor.

– Você não a conhecia como eu – era o insulto mais cruel que Vinicius e eu podíamos infligir um ao outro.

Será que a conhecíamos? Quem era essa Graça que nós dois criamos? Era sempre jovem, sempre linda, sempre falando palavrões e rindo com a cabeça jogada para trás. Nossa Graça nunca precisava suportar as indignidades da velhice: os ossos doloridos, a carne flácida, a memória se esvaindo.

Uma vida depois, quando o Alzheimer de Vinicius progrediu, ficou mais difícil para ele invocá-la de maneira concreta, mas Graça persistiu. Nos dias em que o rosto dele era uma máscara – as enfermeiras chamavam de Cara de Leão – impassível e sem emoções, como se Vinicius tivesse desaparecido dentro de si mesmo, ele às vezes retornava por alguns instantes, os olhos brilhando, a boca aberta num ofegar minúsculo, como se ele tivesse acabado de nadar de volta à superfície de si mesmo.

– Que batida você é? – perguntou ele.

– Batida?

– Você é *bim bim bim, barrum pum pum* ou *dum dum dum*?

Gargalhei.

– Sou *dum dum dum*.

Vinicius assentiu muito sério.

– E que batida eu sou?

– Você? Bom, deixe-me ver. Você é uma batida complicada: *ba para para ba ba ba ba ba parum pa!*

Ele sorriu.

– Os rapazes morreram, mas ela sabe onde encontrá-los.

– Sabe? – perguntei, sabendo exatamente de quem ele falava.

Vinicius assentiu.

– Que batida ela é? – perguntei.

Ele se encolheu como se estivesse sentindo dor. Então seu rosto se afrouxou e ele desapareceu de novo sob a superfície.

Como será sentir a si mesmo escapulindo?

Fechei os olhos e vi Graça de novo naquele palco de Las Vegas, olhando de olhos arregalados para a explosão atômica. Será que estou perdendo o tino? Ou simplesmente fazendo o que sempre fiz: me agarrando às coisas com força demais, até sufocá-las?

FUGA

Semanas após o fim das queimadas, depois de os talos de cana serem colhidos para fazer açúcar e de Graça voltar do Recife, eu estava deitada no meu catre sonhando com ajudantes de cozinha cruéis, com seus pés empoeirados e mãos ressecadas, seus corpos perfeitos e línguas afiadas, quando senti uma ardência dolorosa no braço. Graça me acordou com um beliscão.

– Vamos – sussurrou ela.

Nena estava dormindo profundamente em seu catre.

– Para onde? – sussurrei, mas Graça já estava passando pela porta, nas pontas dos pés. Pus um xale em cima da camisola e fui atrás.

A noite estava quente, a casa-grande silenciosa. Graça me levou à sala. Ali destrancou uma porta com painéis de vidro que levavam à varanda. Lá fora levantou a camisola e pulou o parapeito. Fui atrás, confusa demais para falar.

Havia uma brisa. O cheiro de cana chamuscada permanecia no ar, agora fundido ao cheiro do açúcar queimado que borbulhava nos tachos do engenho todo dia. A grama do jardim estava molhada sob meus pés descalços. Vinda das palhoças dos cortadores de cana, eu ouvia a batida constante e familiar dos tambores.

Graça saiu pelo portão da casa-grande e foi na direção do rio, na direção daqueles tambores. Puxei-a pelo braço.

– Não podemos – falei. – Lá, não.

– Escute – sussurrou Graça. Um coro de vozes, masculinas e femininas, subia acima das pancadas graves dos tambores. – Quero ouvi-los.

– Não podemos ir lá.

Graça se soltou da minha mão.

– Eu vou, Dor.

– Eu vou contar. Vou acordar a casa toda.

Graça ficou imóvel.

– Faça isso – disse. – É você quem vão chicotear por sair à noite. Por me corromper.

– Nunca mais vão deixar a gente escutar nossos discos.

– E daí?

– Por favor – pedi, segurando sua mão. Ela estava frouxa entre os meus dedos. – Vamos voltar.

– Prefiro morrer.

Graça fazia frequentemente essa ameaça nos nossos anos juntas, mas naquela noite foi a primeira vez que ela me disse isso. Visualizei-a enfiada num caixão minúsculo. Senti um embrulho no estômago. Encolhi-me e Graça segurou minhas mãos, de modo que éramos imagens espelhadas uma da outra, com nossas camisolas brancas e nossos xales.

– Você quer ficar nessa casa – disse ela. – Se não tomar cuidado vai ficar aí a vida toda. Mas eu preciso *ver* coisas, Dor. Preciso ouvir. Coisas da vida real, não só as músicas num punhado de discos. Você não quer saber o que eles estão cantando? Não quer sentir? Se vamos ser artistas de verdade, precisamos sentir!

Graça ofegava, decidida como uma heroína. Acreditava que era nossa salvadora, e sua arrogância era envolvente. Durante toda a vida conseguiu convencer os outros de que eram heróis corajosos na história dela: sempre na história dela. Nessa noite ela convenceu a mim.

Uma fogueira iluminava as fileiras de palhoças dos cortadores. Homens e mulheres estavam sentados no chão ao redor, de pernas cruzadas. Graça e eu nos agachamos nas sombras perto do rio.

Quatro cortadores estavam sentados em banquinhos. Seus braços brilhavam com cicatrizes. Um homem se curvava sobre um tambor. Dois outros seguravam latas vazias e batiam nelas com as pontas dos facões. O quarto segurava um tambor pequeno no colo. Como os outros tambores, esse tinha um couro seco esticado na parte de cima, mas era aberto embaixo. No meio do couro, atravessando o centro, havia uma vareta de bambu. Em vez de bater no tamborzinho, o homem pegava um pano molhado, enfiava a mão dentro do tambor e massageava a varinha, para cima e para baixo, até ela gemer. Então um dos cortadores começou a cantar:

> “Amor, quero bater na sua janela.
> Será que você vai me olhar?
> E vou pedir um copo d’água.
> Será que você vai me escutar?
> Enche esse copo, depressa.
> Traz ele pra eu beber.
> Pra eu roçar a sua mão.
> Amor, você me dá sede.
> Seu toque dói feito ferro de marcar.”

Durante muitos anos os clássicos dos nossos discos tinham sido minha principal compreensão do que era música. Eu amava aquelas canções como uma criança ama um parente velho, considerando-o uma pessoa doce e boa, sem ter ideia de há quanto tempo ele resiste nem por quê. As músicas dos cortadores de cana eram diferentes. Continham mensagens cifradas sobre a vida adulta que eu queria decodificar tanto quanto Graça.

Mais tarde ficamos sabendo que aquele tamborzinho gemedor se chamava cuíca. Graça disse que o som dele lhe dava vontade de chorar.

– Mas você não chorou – observei.

Graça revirou os olhos.

– Bom, eu *senti vontade*, Dor. Mas não ia fazer barulho para ser apanhada. Isso iria estragar a música. Precisamos voltar. Não podemos perder nenhuma noite. Essas rodas vão nos salvar.

– Salvar de quê?

– De tudo.

Toda noite esperávamos o som dos tambores. Sempre que ouvíamos, Graça e eu íamos de mansinho até o rio e nos agachávamos cada vez mais perto das rodas dos cortadores. Para minha grande surpresa, eu reconhecia rostos que via todo dia na casa-grande. As ajudantes de cozinha que eu odiava e admirava ficavam perto da fogueira, de mãos dadas com os cavalariços. A lavadeira Clara, de pescoço grosso, cantava com os cortadores. O Velho Euclides se sentava num balde emborcado e balançava a cabeça no ritmo da música. Todos confraternizavam com os cortadores, desobedecendo a regras que eu achava que eram invioláveis.

– Uma casa sem uma patroa é uma casa cheia de encrenca – murmurava Nena, apesar de ter se tornado a comandante temporária da casa-grande.

– Não me chateie! Pergunte a Nena – era o bordão de Seu Pimentel no ano depois da morte da mulher.

A despensa estava mais vazia a cada vez que eu contava os mantimentos. Não havia mais temperos chiques do Recife, barris de farinha para bolos, frutas cristalizadas para decorar os pudins. As quantidades diárias de mandioca e feijão que Nena dava a mim e às moças da cozinha diminuíam cada vez mais. Ela começou a barganhar com o açougueiro de novo, comprando pedaços minúsculos dos melhores cortes e guardando-os para Graça e Seu Pimentel. Quando a Bruxa reclamava de suas parcas porções, Nena ordenava que ela saísse de sua cozinha. Quando Graça reclamava que não tinha uma sobremesa diferente a cada dia, Nena revirava a cozinha em busca de uma lata perdida de leite condensado.

– Diga à sua amiguinha que é melhor o pai dela parar de desperdiçar o resto do dinheiro da patroa com bobagens! – resmungava Nena.

Ela jamais esperava que eu dissesse essas coisas a Graça, e eu nunca dizia. Os patrões sabem pouco sobre os empregados, mas o contrário nunca é verdadeiro. Quando você trabalha numa casa, vê cada lençol manchado, cada travesseiro com ranho endurecido de choro noturno, cada

coisa no lixo, cada comida que fica no prato, cada comprimido no armário de remédios, cada livro deixado aberto na última página lida. Você aprende os hábitos e as rotinas do patrão porque precisa. E, fazendo isso, fica sabendo quando essas rotinas não são cumpridas ou quando novos hábitos são adquiridos.

Seu Pimentel deixou a barba crescer e as botas sem engraxar. Esvaziava meia garrafa de cachaça a cada refeição, depois ia cambaleando até o escritório. Visitava a capelinha e voltava de olhos vermelhos, com a língua afiada, explodindo com qualquer empregada ou cavalariço que tivesse o azar de atravessar seu caminho. Andava implacavelmente atrás de algumas criadas, cortejando-as com palavras e carinhos até que capitulassem. Sem a patroa para controlar seus apetites, o senhor tinha as rédeas soltas. Às vezes levava uma criada para um armário de roupas de cama ou para sua sala particular. A maioria das criadas tinha pelo menos 18 anos ou mais. Porém algumas tinham 14 – a mesma idade de Graça e eu. Na casa-grande havia uma regra não dita de jamais abrir porta nenhuma sem bater antes, mesmo se fosse da despensa ou de um armário de vassouras.

As manhãs eram as melhores horas para estar na companhia de Seu Pimentel; apesar de estar grogue, ele não tinha bebido nem uma gota. Esses eram os momentos em que ele se mostrava paciente e até mesmo gentil com a filha. Na hora do café ele pedia para Graça contar histórias e escutava com atenção fascinada. Dizia que ela era linda e a chamava de seu tesouro. À noite ele era menos previsível. No fim da tarde ordenava que Graça fosse para a sala e cantasse para ele.

Eu não tinha permissão de me juntar aos dois, mas espiava sempre que podia, enfiada num dos meus antigos esconderijos. Ficava sentada espremida entre o fonógrafo e a parede, os ombros encurvados, as pernas ficando dormentes. Em geral Graça cantava e o senhor pousava sua bebida e fechava os olhos. Às vezes ele caía no sono e Graça saía nas pontas dos pés. Em outras ocasiões ele acordava do transe com palavras ásperas prontas, como se as tivesse sonhado.

– Você estava tão chata que eu dormi – dizia. Ou: – Não sei por que sua mãe incentivava você.

Nessas noites Graça ia para o quarto e chorava com a porta trancada, comigo do outro lado, esperando. Depois abria a porta, enxugava os olhos e pegava minha mão, nossos dedos entrelaçados, então íamos de fininho até as rodas dos cortadores. Mas havia outras noites em que ele fazia elogios e Graça ficava risonha e ruborizada depois de sair da sala. Quando íamos até as rodas dos cortadores mais tarde, ela quase saltitava ao longo do caminho de terra, me deixando para trás.

– Sua mãe estava certa – disse Seu Pimentel certa vez. – Você tem uma voz linda. Vou sentir falta dela.

Graça ficou parada, de pé, diante dele.

– Para onde o senhor vai, papai?

– Eu não vou a lugar nenhum, querida. Você é que vai se casar.

O casamento era uma inevitabilidade que pairava sobre o futuro de Graça, jamais com data ou hora certa, como a morte. Sabíamos que iria acontecer, mas nos convencíamos de que não seria tão cedo.

Um ano depois do enterro de Dona Aurora, Seu Pimentel viajou ao Recife e ficou uma semana. Quando voltou, estava com a barba feita e o cabelo repartido de um modo diferente. Em outra ida ao Recife, encomendou uma dezena de ternos novos, na última moda. Um dia voltou ao Riacho Doce dirigindo um automóvel novo com teto conversível.

– O galo saiu do galinheiro – dizia Nena a cada vez que o carro de Seu Pimentel saía pelo portão da casa-grande.

As moças da cozinha sussurravam boatos sobre as finanças dele. O preço do açúcar não tinha subido depois da Depressão, e até mesmo os melhores senhores de terras passavam por dificuldades e estavam afundados em dívidas. Alguns tinham queimado a safra para tentar aumentar o valor do açúcar. Algumas criadas se perguntavam se deveriam deixar o Riacho Doce e caminhar até o Recife para arranjar trabalho antes que Seu Pimentel falisse de vez, ou antes que uma patroa nova e má chegasse. O boato era que o senhor estava procurando uma esposa rica e jovem.

Graça e eu não nos incomodávamos com as ausências de Seu Pimentel. Quando voltava do Recife, ele bebia menos e ficava mais animado. Mas uma nova patroa significava encrenca: nenhuma esposa nova iria querer rivalizar com uma filha adolescente e rebelde, uma governanta rabugenta e uma ajudante de cozinha instruída. Ela quereria povoar a casa-grande com filhos novos e empregados de confiança, expulsar qualquer resquício da vida anterior do marido. Mas mesmo depois de muitas viagens ao Recife, uma futura esposa jamais apareceu. Em vez disso Seu Pimentel começou a derramar suas atenções (e o que restava do dinheiro) em cima de Graça. Voltava das viagens com luvas de seda, pingentes de ouro e vestidos caros. Um dia um grande caminhão atravessou o portão e parou diante da porta da frente. Dois trabalhadores do engenho tiraram lá de dentro uma máquina enrolada em cobertores e amarrada numa tábua como uma espécie de fera. Desembrulhada, a máquina era feita de madeira e tinha a parte superior em arco, como uma porta. Seu Pimentel bateu na lateral como se testasse a forma física de um animal. Em seguida olhou para Graça e disse:

– Toda casa respeitável no Recife tem um desses. Devemos mostrar aos convidados que estamos acompanhando os novos tempos.

Graça e eu estávamos tão fascinadas com a entrega que não perguntamos a Seu Pimentel que convidados ele esperava impressionar. Eu tinha ouvido a palavra *rádio* muitas vezes – os primos de Graça que vinham do Recife haviam alardeado que eram sócios da Rádio Clube do Recife, com pagamentos mensais que lhes permitiam ouvir programas e músicas. A ideia de vozes se movendo pelo ar e entrando numa caixa de madeira parecia um dos milagres bíblicos dos quais o Velho Euclides falava. Só que esse milagre estava acontecendo todo dia, à nossa volta.

Assim que o rádio chegou à sala de estar da casa-grande, os empregados tiveram permissão de se juntar e ver Seu Pimentel ligar a máquina pela primeira vez. O chiado que brotou dos alto-falantes parecia um enxame de abelhas furiosas. Mais tarde fiquei sabendo que esse barulho era

estática. Então Seu Pimentel virou lentamente o botão e a voz distante de uma mulher cantou pelo alto-falante revestido de tecido:

> “Ah! Padeiro da esquina,
> que faz pão e não se cansa,
> só faça pão para mim
> usando farinha Bragança!”

Todos que estavam apinhados na sala desapareceram. Fechei os olhos e senti apenas a presença daquela mulher do rádio, de sua voz e das minhas perguntas. Que lugar exótico era aquele em que a farinha não era chamada simplesmente de “farinha”, e sim de “farinha Bragança”? Onde era que essas coisas faziam diferença? Onde era que as pessoas notavam essas diferenças a ponto de cantar sobre elas? Graça segurou minha mão. Abri os olhos e a vi ao meu lado, de boca aberta, o rosto vermelho, a respiração ofegante. Ela parecia ter subido e descido dez vezes a escada da casa-grande, mas não tinha se movido um centímetro desde que o rádio fora revelado.

Agora, em vez dos discos, tínhamos a hora do rádio, às cinco. Toda tarde Graça e eu corríamos para a sala, com a Bruxa nos nossos calcanhares dizendo para irmos devagar, e ligávamos a máquina.

O programa das cinco horas consistia em um segmento de notícias, alguns esquetes dramáticos, jingles da Rádio Clube e um intervalo musical. A música era a única parte do programa da qual eu realmente gostava, mas Graça adorava tudo. A cada vez que nos sentávamos na frente do rádio, Graça pegava minha mão e fechava os olhos com força, como se estivesse se afastando do Riacho Doce e indo até a rádio Mayrink no Rio de Janeiro. Minha mão parecia ser a única coisa que a mantinha ao meu lado. Eu segurava com força.

Eu ia dormir pensando no rádio e em sua música, e acordava todo dia empolgada, esperando dar cinco horas. Nada mais parecia importante. Até as aulas da Bruxa, que antes eu amava, se tornaram de um tédio agonizante. Eu me sentia obrigada a mascarar a impaciência e o tédio durante as aulas, mas Graça não. Ela sonhava acordada, fazia o dever às pressas e de qualquer jeito, não se esforçava para aprender. A Bruxa chamava Graça de impertinente e mimada. Dava petelecos na testa dela a cada vez que ela não respondia direito. Numa tarde, a Bruxa estapeou as orelhas de Graça. Deu um “telefone”, como dizemos hoje em dia.

Graça correu para o escritório do engenho, onde irrompeu em lágrimas e mostrou as orelhas vermelhas a Seu Pimentel. Ele balançou a cabeça.

– Está na hora de você aprender a respeitar sua professora, Maria das Graças. Logo você terá de respeitar um marido, e ele vai fazer coisa muito pior se você não escutar.

Graça saiu atabalhoadamente do escritório, o rosto pálido e o olhar perdido. Fomos juntas até o rio e nos sentamos na margem.

– Odeio este lugar – disse ela, chorando.

– Eu também – concordei, mesmo não tendo nada melhor para comparar e nenhuma esperança verdadeira de ir embora.

Minha única fuga era a música que escutávamos na sala da casa-grande de dia e nas rodas dos cortadores à noite.

Uma noite, perto da roda, Graça e eu nos agachamos tão perto da fogueira dos cortadores que quase podíamos sentir o calor. De repente, no meio de uma música, o Velho Euclides estava do nosso lado. Agarrou meu braço com força e me puxou do esconderijo.

– Jega! Leve ela de volta – ordenou ele, apontando com o queixo na direção de Graça. – Ela não pode ficar aqui.

– Você também não deveria estar aqui – respondi.

Euclides levantou sua mão enrugada. Fechei os olhos com força, me preparando para o golpe. Mas antes de ele me bater, Graça falou.

– Vá embora – ordenou ela. – Você está estragando a música.

Os cortadores tinham parado de cantar. O grupo olhava na nossa direção. Várias criadas se afastaram da fogueira e correram de volta para seus alojamentos atrás da casa-grande, com medo de Graça dedurá-las.

Euclides soltou meu braço. Sorriu para Graça.

– Desculpe. O barulho está atrapalhando a patroinha? Vamos ficar quietos para a patroinha dormir.

– Não quero dormir – disse Graça. – Quero escutar. – Ela ajeitou o xale e foi para perto da fogueira. – Continuem – disse aos cortadores, suas mulheres e filhos. – Finjam que eu não estou aqui.

Os cortadores obedeceram. Escolheram canções com letras chatas, louvando o trabalho e Deus. Cantavam com rigidez, como se estivessem numa igreja. A roda se desfez mais cedo do que o normal. Enquanto voltávamos para a casa-grande, Graça amarrou o xale apertado em volta dos ombros.

– Odeio aquele idiota do Euclides – disse. – Agora a gente precisa ficar escutando música de igreja. Eles nunca mais vão cantar como antes.

– Talvez a gente não devesse ficar sentada lá.

– Agora não posso parar de ir, Dor. Vai parecer que fiquei com medo daquele jumento velho.

Balancei a cabeça.

– Nós vamos continuar indo. Mas talvez não devêssemos ficar sentadas lá feito espiãs. E se a gente cantasse, também?

Graça parou de andar.

– Toda noite eles cantam músicas diferentes. Não me lembro o suficiente para cantar junto.

– Não vamos cantar as músicas deles – falei. – Eles cantam para nós, dão o que a gente quer. E a gente dá alguma coisa que eles queiram.

– O quê, por exemplo?

– A hora do rádio – respondi.

Os empregados da casa-grande não tinham permissão de se sentar na sala dos Pimentel e ouvir o programa de rádio. Alguns se escondiam perto da sala, esperando entreouvir algum trecho. Outros me encurralavam na cozinha e perguntavam sobre o noticiário do dia. *É verdade que daqui a pouco as mulheres vão poder votar? Quantas pessoas morreram no deslizamento de terra lá no Sul? É verdade que vai ter um trem passando embaixo da terra em São Paulo?* Os cortadores de cana ficavam ainda mais longe do rádio da casa-grande, mas sabiam de sua existência e também tinham muitas perguntas sobre o mundo fora do Riacho Doce.

No dia seguinte Graça e eu escutamos a hora do rádio com mais atenção do que nunca. Depois fomos à roda dos cortadores e recriamos o máximo que pudemos lembrar: os monólogos dramáticos, os jingles das Pílulas de Vitamina do Dr. Ross, o noticiário, que repetimos como se fôssemos narradoras de verdade, e os intervalos musicais. Durante essas canções, minha voz e a de Graça faziam uma mistura estranha de dureza e suavidade, de facilidade e esforço. Eu fechava os olhos e fingia que Dona Aurora estava ali, sentada ao lado da fogueira, reunindo toda a energia para ficar de pé no fim da música e gritar: “Bravo!”

Depois de algumas semanas, outras pessoas da casa-grande – criadas, criados, ajudantes de cozinha – que antes não costumavam ir à roda começaram a aparecer junto da fogueira. Eu não tinha certeza se vinham pela novidade de ver a patroinha e a Jega se apresentando ou simplesmente para ouvir a hora do rádio. E não me importava. Eles batiam palmas para nós. Faziam perguntas. Não zombavam de mim por me apresentar ao lado da patroinha. Eu tinha tanto direito quanto Graça de estar diante daquele público. O calor da fogueira dos cortadores brilhava no meu rosto como mil luzes num palco. Eu jamais queria deixar aquilo.

Naquele verão, Graça e eu nos refugiávamos na roda dos cortadores durante a noite e no quarto abandonado de Dona Aurora durante o dia. Seu Pimentel não tinha se dado ao trabalho de separar ou guardar qualquer coisa da esposa, por isso Graça e eu estávamos livres para experimentar os chapéus com véus, as luvas de seda e as bolsas de contas. Uma vez Graça tirou do bolso do vestido uma lata de pintura vermelha para os lábios.

– Vire-se para mim – ordenou.

– Onde você arranjou isso?

– Comprei com uma criada. Faça um bico, Dor.

Balancei a cabeça.

– Só mulheres da vida pintam os lábios.

Graça suspirou.

– Não seja chata. Nas cidades de verdade todas as damas pintam o rosto. Especialmente se quiserem ser estrelas do rádio, como nós.

Graça descalçou as luvas da mãe. Esfregou um dedo na pintura labial e depois passou aquela

coisa vermelha na minha boca. Seu hálito estava quente e cheirava a café. Passou um pouco de pintura nas minhas bochechas, depois nas dela. Estávamos de costas para a porta do quarto. Quando a ouvimos se abrir, achamos que uma criada tinha vindo tirar o pó.

Graça revirou os olhos.

– Agora não! – gritou. – Estamos ocupadas.

A porta não se fechou. Ouvimos saltos de sapatos batendo no piso de pedra.

– Seu pai pediu para eu preparar você para o almoço – anunciou a Bruxa. Quando nos viramos para ela, seu queixo caiu. – Limpem a cara! Vocês estão parecendo duas vadias comuns.

Graça gargalhou.

– Existem vadias incomuns?

A Bruxa agarrou seu braço e a colocou de pé.

– Você vai receber uma visita importante.

Os olhos de Graça se arregalaram. Eu me levantei do chão. Nenhuma de nós esperava uma candidata a senhora.

– Das Dores, você vai para a cozinha – disse a Bruxa. – Nem pense em se enfiar num dos seus esconderijos.

A curiosidade fez com que obedecêssemos. Lavamos o ruge e a pintura labial e a Bruxa remexeu no armário de Graça, fazendo-a experimentar vários vestidos chiques que o patrão tinha trazido do Recife. A cada vez que eu ajudava Graça a abotoar as costas de um vestido, a Bruxa balançava a cabeça.

– Apertado demais – declarou depois da quinta tentativa. – Seu corpo faria um hábito de freira parecer vulgar. Qual é o seu vestido mais largo?

Achei um vestido azul-claro, de corte reto, no fundo do armário. Graça o vestiu com relutância e a Bruxa aprovou. Depois de prender uma fita no cabelo dela e de borrifar água de lavanda, nossa professora ordenou que eu fosse para a cozinha e acompanhou Graça descendo a escada.

Alguns minutos depois eu saí de fininho pela porta dos fundos e me encostei na parede externa da casa-grande, a que ficava mais perto do portão. Seu Pimentel acenou da varanda; havia chegado um automóvel. Assim que o motor foi desligado, um rapaz saiu do banco do motorista e tirou as luvas de couro, de dirigir. A corrente de um relógio reluzia na sua cintura. O cabelo estava esticado para trás com tanta brilhantina que ele poderia ter lubrificado cada máquina do engenho. Ele era bonito, eu acho, já que não parecia doente, inchado nem com jeito de quem bebia. Graça apareceu na varanda ao lado do pai, as mãos calçadas com luvas, segurando castamente a cintura. Suas bochechas estavam muito rosadas e qualquer idiota poderia confundir isso com rubor por ter visto um rapaz. Mas eu sabia que era o ruge que eu tinha esfregado com uma toalha áspera.

Senti uma pressão no meu ombro. Não era dolorosa, então eu soube que o toque não poderia ser de Nena.

– Eu disse para você não espionar – disse a Bruxa.

O sol do meio-dia a fazia franzir os olhos. Seu lábio superior brilhava.

– A senhora me mandou ir para a cozinha – respondi. – Não ficar lá.

Ela poderia ter dado um tapa no meu ouvido por falar assim. Em vez disso ordenou que eu subisse a escada, para ajudá-la a arrumar a sala de estudos.

– Não vamos estudar hoje – disse ela, ajeitando os livros em sua mesa. – Isso decepciona você?

Ela nunca havia me feito uma pergunta direta, antes.

– Não gosto de perder as aulas – respondi.

A Bruxa assentiu.

– Que desperdício você terminar trabalhando na cozinha. Eu já disse isso a Seu Pimentel.

As bochechas da Bruxa estavam coradas e seus olhos brilhavam; ela quase parecia entusiasmada.

– Você é uma garota inteligente – disse ela. – Esse é um dom raro. Foi gratificante ensinar a você nesses anos. Antigamente eu achava que não era certo deixar você ter aulas, lhe dando esperança quando não havia nenhuma. Achei que era crueldade por parte da senhora. Mas ela deve ter sentido que você era mais inteligente do que a maioria. Certamente é mais do que a patroinha, que é mimada até não poder mais. Tenho pena do homem que se casar com ela. Mas acho que a maioria dos homens quer uma mulher bonita, não inteligente. No meu tempo era assim; as garotas bonitas podiam ter qualquer vício, ao passo que o resto de nós precisava ter talento.

– Ela tem talento – falei. – Ela canta. Nós duas cantamos.

– Cantar é uma habilidade útil para dar festas e distrair convidados – respondeu a Bruxa. – Se o marido dela lhe oferecer algum treinamento musical, tenho certeza de que ela vai ser um sucesso nos salões do Recife.

– Ela não quer marido – falei com a voz tão alta que fez os olhos da Bruxa se arregalarem.

– Quem quer? – reagiu ela rispidamente. – A patroinha consegue tudo que quer, mas nesse caso a escolha não é dela. Você tem escolha. Você foi criada na cozinha, e isso lhe dá algumas vantagens que nem uma patroinha tem. Ninguém espera que *você* se case ou tenha filhos. Espero que você não espere isso.

Balancei a cabeça.

A Bruxa se permitiu um sorriso.

– Hoje em dia muitas mulheres jovens e capazes estão se tornando escriturárias e datilógrafas. Existem cursos de datilografia no Recife. O senhor poderia pagar para você fazer um, e você poderia voltar e trabalhar no escritório do engenho até que sua dívida seja paga. Depois disso você teria uma profissão. Poderia se mudar para o Recife, se quisesse. Você não precisa ir com a patroinha, quando ela for embora.

– Aonde ela vai?

– Ela está com 14 anos. Poderia ficar aqui para amadurecer mais um pouco, mas Seu Pimentel... Bom, tenho certeza de que o preço do açúcar não é o mesmo de antigamente. Ele tem centenas de empregados em que pensar. Eu fui... Bom, eu preciso ir embora daqui para trabalhar com outra família no Recife, uma família que pode pagar o que eu valho. Não é sensato deixar a

patroinha à toa aqui. Meninas como ela só arrumam encrenca se forem deixadas por conta própria. Se o pai dela esperar muito mais tempo, talvez ela não encontre um pretendente adequado, como aquele moço lá embaixo.

Pareceu que minha barriga estava oca, como se as tripas tivessem sido tiradas com a colher cheia de pontas que Nena usava para raspar coco de dentro da casca. A porta da sala de estudos estava aberta e eu senti vontade de passar pela Bruxa correndo e descer para a sala, avisar Graça, dizer a ela para fugir.

Quando Graça e eu éramos meninas presas nos canaviais do Nordeste do Brasil, o casamento era um modo de os ricos manterem suas fortunas restritas a um grupo minúsculo e aceitável. E o amor? O amor era apenas algo que a gente ouvia nas canções.

Crescer longe de qualquer cidade tinha suas vantagens no caso de Graça: os pretendentes podiam ser levados a acreditar que ela não fora exposta às tentações nem maculada por ideias modernas. E ela era bem bonita. Acho que era assim que Seu Pimentel anunciava Graça aos seus pretendentes: uma garota inocente, um botão de flor a ponto de se abrir. Nunca saberemos se ele fazia isso por si mesmo ou por ela. Se Graça se casasse bem, certamente Seu Pimentel se beneficiaria, quer através de empréstimos de seu genro rico, quer podendo começar sua própria busca de um casamento, dessa vez com a casa vazia e conexões familiares novas e chiques. Ou – como Graça passou a acreditar anos mais tarde, depois de perdoar Seu Pimentel – talvez seu pai quisesse cuidar dela do único modo que conhecia: colocando-a numa casa rica. Mas até mesmo as melhores intenções podem nascer do egoísmo. As minhas nasceram.

Parte de mim sempre acreditou no sofrimento: que o sofrimento é um dever e que nos deixa mais fortes, como a argila no fogo. Mas perder Graça para um marido era um golpe que eu não estava disposta a suportar. Ela não podia sair do Riacho Doce nos braços de um estranho. Não podia se tornar uma esposa, perdida de mim para sempre. Ainda que a ideia de fugirmos juntas para virarmos estrelas do rádio parecesse tão impossível quanto construir uma escada até a Lua, eu não estava pronta para abrir mão de nosso sonho compartilhado nem de nossa vida compartilhada.

Assim, naquela tarde, enquanto Graça almoçava com seu primeiro pretendente, eu fiquei no andar de cima, na sala de estudos. Ajeitei livros e aparei um número incontável de lápis, o tempo todo esperando ouvir uma balbúrdia lá embaixo, na sala de jantar: vidros quebrando, cadeiras virando; Seu Pimentel gritando; Graça respondendo a ele, protestando contra seu destino, recriando nossas heroínas do rádio em seu estilo mais dramático. Mas tudo ficou num silêncio nauseante.

Quando chegou a hora do rádio, depois de o rapaz ter ido embora e os pratos serem retirados, Graça não estava na sala. Encontrei-a no quarto de sua mãe, com uma bolsinha de veludo azul nas mãos.

– Ele me deu isso – disse ela, abrindo o cadarço da bolsa e tirando um fio de pérolas de

dentro. Graça examinou o colar, vendo cada esfera cremosa.

– E você aceitou.

Graça me olhou, surpresa.

– Claro. É bonito.

– Então você gostou dele? – perguntei, sentindo faltar o ar.

Ela encarou as pérolas de novo.

– As mãos dele pareciam pele de sapo, tão suadas e frias. Mas ele disse que eu era uma verdadeira beldade. Vai voltar na semana que vem.

– Você quer que ele volte?

Graça levantou os olhos.

– É um modo de sair daqui. Papai acha que eu só sirvo para isso. Você também acha, Dor?

Nós nos olhamos até parecer que a sala, a casa-grande e todas as plantações do Riacho Doce se esvaíam e desapareciam, deixando só nós duas naquele momento, que pareceu tão amplo e profundo que durou décadas na minha memória, de modo que, se eu fechar os olhos, ainda posso ver a Graça de 14 anos na minha frente, o rosto redondo, as sobrancelhas grossas não feitas, e o olhar com uma ferocidade elétrica.

– Não – sussurrei.

Graça largou o colar na bolsinha e a fechou com força.

Uma semana depois, o pretendente voltou ao Riacho Doce com uma valise embaixo do braço. Iria passar a noite. Graça ficou séria, sem sorrir na presença dele. Naquela noite, depois de o pretendente ir para o quarto de hóspedes, olhei do meu esconderijo na sala de estar enquanto Seu Pimentel segurava o braço de Graça.

– Jogue um pouco de charme para ele – instigou. – Deixe que ele veja aquele seu sorriso. Na semana que vem vamos receber outro convidado e fazer os dois brigarem por você. Então dê a ele alguma coisa pela qual brigar, querida.

Graça assentiu, depois pediu licença para sair. Mais tarde, quando a casa-grande estava às escuras e os tambores dos cortadores de cana soavam, esperei no nosso local de sempre, na varanda. Ela chegou usando o velho sobretudo que pertencera à sua mãe.

– Você vai pegar o carro para dar uma volta? – sussurrei, nervosa.

– Não pode ser tão difícil. Basta apertar alguns pedais – respondeu ela. Depois, vendo o que devia ser pânico no meu rosto, Graça balançou a cabeça. – Todos os portões estão fechados e o Euclides fica com as chaves. Mesmo que eu soubesse dirigir, não poderíamos passar por eles. Venha.

Ela pegou minha mão e nos afastamos da casa-grande, em direção à fogueira dos cortadores. Mas, em vez de irmos para a roda, Graça continuou por outro caminho, para longe da música.

– Aonde você vai? – perguntei.

Ela me puxou pela trilha escura.

– Ao rio.

Havia uma nesga de lua suspensa acima de nós. O rio era uma fita larga, lustrosa. Na margem, Graça soltou minha mão e começou a catar pedras – pedras grandes – e colocá-las nos bolsos fundos do casaco de lona. Atrás de nós os tambores ressoavam.

– Essas pedras são grandes demais para fazer quicar na água – falei. – Vão afundar logo.

– É isso que eu quero.

Sapos cantavam uns para os outros no lado oposto do rio, agudos e frenéticos. Graça parou de procurar pedras. Olhou para mim, depois para a água.

– Lembra da história de fantasma que você me contou? A mulher que mora na água? Ela viveu de verdade, morava aqui, como a gente. E as pessoas até hoje falam dela. Ela é uma história, e eu também vou ser.

– Que tipo de história?

Graça sorriu, e seus dentes pareciam cinza na escuridão.

– A patroinha maluca, uma garota nervosa, como a mãe, que entrou no rio com pedras nos bolsos.

– Você vai se afogar.

– Não vou. Você vai me salvar.

Balancei a cabeça. Graça suspirou, exasperada, como se já tivéssemos conversado sobre esse plano uma dezena de vezes.

– Você me seguiu até aqui porque ficou preocupada comigo. Viu o que eu estava fazendo e mergulhou. Me puxou para a segurança! Dor, lembre de gritar e fazer um grande estardalhaço, para os cortadores ouvirem. Eu vou gritar também. Vamos acordar a casa-grande.

– Por quê?

Graça cruzou os braços.

– Todo mundo diz que você é muito inteligente, mas parece uma cabeça-oca. Não vê quem está xeretando aqui hoje?

Cabeça-oca. Xeretando. Tínhamos ouvido essas palavras no rádio, ditas por heroínas espertalhonas, com mais ousadia do que bom senso.

– Não sou nenhuma bocó. Andei pensando muito nisso – continuou Graça. – Ninguém quer comprar uma fruta machucada. Bom, agora a gente precisa colocar uns machucados em mim. Se eu quiser mesmo cortar esse negócio do casamento pela raiz, preciso ser maluca ou puta. E com certeza não quero abrir as pernas para nenhum cavalariço ou cortador de cana. Então é isso, Dor. É a nossa chance. Nenhum homem quer casar com uma doida, não importa quanto seja bonita. Quando as fofocas chegarem ao Recife, eu serei tão boa para casar quanto uma solteirona.

– Você não pode só se molhar um pouco na água e gritar? – perguntei. – Sem o casaco? Sem as pedras?

Graça balançou a cabeça.

– Eles não vão engolir. Eu não vou muito fundo. E você é forte como um touro.

– E se eu não conseguir?

– Então nós duas vamos bater as botas. De qualquer modo, seremos o assunto no Riacho

Doce durante anos.

Balancei a cabeça.

– Não posso.

– Você precisa – disse Graça, sua voz subitamente séria. – Vou deixar esse buraco de qualquer jeito, nos braços de algum marido idiota ou sozinha. Mas você, não. Você precisa de mim para arrastá-la para fora daqui. Você me salva agora e eu salvo você depois.

Então foi assim que me peguei entrando até a cintura no Riacho Doce, o xará do engenho, de mãos dadas com Graça. Se eu hesitava, ela ia em frente.

– Um pouco mais, agora – disse ela, lutando com o peso do casaco. – Depois grite e comece a me puxar.

Graça olhou para mim e sorriu. Eu sorri de volta, segurando sua mão com tanta força que meus dedos doíam. Ela perdeu o apoio no fundo. A água passou por cima do seu pescoço e do cabelo. Seus olhos estavam arregalados de pânico. A correnteza do rio era mais forte do que eu esperava. Segurei-a com força, mas o peso fez meus joelhos dobrarem, me puxando para baixo d'água também. Graça agarrou minha camisola, meu pescoço, meus braços. Puxei-a com toda a força para cima e ela engasgou, depois tentou freneticamente tirar o casaco antes de afundar de novo. Puxei-a para cima outra vez e tentei ir para a margem, mas não fiz nenhum progresso. Era como se tentasse me mover dentro de concreto. Trinquei os dentes e dei um passo, depois outro, as pontas dos pés mal tocando o fundo. O tempo todo continuava segurando Graça, que tinha se acalmado o suficiente para tomar fôlego algumas vezes, sorvendo o ar. A margem não estava longe, mas na escuridão tínhamos ido mais fundo do que havíamos imaginado. Uma pedra se soltou embaixo do meu pé. Minhas pernas cederam. A água bateu no meu rosto. Eu não sabia qual lado era em cima e qual era embaixo. Segurei Graça sob as axilas e bati o braço, frenética, até chegarmos à superfície. Ouvi os tambores dos cortadores. Pensei naquela cantora de fado no palco no Recife e em como sua música havia chegado tão longe, tão depressa. Respirei fundo e gritei até minha voz preencher toda a escuridão.

Houve um som de água espirrando, um grunhido, um gorgolejo. Eu não sentia mais o fardo do meu corpo nem o de Graça. Não me agarrava nem lutava. Eu estava leve. Estaria ascendendo? Estava indo para o céu, como um santo ou um querubim? Abri os olhos e vi o rosto de um cortador de cana. Então eu estava na margem lamacenta, onde fiquei de quatro e vomitei água do rio e bile.

A camisola estava grudada no meu peito como um guardanapo molhado. Minha barriga doía de tanto vomitar. Fazia quanto tempo que eu estava naquela margem? Olhei em volta, frenética, me lembrando de Graça.

– Estão com ela – disse o cortador.

À nossa frente, longe, no caminho de terra, um grupo de cortadores de cana carregava Graça para a casa-grande. Muitas mãos a seguravam, como se ela fosse uma imagem de santa numa

procissão, ou um caixão.

O cortador solitário segurou meu braço para me firmar enquanto eu cambaleava pelo caminho, atrás de Graça. À nossa frente um automóvel rugiu, dando a partida. Seus faróis me fizeram franzir os olhos e parar logo antes do portão da casa-grande. O pretendente, de pijama, segurava o volante com as duas mãos como se estivesse aprendendo naquela hora a operar a máquina. O Velho Euclides ocupava o banco do carona, apontando para a estrada como um professor nervoso. Atrás do carro estava Nena – de camisola e xale, com um pano amarrado na cabeça. Ela passou pelo portão aberto, vindo até mim.

– Agora você conseguiu – disse ela, pegando o meu braço que estava seguro pelo cortador de cana, como um guarda recebendo um prisioneiro.

A casa-grande estava iluminada como se os Pimentel estivessem dando um baile. Nena me puxou para os fundos, para a cozinha.

– Euclides estava no carro – sussurrei com a garganta dolorida. – Com aquele homem.

Nena continuou andando, a mão enorme envolvendo meu braço.

– Para pegar o médico. O rapaz da cidade fez questão de ajudar e o patrão queria que ele saísse da casa. Euclides vai mostrar o caminho.

Parei.

– O médico?

Nena me apertou com mais força.

– Ela está bem. Não graças a ela ou a você. Ela queria atenção, e agora conseguiu.

Os cavalariços permaneciam por ali, perto do cepo de rachar lenha. Dentro, todas as criadas e ajudantes de cozinha estavam de pé, descalças e de camisola, sussurrando. Assim que Nena entrou comigo, elas se calaram. Minha camisola ainda estava molhada e grudada no corpo. Cobri o peito com o braço livre e olhei em frente, acreditando que Nena me levaria para nosso quarto e me daria uma surra. Ninguém estava me tratando como heroína, como a salvadora da patroinha, a corajosa ajudante de cozinha que tinha impedido uma tragédia, porque eu não impedi nada. Foram os cortadores. No máximo eu era um fracasso. As criadas ficariam do lado de fora do quarto, para ouvir meu castigo. Decidi não dar um pio.

Fiquei confusa quando Nena me puxou da cozinha para o corredor principal, sob as luzes fortes da frente da casa. Minha camisola estava riscada de marrom. A lama nos cotovelos e nos braços tinha secado até virar uma crosta que coçava. Do lado de fora da porta fechada da sala de estar, Nena tirou o xale e me cobriu com ele.

– Se tiver algum juízo, você vai ficar quieta – sussurrou Nena. – Todo mundo sabe que você vive atrás dela feito uma cabritinha.

Então ela fechou a mão e bateu à porta da sala. Seu Pimentel abriu.

O cabelo dele estava despenteado. Os três botões de cima da camisa estavam abertos, a aba para fora da calça, como se ele tivesse se vestido às pressas. Assim que me viu com Nena, deu meia-volta e foi até o outro lado da sala, junto ao rádio. Em cima da máquina havia meia garrafa de cachaça.

Graça estava sentada na antiga poltrona de Dona Aurora, com os joelhos enfiados embaixo

do queixo, um cobertor de lã enrolado no corpo, de modo que só sua cabeça aparecia. Seu cabelo estava molhado e emaranhado, fazendo o rosto e os olhos parecerem enormes, como um gato que tivesse sido enfiado numa banheira. Ao lado da cadeira havia um penico cheio quase até a borda com vômito aquoso.

Seu Pimentel fechou os olhos e massageou as pálpebras com as pontas dos dedos.

– A ideia foi de quem? – perguntou ele.

Graça e eu nos entreolhamos.

Seu Pimentel abriu os olhos.

– Falem!

Minhas mãos tremiam, apesar de eu não sentir frio. A sala pulsava de cor: o cobertor azul de Graça, o veludo verde do escabelo, a camisa de um branco ofuscante de Seu Pimentel, a madeira cor de chocolate do rádio. Cada quina parecia mais pontuda, cada curva mais inchada. Eu sentia uma energia intensa, inquieta, que não me deixava manter os pensamentos em ordem. Anos depois eu viria a sentir isso de novo, só que não seriam os resquícios da adrenalina a causa, mas sim Benzedrina pura, das bolinhas que tomávamos para conseguir enfrentar as longas filmagens. Alternei o peso nos pés. Seu Pimentel olhou para mim.

– É assim que você paga por tudo que eu lhe dei? – perguntou – Você encoraja as tramoias dela em vez de cumprir com seu dever de impedi-la ou de contar a alguém?

– Dor me salvou – disse Graça.

– Os cortadores salvaram você – reagiu Seu Pimentel rispidamente. – O Velho Euclides viu vocês duas entrando na água. De mãos dadas.

As bochechas dele ficaram vermelhas. A mão de Nena apertou mais o meu braço. Seu Pimentel olhou para Graça.

– Você se desgraçou. Era isso que você queria? Todos os cortadores viram você praticamente nua naquela camisola molhada. Todo mundo acha que você é uma débil mental que nem se afogar consegue.

Graça apertou o cobertor com mais força em volta do corpo.

– Não me importa o que qualquer um daqui pense. Não vou ficar aqui muito mais tempo.

– É – respondeu o patrão. – Não vai. O Recife não é a única cidade do mundo, e aquele homem – ele apontou para o teto, como se o pretendente ainda estivesse dormindo no quarto de hóspedes lá em cima – não é o último marido da Terra. Mas era o melhor que você poderia conseguir. Todas as semanas que passei no Recife cortejando-o para você, convencendo-o a viajar até aqui e conhecer minha doce filha. E aí você age feito uma lunática. Tudo que você fez com essa travessura foi tornar sua vida mais difícil.

– Não vou casar com nenhum pateta! – gritou Graça. – Vou ser cantora de rádio.

Seu Pimentel gargalhou.

Na época os artistas não eram respeitados como hoje. Cantores de rádio, coristas, dançarinas de cabaré, artistas de circo eram todos considerados o mesmo tipo de gente: trambiqueiros vagabundos e licenciosos. Uma patroinha desejar uma vida dessas era incompreensível a ponto de ser cômico. A gargalhada do Seu Pimentel preencheu a sala e pareceu se grudar em nós como

a lama da margem do rio.

– Ouviu isso, Nena? – disse Seu Pimentel, rindo. – Minha filha única quer cantar jingles anunciando manteiga e pó de arroz.

As bochechas de Graça estavam molhadas, o lábio superior cheio de ranho.

– Mamãe dizia que eu tenho uma voz magnífica.

O patrão suspirou.

– Toda mãe diz aos filhos que eles são excepcionais, mesmo que não sejam.

Sua menção a Dona Aurora a trouxe de volta, como se ela ainda estivesse ali, sentada onde Graça estava agora, pronta para escutar nossas vozes.

– Ela é excepcional! – exclamei, assustando a mim mesma. – Nós somos.

O patrão olhou na minha direção, me avaliando como se me visse pela primeira vez. Se antes eu era simplesmente uma órfã feia que seguia a filha dele por toda parte, naquela noite virei outra coisa para o patrão, algo mais. Nena apertava meu braço com tanta força que meus dedos formigavam.

– Jega – disse ela –, fique quieta.

Seu Pimentel levantou a mão com a palma para fora, como quem faz um juramento. Nena ficou em silêncio. Ele veio na nossa direção.

Atrás de mim Nena segurou meu braço e apertou os dedos dos pés com força contra meus calcanhares, pronta para me levantar depois de qualquer golpe que ele me desse. O patrão estendeu a mão e bateu com o pé no chão. Fechei os olhos com força, preparada para o golpe. Eu era o tronco de uma árvore, grossa e enraizada; minha pele, uma casca que crescia em anéis em volta de mim. Eu era a biqueira de aço de uma bota, impenetrável. Eu era Jega, que já fora espancada muitas vezes.

Esperei para sentir a ardência da sua mão em mim, triunfante, como se já tivesse vencido. Mas o tapa não veio, nem um soco, nem um cascudo na cabeça. Abri os olhos.

Seu Pimentel riu de novo, dessa vez mais alto.

– Você acha que eu sou um bruto? – perguntou. – Castigar as ajudantes da cozinha é serviço de Nena, e tenho certeza de que ela vai cumprir com seu dever. Ela sempre cumpre. Você sabe, sua mãe também era uma aproveitadora.

Vacilei. Nena me segurou com firmeza.

– Ela trabalhava na cozinha, Nena nunca contou? Eu passava o verão aqui, com meus primos, e ela tentava participar das nossas brincadeiras. Era uma coisa desengonçada, como você. Sempre atrás da gente. Quando ficamos mais velhos, nós dávamos pequenos badulaques, luvas, uma bola de gude, uma medalha num cordão, um monte de lixo, na verdade, para ir com ela para trás do galinheiro. Eu avisei à minha mulher uma dezena de vezes que filho de peixe, peixinho é. E estava certo.

Eu podia suportar mil golpes de qualquer punho, mas palavras? As palavras sempre acabariam comigo.

Um soluço minúsculo, traiçoeiro, começou a borbulhar no fundo da minha garganta, fazendo muita força para sair. Graça me olhava. Ela se desenrolou do cobertor e ficou de pé. Depois,

pelas costas do pai, como a heroína mais ousada de uma grande aventura, piscou para mim. Como se tudo aquilo fosse parte do nosso plano. Como se ela e eu estivéssemos representando nosso papel às últimas consequências e aquele não fosse o fim da nossa história, mas o começo.

Fomos separadas – eu escondida no quartinho de Nena nas entranhas da cozinha e Graça lá em cima, em seu quarto gigantesco, a porta trancada por fora para evitar novas fugas.

Depois de deixarmos a sala, meus olhos ficaram secos nas órbitas. Minhas pernas, meus braços e o pescoço latejavam no ritmo do coração, como se meu corpo fosse um único órgão enorme, pulsando.

– Febre do rio – disse Nena, e me forçou a engolir um chá entre os lábios rachados.

Quando o médico da família Pimentel finalmente chegou para examinar Graça, desceu para me olhar. Fingi que estava dormindo e, desse modo, pude ouvir a fofoca entre o médico e Nena. Foi assim que descobri que Graça seria mandada para um colégio de freiras em Petrópolis, uns 2 mil quilômetros ao sul.

– Graças ao bom Deus a patroa não estava aqui, para ver a menina naquele rio – disse Nena.

– A mãe dela tinha disposição nervosa – disse o Dr. Aurélio, baixando a voz. – Lamento dizer que as duas são muito parecidas nesse sentido.

– A patroinha quer ser artista – sussurrou Nena. – Cantora.

O médico suspirou.

– Instabilidade mental. Eu disse ao senhor que ela precisa de orientação. As freiras darão um jeito nela.

O travesseiro estava estranhamente molhado sob meu rosto. Eu não sabia se era suor ou se eram lágrimas. Tremi.

– Ora, veja quem está acordada – disse Nena.

O Dr. Aurélio deu um tapinha na minha cabeça.

– Jega, menina. Bem-vinda de volta.

O colégio Sion em Petrópolis era o lugar para onde os ricos mandavam as filhas desobedientes, para serem esquecidas – se não para sempre, pelo menos até que sua reputação fosse suficientemente restaurada. Naquela época até os colégios internos mais chiques exigiam que a família dos alunos fornecesse tudo, menos comida. Seu Pimentel reclamou do custo do tecido para fazer os lençóis, as toalhas, os uniformes e as roupas de baixo de Graça. Cada aluna daquela escola prestigiosa também deveria levar consigo uma serviçal para lavar suas roupas e preparar a comida. Essas serviçais eram chamadas de “ajudantes” e moravam na escola, sob os olhos vigilantes das freiras, e recebiam comida, alojamento e instrução religiosa. A maioria das ajudantes acabava virando freira. Todo mundo acreditou que Seu Pimentel mandaria uma criada

para Petrópolis com Graça, e as garotas sussurravam nervosas nos fundos da casa, imaginando quem seria obrigada a ir. A essa altura eu já tinha me recuperado, mancando pela cozinha, proibida por Nena de ir a qualquer lugar da frente da casa ou mesmo ao lado de fora, por medo de o patrão me ver e me expulsar de vez. As criadas, que sempre haviam implicado comigo, agora me lançavam olhares gelados, como se eu tivesse causado todos os problemas delas. Até as que sonhavam ir embora do Riacho Doce não queriam saber da vida num convento, à mercê de freiras que, naqueles tempos, eram conhecidas por serem particularmente cruéis.

Três dias depois da visita do médico, Seu Pimentel chamou Nena e eu de volta à sala. Eu não conseguia encará-lo. Em vez disso olhava seus sapatos, tão engraxados que pareciam reluzir na luz da manhã. Acho que ele considerou que minha reticência era obediência, mas Nena sabia muito bem que não era. Ela manteve a mão enorme em volta do meu braço como um torno, para garantir que eu não chegasse mais perto do patrão enquanto ele falava.

– Nena está aqui desde que eu era pequeno e tenho o maior respeito por ela – anunciou ele. – Ela é parte desta casa, como a porta da frente e as colunas. A casa não funcionaria sem ela. Por causa disso, e pela ligação dela com você, vou lhe dar uma grande oportunidade, Jega. As irmãs do Sion vão dar um jeito na sua desobediência melhor do que eu. Você vai encontrar seu lugar lá. E quando Graça tiver terminado os estudos e voltar para se casar, você ficará.

Nena apertou meu braço com força. Eu me lembrei de Seu Pimentel e de que o Sion deveria ser um castigo, e não um prêmio. Mantive os olhos baixos e murmurei um agradecimento. De volta ao nosso quarto, Nena finalmente me soltou.

– Eu deveria ter impedido vocês de irem naquelas rodas – disse ela.

– Você sabia que a gente ia?

– Todo mundo sabia. Menos o senhor. Achei que não fazia mal vocês cantarem um pouco. A patroinha pode pensar que vai ser cantora de rádio, mas eu achei que você teria mais juízo, que não ia se deixar levar por uma fantasia.

– Não é fantasia. Eu também sei cantar.

– Você bateu com a cabeça, Jega? Porque seus miolos não estão batendo bem. Se o Euclides não fosse tão enxerido, você teria se afogado. E por quê? Por causa daquela patroinha?

– Eu não ia me afogar. Ia salvar ela. Aqueles cortadores não deixaram.

– Ah, não deixaram, é? Bom, desculpe, alteza. – Ela cruzou os braços musculosos. – Você é velha demais para ficar de mãos dadas com aquela menina.

Minha pele se arrepiou, como se a febre estivesse voltando.

Nena alisou seu avental.

– Eu não criei você para viver sonhando acordada que nem Dona Aurora, que Deus a tenha, ou alguma mulher da vida como a sua mãe. A Bruxa disse que você tem cabeça boa. Seria uma pena desperdiçar. Por isso eu disse a Seu Pimentel que você tinha que ir para a tal escola de freiras, senão eu ia embora dessa casa. Isso deixou ele com medo a ponto de dar uma chance a você em Petrópolis. Aquelas freiras de lá, elas comem. Elas têm cozinhas. Você ficou de olho em mim esse tempo todo, sabe cozinhar melhor do que as outras. Mostre a elas o que você pode fazer, Jega. Esqueça aquela patroinha. Não carregue os problemas dela nas costas. Se continuar

salvando aquela criatura, vai salvar ela pelo resto da vida.

– Não quero ser cozinheira. Nem freira.

– Quem disse a você que a gente pode escolher o que vai ser?

– Eu disse.

Antes que eu pudesse levantar os braços para me proteger, Nena atravessou o quarto e prendeu meu rosto entre as duas mãos enormes, me puxando para si. Foi a coisa mais próxima de um abraço que ela já havia me dado.

– Você acha que conhece o mundo, Jega? – Nena balançou a cabeça. – O mundo vai engolir você.

No dia seguinte entrei de fininho na biblioteca da casa-grande e procurei Petrópolis no atlas. Ficava no sul, perto do Rio de Janeiro. A gente iria de navio – um dos enormes navios de passageiros que partiam diariamente do porto do Recife. Tudo aquilo parecia muito estranho e emocionante, era como se eu estivesse indo num foguete para Júpiter. Graça também estava empolgada, mas não com a viagem.

Na véspera da partida subornei uma criada para me dar a chave do quarto de Graça.

Ela estava sentada na cama, com os lençóis de lado, embolados, como se tivesse passado a noite lutando com eles. Seu rosto estava pálido. Quando me viu junto à porta, levantou correndo da cama e me deu um beijo no rosto.

– Eles deixam você aqui trancada o dia todo? – perguntei.

Minha bochecha latejava onde Graça havia beijado. Ela assentiu.

– É tão chato que até peguei um livro. Não sei como você gosta dessas coisas. – Ela colocou a mão no meu rosto. – Vou lhe dar todos os meus livros se você quiser.

Balancei a cabeça.

– Alguém vai dizer que eu roubei.

– Papai vai dizer, né? – Graça franziu os lábios. – Vamos mostrar a ele.

– Mostrar o quê?

– Vamos fugir assim que o navio atracar no Rio – sussurrou ela, como se não estivéssemos sozinhas no quarto. – Eu vou aparecer no rádio.

Na minha memória, nossa viagem para o colégio Sion é como um disco com muitas faixas esquecíveis e algumas persistentes. Lembro de ver o gigantesco navio de passageiros no cais do Recife e ficar fascinada por ele não afundar. Lembro de segurar com força meu caderninho de palavras – o único pertence que eu tinha levado do Riacho Doce, afora os uniformes de ajudante – enquanto acompanhava Graça e Seu Pimentel pela prancha de embarque. Lembro de ficar com a garganta ardendo de tanto vomitar num balde, por causa do enjoo no mar. Lembro de segurar

com muita força a mão de Graça quando a visão do Rio de Janeiro surgiu. Vimos montanhas saindo da água, com uma cidade enfiada nas curvas da terra, como se estivesse presa aos seios dela. (Há um motivo para tantas canções de amor serem dedicadas ao Rio.) Lembro do frio na estrada para Petrópolis. Apesar de conhecer bem o fresco das noites do Riacho Doce, eu nunca tinha sentido aquele ar gelado, que me fazia tremer e bater os dentes. Se até o clima de Petrópolis era estranho assim, certamente todo o resto também seria. Mas a memória mais nítida daquela viagem – que permaneceu clara mesmo em meio à névoa da idade – é de antes de colocarmos os pés no Rio. Nosso navio fez uma parada em Salvador, na Bahia, e Graça entrou na minha cabine da terceira classe e me arrancou da cama, quase derrubando meu balde de vômito.

– Você precisa ver isso – disse ela, e me puxou para fora da cabine e do barco.

No cais de Salvador, os passageiros da primeira classe passavam ao largo das áreas apinhadas e fedorentas, caminhando por uma ponte privativa. No fim da ponte havia uma pracinha com bancos, palmeiras em vasos, uma bilheteria e uma fila de carregadores prontos para receber as malas dos passageiros. Atrás deles estavam as baianas.

Turbantes brancos escondiam seus cabelos. Blusas brancas, com babados, deixavam os ombros nus. Saias amplas e brancas se enfunavam, cobrindo os pés e escondendo os banquinhos em que se sentavam, fazendo parecer que as próprias saias as mantinham erguidas. O tecido das roupas era coberto por teias de renda branca tão detalhadas e rígidas que pareciam que os vestidos eram decorados com glacê, como bolos de noiva. No pescoço e nos pulsos havia dezenas de fios de contas coloridas e correntes de ouro.

A maioria das mulheres tinha a pele escura como a do Velho Euclides. Elas vendiam comida: na frente de cada uma havia uma mesa coberta com ingredientes e, do lado, uma panela de azeite de dendê borbulhava num pequeno fogareiro. Enquanto as mulheres fritavam bolinhos para os passageiros curiosos, suas pulseiras tilintavam. Graça e eu ficamos boquiabertas, empurradas pela multidão, mas incapazes de nos mexer.

– Que coisa! – ofeguei.

Graça pegou minha mão.

Tínhamos ouvido falar nas baianas, mas nunca as tínhamos visto. Para os brasileiros ricos e de pele mais clara, a baiana era uma figura associada ao passado, ao fim da escravidão, às ruas, à macumba e ao mistério, como o próprio samba. No Riacho Doce, o açúcar mais valioso era o branco como leite, assim como a moça do pó de arroz Camélia, os rapazes sorridentes nos anúncios de vitaminas, as estátuas dos santos em todos os pedestais das igrejas. A maioria dos brasileiros não se encaixava num padrão tão rígido – nem mesmo os magnatas da indústria, os políticos e os donos de terras como Seu Pimentel e as patroinhas como Graça. Havia tons de aceitação: se você usava roupas finas ou tinha um bom nome de família, a pele mais morena ou o cabelo mais crespo seriam perdoados. Se você fosse branco feito leite, mas tivesse um sotaque nordestino no sul do Brasil, era considerado ralé. Só um padrão era garantido: se você fosse escuro como Nena, o Velho Euclides, a maioria dos trabalhadores do Riacho Doce ou aquelas baianas, não seria proibido de entrar nas lojas finas, nos teatros ou nas cabines de primeira classe, caso pudesse pagar – mas jamais poderia.

Para entender o espanto meu e de Graça ao ver aquelas baianas, você precisa entender os limites impostos à nossa imaginação. Ainda não existiam fotografias coloridas. Nunca tínhamos visto uma imagem em movimento numa tela. As revistas de variedades, como *O Cruzeiro*, eram consideradas vulgares na classe social de Graça e eram impossivelmente caras na minha. Nós folheávamos religiosamente antigos catálogos de costura abandonados no quarto de Dona Aurora, mas as mulheres naquelas páginas amareladas eram ilustrações: desenhos em preto e branco. E as mulheres que víamos na vida real? No Riacho Doce eram criadas, cozinheiras e a Bruxa sem graça. Durante minha única ida ao Recife eu tinha visto, sim, mulheres no Teatro Santa Isabel, mas suas ideias de elegância eram restringidas pelas regras do decoro. Até mesmo no calor do Recife as mulheres usavam luvas, meias e roupas de baixo que apertavam cinturas e sustentavam seios. Se havia renda, era num vestido de casamento ou reservada para um pedacinho de gola. Se havia joias, eram usadas com parcimônia: as orelhas não eram furadas; as pulseiras eram incômodos; os cordões tinham cruzes; os pingentes eram reservados para bailes e para o teatro. Para aquelas mulheres, elegância significava se misturar entre iguais sem sobressair. Não eram as mulheres que visualizávamos quando ouvíamos as peças pelo rádio. Não eram as heroínas que queríamos imitar. Mas ainda não tínhamos ideia de *quem* visualizar. Não tínhamos um exemplo vivo do tipo de mulher que esperávamos ser. Só sabíamos de uma coisa: não queríamos nos misturar – queríamos nos destacar.

Para mim, naquele dia no cais, a atração das baianas não eram suas roupas, e sim sua confiança. Elas usavam anéis em todos os dedos! Usavam pulseiras até os cotovelos! Não cobriam a boca ao gargalhar! Brilhavam de suor e não usavam maquiagem! Mantinham as costas retas e os olhares mais retos ainda! Era como se Graça e eu tivéssemos escapado de um país de viúvas carolas e chegássemos de repente a uma terra estrangeira, no meio de rainhas.

Logo estaríamos cercadas pelo oposto disso.

Quase toda brasileira rica da minha idade tem uma história com freiras. Na época havia freiras em qualquer esquina. Os internatos religiosos eram prestigiosos. A igreja usava a mensalidade das garotas ricas para permitir que meninas menos afortunadas, como eu, tivessem alguma formação. A maioria das alunas pobres se tornava freira, ao passo que as ricas se tornavam esposas. Assim, nossa história não era diferente da de milhares de outras meninas deixadas pelos pais nos portões de um internato. Graça e eu não éramos especiais, e dar-se conta disso foi difícil para ela.

Até então Graça era a patroinha, a herdeira única com os melhores vestidos e os brinquedos mais finos. No Sion, possuir um engenho de açúcar em dificuldades no Nordeste do Brasil não era considerado uma origem nobre. As colegas de Graça no colégio eram herdeiras de fortunas muito maiores do que a da família Pimentel. As garotas do dormitório dela tinham lençóis mais macios, roupas de baixo mais rendadas, escovas de cabelo de prata de lei, rosários de ouro. Tinham edredons importados da Alemanha, o que me deixava com vergonha dos cobertores de lã

finos e ásperos que Tita havia posto no baú de Graça. Mas o que mais a incomodava eram os sermões constantes das freiras, sobre humildade e simplicidade. Graça não era humilde nem simples.

Como ajudante dela no Sion, eu era responsável por lavar e passar suas roupas, seus lençóis, as roupas de baixo, as meias e os aventais da escola. Não me incomodava. A cada vez que esfregava os círculos amarelos nas axilas de suas blusas da escola ou cheirava o suor doce das suas camisolas, eu sentia um calor me subir por dentro, pensando que os braços e as pernas de Graça haviam tocado naquelas roupas. Uma vez uma ajudante esnobe zombou do uniforme dela.

– Veja como esse algodão é grosseiro! Sua garota deve ser tão pobre quanto você!

Dei uma surra nela, deixando seu olho roxo e acertando os braços e as pernas com os cadarços do meu avental. A irmã Edwiges, a freira atarracada que cuidava das ajudantes, me bateu com a palmatória por causa da briga e me deixou duas noites sem jantar. Mas depois disso ninguém mais ousou falar atravessado comigo.

A não ser por dormir em áreas diferentes da escola, as alunas não eram muito diferentes das ajudantes. Todas as meninas ocupavam dormitórios separados de acordo com a idade, de modo que as mais velhas não pudessem corromper as mais novas. Petrópolis era frio e a escola era cheia de correntes de ar. Todos os nossos pertences ficavam em pequenos baús ao pé da cama, e uma vez por semana uma freira os inspecionava. Se a irmã encontrasse um avental mal dobrado ou um jogo de roupas de baixo não combinando, virava o baú, jogando no chão tudo que havia dentro – roupas, fotos, itens de contrabando como goma de mascar ou batom. A dona do baú tinha que arrumar a bagunça e ficava sem almoço ou jantar. Na minha primeira semana no Sion, a irmã Edwiges revirou meu baú e encontrou meu caderninho enfiado numa pilha de roupas de baixo. Ela folheou as páginas, passando rapidamente pela lista de palavras em português e parando nas em inglês. Suas sobrancelhas claras se juntaram.

– O que é isso, Maria das Dores? – perguntou.

– É inglês, irmã – respondi, com medo de ela pegar o caderno, mas também satisfeita por saber uma coisa que a freira não sabia. – Minha patroa falava. Ela me deu aulas.

A freira virou os olhos azuis para mim e eu não soube dizer se ela estava desconfiada ou impressionada.

– Você gosta de línguas? – perguntou.

– Sim, irmã.

– Nós ensinamos latim às alunas. Todo semestre algumas ajudantes têm permissão de aprender, se forem rápidas nos estudos e boas candidatas para fazer os votos.

Assenti. Se eu parecia ansiosa, era só porque não queria que ela confiscasse meu caderno e porque o pouco de latim que eu havia aprendido na primeira semana no Sion era estranhamente lindo. A irmã largou o caderno de volta no meu baú e passou para a garota seguinte.

Todas as manhãs a irmã Edwiges soprava seu apito e andava para lá e para cá diante das estreitas fileiras de camas.

– *Salvator mundi* – dizia.

– *Salva nos* – precisávamos responder.

As que não respondiam rápido o bastante ficavam sem o café da manhã. Era assim que nos castigavam no Sion: deixando-nos sem refeição por pequenas infrações, batendo com a palmatória pelas mais sérias.

Eu gostava dos horários rígidos do Sion, de seus uniformes, das orações matinais e do hábito de fazer reverência para a madre superiora sempre que ela passava. Gostava da previsibilidade da vida ali. Nenhum dia era diferente do outro. As missas eram chatas, mas os cânticos em latim! O modo como toda a capela parecia vibrar com nossas vozes me fazia sentir como um pássaro cantando junto com o bando.

A parte imperdoável do Sion era que eu mal via Graça. Segurava suas saias, calcinhas e blusas perto do nariz, esperando sentir seu cheiro nelas. Notava a crosta brilhante de ranho nas mangas das camisolas e sabia que ela havia chorado. Muitas ajudantes do Sion choravam nos travesseiros. Nossas camas ficavam próximas umas das outras, o suficiente para algumas garotas darem as mãos. Em algumas noites eu ouvia o ranger das molas das camas e o som estalado de beijos molhados. Então sentia uma falta terrível de Graça e imaginava se ela sentiria minha falta. Imaginava-a dormindo no alojamento das estudantes, depois a imaginava acordada, movendo-se pelo quarto à noite, indo para a cama de outra garota. Nessas horas eu sempre ficava com um nó terrível no estômago e não conseguia parar de chorar.

Trocávamos de roupa embaixo das cobertas e tomávamos banho de camisola, enfiando a mão sob o tecido molhado para nos ensaboar direito. Havia fileiras de torneiras que cuspiam água fria. Somente depois, enquanto nos enxugávamos, eu prestava atenção ao modo como as camisolas se grudavam na pele e como, através do pano, era possível detectar trechos de pelos escuros, os pontos gêmeos de seios. Muitas garotas do meu dormitório falavam sobre “derreter”: como elas eram capazes de se fazer derreter e fazer outras se derreterem também. Logo descobri o que era esse negócio de derreter e experimentei sozinha à noite, na privacidade escura da minha cama. Que maravilha nossos corpos! Que orgulho tive por poder dar a mim mesma aquela sensação! E que timidez esquisita eu sentia a cada manhã, acreditando que as garotas nas camas perto da minha sabiam o que eu fazia sob os cobertores. A única pessoa com quem eu queria compartilhar essa descoberta era Graça. Ela sabia derreter? Será que tinha feito isso também?

Durante toda a vida, Graça fez com que as pessoas relevassem sua baixa estatura, seu nariz estranhamente arrebitado, sua falta de treinamento formal em música e dança, seu sotaque, seus chiliques, seus vícios. No Sion, de algum modo ela fazia aquelas alunas esnobes desconsiderarem suas origens e terem vontade de ser amigas dela. Uma vez entrei no corredor principal do Sion e vi Graça no pátio, cercada por um grupo de alunas. Graça falava e elas ouviam. Ela ria e elas riam. A garota que estava mais perto dela e ria mais alto era uma loura de tornozelos grossos. Senti vontade de correr para o pátio e puxar o cabelo amarelo dela.

Nos domingos as ajudantes e as estudantes iam à missa juntas. Nós nos sentávamos em áreas diferentes da capela, mas entrávamos e saíamos juntas, em filas organizadas. Num domingo de setembro, a amiga loura de Graça saiu da capela ao meu lado. Antes que eu pudesse apressar o passo, ela agarrou minha mão. Se as irmãs a apanhassem, nós duas levaríamos palmatória. O aperto da garota era forte, os dedos molhados e firmes como cenouras descascadas. Ela pôs um

pedaço de papel na minha mão. Meia hora depois, sozinha no cubículo do banheiro, onde ninguém poderia me ver, abri o bilhete e reconheci a letra redonda e ondulada de Graça. *Pray at 5* , dizia o bilhete, em inglês. *Oração às 5*.

Quase desmaiei dentro daquela caixa de madeira no banheiro. Não somente Graça havia feito contato comigo, como tinha feito isso numa língua que a maioria das meninas do Sion e as próprias freiras não poderiam decifrar. Não conseguia me obrigar a jogar o bilhete fora. A partir daquele dia, nosso inglês imperfeito e precário se tornou um código entre nós: um quebra-cabeça que, até estarmos em Los Angeles muitos anos depois, Graça e eu acreditávamos que só nós duas podíamos decifrar.

A única área comum do Sion era a capela, onde alunas e ajudantes deveriam fazer trinta minutos de oração diária e solitária. Às cinco da tarde encontrei Graça na capela. Seus olhos castanhos estavam arregalados; as bochechas, côncavas, como se ela as estivesse sugando constantemente. Sem dúvida tinha sido castigada, tinha sido deixada sem comer, mas por quê?

– Vamos embora – disse ela.

– Quem? – perguntei, a minha boca subitamente seca.

Graça e a loura vão fugir, pensei, *e ela está contando primeiro a mim, para eu não ficar surpresa quando elas tiverem partido.*

– Você e eu – respondeu Graça, entrelaçando os dedos nos meus. Minhas mãos estavam ásperas como laranjas, de lavar roupa. – Você não é uma criada, Dor! E eu não sou freira. Sou uma artista. Vou morrer se ficar aqui!

Confirmei com a cabeça. Será que eu achava mesmo que Graça e eu poderíamos passar por cada freira vigilante, escalar o muro de tijolos do Sion, atravessar a floresta e de algum modo chegar ao Rio ilesas? Como diria Nena, gato escaldado tem medo de água fria. Assim, eu me sentia amarrada ao Sion, mas não conseguia ver o mal de me juntar a Graça na capela todos os dias para planejar uma fuga. Mesmo que as irmãs nos pegassem sussurrando em vez de rezar, mesmo que me deixassem sem refeições o ano inteiro, não importaria, porque Graça tinha escolhido a mim e a mais ninguém.

Todo dia, depois disso, nos ajoelhávamos lado a lado na capela e falávamos com a boca junto às mãos postas, como se estivéssemos rezando. Quanto mais nos encontrávamos, mais nossa fuga imaginária se tornava uma possibilidade muito real e mais eu percebia o tamanho da encrenca em que nos meteríamos se fôssemos apanhadas. Na verdade, eu é que ficaria encrencada. A patroinha poderia ficar sem comida ou levar golpes de palmatória, mas uma ajudante indisciplinada seria jogada na rua, sem qualquer objeção por parte de Seu Pimentel. Enquanto isso, Graça falava sobre o Rio, encontrar a estação da rádio Mayrink e quais músicas iríamos cantar quando chegássemos. O dono da estação ouviria nossa voz e nos contrataria imediatamente para cantar jingles. Com um emprego na rádio, estaríamos feitas. Em pouco tempo seríamos as estrelas da hora do rádio.

Era eu que nos puxava para fora dos sonhos, de volta ao Sion, que falava da porta da cozinha e das entregas que chegavam todo dia. Será que poderíamos nos esconder num caminhão? Será que poderíamos usar o pouco dinheiro que Seu Pimentel mandava para ela e subornar o rapaz que entregava o leite, para nos levar em sua carroça puxada por um jumento? Será que poderíamos roubar a escada do jardineiro e encostá-la no muro da escola para passarmos por cima dele? Será que poderíamos ir guardando pedaços de pão do almoço e esconder nos casacos, para termos comida depois da fuga? Eu continuava falando assim, enquanto Graça bocejava nas mãos.

– Será que deveríamos cantar um tango? Ou um fado? – perguntava. – Um fado pode ser chato demais. Precisamos de alguma coisa mais animada.

– Você está me escutando?

– Estou, mas quero falar das coisas importantes.

– Fugir não é importante?

– Você parece uma daquelas garotas que só pensam em pôr um neném para fora e em quanto isso vai doer. Mas eu estou pensando no depois. Estou pensando em cuidar do neném, Neném.

– Não tem graça.

– Não estou rindo. Podemos falar o dia todo sobre fechaduras, subornos e muros, mas o que precisamos mesmo é estar preparadas. Um dia desses uma freira vai tirar um cochilo na hora errada, uma porta vai ser deixada aberta ou o jardineiro vai se esquecer de trancar o portão, e precisaremos ser rápidas. A oportunidade vai bater à porta e nós teremos que atender.

– E se ela não bater? E se a gente mesma precisar abrir?

Graça olhou para a freira que estava nos fundos da capela, depois se inclinou ligeiramente na minha direção e deu um beijo nos meus dedos.

– Nós não deveríamos estar aqui. Estamos destinadas a coisas maiores – disse ela e inclinou a cabeça na direção de Jesus crucificado à nossa frente. – Até Ele sabe.

Algumas semanas depois Graça entrou praticamente saltitando na capela. Ao se ajoelhar para rezar, encostou o cotovelo no meu, derrubando meu braço do genuflexório.

– Ouviu, Dor? – perguntou ela.

– Ouvi o quê?

Ela bateu com o pé três vezes, baixinho, no ladrilho do piso.

– A oportunidade está batendo. As santas irmãs vão nos levar numa viagem.

As irmãs planejavam uma excursão ao Rio, para ver a famosa estátua do Cristo Redentor. Quando Graça e eu ainda íamos às rodas dos cortadores de cana no Riacho Doce, um novo presidente tinha assumido o poder no país. Éramos jovens demais para nos importarmos com isso, mas os adultos pareciam preocupados. Getúlio Vargas era o nome dele e, apesar de ter perdido a eleição oficial, havia reunido amigos militares e apoio popular para derrubar o verdadeiro vencedor. Era uma revolução, ainda que no Riacho Doce estivéssemos longe demais

para sentir seus efeitos. Durou apenas alguns dias; quando ouvimos as notícias no Riacho Doce, as lutas nas capitais haviam terminado e Getúlio era o presidente.

Todo mundo, até as irmãs do Sion, se referia ao autoproclamado presidente com familiaridade, como se ele fosse um irmão ou primo que tivessem reencontrado. Depois de se instalar no palácio presidencial, Getúlio ordenou uma enxurrada de obras públicas para acalmar o povo. Uma delas (iniciada anos antes de ele assumir o poder, mas da qual ele sabiamente tomou para si todo o crédito) era uma estátua de Cristo, de 30 metros, no morro do Corcovado, no meio da floresta da Tijuca.

A ida ao Corcovado era considerada muito importante para as freiras do Sion. Apenas as meninas mais velhas eram convidadas para esses passeios, mas as ajudantes também tinham permissão de ir. Seríamos 75 garotas indo ver o Cristo Redentor, com apenas cinco freiras como acompanhantes.

– É a nossa chance – disse Graça, quase guinchando. – Vamos para o Rio. É como se elas estivessem entregando a gente lá.

– Vamos estar numa floresta, no topo de uma montanha. O Rio fica a quilômetros de lá.

– Bom, vai estar mais perto do que é agora.

– Como vamos descer a montanha sozinhas? Caminhando? Vamos demorar dias. Vamos precisar de comida.

– Pare com isso – sussurrou Graça. – Você está complicando tudo. Nós vamos, depois nos livramos delas. E só.

Eu ri.

Graça olhou para o Cristo da capela. Suas mãos estavam cruzadas com força, os nós dos dedos brancos.

– Você se acha inteligente demais – disse ela. – Mas não foi inteligente para conseguir sair do Riacho Doce. Eu precisei quase afogar nós duas no rio para fazer isso. Então pare de me tratar como uma cabeça-oca e de questionar tudo que eu digo. Apenas siga as ordens, como deve fazer, que eu tiro nós duas daqui também.

– Como devo fazer?

– Isso mesmo.

– Não foi você que me pôs aqui. Foi Nena. Só estou nesta capela porque Nena disse que abandonaria a casa-grande se eu não viesse para a escola também. O seu papai não se importa se você está a 2 mil quilômetros dele. Ele nem nota que você foi embora. Mas sem dúvida não quis perder a cozinheira.

Graça me olhou, espantada. Depois se levantou, fez o sinal da cruz exageradamente e saiu da capela.

No dia seguinte não apareceu para a oração das cinco horas, nem no outro, e no outro. Eu me ajoelhava sozinha no banco da frente da capela, grogue de noites insones pensando em Graça, se ela realmente fugiria e se me levaria junto. No dia da viagem ao Redentor, eu mal consegui pôr na boca as colheradas de mingau de aveia ralo, de tanto que minhas mãos tremiam. Antes de sairmos do Sion, peguei meu caderninho no baú e o enfiei no bolso da saia. Era a única coisa que

eu não deixaria para trás.

Na base do Corcovado havia uma ferrovia elétrica que levava os visitantes pela encosta íngreme até o Redentor. Subimos em vagões separados: estudantes e irmãs nos primeiros, ajudantes no último. O trem se esforçava em meio ao denso emaranhado de árvores e palmeiras que era a floresta da Tijuca. A cada ano, caminhantes e turistas se perdiam naquela floresta. Muitos morriam.

Perto do topo dos trilhos, vimos o Rio a distância. Lá estava o semicírculo da Baía da Guanabara, os pontos brancos que eram os navios de passageiros chegando ao porto, a cúpula do Senado, as reluzentes águias de bronze do Palácio do Catete. As palmas das minhas mãos suavam, deixando o corrimão escorregadio. Eu estava no último vagão. Praticamente não dava para ver o condutor no primeiro. Perto dele, olhando placidamente as montanhas, estava Graça.

Na base da estátua, as irmãs fizeram com que nos ajoelhássemos para rezar. A estátua do redentor era feita de pedra-sabão branca. Era tão impossivelmente alta que fiquei tonta ao olhar para Seu rosto calmo. Depois das orações, tivemos trinta minutos para passear ao redor da estátua.

Olhei Graça e Rosa, a garota loura, lado a lado. A garota falava. Graça assentia com a cabeça, séria. Senti as minhas entranhas ficarem frias como a pedra-sabão da estátua. *Elas vão fugir sem mim*, pensei. E então, sem um momento de hesitação, me virei para procurar uma irmã.

Eu ia dedurar. Era melhor ter Graça cativa no Sion comigo do que andando pelo Rio sem mim. Antes que eu pudesse encontrar uma freira, Graça bloqueou meu caminho.

– *Ready*? – perguntou em inglês.

No Sion ela havia trocado três camisolas de seda por um favor: a amiga loura iria esconder um frasco de óleo de rícino na bolsa da escola, depois beberia metade antes de entrarem no trem. Dez minutos depois das orações, no topo da montanha, a loura se dobrou, uivando. Vomitou nos arbustos aos pés da estátua. Nossas cinco irmãs sopraram os apitos e correram para ajudá-la.

Graça segurou minha mão.

– Agora!

Corremos juntas para o trem vazio.

O veículo era conectado a cabos eletrificados, com vagões que subiam e desciam contrabalanceados. Isso significava que um conjunto de vagões subia regularmente a montanha enquanto o outro sempre descia, tivessem passageiros ou não. Sem que o condutor percebesse nossa presença, Graça e eu entramos no último vagão, vazio, e nos agachamos atrás dos bancos de madeira.

Ela havia enfiado no sutiã o pouco dinheiro que seu pai tinha mandado. Estava usando uma blusa extra por baixo da do uniforme do Sion, que tinha o brasão da escola. Na metade da descida, Graça desabotoou a blusa da escola e a jogou na floresta. Ordenou que eu tirasse minha blusa da escola e a virasse pelo avesso, assim ninguém poderia nos associar imediatamente ao

Sion.

Desajeitadamente tentei abrir os botões com os dedos atrapalhados, a respiração curta, as pernas já ardendo pela posição desconfortável.

– Aqui – suspirou Graça, e começou a tirar minha blusa para mim.

O trem gemia. Nós oscilávamos para um lado e para o outro. Os dedos de Graça eram rápidos e firmes. Ela mordeu o lábio inferior, concentrando-se. Quando terminou, minha blusa estava aberta. Graça segurou os dois lados e puxou-a delicadamente dos meus ombros. Depois sorriu.

Nesse momento apenas Graça e eu existíamos. Éramos as primeiras e as últimas da nossa espécie. Éramos toda a criação. Claro que ela seria uma estrela. Claro que encontraria seu caminho para o Rio. Claro que tornaria possível o aparentemente impossível. Como eu não seria dominada por tamanha confiança, tamanha crença sem amarras?

Vesti a blusa de novo, pelo avesso. O trem descia lentamente a montanha. Graça e eu nos abraçamos. Ao redor era a selva. À frente estava o Rio de Janeiro, a enorme capital do Brasil. Tínhamos 15 anos; éramos fugitivas que nunca tinham vivido numa cidade. Nunca havíamos estado sem a proteção de adultos. Eu estava com medo? Tinha dúvidas? Não lembro. Só me recordo de sentir o calor de Graça encostada em mim e de pensar no Riacho Doce, nas queimadas do canavial e em como os gaviões circulavam acima dos campos em chamas, esperando os camundongos, as cobras e qualquer outro animal que tentasse escapar do fogo. Os pássaros mergulhavam e levavam suas presas para longe. Não as matavam imediatamente; primeiro eles voavam com elas. Assim, os momentos finais do animal eram no ar, longe do mundo que ele havia conhecido, subitamente vendo tudo de cima. Como devia ser aterrorizante! Como devia ser maravilhoso. Eu me sentia assim naquele trem: apanhada nas garras de alguma coisa maior, mais sábia, mais poderosa do que eu, voando para um destino que dava medo, sim. Mas, agora que eu tinha vislumbrado o mundo de cima, como poderia voltar a morar na terra?

O AR QUE VOCÊ RESPIRA

Aqui estou, meu amor.
Sempre ao seu lado
com seu cobertor.
Ponho a mesa e faço a cama.
Boto o travesseiro
para você deitar.

Mas você não nota.
Você não liga.
Espera que eu diga
que em sua mão o mundo gira.
E se eu fosse embora, como seria?
Ninguém percebe o ar que respira.

Não importa o que ninguém sente
quando suas meias estão novas.
Quando seu banho está quente
e por você tudo conspira.
E se eu fosse embora, como seria?
Ninguém percebe o ar que respira.

Ninguém dá valor ao que é fácil ter.
Por isso não consigo decifrar você,
o grande desafio ao meu ser.
Mantenho você na mira,
sempre à vista, sem ceder.
Ao seu lado, invisível,
serei o ar que você respira.

Os figurinos dela ocupam um cômodo inteiro na minha casa. Ainda fico surpresa ao ver como os vestidos são pesados; não tenho mais força para tirá-los das sacolas. Todo aquele strass e aquelas contas fazem com que alguns pesem até 6 quilos; outros chegam a 12. É um espanto como Graça conseguia dançar com eles, quanto mais ficar horas de pé nos sets de filmagem, mantida ereta por uma tábua de passar roupa presa às costas, para não se sentir tentada a sentar-se e talvez arruinar o figurino.

O espantoso não eram os figurinos, e sim o fato de Graça não ser engolida por eles. Qualquer outra mulher pareceria invisível por trás das lantejoulas e pedrarias, mas Sofia Salvador fazia com que parecessem naturais, quase necessárias – a carapaça reluzente que protegia tudo de vulnerável que havia embaixo.

Ser mulher é sempre uma performance; só as muito velhas e as muito novas têm permissão de sair do papel. O restante de nós precisa representar com vigor mas aparentemente sem esforço. Nossos corpos devem ser formas moldadas para se ajustar às exigências do nosso tempo: espremidas, repuxadas, pintadas, não pintadas, cobertas, descobertas, perfumadas, tingidas, apertadas, injetadas, empoadas, podadas, desleixadas, hidratadas, bem alimentadas ou não, e assim por diante, até que esses figurinos pareçam inatos. Em toda parte a gente é observada e avaliada: andando na rua, dentro do ônibus, dirigindo um carro, comendo num restaurante. Você tem que sorrir, mas não muito. Tem que ser agradável, mas não dada. Tem que se encaixar e se insinuar, mas sem jamais oferecer muito de si mesma e jamais para o próprio prazer. Se fizer isso, tem que ser em segredo.

Qualquer desvio desse papel tem potencial para o desastre: saia da personagem e você está querendo ser homem; você é uma megera; é nervosinha; é digna de pena; é mulher-macho ou, como diziam no meu tempo, “sapatão”. Abrace a personagem com gosto, e você é uma puta, como minha mãe. Qualquer um desses extremos pode fazer com que você seja espancada, difamada ou simplesmente morta e largada numa vala. Se você acha que estou exagerando, ou que estou presa num passado duro e que os tempos mudaram, ouça com atenção o que vou lhe

dizer: quando você não tem poder neste mundo, precisa criá-lo, precisa se adaptar ao ambiente e tentar evitar os muitos perigos ao seu redor. Por isso o encanto de uma mulher – o sorriso, a elegância, a animação, a doçura, o corpo perfumado, o rosto cuidadosamente maquiado – não é um subproduto idiota das modas ou dos gostos, mas um meio de sobrevivência. A performance pode até nos deformar, mas nos mantém vivas.

Quando penso nos nossos primeiros meses no bairro da Lapa, no Rio, é um espanto que Graça e eu não tenhamos terminado mortas, boiando na Baía de Guanabara. Pode-se dizer que a sorte estava do nosso lado, mas prefiro pensar que era economia de escala. Quando as cigarras deixam a segurança da terra a cada dezessete anos e rastejam para a luz, não têm ferrão, espinho ou veneno para protegê-las dos predadores. Sua única defesa é seu enorme número. Era assim na Lapa em 1935: havia garotas por toda parte. Vendedoras de lojas, operárias, faxineiras, vendedoras de cigarros, biscateiras, garotas de recados, vendedoras de doces, coristas, garotas de vida fácil e outras como Graça e eu, que se recusavam a ser qualquer coisa a não ser elas próprias. Essa, claro, é a coisa mais perigosa que qualquer garota pode ser.

Desaparecer foi fácil. Naqueles tempos uma linha de telefone era um tremendo luxo. Até os automóveis eram uma raridade. Para a polícia ser notificada de um desaparecimento, alguém precisava fisicamente correr até uma delegacia e contar. As irmãs do Sion devem ter levado quase uma tarde inteira para perceber que Graça e eu tínhamos sumido, e depois descer do Corcovado de trem e contatar as autoridades. Seu Pimentel deve ter sido informado do desaparecimento de Graça no dia seguinte, por telegrama.

O engenho Riacho Doce ficava 2.300 quilômetros ao norte, no que poderia muito bem ser outro país. E o que um usineiro de açúcar do Nordeste saberia sobre o Rio e suas engrenagens tortuosas, suas dezenas de bairros, sua polícia preguiçosa sempre farejando subornos? Além disso, o presidente Getúlio não era amado por todos os brasileiros; em São Paulo houvera uma sangrenta revolta contra ele, e em seguida os comunistas tentaram comandar levantes em quatro grandes cidades. Com tantas ameaças, a polícia de Getúlio não tinha efetivo disponível nem vontade de encontrar a filha de um usineiro insignificante. E se ninguém poderia procurar Graça, certamente não procurariam por mim. Eu não era filha de ninguém. Não era herdeira de ninguém. Você não pode desaparecer se nunca existiu.

Acabamos sendo encontradas, mas nesse ponto Graça e eu já havíamos nos transformado. Ou, devo dizer, a Lapa nos transformou. A doce, decadente, podre Lapa! Um bairro de músicos e bandidos, turistas e batedores de carteira, e de garotas – montes de garotas – na maioria como Graça e eu: tão cheias de esperança e ilusões ingênuas que chegava a doer por dentro. A Lapa arruinava garotas como nós ou nos salvava; não havia meio-termo.

Os panfletos de turismo se referiam ao Rio de Janeiro como “A Cidade do Esplendor”. Esses anúncios jamais mencionavam a Lapa, mas muitos visitantes – especialmente os homens – encontravam o bairro. No labirinto de cabarés e biroscas com música, era possível encontrar senadores ouvindo orquestras de jazz estrangeiras; rapazes bonitos mostrando frascos de cocaína dentro dos bolsos dos paletós e sussurrando “farinha da boa!” para os passantes; debutantes rebeldes das melhores famílias do Rio agarradas com força aos braços dos namorados e rindo

feito loucas, mascarando o medo com frivolidade. Na Lapa havia quartos que as pessoas podiam alugar por hora e hotéis com portas de latão brilhantes como espelhos e abertas por porteiros usando luvas; restaurantes que serviam filé Wellington ao lado de espeluncas com mesas pegajosas e piso manchado de sangue; pensões com tantos residentes que os corredores ficavam apinhados como cabarés. E prédios de apartamentos com luz elétrica e elevadores com grades, onde um exército de "moças manteúdas" vivia numa prisão chique, trancadas nos quartos até que seus protetores ricos – homens e mulheres – as visitavam trazendo comida e presentes de lojas de departamentos.

Na Lapa ouviam-se os ritmos calorosos do samba e os tambores lentos e trovejantes dos rituais do candomblé, e, se você quisesse sair ileso, não ousava interromper nenhum dos dois, porque ambos eram uma religião. À noite sempre havia estrangeiros nervosos ao lado da elite bem-vestida do Rio, perambulando pelos becos da Lapa, se esforçando ao máximo para escapar de suas vidas de privilégio e fazer o que bem entendessem com quem bem entendessem, e sempre por um preço. Nada era de graça na Lapa, a não ser a música – e com o tempo até isso mudou.

Graça e eu também mudamos. Acho que você poderia dizer que perdemos a inocência na Lapa. Com inocência não quero dizer alguma ideia boba de pureza; dependendo da sua noção de virtude, esse tipo de inocência poderia terminar tão rápido quanto um beijo no rosto. O que é mais difícil de perder – e que é terrível quando perdemos – é a crença de que os sonhos que a gente alimentou na infância são alcançáveis, a ideia de que o trabalho duro pode compensar a falta de talento, a tola convicção de que a vida distribui recompensas e desafios de maneira justa entre nós. O que é justiça, afinal de contas, senão uma ilusão?

As ilusões, canta Vinicius em uma das nossas canções, *não são terríveis. São o que torna o exílio e o amor suportáveis.*

O AR QUE VOCÊ RESPIRA

Na nossa primeira noite na Lapa, Graça e eu fomos parar numa pensão administrada por uma matrona de maxilar duro que parecia uma das irmãs severas do Sion, só que sem o hábito. Provavelmente foi por isso que escolhemos a casa dela; parecia a mais segura.

– Paguem em dia ou eu dou seu quarto para outra – rosnou ela. – E nada de visitantes homens. Este estabelecimento não é desse tipo.

Graça assentiu com a cabeça e eu peguei a chave de latão para o quarto. Não tinha ideia de como pagaríamos à nossa nova senhoria no fim da semana, mas fiquei quieta e acompanhei Graça escada acima. Nosso quarto tinha uma cama com colchão afundado, uma pia enferrujada e uma fatídica mancha escura no chão. Graça sentou-se cautelosamente na cama, como se tivesse medo de que ela se desmontasse. Cheirou o ar, depois se inclinou e cheirou a colcha. Levantou-se imediatamente.

– Essa roupa de cama tem cheiro de outra pessoa – disse.

– Pelo menos não tem cheiro de cachorro – falei tentando animá-la.

Graça cobriu o rosto com as mãos.

Fiquei quieta, sabendo que não deveria consolá-la. Estávamos exaustas. Depois de pegar um táxi de turismo do Corcovado até a rádio Mayrink – a única estação de rádio da cidade –, tínhamos passado o resto do dia de pé, na porta da estação. Nós cantamos para cada pessoa que entrou e saiu do prédio. Um homem nos deu uma moeda, que Graça jogou furiosamente no bueiro. Mais tarde, na pensão, desejei que ela não tivesse feito isso. Com o cabelo trançado, as blusas brancas e simples e as saias do Sion – a minha marrom, a de Graça azul – parecíamos o que éramos, ou o que tínhamos sido até fugirmos: simples meninas colegiais. Ninguém nos levava a sério, mas, como percebi mais tarde, os homens tiveram o cuidado de não dar em cima da gente porque parecíamos ter casa e família. À noite Graça e eu estávamos morrendo de fome. Nossa garganta ardia e os pés doíam. Fiquei secretamente grata quando um segurança da estação de rádio finalmente nos expulsou.

Peguei o restante do dinheiro (mais tarde descobrimos que o chofer do táxi tinha cobrado

caro demais) e comprei uma garrafa de guaraná e um pastel de carne moída, coisa que nunca tínhamos permissão de comer no Sion ou no Riacho Doce. O refrigerante estava quente e era terrivelmente doce. O salgado pingava óleo.

– Será que a gente deveria voltar para a escola? – perguntei, sonhando com as camas arrumadas no Sion.

Graça torceu a cara.

– Jamais.

Assim achamos nosso caminho para a Lapa.

Na manhã seguinte, acordei e encontrei Graça de combinação, encurvada na beira da cama. Achei que ela estivesse vomitando ou talvez chorando, até que ouvi um som de algo sendo rasgado. A saia da escola estava no seu colo. Usando a ponta de metal do seu crucifixo, Graça arrancou a linha que prendia o brasão da escola na saia.

– Vão procurar a gente – disse ela. – Quanto antes nos livrarmos desses uniformes, melhor.

Quando terminou, ela admirou seu trabalho, depois acendeu um fósforo e queimou o brasão, jogando os restos enegrecidos pela janela, no beco, junto com o crucifixo. Na pia, Graça jogou água no rosto e prendeu o cabelo castanho brilhante numa trança. Depois se vestiu.

– Vou ao banheiro no fim do corredor – anunciou. – Depois vou voltar à Mayrink.

Meus olhos estavam cheios de remelas. Meu estômago doía. Até mesmo o desjejum do Sion, com mingau de aveia aguado e um ovo cozido, parecia maravilhoso. Graça fechou a porta ruidosamente. Ouvi seus passos curtos e decididos indo até o banheiro no corredor e percebi que ela não iria me esperar. Iria sozinha para a Mayrink se eu não estivesse pronta. Saí da cama e lavei o rosto usando a frente da blusa do Sion como toalha.

Tivemos o cuidado de pegar o mesmo caminho do dia anterior até a estação de rádio, para não nos perdermos. Na metade do caminho, Graça parou de andar.

– Estou com fome – disse.

– Eu também.

Graça parecia impaciente.

– Preciso tomar café. Não posso cantar o dia inteiro, assim.

– Nós usamos todos os mil-réis ontem, com o táxi e o jantar.

Graça me encarou, confusa.

– Para comprar comida precisamos de dinheiro – expliquei.

Pessoas passavam por nós na calçada esburacada, esbarrando. Ouvi guinchos agudos de metal contra metal enquanto um barbeiro e o dono de um café levantavam as portas dos estabelecimentos. Perto de nós uma velha lavava vômito no degrau da frente de casa. Ela nos encarou e virou um balde. A água bateu na pedra e espirrou nas nossas pernas, encharcando nossos sapatos. Graça pulou na minha direção e segurou minhas mãos, como se estivesse com medo de ser levada pela água.

– Mas estou morrendo de fome, Dor – repetiu, como se isso pudesse mudar alguma coisa, como se eu controlasse o fato de comermos ou não.

– Precisamos arranjar um emprego – falei.

– Na estação de rádio?

Balancei a cabeça.

– Talvez um dia, em breve. Mas enquanto isso a gente precisa procurar outra coisa. Para se virar.

– Para se virar – repetiu Graça. – E assim que conseguirmos, eu posso começar a cantar.

– Nós podemos – corrigi.

Naqueles primeiros dias terríveis em que Graça e eu implorávamos trabalho, descobrimos que nosso sotaque alertava imediatamente as pessoas de que éramos do Nordeste, o que tornava nós duas – até Graça com sua pele clara e sua boa aparência – inferiores. Também descobrimos que a Lapa não era um bairro, e sim dois, cada qual com suas tribos, seus costumes e suas regras. Havia a Lapa diurna, com sua profusão de padarias, farmácias, barbearias, quitandas, vendedores de frutas, lavadores de janelas, engraxates e incontáveis fabriquetas que produziam as bugigangas para os turistas estrangeiros comprarem no cais. Era a Lapa dos trabalhadores e do empreendimento. Para onde quer que se olhasse havia negócios, comércio e fofocas. Todo mundo que a gente via morava no bairro. Era à noite que o pessoal de fora chegava. Oficinas de sapateiros viravam bares, cafés se transformavam em salões de dança. Jornaleiros reapareciam na rua vendendo cigarro e lança-perfume. Mulheres de lábios pintados se demoravam junto às portas. Malandros andavam com navalhas e tocaiavam as esquinas.

No final de nosso segundo dia deprimente na cidade, no momento em que a Lapa diurna e a Lapa noturna trocavam de lugar, Graça e eu voltamos à pensão sem trabalho e quase desmaiando de fome.

– Ah, neném, você vai parar meu coração – gritou um homem para Graça.

Ele usava uma gravata fina como uma fita. Graça olhou para a calçada. O amigo do homem inclinou o chapéu de feltro e jogou beijos. Não estávamos mais no Riacho Doce, onde todos os homens eram obrigados a desviar o olhar da patroinha para não perder o emprego.

– Ei, girafa! – gritou o amigo do sujeito. Olhei para ele. – É, você mesma! – insistiu. – Gostosa! Olha essas coxas compridas. Que lapas!

A saia do Sion era a mesma que eu tinha usado desde que havíamos chegado ao internato no ano anterior, e, quando fugimos, a bainha já mal cobria meus joelhos. Em Graça a saia acentuava a cintura minúscula e os quadris fartos. A combinação de renda era facilmente visível sob a blusa branca e, por baixo, não havia como esconder o volume dos seios.

– Parece que estão com fome – disse o homem do chapéu de feltro. – Que tal a gente arrumar uma gororoba para vocês comerem?

Graça me olhou. Passei o braço pelo dela e andei mais depressa, quase arrastando-a. Aqueles rapazes não eram boa coisa e nós duas sabíamos. Se não pudéssemos pagar pelo quartinho, ficaríamos na rua, à mercê deles.

Em frente à pensão, do outro lado da rua, um homem tinha feito uma fogueirinha com uma

grelha, onde assava milho e vendia por cinco tostões. Graça olhou para o fogo, depois fechou os olhos, como se a comida fosse muito dolorosa de olhar.

– Vou voltar – disse ela com os olhos bem fechados.

– Para o Sion?

Graça balançou a cabeça.

– Para aqueles malandros. Vou dizer para eles pagarem o nosso jantar.

– Mas eles vão querer coisas de nós.

– Não me importo – disse Graça, sentando-se na soleira da pensão. – Dou a eles qualquer coisa.

Graça sempre foi uma criatura do presente – queria o que queria no momento, sem considerar os sacrifícios futuros. Sentei-me ao lado dela.

– Alguém vai nos dar uma chance amanhã – falei. – E vamos comprar um almoço enorme. Você pode comer um bife inteiro se quiser.

– Cale a boca, Dor! Só vamos chegar perto de um bife se a gente roubar de uma mesa, que nem dois vira-latas.

Ela escondeu a cabeça entre os joelhos. Fungou e soltou alguns gemidos baixinhos. O cheiro de milho e manteiga ficou mais forte; meu estômago deu um nó. Apertei os olhos com as palmas das mãos e tentei pensar num plano. Alguém chutou o bico do meu pé.

Um menino estava à nossa frente. Suas roupas eram feitas de tecido grosso, mas pareciam não ser lavadas há semanas. Seus joelhos eram cinza, com a pele estranhamente grossa. Embaixo de um braço segurava uma caixa de engraxate. Na outra mão – com as unhas pretas de sujeira – estendia uma espiga de milho.

– Toma – ordenou ele.

Hesitei. Graça levantou o rosto inchado e arrancou a espiga da mão dele. Comeu rápido, os dentinhos roendo até que metade da espiga ficou branca e vazia. Antes que ela comesse tudo, agarrei a espiga e acabei com ela.

A fome deixa a memória afiada. Ainda me lembro do gosto defumado daquele milho; como a manteiga escorreu pelos meus lábios; como cada grão estalava entre os meus dentes! Assim que terminei, Graça pegou o sabugo de volta e chupou o resto da manteiga.

– Não podemos pagar a você – falei limpando a boca com o braço.

– Se pudessem, teriam comprado o jantar vocês mesmas – respondeu o garoto. – Eu engraxo sapato na esquina. Vi vocês saindo hoje de manhã. A Lapa não é fácil para quem é novo. Especialmente para gente rica.

– Não somos ricas – retruquei.

O garoto nos olhou de cima a baixo.

– Uma estudante grã-fina desapareceu. Se perdeu na floresta da Tijuca há uns dias. Se afastou do grupo da escola. O pessoal em volta do Corcovado ainda está procurando ela no morro.

Graça se esqueceu do sabugo na mão.

– Onde você ouviu isso?

– Está nos jornais. Eu não sei ler, mas os homens que engraxam os sapatos comigo com certeza sabem.

Meu peito se apertou, como se os pulmões tivessem sido costurados e nenhum ar pudesse entrar ou sair.

– Mas vocês são duas estudantes, e os jornais só falam que uma sumiu – disse o garoto, depois bateu de novo com o dedo no meu sapato. – Esses sapatos são supimpa. Couro envernizado. Eu posso vender, vão pagar um bom preço pra vocês.

– Não podemos ficar descalças – disse Graça.

O garoto sorriu com os dentes amarelos. Um maço de cigarros aparecia no bolso da camisa dele.

– Vocês podem arranjar umas sandálias bem baratas. Vão precisar pagar o aluguel, não é? A senhoria é fina feito um cachorro com raiva.

Graça riu.

– Escutem – disse o garoto, baixando a voz. – Essas roupas não ajudam vocês em nada. Vocês parecem umas moças que a família vai mandar a polícia atrás, e ninguém aqui gosta da polícia, se é que me entendem. Vocês podem vender essas roupas também. Tem lugares onde as moças são pagas para se fantasiar – disse ele, elevando as sobrancelhas. – Os ricos que vêm aqui de noite gostam de umas coisas bem esquisitas, vou lhe contar. Conheço uma casa onde eles podem querer comprar umas becas de escola. Posso levar vocês lá de manhã.

– Por quê? – perguntei.

O garoto pareceu surpreso.

– Vocês vão me dar uma parte do que ganharem. E vão me pagar o milho.

– Você é um verdadeiro negociante – falei.

O garoto sorriu.

– Querida, na Lapa esse é o único jeito de ser. E aí, temos um trato?

Graça e eu nos entreolhamos. Era a única oferta que tínhamos recebido o dia inteiro. Ela assentiu para mim e eu para ela, como se estivéssemos negociando uma com a outra. Depois concordamos em encontrar o garoto na manhã seguinte, para vender nossa roupa do corpo.

Usando sandálias baratas e vestidos de segunda mão, Graça e eu nos misturamos à Lapa diurna e começamos a aprender a nos virar. Fizemos biscates varrendo frentes de lojas, tirando a palha das espigas de milho para o vendedor da esquina, pegando água potável na bica das proximidades para a senhoria, depenando frangos para um pequeno restaurante, lavando pratos, esfregando janelas. Ou melhor, eu fazia essas coisas e Graça embromava, reclamando que a vassoura era pesada demais, que os frangos fediam demais, que a água para lavar pratos estava fria demais, que os baldes eram pesados demais para carregar. Mesmo assim, todas as manhãs partíamos como exploradoras, aprendendo sobre as ruas da Lapa e seus ritmos.

O beco dos Carmelitas era onde as garotas francesas esnobes moravam e trabalhavam. (Naquela época, tudo que fosse francês era considerado de alta classe.) A rua Joaquim Silva era onde você podia encontrar as “polacas” – louras e pálidas, com ar melancólico. (Acho que eu também ficaria melancólica se fosse considerada de segunda classe comparada com uma

francesa.) A rua Morais e Vale era onde trabalhavam as brasileiras de vida fácil. Os limites da Lapa, perto do Senado, do Palácio do Catete e da Câmara dos Deputados, tinham ruas largas, calçadas lisas e lojas melhores. Os melhores cabarés da Lapa ficavam por lá também. Tinham marquises com luzes elétricas de verdade e bilheterias na frente, onde mulheres metidas a besta ficavam sentadas atrás do vidro, recolhendo dinheiro. Dentro havia shows de vaudevile de segunda linha, mandados de navios dos Estados Unidos, e orquestras estrangeiras, porque qualquer coisa de fora era considerada chique. Se você quisesse encontrar música de qualidade, precisava se arriscar a penetrar mais fundo na Lapa.

Claro, Graça e eu não sabíamos o que era o samba até chegarmos lá. Na época, o tango era tão popular que os cantores brasileiros faziam suas próprias versões num espanhol com sotaque ruim. Mas a música da Lapa era diferente: não tinha nada da dureza e dos tons cortantes do tango. Da janela da pensão escutávamos violões, o tinido metálico dos agogôs, o choro das cuícas. Também havia instrumentos improvisados: chocalhos de lata com feijões, cabaças ocas, garfos movendo-se para um lado e para o outro sobre os dentes afiados dos raladores de coco, caixas de fósforo. Era isso que as pessoas chamavam de batucada: sons que, em si, eram comuns, mas juntos ficavam diferentes. A batucada se movia feito um cardume de peixes, todos sempre mantendo o ritmo uns com os outros, quer estivessem mergulhando para a frente, quer recuando.

Porteiros, carregadores, garçons, traficantes de pó, valentões de rua, barbeiros e outros se juntavam ao fim de cada dia e tocavam, e todo mundo na Lapa escutava. Aquelas não eram as marchinhas leves, bobas, que mais tarde a Odeon e a Victor passaram a gravar e vender todo ano durante o carnaval. O samba nunca falava realmente de felicidade.

> “Canto pra te encontrar.
> Esperando que a minha voz
> na tua janela possa entrar.
> E na tua cama
> minhas palavras toquem
> onde não posso tocar.”

No quarto da pensão eu me deitava toda noite ao lado de Graça, morta de cansaço, com a respiração dela no meu pescoço, e ouvia os lamentos daqueles homens. Ouvindo aquilo, eu me sentia escorregadia por dentro, como se algo tivesse se derramado dentro de mim.

Para mim aqueles primeiros meses na Lapa foram uma espécie de paraíso. Toda noite Graça e eu nos enrolávamos lado a lado no colchão fundo, de mãos dadas, rindo das aventuras do dia. Aprendemos a usar o pouco dinheiro que ganhávamos, a regatear, a nos lavarmos direito sem ter uma banheira cheia de água à disposição. Aprendemos a xingar. *Porra, escroto, boceta, viado, piroca* e muitas outras palavras, mais pitorescas, se tornaram coisas que dizíamos com prazer. Também aprendemos a língua da Lapa: um “pitéu” era uma garota bonita, e quando algo fazia sucesso, era um “chuá”. Se alguma coisa era batata, era garantida. Não dizíamos adeus, e sim

“preciso dar no pé!” Dinheiro era “arame”. O vendedor da esquina, o açougueiro, o motorneiro do bonde, todo mundo era “querido”, e nós ríamos sempre que dizíamos isso, empolgadas por chamar pessoas totalmente estranhas com a palavra que uma mulher usaria para o marido. E eu anotava tudo no meu caderninho – o que Dona Aurora tinha me dado muito tempo atrás –, fazendo listas de palavras novas, de cenas e cheiros, até que as páginas começaram a ficar cheias.

Durante essas semanas Graça e eu ficávamos juntas como unha e carne. Na Lapa não éramos patroinha e Jega. Não éramos aluna do Sion e ajudante. Finalmente éramos somente Graça e Das Dores.

Anos mais tarde Graça diria que esse foi o pior período da vida dela. Eu ficava surpresa sempre que ela dizia isso. Sim, éramos muito pobres e estávamos aprendendo a nos virar numa nova cidade, mas estávamos juntas e cercadas por música. Foi tolice minha acreditar que isso bastaria para deixá-la satisfeita.

Uma noite, depois de Graça e eu terminarmos de varrer os cabelos do piso de uma barbearia, ela recusou as moedas que o dono ofereceu.

– Vamos ser pagas com cortes – disse ela, sentando-se na cadeira e levantando a trança. – Pode cortar. Vou querer um daqueles penteados curtos tipo Marlene Dietrich. E ela também.

Não podíamos pagar pelos ingressos do cinema, mas admirávamos Marlene Dietrich nos cartazes de filmes espalhados pela Lapa. Outras garotas do bairro tinham passado a usar o corte de cabelo ousado de Dietrich, logo abaixo do queixo, deixando o pescoço exposto. Graça, claro, não ficaria para trás. O estilo curto a fazia parecer mais velha e ao mesmo tempo maliciosa, como uma menininha a ponto de criar encrenca.

Eu nunca tinha feito um corte de cabelo. Quando chegou a minha vez de me sentar na cadeira, segurei com força a trança comprida e pesada e pensei em Dona Aurora – em como, anos antes, ela escovava e ajeitava meu “cabelo de índia” como se fosse uma coisa a ser cuidada e admirada. Levantei-me da cadeira.

– Não vou cortar o meu – anunciei.

– Por quê? – perguntou Graça.

– Não quero.

Os olhos de Graça se estreitaram.

– Você parece uma porcaria de matuta. Dá vergonha. Se quisermos subir, precisamos mudar a aparência.

– Subir para onde?

– Não vou ficar fazendo biscate para sempre. Vamos cortar o cabelo e depois arrumar um emprego de verdade numa loja para turista, onde pagam de verdade. Na primeira chance vamos comprar vestidos novos, chega desses sacos de batata horrorosos, e vamos voltar à rádio Mayrink. Não vim aqui para varrer o chão, vim cantar. E você?

Voltei para a cadeira. O barbeiro, um velho sempre calado, não estava acostumado a cortar

cabelos de mulher. Segurou minha trança cautelosamente, depois pegou sua maior tesoura – as lâminas frias encostando no meu pescoço – e cortou com força. A trança caiu no chão e ficou ali, uma cobra escura e flácida aos pés de Graça. Olhei para o espelho e vi olhos que me espantaram de tão pretos; a linha marcada do maxilar; maçãs do rosto altas tornadas mais severas pela dieta de café com pão; um pescoço comprido e quase lindo em sua nudez.

As bugigangas mais populares com os turistas eram bandejas de chá, caixas de bombons e copos para lápis cobertos com cenas iridescentes do Rio e do Pão de Açúcar. Essas cenas não eram pintadas com tinta. Elas eram feitas com asas de borboletas – arrancadas do corpo delas e coladas estrategicamente em qualquer superfície, lembrando o horizonte do Rio. Asas amarelas e laranjas para o pôr do sol, asas azuis para o céu, pretas para o Pão de Açúcar, marrons para a areia da praia. Garotas como Graça e eu colávamos. Alguns dias depois de estrearmos os novos cortes de cabelo, fomos contratadas para trabalhar numa loja de suvenires a alguns quarteirões do Senado.

Havia vinte moças na loja de Seu Souza, e recebíamos por cada peça que fazíamos. Algumas eram melhores em colar as asas; as peças delas eram mais caras. O pagamento era muito melhor do que em nossos biscates anteriores, mas era um trabalho entediante. A cola me deixava tonta. A oficina da loja era úmida e apertada. As asas de borboletas rasgavam facilmente nas minhas mãos. (Precisávamos pagar um vintém para cada asa que rasgássemos!) Graça era pior do que eu no trabalho novo. As asas de borboleta eram bonitas e ela gostava de segurá-las contra a luz fraca da sala.

– Olha essa cor, Dor! – dizia. – Eu nem sabia que essas cores existiam.

Graça trabalhava devagar, o que deixava Seu Souza, o dono da oficina, impaciente. Ele costumava se curvar sobre nós, enquanto colávamos, fingindo olhar o serviço, mas na verdade ficava com aquelas mãos bobas. Na primeira vez que senti seus dedos roçando a lateral do meu seio, quase derrubei o pote de cola. Depois de algumas dessas roçadas acho que Seu Souza percebeu que não havia muita coisa em mim para sentir, e passou a dar atenção às garotas mais bem-dotadas. Graça gostava de cantar enquanto trabalhava e, ouvindo sua voz, as outras moças a encorajavam. Seu Souza não reclamou no primeiro dia, mas no terceiro, sempre que ele chegava perto de Graça e tentava passar suas mãozinhas gordas em seu seio, ela parava de cantar. O silêncio nos fazia levantar a cabeça na direção dela e Seu Souza recuava.

– Chega de cantoria – anunciou ele. – Quero trabalho, não essa barulheira.

No fim de cada dia de trabalho, Graça e eu saíamos correndo da nossa mesa, esperando chegar à rádio Mayrink antes das seis horas, quando apareciam os locutores da noite. Enquanto eles entravam pela porta da estação, Graça e eu cantávamos, frequentemente até ficarmos roucas. Havia outros artistas de rua – comediantes, cantores, um ventríloquo – também com a esperança de arrumar trabalho na rádio, por isso Graça e eu precisávamos correr até a Mayrink para chegar antes deles e pegar nosso lugar na esquina. Mas antes de sair da oficina de borboletas precisávamos esperar Seu Souza pagar a diária, contando as peças terminadas e depois largando

as moedas nas nossas mãos.

Seu Souza nunca teve uma ordem específica para nos pagar, mas ninguém queria ser a última. Às vezes a última garota era paga como todo mundo e podia sair da oficina. Mas de tantas em tantas semanas, quando estava disposto, Seu Souza chamava a última garota para o pagamento e fazia uma encenação, revirando os bolsos à procura de mais moedas e logo declarando que estavam vazios. A última garota precisava receber o pagamento no escritório dele. Ele nunca escolhia as mais bonitas, e sim as mais caladas. Na época, eu não me permitia especular por que Seu Souza levava a garota até sua sala e fechava a porta, para pagar. Achava que aquelas garotas não eram da minha conta nem da de Graça. Elas não eram nós e nós não éramos elas.

Depois de um agradável mês de trabalho, Graça e eu pudemos pagar o aluguel, comprar comida decente e até encomendar dois vestidos novos com cintura marcada e mangas soltas, na última moda. Todo dia, depois do trabalho, indo para a Mayrink, passávamos pela oficina da costureira e admirávamos os vestidos na vitrine, sabendo que logo os usaríamos.

Uma noite Seu Souza pagou uma garota após outra, passando entre as mesas de trabalho para inspecionar as peças. Graça e eu esperamos, impacientes, atrás da nossa mesa. Depois de alguns minutos só restávamos ela e eu. As outras se demoraram em volta, fingindo contar o dinheiro ou amarrar os sapatos. Na verdade, estavam esperando para ver qual de nós seria a última.

Seu Souza contou nossas peças terminadas, depois se virou e largou várias moedas nas mãos de Graça. Meus olhos ardiam por causa do vapor da cola. Eu estava tonta quando Seu Souza enfiou as mãos nos bolsos.

– Vejamos – disse ele antes de balançar a cabeça. – Qual é mesmo o seu nome?

– Das Dores.

Seu Souza inclinou a cabeça na direção do escritório. Olhei para Graça. Ela franziu os lábios e arregalou os olhos, tentando me alertar. Mas eu tivera um dia particularmente produtivo – havia terminado quase vinte peças – e, se não pegássemos a minha diária, não poderíamos pagar à senhoria o total da semana nem comprar os vestidos.

Senti a mão de Seu Souza no meu ombro, me guiando para a porta do escritório. Senti o olhar das outras garotas às minhas costas, me espiando como eu tinha espiado algumas delas seguindo Seu Souza até a salinha com porta de madeira empenada.

Antes de chegarmos à soleira houve um estrondo alto. Eu me virei. Seu Souza também. Graça corria de uma mesa a outra, pegando potes de cola e latas de asas e jogando tudo para o alto. Os vidros de cola se despedaçavam no chão da oficina. Algumas latas se abriam antes de chegar ao chão, soltando uma nuvem de asas azuis, laranjas, vermelhas e pretas. As garotas que ainda estavam ali gritavam e levantavam as mãos para pegar as asas que flutuavam.

– Que diabo você está fazendo? – gritou Seu Souza, me empurrando de lado e correndo para Graça.

Houve sussurros, depois o som de saltos de sapato no piso. As outras garotas das borboletas, que moravam na Lapa havia tempo suficiente para saber quando deveriam sumir, saíram pela porta da frente. Seu Souza segurou o braço de Graça. Ela jogou uma lata na cara dele. Ele torceu

seu pulso até ela cambalear na direção dele, de costas contra seu peito. Ela gritou.

Senti como se eu tivesse sido empurrada para baixo d'água. Os sons pareciam distantes e distorcidos. Minha visão estava turva. Eu parecia me mover lentamente – como se o ar estivesse líquido –, dando um passo, depois outro, usando os braços para me impelir na direção de Seu Souza, depois me inclinando, pegando um banquinho de madeira e levantando-o acima da cabeça.

Quando o banco desceu, os sons retornaram. Houve um estalo satisfatório. Seu Souza tombou de joelhos, depois caiu de cara, prendendo Graça embaixo do corpo. Ela gritou. Larguei o banco e a puxei de baixo dele.

Seu Souza ficou quieto no chão, na nossa frente, com um calombo do tamanho de uma ameixa na parte de trás da cabeça. Segurei a mesa frágil para não cair, mas meu corpo tremia tão violentamente que a mesa oscilou.

Graça enfiou a mão no bolso de trás de Seu Souza, tirou um maço de notas, depois se levantou e segurou meu braço, me arrastando pelo piso grudento e saindo pela porta dos fundos.

Corremos tão depressa que tudo ao redor ficou turvo. Entramos em becos e desviamos de vendedores de frutas e de pó. O que me fazia manter Graça à vista enquanto corríamos eram as asas de borboletas: os cachos dela estavam salpicados de azul e amarelo iridescente.

Depois do que pareceu uma eternidade correndo, entramos no batente escuro de uma oficina de sapateiro. Graça apoiou as mãos nos joelhos e se inclinou, recuperando o fôlego. Meus pulmões pareciam grandes demais para o peito. A lateral da minha cintura doía. Senti um calor terrível subindo no estômago e fiquei com medo de vomitar. Graça me encarou. Esperei que ela cantasse vantagem sobre como tínhamos nos livrado depressa ou que se parabenizasse pelo pensamento rápido de pegar o dinheiro. Em vez disso ela respirou fundo e perguntou:

– Você é idiota?

– Não.

– Mas parece. Não sabe o que ele faz naquele escritório?

– Eu não ia deixar que ele fizesse comigo.

– Então você ia lutar com ele lá dentro, mas não do lado de fora, na frente das outras meninas?

Minha cabeça doía como se eu é que tivesse sido atingida pelo banco. Por que tinha deixado Seu Souza me levar na direção daquela porta? Será que teria permitido que ele me tocasse em troca de alguns poucos mil-réis? Por que eu tinha defendido Graça, mas não tinha me defendido?

– Eu queria o meu dinheiro – falei. – Como é que a gente iria pagar pelo quarto?

Graça balançou a cabeça.

– Bom, você não precisava rachar a cabeça dele.

– Você acha que eu rachei?

– Não sou médica, porra! Você poderia ter pisado no pé dele. Ou chutado a canela. Ou dado uma joelhada no pinto. Mas você sempre vai longe demais, Dor. Num segundo você é uma criadinha que se deixa arrastar para um armário, no outro é uma porra de uma lunática.

– Eu nunca fui criada.

– Então o que era?

A saliva na minha boca estava quente demais; segurei a barriga. Queria que Graça respondesse à sua própria pergunta, que dissesse que eu era sua amiga. Que eu era a Dor.

– Talvez eu esteja acostumada a ver meninas serem arrastadas para os armários – falei. – Isso não é nenhuma novidade para nós.

Graça ficou calada. O sangue de seu rosto foi sumindo aos poucos, deixando uma linha pálida e irregular que ia do nariz à testa e desaparecia no cabelo.

– Papai ficou solitário depois que mamãe morreu. Ele bebia demais. Ele nunca foi igual àquele tarado das borboletas.

– Se você sente tanta saudade dele, deveria voltar.

– Talvez eu volte e deixe você aqui para ser presa.

Visualizei Seu Souza no chão, com sangue escorrendo da cabeça. Depois me dobrei ao meio e vomitei nas sandálias de Graça.

Ela ofegou e cambaleou para trás.

– Ah, que diabo, Dor! – exclamou. Depois chegou perto de mim e prendeu meu cabelo solto atrás das orelhas. – Está tudo bem – falou, a voz mais suave. – A polícia só quer saber de prender comunistas. E, de qualquer modo, ele não morreu.

– Como você sabe?

– Eu sei que não – disse ela rispidamente.

– Você não pode simplesmente decidir que ele está vivo.

– Por que não? Você pode gemer, chorar e se preocupar o quanto quiser, mas estou dizendo: ele não morreu.

Graça segurou meus ombros como se fosse me sacudir. Em vez disso, colocou a boca muito perto da minha e falou devagar, como se eu fosse uma criança:

– Não é possível. Não é assim que as coisas serão para nós. Vamos ser famosas. E você não precisa obedecer às ordens de ninguém. Nunca mais.

O dinheiro que ela havia afanado estava dentro da combinação. Graça bateu no volume embaixo da blusa.

– Agora vamos para casa pagar por um banho de verdade na banheira da senhoria. De espuma. Não posso ficar cheirando a vômito para sempre, e a gente precisa tirar essas borboletas de cima. Só para garantir.

Eu costumava imaginar o que aconteceria se eu tivesse a melhor voz e Graça a pior. Será que teria me tornado Sofia Salvador? Será que suportaria os rigores da fama? Será que Graça teria passado dos 26 anos se não tivesse virado Sofia Salvador, e eu sim? Agora sei que nada disso importa. Graça seria artista de qualquer modo. E eu nunca seria uma estrela de verdade. Não porque tivesse menos talento, mas porque tinha menos imaginação. Sabia trabalhar, sabia não passar fome, sobreviver. Mas sempre precisei de Graça para me ensinar sobre possibilidades.

Seu Souza não estava morto, só machucado. Outra moça das borboletas nos viu cantando do lado de fora da rádio Mayrink e contou a novidade, nos parabenizando por termos “quebrado a cara dele”. Não falou nada sobre o dinheiro roubado, mas isso não trouxe alívio. Quando voltamos a cantar na esquina, eu me atrapalhei com a letra e perdi a harmonia com Graça. Ela me encarou irritada, mas não consegui recuperar o foco. Toda vez que eu olhava o pequeno grupo de pessoas à nossa volta, acreditava que via os olhos pequenos de Seu Souza ou, pior, o cabelo escuro e o nariz pontudo de Seu Pimentel, e meu estômago embrulhava.

Mesmo antes da briga com Seu Souza, Graça e eu pegávamos jornais velhos nas latas de lixo e procurávamos matérias sobre a estudante desaparecida. No início havia notícias: a polícia tinha encontrado nas árvores a outra blusa de Graça (a que ela havia jogado fora durante a descida de trem), e isso foi considerado mau sinal. Um grupo de mendigos que acampava na floresta ali perto foi interrogado e liberado. A busca foi suspensa devido à falta de verbas e pessoal. Houve uma matéria sobre o colégio Sion e a má publicidade que ele recebeu; algumas irmãs foram transferidas para conventos distantes. Fizeram um abaixo-assinado para tornar a floresta da Tijuca mais segura. Houve uma menção a Seu Pimentel, dizendo que ele tinha esperanças de encontrar a filha.

Depois de lermos essa matéria curta, enterrada na seção de notícias locais, Graça embolou o jornal e jogou no lixo.

– Não tem nem uma mísera recompensa! – disse. – Ele nem viajou para cá, para ajudar na busca. Se eu fosse um filho homem, ele teria revirado aquela floresta dia e noite para me encontrar.

– Você quer ser achada?

Graça olhou para o outro lado. Seu queixo tremia.

– Espera só até a gente ficar famosa. Espera até ele me ouvir no rádio! Ele vai lamentar ter rido de mim.

De manhã cedo, na nossa cama funda, Graça tecia histórias sobre como um dia chegaria ao Riacho Doce em seu próprio automóvel, com peles no pescoço e joias nos pulsos, anunciando que fazíamos apresentações no Rio! Era fácil ser apanhada naqueles devaneios vingativos: eu visualizava como as ajudantes de cozinha que zombavam de mim e me batiam ficariam boquiabertas me servindo café na louça mais fina da casa-grande. Me imaginei entregando uma pilha de notas de mil-réis a Nena e olhando-a tirar o avental e anunciar que estava abandonando a cozinha de uma vez por todas. Graça só imaginava o pai: como ele iria chorar, abraçá-la e implorar perdão. Essas coisas só eram possíveis na nossa imaginação; enquanto Seu Pimentel estivesse vivo, jamais poderíamos voltar ao Riacho Doce. Nem poderíamos viver completamente em paz em qualquer lugar do Brasil.

Em 1935, uma garota não era apenas uma garota: ela era uma propriedade. Primeiro você pertencia ao pai, depois ao marido. Enquanto esses homens vivessem, você estaria sob a tutela deles, igual a uma criança ou um deficiente mental. A emancipação só vinha depois da morte deles. Enquanto Seu Pimentel vivesse e Graça permanecesse solteira, ela era dele, não importando sua idade nem seu sucesso. Ele poderia aparecer e reivindicá-la, junto com qualquer

riqueza que ela tivesse. E todo policial, toda lei, todo juiz e júri estariam ao lado dele.

Seu Souza era uma questão mais simples. Preocupadas com a hipótese de ele querer o dinheiro de volta, Graça e eu pegamos o caminho que muitos da Lapa trilhavam para não ser apanhados pelas transgressões que cometiam: trocamos o dia pela noite. Em vez de ir para casa depois de cantarmos diante da rádio Mayrink, íamos trabalhar. Fomos contratadas como vendedoras de doces, com bandejas de madeira penduradas no pescoço por uma tira grossa, vendendo goma de mascar, cigarros, balas de hortelã, lenços e frascos de lança-perfume para o pessoal chique do lado de fora dos melhores cabarés. Todas as manhãs voltávamos para a pensão aéreas e exaustas. Numa dessas manhãs, nossa matrona de cara azeda esperava junto à porta.

– Apareceu um homem ontem à noite – disse a mulher. – Fazendo perguntas. Querendo saber se eu tinha alguma moça morando aqui. Mostrou uma foto de uma garotinha com vestido chique. Disse que ela era filha de um usineiro no norte. Queria saber se eu tinha visto alguém igual a ela.

Meu estômago embrulhou. Apertei a cintura com os braços.

– O que a senhora contou a eles? – perguntei.

A mulher se empertigou.

– Não falo com homens estranhos procurando menininhas. – Ela me entregou um cartão de visitas. – Ele deixou isso.

No cartão havia o nome e o endereço de um detetive particular do Recife. Graça pegou-o e o examinou por um longo tempo, os olhos arregalados, como se tivesse cheirado lança-perfume.

Segurei seu braço e a levei para cima, até nosso quarto. Ali tirei nossos poucos vestidos dos cabides e os enfiei num saco de lona para roupa suja, junto com o bolo de combinações e roupas de baixo. Curvada sobre o saco, me lembrei de Seu Pimentel rindo na minha cara, com o hálito azedo e quente. Gotas de suor brotaram na minha testa.

– O que você está fazendo? – perguntou Graça, ainda olhando o cartão.

– Vamos embora.

– Por quê?

Parei de colocar as coisas no saco.

– Ele vai voltar.

Graça olhou o cartão de visitas.

– Detetives custam uma grana preta. Há quanto tempo será que papai mandou ele procurar a gente?

– Tempo demais – respondi e tentei tirar o cartão da mão dela.

Graça o pegou de volta.

– Ele não está procurando você – continuei. – Está procurando a patroinha para casar. E ela está apodrecendo naquela floresta da Tijuca. Não existe mais Graça Pimentel nem Jega. Aquelas garotas estão mortinhas da silva. Certo?

Os olhos de Graça examinaram nosso quartinho, vendo o colchão amarelado, o chão manchado, a janela torta que dava para um beco. Foi até a janela e a escancarou, depois rasgou em pedacinhos o cartão do detetive e os deixou cair na rua, um por um.

A teia de becos da Lapa e seu suprimento aparentemente interminável de garotas tornava fácil para Graça e eu acreditarmos que podíamos desaparecer. Nossa nova pensão não era melhor do que a primeira, mas, ao escapar para lá, sentimos que tínhamos enganado Seu Pimentel e Seu Souza. Porém rapidamente ficamos sabendo que a Lapa era menor do que parecia e éramos mais visíveis do que esperávamos.

A parte da nossa rotina que não mudou foi cantar diante da rádio Mayrink. Todo fim de tarde parávamos na esquina e cantávamos tangos e fados até o anoitecer. Poucas pessoas demonstravam simpatia. Os locutores do rádio se acostumaram com nossa presença e às vezes sorriam na nossa direção, dando falsas esperanças. (Éramos ingênuas demais para entender como funcionava o rádio, ainda em seu estágio de nascimento; que os locutores tinham pouco poder; que os cantores de jingle e os artistas de rádio pagavam suborno ou prestavam todo tipo de favor para conseguir seus papéis.) Na melhor das hipóteses, um passante largava algumas moedas aos nossos pés. O dinheiro bastava para comprar café quente que aliviasse a garganta dolorida. Tenho certeza de que desistiríamos da Mayrink cedo ou tarde e encontraríamos outro modo de sermos notadas, mas o destino – combinado com nossa idiotice – interveio. Por acaso já tínhamos sido notadas, só que não pelas pessoas que esperávamos.

Num início de noite, enquanto Graça e eu nos preparávamos para sair da esquina da Mayrink, um menino que tinha nos ouvido cantar durante toda a tarde veio na nossa direção. Sua camisa estava engomada; a calça curta tinha dois vincos rígidos marcados a ferro. Ele sorriu e bateu palmas.

– Vocês parecem dois passarinhos! Não é de espantar que madame Lúcifer queira ver vocês – disse ele.

– Quem é ela? – perguntou Graça.

O menino ficou surpreso.

– Bom, se vocês não sabem, vão saber. – Ele estendeu os braços como se fosse um cavalheiro nos escoltando para uma dança. – Prontas?

– Precisamos trabalhar – respondi.

– Faltem.

– Você vai pagar nosso aluguel? – perguntei.

O sorriso do garoto desapareceu.

– Eu fui mandado aqui para pegar as gatinhas, esse é o meu trabalho. E se eu não fizer, outro vai fazer. Alguém que não é tão gentil. Parece que vocês são novas por aqui, então vou avisar: quando madame Lúcifer pede para ver alguém, a pessoa não diz não.

Graça e eu nos olhamos. Não podíamos confabular nem avaliar nossas opções na frente do garoto, mas não precisávamos. Eu estava curiosa, ela também. O garoto parecia respeitável, e essa tal madame – quem quer que fosse – tinha conseguido algo que poucos haviam feito desde nossa chegada à Lapa: nos escolhido na multidão. Talvez ela fosse dona de um cabaré. Talvez gostasse da nossa cantoria. Qualquer que fosse o motivo, naquele momento fugir do menino dela

parecia uma encrenca, e a última coisa que Graça e eu precisávamos era de mais encrenca.

O garoto nos levou até a rua Morais e Vale, onde os sobrados, fechados durante o dia, estavam começando a abrir as janelas e acender as luzes. Uma mulher mais velha nos recebeu à porta de uma dessas casas. Usava chinelos e um roupão de seda e ordenou que ficássemos quietas porque suas meninas estavam dormindo. Meses antes eu acharia que ela estava falando das filhas, mas depois de nossa breve residência na Lapa, eu sabia muito bem que não era nada disso.

O garoto ficou do lado de fora. Graça e eu acompanhamos a mulher por uma série de salas com cortinas diáfanas amareladas e sofás de veludo gastos. Uma moça curvada varria guimbas de cigarro e fósforos usados. Em sua pá de lixo havia botões e penas que a matrona de roupão mandou que ela recolhesse e entregasse assim que terminasse de varrer. Na parte mais nos fundos da casa, a mulher abriu duas portas de vidro e sinalizou para Graça e eu entrarmos. Obedecemos e a mulher saiu, fechando a porta em seguida. Eu me lembro de que fiquei muito nervosa, mas logo notei que, à nossa frente, havia um toca-discos com uma enorme corneta de metal em cima. Graça e eu nos olhamos, curiosas para saber que disco estava no prato. Fomos lentamente até a máquina, mas antes de chegarmos eu vi movimento no outro canto da sala.

Um homem estava sentado numa poltrona macia, com o rosto na sombra, as pernas cruzadas. As calças de seu terno eram brancas, os sapatos de verniz lustroso, as meias cor de lavanda. Eu nunca tinha visto aquela cor num homem. Ele tinha membros compridos, fazendo a poltrona parecer apertada. Os dedos marrons e finos batiam nos braços da poltrona.

– Nunca viram um toca-discos na vida? – perguntou ele.

Sua voz era profunda e luxuriante como a de um locutor de rádio. Graça ajeitou os ombros.

– Claro que vimos! – respondeu.

– Sorte de vocês – disse ele, ainda na sombra. – Vocês parecem mais esqueléticas do que eu imaginei. Para ver que até as menores abelhas têm ferrão. Vocês sabem quem eu sou?

Graça e eu balançamos a cabeça.

– Sou a Abelha Rainha.

O homem gargalhou, inclinando a cabeça para vermos melhor seu rosto. Os lábios estavam pintados de rosa brilhante. Graça ofegou ligeiramente. Eu a cutuquei com o cotovelo. Nunca em minha curta vida eu tinha imaginado que um homem pudesse se maquiar; a novidade pode ser mais impressionante do que a mera força. O homem se levantou da poltrona e veio na nossa direção. Suas pernas compridas o transportaram graciosamente pela sala, como se ele andasse sobre rodinhas.

– Já ouviram falar de um homem chamado Souza?

Ele fixou o olhar em mim, lânguido e indiferente como o de um gato. As sobrancelhas estavam modeladas em arcos perfeitos, os cílios eram compridos como os de uma estrela de cinema. Antes que Graça ou eu pudéssemos emitir qualquer ruído, o homem falou de novo, como se nossa resposta não importasse.

– Esse tal de Souza é dono de uma oficina, faz umas caixinhas horrorosas e coisas para os gringos levarem para casa. Ele me paga para proteger a tal oficina. A Lapa é o tipo de lugar onde

as pessoas precisam de um amigo como eu. Bom, há algumas semanas Souza não pôde me pagar o que devia. Disse que umas moças que ele contratou o acertaram na cabeça e roubaram o dinheiro que ele tinha no bolso. Disse que era uma moça feia e uma bonita. Bom, roubar dele é o mesmo que roubar de mim. Por isso perguntei por aí, falei com umas meninas que trabalham na oficina do Souza, e imagina só. Duas moças iguais às que o Souza falou cantam na frente da rádio Mayrink toda tarde.

Um zumbido fino tomou minha cabeça. Meu coração batia rápido. Senti uma raiva quente.

– Ele é um tarado – falei. – Nós estávamos nos defendendo.

O homem assentiu.

– E aproveitaram a oportunidade para roubar o dinheiro dele?

– Ele não pagou o salário dela – disse Graça.

– Tremendo salário! – exclamou ele, rindo. – Vocês devem ter mãos rápidas para ganhar tanto assim. Qual das duas acertou ele?

Graça e eu ficamos caladas. O homem suspirou e voltou para a poltrona.

– O moleque que trouxe vocês aqui tem visto seu pequeno espetáculo na esquina. Disse que vocês duas são afinadas. Por que ficam lá na Mayrink, pegando moedas feito pedintes?

– Vamos ser estrelas do rádio – respondeu Graça.

O homem gargalhou.

– Não vamos todos, neném? Agora me façam a honra de cantar uma música.

Olhamos para ele, depois nos encaramos.

– A gente não pode fazer barulho – respondi. – Foi o que a dona aí na frente disse.

O homem fez um gesto de desdém com a mão de dedos compridos.

– Um desfile de carnaval poderia passar por aqui e as meninas lá em cima continuariam dormindo. Além disso, está na hora de elas se levantarem para trabalhar. Agora cantem.

Ele se recostou na poltrona.

– Vamos fazer o tango, então – sussurrou Graça. – Aquele da rádio, que a gente gosta.

Assenti. Era um dueto romântico que tínhamos memorizado no Riacho Doce.Eu sempre cantava a parte do homem. Graça afastou o cabelo do rosto. Levou a mão para perto da boca, como se estivesse segurando um microfone invisível.

> “Voltei da terra do esquecimento,
> Lá não era boa cidadã.
> Não quis abandonar as lembranças do nosso amor,
> Me recusei a deixar a agonia doce do desalento.”

E então chegou minha vez. Fechei os olhos e me esqueci da sala, do homem de olhos de gato, das meninas que dormiam lá em cima.

> “Eu era escravo do seu coração,

de seus caprichos e exigências cruéis.
E entregando-se nas mãos de outro
você me pagou com traição.”

O tempo passado no Sion tinha melhorado o modo como Graça e eu cantávamos juntas. Fazer parte de um coral feminino tinha forçado Graça a ouvir melhor, e me deixara menos tímida com relação a soltar a voz, com defeitos e tudo. Naquela sala escura na Lapa, durante cada estrofe em solo, Graça e eu deixamos nossas vozes dançar e depois, finalmente, se abraçar no último refrão. Juntas produzimos um som ao mesmo tempo delicado e urgente. A sala foi preenchida pelas nossas vozes em camadas, como o ar pesado antes de uma tempestade vespertina.

Quando terminamos, abri os olhos e vi o homem na beira da poltrona, os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos cruzadas embaixo do queixo. A mulher de roupão, que tinha nos recebido, estava junto à porta, de olhos arregalados. O homem se levantou, enfiou a mão no bolso e pegou um grosso maço de notas. Contou várias – mais do que ganharíamos em três meses trabalhando com as borboletas – e as segurou à nossa frente.

– Vão comprar umas becas novas – disse. – E uns sapatos fechados. Essas sandálias de corda fazem vocês parecerem maltrapilhas.

Graça e eu não fizemos qualquer gesto para pegar o dinheiro. O homem levantou as sobrancelhas perfeitamente arqueadas e sacudiu as notas para nós. Olhei a matrona de roupão, ainda parada junto à porta, depois olhei de volta para o homem.

– Por que o senhor está pagando a gente?

– Não estou pagando – respondeu ele. – Pagar significa que vocês me prestaram um serviço, e isso ainda não aconteceu. Estou fazendo um empréstimo a vocês. E também estou considerando o dinheiro que vocês roubaram do Souza como empréstimo, descontando o que ele devia a vocês, claro. Parabéns, mocinhas. Vocês têm um emprego novo.

– O que vamos fazer? – perguntou Graça, sua voz um sussurro.

– Não vou desperdiçar vocês duas lá em cima, se é com isso que estão preocupadas. Mas vou dizer o que não vão fazer: não vão mais cantar na esquina. E não vão bater na cabeça das pessoas – disse ele, rindo. – Vocês sabem ler e escrever, não sabem? Fazer aritmética?

Graça e eu assentimos. O homem segurou minha mão e pôs o dinheiro nela.

– Bom. Agora vão à oficina da modista na rua Conde de Lages e digam que eu mandei. Desse jeito vão ganhar um desconto.

– Que nome devemos dar na modista? – perguntei. – Quem devemos dizer que nos mandou?

– Meu nome é Francisco Marcelino – respondeu o homem, sorrindo. – Mas por aqui me chamam de Madame Lúcifer.

Na oficina da modista Graça e eu tiramos as medidas para três vestidos cada uma. Depois de ouvir o nome “Madame Lúcifer”, a costureira se apressou com nosso pedido, e os primeiros vestidos estavam prontos no dia seguinte. Numa lanchonete ali perto, quando mencionamos que éramos as mocinhas de Madame Lúcifer, recebemos porções extras de ovos e pão. Graça e eu sorrimos e enfiamos a comida na boca; não comíamos tão bem desde o Riacho Doce. Assim que nossa senhoria descobriu que trabalhávamos para Madame Lúcifer, nos deu um quarto com janela para a rua e não para o beco, e banheiro privativo.

Antes mesmo de começarmos no novo trabalho, Graça e eu descobrimos o que todo mundo na Lapa já parecia saber: Madame Lúcifer era um empresário de sucesso que também oferecia empréstimos e proteção para a maioria dos comerciantes da área. Contra o quê, não sabíamos direito. Mas ficamos sabendo que ele sempre mantinha uma navalha com cabo de ouro enfiada no cinto, mesmo quando dormia. Apenas dois anos antes Madame Lúcifer tinha usado essa navalha para estripar um estivador no cubículo apertado de um bar porque o homem o havia chamado de bicha. Todo ano, durante os ruidosos desfiles de carnaval da Lapa, havia um concurso de fantasias. Francisco Marcelino sempre se vestia de Madame Lúcifer: uma feiticeira sedutora com vestidos elaborados e perucas enormes. Tinha vencido o concurso dez anos seguidos, e o nome da feiticeira se tornou seu.

Madame Lúcifer não lia nem escrevia bem, então nos tornamos suas secretárias. Toda manhã Graça lia o jornal para ele (Lúcifer gostava mais da voz dela) e eu escrevia sua correspondência (ele preferia minha letra). Ele mandava cartas para o editor e as procurava nos jornais todo dia, mas elas jamais eram publicadas. Mandava despachos para seu alfaiate requisitando ternos novos e bilhetes cifrados para os comerciantes da Lapa, que Graça e eu entregávamos. Os bilhetes pareciam inofensivos quando Madame Lúcifer os ditava, mas assim que os comerciantes liam os cartões, muitos ficavam pálidos e imediatamente entregavam grossos envelopes a Graça e a mim. Nós só podíamos adivinhar o que havia naqueles envelopes – tínhamos sido instruídas a jamais abri-los. Outra tarefa nossa era encontrar o grande Studebaker preto sempre estacionado na rua da Lapa, na fronteira com o bairro da Glória, e dar uma batidinha na janela. O chofer sempre nos levava à Padaria Royal, onde três quilos de pão francês nos esperavam. Essa quantidade de pão enchia três enormes sacolas de papel, que Graça e eu carregávamos – quentes como bebês em nosso colo – de volta ao táxi. Então o chofer nos levava pela Lapa e nós entregávamos os pães em lugares que Madame Lúcifer tinha especificado. Seguindo as ordens, sempre guardávamos um pão para o chofer e o entregávamos no fim da corrida. Uma vez um chofer abriu seu pão na nossa frente e dentro havia um frasco de pó branco. Uma vez outro chofer arrancou dois pães da minha mão. Expliquei isso a Madame Lúcifer, que não brigou comigo. Uma semana depois ouvimos as meninas de vida fácil da casa de Madame Lúcifer fofocando: aquele chofer tinha aparecido afogado na Baía de Guanabara.

Felizmente o único dinheiro que Graça e eu manuseávamos era o nosso salário, mais do que suficiente para pagar o quarto e a alimentação da semana. Nós duas ainda ficávamos atentas na rua, mas não houve mais propostas indecorosas nem piadas sujas. Ser as moças de Madame Lúcifer nos dava um sentimento de liberdade e de riqueza que não tínhamos experimentado

antes. Quando uma modelo na revista *O Cruzeiro* apareceu usando calças pantalonas, Graça e eu fomos direto à alfaiataria e pusemos uma pilha de notas no balcão.

– Calças? – perguntou o velho. – Isso é para os sapatões de cabelo espetado. Não para moças como vocês.

“Sapatão” era como o pessoal da Lapa chamava as mulheres de cabelo curto que gostavam de usar sapatos e ternos masculinos e desfrutavam da companhia de garotas de vida fácil tanto quanto os homens.

– Olha aqui, meu chapa – disse Graça. – Calça comprida é a última moda. É melhor você se preparar para fazer para todas as mulheres.

Tiramos as sobrancelhas com pinças até quase sumirem, depois compramos lápis de maquiagem e as pintamos em arcos dramáticos, como as de Marlene Dietrich. Íamos ao cinema uma vez por semana, e nosso filme predileto ainda era *O Expresso de Xangai.* Eu não achava que iria me impressionar com os filmes – especialmente os mudos –, mas quando Dietrich se pavoneava, gargalhava e franzia os lábios escuros naquela tela enorme, eu ficava sem fôlego.

– Olha ela, Dor – sussurrava Graça, que em seguida se virava na poltrona para espiar os outros espectadores no cinema enfumaçado. – Olha como todo mundo olha para ela.

Em vez de ficarmos na cama na maioria das noites lendo juntas (Graça com seus exemplares da revista *O Cruzeiro* e eu com meus romances baratos, que eu comprava às dezenas), começamos a sair pela cidade. Assistimos a vários shows de vaudevile onde se apresentavam malabaristas ou cachorrinhos feios equilibrando pratos no focinho. Íamos a boates de jazz, que eu adorava. Mas a música era sempre interrompida pelos flertes de Graça. Sempre havia um rapaz na multidão – um universitário janota, um remador de ombros largos ou um artista de aparência tuberculosa – que atraía o olhar dela e se oferecia para pagar bebidas. Esses rapazes inevitavelmente tinham amigos que eram obrigados a ficar comigo toda noite. Enquanto Graça e seus rapazes riam e se focinhavam, eu e meus rapazes acabávamos conversando. Alguns conseguiam manter diálogos decentes, outros eram chatos feito uma porta. Nas caminhadas para casa, Graça e eu zombávamos dos rapazes – dos dela e dos meus – e os chamávamos de “pafúncios”.

– Você acha que algum dia vamos arrumar namorados de verdade? – perguntou Graça uma noite, bem tarde, enquanto estávamos deitadas lado a lado na cama, tentando sem sucesso cair no sono.

– Eu não quero – respondi.

– Toda moça quer.

– Eu, não – falei me virando de costas.

– Dor, coitada. Você nunca beijou nenhum rapaz.

– É – respondi irritada.

Já tinha visto beijos nos filmes, e me pareciam dois rostos se chocando com violência.

– Bom, é melhor você aprender.

– Por quê?

– Porque sim! Aqui você precisa saber se virar. Precisa saber como quer ser beijada e como

não quer.

– Eu não quero.

Graça revirou os olhos.

– Todo mundo quer ser beijada, Dor.

– Você quer?

– Claro. Mas não quero beijos ruins, como os desses pafúncios que a gente arranja por aqui. Eca!

– São ruins? – perguntei, feliz por Graça desgostar de todos eles.

– São terríveis! Dá para ver que eles nunca treinaram na vida.

– Treinaram?

Graça suspirou diante da minha ignorância.

– Até os atores de cinema precisam treinar, para que os beijos saiam direito. Eu li na *O Cruzeiro*. Eles não entram simplesmente num set de filmagem e ficam babando uns nos outros.

– Que nojo!

– É. Mas não se você fizer direito. Você precisa treinar, Dor. Para não passar vergonha.

– Certo.

Graça sentou-se na cama. Meu estômago deu uma cambalhota.

– Primeiro cada um precisa olhar nos olhos do outro. – Graça me encarou, inclinando a cabeça.

Um sorriso suave se espalhou em seu rosto. Meu coração bateu forte como se fosse rachar a pele e os ossos do peito. O sorriso de Graça se transformou rapidamente numa testa franzida.

– Não – disse ela, frustrada. – Não está certo assim.

– Não? – grasnei.

– Primeiro é preciso ter uma briga terrível. Um precisa odiar o outro.

– Mas aí por que iriam querer se beijar?

– Meu Deus, Dor! Preste atenção! Vocês não precisam se odiar *de verdade*. Aqui: eu vou ser o homem. – Graça ajeitou os ombros e cruzou os braços. Me olhou com raiva. – Você é uma desmiolada! – disse, e depois, num sussurro: – Anda, Dor. Diga que me odeia.

– Eu odeio você?

– Diga falando sério.

– Está bem – falei, tentando incorporar as atrizes de cinema que Graça admirava. – Odeio você!

Graça voou para cima de mim. Virou um borrão. Senti o cheiro do sabonete de rosas que ela usava no cabelo, o ligeiro azedo de seu hálito. Sua boca se apertou com força contra a minha. Mantive os lábios fechados, prendendo o fôlego até meu peito arder e os olhos ficarem lacrimejantes. Graça se afastou.

– Isso foi terrível – disse. – Você precisa colocar alguma ação, Dor. Senão é como beijar um poste de luz.

– Você também não foi nenhuma maravilha – falei esfregando o lábio superior. – Parecia que estava querendo comer minha língua.

Graça revirou os olhos.

– Isso se chama *emoção*, Dor.

– Bom, será que pode haver um pouco menos de emoção? Não quero cortar o lábio.

– Ótimo. Vamos fazer do seu jeito.

– Ótimo.

Rapidamente repassei cenas de filmes na cabeça, mas nenhuma me satisfez; ficaríamos ridículas fazendo aquilo. Sem dúvida a vida não era como naqueles filmes. Pensei nos meus romances baratos. Pensei em Capitu – a heroína de um daqueles livros –, em seu cabelo comprido e cheio e em como seu namorado, Bentinho, deve ter se sentido quando tocou nele pela primeira vez.

– Feche os olhos – falei, com medo de Graça rir de mim.

Ela obedeceu.

Pus a mão no cabelo de Graça, acariciando-o com cuidado, de modo que meus dedos não ficassem presos nos cachos. Deixei os dedos passear em volta da orelha, depois descer pelo pescoço. Antes que ela pudesse abrir os olhos, pousei a boca sobre a dela. Então as coisas vieram naturalmente, mais naturalmente do que eu poderia imaginar. Nossas bocas se moveram com suavidade. Um pouco de saliva escapou dos lábios, fazendo com que deslizassem facilmente um sobre o outro. Depois, sem que eu percebesse, minha língua se moveu ligeiramente. A ponta roçou na ponta da de Graça. Senti um choque, como se tivesse tocado um fio desencapado. Graça deve ter sentido também, porque recuou bruscamente. Seus olhos estavam arregalados. Ela me olhou como se me visse pela primeira vez. Depois desviou os olhos.

– Esse foi razoável – disse ela. – Agora você vai ser a moça.

Treinamos assim, esporadicamente, durante meses. Depois do trabalho e antes de percorrermos os cabarés da Lapa eu tentava fazer com que voltássemos correndo ao nosso quartinho. Mas frequentemente Graça queria fazer compras ou se demorava na banca de revistas enquanto eu andava de um lado para o outro e suspirava.

– Você precisa ir ao banheiro ou o quê? – dizia ela e me lançava um olhar fulminante.

Assim, aprendi a esconder minha ansiedade pelas nossas sessões de treino, acreditando que Graça também estava escondendo a dela, porque assim que começávamos, ela jamais relutava. Agora sei que Graça jamais se intimidava e jamais se intimidaria com as necessidades de seu corpo. Satisfazê-las era o mesmo que comer quando estava com fome ou beber água quando estava com sede. Assim que se saciava, Graça ia em frente pelo resto do dia sem pensar no que havia acontecido. Depois de nossos treinos de beijos, ela caía num sono pesado ao meu lado, mas eu não conseguia fechar os olhos. Ela havia revelado em mim uma profundidade e uma urgência de sentimento cuja existência eu jamais conhecera. Eu olhava para meus pés, minhas mãos ásperas, minha barriga chata e o peito mais chato ainda, como se os visse pela primeira vez. Antes essas coisas tinham sido ferramentas. Funcionavam como serviçais da minha mente, permitindo que eu mexesse a comida numa panela, que me encolhesse com força quando levava socos ou corresse por um labirinto de becos. Foram necessárias as mãos, os dentes e a língua de Graça para me trazer para mim mesma, para mostrar que meu corpo não era uma casca

construída para suportar pancadas nem um instrumento feito para obedecer às minhas ordens. Ele não era uma “coisa” – era eu.

Eu queria mais: queria explorar mais, ir mais fundo. Graça não queria. Nós nos beijávamos até ficar com os lábios dormentes, mas eu precisava me lembrar constantemente de não abraçá-la forte demais nem deixar minhas mãos descer abaixo da sua barriga. Quando eu fazia isso, Graça me empurrava e a sessão terminava. Cada noite era um presente e uma luta.

Um dia de manhã, enquanto tomávamos café na padaria da esquina, Graça falou alguma coisa engraçada e, antes que eu pudesse evitar, minha mão saltou e acariciou a dela. Ela se afastou como se eu a tivesse queimado.

– Pare – sussurrou ela. – Quer que as pessoas pensem que nós somos sapatões?

Dizem que Adão e Eva não sentiam vergonha no jardim do Éden. Só quando foram exilados, olharam para si mesmos, para sua nudez, e sentiram necessidade de se cobrir. Muitas jovens fazem esses “treinos”, como chamávamos. Mas na época eu era uma tola. Não sentia vergonha porque estava convencida de que Graça e eu éramos nossa própria invenção. Acreditava que éramos diferentes – que nenhuma dupla antes de nós e nenhuma dupla depois de nós faria o que fazíamos juntas, durante os treinos. Sem dúvida éramos diferentes daquelas moças manteúdas com suas protetoras ricas. Éramos diferentes dos famigerados “sapatões” da Lapa, com seus cabelos espetados. Nenhuma garota sonhava em se tornar uma mulher desse tipo. E eu também não.

Que tipo de mulheres nós queríamos nos tornar? Na minha memória eu tinha uma imagem da autoridade de Nena e da graça de Dona Aurora. Eu me lembrava da dignidade régia das baianas que tínhamos visto em Salvador. Assistia à energia eletrizante e reluzente de Marlene Dietrich na tela. Mas essas eram imagens e lembranças, e não algo de carne e osso.

Na Lapa, mulheres dançavam às luzes da ribalta com figurinos minúsculos; ficavam em fila, com vestidos idênticos, fazendo vocais de apoio para os cantores; eram ajudantes de mágico, segurando echarpes e chapéus; apareciam jogando as pernas para o alto, como uma distração antes do número principal. As mulheres não cantavam samba, tango ou jazz. Não compunham músicas nem tocavam instrumentos. Não faziam parte dos conjuntos. Claro, nos terreiros de candomblé havia mães de santo que cantavam para seus deuses. E nas casas de ópera havia sopranos e cantoras de fado, mas no miolo da Lapa? Na melhor das hipóteses, as mulheres eram musas dos compositores e, na pior, ficavam trancadas em lugares como o estabelecimento de Madame Lúcifer até que seus corpos se esgotassem.

À noite ficávamos longe de lá, mas numa noite o garoto bem-vestido nos encontrou de novo e disse que estávamos sendo chamadas. Quando chegamos, havia música tocando na sala e um bando de meninas, ainda de roupão, espalhadas jogando damas, lendo a revista *O Cruzeiro* e devorando tigelas de arroz.

– Ei! São as pequenas do dia! – gritou uma delas. – Foram promovidas?

Graça e eu ouvimos as outras rindo enquanto subíamos a escada até o escritório de Madame Lúcifer, no quarto andar. A sala cheirava a colônia cítrica. Lúcifer estava sentado atrás da mesa, o terno impecavelmente passado, pulseiras de ouro reluzindo nos pulsos e uma pinta cuidadosamente desenhada acima do lábio pintado. Não sorriu nem mandou que nos sentássemos.

– Os canarinhos estão prontos para começar a me pagar? – perguntou.

– Estamos trabalhando para o senhor – respondi. – Já não começamos?

– Vocês teriam de levar recados pelo resto da vida para pagar o que devem. Por sorte vocês não vieram aqui para fazer entregas e ler jornais. Vocês já subiram num palco?

– Nós já cantamos muito – disse Graça.

– Não foi isso que eu perguntei. Não estou falando de esquinas.

– Num palco de verdade, não – respondi.

Madame Lúcifer se recostou em sua poltrona.

– Perto do Grand Hotel, número 52 – disse. – Vão lá amanhã depois de terminarem o trabalho para mim. Perguntem por Anaïs. Digam que eu mandei vocês.

O Grand Hotel ficava na parte chique da Lapa. Graça e eu passamos a noite especulando que cabaré elegante era chamado de “Número 52”. Mas, quando chegamos à rua indicada por Madame Lúcifer, o número 52 não era um nome, e sim um endereço – e não era um cabaré, e sim uma loja. As vitrines estavam fechadas, as portas de vidro trancadas. Uma pequena placa de latão acima da porta dizia: “La Femme Chic.”

Graça bateu. Uma mulher pôs a cabeça para fora. Parecia heroína de um filme mudo: pálida e de pescoço comprido, com enormes olhos pretos e batom cor de malva tão perfeitamente aplicado que parecia ter sido carimbado na boca.

– O que é? – perguntou.

As instruções de Madame Lúcifer me vieram à mente, mas não consegui fazer com que minha boca falasse. Anaïs levantou as sobrancelhas desenhadas a lápis.

– Madame Lúcifer mandou a gente – disse Graça com impaciência. – Sou cantora.

– Eu também – acrescentei.

A mulher revirou seus olhos lindos.

– Lú-ci-fer – ronronou com forte sotaque. – Claro que ele me manda mais cantoras.

Ela abriu a porta apenas o suficiente para passarmos espremidas. O que eu esperava encontrar no La Femme Chic? Na Lapa, eu tinha aprendido rapidamente que os lugares e as pessoas assumiam várias formas: os homens podiam parecer mulheres e as mulheres podiam parecer homens; uma oficina de sapateiro também funcionava como bar; um pedaço de pão era lugar para esconder pó; um porteiro de hotel de dia podia ser um grande músico à noite. Desde o momento em que batemos à porta de Anaïs, eu tive esperança de que o número 52 fosse um fantástico cabaré secreto, mas também me preparei para a possibilidade de ser outro bordel. Por

acaso a Lapa sempre conseguia me surpreender. Assim que Graça e eu entramos, ficamos boquiabertas.

Pousados em poleiros de madeira como se fossem dezenas de pássaros brilhantes e exóticos estavam os chapéus mais incríveis que já tínhamos visto. Havia chapéus fascinator com cachos de cerejas de cetim vermelho. Havia boinas em cores que eu nem sabia que existiam. Havia chapeuzinhos estilo Robin Hood com feixes de penas verdes nas laterais. Havia modelos com véus que tinham centenas de pedrinhas reluzentes grudadas na rede, fazendo parecer que o chapéu tinha sido salpicado de orvalho.

Naquela época, se uma mulher de classe saísse de casa sem chapéu, era como se andasse descalça. Até eu era fã de chapéus, mas nunca pude comprar um. Por acaso La Femme Chic era a loja de chapéus mais exclusiva de todo o Rio, e Anaïs era sua criadora.

Ela inspecionou nossos vestidinhos cinturados e as cabeças despidas. Depois, subitamente indignada, disse:

– Venham comigo.

Anaïs nos levou para fora da sala do mostruário e entramos em outra sala, atulhada e escura. A chapeleira ficou muito perto de Graça. Apertou a mão pálida na barriga dela e, por um instante, pensei em Seu Souza e em sua salinha dos fundos. Mas em vez de ficar com medo, senti ciúme.

– A respiração é o combustível da cantora! – gritou Anaïs.

Graça e eu demos um pulo.

Mais uma vez ela apertou a barriga de Graça.

– Relaxe aqui – ordenou. – Inspire. Não, não! Não engula o ar. Não é a quantidade que importa, e sim por onde o ar viaja. Respire de novo. De novo. De novo...

Passamos aquela tarde, e muitas outras, aprendendo a respirar. Muito antes de ser chapeleira, Anaïs tinha sido cantora. Tinha estudado canto na França e até havia se apresentado no palco de várias casas de ópera, fazendo parte do coro.

– A voz é uma entidade misteriosa – dizia Anaïs durante nossas aulas. – Ela é invisível, mas está à nossa volta. Precisa envolver. Precisa preencher um teatro, uma sala de concertos! Precisa comunicar cada emoção conhecida. Precisa se expandir, jamais se retrair! Façam a voz se expandir, minhas caras, e vocês vão expandir a alma!

Havia pouco canto propriamente dito nas aulas de Anaïs. Ela nos fazia treinar bocejos para relaxar a garganta. Mandava ficarmos diante de um espelho e dizer “IIIIII-AHHHHHHH-IIIIIII-AHHHHH” sem mexer o maxilar. Ensinou a expandir a caixa torácica e o que era o diafragma. Ensinou a subir num palco com o queixo erguido e os ombros para trás, a sorrir, fazer reverência, projetar a voz para alcançar os ouvintes mais distantes, a continuar cantando mesmo tendo esquecido uma letra ou desafinado uma nota. Fora do La Femme Chic, Anaïs exigia que bebêssemos oito copos d’água por dia e proibia os cigarros. Graça e eu obedecíamos porque respeitávamos não somente os ensinamentos de Anaïs, mas também seu senso de estilo. Se ela dizia que fumar era *gauche*, que as mangas meia cava eram infantis ou que o cabelo curto e cacheado era *passé*, nós obedecíamos como se tivéssemos ouvido um decreto vindo direto dos

céus.

Pelo menos – por um curto tempo – nossas lições diárias satisfizeram nossos sonhos de virarmos artistas. Graça recebia atenção ininterrupta, o que ela adorava. E eu – sempre a aluna obediente – tinha a sensação de trabalhar duro em algo que eu estimava. Anaïs era a primeira cantora de verdade que conhecíamos. Presumimos (corretamente, por sinal) que ela nos dava aquelas aulas porque, como muitas pessoas na Lapa, devia algum favor a Madame Lúcifer. Ele tinha mandado outras moças para ela no passado, mas, segundo Anaïs, elas não possuíam a disciplina nem o talento para o sucesso. Quando perguntamos o que havia acontecido com as tais moças, a expressão dela ficou sombria.

– Encontraram outros modos de entreter – disse. – Lúcifer sempre arruma uma utilidade para as pessoas, de um modo ou de outro.

O fato de Anaïs continuar nos ensinando nos deu esperança de termos o que aquelas outras jovens não tinham. Não éramos as primeiras artistas que Madame Lúcifer havia posto sob as asas, mas, se dependesse de Graça e eu, seríamos as melhores.

Numa noite, Madame Lúcifer apareceu no La Femme Chic depois da nossa aula e disse que ia nos levar a um cabaré. Esperávamos um lugar chique, com letreiro e champanhe no menu. Quando chegamos, encontramos uma pequena casa de espetáculos numa rua secundária da Lapa. Do lado de fora havia uma tabuleta de madeira com as palavras “Esta noite! Srta. Lúcia & Suas Duas Maravilhas!”

A boate estava nebulosa de fumaça. Alguns homens com suspensórios frouxos olhavam para o palco. Uma mulher gorda ocupava o tablado de madeira. Usava saltos gastos, meias roxas e um espartilho que deixava sua cintura espremida de um modo que não era natural. Derramando-se do topo do espartilho, cobertos com um tecido brilhante e metálico, estavam os seios da mulher. Eles faziam sua cabeça e seu pescoço parecerem minúsculos. Enquanto ela saracoteava pelo palco, cantando e balançando os braços com letargia, os seios tremelicavam e balançavam.

Atrás dela um homem alto tocava violão. Estava curvado sobre o instrumento, de olhos fechados, como se tentasse imaginar que estava em outro lugar. Seu corpo permanecia imóvel, mas os dedos se moviam desenfreados pelas cordas. Ouvindo-o tocar, eu me esqueci do bar vagabundo e das duas maravilhas da Srta. Lúcia. O som que saía do violão era cortante e estimulante, como caminhar numa manhã fria.

Ele tinha sobrancelhas escuras, olhos de cão de caça e a boca torcida num sorriso maroto, fazendo uma covinha aparecer na bochecha direita. Na época quase todos os músicos da Lapa pareciam ser tuberculosos, o cabelo esticado para trás. Os dele não tinham brilhantina e ele usava costeletas muito antes de se tornarem populares. Na metade da música, o violonista levantou os olhos diretamente para mim. Parecia que todo mundo naquela boate havia desaparecido, a não ser nós dois; eu não conseguia desviar os olhos. Ele parecia um lutador avaliando um oponente. Meu pescoço esquentou. O calor desceu pelo peito, chegando à boca do estômago. Eu nunca

tinha notado um homem assim. E isso me confundiu e me amedrontou. Me lembro de ter dito a mim mesma para não ter medo, que eu também era uma lutadora.

– Feche a boca – disse Madame Lúcifer, dando um tapinha no meu braço. – Vai entrar mosca.

Ele levou Graça e a mim até o balcão. Na outra ponta, um homem muito baixo, de terno vermelho, veio até nós.

– Lúcifer – disse o homem. – São essas as meninas?

– Por que outro motivo eu iria trazê-las? – respondeu Madame Lúcifer.

O homem assentiu. Seus braços eram tão curtos que ele mal conseguia cruzá-los. Ele estendeu a mão para Graça.

– Toninho – disse ele. – Lúcifer disse que você tem uma voz e tanto. Mas eu não esperava que fosse tão bonita. – Toninho olhou para mim e franziu a testa. – E que você é um colosso! Mas precisa colocar um pouco de carne nesses ossos. Já comeram? Que tal um bife?

Atrás do balcão ficava uma pequena cozinha onde o atendente do bar começou a preparar a comida para nós. O cheiro de carne suplantou todos os outros: de fumaça, cinza de cigarro, bebidas, um leve toque de vômito. A voz de Madame Lúcifer me tirou do transe. Ele estava falando de dinheiro.

– Essas garotas vão trazer um público enorme – disse. – Mais pessoas significa mais bebida vendendo. Quero uma parte disso.

Toninho trincou os dentes e assentiu.

No palco a Srta. Lúcia fez uma reverência profunda, terminando seu número. Os homens em volta assobiaram e bateram as mãos ásperas nas mesas. Aqueles não eram os obedientes cortadores de cana do Riacho Doce. Eram pintores, pedreiros, bêbados e varredores de rua. Queriam espetáculo. Queriam piscadelas, risos e peitos balançando. Queriam esquecer o trabalho estafante se afogando em bebida e olhando mulheres fazer cabriolas no palco. E, se não gostassem do número, não ficariam em silêncio.

– Mas nós somos só cantoras – falei. – Parece que eles querem coristas.

Graça me olhou irritada. Os olhos pesados de Madame Lúcifer se viraram para os meus.

– Se vocês tiverem talento, podem dominar um bando de leões famintos – disse ele. – Querem ser artistas? Bom, é aqui que vocês vão provar. Existem mil vozes boas por aí, mas nem todo mundo é capaz de encantar uma plateia.

O bife chegou, crepitando e gorduroso, acompanhado por duas cervejas geladas. Eu tinha perdido o apetite, mas Graça mastigou enormes bocados de carne e ajudou a descer com a cerveja, devorando sua porção e a minha.

Todo grande artista no Rio tinha um nome artístico; desde o início Graça e eu decidimos que não seríamos diferentes. Muito antes de entrarmos na espelunca do Toninho, nas noites quentes em que íamos para casa depois das aulas no La Femme Chic ou nas manhãs em que nos

amontoávamos nas padarias tomando café, Graça e eu imaginávamos as mulheres que iríamos nos tornar no palco. Precisávamos de nomes elegantes, nomes que nos dessem confiança, nomes que, como Graça insistia, tivessem brilho, energia. Ela encontrou o dela primeiro.

A melhor cliente do La Femme Chic era uma mulher chamada Sofia. Ela comprava um chapéu para cada dia do ano. Graça ficou impressionada com essa extravagância.

– Sofia – disse ela, enquanto varríamos alfinetes no chão da sala do mostruário. – Parece nome de rainha.

Outra freguesa – uma mulher menos excêntrica porém mais culta, na minha opinião, do que a xará de Graça – era Lorena. Eu gostava do nome dela. Como a primeira metade dos nossos nomes artísticos vinha de mulheres elegantes, decidimos que a segunda metade viria de lugares que admirávamos. Graça escolheu a cidade onde tínhamos parado em nossa primeira viagem de navio. Eu escolhi a Lapa.

– Sofia Salvador – suspirou Graça. – Apresentando-se exclusivamente no Copacabana Castle!

– E Lorena Lapa – acrescentei.

Nossa estreia não seria no palco ilustre do Copa. Mas para nós a espelunca do Toninho era tão boa quanto o melhor teatro do Rio. Quando chegamos para a primeira noite de apresentação, a tabuleta de madeira do lado de fora do cabaré do Toninho havia mudado.

ESTA NOITE! SRTA. LÚCIA E SUAS DUAS MARAVILHAS
E AS NINFETAS

Graça apertou minha mão.

– Somos nós – disse ela. – Estamos numa boate de verdade!

Os bastidores eram uma área escura, apertada e infestada de mosquitos. A Srta. Lúcia levou Graça para o camarim minúsculo, onde eu procurei o violonista. Toninho não se importava com o que a gente cantasse, por isso Graça e eu tínhamos decidido apresentar dois dos tangos mais populares da época: um animado e o outro lento e triste. Precisávamos dizer isso ao violonista antes do início do show, para que ele nos acompanhasse direito no palco. Naquela noite eu não conseguia encontrar o músico em lugar nenhum.

Fiquei andando impaciente atrás da cortina. Do outro lado daquele veludo manchado, os fregueses de Toninho pediam bebidas e arrastavam cadeiras para perto do palco. Era noite de fim de semana e a casa estava lotada. Logo seria a hora de a Srta. Lúcia entreter a plateia, e eu ainda estava com minhas roupas da rua.

Quando o violonista finalmente apareceu atrás do palco, estava com um cigarro pendendo na boca. Uma cortina de cabelos escuros obscurecia seus olhos. Ele passou rapidamente por mim. O estojo do violão que ele carregava bateu na minha perna.

– Com licença! – gritei.

– Desculpe – murmurou ele e continuou andando.

Bloqueei seu caminho.

– Você é o acompanhador?

Com a mão livre, o homem tirou o toco de cigarro dos lábios e o jogou no chão.

– Eu pareço o quê? Um senador? E você? Quem é?

O cigarro caiu perto dos meus pés, enfiados desconfortavelmente nos sapatos altos, de bico aberto, que Graça tinha me forçado a usar. Cambaleei para me afastar da guimba acesa.

– Sou uma das ninfetas – respondi.

– O que é isso?

– O novo número.

O homem suspirou.

– As novas Bonequinhas, você diz.

– Não, as Ninfetas.

– Isso é só um nome para o mesmo tipo de pequena. As Bonequinhas, as Pequerruchas, as Nenês, as Bebês. Toninho já teve todas, graças a Madame Lúcifer. Acho que Lúcifer quer subir ao palco mais do que as meninas que ele manda. Aposto que ele canta melhor do que elas.

– Nós cantamos melhor do que todo mundo.

O homem gargalhou.

– Vou acreditar quando ouvir, querida.

– Não sei quem é sua querida, mas com certeza não sou eu.

Então falei quais eram as músicas da nossa apresentação.

– Você pelo menos sabe tocá-las? Ou precisa de ajuda?

O violonista riu.

– Todo mundo conhece essas músicas. Não são escolhas exatamente originais. Eu poderia tocar com uma mão nas costas.

– Vou acreditar quando ouvir, querido.

O violonista riu. Atrás dele, Toninho surgiu nos bastidores. Sua presença deixou o espaço pequeno ainda mais apertado. O braço do violonista se comprimiu contra o meu.

– Vinicius – disse Toninho. – Saia daqui. Toque alguma bobagem antes de Lúcia entrar. O pessoal está ficando agitado. E você – disse Toninho, olhando minhas roupas da rua. – Pelo amor de Deus, vá se vestir. Você parece que vai servir às mesas, e não cantar no palco.

No camarim, Graça já estava transformada numa ninfeta: cabelo maria-chiquinha, sardas salpicadas no rosto pintado de ruge. O vestido havia sumido, e no lugar estava uma malha de corpo inteiro que a Srta. Lúcia chamou de “roupa de Eva”. Havia duas malhas, ambas cor-de-rosa e pálidas – até mesmo em comparação com a pele de Graça. As mãos e os pés dela ficavam para fora, e os meus eram tão mais escuros do que a malha que parecia que eu estava usando luvas e meias castanhas. Costuradas na frente da malha cor de pele havia pequenas folhas verdes que deveriam cobrir nossas “saliências”, como disse Toninho. As malhas, manchadas nos cotovelos e nos joelhos pelas usuárias anteriores, tinham sido feitas para garotas de tamanhos diferentes. Graça tinha peitos grandes, o que fazia sua malha ficar esticada e franzida na parte de cima. Eu era reta feito uma tábua, por isso minha malha ficava frouxa em vários lugares

infelizes. As folhinhas verdes ficavam muito em cima ou muito embaixo em nós duas, fazendo até mesmo o corpo perfeito de Graça parecer estranhamente desajeitado e desproporcional.

Enquanto esperávamos nas coxias o início da apresentação, gotas de suor abriam caminho pela grossa camada de maquiagem no rosto de Graça. Sua testa brilhava.

– Vou vomitar – disse ela.

– Aqui?

– Claro que aqui! – reagiu ela rispidamente, depois assentiu na direção do palco, onde a Srta. Lúcia bamboleava para lá e para cá. – Não dá para ser lá!

– Está bem – respondi e peguei uma lata de lixo. – Pronto.

Graça pegou a lata e me olhou. Esperava que eu a tranquilizasse de alguma maneira, mas o que eu poderia fazer? Se eu lhe dissesse que seríamos um sucesso naquele palco, ela notaria a hesitação na minha voz. A única plateia para a qual tínhamos nos apresentado eram os empregados do pai dela; mesmo se fôssemos terríveis, eles bateriam palmas. Pensei em Vinicius, o violonista, e no que ele tinha dito sobre as Ninfetas e Bonequinhas anteriores: não eram cantoras. Imaginei aquelas ninfetas usando nossas roupas de Eva e jogando as pernas para o alto, rindo e balançando o traseiro para o público. Não eram artistas e provavelmente não fingiam ser. O que Madame Lúcifer estava pensando, para colocar nós duas na frente daquele bando de homens da Lapa?

Segurei a mão úmida e fria de Graça e disse a única coisa em que acreditava:

– Finja que esses homens não existem. Não precisamos deles. Nós cantamos para nós mesmas.

Graça inclinou a cabeça, confusa.

– Mas, Dor, nós *precisamos* deles. Não adianta cantar se ninguém estiver escutando.

A Srta. Lúcia saiu do palco. Vinicius começou a tocar as primeiras notas do nosso tango. Sem qualquer apresentação ou boas-vindas, Graça correu para o palco. Fui atrás.

Houve cantadas, assobios e uivos bêbados. Minhas mãos ficaram dormentes. Ao nosso lado, no palco, Vinicius continuou teimosamente a tocar as primeiras notas da nossa canção, mas Graça e eu ficamos em silêncio. No fundo, junto ao balcão, vi o cabelo onduladinho de Madame Lúcifer, seu olhar atento. Um arrepio começou a pinicar no meu couro cabeludo. Era como se alguém estivesse puxando meu cabelo pela raiz, me levando para fora do palco. Minha respiração ficou muito acelerada. Abri a boca, mas não saiu som nenhum.

Ouvi vaias. Pés batendo no chão.

Vamos, meninas! Um rebolado!

Alguém segurou minha mão. Com mais força do que eu esperava, Graça me puxou para perto, até estarmos de frente uma para a outra.

Uuuu! Fiu fiu! Agora sim!

Os olhos de Graça se fixaram nos meus. Seu pescoço se alongou, o peito estufou, ela abriu a boca. E sua voz – tão segura e doce – veio até mim, separando meus lábios até minha boca se abrir e liberar a mesma música:

“Eu era escravo do seu coração.
Cedia aos seus caprichos sem pudor!
Com você aprendi
a delícia inebriante do amor.
Mas você partiu, me deixou louco.
E minha alma se encolheu pouco a pouco.”

Nossas vozes se derramaram em cada canto escuro daquela boate desolada. Não houve mais assobios, falatório nem qualquer som além do nosso. E do violão de Vinicius, é claro. Enquanto cantávamos, seu violão nos sustentava. Suas notas nos empurravam quando a música exigia, depois nos puxavam para trás, para sermos suaves e afáveis nos momentos mais ternos da canção. Cantamos o refrão de novo e de novo, mas a cada vez ele parecia diferente e melhor do que antes.

Nena costumava dizer: “Deus protege os bêbados, os tolos e os vira-latas.” Naquela noite Graça e eu éramos as tolas. Entramos naquele palco mal iluminado sem ensaiar, usando malhas sujas e mal ajustadas, e enfrentamos uma plateia que queria algo que não podíamos oferecer. Pelo menos era o que pensávamos. Uma coisa que aprendi naquela noite – e que lembraria para sempre – foi a jamais subestimar a plateia. Aqueles pedreiros, vendedores, motorneiros e engraxates que apinhavam o bar do Toninho eram nascidos e criados na Lapa, e na Lapa a música era uma fé, era um bálsamo curativo, era como as pessoas falavam com deuses e amantes, como respeitavam os amores perdidos e cortejavam os vivos, era o que buscavam nos momentos mais sombrios e o modo como comemoravam os momentos bons.

Aqueles homens podiam estar esperando duas garotas bobas e vulgares com vozes ruins, mas não protestaram quando receberam duas que cantavam a sério. Claro, se fôssemos medíocres, eles jogariam limões e garrafas em nós. Mas a voz de Graça era perfeição e a minha era imperfeição. A dela era o triunfo e a minha era a perda. Junto com o violão de Vinicius havia uma sincronicidade perfeita entre nós três.

No fim da apresentação não houve gritos nem assobios, apenas aplausos.

– Mais uma! – gritou uma voz rouca, e os aplausos ficaram mais fortes.

Na Lapa existia o seguinte ditado: enquanto você tiver uma canção dentro de você, nunca estará sozinho. Naquela noite tantas canções brotaram dentro de mim que pareceram necessárias e inabaláveis como um batimento cardíaco. De um lado estava Graça, ruborizada e reluzindo de confiança. Do outro, Vinicius, gentil e sábio. Até aquele momento eu nunca tinha tido um lar e uma família. Nem sabia que desejava essas coisas. Mas naquela noite encontrei meu lugar no mundo: ali, naquele palco, ao lado de Vinicius e Graça. E acreditei que meus dias mais solitários tinham ficado para trás.

SOMOS DO SAMBA

Para o nosso caso ficar sério,
minha família você precisa conhecer.
Vou levá-la numa roda,
quem me criou você vai ver.

Não sou de Santa Teresa nem da Lapa.
De Copacabana nem da Tijuca.
Eu não sou de Botafogo,
da Praça Onze nem da Urca.

Sou do samba, meu amor;
Ele é meu pai – de versos e estribilhos.
Minha mãe é a batucada,
mas eles tiveram outros filhos.

Você vai ver meus irmãos
na roda, e umas irmãs também.
Miudinho dedilha o cavaco,
ele vai dar em cima de você.

Tem o Bonito da cuíca.
E o feio Noel do pandeiro.
O Cozinha é bom no agogô,
e no reco-reco é bem faceiro!

A garota séria é Das Dores,
que faz letra pra qualquer canção.
A sorridente é Gracinha
A voz dela vai deixar você no chão.

Banana é o mais janota,
no sete cordas ele é bom.

O alto é o Professor
que toca tudo que faz som.

Não somos de Santa Teresa nem da Lapa.
De Copacabana nem da Tijuca.
Não somos de Botafogo,
da Praça Onze nem da Urca.

Somos filhos do samba,
Ele é o nosso pai.
E a roda é nossa família,
Não teremos outra jamais.

Todas as músicas que já escutamos e todas que iremos ouvir são feitas de doze simples notas. A complexidade vem quando essas notas são agrupadas num número infinito de combinações e depois tocadas mais devagar ou mais rápido, repetidas ou não. Música é o som altamente organizado. É uma linguagem que aprendemos sem perceber. Ouvimos nossa primeira canção e deciframos suas repetições, sua ordem. A música ensina o que esperar e quando esperar. Aprendemos a associar as notas graves com tristeza e as agudas com animação. Logo ouvimos canções totalmente novas e suas notas colidem com lembranças de músicas do passado. Temos expectativas com essa nova canção. Mesmo se não soubermos inteiramente o que vem em seguida, nossos instintos dizem para onde a música pode nos levar e que lembranças pode desenterrar.

Um ano antes de Vinicius fazer 76 anos e ter que ficar em casa por causa da doença, nós viajamos até o Grand Canyon. Nessa época estávamos morando em Miami, com quase 12 anos de casados e 42 de luto por Graça.

No cânion havia um mirante com uma barreira artificial de pedras. Vinicius e eu ficamos na beirada e olhamos a fenda, as muitas camadas de rocha e as sombras azuis das nuvens. O outro lado do cânion era visível, mas ficava muito além do nosso alcance. Vinicius pôs a mão no meu ombro.

– Isso faz com que eu me sinta pequeno – disse. – Insignificante na história do mundo.

Pus a mão sobre a dele.

– E faz com que eu me sinta em casa.

Há uma lacuna entre nossa realidade e nossos desejos. Quando temos sorte, vivemos com segurança de um lado e espiamos o outro. Às vezes podemos atravessar a garganta, cruzar o vazio, mas por pouco tempo. Quando Vinicius e eu fazíamos música, quando esquecíamos o mundo e nos perdíamos nas nossas canções, era como se tivéssemos dado as mãos e pulado juntos por cima da fenda.

Depois da morte de Graça, o salto era grande demais. Nós dois caímos no vazio, ainda que

Vinicius jamais admitisse. Na cabeça dele, ele tinha sido deixado para trás e tentava obedientemente limpar a sujeira. E eu? Eu era a sujeira.

Eu andava pelo mundo como se nadasse em concreto. A comida não me apetecia. A atração por outro ser humano jamais atravessou minha mente. Fiquei magra e descuidada na meia-idade. Bebia demais. Testei a paciência das poucas pessoas leais que ainda me consideravam uma amiga. Vinicius era uma delas. Naquela época nós dois morávamos em Las Vegas, mas não juntos. Quando eu era despejada de um apartamento, ele sempre me arranjava outro. Pagava meu aluguel. Me visitava. Nas primeiras visitas Vinicius ligava o rádio, tentando fazer com que eu escutasse alguma música nova. Eu dizia para ele desligar. Um dia ele chegou carregando um velho toca-discos. Eu disse que não queria. Então ele falou para eu mesma jogá-lo no lixo. O aparelho era pesado, então ficou.

Nessas visitas Vinicius trazia discos: bossa do Brasil, alguns álbuns da Motown, Aretha Franklin, Patsy Cline, e mais tarde Dolly Parton e James Brown. A princípio escutávamos uma ou duas músicas juntos, e após um tempo passamos a ouvir os discos inteiros. Depois falávamos das faixas, das vozes, dos méritos e defeitos das músicas. Vinicius começou a deixar esses discos na minha casa até que eles ficavam empilhados ao lado do toca-discos e eu não conseguia deixar de colocá-los no prato quando ele não estava por perto. Numa noite ele pediu que eu saísse do meu apartamento vagabundo e fosse com ele a uma boate – um lugarzinho minúsculo perto da Strip de Vegas – para ouvir uns blues. Ficamos sentados no fundo, de modo que eu pudesse sair depressa. O lugar era escuro e estava quase vazio, o que foi um alívio. O garoto que tocava era bom, mas não era nenhuma revelação. No entanto, como Vinicius gostava de observar, durante a hora em que ficamos ali escutando eu não toquei na bebida que tinha pedido. Depois disso íamos a boates de música regularmente, e nesses dias eu bebia um pouco menos, de modo que conseguia aproveitar as apresentações.

Um dia Vinicius me pegou e me levou a um estúdio.

– Tenho umas músicas para gravar – disse ele. – Um pessoal novo do Rio está aqui conosco. Achei que você poderia ajudar a escolher o repertório.

Ele vivia tentando fazer com que eu me sentisse útil, e não um fardo. Era um joguinho seu durante meus anos de bebedeira, antes de nos casarmos. Naquele dia eu topei. Era 1972. Fazia 27 anos que Graça estava morta – quase tanto tempo quanto estivera viva. O Brasil se encontrava nas garras de outra ditadura militar, muito mais brutal. Quando músicos brasileiros vinham nos visitar, significava que tinham sido exilados por causa da música que faziam. Vinicius arranjava lugares para eles ficarem, comida e uma rede de músicos que podiam contatar nos Estados Unidos. Em troca gravava discos com aqueles rapazes jovens e cabeludos que não pareciam homens ou mulheres, mas algo intermediário. Chamavam o som deles de Tropicália.

Naquele dia o rapaz que estava no estúdio com Vinicius era uma versão mais infantil de um velho colega do nosso conjunto, chamado Cozinha, morto muito tempo antes. O rapaz tinha 25 anos, cabelo black power, calça boca de sino e botas de salto alto. Eu estava com 52 anos e me senti velhíssima ao lado dele. Escondi-me no fundo do estúdio, atrás do vidro, mas o garoto me encontrou.

– Você é Das Dores Pimentel – disse ele. – É uma honra conhecer você.

– Por quê?

– Você... bom, você é a outra metade do Sal e Pimenta. As suas músicas com Vinicius são clássicos. Minha mãe escutava tanto “Sem Arrependimento nem Virtude” que deixou o disco gasto. Ela assistiu ao primeiro show de vocês em Ipanema.

– Nosso único show.

– Eu adoraria gravar uma faixa com você e o professor. Seria o privilégio da minha vida.

– Vinicius mandou você dizer isso?

O garoto balançou a cabeça.

Foi assim que nós três – Vinicius, o garoto e eu – acabamos juntos no escuro estúdio de gravação, do outro lado do vidro. Fazia décadas que eu não cantava, desde nosso primeiro e último show em Ipanema, na noite antes de Graça morrer. Vinicius e o garoto prometeram que era só um ensaio, só por diversão. Então eles tocaram os violões e o garoto e eu nos alternamos nas estrofes. Cantamos “Somos do Samba”. Minha voz tinha ficado grave e rouca devido aos anos de cigarro e álcool. Era como uma sombra da voz brilhante e nítida do garoto. A música voltou com facilidade. Naquele momento senti que estava de novo na Lapa.

Vinicius gostou do som que o rapaz e eu produzimos, por isso passamos a tarde gravando uma canção antiga depois da outra. Não precisei beber até terminarmos. No dia seguinte gravamos mais.

Agora percebo que as visitas, o rádio, o toca-discos e as boates eram migalhas de pão que Vinicius colocava no meu caminho para me ajudar a sair do vazio e ir para onde ele me esperava.

Hoje em dia aquele garoto é um grande astro. Vem a Miami fazer shows e me visita todas as vezes. Seu cabelo está curto e grisalho. Usa óculos e ternos bem-cortados, mas para mim ainda é um garoto. Nosso disco juntos ainda vende bem e é considerado uma fusão clássica de samba e Tropicália. A cada vez que ouço, não escuto os gêneros, as palavras nem as músicas em si. Ouço a mim mesma, chamando das trevas, emergindo do meu nada com uma canção.

SOMOS DO SAMBA

Aos 16 anos eu achava que era musicista. Acreditava que nosso número na boate do Toninho fazia Graça e eu termos alguma importância no mundo. E que mundo minúsculo era o nosso! Não enxergávamos além do nosso pequeno lugar na Lapa, da nossa pensão e do nosso papel no palco precário do Toninho. Como muitas garotas daquela idade, estávamos cegas para a história que se desenrolava ao redor. O que importava se as mulheres tinham recebido o direito ao voto se as eleições eram sempre adiadas? O que importava se o Velho Gegê (como o pessoal da Lapa chamava o presidente Getúlio) tinha destituído todos os governadores eleitos do país e os substituído por seus homens, chamando-os de interventores? O que importava se, graças à nova Lei de Segurança Nacional do Gegê, a polícia prendia tantos dissidentes e suspeitos de comunismo que velhos navios de cruzeiro precisaram ser transformados em prisões flutuantes na Baía de Guanabara? O que importava se aqueles homens e mulheres jamais veriam um juiz ou júri e se o destino deles seria decidido pelo Supremo Tribunal de Segurança dos militares do Gegê? Essas eram preocupações para os agitadores universitários, os editores de jornais e os intelectuais ricos em suas mansões de Santa Teresa – não para nós, da Lapa, que sempre tínhamos sido ignorados, que nunca ligamos para doutrinas (comunistas ou não) e cujas únicas preocupações eram a música e ganhar uns trocados.

Em 1936 – seis meses depois de estrearmos na boate do Toninho –, o público de lá passou a depender tanto de Graça e de mim quanto das doses de cachaça. Graças às Ninfetas, a venda de ingressos dobrou, depois triplicou. Madame Lúcifer estava feliz. Toninho pôs um cartaz novo na porta da boate, com as Ninfetas em destaque. Quando Graça e eu subíamos ao palco a cada noite, a boate barulhenta ficava silenciosa como uma igreja. Até os “Cabeças de Tomate” de Gegê – um regimento especial da polícia, que usava boinas vermelhas e era conhecido por invadir à força os cabarés da Lapa e arruinar as apresentações com violência – sentavam-se respeitosamente durante nossos shows, silenciosos e reverentes como coroinhas.

Algo importante estava acontecendo na Lapa. Ninguém falava sobre isso, mas havia uma energia no ar, uma vibração que dava para sentir nos ossos. Os aparelhos de rádio ficaram mais

baratos, de modo que cada padaria de esquina subitamente espalhava música em alto volume. A gente ouvia menos tango e jazz e muito mais sambas – não o samba de verdade, mas as marchinhas idiotas que as pessoas cantavam no carnaval: músicas sobre festas e mulheres bonitas. Músicas que os ouvintes de fora da Lapa, que não sabiam de nada – os que acreditavam que o samba era música de macumba, violência e luxúria –, podiam tolerar. Três gravadoras – Colúmbia, Victor e Odeon – montaram estúdios no centro da cidade, suficientemente perto da Lapa para ser "autênticos". E à noite, se você andasse pelos becos da Lapa, via muitos universitários respeitáveis falando nossas gírias e querendo escutar "música de verdade" – o que quer que eles acreditassem que fosse isso.

Quem era eu para julgar? Afinal, o que Graça e eu sabíamos sobre música? Na época, graças às aulas com Anaïs, nos achávamos especialistas. As aulas, assim como nosso papel de ninfetas, consumiam nosso tempo. Eu nunca tinha visto Graça estudar alguma coisa, antes ou depois, com mais seriedade do que nossos compromissos diários com Anaïs, mas nossa jovem professora parecia sentir pouco prazer em nos ouvir cantar. Ela suspirava. Balançava a cabeça, frustrada. Dizia frequentemente que nossas vozes eram selvagens e precisavam ser domadas. Mas continuava a nos dar aulas, o que significava que Graça e eu tínhamos talento. Significava que Sofia Salvador e Lorena Lapa tinham grande potencial juntas.

Veja bem, eu só pensava em nós como uma dupla.

Nossas aulas com Anaïs ficaram mais longas, mas meu tempo com ela foi ficando cada vez mais curto. Era a barriga de Graça que Anaïs apertava e cutucava. Era da respiração de Graça que ela reclamava e o alcance vocal de Graça que ela censurava. Cada vez mais eu me sentava no fundo da sala, vendo Graça e Anaïs trabalhar. Roía as unhas, frustrada, depois batia com o pé na cadeira até Anaïs ser forçada a me notar.

– Isso não é uma roda, Das Dores. Não precisamos dos seus instrumentos improvisados.

– Se não vou cantar, preciso fazer alguma coisa. Quando vai ser minha vez de treinar respiração? Como vou melhorar se não treinar também?

Graça revirou os olhos. Anaïs me encarou, com a expressão usual de frustração substituída por algo que parecia preocupação. Mandou Graça para a chapelaria vazia fazer cem exercícios vocais.

– E não tente trapacear – alertou. – Das Dores e eu vamos estar aqui, ouvindo.

Graça obedeceu. Anaïs sentou-se na cadeira ao meu lado, a perna encostando na minha. Tinha pelo menos dez anos a mais do que eu, mas como não era casada nem tinha filhos, como a maioria das mulheres da sua idade, eu via Anaïs não como uma matrona, mas como um ideal. Ela usava uma saia lápis que se ajustava aos quadris, expondo as panturrilhas compridas e pálidas. As palmas das minhas mãos estavam frias e suando; precisei fazer um esforço enorme para ficar parada. *Finalmente!*, pensei. *Estou recebendo a mesma atenção que Graça!* Eu tinha falado o que pensava e Anaïs havia percebido que nós duas – Graça e eu – merecíamos um tempo igual! A expressão de preocupação que ela havia mostrado momentos antes era verdadeira.

– Você ama a música, não é? – perguntou Anaïs.

Fiz que sim com a cabeça.

– Eu também – disse ela. – Quando estou me sentido um caco, a música é meu único consolo. A música, não o canto. Música é muito mais do que cantar. Você precisa entender essa diferença, Das Dores.

Funguei.

– Claro que sei qual é a diferença.

– Um cantor não é como um compositor, um regente ou mesmo um músico num conjunto. Os cantores não podem virar as costas para a plateia. Não podem se esconder atrás de um instrumento. Precisam olhar para nós. Precisam se entregar à canção e viajar nas letras. Precisam impressionar. Para a plateia, a canção e a pessoa são uma coisa só. Minha voz não conseguiu sustentar isso. É perigoso estar no palco, tão vulnerável, e não ter uma voz para nos proteger. Foi melhor eu não ter virado cantora. Para mim foi muito triste perceber que meu talento não era suficiente. Mas foi melhor assim. Graça tem talento. A voz dela pode protegê-la no palco. Pode sustentar o fato de estar sozinha.

– Ela nunca vai precisar ficar sozinha. Ela tem a mim. Nós somos uma dupla.

– Em qualquer esquina a gente vê uma dupla – disse Anaïs, sem se conter. – Quando as pessoas escutam uma voz de verdade, elas esquecem de si mesmas. É isso que todos nós queremos, nem que seja apenas pelo tempo de uma canção.

– Eu posso fazer as pessoas se esquecerem de si mesmas – falei, interrompendo Anaïs. – Posso me esforçar mais. Posso treinar mais. Mas não posso fazer nada se você me obrigar a ficar sentada escutando Graça o dia todo. Preciso cantar também.

Os olhos grandes e líquidos de Anaïs encontraram os meus. Havia rugas finíssimas em volta de sua boca e dos olhos, como rachaduras minúsculas na areia lisa. Ela era muito jovem, mas, para mim, naquele momento, parecia velhíssima e perigosamente sábia, como uma daquelas deusas que os devotos do candomblé cultuam, uma deidade com defeitos, que podia ser egoísta e vingativa se não fosse louvada. Senti ao mesmo tempo raiva e medo do que ela diria em seguida.

– Nem todo o treino e inteligência do mundo podem fazer uma cantora, querida. A voz é uma coisa indomável. Não segue regras justas. Ou você nasce com ela ou não. Não tente forçar o que não pode ser. É o desperdício mais triste de uma vida.

Cutuquei a ponta de uma unha até que ela se soltou. Depois, com grande propósito, arranquei a ponta da unha até o dedo sangrar.

Anaïs repousou a mão no meu rosto.

– Sinto muito, minha flor – sussurrou.

Em todas as aulas eu queria a mão dela na minha barriga, seus dedos levantando meu queixo. Mas, naquele momento, eu não podia suportar o toque de Anaïs ou sua pena. Afastei-a bruscamente.

Graça sempre tinha sido a melhor cantora; eu nunca havia negado isso. Mas isso não significava que minha voz não era digna de ser ouvida. Cantar era uma coisa que Graça e eu sempre tínhamos feito juntas, e até aquele momento eu acreditava que sempre estaríamos juntas no centro das atenções. Anaïs tinha me machucado. Como um animal ferido, mordi de volta.

– Você gosta de Graça, não da voz dela. Vejo como você olha para ela.

– Ah – disse Anaïs, surpresa. – Não. Graça é adorável, mas ela não é *o meu*, como vocês, brasileiros, dizem.

Nós nos encaramos. Anaïs foi a primeira a desviar os olhos.

– Quando cheguei aqui no Brasil, eu tinha tantas esperanças! Tinha a sua idade, ainda era uma criança, e estava melancólica por não ter virado cantora na França. Eu estudava desde que era pequena. Minha família tinha posto muitas esperanças em mim. Então fugi deles e do meu fracasso. Alguns de nós amamos a música. Alguns podem fazer música. E alguns, se tiverem sorte, podem ensinar os outros. Vocês não são as primeiras que Lúcifer me manda. Mas Graça é a melhor. Um dia ela poderá subir num palco de verdade. Lúcifer sabe disso. Portanto, preciso me concentrar em Graça agora, nas nossas aulas. Lúcifer pode ser um amigo muito leal, mas não é um homem que a gente possa deixar com raiva.

– Isso não é *a minha* – falei. – É assim que a gente diz. Não é "isso não é *o meu*". Mas tudo bem. Já entendi.

– Entendeu mesmo, Das Dores?

Um calor subiu pelo meu pescoço, chegando às pontas das orelhas.

– Você quer dizer que as moças... quero dizer, as mulheres, não são a sua.

Anaïs balançou a cabeça. Segurou o meu queixo. Depois, muito suavemente, passou o polegar pelos meus lábios, percorrendo-os de novo e de novo, até seu dedo ficar molhado com minha saliva.

– *Ela* não é a minha – disse Anaïs.

Graça terminou seus exercícios e entrou correndo na sala, pronta para receber um elogio. Anaïs se levantou. Olhei para as minhas mãos. Minha unha arrancada estava sangrando, mas minha boca é que latejava.

O que eu deveria fazer? Eu tinha 16 anos e uma adulta me dissera uma verdade dolorosa. Claro que não aceitei bem.

Na volta para casa depois daquela aula terrível com Anaïs, Graça falava sem parar sobre rapazes, músicas novas e outras bobagens. Minha cabeça doía. Eu não conseguia me obrigar a lhe contar o que Anaïs tinha dito. Algumas horas depois, quando Toninho apresentou as Ninfetas no palco, Graça e eu demos as mãos e nos olhamos como sempre, mas meus olhos ficaram turvos de lágrimas. Graça franziu a testa e continuou cantando, a voz subindo acima da minha. Tentei acompanhá-la, cantar mais alto, mais forte, com mais graça, mas terminei chiando e de rosto vermelho. Depois da apresentação comprei um maço de cigarros e fósforos.

– Para quem é isso? – perguntou Graça.

– Para mim.

Graça arrancou os cigarros da minha mão.

– Você não pode fumar. Anaïs disse. Vai fazer sua voz parecer que você tem cascalho na

garganta.

Arranquei o maço da mão de Graça.

– Não me importa o que aquela francesa esnobe diz.

– Desde quando?

– Desde que ela me disse que eu não sou boa o bastante para fazer aulas com ela – confessei, minha voz falhando.

Graça segurou minha mão com delicadeza.

– Que diabo ela sabe?

– Tudo.

– Nós temos as apresentações no Toninho, e vamos ter muitas mais depois disso. Então jogue fora essas porcarias de cigarros. Ou o que sobrou deles.

O maço estava embolado na minha mão. Ri e enxuguei os olhos. Graça riu também. Lembrei-me das nossas sessões de treino, sua boca quente e molhada na minha, o modo como nos agarrávamos com tanta urgência que era como se quiséssemos nos misturar uma à outra. Queria sentir isso ali, no meio daquela rua da Lapa, com ela. Sem pensar, passei o braço em volta de sua cintura e a puxei para mim. Graça ficou rígida. Olhou o beco escuro em volta.

– Pare com isso – sussurrou ela. – Não é assim que eu quero as coisas.

Antes parecia que Graça e eu sempre queríamos coisas semelhantes – fazer música, fugir, ser mais do que qualquer pessoa achava que poderíamos ser – e sempre tínhamos desejado isso com voracidade, e uma com a outra. Mas agora eu estava outra vez diante de Anaïs, sendo rejeitada de um jeito que eu não suportava.

Recuei para longe dela, as mãos levantadas como uma criminosa.

– Não seja puritana – disparei. – É só um abraço. Você não é a minha.

Ela se encolheu como se eu tivesse lhe acertado um tapa e minha vergonha diminuiu.

Fomos em silêncio até a pensão. Nos dias seguintes, quando nos falávamos, era uma conversa educada, como se fôssemos colegas de quarto que tinham se conhecido no dia anterior. Enquanto isso, violei todas as regras de Anaïs: bebi, gritei e fumei tantos cigarros que mal tinha fôlego para ir da cama até o banheiro de manhã. Falava mal de Anaïs para quem quisesse ouvir, chamando-a de esnobe e sapatão. Parei de ir às aulas de voz à tarde, apesar de ela ter insistido que eu poderia pelo menos aprender mais sobre música ouvindo Graça cantar. Em vez disso, passei muitas tardes horríveis em livrarias, encolhida nos corredores dos fundos, fingindo examinar romances enquanto chorava e enxugava o nariz com a manga da blusa. A cada vez que o sino da porta da livraria tocava, eu levantava os olhos, esperando ver Graça passar entre as pilhas de livros, me procurando. Imaginava nós duas de mãos dadas, implorando o perdão uma da outra. Imaginei-a me dizendo que também ia abandonar as aulas de Anaïs.

Era só no palco, como as Ninfetas, que realmente ficávamos juntas, e só durante a apresentação. Durante essa nossa briga longa e educada Graça foi a encontros com pafúncios da universidade. Eles ficavam com ela até o amanhecer, quando ela voltava à pensão largando areia pelo piso e se deixando cair na cama ao meu lado sem nem ao menos lavar o rosto. Eu estava sempre acordada, esperando, mas fingia que não estava. Graça dormia de costas para mim e,

depois dessas noites fora, ela fedia a fumaça e cerveja, água salgada e vento. Parte de mim queria grudar a boca em seu ombro desnudo, sentir o gosto do sal na pele dela. Outra parte queria envolver seu pescoço com as mãos e torcer.

Depois das nossas apresentações, Graça tirava a roupa de ninfeta e corria para encontrar algum pafúncio que estava sempre espreitando perto do balcão. Eu me demorava no camarim, tirando as sardas e o ruge de ninfeta e tomando coragem para voltar para casa, sozinha. Eu quase sempre pegava uma bebida no bar antes de acenar com a cabeça me despedindo de Vinicius, que sempre acenava de volta. Mas uma noite ele foi até o balcão e parou na minha frente, com a ponta do velho estojo do violão roçando no meu joelho.

– Estou indo até a casa da Tia Clementina – disse ele. – Quer ir?

Levantei, passei o braço pelo de Vinicius (o que foi uma surpresa para ele e para mim) e disse confiante, como se soubesse exatamente de quem ele estava falando.

– Eu adoraria.

Vinicius foi para a porta. Tinha menos de 30, como Anaïs, mas eu o considerava velhíssimo; a cada vez que o via eu me lembrava das aulas da Bruxa sobre a gravidade, e imaginava se aquele peso invisível era mais pesado para ele do que para o resto de nós.

Soltei seu braço assim que saímos do Toninho, mas enquanto Vinicius e eu percorríamos os becos escuros da Lapa, me senti triunfante; Graça não me encontraria esperando pateticamente em casa, depois do seu encontro.

– Pode segurar isso, por favor? – pediu Vinicius, me entregando o estojo do violão. Era pesado, mas obedeci. Ele tirou uma cigarreira de metal do bolso. – Quer um?

– Quero – respondi, sem saber o que estava aceitando.

Na época Vinicius fumava cigarros enrolados à mão, feitos com fumo Onyx, que me deixavam tonta depois de duas baforadas. (Mesmo agora ainda sinto vontade de fumar aqueles cigarros, um desejo de sentir aquelas primeiras baforadas que faziam meus pulmões arderem e os ouvidos zumbirem.) Vinicius tirou dois da cigarreira e colocou ambos na boca. Me entregou um cigarro aceso, com a ponta molhada dos lábios dele, e eu senti uma emoção secreta por colocar aquele cigarro entre os meus. Vinicius pegou o estojo do violão de volta. Continuamos andando.

– E aí, como foi que o Lúcifer pôs as garras em vocês? – perguntou ele. – O que vocês devem a ele?

– Por que você acha que a gente deve alguma coisa?

Vinicius deu de ombros.

– Todo mundo tem alguma dívida.

Lembrei do cigarro que Vinicius tinha me dado e dei uma tragada funda. Meu peito pareceu pegar fogo.

– Madame Lúcifer ouviu a gente cantar e gostou. Simples assim.

– Por aqui nada é simples. A não ser aqueles tangos que vocês cantam. Já ouviram algum

samba de verdade?

– O que é um samba de verdade? Por que é melhor do que a nossa música?

Vinicius riu.

– Não quero ofender, mas essas bobagens que vocês cantam no Toninho não são música. São uma merda. Mas Graça tem uma voz e tanto. Muitas garotas querem ser estrelas de cabaré, mas não basta cantar bem, você sabe. É preciso ter algo a mais. Eu ouço isso na voz dela. É como se ela quisesse alguma coisa que não pudesse ter.

– Você ouve isso? – perguntei, diminuindo o passo.

– Claro. A sua voz é diferente: mais triste, mais dura, mas não de um jeito ruim. É como se você tivesse mais de 17 anos, ou sei lá qual é a sua idade. Todo mundo ouve coisas diferentes em cantores diferentes. Quando um cantor é bom de verdade, a gente se escuta nele. Você sabe o que eu quero dizer.

Ele disse a última frase não como uma pergunta, e sim como uma afirmação. E era lisonjeiro ser levada em tão alta conta, ver que ele acreditava que eu entendia.

Ficamos em silêncio pelo resto da caminhada. Não foi um silêncio incômodo, e sim tranquilizador, como se soubéssemos tudo que havia para saber um sobre o outro e não precisássemos de palavras.

Quando Vinicius chegou à casa de Tia Clementina comigo a tiracolo, os homens que estavam no quintal dela trocaram sorrisos.

Anos depois de a casa ser derrubada, alguns idiotas alegaram que aquele tinha sido o local de nascimento do samba. Outros diziam que era um terreiro de candomblé. Alguns historiadores até afirmaram que Tia Clementina nunca existiu: que ela e sua casa representavam muitas casas e muitas baianas que permitiram a evolução do samba no Rio. Eu posso acabar com todas essas teorias: o samba não nasceu na casa de Tia Clementina, mas ela existiu e jamais separou a música da fé.

Toda noite ela se sentava diante da porta de casa com vestimenta completa de baiana: turbante branco, blusa branca com renda nas mangas e na gola, saia branca e ampla e tantos fios de contas no pescoço e nos pulsos que a gente se perguntava como ela conseguia andar com todo aquele peso naquele corpo pequeno. Clementina fazia um bom negócio fritando acarajé na frente de casa e vendendo aos farristas noturnos que ansiavam por comida salgada e para os turistas que quisessem provar que tinham tido uma noite de aventura na Lapa e acabaram conhecendo uma baiana “de verdade”. (Uma baiana “de verdade” ainda evocava um sentimento de perigo e magia na mente de quem não entendia a tradição. Numa tentativa de disfarçar esse medo, as pessoas zombavam das baianas uma vez por ano, no carnaval. Foliões ricos que invadiam a Lapa nos quatro dias e noites de carnaval frequentemente escolhiam a fantasia de baiana, e centenas de “falsas” baianas – tanto homens quanto mulheres – dançavam bêbadas com saias amplas e turbantes tortos.) Chovesse ou fizesse sol, Tia Clementina se sentava, silenciosa e atenta como

uma tartaruga velhíssima, e cozinhava para bêbados e turistas. Mas alguns visitantes não vinham atrás de comida. Carregavam instrumentos e bebida e beijavam a bochecha funda da velha antes de entrar em seu quintal dos fundos, que ela havia transformado num bar improvisado. Esses homens tinham terminado seu trabalho como garçons, porteiros, mensageiros, carregadores e músicos de cabaré, mas não voltavam para casa, para a própria família e para a cama – se é que tinham esse tipo de conforto.

– Está atrasado, Professor – disse um homem gordo, com os olhos saltados.

Vinicius pousou seu violão.

– Desde quando a gente se preocupa com a hora?

– O tempo é uma fantasia da imaginação – disse um rapaz com tantas sardas espalhadas pelo rosto que parecia que sua pele tinha amadurecido como uma casca de banana.

– Diga isso ao meu chefe! – retrucou o gordo e riu.

Seu corpo todo se sacudiu.

– Essa é Das Dores – disse Vinicius. – Achei que ela deveria ouvir a gente tocar.

Sua escolha de palavras me surpreendeu. Eu *deveria* ouvi-los tocar – como se a música deles fosse ser boa para mim ou eu fosse ser boa para ela.

Alguns homens assentiram, mas não abriram espaço na roda de cadeiras.

– Achei que você tivesse dito: nada de namoradas – disse o rapaz sardento.

– Não sou namorada de ninguém – reagi.

O homem grandão com olhos de sapo sorriu.

– Bom, então puxe uma cadeira, irmã.

O pessoal o chamava de Miudinho. Seu corpanzil, sua autoridade tranquila e o fato de que fora da roda sempre estava com uma mulher nos braços fazia Miudinho parecer o gerente de algum cassino. Ele era sobrinho de Tia Clementina e tocava cavaquinho. Apesar do corpanzil, Miudinho tinha mãos pequenas e hábeis que se moviam rapidamente pelas cordas do instrumento.

Os irmãos, Banana e Bonito, eram da Bahia. Banana era o sardento e tocava violão de sete cordas. Bonito, como o nome sugeria, era de uma beleza ofuscante. Era da cor das sardas de Banana e tinha um nariz comprido, régio, e olhos escuros e profundos, como os de um cachorrinho. Bonito tocava cuíca, aquele instrumento de percussão que eu tinha visto pela primeira vez nas rodas dos cortadores de cana. Miudinho chamava Bonito de “isca”, porque, ainda que sua beleza atraísse as mulheres, sua timidez tornava difícil que elas continuassem interessadas. Era então que Miudinho entrava com seu charme e bom humor.

O homem muito alto que estava no canto, com as maçãs do rosto protuberantes e expressão séria, era chamado de Cozinha. Tocava percussão: agogô, pandeiro, reco-reco e qualquer coisa que fizesse os sons chocalhados ou raspados de que ele precisasse. Ganhou o apelido porque, como dizia: “Sou sempre o malandro dos fundos, suando, cozinhando, dando sabor ao conjunto.” Se Miudinho era o alegre showman do conjunto e os irmãos, seus príncipes tímidos, Cozinha era o guerreiro. Seus colarinhos estavam sempre engomados e os sapatos sempre engraxados. Ele gostava de embaralhar cartas com os dedos compridos e carregava um punhal preso ao tornozelo,

mas nunca o vi usá-lo.

O último membro do conjunto era Noelzinho, o rapaz jovem e sério do grupo. Ele tinha uma expressão pálida, tuberculosa, associada aos artistas atormentados e que, consequentemente, naquela época era considerada muito chique. Às vezes Noelzinho tocava banjo, mas seu verdadeiro amor era o tamborim.

Com o passar dos anos, todos nós do Bando da Lua Azul mudamos – alguns para melhor, a maioria para pior. Mas quando penso nos rapazes, sempre os vejo como naquela primeira noite na Tia Clementina. Eles não tinham repertório definido. Nem ensaios ou figurinos. Nenhuma plateia para agradar, a não ser eu. E fui esquecida assim que tocaram a primeira nota.

Eu tinha ouvido samba dia e noite desde que havia chegado à Lapa. Mas nada era parecido com o samba que os rapazes do Lua Azul tocavam em sua roda. A música era luxuriante, mas controlada. Era brincalhona, decolava e depois deslizava, como os pássaros enormes que voavam ao redor do Pão de Açúcar, abrindo as asas e planando. A música dos rapazes me levou para longe da Lapa, de Anaïs, de Graça e até do meu medo terrível de meus talentos serem insignificantes e banais – e de que eu também fosse. Tomada pela música, eu não tinha limites nem fardos. Eu era tudo e não era nada. Esse, como aprendi, era o efeito provocado pela roda.

A roda era um ritual. Era um acontecimento, e não uma apresentação. Qual é a diferença? Uma apresentação é feita para quem está assistindo. A roda era para nós, que estávamos tocando, cantando e compondo. Se você não fizesse parte da roda, não existia. A roda era uma conversa entre músicos, para a qual você precisava ser convidado. Toda noite havia centenas, talvez milhares de rodas de samba na Lapa. Mas todas tinham as mesmas regras.

Os recém-chegados eram sempre tratados com indiferença. Mesmo que você fosse o melhor violonista, cuiqueiro, compositor ou cavaquinista do mundo, tinha que ser convidado para entrar no círculo. Nem pense em entrar e lutar para estabelecer o andamento imediatamente: os recém-chegados apenas seguem. A batucada – o glorioso som improvisado na roda – era como um cardume, às vezes flutuando serenamente juntos, às vezes disparando mais rápido do que a gente podia acompanhar, mas a pessoa precisava fazer por merecer o direito de comandar o cardume. E as músicas? Nem pense em tocar uma marchinha leve: essas eram para ser ouvidas uma vez por ano, eram para o carnaval, para gente de fora. O samba na roda tinha riso, mas não era uma festa; era um lamento. Quando você toca samba na roda, ri do seu próprio sofrer. Você e sua solidão dão as mãos e passeiam pela música, pasmos ao ver quão patéticos e gloriosos os dois são.

Mesmo depois dos contratos com gravadoras e patrocinadores e de tocar no rádio, mesmo depois de o samba ser considerado a música nacional do Brasil, a roda permaneceu como um espaço sagrado. Ali era blasfêmia falar que uma música “pegava” ou que era um sucesso. Para ser um verdadeiro sambista, você precisava fingir que o samba não era um produto. Claro, músicas individuais podiam ser gravadas e vendidas, mas o samba em si não podia ser maculado por essas transações mundanas. Se você fosse fiel à sua arte, não buscava o sucesso, mas

tropeçava nele.

Eu tinha permissão de entrar no abraço da roda toda noite, mas não na roda propriamente dita.

Os rapazes me serviam cerveja, me ofereciam cigarro, puxavam uma cadeira para mim atrás de Vinicius toda noite, depois me deixavam de fora do círculo. Tocavam longas músicas instrumentais, inventando canções à medida que prosseguiam. Ocasionalmente brincavam com as letras de alguns sambas tradicionais que todo mundo já sabia. Vinicius sempre cantava os solos e sua voz era clara e simples, como se ele estivesse sentado para uma conversa franca com os ouvintes.

Uma noite, depois de uma semana visitando a casa de Tia Clementina, bati com as unhas na mesa de metal, no ritmo da música dos rapazes. Outra noite batuquei com o gargalo de uma garrafa de cerveja no copo vazio. Em outra, sacudi uma caixa de fósforos. A cada noite eu puxava a cadeira mais para dentro da roda. Até que um dia eu não estava mais sentada atrás de Vinicius, e sim ao lado dele, acompanhando a batida, me movendo no tempo dos homens ao redor. Ninguém levantou o olhar dos instrumentos. Para esconder minha extrema alegria, me concentrei mais ainda em seguir o ritmo.

Eu tinha sentido essa mesma felicidade inebriante apenas algumas vezes: depois de ouvir aquele primeiro concerto no teatro Santa Isabel; nas rodas dos cortadores, quando os empregados aplaudiram minha imitação da hora do rádio e durante nosso primeiro show das Ninfetas. Graça havia compartilhado todos esses momentos comigo, mas a roda era só minha. Minha e de Vinicius.

Numa noite ficamos até tão tarde na casa de Tia Clementina que a Lapa silenciou. Só restávamos quatro de nós do lado de fora: eu, Vinicius, Miudinho e Cozinha. Minhas costas doíam da cadeira dobrável de madeira. Minha garganta ardia de todos os cigarros que eu tinha fumado. Miudinho roncava sentado. Cozinha enrolou um cigarro grosso com o que ele chamava de “suas ervas”. Vinicius tocava uma música no violão. No silêncio da alvorada, as notas soavam nítidas e surpreendentes. Fechei os olhos. Na minha cabeça aquelas notas formaram palavras:

Aqui estou, meu amor, diziam elas. *Sempre ao seu lado com seu cobertor. Ponho a mesa e faço a cama. Boto o travesseiro para você deitar. Mas você não nota. Você não liga. Espera que eu diga que em sua mão o mundo gira. Se eu fosse embora, como seria? Ninguém percebe o ar que respira.*

– O que foi? – perguntou Vinicius. Ele parou de cantar e pôs a mão fria em cima da minha. Abri os olhos. – Não gosta? – perguntou ele. – A música não é boa.

– Não, ela é boa *sim* – sussurrei, esperando que Cozinha não escutasse. – É só que... Eu ouvi um negócio nela. – Balancei a cabeça, sem graça. – Não é nada. Continue.

– Não – disse Vinicius, sério. – Diga o que você ouviu.

Olhei para Miudinho e Cozinha, depois para minhas mãos. Vinicius pousou o violão, se levantou e foi até o balcão do bar, onde encontrou um pedaço de papel e um lápis.

– Ponha aqui – ordenou.

Vinicius tocou a música de novo e eu escrevi as palavras que tinha escutado em suas notas.

Os rapazes ficaram olhando. Quando mostrei o papel a Vinicius, ele esticou o lábio inferior e balançou a cabeça para um lado e para o outro.

– Pode ser um refrão – disse ele. – *Ninguém percebe o ar que respira.* Isso é muito bom, menina.

Dos poucos elogios que já recebi na vida, esse continua sendo o melhor. Claro, anos depois, quando Vinicius aparecia com uma batida de parar o coração ou uma melodia incrível para nossas canções, eu o cutucava e dizia: *Isso é muito bom, menino!* E nós dois ríamos. Mas naquele momento, no quintal de Tia Clementina, até a própria Lapa desapareceu. O universo era composto somente de Vinicius e eu. Olhando para ele, eu soube que ele não via uma menina, uma interesseira ou alguma garota que ele poderia cortejar com palavras bonitas. Ele me via. Via o que eu tinha acabado de fazer e o que poderíamos fazer – juntos.

Assim nasceu nossa primeira música.

No início, para nós, compor era assim: eu escutava Vinicius tocar as primeiras notas de uma música e procurava a emoção que havia por trás do som. Algumas eram raivosas, dolorosas, maliciosas. Outras eram satisfeitas consigo mesmas ou se esforçavam para ser convincentes. Escutando, as palavras me vinham. Com elas eu criava histórias. Com as histórias, Vinicius e eu começávamos a fazer canções. Dia e noite eu carregava o caderninho que Dona Aurora tinha me dado, enchendo-o com imagens de coisas que eu via na Lapa, com falas dos rapazes do Lua Azul sobre as moças bonitas, com sentimentos que eu tinha, mas nunca poderia dizer em voz alta. Tudo isso entrava nas nossas músicas.

Algumas eram fáceis de trabalhar: pegávamos as palavras e as pendurávamos na melodia como se estivéssemos enfeitando uma árvore de natal. Outras eram emocionantes e frustrantes ao mesmo tempo, como tentar despir uma dona bonita que não parasse de dançar. Algumas eram como jogar lança-perfume num lenço e cheirar fundo: um barato incrível que acabava depressa demais e não satisfazia. E outras eram como ser coberta de mel: uma doçura, mas uma bagunça.

Depois de compormos aquela primeira canção, foi difícil não provocar o destino e fazer outras. Era uma tentação porque havia algo ilícito e ligeiramente perigoso em trabalharmos juntos: moças não eram compositoras. Miudinho e Cozinha jamais mencionaram aquela madrugada na Tia Clementina, quando Vinicius elogiou minha letra para a música. Suponho que tenham pensado (pelo menos no início) que aquela letra foi um lance de sorte ou uma bobagem provocada pelo cigarro de ervas do Cozinha. Se algum dos rapazes do Lua Azul ou outro músico soubesse que Vinicius estava compondo músicas com uma mulher, ele seria o motivo de todas as piadas.

Parei de passar as tardes em livrarias escuras, cuidando das mágoas por causa da minha voz ruim e das noitadas de Graça. Em vez disso, me encontrava com Vinicius. Íamos aos cafés e falávamos das coisas que não podíamos compartilhar na casa de Tia Clementina, na frente dos outros. Vinicius fazia perguntas sobre minha vida antiga e a de Graça. Onde ficava o Riacho Doce, exatamente? Como era o cheiro do ar quando a cana fervia no engenho? Como eram os patrões? Como era Graça na infância? Ela sempre quis ser cantora?

Eu fazia perguntas sobre Vinicius também. Assim como eu, ele era órfão. Fora criado por sua

tia Carmen. Ela tocava piano no cinema Odeon, fazendo trilhas sonoras para os filmes mudos. Vinicius tinha passado a infância naquele cinema escuro, assistindo aos heróis e às heroínas com lábios lustrosos e olhos pintados de kajal se movendo na tela, no ritmo do piano da sua tia. Mais tarde era ele quem tocava o piano, com a severa tia vigiando.

– Foi no escuro que eu aprendi a amar a música – ele gostava de dizer.

Com o tempo, ele escapou da tia rígida e foi parar na casinha de Tia Clementina.

– Foi lá que escutei meu primeiro samba de verdade – disse.

Samba – o assunto sempre voltava a ele. Nas nossas conversas eu inevitavelmente dizia:

– Esse é um verso incrível para uma música.

Então Vinicius começava a assobiar. Ele tinha um assobio lindo, mais suave e intenso do que o canto de um pássaro. Ou batia num copo com a faca. Em alguns dias até trazia o cavaco de Miudinho e dedilhava as cordas enquanto eu batucava baixinho na mesa do café. Íamos de modo hesitante, com medo de fazer muito barulho. Sussurrávamos as palavras da música como se fossem segredos compartilhados entre nós.

A única outra pessoa com quem eu tinha compartilhado segredos era Graça. Se ela imaginava onde eu passava as tardes e as noite naquelas semanas, fingiu não se importar. E eu fingi que isso não doía terrivelmente. Dizia a mim mesma que Graça tinha seus pafúncios e suas aulas com Anaïs – que ela se recusava a abandonar. Era justo que eu tivesse algo que fosse meu também. E era emocionante ter essa independência; toda manhã, pouco antes de o sol nascer, quando eu saía da casa de Tia Clementina, me sentia flutuando, como se um balão tivesse sido inflado dentro de mim. No entanto, quando chegava em casa, eu percebia que não podia brincar com Graça sobre os flertes de Miudinho ou a seriedade de Cozinha, porque ela não os conhecia. Não podia lhe contar todos os palavrões novos que eu tinha aprendido nem falar sobre os cigarros de erva que eu fumava. Certamente não poderia descrever nossa música nova, porque as palavras jamais fariam justiça. Essa impossibilidade de compartilhar o som com ela fazia a própria música parecer um pouco menos viva, e isso me enfurecia: o fato de Graça ser capaz de enfraquecer a minha música somente com sua ausência. Assim, quando eu abria a porta do nosso quarto toda manhã, estava exausta e ao mesmo tempo totalmente acordada. Ficava deitada ao lado de Graça, ouvindo seu ronco baixo, e me imaginava levando-a à casa de Tia Clementina e lhe oferecendo uma cadeira, não para que ela pudesse entrar na roda, mas para que pudesse *me* ver lá e trazer tudo aquilo de volta à vida.

Numa noite, assim que começamos a roda, o portão de Tia Clementina rangeu. Levantei os olhos do meu lugar e ali estava Graça, sorridente e ofegante, equilibrando um embrulho na palma da mão como se fosse uma garçonete. Usava um vestido vermelho. Tinha limpado a maquiagem de ninfeta de qualquer jeito; ainda estava com algumas sardas de lápis espalhadas pelo nariz.

Ela largou o embrulho – de papel-manteiga salpicado de óleo – em cima da mesa, na nossa frente, e desamarrou o barbante. Dentro havia três bifes dourados, brilhando e ainda quentes.

– O grude chegou, queridos! – anunciou, como se estivéssemos a noite inteira esperando por essa entrega e por ela.

– O que você está fazendo aqui? – sussurrei.

– Trazendo sua comida – respondeu Graça falando alto. – Você está magra feito uma tábua e agora eu sei por quê. Esses bonitões estão pegando muito pesado com você. Que vergonha, Vinicius, você não dá um jantar para ela depois das nossas apresentações! Dor é uma moça em fase de crescimento. Merece um cavalheiro para cuidar dela.

– Dor não precisa de ninguém para cuidar dela – retrucou Vinicius.

Graça mostrou os dentes para Vinicius, o sorriso dolorosamente largo.

– Não venha me falar da Dor. Dor e eu somos uma dupla desde que éramos crianças.

– E vocês são o que agora? Velhas sábias? – interrompeu Vinicius.

Os outros rapazes gargalharam.

– Se somos velhas, você é um dinossauro – respondeu Graça.

– Uuuuui! – gemeram os rapazes do Lua Azul.

– Dinossauro! – disse Cozinha. – Acho que gosto mais desse nome do que de “Professor”. Combina bem.

Miudinho olhou para Graça.

– Você mesma fritou esses bifes, querida?

– Eu nunca encostei num fogão na vida, e não planejo encostar – respondeu Graça. – Afanei no Toninho. Mas não consegui afanar as facas.

– Não íamos querer que você fizesse isso, querida – disse Miudinho. – Uma pequena como você já é perigosa o suficiente. Você enfiou uma faca no meu coração assim que entrou.

Graça gargalhou. Miudinho ficou de pé e ofereceu a cadeira a ela, ao lado da minha, dentro da roda.

– Eu não poderia – disse ela.

– Claro que pode – respondeu Miudinho. – Seria um crime deixar essas suas pernas cansarem.

– Graça tem um encontro – falei, a boca muito seca. – Não pode ficar.

Graça me olhou.

– Claro que posso.

Os rapazes do Lua Azul ficaram olhando atentos enquanto Graça se sentava e cruzava as pernas. Miudinho entrou na casa de Tia Clementina para pegar garfos e facas.

– Acha que eu posso pegar um cigarro desses, querido? – perguntou Graça se virando para Noelzinho, que estava tirando o maço do bolso da camisa.

Miudinho voltou, largando os utensílios na mesa de metal com estardalhaço.

– Bom. Vamos comer enquanto ainda estão quentes – disse Graça, virando-se para mim. – Peguei a carne malpassada, do jeito que você gosta.

Sua voz estava suave, a aparência cheia de expectativa. Será que os bifes eram uma oferta de paz para mim ou simplesmente um modo de cair nas graças do conjunto? Parte de mim gostou de Graça ter feito esse esforço e ter largado qualquer pafúncio que esperava ter sua companhia

naquela noite. A outra parte ficou furiosa por ela ter invadido a roda com tanta facilidade, quando eu tinha levado semanas para conseguir entrar.

Enquanto os rapazes enfiavam carne na boca, Graça ria das piadas sujas de Miudinho. Ela trocou sussurros com Banana e Bonito e mais tarde deu força às ideias grandiosas de Noelzinho sobre o sucesso futuro. Alguns, como Cozinha, pareciam tolerá-la. Outros caíram de quatro, como Noel, que ruborizava a cada vez que ela tocava na mão dele. Eu não conseguia nem pegar um garfo e uma faca; meus braços pareciam feitos de concreto. Senti uma resignação estranha enquanto olhava Graça com os rapazes do Lua Azul: não adiantava disputar as atenções deles: como um pardal poderia competir com um pavão? Como um arbusto poderia competir com um botão em flor?

À minha frente, Vinicius também ficou quieto e sério, observando Graça como se estudasse uma espécie alienígena. Só quando a música começou ele desviou o olhar e se virou para mim.

Os rapazes tocaram algumas músicas do bairro, brincando com o andamento e com alguns versos dos refrões. Eu usei o garfo para bater na garrafa que estava no meu colo, mas não conseguia me perder na música, como antes. Ao meu lado Graça suspirava. Cruzava e descruzava as pernas. Estudava as próprias unhas.

Veio uma música atrás da outra até parecer que não havia diferença entre elas. Nós nos pegamos tocando um velho samba de rua – “Criado do seu amor” –, uma canção que todos na Lapa, jovens e velhos, tinham ouvido em padarias, em rodas ou andando pela rua. Vinicius cantou, como sempre.

> “Vou lavar suas janelas.
> Vou consertar seu colchão.
> Vou lavar seus pratos.
> Vou encerar o seu chão.
> Vou limpar os maus sentimentos
> que o seu peito abrigar.
> Pra você abrir o coração
> e a gente recomeçar.”

Graça me olhou. Levantou as sobrancelhas como se me encorajasse. Ignorei-a. Ela me cutucou e chegou mais perto, com a boca quase encostada no meu ouvido.

– Ele parece uma porra de um bibliotecário lendo um dicionário. O que este conjunto faz? Bota as pessoas para dormir? Você não canta não?

Olhei nervosa para os rapazes.

– Não pode falar – sussurrei no ouvido de Graça. – Eles ainda não me deixaram cantar.

– Como assim não deixaram?

– Vinicius canta. Ele é o líder. É assim que a roda funciona.

– Sua voz é melhor. Eles deveriam lhe dar uma chance.

A música parou. Vinicius, quase gritando, olhou para Graça e perguntou:

– Algum problema?

Fiquei incomodada com Graça me dando sermão sobre a roda, como se ela fosse uma sambista das antigas, mas também me senti incentivada com seu apoio: minha voz era melhor; eu merecia uma chance. Mesmo depois de semanas brigando, ela estava do meu lado. Ou talvez estivesse do lado dela mesma, lutando por sua chance. Com ela era sempre difícil saber.

Graça lançou um olhar fulminante para Vinicius. Pôs as mãos nos braços da cadeira e empertigou o corpo, como se fosse se levantar e sair da roda. Em vez disso ergueu a cabeça e soltou a voz.

> "Serei seu empregado,
> Seu mordomo,
> Seu cozinheiro,
> Cuidarei de tudo com alegria,
> Se você ficar comigo
> ao menos mais um dia."

Os rapazes ficaram olhando. Virei a cadeira de frente para ela. Quem Graça achava que era? Uma mulher, cantando numa roda, interrompendo o líder na primeira noite e sem ser convidada! Apesar do silêncio, ela continuou cantando. Então Noelzinho começou a bater em seu tamborim, fazendo *tá, tá, tará*, e ela fez o mesmo com a voz, destacando cada sílaba percussiva e acentuando-a, de modo que sua voz também parecia um instrumento. A cada estrofe mergulhava mais fundo na música. Lentamente os rapazes foram pegando os instrumentos no colo e recomeçaram a tocar. Com ela.

Os rapazes do Lua Azul e eu tínhamos um ouvido bom. Soubemos de toda a verdade no momento em que Graça abriu a boca para cantar: a roda ficava melhor com ela. Nosso riso era mais alto, as piadas mais animadas, os ritmos mais sincronizados, as músicas mais bonitas. Não importava que Graça fosse mulher, tagarela, péssima jogadora de baralho, ladra de cigarros, monopolizadora das conversas. Ela sabia cantar e – mais importante – sabia fazer com que as pessoas a amassem. Mais cedo ou mais tarde, todo mundo a amava.

Assim, os rapazes do Lua Azul aceitaram seu canto e o meu também. Não monopolizávamos a roda: Vinicius continuou a cantar, e até os outros rapazes participavam. Compartilhávamos o centro das atenções e a música, e as coisas continuaram assim durante algumas semanas, até que, numa noite, Graça se recostou na cadeira e perguntou:

– Por que a gente canta as mesmas músicas velhas que todo mundo canta por aqui? É como se a gente comesse só feijão com arroz todo dia.

Miudinho sorriu.

– Você quer uma linguiça no seu ensopado, é?

Bonito deu um risinho. Graça revirou os olhos.

– Eu gosto de variedade. Quem não gosta?

– Esses são clássicos – disse Vinicius. – Se você não conhece esses sambas, não conhece merda nenhuma.

– A gente conhece até de trás para a frente – respondeu Graça. – Parece que precisamos fazer uns clássicos nossos.

– Não é má ideia – disse Noelzinho. – Outras rodas compõem material próprio.

Miudinho assentiu para Vinicius.

– Você e Dor escreveram uma coisa umas semanas atrás.

– Você estava dormindo! – reagiu Vinicius.

Miudinho sorriu.

– Acho que a música de vocês me acordou.

– Esses dois têm um monte de músicas que estão escondendo – disse Graça. – Acho que é egoísmo não mostrar.

Vinicius me encarou com os olhos arregalados como se eu tivesse acabado de dedurá-lo por um crime. Olhei-o de volta, de cara feia.

– Eu contei a Graça que a gente compõe toda tarde – falei. – Não precisa ser segredo.

Banana levantou as sobrancelhas.

– Você está compondo com *ela*?

– Você tem algum problema com isso? – perguntei.

Graça sorriu e se inclinou para a frente, como se estivesse num cinema.

Banana se virou para Vinicius.

– Primeiro elas cantam, e agora compõem?

Vinicius ficou calado. Meus punhos se fecharam.

– O que você tem com isso? – rosnei para Banana. – Música é música.

– Vamos escutar uma! – disse Miudinho.

– Meu Deus – murmurou Banana e balançou a cabeça. – Esse é um caminho sem volta.

– Eu adoro um mau caminho! – disse Miudinho.

Graça uivou de tanto rir.

– Continue brincando – reagiu Banana. – Não vai ser engraçado no carnaval, quando todo mundo começar a rir da gente.

– Foda-se todo mundo – gritou Vinicius. – Se as músicas são boas, não importa quem compôs.

O samba tem um compasso dois por quatro. Descobri isso anos mais tarde, em Nova York, quando uns caras do Sindicato dos Músicos da cidade brincaram dizendo que conseguiriam tocar qualquer samba ou chá-chá-chá; parecia tudo a mesma coisa para os ouvidos norte-americanos. Mas quando aqueles músicos de Nova York ouviram o Lua Azul tocar, perceberam que estavam enganados.

– Isso é mesmo dois por quatro? – perguntou um daqueles músicos de orquestra de swing depois do nosso primeiro ensaio. – É a outra percussão, do tambor, que faz parecer mais rápido, como se fosse em colcheias?

Vinicius assentiu.

– O que ele quis dizer? – perguntei depois de o músico sair.

– Nada – respondeu Vinicius. – Ele está tentando entender sem sentir.

Nunca falávamos sobre música em semínimas, colcheias ou semicolcheias. Quando Vinicius corrigia um de nós na roda, jamais falava em notas ou compassos.

– Sua cuíca, Bonito! – gritava ele. – Escute a sua cuíca, rapaz! Ela precisa implorar, e não reclamar.

– Não está com molejo suficiente – dizia Vinicius quando os rapazes não encontravam o balanço correto. – Está duro demais. Isso não é uma corrida de obstáculos. Tem que ser gorduroso. Tem que sujar os dedos e os lábios. Fazer a gente se sentir escorregando.

Todos entendíamos o que Vinicius queria dizer. Todos o ouvíamos. Se Miudinho era o showman do conjunto, Vinicius era o curandeiro, o sumo sacerdote, o mediador entre o conhecido e o desconhecido. Assim, naquela noite na roda, depois de Vinicius fazer sua proclamação sobre nossas músicas, os rapazes e Graça ficaram quietos, dando espaço para nós dois.

Vinicius dedilhou as cordas do violão. Seu olhar encontrou o meu. Assenti, reconhecendo a melodia que tínhamos criado para “O ar que você respira”. Cantei a primeira estrofe, depois a segunda. Ouvimos o raspar de um reco-reco; Cozinha o segurava no colo e tocava. Noelzinho bateu com a baqueta no tamborim. Miudinho tocou seu cavaquinho. Depois Bonito e Banana entraram com a cuíca e o violão, tornando a música mais profunda, mais densa e triste de um modo que não havia sido antes. Depois da última estrofe eu voltei à primeira, recomeçando e olhando para Graça, que me observava com tanto foco, tanta concentração fascinada, que eu quase tropecei nas minhas próprias palavras.

Numa manhã de 1937, depois de algumas poucas horas de sono, acordei com batidas violentas à porta do nosso quarto alugado. Ao meu lado a cama estava vazia. Graça não tinha voltado para casa. Tinha saído da roda mais cedo, para um encontro, e Vinicius havia discutido com ela, dizendo que era falta de respeito. Graça riu na cara dele.

As batidas continuaram. Franzi os olhos para meu relógio de pulso: eram sete da manhã. Abri a porta, pronta para desfiar meus piores palavrões para Graça, por ter esquecido a chave. Mas era a senhoria, de camisola e xale, com o rosto sério. Havia um telefonema para mim. Desci e peguei o fone preto e pesado do telefone. Uma voz – esganiçada e fraca, mas imediatamente reconhecível – falou do outro lado, antes de irromper em soluços abafados:

– Dor!

Ela estava na praia de Copacabana. Uma padaria tinha deixado que ela usasse o telefone. Perguntei qual era o nome do lugar e mandei que ela esperasse.

Enquanto eu ia no bonde, as ruas pareciam vazias. Uma fila de soldados cercava os arredores do palácio do Catete. Um rapaz atrás de mim sussurrou para o sujeito que estava ao lado dele:

– Tentei ir à universidade, mas os portões estavam trancados. Gegê deu outro golpe.

Quando cheguei a Copacabana, o sol transformara a praia numa fornalha. O Copacabana Castle Hotel e Cassino parecia uma fortaleza branca na avenida. Com suas torrinhas cor de marfim e sacadas enormes, era o prédio mais alto da praia e o mais grandioso de todo o Rio. Porteiros de pescoço grosso vigiavam a entrada.

Graça não estava esperando na frente da padaria, como tínhamos combinado. Encontrei-a na areia, olhando não para o oceano, mas para o hotel. A manga de seu vestido estava rasgada, o pescoço arranhado. Seu olho direito estava inchado e roxo; uma risca vermelha marcava o branco do olho.

– Que diabo aconteceu? – gritei correndo para ela.

– Não precisa ficar nervosinha. – O olhar de Graça continuava grudado no Copacabana Castle. – Por favor, diga que você trouxe uma bebida.

Dei um tapinha na calça e peguei uma garrafinha de metal, ainda com cachaça pela metade. Entreguei-a a Graça. Ela tomou um gole longo, depois trincou os dentes e olhou de novo para o Copa.

– Eles sempre mostram fotos do Copa na *O Cruzeiro* – disse. – O palco é o maior do Brasil. Greta Garbo assistiu a um show aí. E o presidente dos Estados Unidos também. – Ela tomou outro trago da garrafinha. – Eu deveria estar lá, cantando naquele palco. Em vez disso tenho que ficar enfurnada com um punhado de bêbados no Toninho toda noite.

Fiquei quase tão surpresa ao ouvir isso quanto ao ver seu rosto machucado. Para mim a boate do Toninho ainda era um sonho: lá nós éramos amadas e aceitas, os clientes iam ver a gente, e não importava quanto Graça e eu brigássemos fora do palco, no Toninho esquecíamos as preocupações, dávamos as mãos e cantávamos livremente, juntas.

– Vamos conseguir um palco melhor – falei. – Só precisamos continuar trabalhando.

– Trabalhando com quem? Com aquele conjunto por quem você me trocou? Se você acha que eles são nossa passagem para o sucesso, não é nem de longe tão inteligente quanto todo mundo pensa que é.

– Troquei você? Você não queria minha companhia, tinha seus encontros toda noite.

– Quem liga para encontros? Todas aquelas semanas você estava tocando música, com um conjunto, um conjunto de verdade, e nem me contou. Nunca me convidou para ir com você. Eu precisei entrar lá sozinha. E quando fiz isso, você e o Vinicius me olharam como se eu estivesse com a porra da varíola.

Brotou sangue no corte em seu lábio superior. Graça escondeu o rosto nas mãos.

Passei o braço pelos ombros dela.

– O que aconteceu com o seu rosto?

Graça olhou de novo para o Copa.

– Aquele pafúncio da noite passada era remador do Flamengo. Um figurão. Disse que ia me levar ao Copa. Acabou que não pretendia me levar para assistir a um espetáculo, só queria rolar na praia. Então eu disse: *Não, senhor*. Falei que era respeitável. Que ia ser uma estrela de verdade e que ele um dia ia implorar o meu autógrafo. Sabe o que ele fez, Dor?

Balancei a cabeça.

– Ele riu.

Uma lágrima enorme escorreu pelo rosto machucado de Graça. Ela a enxugou com as costas da mão.

– Tentou me fazer rolar com ele mesmo assim. Ele era forte demais! Quase me cansei de empurrá-lo, mas aí pensei em você. Pensei em como você rachou o coco do Souza. Pensei: *O que Dor faria com esse idiota?* E foi quase como se você estivesse comigo, dando socos naquele pafúncio até ele me soltar.

Meus ouvidos zumbiam. Minha voz pareceu distante.

– Vou matar esse sujeito.

Graça segurou minha mão e apertou com força.

– Quem se importa com ele? Quem se importa com qualquer idiota desses? Eu, não.

Pensei em nós duas naquele beco estreito, semanas antes – como eu tinha tentado abraçá-la e como ela havia me empurrado.

– Então por que você dá trela para eles?

Graça olhou de volta para o Copa.

– Quando não estou cantando, parece que as pessoas me olham sem me ver. Eu não importo. Qualquer ventinho pode me soprar para longe – disse ela muito baixo. – Você não vê como esses rapazes olham para mim, no início, quando estão tentando me conquistar. Quando alguém olha para a gente desse jeito, Dor, é como se você fosse o centro das atenções. Você se sente real.

– Você é real. Para mim.

Graça sorriu. Pôs a mão embaixo do meu queixo, depois encostou a boca sangrenta na ponta do meu nariz.

– Então nunca mais me troque de novo – ofegou, seus lábios roçando os meus.

Naquela noite fomos mais cedo para a boate do Toninho com esperança de encontrar a Srta. Lúcia e pedir que ela escondesse os hematomas de Graça embaixo de uma camada de maquiagem. Quando chegamos, Toninho estava com o rádio ligado. Graça e eu ficamos ombro a ombro com ele, com o garçom e a Srta. Lúcia, ouvindo o discurso de Gegê à nação. Suas palavras saíam pelo alto-falante, a voz séria e monótona, como um professor se esforçando para dar uma aula. O Congresso e o Senado tinham sido fechados. Havia uma nova constituição que dava todo o poder ao presidente. O Brasil não era um monte de estados sem organização, e sim uma república unificada. Não haveria fingimento de eleições nesse ano ou em nenhum outro: Gegê continuaria a servir à nação – à sua nação – indefinidamente. Os militares estavam (momentaneamente) ao seu lado; mais tarde os historiadores diriam que foi uma ditadura criada por burocratas. Mas naquela noite Gegê dizia que aquele era o Estado Novo.

Depois do discurso a boate se encheu com os fregueses de sempre, como em qualquer outra noite. (Mais tarde descobrimos que isso era um sinal do que estava por vir: o Estado Novo seria

uma tirania relativamente amena, e Gegê era menos um tirano do que um mágico, fazendo as liberdades desaparecerem sem que a gente se desse conta.) Graça e eu representamos as Ninfetas para nossa plateia fiel e planejamos ir à casa de Tia Clementina depois da apresentação. Parecia que nada havia mudado, a não ser pelo rosto de Graça. Mesmo por baixo de uma grossa camada de maquiagem dava para ver a sombra dos hematomas. Quando Vinicius perguntou o que havia acontecido, dissemos que ela tropeçou e caiu. Sob as luzes fracas do palco de Toninho, Graça e eu cantamos nossas canções de amor trágicas uma para a outra. Eu olhava para o corte vermelho por cima de seu olho esquerdo e meu peito ardia.

Perto do fim da apresentação, Graça olhou para a plateia e por um instante perdeu o ritmo. Foi um erro imperceptível para a maioria das pessoas, mas me fez olhar para a plateia, para onde Graça estava olhando. Eu o vi de cima do palco. Estava encostado no balcão e segurava um pequeno buquê de flores nas manzorras de remador. O terno era caro. O cabelo, esticado para trás. No rosto havia várias riscas vermelhas e inchadas, como se um gato grande o tivesse arranhado.

Minhas mãos tremeram. A letra do nosso tango ficou toda embolada e depois foi esquecida. Graça continuou cantando, mas segurou minha mão e apertou com força, tentando me trazer de volta para o nosso número. Eu me afastei. Mantendo o olhar no pafúncio, fui até a beira do palco e pulei para a plateia. Os bêbados levaram um susto tão grande que não gritaram, não reclamaram nem tentaram me agarrar. Graça parou de cantar e Vinicius parou de tocar. Fui na direção do remador.

– O que é isso? – perguntei apontando para o buquê murcho na mão dele.

– Flores – respondeu o sujeito feito um idiota.

Segurei a mão dele. Seus dedos eram grossos e rígidos como os cabos das colheres de pau de Nena. Pensei em como aqueles dedos tinham atacado Graça, em todos os lugares secretos em que eles tentaram entrar. Então virei os dedos do remador para trás.

Houve um estalo e depois um grito – na verdade um uivo – que me pareceu muito distante, como se tudo tivesse acontecido num palco. Caí para trás, empurrada. O chão embaixo de mim estava pegajoso. No palco, Graça gritou. O garçom pulou por cima do balcão e de repente estava entre mim e o remador. Senti outras mãos, mais suaves, nos meus ombros, me levantando.

– Você está bem? – perguntou Vinicius.

– Ela quebrou a porra do meu dedo! – gritou o remador, apertando a mão no peito enquanto o enorme garçom do Toninho o expulsava da boate.

Graça se ajoelhou ao meu lado. Reconheci seu perfume – uma fragrância de rosas que ela havia comprado no boticário. Soaram gritos ferozes na plateia. Os bêbados batiam com os pés. Toninho apareceu.

– Vocês não podem parar no meio da apresentação! – gritou ele. – Voltem para lá antes que comece um tumulto.

– Não – disse Graça, passando o braço em volta de mim. – Não vamos voltar. Dor está machucada.

– Ele não me machucou – falei me levantando.

– Voltem lá para cima ou deem o fora daqui – disse Toninho.

Graça puxou suas marias-chiquinhas e jogou as fitas no chão. Toninho gritou, mas foi abafado pela plateia. Uma briga havia irrompido perto do palco. Uma onda de homens se moveu na nossa direção. Vinicius pegou seu violão e empurrou nós duas para fora, onde corremos até a casa de Tia Clementina.

Ainda era cedo pelos padrões da Lapa: a casa de Tia Clementina estava vazia. Fomos para o quintal dos fundos e recuperamos o fôlego.

– Querem me dizer o que foi aquilo? – perguntou Vinicius.

Graça e eu nos olhamos. O suor havia borrado sua maquiagem, revelando os hematomas. As trepadeiras do figurino de ninfeta subiam enroladas pelas pernas dela, estranhamente sinistras, como se pudessem prendê-la para sempre naquele chão de terra batida. Graça balançou a cabeça num movimento quase imperceptível.

– Acho que Dor não gosta de buquês de admiradores – disse ela.

Vinicius sorriu para mim.

– É assim que você trata seus fãs?

– Você não sabe? – respondeu Graça. – Para Dor, um bom soco é um carinho.

– Vou me lembrar disso na próxima vez que um sujeito perguntar por ela – disse Vinicius.

Graça riu.

– Algum sujeito perguntou mesmo por ela? Espero que você tenha alertado os mais fracos para ficarem longe.

Vinicius riu como se Graça tivesse contado a melhor piada que ele já ouvira. Fiz menção de enfiar as mãos nos bolsos quando percebi que não tinha bolsos – ainda estava com o figurino de Eva. Desfiz as marias-chiquinhas ridículas e fui para o portão de Tia Clementina.

– Vocês dois que se divirtam fazendo piadas com a minha cara – falei. – Podem fazer um show de comédia.

– Ei, Dor! Deixe disso – disse Vinicius, me alcançando. – Vamos tomar alguma coisa.

Funguei.

– Prefiro pular do Cristo Redentor.

– Eu pulo com você – insistiu ele. – Mas a queda é longa. Vamos tomar umas primeiro. Não quero sentir nada quando espatifar os miolos.

– Não tem nada aí para espatifar – falei.

– É verdade – retrucou Vinicius, depois baixou a voz. – Quem era aquele fulano que você machucou? Ele incomodou você?

Balancei a cabeça.

– É só um remador do Flamengo.

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Vinicius.

– Acho que ele não vai remar no campeonato deste fim de semana. Será que dá para segurar

um remo com um dedo quebrado?

Eu sorri de volta.

– Eu sempre odiei a porra do Flamengo.

– Bom, esse é um modo de demonstrar paixão pelo esporte – disse ele, o rosto franzindo.

Vinicius gargalhou. Eu gargalhei mais ainda. Era difícil parar: toda vez que olhávamos um para o outro, o riso recomeçava. Em pouco tempo estávamos dobrados, cacarejando feito dois bêbados. Lágrimas escorriam pelo nosso rosto. Apoiei a testa no ombro de Vinicius. Encostei o rosto no pescoço dele. Cheirava a loção pós-barba e fumaça. Por que meu coração parecia estar preso na garganta, batendo com força contra os tendões do meu pescoço?

– Espere até a gente contar aos rapazes o que aconteceu – disse Vinicius. – Eles vão amar você para sempre.

Houve um som raspado. Graça empurrava um barril de lixo enferrujado para o centro do quintal. Depois pegou uma cartela de fósforos numa mesa ali perto, acendeu todos e jogou a cartela inteira no barril.

Vinicius se afastou de mim.

– O que você está fazendo? – perguntou.

Alimentado por jornais e trapos engordurados, o fogo cresceu depressa. A parte de dentro do barril brilhou alaranjada. Chamas subiram acima da borda.

Graça olhou para mim com a boca retorcida no que parecia um risinho. Pôs a mão embaixo da axila, pegou o zíper da malha e o puxou. A roupa se afrouxou. Ela tirou um braço, depois outro, como se estivesse se soltando de uma pele suja. A fantasia de Eva se embolou aos pés dela.

Na época não existiam elásticos. Nós usávamos combinações – blusinhas finas com alças estreitas como cabelo de anjo e shorts pequenos presos com cadarço. A de Graça era azul-clara com as bordas arredondadas. O tecido era tão fino que dava para ver seu corpo curvilíneo por baixo, nítido à luz do fogo. Os bicos dos seios eram duas pontas duras, redondas, sob o véu da blusa. O umbigo era uma mancha minúscula, como se uma gota d’água tivesse pousado ali. Seus quadris se avolumavam e, no espaço entre eles, onde as pernas se encontravam, havia uma sombra profunda.

Vinicius deixou escapar um suspiro.

– O que... o que você está fazendo?

Graça saiu de cima da roupa de Eva, levantou-a com uma das mãos e a jogou no fogo.

– Estou farta de café pequeno – disse ela olhando fixamente para o barril.

Vinicius olhou para o portão, depois de novo para Graça. Sua testa brilhava.

– Os rapazes vão ver você.

– E daí? – perguntou Graça, agora sorrindo. – As moças daqui usam menos do que isso na praia.

Os pelos finos de seus braços e das pernas reluziam à luz do fogo, fazendo-a parecer coberta por milhares de fios dourados. Na coxa havia cinco manchas escuras – hematomas ovais. Uma dor subiu por dentro de mim. Segurei minha barriga, com medo de ter sido golpeada, com medo

de o remador ter me acertado um soco sem eu perceber.

– Você não pode ficar assim – disse Vinicius com a voz pesada.

– Então me dê o seu paletó – respondeu Graça.

Ele não se mexeu imediatamente. Os dois ficaram em silêncio por um instante, encarando-se até eu imaginar se teria acontecido alguma conversa que eu não percebera, algum diálogo que não escutara. Então Vinicius tirou o paletó do terno, foi até Graça e o jogou rapidamente sobre os ombros dela.

Graça sorriu.

– E então, Dor, vai entrar na fuzarca? – perguntou, acenando para o meu figurino de Eva.

Balancei a cabeça. Ela se enrolou mais no paletó de Vinicius.

– Se mudar de ideia, peça o paletó de um dos outros rapazes. Este aqui é todo meu.

Na noite seguinte Madame Lúcifer mandou me chamar. Quando Graça tentou ir também, o garoto mensageiro balançou a cabeça.

– Só a grandona. Ordens de Madame Lúcifer.

Era cedo, sete horas, mas saía música do toca-discos e algumas meninas estavam sentadas nos sofás de veludo da sala, conversando com os primeiros clientes da noite. Passei por elas e fui até a sala de Lúcifer. Ele estava sentado de pernas cruzadas em sua poltrona predileta, o veludo dos braços gasto e rasgando. Ordenou que eu me sentasse na cadeira ao lado.

– Toninho se livrou de vocês – disse ele. – Todo dono de cabaré, daqui até o Senado, ficou sabendo da história. Vocês duas brigando na frente da plateia por causa de um rapaz do Flamengo.

– Não estávamos brigando por ele – falei. – Ele deu uma surra em Graça.

Lúcifer deu um muxoxo, como uma mãe desapontada.

– Aí você quebrou a mão dele na frente de todo mundo? E com o figurino do show? Ah, Srta. Das Dores. A vingança e o sexo são duas coisas que a gente nunca faz na frente do público.

– Então eu deveria deixar que ele ficasse lá, como se nada tivesse acontecido?

O sorriso de Lúcifer desapareceu.

– Você deveria ter me procurado. Mas agora é tarde demais. Agora preciso cuidar do Toninho.

Obriguei-me a encará-lo.

– Você vai colocar nosso show de volta?

– Toninho estava certo em despedir vocês, mas estava errado em fazer isso sem a minha permissão. E vocês duas? Nenhuma boate da Lapa vai contratar sua amiga agora, a não ser que eu torça alguns braços por ela.

– E por mim?

Madame Lúcifer suspirou. Descruzou as pernas e se inclinou para a frente, pousando os cotovelos nos joelhos.

– Graça tem a voz melhor. E ela certamente sabe agradar o público. Não fique triste, cachorrinha. Você tem talentos mais úteis.

– Qual, por exemplo? – perguntei, trincando os dentes.

Claro que Graça era melhor; eu estava cansada de ver Lúcifer e Anaïs me apontando o óbvio, como se eu não tivesse coragem de enxergar por mim mesma. Mas eu sempre havia acreditado que “melhor” ou “pior” não faziam justiça à nossa dupla. Graça e eu éramos diferentes, e nas nossas diferenças cada uma compensava o que faltava na outra. Minha voz – rouca, grave, estranha – dava peso e mistério à dela. A dela – luxuriante, envolvente, ousada – tirava minha aspereza. Agora eu tinha perdido meu papel de ninfeta e meu lugar de direito ao lado de Graça.

– Por que você acha que eu deixava você fazer minhas entregas? – perguntou madame Lúcifer. – Gracinha só ia para fazer companhia. Você, Srta. Das Dores, nunca deixou a desejar. Nunca perdeu um pão. Nunca permitiu que ninguém a convencesse a dar um a mais. Não se deixou amedrontar por ninguém. Você sabe contar, Srta. Das Dores, e sabe fazer dinheiro. De que adianta ter talento se você não pode ganhar a vida com ele?

Dei de ombros. Madame Lúcifer me encarou com olhos de aço.

– Então seus sonhos de infância não deram em nada? E os de quem dão? Eu pensei que um dia seria artista de palco, muito tempo atrás, mas isso não estava escrito nas cartas. Se eu tivesse me recusado a abrir mão desse sonho, não seria nada, só um moleque preto morto numa sarjeta. Hoje todos aqueles malandros lá fora tiram o chapéu para mim, Srta. Das Dores. Você acha que, se eu não tivesse a reputação que criei, eles não cortariam minha garganta com uma garrafa quebrada? Mesmo aqui, nesta Lapa devassa, as pessoas só me toleram porque eu as *obrigo*. Podem me chamar de bicha pelas costas o quanto quiserem, mas ainda sou homem, Srta. Das Dores. E não deixo ninguém esquecer disso. Use os *seus* talentos, não corra atrás dos que você não tem.

– Então você vai arranjar um novo show para Graça, mas não para mim?

Madame Lúcifer se recostou na poltrona.

– Não. Você vai arranjar um novo show para Graça.

– Mas você disse que ninguém vai contratar a gente... ela... agora. Não posso torcer braços como você.

– Eu tenho negócios a administrar. Vocês me renderam uma boa grana na boate do Toninho, e você, Srta. Das Dores, acabou com isso. Se eu não gostasse de você, não lhe daria a chance de se recuperar. Você tem três semanas sem juros; depois disso quero minha parte de novo. Consiga o mesmo que vocês rendiam no Toninho e estamos bem.

As pontas dos meus dedos ficaram geladas. Apertei os braços da cadeira.

– E se eu não conseguir?

– Sempre me pagam o que me devem, de um modo ou de outro – disse Madame Lúcifer e sorriu. – Não se preocupe, Srta. Das Dores. Tenho uma fé enorme em você.

No andar de baixo a música ficou mais alta. Mulheres riam. Madame Lúcifer se levantou e abotoou o paletó.

– Vou acompanhar você até a porta – disse. – Antes que a noite comece de verdade.

Quem atribui o sucesso à sorte nunca teve sucesso de verdade. A sorte pode jogar uma oportunidade no nosso colo, mas só uma atenção constante, obsessiva, transforma essa oportunidade em algum sucesso significativo.

Acho que foi por sorte que, algumas semanas antes da minha conversa com Madame Lúcifer, o velho Gegê usou seu discurso semanal pelo rádio para anunciar grandes mudanças nas "políticas culturais" do país. Os jornais em língua estrangeira seriam proibidos. Nas escolas e nos prédios públicos só se poderia falar português. "Não acredito nas influências estrangeiras em nossas melodias", disse Gegê. "Somos um povo novo, e os povos novos triunfam sobre os antigos. O Brasil tem sua própria música, uma música nova."

Nenhum tango argentino, jazz americano ou ópera europeia podia ser tocado nas rádios do país, nos melhores cassinos do Rio ou em qualquer lugar que o governo achasse que os turistas estrangeiros poderiam frequentar. Visitantes e brasileiros seriam expostos à "nova música" do Brasil, gostassem ou não. Essa música era o samba. Ainda que a princípio Getúlio não a chamasse assim. Os locutores de rádio e o novo ministro da Cultura do Brasil a chamavam de "folclórica" e diziam que as pessoas que a tocavam eram "folcloristas", como se as músicas fossem antigas e respeitáveis.

Graça e eu ainda não tínhamos descoberto como iríamos nos repaginar do modo como Gegê havia repaginado o samba. Lúcifer estava certo: nenhum cabaré ou casa de espetáculos iria nos contratar. A maioria deles tinha ouvido falar da briga no Toninho. Outros simplesmente não gostavam da atitude de Graça: ela se recusava a ficar na fila com dezenas de outras beldades esperando para fazer testes. Muitas portas foram fechadas na nossa cara, particularmente na minha. Anaïs pagava para fazermos bicos na loja dela, então conseguíamos honrar o aluguel semanal, mas comer era um desafio. Fiquei tão desesperada que voltei à boate do Toninho, em segredo, para implorar nosso emprego de volta. Foi quando descobri que Toninho estava no Hospital Santa Maria, com metade do rosto queimado. Dias depois de Graça e eu sermos despedidas, o garoto de recados de Madame Lúcifer – o mesmo que tinha encontrado Graça e eu na Mayrink – entrou no bar, jogou soda cáustica no rosto de Toninho e fugiu.

A Srta. Lúcia me deu a notícia. Depois disso saí do bar vazio e vomitei no beco.

Limpei os sapatos com jornal, comprei um guaraná e fui bebendo enquanto andava pelos becos da Lapa para me encontrar com Vinicius. Ele tinha arranjado trabalho tocando violão em outro cabaré, mas ainda tínhamos nossas sessões de composição à tarde. Afora a roda na casa de Tia Clementina, minhas tardes com Vinicius eram a única coisa que eu aguardava com expectativa. Eu gostava do modo gentil com que Vinicius segurava meu braço, me conduzindo até um café. Ou como ele tirava um lenço do bolso e limpava minha cadeira antes de eu me sentar. Ou a atenção com que ele me ouvia sempre que eu dava ideias para uma música.

Naquele dia, depois de ter ido à boate do Toninho, eu não tinha nenhuma ideia que valesse a pena compartilhar. Vinicius tocou algumas músicas novas e tentou me incentivar a pensar em

letras, mas nenhuma palavra me vinha. As canções se recusavam a falar comigo.

– O que há de errado? – perguntou ele finalmente. – Você tem algum lugar melhor para ir?

Atrás de Vinicius, no balcão, o dono do estabelecimento aumentou o volume do rádio. Um samba idiota, de ritmo rápido e letra irreverente, encheu a varanda do café.

– Dá para acreditar nessa merda de folclore? – perguntou Vinicius. – Algum filho da puta criado a leite de cabra em Santa Teresa pega um cavaquinho pela primeira vez, diz que é folclorista e mama uma grana preta graças ao papai Gegê.

– Quanto você acha que eles ganham gravando essas músicas? – perguntei.

– O bastante para continuar gravando – respondeu Vinicius dando de ombros. – As pessoas estão ouvindo essa porcaria sem parar. Olha só esse malandro do café. Acho que vou mandar ele desligar o rádio.

– As pessoas não sabem o que é bom.

– É uma vergonha.

Meu coração batia loucamente, parecia que eu estava com um passarinho preso no peito.

– A gente poderia fazer as pessoas escutarem uns sambas de verdade. A gente poderia gravar um disco.

Vinicius inclinou a cabeça.

– Não escrevo músicas para gravar discos. A coisa não funciona assim.

– Então para que é tudo isso que estamos fazendo, essas músicas que a gente escreve?

– São para a roda.

– Para os rapazes e a Tia Clementina ouvirem?

– Claro. Por que não? Sempre foi assim.

– Porque antes não existiam discos nem rádio. Um monte de gente poderia estar escutando nossos sambas. Sambas de verdade.

– Por que eu iria querer isso?

– Você prefere que as pessoas achem que o samba é essa merda de folclore?

– As pessoas que acreditam que isso é samba? Não estou nem aí para o que elas pensam – respondeu Vinicius.

– Mas você se importa com Graça, não é? E comigo?

Vinicius passou a mão cheia de calos pelo cabelo. Esperando a resposta dele, fiquei ao mesmo tempo alegre e petrificada, como se estivesse de novo naquele trem do Corcovado, fugindo de uma vida para outra.

– Claro – disse ele. – Claro que me importo.

– Então nos ajude.

– Gravando um samba?

– Madame Lúcifer é um homem de negócios, lembra que você me disse isso? Ele quer a parte dele, não importa se estivermos trabalhando no Toninho ou não. Se a gente gravar um disco com você e os rapazes e a música tocar no rádio, as pessoas vão implorar para a gente cantar nas boates. Ninguém sabe tocar samba como nós. Ninguém tem moças nos conjuntos. Isso pode ser bom para todos nós: podemos ser um conjunto de verdade e mostrar às pessoas o que é o samba

de verdade.

Vinicius me olhou pelo que pareceram horas.

– Vou ter de convencer os rapazes.

– Se você pular do Pão de Açúcar, eles pulam atrás.

– Não sei, Dor. E se as pessoas não quiserem a nossa música?

Segurei as mãos de Vinicius.

– Ninguém sabe o que quer de verdade. As pessoas só escolhem o que é mais fácil. Então vamos facilitar para elas.

Uma semana depois estávamos num estúdio apertado no centro do Rio. Havia colchões amarelados pregados nas paredes e no teto. O ar estava enfumaçado. Dois técnicos – com a camisa manchada no colarinho e nas axilas e uma expressão entediada no rosto – estavam sentados atrás de um painel de vidro. O nome “Victor Recording Company” estava pintado na parede atrás deles. Entre os dois havia um cinzeiro de vidro com uma pilha alta de guimbas de cigarro amassadas.

Nenhum músico esperava ficar rico gravando discos; o que trazia apresentações era a música tocar no rádio, e essas apresentações traziam dinheiro. Antes da nossa sessão de gravação, Vinicius assinou um contrato tornando nossa canção “Meu vira-lata” propriedade exclusiva da Victor Recording Company. Em troca eles nos pagaram o equivalente a 50 dólares americanos e nos deram a honra de gravar um disco. Na época achamos que era algo a ser comemorado.

Quando Graça e eu nos espremeмos para dentro do estúdio ao lado de Vinicius e dos rapazes, um técnico saiu da sua cadeira e veio até a porta. Usava um par de óculos de armação grossa com as lentes manchadas.

– Vocês, pequenas, fiquem lá fora – ordenou ele. – O namorado de vocês veio para trabalhar.

– Somos as cantoras – falei.

O produtor balançou a cabeça.

– Nunca ouvi falar de mulheres cantando. O que vocês fazem, coro?

Graça segurou meu braço antes que eu pudesse responder.

– Algo assim – disse ela e lhe deu seu sorriso mais doce.

O técnico ficou olhando através dos óculos de fundo de garrafa, depois assentiu e voltou para a cadeira.

– Vamos fazer umas rodadas de ensaios – gritou de trás do vidro. – Porque assim que eu apertar “gravando”, vocês só terão uma chance, ouviram? Há cinco conjuntos programados para gravar depois de vocês.

Para gravar um disco só eram permitidas duas tentativas. A primeira era para marcar a duração da música. Havia um relógio na parede do estúdio, cujos ponteiros indicavam o tempo limite de três minutos e meio, tudo que cabia num disco de 10 polegadas. A segunda tomada seria para valer. O produtor deixou claro que, se algum de nós estragasse tudo, nunca seríamos

convidados de novo.

Havia um único microfone na frente do estúdio. Nunca tínhamos visto um: nos cabarés da Lapa, os cantores contavam apenas com a própria voz. Esse microfone em particular era muito grande e coberto com buracos, como uma peneira de metal. Visualizei minha voz caindo através dele e pingando na cera do disco.

Nós nos posicionamos. O produtor explicou que, quando as partes vocais terminassem, nós deveríamos pular para trás em silêncio e nos encostar na parede do estúdio, saindo do caminho para que o microfone captasse o som do conjunto.

O tamborim de Noel fez *tec, tec, tec*. Cozinha raspou seu reco-reco: *rec-rec, rec-rec, rec-rec.* O cavaquinho de Miudinho fez *plinc, plinc, plinc* como pequenas gotas de chuva. Depois veio o gemido suave da cuíca de Bonito: *uuu, ah, uuu, ah, uuu*. Os violões de Vinicius e Banana entraram rápidos e graves, amarrando todos os outros sons. Graça assentiu, então ela e eu avançamos rapidamente para o microfone, com medo de sermos expulsas se não nos apressássemos.

> "Gosto de um vira-lata
> que não tem dono,
> livre para vagabundear.
> Não precisa voltar para casa
> na hora que o dono chamar.
> Gosto de um vira-lata
> Solto pelo mundo afora.
> Farejando os melhores sambas.
> Tudo que eu queria
> era meu vira-lata agora."

– Parem! – gritou o produtor.

Os rapazes obedeceram. Eu me afastei do microfone. Graça e eu tínhamos sido desmascaradas: não éramos o coro e nunca pretendíamos ser.

Mais uma vez o técnico de óculos chegou à porta.

– Não me importo se contratarem uma porcaria de uma cabra para cantar na música de vocês, desde que o som saia direito – disse ele. – Vocês estão cancelando uma à outra. São duas cantoras disputando numa música que só precisa de uma. É "*gosto* de um vira-lata", não "*gostamos* de um vira-lata". Vamos fazer de novo, só com uma de vocês. Qual vai ser?

Graça e eu nos entreolhamos, depois olhamos para Vinicius. Ele olhou para Miudinho. Banana e Bonito não quiseram me encarar. Noelzinho ficou vermelho. Cozinha olhou para seus instrumentos. Quando virei o olhar para Vinicius, ele estava abalado, como se eu fosse um cachorrinho que ele tivesse acabado de atropelar.

Nesse momento percebi quanto queria ter minha voz num disco. Queria ficar impressa em

cera e ser copiada vezes sem conta, invadir salas e cafés, penetrar nos ouvidos das pessoas e reivindicar um lugar em sua memória. Queria ser ouvida. E não era eu que tinha insistido em fazer a gravação? Não tinha composto “Meu vira-lata”? Nada disso importava, claro, todos sabíamos qual era a melhor voz. Decidi me poupar do constrangimento de me pedirem para ficar longe do microfone.

– Graça vai cantar – falei e fui para o fundo do estúdio.

Graça pôs a boca muito perto do microfone, os lábios roçando o metal a cada palavra. Através daquela peneira, a voz de Graça era ao mesmo tempo doce e maliciosa. A voz dava uma piscadela para a gente.

– Gosto de um vira-lata – rosnou ela, e dava para saber que não estava falando de cachorros, e sim de homens.

Ela não era uma daquelas cantoras de tango ameaçadoras que tratavam as canções como maratonas, as notas como obstáculos que elas precisavam pular. Graça parecia estar se divertindo, como se ela e o ouvinte estivessem desfrutando uma noite fantástica na cidade.

O processo de fazer um disco era o mesmo todas as vezes: o máster era feito ali mesmo, no estúdio, com goma-laca e cera de carnaúba. Um disco com dois lados, A e B, podia ser feito em vinte minutos. Depois de Graça e os rapazes gravarem o lado A, o produtor esfregou as mãos.

– Vocês têm outra música original? – perguntou, empolgado. – Eu tinha planejado de vocês cantarem uma marchinha conhecida para o lado B, mas vamos ver o que vocês têm.

Graça se virou para Vinicius.

– Que tal a outra música da Dor? A do ar que você respira.

– É lenta demais para você – gritei do fundo da sala.

Só tínhamos tocado aquela música – a minha música – comigo cantando.

– Podemos acelerar o ritmo – disse Vinicius. – Tentar fazer em três minutos. Vamos ver se dá?

O técnico assentiu e o ensaio começou. Na hora certa, Graça ronronou:

– Aqui estou, meu amor. Sempre ao seu lado com seu cobertor. Ponho a mesa e faço a cama. Boto o travesseiro para você deitar. Aqui estou, meu amor.

Nas nossas rodas, minha voz era uma súplica que tornava a música trágica. Mas no estúdio a voz de Graça tornou a letra maliciosa e brincalhona, quase uma ameaça:

– E se eu fosse embora, como seria? Ninguém percebe o ar que respira.

Entre os versos da canção Graça ofegava ligeiramente, seguindo a batida mais rápida do conjunto. Suas inspirações eram suaves e rápidas. As exalações traziam uma insinuação de prazer. Ela havia melhorado a música como eu jamais poderia.

Após apenas alguns compassos o produtor sorriu e bateu palmas, aprovando “O ar que você respira” como o lado B. Dez minutos depois, minha primeira música estava gravada, mas meu nome não aparecia em nenhum lugar do disco. Quando o produtor pediu um nome, Graça e os rapazes não hesitaram.

– Sofia Salvador e o Bando da Lua Azul! – responderam, quase em uníssono, como se tivessem ensaiado.

A casa de Tia Clementina ficou na maior agitação naquela noite. Graça e os rapazes tocaram várias vezes nossas músicas gravadas. Miudinho arranjou duas garotas de cabaré para se sentarem no colo dele e beijar seu pescoço enquanto ele tocava. Cozinha, Bonito e Banana cafungaram tanto pó que tocavam freneticamente, as músicas tão aceleradas que me deixavam nervosa. Noelzinho acabou apagando embaixo de uma mesa. Senti inveja dele.

Fiz o máximo para engolir todo o nosso estoque de cerveja e cachaça numa tentativa de ficar animada. Tínhamos gravado nosso primeiro disco, afinal de contas. Eu tinha ajudado a escrever as músicas. No entanto, sentia satisfação, mas não felicidade. Tinha cedido meu lugar ao lado de Graça no estúdio de gravação e ela não fez objeções; cantou ainda melhor do que antes. E depois, enquanto andávamos até a casa de Tia Clementina, ela foi de braço dado com Noelzinho. Na roda, sentou-se entre Miudinho e Cozinha e cantou sem ao menos olhar na minha direção, como se as músicas e a roda tivessem sido sempre dela. Só Vinicius parecia se lembrar de mim, me dando um tapa nas costas com força como se eu fosse um dos rapazes do Lua Azul.

– Nós somos artistas com músicas gravadas graças a você – disse ele. – Por que não vem cantar? A roda sem você não é a mesma coisa.

Eu já ia concordar, quando o canto parou. Graça se levantou da roda do Lua Azul e estendeu as mãos. Miudinho empurrou as garotas de cima dos joelhos e se levantou, depois passou o braço pela cintura de Graça. Os dois se moviam seguindo a batida com a facilidade fluida, atenta, de dois felinos, os quadris balançando em harmonia perfeita. Bonito assobiou. As garotas de cabaré, a princípio irritadas, bateram palmas e aplaudiram. Cozinha acelerou a música, depois acelerou mais ainda, mas Miudinho e Graça não se cansaram nem perderam o compasso. Subiu poeira do chão em volta deles. Graça inclinou a cabeça para trás e gargalhou.

Eu sorri, mesmo contra a minha vontade. Depois olhei para Vinicius e vi que ele também estava sorrindo. Em seu rosto havia uma espécie de perplexidade fascinada, como se tivesse acabado de ver uma sereia, um unicórnio ou alguma criatura mítica, esquecida desde a infância. Eu conhecia essa expressão. Tinha visto homens na plateia da boate do Toninho assim, noite após noite. Mas vê-la em Vinicius? Isso fez alguma coisa dentro de mim murchar e cair, como a última pétala de uma flor.

– Parece que você está morrendo de fome – falei interrompendo seu devaneio. – E que ela é um bife numa bandeja.

Espantado, Vinicius balançou a cabeça.

– Ela é a pessoa mais egoísta que eu já conheci. Ela é impossível.

– Por que diabo a gente iria querer uma coisa possível?

Vinicius piscou, depois recuou, dizendo que precisava ir ao banheiro. Entrou rapidamente na casa.

– Para onde o Dinossauro está indo?

Graça sentou-se ao meu lado, o peito brilhando de suor, as axilas do vestido escuras.

– Ele está cansado de tudo isso. Provavelmente vai vomitar – respondi.

Graça me encarou com o sorriso rígido.

– Estamos tentando comemorar, sabe.

– Então comemore.

– É difícil quando você fica aqui no canto feito uma porra de uma freira num puteiro.

– Todo mundo está prestando atenção em você, não em mim. É o que você sempre quis, não é?

– Pare de choramingar. Fique feliz pelo menos uma vez na vida. Eu não roubei a gravação de você.

– Também não levantou um dedo para me manter nela. E de pensar que íamos salvar uma a outra. Tudo bem, não quero mesmo participar de uma marchinha comum de carnaval.

– Como assim, comum?

– Fácil.

– Bom, você a escreveu, irmã.

– Isso mesmo. E eu não sou sua irmã.

A música tinha parado. O quintal estava silencioso. Manchas vermelhas brotaram no peito de Graça.

– Não, você é uma porcaria de uma estraga prazeres! É divertida feito um cemitério. Cheira igual a cravo de defunto! É uma chata o tempo todo.

Forcei uma risada.

– Todo mundo enfada você porque você é uma grande estrela. E aí sabe o que acontece? Todo mundo abandona você.

Então saí do quintal de Tia Clementina para a rua.

Andei pela Lapa até que me peguei na frente das portas fechadas do La Femme Chic. Toquei a campainha. No andar de cima uma luz se acendeu. Tirei minha boina e penteei o cabelo com os dedos. O postigo da porta se abriu. A fechadura girou e Anaïs estava à minha frente, segurando uma jarra de metal com água.

– Achei que era algum bêbado brincando com minha campainha. Eu ia jogar água em você.

– Estou bêbada – falei.

Anaïs usou a mão livre para ajeitar as abas do roupão. Era uma peça fina, de seda. A renda da combinação aparecia por baixo da bainha curta do roupão.

– Eu deveria derramar isso em você. Para mandá-la embora.

Pensei em Miudinho, em seu charme, sua confiança. Sorri.

– Você quer que eu vá embora? Não vejo você há séculos.

Anaïs olhou por cima do meu ombro.

– Cadê a outra?

– Não está aqui.

– Bom, isso é uma novidade. Você nunca está sem ela ou sem aquele músico.

– Vinicius – falei.

O nome dele fez minha boca franzir.

– Você está aqui sozinha?

– Não. Estou com você.

Anaïs riu e abriu a porta. Acompanhei-a até o andar de cima.

O apartamento era pequeno mas elegante, com um buquê de flores no parapeito da janela e um rádio no canto. Uma cortina grossa dividia a sala do quarto.

– Eu ofereceria uma bebida, mas não acho boa ideia – disse ela.

– Café? – pedi, e Anaïs pareceu confusa, como se não tivesse entendido direito.

Ela se virou para o fogão e pôs uma chaleira para ferver. Estava descalça. Seu roupão mal cobria as coxas. As pernas eram compridas e lisas; visualizei-a no banho, raspando-as com uma lâmina de homem.

– Não deixo as alunas subirem aqui – disse, me encarando de novo.

– Não sou sua aluna. Você disse que eu não sabia cantar, lembra?

O sorriso de Anaïs desapareceu.

– Não falei isso. Disse que sua voz não suportaria as pressões do palco.

Balancei a cabeça.

– Dá no mesmo.

– Você ficou ressentida comigo? Sinto muito. Sei que você quer cantar para o público, mas acho que é melhor saber da verdade.

– É?

– Alguns desejos são como a moda, Das Dores – disse ela, tirando a chaleira do fogão. – Mudam com o tempo. Os seus também vão mudar.

– E se não mudarem? E se só ficarem mais fortes?

Olhei para suas mãos e me lembrei de como elas comprimiam a barriga de Graça. Como seu polegar havia percorrido minha boca. Sua combinação era rosa com alças finas como uma corda de violão. Imaginei como seria fácil tirar aquelas alças dos seus ombros. Fui na direção de Anaïs, chegando tão perto que podia sentir seu cheiro: uma mistura de sabonete e café. Então a coragem que eu fingira possuir desapareceu de repente. Me afastei. Anaïs segurou minha mão.

– Agora está com medo de mim? – perguntou sorrindo. – Não fique.

Ela se inclinou para mim, pressionando os lábios em meu pescoço, no lóbulo da orelha, no queixo. Depois percorreu-os pelo meu rosto até nossas bocas se encontrarem.

Homens e mulheres têm lábios, dentes, bocas. Tecnicamente não deveria haver diferença entre o beijo de uma pessoa e o de outra, já que ambas usam partes idênticas. Mas isso é como dizer que uma canção é apenas um conjunto de notas numa página e que a mesma música soaria igual ainda que tocada por dois músicos diferentes. Na realidade cada músico dá uma vida distinta às mesmas notas. Com os beijos não é diferente.

Naquela noite e em muitas outras depois Anaïs me fez perceber que eu também podia ser desejada. Que os desejos que eu sentia podiam ser compartilhados e até retribuídos, que não precisavam ficar trancados para murchar dentro de mim. A princípio foi uma descoberta assustadora, mas o medo não durou muito tempo.

DESTINADOS A SER

Não quero ser
o sol que ilumina teus dias normais.
Ah, não, meu amor.
O sol fica longe demais.

Sou a toalha que enxuga tua pele molhada do mar.
Diante do teu rosto sou teu espelho.
Sou o travesseiro que recolhe tuas lágrimas.
Sou o mosquito bêbado do teu sangue vermelho.

Digas que não sou necessária! Digas que não sei entender!
Digas que podes passar sem mim ao menos um dia.
E eis o que vou te dizer:

És a semente, eu sou as mãos que te plantam.
És as raízes, eu sou a terra que te suporta.
És a bala, sou a arma que te dispara.
És a fruta, sou a faca que te corta.

Digas que não sou necessária! Digas que não sei entender!
Digas que podes passar sem mim ao menos um dia.
E eis o que vou te dizer:

Tu não és tu
sem mim.
E tudo que somos
juntos,
estamos destinados a ser.

Existem pessoas muito cultas que insistem que o samba veio dos morros, dos bairros mais pobres e mais desafortunados do Rio. É verdade. Mas também é verdade que ele veio de órfãos sortudos como Vinicius, de malandros de rua como Cozinha e de almas delicadas como Noel. Veio de sedutores como Miudinho e tímidos como Banana e Bonito. Veio de patroinhas mimadas como Graça e de gente insignificante como eu.

Tente descobrir como o samba começou e não vai encontrar uma origem única. Tente fazer um inventário de seus músicos fundamentais e nunca terá espaço suficiente na lista. O samba veio de senhores e escravos, de salões e favelas, das cidades e do campo, de homens e mulheres. Não é possível descobrir suas origens, então por que tentar? Por que não relaxar e simplesmente ouvir a música?

O samba não admite simplificação, e as pessoas também não deveriam admitir. Na Lapa ninguém ousava insistir que era uma coisa ou outra. Se – Deus me livre – alguém proclamasse "Sou mulher", "Sou índio" ou "Sou um homem que gosta de homens", seria considerado louco ou indigno de confiança. Colocar uma definição dessas em si próprio significava que você havia se simplificado ao ponto do absurdo.

Na Lapa as pessoas faziam o que faziam na cama e não falavam sobre o assunto depois. Desde que não houvesse assassinato nem crianças envolvidos, ninguém se importava muito. Quase em todos os carnavais nosso Cozinha sumia com algum rapaz bonito para comemorar e ninguém ousava fazê-lo se sentir menos homem por causa disso. O fato de minhas aventuras irem além dos quatro dias loucos do carnaval era diferente, mas não imperdoável. Ainda assim eram consideradas aventuras – arriscadas, fora do comum e temporárias – até mesmo por mim.

Nós, que crescemos nas ruas boêmias da Lapa e odiávamos definições, mesmo assim precisávamos, no decorrer da vida, criar algum tipo de explicação para nós mesmos. Desde o início da vida devemos nos definir como meninos ou meninas. Mais tarde nos tornamos bons ou maus alunos, artistas ou comerciantes, bonitos ou simpáticos. Dizemos que somos advogados, vendedores de lojas, músicos ou cantores. Viramos maridos ou esposas. Cada nova definição vai

se empilhando sobre todas as anteriores. E de repente ficamos esmagados sob o peso delas. No fim da vida podemos ser descritos numa frase simples posta na abertura de um obituário: falecido ajudante de cozinha, falecida cantora, falecido compositor, falecida amante, falecida esposa, falecida amiga.

E existem as definições que os outros criaram para a gente ou que talvez tenhamos infligido a nós mesmos sem intenção. Essas não aparecem em nenhum obituário, mas são sussurradas durante o velório. Li algumas coisas que biógrafos, supostos intelectuais e repórteres maldosos escreveram sobre mim. (Suas obras nunca eram realmente sobre mim, claro. Para eles eu era um personagem coadjuvante na história de Sofia Salvador e Vinicius.) Eu era a empresária capataz, a amiga ambiciosa, a cantora fracassada, a amante, a imitadora que roubou o estilo de samba revolucionário de Sofia Salvador para usar como seu, a suspeita, a areia na engrenagem do Bando da Lua Azul, a parasita com inclinações sáficas, a sapatão, a gilete, a mulher confusa que não conseguia decidir o que queria nem com quem queria transar.

Anaïs me tornou uma aluna ardorosa, pronta para testar minhas habilidades. Para minha surpresa houve várias esposas de produtores da gravadora Victor que desfrutaram secretamente da minha companhia. Houve outras, também: moças das borboletas, garçonetes, frequentadoras de praia, vendedoras de loja arrumadinhas. Todas eram da Lapa, por isso não tinham medo de mim, e se tivessem medo, era um medo bom, uma excitação à qual não podiam resistir, uma experiência que as fazia sentir-se ousadas e seguras ao mesmo tempo. Comigo não haveria enjoos matinais, idas secretas ao médico nem alegações de “apendicite”. Eu lhes dava toda a satisfação que um homem poderia dar (se não mais), sem nenhum dos perigos.

Havia homens para mim também. A princípio o que me levou aos homens foi a curiosidade. Como era? Em que sentido era diferente? O que fazia Graça ficar tão enamorada deles? Meu primeiro não foi um professor hábil como Anaïs, mas um garçom nervoso e desengonçado. O tempo que passamos juntos foi rápido e relativamente desagradável. Depois me senti desapontada e chateada, mas não o suficiente para desconsiderar um sexo inteiro! Sempre fui teimosa; certamente não comecei a ignorar os homens depois disso. Simplesmente passei a escolhê-los com mais sabedoria.

Existe um mito de que os homens querem dominar e as mulheres querem se submeter. É o que vemos nos filmes e lemos nos livros, e ainda que possa ser verdade para algumas pessoas, não vale para todo mundo – e certamente não o tempo todo. Detesto generalizações, mas descobri que os homens têm uma fisicalidade cuja simplicidade é revigorante. Com um homem, é como se o intuito do sexo fosse chegar a um determinado destino. Se você tiver sorte, ou habilidade, os dois chegam juntos. Com as mulheres existem níveis graduais de desejo – alguns sutis, alguns intensos – que aumentam e diminuem e não têm a ver com chegar a um ponto final. As mulheres são círculos, os homens são flechas.

– Dor é gilete – Miudinho gostava de brincar. – Corta dos dois lados!

Apesar das piadinhas, meus colegas de conjunto me entendiam mais do que os outros porque entendiam o samba. Na roda, algumas noites ansiávamos pela simplicidade. Outras, porém, queríamos nos perder naquele círculo pulsante de música. As músicas que tocávamos dependiam

do nosso humor e das pessoas com quem escolhíamos tocar. O que não mudava, pelo menos para mim, era a onda de excitação e necessidade provocante que vinha antes de cada roda. Cada música era uma conquista. Cada nota, um ato de amor.

DESTINADOS A SER

Havia um momento na Lapa, logo antes do amanhecer, depois de os cabarés fecharem e os frequentadores voltarem à segurança de seus bairros, em que os únicos sons que a gente ouvia andando pelos becos escuros eram as últimas rodas da noite – as vozes roucas, as melodias lentas e tristes. Essas eram as canções secretas, sem refinamento, que não eram feitas para ver a luz do dia. Eram as canções que a gente cantava quando todas as outras já haviam sido cantadas, quando a noite e tudo mais tinham acabado: as bebidas, os amigos, as mulheres rindo, os cigarros, a comida na barriga ou a água no copo; só restavam você e um violonista, sozinhos na escuridão, esquecendo tudo a não ser suas vozes e a letra de uma música dentro de você, que você sempre soube mas não tinha podido compartilhar até aquele momento. Às vezes existem ouvintes insuspeitos: uma mãe recente acordada junto à janela, um casal embolado nos lençóis ou uma jovem de boina e calça comprida, mãos nos bolsos, a boca ardendo de tantos beijos, o corpo deliciosamente dolorido em lugares que sempre haviam dito para ela jamais tocar. Ela para e escuta o lamento da roda como se sua vida estivesse na balança. Como se tudo que tivesse experimentado até então, em sua breve existência – cada surra, cada mentira, cada vergonha, cada agitação de amor e cada triunfo (ainda que tenha havido poucos desses) –, tivesse conspirado para trazê-la até aqui, para ouvir uma música que ninguém mais deveria escutar. A música a envolve. A música – como um campo verde ou uma cama quente – é um lugar ao qual ela sempre pode voltar. É um lar como nenhum outro.

Me lembro da caminhada depois da primeira noite com Anaïs. Ouvi aquela música e senti cada anseio maravilhoso por dentro, e quis me sentir sempre tão perto assim de mim mesma. Mas sabia que essa proximidade não poderia durar. A música acabou. A roda terminou. A Lapa diurna acordou.

Entrei correndo numa padaria, paguei o café e me sentei perto da janela com meu caderninho e o lápis. Tentei escrever o que sentia. Saiu um fluxo de palavras e rimas que pareciam pobres e vazias. Nada fazia justiça ao que eu tinha sentido naquela noite: como fora consumida por outra pessoa e, naquela consumação, meus desejos tinham sido realizados e aceitos. Seria isso que

Graça quis dizer, naquela manhã na praia, ao falar que desejava se sentir real? Será que aqueles pafúncios lhe davam essa sensação? Era por isso que ela voltava para eles toda noite?

Pousei o lápis, agora com raiva. Fazia meses que Graça tinha essa sensação e não havia dividido comigo. Ela estava sempre à minha frente. E por que aqueles idiotas tinham dado essas sensações a Graça? Por que ela havia escolhido a eles, e não a mim? O tempo que eu passara com Anaïs se esvaiu e Graça tomou, como sempre, o primeiro plano. Senti vontade de contar a ela sobre minha noite, em parte para contar vantagem e mostrar que agora éramos iguais, mas também para compreender melhor o que havia acontecido. Graça ouviria. Entenderia. Como naquele momento depois do nosso primeiro concerto, quando ela contou à mãe por que eu estava perturbada: a música estava presa dentro de mim. Graça sabia porque também tinha sentido.

Tomei o resto do café e fechei o caderno, pronta para correr para casa. Depois me lembrei da nossa briga. Tínhamos brigado muitas outras vezes, dito coisas feias uma para a outra, sido más e mesquinhas. As brigas eram tempestades que eu esperava que enfrentássemos, mas Graça sempre se vingava dos meus comentários. Haveria um preço a pagar: ela poderia não me ouvir ou, pior, fazer com que minha experiência com Anaïs parecesse boba e barata. Assim como Graça tinha a capacidade de dar vida aos momentos, com a mesma facilidade podia esmagá-los.

Pensei em evitar nossa pensão. Eu poderia ficar na padaria ou voltar para a loja de Anaïs. Poderia encontrar Vinicius, pedir um travesseiro e um lugar no chão para dormir. Mais tarde poderíamos compor. Mas a ideia de lhe contar sobre minha noite fez minhas bochechas arderem. Parecia impossível contar a ele, não porque eu sentisse vergonha do que tinha feito, mas por causa do próprio Vinicius. Ele era mais velho. Não desconhecia as mulheres; eu as tinha visto babando enquanto ele tocava violão. Contar sobre minha noite seria admitir minha inexperiência e juventude. Para ele eu pareceria uma criança idiota, quando eu queria ser vista como uma igual.

Assim, trinquei os dentes e andei até a pensão, o tempo todo dizendo a mim mesma que Graça não era a única que tinha o direito de morar ali. Quando enfiei a chave na fechadura, ela não girou; a porta estava aberta.

As persianas estavam fechadas. A cama estava vazia, os lençóis amarrotados. O quarto cheirava a perfume e fumaça de cigarro.

– Achei que você tinha me abandonado de vez.

Dei um pulo, depois me virei e vi Graça numa cadeira no canto, abraçando as pernas. Seu cabelo estava embaraçado. As solas dos pés estavam pretas como as de um moleque de rua. Sua voz parecia congestionada, como se ela tivesse pegado um resfriado.

– Há quanto tempo você está em casa? – perguntei.

– Que importância tem isso, porra?

Sentei-me na nossa cama. Como queria pousar a cabeça nos travesseiros e desaparecer no sono! Me arrependi daquele café na padaria.

– Bebi demais ontem à noite – falei, como um pedido de desculpas. – Todos nós bebemos.

– Foi o que o Vinicius disse. Ele me trouxe, depois que você sumiu.

Agora o cheiro de cigarro era familiar. Embolei o lençol nas mãos.

– Ele subiu aqui, com você?

Graça sorriu.

– É, mas eu o chutei para fora. Queria esperar sozinha. Não sabia se você ia voltar.

– Fui dar uma volta.

– Foi uma volta longa.

Nesse ponto eu poderia ter mentido, mas senti uma necessidade desesperada de contar a verdade. Não porque eu sentisse que ela merecia, mas porque, se não contasse, de algum modo minha experiência pareceria menos real.

– Fui à casa de Anaïs. Acordei ela.

O corpo de Graça relaxou na cadeira.

– Para discutir com ela de novo sobre as aulas?

Balancei a cabeça.

– Não discutimos. Não falamos muito.

Graça franziu os olhos, como se tentasse fazer um cálculo difícil de cabeça. Depois seus olhos se arregalaram e ela sorriu.

– Ela chutou você de lá depois. Não deixou você dormir de conchinha?

– Ela precisa trabalhar de manhã. Não estamos casadas. Só foi um pouco de diversão.

– Foi divertido?

Olhei paras as palmas das minhas mãos.

– Foi como quando a gente viu a cidade pela primeira vez, quando estávamos no navio, entrando na Guanabara. Lembra? Foi como um lugar novinho em folha e, ao mesmo tempo, como se eu sempre o tivesse conhecido. Como se a gente devesse sempre ter estado aqui.

Graça assentiu.

– E cá estamos nós.

Ela saiu da cadeira e se acomodou ao meu lado, entrelaçando os dedos com os meus.

– Eu tive uma tremenda briga depois que você saiu – disse.

– Com quem?

– Com o Vinicius, com quem mais? Ele estava procurando você. Eu disse que a gente tinha brigado e ele começou a bancar o importante, dizendo que eu tinha feito você ir embora e que precisava ficar com minha boca grande fechada.

Ela revirou os olhos.

– Mas ele trouxe você para casa. Subiu aqui para ficar com você.

– Ele queria ver se você estava aqui, abrindo o berreiro porque eu tinha magoado seus sentimentos. Como se você fizesse esse tipo de coisa. Como se ele ao menos conhecesse você! O grande líder do conjunto, tentando fazer todo mundo se comportar. Bom, eu disse que ele não era o líder de nós duas.

Olhei para nossas mãos cruzadas.

– Nós duas.

– Você não está no disco... – começou Graça.

– E provavelmente não vou estar no próximo também – interrompi. – Não fui feita para cantar.

– Mas ainda preciso de você.
– Para passar seus vestidos? Fazer seu cabelo?
Ela apertou minha mão com mais força.
– Preciso de você do meu lado.
– Contra quem?
– Contra todos, contra o mundo inteiro.
– O mundo vai engolir a gente. Era o que Nena dizia.
Graça gargalhou.
– Eu quero que ele me engula inteira.

“Meu vira-lata” e “O ar que você respira” tocaram no rádio de hora em hora por meses a fio. Em todo o Rio as moças começaram a chamar os namorados de “vira-latas”. A companhia de sabonete Lux publicou anúncios de jornal dizendo “Use o bálsamo de barbear Lux para ficar com o rosto liso como de um bebê, mesmo se você for o vira-lata predileto da senhorita!” E quando as pessoas compravam toca-discos, “Meu vira-lata” era o primeiro disco que colocavam para tocar.

Tocamos em tantos lugares depois do lançamento do disco que não sei como sobrevivemos dormindo tão pouco. A emoção do sucesso – de sermos admirados e desejados – trouxe energia a todos nós, mesmo a mim. Cabarés, boates de jazz, pequenas casas de espetáculos – todos nos queriam em seus palcos. Bom, eles queriam Sofia Salvador e o Lua Azul. Eu ficava nos bastidores, cantarolando junto, batendo os pés, notando cada mudança no andamento ou no ritmo quando os rapazes improvisavam só para se divertir. Ficar nos bastidores, encolhida no escuro, cercada por traves empoeiradas, cabos e adereços – todas as coisas que a plateia nunca deve ver porque arruinariam a ilusão da apresentação –, era como estar na cozinha de uma casa-grande. Era onde cortávamos, lavávamos, raspávamos, sangrávamos, suávamos e fazíamos todos os preparativos durante horas sem fim, tudo para criar o artifício da facilidade e do luxo para quem ficava nos salões. Parte de mim sentia-se em casa no mundo escuro e utilitário dos bastidores. Outra parte sentia um desespero agonizante por estar jogada nas sombras. Mas havia consolos que me eram caros: Graça tinha me rejeitado, mas não iria me substituir; minha voz não estava nos discos deles, mas minhas palavras estavam na boca de Graça.

Escrevi muitas canções nas semanas seguintes ao lançamento de “Meu vira-lata”. As moças e os rapazes que eu deixava para trás a cada manhã reapareciam nas letras. “Descascando a Cebola” era tão obviamente sobre despir uma garota que chegava a ser cômica, mas os censores burros de Gegê não conseguiam ver o duplo sentido. Havia sambas leves sobre garçons bonitos; marchinhas de carnaval sobre fazer amor com uma namoradinha fantasiada num beco escuro; canções lacrimosas sobre romances de verão que acabam cedo demais; baladas raivosas sobre ser abandonada. Vinicius fazia as melodias, claro, mas as únicas músicas que ele conseguia escrever sozinho naquelas semanas eram canções de amor não correspondido.

As melodias de Vinicius continham um anseio terrível. As notas que ele tocava começavam com expectativa – limpas e nítidas – e lentamente se tornavam frustradas, movendo-se letárgicas, parecendo mais profundas, como se não tivessem fundo e a gente pudesse cair através delas, no vazio. Eu ouvia tudo isso no modo como ele tocava, mas não questionava a fonte. Não queria saber. Jamais analisávamos ou esmiuçávamos o que quer que brotasse em nós e flutuasse até a superfície enquanto Vinicius e eu trabalhávamos. Simplesmente seguíamos a música, mesmo se ela nos amedrontasse. Durante nossas sessões de composição, Vinicius e eu éramos mais corajosos do que na nossa vida real, em parte porque qualquer coisa que confrontássemos na música, confrontávamos juntos.

A Victor queria tanto nossas canções que abriam seu estúdio a qualquer hora. Toda noite, depois de Sofia Salvador e o Lua Azul se apresentarem, íamos até a casa de Tia Clementina para a roda, que jamais perdíamos, não importava quão tarde fosse e quão cansados estivéssemos. Refinávamos nossos sambas de três minutos na roda, e um de nós, geralmente Graça, sorria e dizia:

– Esta está boa. Vamos gravar.

– Não – reagia Vinicius.

– Ah, qual é, Professor! – provocava Cozinha, engrolando as palavras. – Dor, telefone para aquele produtor! Vamos gravar um disco!

Era fácil assim fazer com que todos concordássemos naquela época.

Um produtor com cara de sono nos recebia no estúdio de gravação da Victor. Apesar de estarmos bêbados fazendo graça, assim que o relógio começava a contar o tempo e o produtor ligava os microfones, todos estávamos a serviço da música.

Quando penso naquelas madrugadas em que íamos para o estúdio de gravação, cambaleando de braços dados pela Lapa, rindo e tropeçando, sinto uma afeição tão grande por Graça e os rapazes que fica difícil respirar. Claro, eu não era uma Ninfeta. Não era Lorena Lapa. Não era uma cantora num disco. Não fazia parte do espetáculo e nunca faria. Mas o milagre da nossa ascensão – da minha ascensão – não me passava despercebido. Éramos um sucesso. Minhas músicas estavam na boca das pessoas. E todos nós – Graça, Vinicius, os rapazes do Lua Azul e eu – estávamos juntos, fazendo música simplesmente por fazer, vivendo um momento raro em que podíamos fazer sucesso e ao mesmo tempo ser sambistas genuínos.

Não sabíamos o que era sucesso de verdade, claro. Assinávamos nossas músicas com a Victor por uma ninharia e em troca tocávamos no rádio, o que nos rendia apresentações. Ganhávamos dinheiro suficiente para pagar o aluguel e satisfazer Madame Lúcifer toda semana, restando o bastante para dar a Vinicius e aos rapazes sua parte justa. Ainda estávamos comendo feijão com arroz todo dia e os rapazes não podiam abandonar os empregos diurnos, mas isso não era uma frustração. Aos nossos olhos ingênuos era um sonho tornado realidade.

Não éramos os únicos vivendo esse sonho. Depois do sucesso de “Meu vira-lata” as gravadoras montaram uma dezena de conjuntos como o nosso, com a novidade de uma mulher à frente dos vocais. A RCA tinha Jeisy e os Bambas do Ritmo. A Odeon tinha Nina e os Destaques. A Parphalon tinha Valdette e os Folcloristas. E, junto com a gente, a Victor tinha

Aracy e os Batutas. Além disso, todos eram parecidos conosco: os rapazes vestindo ternos e as cantoras de colegiais, com camisas brancas e saias rodadas. Mas os sambas deles não eram nada como os nossos: cortantes, doloridos, trágicos e engraçados ao mesmo tempo. A maioria dos sambas que tocavam no rádio depois de “Meu vira-lata” era exatamente como aquelas cantoras posando de colegiais: sem graça, comedidos e completamente falsos. A música de Aracy Araújo, “O miau do gato”, era uma cópia descarada de “Meu vira-lata”, mas isso não importava: a música rapidamente começou a tocar no rádio e Aracy passou a competir conosco pelas apresentações.

Antes que soubéssemos o que havia nos atingido, nossas músicas perderam a rotação constante no rádio. Começamos a fazer cada vez menos apresentações; havia tantas cantoras com seus conjuntos que os cabarés podiam escolher. Quando chegávamos ao estúdio da Victor antes do amanhecer, nosso bom humor era frequentemente interrompido ao encontrarmos outros três conjuntos de samba do lado de fora, em fila, esperando para gravar seu próximo sucesso. Era desanimador ter um gostinho ínfimo da doçura do sucesso e ver essa doçura ser diluída a ponto de se tornar insignificante. Com menos apresentações, Graça e eu passamos fome para poder pagar o aluguel e Madame Lúcifer. Durante duas semanas atrasamos os pagamentos. Então, uma tarde, o garoto de recados chegou à nossa pensão. Eu me preparei para ter que visitar Madame Lúcifer em seu escritório. Em vez disso o garoto tinha outro pedido a fazer.

– Encontrem com ele na esquina, do lado de fora da casa dele – disse o garoto. – E vistam uma roupa chique. Madame Lúcifer disse que nada de calça comprida para você e nada de muita maquiagem para a moça bonita. E vocês devem levar o outro sujeito, o líder do conjunto. E diga para ele usar um terno bom.

– Aonde a gente vai? – perguntei.

O garoto deu de ombros.

– Ele disse que vocês são convidados dele.

Passava da meia-noite. Na claridade dos lampiões a gás, o terno lustroso de Madame Lúcifer brilhava como se estivesse molhado. Graça, Vinicius e eu o acompanhamos, saindo do beco dos Carmelitas, e entramos numa área que eu não conhecia.

Madame Lúcifer assobiava, o que me deixou menos nervosa – talvez aquilo fosse simplesmente uma excursão, não um castigo pelo atraso nos pagamentos. Vinicius estava com a gente, afinal de contas, e ele não lhe devia um centavo. Essas eram as coisas que eu dizia a mim mesma enquanto seguíamos em fila por ruas desconhecidas até Lúcifer finalmente parar diante de uma porta de metal enferrujado.

– Chegamos – disse e bateu.

Uma portinhola se abriu. Então várias trancas foram viradas e a porta se abriu rangendo. Um rapaz musculoso – não mais velho do que Graça e eu – nos recebeu. Seus cílios eram tão compridos e grossos que quase tocavam o arco das sobrancelhas. Ele usava smoking.

– Bem na hora – disse o rapaz.

Entramos no escritório vazio de uma fábrica abandonada. O rapaz nos guiou através de corredores escuros até que escutamos vozes e avistamos luz. O corredor apertado se abria num armazém enorme e enfumaçado, cheio de mesas e cadeiras. Homens de smoking e mulheres com vestidos bordados em pedrarias – gente que deveria estar no Copacabana Castle – ocupavam as mesas e apinhavam o bar. Olhando de perto, vi que várias mulheres elegantes tinham pomo de adão. Alguns dos homens de smoking tinham lábios grossos e maçãs do rosto altas. Garçonetes (ou seriam garçons?) usavam elegantes fantasias de policiais e iam de mesa em mesa, os copos tilintando nas bandejas. No palco um conjunto tocava samba.

Assim que nos sentamos, Vinicius perguntou:

– O que estamos fazendo aqui?

– Nos divertindo – respondeu Madame Lúcifer antes de pedir uma garrafa de cachaça.

A orquestra acelerou o andamento. Vários casais se juntaram às pessoas na pista de dança. Graça engoliu sua bebida, descruzou as pernas e se levantou.

– Dance comigo, seu pateta – disse e puxou Vinicius da cadeira.

Graça havia pegado um vestido de festa emprestado com Anaïs: longo, de seda, com cintura drapeada, que parecia ter sido derramado sobre ela. Os dois se juntaram aos casais perto do palco. Vinicius era desajeitado, olhando para os pés e trombando nos que dançavam ao redor. Ele suspirou e depois se soltou de Graça. Começou a sair da pista, mas Graça segurou seu braço. Os dois ficaram imóveis, os únicos que não se mexiam. Graça sussurrou algo no ouvido dele e Vinicius a encarou, incrédulo. Então um sorriso se espalhou lentamente pelo rosto dele, iluminando-o. Eu nunca o vira tão feliz, nem depois de compormos nossos melhores sambas.

Segurei meu copo de coquetel e o esvaziei de um só gole. Madame Lúcifer o encheu de novo e empurrou o copo de volta para mim.

– Quanto tempo demorou para isso acontecer? – perguntou ele, acenando com a cabeça para a pista de dança onde Graça e Vinicius agora se moviam em sincronia perfeita.

– O quê?

– O líder do conjunto e a cantora. Que história velha! Eu esperava que vocês evitassem isso, mas somos todos animais, não é?

Senti o salão se inclinar. Na pista de dança, o cabelo de Graça estava grudado na cabeça. A camisa de Vinicius se colava ao peito.

– Eles não estão juntos – falei.

Madame Lúcifer gargalhou.

– Ainda não. Sua Gracinha não deixa o bom senso prevalecer sobre o que ela quer no momento. Ela não enxerga a longo prazo, não é? Você é mais desse tipo.

Ele encheu meu copo de novo.

– De que tipo?

– Do tipo que tem ambição.

– Graça tem mais ambição num fio de cabelo do que todos os idiotas nesta boate.

– Ela tem necessidades. Ambições precisam de planejamento e reflexão. Necessidades não

passam de instintos que a gente alimenta. E eles estão sempre famintos, querida. As necessidades nos transformam em baldes furados.

A orquestra parou de tocar. Um refletor iluminou a cortina de contas.

– Eu prometi que iríamos nos divertir – disse Madame Lúcifer. – Aí vem.

A pista de dança se esvaziou. Graça e Vinicius voltaram. Ficamos sentados em silêncio, o ar pesado com fumaça de cigarro. Então a cortina se abriu e um homem apareceu. Sua pele era escura e brilhante como uma ameixa. Os braços eram cheios de veias e músculos. Ele usava um adereço de cabeça com penas azuis e roxas, e seu vestido era cheio de pérolas, de um ombro só. O rosto e o corpo estavam salpicados com um pó brilhante que reluzia sob a luz, como se ele houvesse acabado de sair do mar e estivesse coberto por gotas d'água.

A orquestra tocou. O artista se pavoneou e cantou. Fiquei fascinada com os movimentos dele, com seu figurino, com seu tamanho, com a força hipnótica de sua energia. Ele saiu do palco e veio para o meio do público. Homens, mulheres, garçons e garçonetes dançavam entusiasmados ao seu lado, como num transe. Fechei os olhos. Sem sua imagem à frente, o efeito da apresentação se perdia: a voz era mediana, os músicos da orquestra não eram profissionais. Abri os olhos justo quando o número terminava e os frequentadores da boate voltavam para as cadeiras.

– Que número! – disse Graça.

Madame Lúcifer assentiu.

– No palco você precisa ser um sonho. E precisa fazer as pessoas entrarem no sonho com você.

– Se você tiver talento, não precisa de faz de conta – disse Vinicius.

Lúcifer gargalhou.

– Todo mundo precisa de faz de conta. O talento só nos leva até certo ponto. Vocês sabem disso em primeira mão, com aqueles imitadores roubando suas apresentações.

– Aqueles outros conjuntos não vão durar – disse Vinicius, me olhando. – Nossas músicas são melhores.

Graça cruzou os braços.

– Minha voz é melhor.

– Nenhuma das duas coisas basta para manter vocês trabalhando – retrucou Lúcifer. – Acham que as menininhas que escutam vocês no rádio sabem a diferença entre Sofia Salvador e Aracy Araújo? Caramba, nem eu sei a diferença. Vocês podem ter sido os primeiros e ser os melhores, mas isso não quer dizer merda nenhuma se ninguém conhecer vocês. Vocês precisam arranjar alguma coisa que os outros conjuntos não possam copiar. Precisam que as moças em todo o Rio queiram se vestir como Sofia, agir como Sofia, cantar como Sofia, mas nunca *ser* Sofia de verdade. Sofia Salvador precisa ser impressionante. Ela não é uma colegial, é um sonho. Precisa se gravar tão profundamente na memória das pessoas que, se alguma cantora vagabunda tentar copiá-la, vai parecer patética.

Graça assentiu.

– Não vou ser igualada a um monte de rameirinhas que nem sabem cantarolar uma canção.

– O que importa é nossa música, não nossa aparência – disse Vinicius. – Você precisa acreditar no seu talento, não num figurino. Anda, Dor, põe algum tino na cabeça dela.

Graça gargalhou.

– Eu fico no centro do palco, não Dor. Sou eu que as pessoas veem. Você e os rapazes podem usar seus smokings sem graça, mas Madame Lúcifer está certo: eu preciso ser diferente.

Vinicius se levantou.

– E eu preciso tomar um pouco de ar.

Ele saiu pela cortina da porta. Graça suspirou.

– Ele precisa ficar do nosso lado, senão o conjunto também não vai ficar – disse ela. – Dor, vá falar com ele. Ele escuta você.

Madame Lúcifer sorriu como se de repente eu tivesse me transformado na diversão da noite. Eu me levantei e passei pela cortina.

No beco, Vinicius andava de um lado para o outro e fumava. Ao me ver, estendeu o cigarro e eu aceitei, fumando metade antes de falar.

– Agora há moças cantando samba em cada esquina. Sofia Salvador precisa ser diferente.

– Sambistas de verdade não precisam de figurino – reagiu Vinicius, ainda andando de um lado para o outro. – Não somos um número de variedades. Quero que as pessoas conheçam nossas músicas, Dor! Quando eu morrer, quero que as pessoas se lembrem da nossa música, não da nossa aparência.

– Como as pessoas vão conhecer nossas músicas se nunca as ouvirem? – perguntei. – Somos os melhores da cidade e estamos sendo abafados. Precisamos de alguma coisa que nos destaque.

Vinicius fungou.

– Um fingimento.

– Não, um estilo. Alguma coisa para ficar na memória das pessoas.

– Se nossa música não faz a gente se destacar, não merecemos tocar – disse Vinicius, irritado. – E se as pessoas não podem apreciar nossas canções pelo que são, não merecem ouvi-las.

– Então é você quem decide quem merece ou não? Quem serve para ouvir a gente e quem é idiota demais? Você é tão ruim quanto aqueles imbecis do Copacabana Castle. Uma porcaria de um esnobe.

Vinicius pegou seu cigarro de volta.

– Você não entende, Dor.

– Então eu talvez não mereça ouvir sua música também. Talvez eu não devesse fazer parte da sua preciosa roda.

– Você não cresceu tocando samba. Você e Graça ouviram samba alguns meses e acham que podem mudar tudo ao gosto de vocês.

Respirei fundo, como se ainda estivesse com o cigarro entre os lábios.

– Queremos melhorar o samba. Torná-lo nosso. Não ficar tocando as mesmas porcarias de músicas o tempo todo ou ser como você e compor esses dramalhões todo dia porque está sofrendo.

O peito de Vinicius subiu e desceu como se ele estivesse sem fôlego. Ele virou a cara.

– Ela é uma tragédia anunciada. Já tive mulheres mais bonitas. E com certeza já tive outras melhores.

– Eu também.

– Você não precisa disso.

– Disso o quê?

– Desse negócio de ficar atrás de rabo de saia.

Gargalhei.

– Ninguém faz sermão dizendo que o Miudinho “não precisa disso”. Vocês dão os parabéns.

– Porque Miudinho gosta das noitadas dele.

– E eu não?

Vinicius balançou a cabeça.

– Não sou o único que está sofrendo.

A parede de tijolos do prédio encontrou meu ombro, quente e áspera. Fechei os olhos e deixei que ela me segurasse enquanto me encostava. Na minha frente, Vinicius se encostou também, de modo que éramos um o espelho do outro, cara a cara naquele beco mal iluminado. Ele procurou outro cigarro no bolso.

– O que ela disse para você lá dentro? – perguntei, minha voz um sussurro. – Na pista de dança. Como ela fez você ficar com ela?

Vinicius balançou a cabeça.

– Ela disse que ia cuidar de mim, como sempre faz quando a gente está no palco. É só... é engraçado porque ela está certa. No palco eu confio nela mais do que jamais confiei aqui fora, na vida. Quando a gente se apresenta, ela fica diferente. Todo aquele egoísmo desaparece. Puf! Ela dá tudo de si. Tudo que tem dentro dela; e não sente medo, nem eu. E eu sei que ela não está dando aquilo tudo só para mim: está dando a todo mundo que a escuta. Se ela colocar um figurino, pode não ser a mesma coisa quando nos apresentarmos juntos. Ela pode não se entregar mais. E eu não quero perder esse sentimento, Dor.

Vinicius me olhou, com medo, como uma criança apanhada roubando. Senti vontade de castigá-lo e, ao mesmo tempo, de envolvê-lo em meus braços.

Não fazia muito tempo que eu mesma desfrutava da generosidade inebriante de Graça no palco. Ela desafiava a gente sem malícia, fazendo você tocar melhor, ir mais fundo no seu íntimo, como ela fazia. E o que trazia à tona de si mesma parecia algo que ela oferecia apenas a você – e não para as dezenas ou centenas de pessoas que também assistiam ao seu lado. Esse, e não o canto, era o talento de Graça: fazê-lo se sentir especial na presença dela quando, de fato, você não era nem um pouco especial. Vinicius sentia isso com tanta intensidade quanto eu. Uma aflição compartilhada pode amarrar duas pessoas com mais força do que qualquer ligação física. Mas a inveja também cresceu dentro de mim, amarga e insistente. Era no palco que Graça parecia mais real, e Vinicius podia compartilhar a emoção dessa realidade com ela. E, por seu lado, Graça conseguia dar vida às nossas canções com Vinicius de um modo que eu jamais conseguia na nossa roda de composição.

– Pelo menos vocês podem ficar juntos no palco – falei.

– Sinto falta de você lá. Você fazia eu me sentir seguro, sei lá. Como se cada apresentação não fosse ser o meu fim.

– Mas estar seguro não é divertido, não é?

Vinicius me deu um sorrisinho triste. Eu o devolvi.

Estendi o braço e peguei a mão dele, encontrando seu polegar e acariciando o calo da ponta do dedo, a pele tão grossa que eu me perguntei se ele ao menos me sentia ali, movendo o polegar contra o dele, para lá e para cá. Quantas canções tinham criado aquele calo? A quantos violões o calo teria sobrevivido? Uma quentura enorme subiu da boca do meu estômago e se abriu no meu peito. Vinicius se empertigou. Será que ele sentia esse calor emanando de mim?

Eu estava preparada para ele fazer uma piada, se afastar ou nos conduzir de volta para dentro. Não estava preparada para sentir suas mãos – aquelas mãos grandes, calejadas, de violonista – nos meus quadris. Seus dedos apertaram minha cintura e ele me puxou. Eu não sabia se ele ia me abraçar ou me beijar. Fiquei petrificada e arrebatada ao mesmo tempo, imaginando o que seria.

Atrás de nós uma porta se entreabriu. Uma faixa de luz iluminou o rosto de Vinicius. Ele franziu os olhos. Suas mãos se afastaram rapidamente de mim. Rápido demais, como se ele estivesse com vergonha de as pessoas nos verem abraçados, de forma amigável ou com algum sentimento a mais. Senti como se houvesse entrado num dos chuveiros gelados do Colégio Sion: o corpo rígido, o peito tão apertado que ficava difícil respirar, mas a mente subitamente clara. Dois casais saíram cambaleando da boate e passaram por nós. O jovem leão de chácara manteve a porta aberta.

– Vocês dois vão entrar de volta? – perguntou ele.

– Vamos – falei, depois me virei para Vinicius. – Um figurino é só uma roupa. Se você quiser mesmo continuar com ela, vai dar o que ela quer. Ou ela vai encontrar outro que dê.

– Dor, espere – implorou Vinicius, mas não deixei que ele terminasse.

Eu já estava passando pela porta.

Todos éramos batalhadores. Vinicius queria que sua música fosse lembrada. Graça queria ser conhecida e, através desse conhecimento, amada. E Madame Lúcifer e eu batalhávamos por um objetivo semelhante, ainda que eu só fosse me dar conta disso muitos anos depois, quando o visitei na prisão: nós dois nos recusávamos a ser descartados por um mundo que tinha pouco interesse em ficar conosco. Não posso me lamentar sobre a parte que me coube, levando em conta quão longe cheguei. Porém posso declarar fatos: eu nasci com a pele um pouco escura demais, quase fui jogada num canavial para morrer como um animal inútil. Não tinha família ou dinheiro, tinha pouca beleza e a tendência a gostar de homens e mulheres. Algumas pessoas, como Graça e Vinicius, jamais precisam questionar a própria existência. Mas eu sempre tive que provar meu valor. Madame Lúcifer também lutava para provar seu valor, só que usando métodos diferentes. Ele tinha uma participação em nosso sucesso não apenas porque quisesse encher os bolsos – ele poderia fazer isso vendendo pó e mulheres –, mas porque via em Sofia Salvador e no Lua Azul um vislumbre do que Graça, Vinicius e eu também víamos: a possibilidade de transformação e uma fuga. Assim, apesar de ser um perigo para nós, ele também era um

benfeitor, ajudando a transformar uma colegial num sonho, e depois colocando-o numa disputa onde ela aniquilaria a concorrência ou a si mesma.

Depois de nossa noitada, Madame Lúcifer fez uma visita aos nossos produtores na gravadora Victor. Todas as gravadoras do Rio – Colúmbia, Parphalon, Victor e outras – deveriam indicar um artista para o show de talentos anual da rádio Mayrink, que seria transmitido ao vivo para todo o Brasil. A Victor tinha escolhido nossa rival, Aracy Araújo, para apresentar duas músicas. Depois da visita de Madame Lúcifer, o show de Aracy foi limitado a uma música. Sofia Salvador e o Lua Azul ocupariam os outros três minutos.

O evento seria no velho Cassino da Urca, conhecido por estar desgastado e mofado, o teto de gesso manchado por infiltrações e os lustres com cristais faltando. Mas o cassino tinha sido comprado por Joaquim Rolla e fechado imediatamente para reformas. Alguns especularam que ele seria transformado no cassino mais chique do Rio. Outros chamavam Rolla de trambiqueiro e previam que a reforma seria abandonada por dificuldades financeiras. Fosse como fosse, a transformação do cassino estava envolta em mistérios, deixando todo o Rio curioso com sua grandiosa reabertura, e o show de talentos da Mayrink se tornou rapidamente o acontecimento mais falado da cidade.

Nas semanas anteriores ao show, Graça e Madame Lúcifer esboçaram páginas de possíveis figurinos: vestidos de festa com saias de babados e golas de plumas, vestidos com costas drapeadas dramaticamente, com bainhas em pontas que esvoaçariam quando Sofia Salvador se movesse pelo palco. Madame Lúcifer contratou costureiras para transformar os desenhos em realidade, mas os vestidos com babados e plumas engoliam o corpo de Graça, fazendo-a parecer uma criança que tinha atacado o armário da mãe. No fim, eles encomendaram um vestido de festa vermelho-cereja para Sofia e smokings novinhos em folha para os rapazes do Lua Azul. As roupas eram caras, o que significava que pegaríamos uma grande quantia emprestada com Madame Lúcifer para estarmos apresentáveis no show da Mayrink. Todos sentíamos a pressão de tornar a apresentação um sucesso; Graça e eu principalmente.

Nas horas anteriores ao show, os cinco rapazes do Lua Azul se espremeram em táxis com seus instrumentos, levando nos porta-malas uma pilha de smokings bem dobrados. Os rapazes acenaram para mim e Vinicius na calçada diante da pensão. Assim que eles saíram, corremos para cima, onde Graça estava se demorando no banheiro. Ela havia desaparecido durante toda a tarde, insistindo que precisava de privacidade antes do show. Eu bati à porta.

– Tem camarins na Urca – falei. – Você não precisa estar toda embonecada para pegar um táxi.

– Cale a boca! – gritou Graça de volta.

Havia uma ferocidade na sua voz, um desespero que transformava as palavras num pedido, não numa ordem. Vinicius e eu nos entreolhamos.

– Abra a porta – falei, com a voz mais suave que consegui.

– Não posso.

Houve um soluço, depois um choro. Corria água na pia.

– Graça?

– Ah, meu Deus! Quero morrer!

Meu coração batia forte no peito. Pensei no Riacho Doce, no rio, em Graça com o sobretudo da mãe cheio de pedras pesadas nos bolsos.

– Abra a porcaria da porta! – gritei.

A fechadura fez um clique. Graça estava sentada nua no vaso tampado, o rosto riscado de lágrimas, a pele inchada em volta dos olhos. O alto da testa estava vermelho como se ela o tivesse esfregado com palha de aço. Acima disso, onde antes ficavam seus cachos castanhos e macios, o cabelo era de um louro platinado e rígido feito piaçava.

– O que você fez? – perguntei, ofegante.

Vinicius se espremeu por trás de mim.

– Merda – murmurou.

Peguei uma toalha para cobrir a nudez de Graça, mas ela não parecia se incomodar com quem a visse. Engoliu em seco e olhou para o teto.

– Eu queria ficar diferente! Queria ficar parecida com Greta Garbo! Era para ser uma surpresa.

Encostei-me na pia, com medo de vomitar. Tínhamos 90 minutos até as cortinas do Cassino da Urca subirem.

Desajeitados, como se transportássemos um manequim cujos membros pudessem cair e quebrar, Vinicius e eu carregamos Graça para a cama e a ajudamos a vestir um roupão. Depois ordenei que Vinicius descesse para telefonar para a única pessoa que poderia nos ajudar.

Anaïs chegou dez minutos depois. Ao ver Graça, nossa professora balançou a cabeça. Deu um tapa na mão de Graça quando ela tentou coçar o couro cabeludo.

– Você não pode fazer sangrar – disse.

– Mas está coçando demais! – gemeu Graça. – Já lavei dez vezes!

Anaïs tirou uma lata de aloe vera da bolsa e passou na cabeça de Graça. Chumaços de cabelos platinados saíam entre seus dedos, deixando trechos carecas. Quando terminou, Anaïs pôs uma touca de banho na cabeça de Graça antes de se virar para mim e Vinicius.

– Se nós secarmos e pentearmos esse cabelo, ele vai cair. Está totalmente queimado, o couro cabeludo também – disse Anaïs, depois se virou de novo para Graça. – São necessárias de três a quatro sessões para deixar um cabelo como o seu louro! Quanta água oxigenada você usou?

Graça se deixou cair na cama e cobriu os olhos com os braços.

– Vocês terão de cancelar a apresentação – disse Anaïs.

– Não podemos – respondeu Vinicius. – Os rapazes estão indo para a Urca. Não vou deixá-los na mão.

Na cama, Graça gargalhou pelo nariz entupido, produzindo uma série de estalos e sons ofegantes.

– Você só se preocupa com a porra dos rapazes – disse.

– Eles não deveriam pagar pela sua idiotice – retrucou Vinicius.

– Não a chame de idiota – falei, minha voz ecoando pelo quarto.

Graça sorriu.

– Não podemos cancelar – disse eu a Anaïs. – Se não aparecermos, ninguém no Rio vai tornar a nos contratar.

– E isso não vai importar, porque Lúcifer vai cortar nossa garganta – completou Vinicius.

– Então vocês precisam arranjar uma nova cantora – declarou Anaïs.

Graça se sentou.

– Ninguém conhece nosso material – falei. – Nós ensaiamos uma música nova.

– Você conhece – disse Vinicius.

Minhas mãos pareciam cheias de sangue; os dedos latejavam como se cada um tivesse um coração próprio. Assenti na direção de Anaïs.

– Ela disse que eu não deveria me apresentar no palco. Disse que minha voz não dá conta.

– Bom, essa é a sua chance de provar que eu estava errada – disse Anaïs.

Com um salto rápido, Graça se levantou.

– Não me importa se eu estiver careca feito bunda de neném. Eu é que vou cantar esta noite.

– Eu sabia que você iria se levantar – disse Vinicius.

– Era um truque? – perguntei.

O ar de diversão desapareceu do rosto de Vinicius.

– Eu estava tentando ajudar. Pensei...

Era uma pilhéria. Era isso que ele pensava sobre a possibilidade de eu cantar com ele e os rapazes. Senti uma pontada de vergonha tão forte que me encolhi. Meus punhos se fecharam. Eu estava de volta ao engenho do Riacho Doce na época da colheita, onde o calor queimava o rosto e aqueles enormes tachos fumegantes de açúcar líquido ameaçavam transbordar e mutilar quem estivesse por perto. Graça também conhecia esse lugar.

Ela empurrou Vinicius de lado e parou à minha frente, cheirando a água oxigenada e aloe vera. Devagar, como se temesse que eu desse um coice, pôs as mãos pequeninas nos meus punhos e os segurou com força. Depois chegou perto, o rosto quase tocando o meu, como se estivéssemos de novo em nossa cama compartilhada, dividindo segredos.

– Ei, Dor – sussurrou ela. – Olhe para mim. Isso. Não fique com raiva dele, é tudo culpa minha. Dessa vez eu fiz uma besteira das grandes. Mas você sabe como eu quero cantar naquele palco chique. Você é a única no mundo que sabe. Pelo menos uma de nós precisa fazer isso, certo? Eu não quero ser uma piada lá em cima. Não quero que as pessoas riam de mim. Preciso de você.

Respirei fundo, longamente, como Anaïs tinha nos ensinado. Senti o calor de Graça à minha frente, sua boca próxima, a respiração no mesmo ritmo da minha.

Preciso de você.

Eu tinha me tornado o que jamais havia sonhado ser, o que ninguém sonha em ser: eu tinha me tornado necessária, como um trinco numa fechadura ou um parafuso numa máquina enorme.

Levantei os olhos.

– Será que podemos colocar um dos seus chapéus nela? – perguntei a Anaïs. – O maior, o mais espalhafatoso que você tiver.

Anaïs balançou a cabeça.

– Nenhuma cantora usa chapéu no palco. É falta de respeito. E nenhum chapéu vai cobrir a cabeça toda. Só uma peruca mesmo. Mas uma boa custa uma fortuna. E onde encontraríamos uma a essa hora? Ou então um turbante. Mas só as baianas usam turbantes.

O olhar de Graça encontrou o meu. Naquele momento houve uma espécie de telepatia entre nós: do tipo que só é possível depois que uma década de experiência forja o conhecimento mais profundo sobre a pessoa à nossa frente. Pensamos no carnaval. Em Tia Clementina. No cais de Salvador. Em como as baianas eram gloriosas. Como eram régias.

Era loucura, claro. Mas o que mais poderíamos fazer?

Para a grande reinauguração do Cassino da Urca, Joaquim Rolla contratou uma frota de táxis aquáticos que levaram os turistas de vinte navios de cruzeiro para o novo cassino. Homens e mulheres de cabelos claros, queimados de sol, apinhavam o átrio do cassino, que tinha o dobro do tamanho do engenho do Riacho Doce. Arbustos com flores brancas foram podados no formato de quadrados perfeitos, como gigantescos cubos de açúcar. Na extremidade do átrio havia enormes colunas de pedra marcando a entrada do grill.

Em vez da tradicional cortina de veludo, o palco do grill tinha uma cortina coberta com milhares de espelhinhos redondos, cada um do tamanho de uma moeda, que reluzia como uma cachoeira e se abria para revelar o artista que estivesse por trás. Turistas se apinhavam nas piores mesas. Nas melhores – mais perto do palco – ficavam os cidadãos ricos e poderosos cuja presença Rolla tinha prometido à Mayrink. A maioria viera por curiosidade: para ver que tipo de monstruosidade espalhafatosa o suposto amigo do presidente Gegê teria construído com dinheiro de origem duvidosa. A esperança de Rolla – e a nossa, também – era transformar a curiosidade da elite do Rio em aceitação ou mesmo fascínio.

Do meu lugar perto do palco eu olhava apática para a plateia. As jovens da sociedade usavam adereços de cabeça com pequenas joias no centro da testa. Os vestidos eram tão elaboradamente bordados com pedrarias que eu me perguntava como elas conseguiam caminhar com aquele peso. Ao lado delas estavam sentadas as mães e as avós, usando estolas de pele apesar do calor. (A máquina de ar refrigerado recém-instalada por Rolla era instável e ficou ligando e desligando durante toda a noite.) Executivos de gravadoras e magnatas das lojas de departamentos, todos usando smokings, franziam os olhos para o palco. Violinistas, um pianista e um homem com um violoncelo acompanhavam uma soprano de pescoço grosso que cantava uma ária de uma ópera brasileira encomendada pelo velho Gegê. O presidente não havia comparecido, mas vários de seus conselheiros de maior confiança estavam presentes.

Meu estômago se revirou; éramos o terceiro número de samba, enfiados entre um mágico e Aracy Araújo, aquela imitadora. Logo ela iria encerrar todo o show de talentos. Deveria ser o

número folclórico que a plateia recordaria.

Graça e Anaïs estavam trancadas no minúsculo camarim da Urca, pequeno demais para cabermos nós três. Pensar em Graça saindo daquele cômodo me deixava nauseada.

Antes de irmos para a Urca naquela noite parecíamos ladrões, pegando o vestido vermelho de Graça e enfiando numa fronha todas as bijuterias que ela havia recolhido. Então nós quatro corremos para o La Femme Chic, onde Anaïs pegou uma peça de tafetá vermelho e grosso, arame de modista e um punhado de alfinetes. Vinicius nos ajudou a levar essas coisas para a Urca, mas não tinha a menor ideia do que planejávamos fazer com aquilo.

Nos bastidores do auditório, um homenzinho nervoso andava rapidamente de um lado para outro, certificando-se de que cada número estivesse preparado para entrar. Dez minutos antes de nossa chamada, Graça ainda estava trancada no camarim com Anaïs. Os rapazes do Lua Azul apareceram, todos janotas em seus smokings azuis. Vinicius tinha esticado a juba densa para trás, deixando à mostra as costeletas e os malares pronunciados. Eu não conseguia olhá-lo nos olhos.

No palco a soprano peituda saiu e agora o mágico atraía a atenção da plateia. Perto de onde estávamos, o diretor de cena enxugou a testa com um lenço e depois o balançou no ar para dizer que iríamos ocupar o palco em seguida.

Atrás de mim ouvi o estalar de saltos altos. Vinicius ofegou e usou meu ombro para se firmar. Noelzinho quase largou o tamborim.

O vestido vermelho de Graça era sem alças, com um corpete em forma de coração. A saia se ampliava a partir da cintura como um sino. Nos pulsos estavam todas as pulseiras e braceletes que ela possuía. Os lábios eram de um vermelho vivo. Os olhos não estavam mais inchados nem vermelhos. A cabeça queimada estava escondida sob um redemoinho de tafetá vermelho que Anaïs tinha habilmente repuxado e prendido até formar um turbante.

Graça levantou os braços e sorriu.

– Qual é o problema, rapazes? Nunca viram uma baiana?

Não estávamos no carnaval, época em que coisas arriscadas e perigosas eram celebradas. Era um dia como qualquer outro no Brasil de 1938, quando uma mulher vestida de baiana no palco – não como uma piada ou uma fantasia, mas como uma espécie poderosa e linda de vestido – era algo impensável.

– Que brincadeira é essa? – perguntou Vinicius, depois me encarou. – Essa era a sua solução?

Os braços de Graça baixaram. Suas pulseiras tilintaram.

– Isso não é brincadeira nenhuma.

– Srta. Salvador! – gritou o diretor de cena, passando pelos rapazes do Lua Azul e por mim.

Quando viu Graça, seus olhos se arregalaram tanto que pensei que ele estivesse tendo um ataque de nervos. Acho que o sujeito ficaria menos chocado se Graça aparecesse nua. Ele engoliu em seco antes de falar:

– Não posso permitir isso.

O sorriso de Graça desapareceu.

– Uma ova! Por que não?

– Esta é uma casa refinada! – disse o diretor, sua voz aguda. – Temos diplomatas presentes.

Temos o primo do presidente na primeira mesa! Esperamos uma vestimenta que seja um pouco mais...

– Enfadonha – interrompeu Graça.

– Eu ia dizer “digna de uma dama” – respondeu o diretor de cena com as bochechas vermelhas. – Mas acho que vocês, matutas nordestinas, não entendem isso.

– Está dizendo que ela não parece uma dama? – gritou Bonito, espantando a todos nós. Nosso tocador de cuíca, sempre de fala mansa, ofegou com os punhos fechados ao lado do corpo. – Está dizendo que minha mãe e minhas irmãs não são respeitáveis quando se vestem assim?

Virei-me para o diretor de cena.

– Pode nos dar um minuto?

– Um minuto é tudo que vocês têm – disse ele. – Se ela não estiver decente quando aquele mágico terminar, vou cancelar o número de vocês.

– Decente? – gritou Graça atrás dele. – Estou mais coberta do que aquelas donas da plateia.

Vinicius suspirou.

– Só temos três minutos para conquistá-los. Eles vão passar o tempo todo prestando atenção à porra da roupa, e não à nossa música. Se não trocarmos a roupa dela, precisaremos de mais tempo lá.

Ele e Graça me olharam. Vinicius estava certo; uma música jamais bastaria para Graça fascinar a plateia, fazê-la aceitar a baiana e depois esquecê-la para se concentrar em sua voz e na nossa música.

– Vou conseguir mais tempo para vocês – falei.

– Como? – perguntou Cozinha.

– Não importa – interrompeu Graça. – Dor vai conseguir. Então, vamos chacoalhar aqueles emproados ou não?

Os rapazes do Lua Azul trocaram olhares. Miudinho deu de ombros.

– Foda-se tudo isso. Vamos deixar esse pessoal de queixo caído.

Soaram aplausos esparsos. Então o mestre de cerimônias anunciou:

– E agora um pouco de música folclórica popular! Diretamente das boates mais famosas da Lapa, apresentamos a Srta. Sofia Salvador e o Bando da Lua Azul!

De trás da cortina de espelhos vi pessoas na plateia sussurrando e dando de ombros. O diretor de cena veio na nossa direção com o rosto vermelho como o vestido de Graça. Antes que ele pudesse puxá-la de volta, Graça correu para o palco. Os rapazes a acompanharam.

Segurei o braço de Vinicius.

– Não importa o que aconteça lá ou aqui. Continue tocando.

Ele parou, me deu um beijo no rosto e passou pela cortina espelhada.

A princípio houve um silêncio fantasmagórico. As pulseiras de Graça chacoalhavam e tilintavam. Os muitos espelhos do grill pareciam drenar toda a cor dela, deixando-a pálida. Os rapazes e Vinicius se posicionaram num semicírculo e começaram a tocar. As primeiras notas de Graça saíram trêmulas. Os instrumentos a abafavam. Seu rosto registrou instantaneamente o choque de ouvir a própria voz tão fraca, mas ela não hesitou nem recomeçou. Continuou

cantando.

Toda plateia – até a mais refinada – gosta de riscos. O risco de que haja algum erro, de que o talento do artista não esteja à altura da própria música. Por isso quem canta deve jogar com a possibilidade de perder o controle, mas jamais perdê-lo de fato. Para Graça fazer isso eu precisava lhe arrumar mais tempo.

Outros artistas se reuniram boquiabertos atrás da cortina para olhar Graça e os rapazes no palco. Passei por eles e voltei correndo para os camarins, entrando em cinco antes de encontrá-la. Aracy usava uma blusa branca de colegial e uma saia ampla igual à que Graça usara, mas os botões de cima da blusa estavam abertos e seu rosto estava com uma grossa camada de maquiagem. Ela olhou para o espelho e deu batidinhas com a esponja de pó de arroz nas bochechas.

– Você está no lugar errado – disse ela me olhando com desdém.

– Não. Era você que eu estava procurando.

– Ouvi falar de você. Não sou chegada a essas coisas, irmã.

Arranquei a esponja de pó de arroz dos seus dedos.

– Você não é minha irmã.

Aracy tentou pegar a esponja de novo. Eu a afastei do seu alcance. Ela tentou de novo. Eu a afastei outra vez e depois segurei seu pulso.

– Vou gritar se você tentar alguma coisa comigo! – disse ela.

– Fique quietinha e eu não quebro nada – falei torcendo seu pulso.

– Eu preciso sair. Vou fechar a noite.

– Esta noite, não – respondi empurrando-a para longe.

A porta do camarim tinha uma tranca fraca. Virei-a, depois peguei uma cadeira e prendi embaixo da maçaneta.

– O que você está fazendo? – perguntou Aracy.

Fiquei na frente da cadeira.

– Você pode fazer uma apresentação particular para mim.

Aracy partiu na minha direção, mirando as unhas pintadas em meu rosto, em meu pescoço. O elegante adereço de cabeça que Anaïs tinha feito para mim ficou torto, com os grampos repuxando meu cabelo. Agarrei o antebraço de Aracy e o torci às costas até ela gritar. Depois virei-a de costas para o meu peito, com o outro braço em volta dela, num abraço de urso. Ficamos de frente para o espelho. O batom de Aracy estava manchado. Havia uma risca vermelha na seda amarela do meu vestido.

– Meu conjunto vai me procurar – disse ela. – E o diretor de cena também. Vou dizer a eles que você me sequestrou. Eles vão derrubar essa porta.

– Você vai dizer a eles que está passando muito mal e que não pode sair.

Ela se contorceu e escoiceou nos meus braços de novo e eu a segurei, como o velho Euclides costumava segurar os jumentos feridos no Riacho Doce. Depois de alguns segundos, como os

jumentos, Aracy se cansou. Olhei o relógio do camarim; àquela altura Graça e os rapazes deviam estar improvisando uma segunda música.

Houve uma batida à porta. Eu podia sentir o peito de Aracy subir e descer sob o peso do meu braço. Apertei com mais força.

– Madame Lúcifer é meu amigo – sussurrei, olhando o reflexo de Aracy no espelho do camarim. – Já ouviu falar de um dono de boate chamado Toninho? Não quero ver o que Madame Lúcifer faria com seu rosto bonito se você desse um pio agora.

Aracy me olhou no espelho. As batidas continuaram. Quando finalmente falou, sua voz saiu fraca. Ela fez o que eu tinha mandado, dizendo ao pessoal do conjunto que estava passando mal, que era para irem embora. As batidas pararam. Aracy inclinou o rosto para o meu.

– Você é um sapatão – disse. – Vou contar a todo mundo que você me forçou.

Sapatão. Eu já tinha ouvido esse xingamento, mas nunca dirigido a mim. Meus braços pareciam muito pesados. Apertei Aracy com mais força.

– Forcei? – respondi tentando rir. – Vou contar a todo mundo como nos divertimos juntas aqui. Foi uma coisa tão louca que você se esqueceu de ir para o palco. Veremos o que seus fãs vão achar de uma cantora sapatão.

Depois disso Aracy ficou quieta e seu silêncio fez com que os minutos parecessem dias. Meus braços doíam e estavam com cãibra. Minhas pernas tremiam. Mas segurei-a até ter certeza de que o show havia terminado. O tempo todo imaginei Graça e os rapazes no palco, esperando que o diretor de cena os mandasse sair, e, quando ele não aparecesse, como iriam olhar uns para os outros e tocar as primeiras notas da música seguinte sem culpa nem hesitação.

Anaïs assistiu a toda a apresentação das coxias. Mais tarde me contou que, depois daquelas primeiras notas hesitantes, a voz de Graça relaxara. Ela movia as pulseiras fazendo com que se tornassem instrumentos. Bamboleava e sacudia os ombros ao lado de Vinicius. Usava o tom de voz para desafiá-lo a tocar mais depressa, depois o instigava a ir mais devagar. Vinicius jamais perdeu o ritmo. Tocava seu violão de sete cordas, e a corda extra acrescentava profundidade à música. As notas graves sustentavam Sofia Salvador, ajudando sua voz a subir cada vez mais. E a plateia ouvia esse espectro amplo de sons que não parecia dissonante nem estranho, mas um diálogo perfeito.

Garçons pararam de servir. Moças encarregadas dos casacos se reuniram nas áreas mais escuras do grill. Em algum lugar da plateia, um par de mãos começou a bater no ritmo da música, depois outro. Os olhos de Graça saltaram na direção do som. Ela cantou mais alto, dançou mais rápido. No meio de “Meu vira-lata” parecia que todo o salão tinha soltado um grande suspiro de alívio. Algumas damas da sociedade batiam com os dedos nas mesas. Alguns cavalheiros balançavam a cabeça e sorriam. Posso imaginá-los pensando: *Que atrevimento o desse passarinho! Que charme!*

A apresentação terminou. Sofia Salvador fez uma reverência. A plateia aplaudiu e bateu com os pés até que todo o teatro sacudiu embaixo de nós. Aracy e eu sentimos a vibração lá do camarim. Afrouxei o aperto. Aracy se soltou.

– Você venceu – disse ela. – Acabou.

Os aplausos pararam. Havia música de novo: um bis. Tirei a cadeira de baixo da maçaneta e abri a porta do camarim. Aracy estava errada: nada havia acabado. Estávamos apenas começando.

Todo mundo no Brasil que estava com o rádio sintonizado no show de talentos da Mayrink ouviu Sofia Salvador pôr a casa abaixo. E aparentemente todo o Rio queria vê-la ao vivo.

Viramos atração exclusiva do grill do Cassino da Urca. O embaixador da Espanha veio assistir ao show e depois beijou a mão de Sofia Salvador. A foto dos dois saiu nos jornais de todo o país. Rolla nos pagava o suficiente para nos sentirmos ricos, mesmo não sendo. Pagamos as roupas chiques a madame Lúcifer. Os rapazes compraram ternos bons e passaram a comer melhor. Graça e eu alugamos um quarto chique que tinha até uma banheira com pés de garras. No dia seguinte do show de talentos da Mayrink fomos a um salão de beleza e cortamos o cabelo queimado de Graça. Ela usou chapéus até as partes carecas crescerem de volta e depois zanzava pela Lapa parecendo uma fadinha linda e brincalhona.

Quanto mais sucesso fazíamos, menor nosso mundo se tornava. Cafés e bares passaram a ser lugares cansativos porque jovens músicos bombardeavam Graça e os rapazes com pedidos de favores e empréstimos. Não podíamos ir a nenhuma praia ou cabaré na cidade sem sermos atacados pelos fãs de Sofia Salvador – tanto homens quanto mulheres. Toda jovem elegante do Rio usava o batom vermelho que era a marca de Sofia Salvador, até ela mudar para malva, depois coral, depois rosa-choque. Seu cabelo continuou joãozinho e muito louro. Rapidamente Sofia Salvador abandonou o turbante, em parte porque Bonito e Banana tinham pedido, em respeito às baianas de verdade, e em parte porque Graça não suportava a ideia de ser imitadora. Seus vestidos ficaram mais parecidos com colunas do que com sinos, com fendas cada vez mais altas na coxa. As cores eram as que a gente encontraria numa selva, e não num teatro elegante: verde-folha-de-bananeira, azul-asa-de-borboleta, roxo-maracujá. Ela era um camaleão: pequenina, colorida, mudando constantemente. Suas fãs e concorrentes se esforçavam implacavelmente para acompanhá-la.

Por volta de 1940, o quintal de Tia Clementina já não era mais seguro. Os conjuntos de samba competiam por apresentações, gravações e aparições no rádio. As músicas boas eram uma mercadoria e, como a Lapa era a Lapa, ninguém tinha vergonha de xeretar a roda de outro conjunto, memorizar suas músicas e depois ir correndo para um estúdio gravar as faixas como se fossem suas. Foi assim que conjuntos piores roubaram vários de nossos sambas e forçaram nossas rodas para fora da casa de Tia Clementina, levando-as para quartos apertados nas pensões. Fizemos alguns dos nossos maiores sucessos naqueles quartos: “Chorando por você”, “Doce moreno”, “Meu nego”, “Só um gostinho”, “Ganhar você”, “Anseio no meu coração”.

Ainda havia dezenas de bons conjuntos de samba, mas nenhum tinha alguém dedicado a torná-los fantásticos, a não ser o nosso. Se o piso de um palco era escorregadio demais, se alguém tentasse nos enrolar e não pagar nosso cachê, se não fornecessem água quente e toalhas

de rosto para o conjunto, se um camarim estivesse sujo, eu resolvia. Donos de cabarés, técnicos de gravação, empresários, conjuntos rivais e todo tipo de palermas da Lapa que esperavam se aproveitar de Sofia Salvador e do Lua Azul me apelidavam pelas costas: Cão de Guarda, Abutre, Megera, Sapatão e coisas piores. As pessoas se achavam espertas com seus insultos secretos, mas eu sempre acabava ouvindo o que era dito sobre mim e, para sua enorme consternação, não me chateava. Pelo menos aparentemente. Eu me lembrava de como as pessoas falavam da minha mãe – o que ela havia feito para merecer aquilo? Minha mãe tinha sido uma criança forçada a suportar as atenções do patrãozinho e seus amigos. Tinha se recusado a passar fome depois de ser expulsa da casa-grande e virou cortadora de cana. Tinha se recusado a se casar. Tinha se recusado a sentir vergonha. Então eles a xingavam por medo e a tornaram conhecida. Eu não cantava no palco ao lado de Sofia Salvador, como tinha sonhado, mas ganhara fama própria.

Eu resolvia as coisas para o conjunto também. Quando Miudinho, Banana e Bonito discutiram por causa de uma garçonete, eu fiz a garota ser demitida do Cassino da Urca e levei três beldades para os bastidores depois do show – uma para cada um. Quando Noelzinho contraiu pneumonia, convenci Joaquim Rolla a pagar o médico chique do cassino para cuidar dele. Acima de tudo eu resolvia as briguinhas frequentes entre Graça e Vinicius. Quando ele a chamava de preguiçosa ou questionava seu gosto musical, eu passava toda a corrida de táxi até em casa animando-a de novo, cobrindo-a de elogios e zombando de Vinicius, como tínhamos feito com os pafúncios havia muito esquecidos, chamando-o de dinossauro e imitando sua carranca até Graça gargalhar. Quando Graça irritava Vinicius de propósito, chamando-o de velho ou dizendo que ele estava começando a escutar mal, eu caminhava com ele pela praia da Urca para acalmá-lo, ouvindo-o dizer que ela era desmiolada e egoísta, em seguida transformando esses ressentimentos em letras que poderíamos usar mais tarde, nas nossas músicas. Como Cozinha na roda, era eu que não deixava o conjunto perder o ritmo e guiava Vinicius e Graça numa harmonia delicada.

Foi no meio de uma apresentação no grill que um leão de chácara do Cassino da Urca me informou que tínhamos uma visita.

– Ele disse que é pai da Srta. Salvador – falou.

Lembrei-me do dia, muito tempo antes, em que o automóvel havia chegado roncando pela primeira vez ao Riacho Doce e eu sentira pânico e curiosidade ao mesmo tempo. Olhei para o escuro corredor das coxias e disse a mim mesma: é um golpe. O sujeito devia ser um fã ávido por conhecer Sofia Salvador ou um agente de algum cassino rival tentando tirá-la da Urca.

– Diga para ele vir aqui atrás – respondi.

O homem que veio na minha direção era baixo demais para ser Seu Pimentel. Seu cabelo estava grisalho e ralo, a testa muito enrugada. Mas quando ele se virou de lado por um momento, confuso com o labirinto de camarins e armários de objetos de cena, vi o perfil romano afilado. E no meio do peito reluzia o cubo de açúcar de diamantes.

– Você cresceu, Jega! – disse Seu Pimentel, sorrindo como se fôssemos velhos amigos.

Seus olhos examinaram meus saltos, a calça comprida, os suspensórios e a blusa de seda.

– Não sou Jega.

Seu Pimentel veio cambaleando. Senti um mau cheiro rançoso e adocicado, como se ele tivesse sido posto numa conserva de cachaça.

– Parece que todo mundo tem um nome novo por aqui. Como você se chama agora?

– Meu nome é Das Dores. Como sempre.

– É mesmo? Bom, Das Dores, eu vi minha Gracinha nos jornais apertando a mão de um embaixador. Ela estava com aquela coisa ridícula na cabeça e mais maquiagem do que uma moça decente precisa. Mas eu soube que era ela. Eu reconheceria minha Gracinha em qualquer lugar.

Dava para ouvir Sofia Salvador e o Lua Azul cantando a última música da apresentação. Assim que eles saíssem do palco teriam 30 minutos para descansar e mudar de roupa antes de entrarem de novo.

– O senhor demorou um bocado para vir nos procurar – falei.

– Procurar por ela – corrigiu Seu Pimentel. – Todo mundo achou que ela estava morta. E durante um tempo eu preferi que ela tivesse morrido a estar vivendo como uma dama de cabaré. Ou coisa pior.

– E olhe para nós agora: num cassino elegante. É a hora perfeita para nos encontrar.

Seu Pimentel sorriu.

– Às vezes nós a escutamos no rádio, no Recife. Ninguém sabe que é ela e eu não conto. A mãe dela iria se revirar no túmulo se a visse vestida como uma macumbeira num palco diante de pessoas importantes.

– Então o senhor veio para dar bronca?

– Toda moça precisa da orientação do pai – respondeu Seu Pimentel.

As luzes do palco clarearam e pulsaram, iluminando as coxias mais do que antes. Os cotovelos do terno de Seu Pimentel estavam lustrosos, gastos. As lapelas do paletó estavam esgarçadas. A gravata embaixo do cubo de açúcar estava salpicada de manchas.

– Como vai o negócio do açúcar? – perguntei.

O olhar dele encontrou o meu.

– O mercado já não é como antes. Quem é esperto diversificou. Graça estava certa em ir embora. O que ela iria fazer? Se casar com outro dono de engenho que poderia falir?

– Era isso que o senhor queria.

Seu Pimentel balançou a cabeça.

– Eu queria dar a ela um futuro honesto. O amor é capaz de cegar um pai. Você não saberia disso, sendo o que é.

– E o que eu sou?

Seu Pimentel deu de ombros.

– Uma enjeitada. Não se ofenda, Jega! Você não pôde evitar. É o que vocês fazem: põem filhos no mundo e deixam para a gente alimentar, vestir, mandar para escolas chiques. Você teve sorte. Nem todo patrão seria bondoso como eu.

– Eu tive sorte de ter Nena.

Seu Pimentel pareceu sofrer.

– Ela era uma velha boa.

– Era? – perguntei, encarando seu rosto enrugado.

– Nena caiu um dia na cozinha, pouco depois de vocês desaparecerem. Eu chamei um médico; ela era especial para mim, você sabe. Ele disse que foi o coração.

Os saltos dos meus sapatos pareceram ceder sob o meu peso. Cambaleei e estendi a mão para a parede escura. Havia uma trave de madeira; apoiei-me nela. Eu quisera mandar dinheiro para Nena, para mostrar que tínhamos feito sucesso no Rio, mas não havia escrito uma carta nem dado sinal de vida. Em parte porque era egoísta e jovem, em parte porque tinha medo de ser apanhada pelo homem que agora estava à minha frente. Ele não era o patrão bonito e ameaçador da minha lembrança, e sim um sujeito pequeno num terno velho. Quem era o verdadeiro Seu Pimentel?

O show terminou. Graça e os rapazes saíram para as coxias, tontos de exaustão. Nesse momento ela o viu e não havia nada que eu pudesse fazer. Seu Pimentel gritou e abriu os braços:

– Gracinha!

Graça parou. Seu sorriso desapareceu e o rosto ficou como o de um manequim: plácido e ilegível. Eu sabia melhor do que ninguém que Graça tinha uma capacidade profunda de ferir e uma capacidade igualmente espantosa e imprevisível de distribuir gentileza. Nesse momento, nas coxias, imaginei qual das duas iria vencer.

Os braços de Seu Pimentel baixaram ao lado do corpo.

– Sou eu, papai.

Graça o olhou com certo desdém.

– Demorou um bocado.

Os rapazes do Lua Azul ficaram olhando, confusos. Na frente da casa ouvimos risos e cadeiras sendo arrastadas. A plateia do grill estava voltando para o cassino. As apresentações de Sofia eram curtas o suficiente para deixar as pessoas bêbadas e felizes, mas não a ponto de impedir que apostassem seu dinheiro.

– O senhor viu o show? – perguntou Graça.

– Ainda não – respondeu Seu Pimentel. – Vim direto ver você.

Graça piscou como se tivesse sido despertada de um sono profundo.

– Vamos nos apresentar de novo daqui a meia hora – disse. – Preciso descansar.

– Será que você me consegue um lugar na primeira fila? – pediu Seu Pimentel.

– O senhor tem um smoking? – interrompi. – Eles não vão deixá-lo se sentar na frente se não tiver. Aqui há um código de vestuário. É um lugar respeitável.

A expressão de Seu Pimentel ficou sombria como se eu estivesse de volta ao antigo salão, cara a cara com o dono do Riacho Doce, me preparando para receber meu castigo. Mas com a mesma rapidez que ele fechou os olhos, seu rosto se iluminou com um sorriso.

– Vou assistir à minha filha lá de trás, então. Com você, Jega.

Vinicius e os rapazes me olharam, curiosos. Olhei para minha blusa de seda, para a calça

com os vincos nítidos descendo pelas pernas, para os sapatos caros de salto alto. Nada disso parecia me pertencer. Era como se eu fosse uma assistente de palco que tivesse vestido o figurino da atriz principal e sido desmascarada logo antes de a cortina abrir.

SEM REMORSO NEM VIRTUDE

Lembro aquela noite na praia
sempre que nado no mar.
Você correndo na areia
sem que eu pudesse alcançar.

Sempre que piso na água
sinto as ondas ir e vir.
Lembro que alcancei você,
mas você tentou resistir.

Sempre que mergulho
penso em nossas bocas se encontrando.
Movendo-nos como as marés,
água e suor se misturando.

Sempre que volto para a terra
penso no amor animal da juventude.
Queria que tivéssemos nos afogado
juntos, sem remorso nem virtude.

Juntos
sem remorso nem virtude.
Juntos
sem remorso nem virtude.

Se a lembrança nos diz quem somos, o esquecimento é o que nos mantém sãos. Se pudéssemos lembrar cada canção que ouvimos, cada toque que sentimos, cada dor, por menor que seja, cada tristeza, não importa quão insignificante, cada alegria, não importa quão egoísta, certamente enlouqueceríamos. Aprendi isso depois que Graça morreu e eu passei um tempo numa clínica de Palm Springs cara demais para ser chamada de hospício. Veja bem, eu sentia todas as minhas lembranças com muita intensidade – quase como se as vivesse de novo – e bebia com a esperança de apagá-las completamente. Mas minha memória era muito teimosa. Foi Vinicius quem acabou conseguindo apagar a própria lousa.

Tudo começou de modo inocente. Ele olhava um relógio e não conseguia decifrar a hora. Ou eu o encontrava imóvel no meio de algum cômodo da nossa casa em Miami e ele ria dizendo que não conseguia de jeito nenhum encontrar o caminho para a cozinha. Ficava sem graça e frustrado, por isso eu fingia que também me esquecia das coisas, e ríamos de estar envelhecendo.

Se você esquece uma coisa completamente, não sente falta dela, porque não tem mais ideia de sua existência. Mas se esquece alguma coisa e *sabe* que esqueceu, bom, é daí que vem o sofrimento: não da perda em si, mas da consciência da perda. Você sofre sem saber por que está sofrendo.

Dizem que quando a gente envelhece retorna aos lugares que amava na infância. Vinicius tocava piano em cinemas quando era menino; sua tia ficava ao seu lado. E se ele sequer olhasse para a tela, ela batia na cabeça dele com tanta força que os ouvidos zumbiam. Apesar disso, Vinicius adorava o cinema.

Quando ele começou a sumir de casa e perambular por Miami Beach, o primeiro lugar onde eu procurava era o cinema ali perto. Encontrava Vinicius no meio de uma fileira de poltronas vazias, assistindo ao filme. Eu me sentava ao seu lado e sentia o cheiro de pipoca com manteiga e da fumaça de cigarro das suas roupas. Depois sentia seu braço encostado no meu, no escuro, como se estivéssemos esperando o filme começar, e de repente era 1940 de novo e nós dois estávamos de volta ao Rio, no cinema Odeon.

Naquele ano Vinicius e eu íamos ao cinema quase todo dia. Os filmes eram nossa fuga da competitividade implacável do samba, da presença sufocante de Seu Pimentel na nossa vida e até da própria Graça. Juntos vimos boquiabertos Rhett Butler carregar Scarlett escada acima. Choramos de tanto rir vendo Chaplin fazer o Grande Ditador. Ficamos de queixo caído e torcemos as mãos quando Dorothy entrou num mundo de Oz em Technicolor.

Os filmes não tinham nada do esnobismo do teatro, da ópera ou do Copacabana Castle. O cinema era barulhento e lotado com gente de todas as cores e classes. Os filmes em si – na maioria vindos de Hollywood – tinham heroínas decididas cheias de ambição e coragem. Claro, qualquer personagem vindo de lugares que ficavam ao sul dos Estados Unidos era sempre um bandoleiro, uma vagabunda de cantina ou um vilão bigodudo; Vinicius e eu evitávamos esses filmes a todo custo para não quebrar o feitiço da sala de cinema.

O que não podíamos evitar eram os noticiários antes dos filmes principais. Hitler invadiu a Polônia, a Dinamarca e a Noruega. Os fascistas de Mussolini declararam guerra à Grã-Bretanha e à França. Não havia ainda uma guerra entre os Estados Unidos e a Alemanha, mas as relações eram frias. No Brasil os noticiários chamavam o velho Gegê de “Pai dos Pobres”. Ele exigiu que os clubes de samba dos bairros se registrassem formalmente como “escolas” de samba; caso contrário, não poderiam participar dos desfiles de carnaval. Proibiu que os sambas tivessem instrumentos de sopro porque eram estrangeiros demais, criando o ditado das escolas de samba: “Se sopra, não sai.” E assim o carnaval, que antes era uma caótica festa de rua, se tornou uma competição oficial, em que todas as músicas tinham que ser sobre a grandeza do Brasil. Afinal de contas, tínhamos borracha e aço, que a Alemanha e os Estados Unidos desejavam muito. Assim o velho Gegê e muitos de seus seguidores flertavam descaradamente com Hitler e Roosevelt, tentando ver qual pretendente venceria.

Pouco a pouco os cinejornais no cinema Odeon começaram a mostrar os Estados Unidos como o “Tio Sam”: um tio rico e despachado que ajudaria o Brasil a lutar contra os comunistas. Anos depois fiquei sabendo que aqueles noticiários cinematográficos eram na verdade produzidos com a ajuda dos Estados Unidos, como parte do Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos. Na meia-idade, depois de parar de beber, recebi telefonemas de pesquisadores que escreviam teses sobre Sofia Salvador e sua participação na máquina de propaganda da Política de Boa Vizinhança: ela era vítima ou agente? Veja bem, o Tio Sam não podia se dar ao luxo de ter vizinhos hostis no mesmo hemisfério. Assim, enquanto Sofia Salvador e o Bando da Lua Azul cantavam no palco da Urca, completamente alheios às engrenagens do mundo ao redor, um jovem Nelson Rockefeller persuadia o presidente americano, Roosevelt, a criar uma relação amigável com os vizinhos sul-americanos, especialmente com o Brasil. Mas como o presidente dos Estados Unidos poderia se aproximar desses países – lugares considerados perigosos e sujos pela maior parte dos cidadãos americanos – sem arriscar a própria credibilidade? Como os eleitores americanos poderiam subitamente enxergar ex-inimigos como bons vizinhos? Pelos filmes, é claro! Para ver como os filmes eram poderosos na época: em 1940 Washington ordenou que os estúdios de Hollywood encontrassem mais personagens latinos para suas películas e que os tornassem amáveis. Assim teve início uma

busca febril por talentos sul-americanos.

Tudo isso estava acontecendo enquanto Vinicius e eu íamos ao Odeon, acreditando idiotamente que nossos maiores inimigos eram os outros conjuntos de samba e Seu Pimentel.

Na vida existem incontáveis primeiras vezes e um número ainda maior de últimas vezes. As primeiras vezes são fáceis de reconhecer: quando nunca experimentou uma coisa – um beijo, um novo estilo de música, um lugar, uma bebida, uma comida –, a gente sabe exatamente que está encontrando aquilo pela primeira vez. Mas as últimas? As últimas vezes quase sempre nos surpreendem. Só depois de terem desaparecido percebemos que nunca mais teremos aquele momento, aquela pessoa ou aquela experiência.

Quando Vinicius ficou doente, houve incontáveis últimas vezes: a última vez que ele pôde dirigir; a última vez que pudemos viajar; a última vez que ele pegou o violão e conseguiu tocar; a última vez que falou inglês antes de reverter completamente ao português; a última vez que fomos juntos ao cinema.

Foi naquele cinema em Miami Beach, perto da nossa casa. Vinicius e eu nos sentamos lado a lado, olhando para a tela, onde passava um desenho animado infantil. Eu o senti afastar o braço do meu e se encolher na poltrona.

– Onde nós estamos? – perguntou ele.

– No cinema – respondi, me virando na sua direção.

Ele me encarou com os olhos arregalados como os de uma criança. A claridade da tela tremeluzia em seu rosto enrugado, deixando clara a expressão que passava da confusão ao medo. Vinicius pôs o antebraço em cima dos olhos, como se tentasse se desviar de um golpe.

– Eu toco! Eu prometo que toco! – ganiu ele.

– Vinicius?

Tentei abraçá-lo. Ele se encolheu, recuando ainda mais para o outro braço da poltrona.

– Eu toco! Eu toco! Só olhei um pouquinho!

– É a Dor. Não é sua tia.

Vinicius gemeu e cruzou os braços sobre o rosto.

O filme continuou na tela, mas nenhum de nós assistiu. Eu disse a mim mesma que estava escuro, de modo que era fácil me confundir com outra pessoa, uma pessoa que lhe dava medo. Mesmo quando o filme terminou e as luzes se acenderam, Vinicius continuou paralisado na poltrona. O pânico me atravessou, cortante. Nossas memórias são labirintos e é fácil supor que a doença de Vinicius o fazia se perder na dele, mas não era isso. Seu labirinto não estava ficando mais complexo, estava se simplificando. Rotas supérfluas se fechavam, caminhos desimportantes desaparecendo. Ele não sabia que era o “Pai do Samba”, não reconhecia vizinhos, não tinha ideia de como usar um liquidificador, não lembrava nenhuma palavra em inglês. Mas seu português era perfeito; ele se lembrava de cada nota e de cada palavra das nossas canções. Tudo que era essencial para Vinicius havia permanecido. Mas esse medo de mim... Seria essa sua memória essencial de quem eu era? Ele sabia de todos os meus malfeitos e me perdoava, mas será que os teria apagado da memória? Ou será que tinham voltado naquele cinema escuro para assombrar nós dois?

Vinicius se encolheu mais ainda na poltrona. O lanterninha entrou com uma pá e uma vassoura e eu troquei as preocupações anteriores por outras mais práticas: como conseguiria tirar Vinicius do cinema? Como poderia convencê-lo a voltar para casa?

Quando tudo que conhecemos de racional se apaga, o que resta? A mente racional nos força a definir, categorizar, separar: você é isso, eu sou aquilo; seu amor é esse tipo de amor, o meu é aquele; você é real ou é apenas uma memória. A música jamais é racional. Ela funciona por inteiro, não em pedaços. Eu me lembro bem de quando um erudito mostrou a Vinicius partituras das nossas canções. Ele riu e devolveu as páginas. *Isso é só uma transcrição, meu chapa. Não é a conversa de verdade.*

Então ali, naquele cinema mal iluminado, eu cantei para ele. A princípio baixinho, como quando compúnhamos nos cafés ou mais tarde nos estúdios de cinema. Não sei por que não cantei uma das nossas músicas mais recentes; em vez disso cantei “Sem remorso nem virtude”, uma música que escrevemos em 1940, o ano de cinemas e escapadas, nosso ano de primeiras e últimas vezes.

E Vinicius? Ele fez exatamente o que eu esperava: tirou as mãos do rosto, abriu os olhos e escutou.

SEM REMORSO NEM VIRTUDE

A felicidade não é um ponto final. Não é um tesouro há muito escondido e marcado com um X num mapa. Não é uma recompensa entregue depois de anos de serviço diligente. Felicidade é como estar no útero da mãe – cálido, em segurança, leve – sem a menor ideia de quando aquilo vai terminar nem por quê. Na agitação daqueles meses de sucesso depois do show de talentos da Mayrink, flutuamos pelos nossos dias fascinados com a sorte que possuíamos. Acreditávamos que havíamos conseguido. Acreditávamos que tínhamos nos transformado em artistas de sucesso, e ainda assim permanecíamos o mesmo pequeno conjunto de samba de antes. Acreditávamos que podíamos nos resguardar dos sambistas ladrões, dos fãs zelosos demais e de músicos oportunistas, que podíamos simplesmente ter uns aos outros e ter a nossa música. Então as coisas começaram a mudar.

Sou a única remanescente viva do Bando da Lua Azul. Ser a última da minha espécie é solitário, mas tem seus privilégios: agora sou eu que conto a nossa história. E na minha versão nossa felicidade ingênua começou a desmoronar assim que Seu Pimentel nos encontrou.

– O que ele quer? – perguntei a Graça quando seu pai já estava no Rio havia alguns dias, dividindo um quarto com Vinicius porque homens não podiam entrar na nossa pensão.

Ela deu de ombros.

– Quem se importa?

– Você deveria se importar. A qualquer minuto ele pode chamar a polícia e arrastar você de volta para o Riacho Doce e casar você. Parece que ele precisa de um genro rico.

– Não existe mais Riacho Doce – respondeu Graça sem emoção. – Os banqueiros tomaram. Os trabalhadores foram embora. Mesmo se ele quisesse me arrastar de volta, não há para onde voltar.

Senti as palavras de Graça com a força de um tapa no rosto. O engenho Riacho Doce – suas enormes plantações, as palhoças dos cortadores onde nasci e onde minha mãe morreu, a casa-grande, onde eu tinha trabalhado e escutado música, a sala de aulas onde tinha aprendido sobre palavras e rimas, o corredor estreito onde Graça me beliscou e eu lhe dei um tapa no dia em que

nos conhecemos – tudo estava acabado. Eu não sabia se o engenho propriamente dito e as construções seriam demolidas, mas na minha imaginação eles estavam destruídos, e isso me provocou uma tristeza terrível que me deixou com vergonha. Que idiota eu era, amando o que jamais foi meu! E me sentir traída por aquilo – por um lugar! –, por ter sido vendido e por nos mandar o pior que possuía: Seu Pimentel. Ele tinha invadido a Lapa, nosso novo lar, onde havíamos conseguido nos recriar, e só servia para nos lembrar das meninas aprisionadas que um dia tínhamos sido.

– Então ele vai ficar de vez? – perguntei.

Graça soltou um suspiro satisfeito, como se tivesse acabado de comer uma refeição de dez pratos.

– Ele não achava que precisava de mim, mas agora sou tudo que ele tem. Agora ele vai ver que nunca precisei de um marido para me tornar respeitável. Vai ver que realmente tenho algum valor.

Durante os shows na Urca ele ficava nos bastidores, se apresentando a cada garçom, técnico de luz e diretor de cena como “o pai de Sofia Salvador”, até os empregados do cassino começarem a cumprimentá-lo como “Sr. Salvador”. Depois dos shows ele irrompia no camarim de Graça, ignorando todo mundo e elogiando sua beleza, seu brilho, sua postura. Quando estava sóbrio o suficiente para se sentar nas nossas rodas noturnas, violava todas as regras implícitas: falava durante as músicas, interrompia para apoiar as opiniões da filha sobre uma nova canção, aplaudia entusiasmado depois de Graça cantar.

Apanhada na torrente de elogios, Graça se tornou mais suave com ele, mas não completamente. Por mais que tentasse, Seu Pimentel não estava acostumado à nossa vida boêmia e todo o tempo carregava consigo o peso da decepção. Seu rosto ficava sombrio sempre que precisava comer um prato de feijão com arroz. Ficava carrancudo e rabugento quando precisava ficar nas coxias porque não tinha um smoking e, portanto, não tinha permissão de socializar no cassino. E quando viu nossa pensão pela primeira vez, não conseguiu disfarçar a repulsa.

– Vocês moram aqui? – perguntou ele olhando o prédio.

– O que o senhor esperava? – retrucou Graça. – O Palácio do Catete?

Seu Pimentel ficou vermelho. No passado poderia ter castigado a filha por falar com ele desse modo, e Graça sabia disso. Ela se preparou, mas as palavras ásperas do pai não vieram. Seu Pimentel era inteligente a ponto de não zangar a única pessoa capaz de sustentá-lo.

– Eu esperava uma coisa um pouquinho mais... privada – disse ele. – Onde você não precisasse dividir o espaço com operárias de fábrica.

– Nós temos nosso próprio banheiro – respondeu Graça, enrubescendo.

– Claro que têm – disse ele, pondo a mão no ombro dela. – Mas você merece um palácio em troca de todo o seu trabalho duro! Todo fim de semana você se apresenta naquele cassino chique. Está enriquecendo aquele tal de Rolla! Está enchendo os bolsos das gravadoras. Mas o que ganha

em troca?

Graça inclinou a cabeça, pensando na pergunta.

– Nós compramos todas as roupas dela – falei. – Ela tem um figurino novo a cada semana. E dividimos tudo com o conjunto, do modo justo.

– E com Madame Lúcifer – disse Graça com amargura.

– Quem é ela? – perguntou Seu Pimentel.

– Temos uma parceria com Madame Lúcifer – respondi.

– Ela está se dando muitíssimo bem! O que ela dá a vocês em troca?

– Ajuda, quando precisamos – respondi.

Seu Pimentel olhou de novo para o prédio.

– Bom, parece que vocês estão mesmo precisando.

Naquela manhã, quando nos deitamos para dormir depois de uma longa noite de apresentações, Graça virou as costas para mim e chorou. Quando pus a mão em seu ombro, ela me deu uma cotovelada.

– Estão derrubando todas as casas de Copacabana e fazendo prédios de apartamentos com elevadores e encanamento de água quente – lamentou. – Por que não podemos morar em um deles?

– Um dia vamos poder – falei.

– Um dia eu estarei morta.

– Você canta toda noite. Está no rádio todo dia. Todas as mulheres da cidade copiam você. Não era isso que você queria?

Graça se virou para mim, os joelhos batendo nos meus.

– Eu mal fiz 20 anos e já sou uma das sambistas mais velhas daqui. Claro, tenho a Urca e os discos que a gente grava, mas todas aquelas sirigaitas mais novas, Aracy e as outras, estão nos alcançando, e depressa. Toda vez que eu mudo o cabelo ou a roupa elas também mudam. Eu tento ficar o tempo todo um passo à frente, e isso me deixa exausta. Eu canto melhor do que todas elas, mas isso não importa. As pessoas vão cansar de mim depois de um tempo. Sempre cansam. E quando isso acontecer, o que eu vou ter? Um quarto alugado e uns figurinos velhos?

– Você terá a mim – sussurrei. – E o conjunto.

Graça olhou para o teto.

– Os rapazes vão me abandonar assim que aparecer alguma coisa melhor. O Vinicius também. Ele mente e diz que não se importa com os shows. Diz que o que importa é a música. Mas só diz isso porque um sambista *deve* falar assim. Um sambista não pode ter ambição. Mas eu sei que ele adora tocar para plateias grandes. Dá para sentir quando nós estamos no palco. É uma coisa eletrizante. Sabe, quando Vinicius e eu estamos juntos no palco, é como um sonho. Eu queria que nunca precisássemos acordar.

– Então é isso que você quer? – sussurrei. – Ficar no palco com ele, para sempre?

Graça suspirou.

– Quero parar de lutar pelas mesmas migalhas que todos os outros conjuntos: alguns cassinos, algumas aparições bobas no rádio. Tem que haver alguma coisa mais, Dor.

O lençol ficou áspero como uma lixa contra a minha pele. Chutei-o longe, deixando Graça e eu descobertas. Sem dúvida, em todo o tempo em que morávamos na Lapa, tínhamos sido observadas e julgadas por quem estava ao redor. Mas o truque era que não sentíamos isso. Pelo menos até Seu Pimentel reaparecer. Então foi como se nosso sucesso estivesse sendo constantemente comparado com os fracassos. Graça e eu achávamos que nossa vida era mágica e promissora, mas vê-la através dos olhos de Seu Pimentel fez com que parecesse sem graça e manchada, como se não tivéssemos de fato chegado à terra prometida e estivéssemos apenas olhando para ela através de um vidro cheio de marcas de dedos.

Dizem que a necessidade é a mãe da invenção. Eu diria que o despeito é o pai. Quantas músicas, poemas, palácios, pinturas, livros e empreendimentos foram criados como retaliação por uma desfeita, um coração partido, uma palavra descuidada? A criação é uma forma de vingança contra um mundo incrédulo.

Quanto mais Seu Pimentel nos desaprovava, quanto mais reclamava da nossa comida, da nossa moradia e das nossas noitadas, quanto mais ele alfinetava Vinicius (seu relutante colega de quarto) pelo fato de o Lua Azul ficar com uma parte dos ganhos de Sofia Salvador, mais nós compúnhamos. Toda tarde Vinicius e eu íamos ao cinema para espairecer, depois íamos para um dos nossos quartos fazer músicas. Durante um tempo, pelo menos, esquecíamos dos shows, do dinheiro e de Seu Pimentel. Acho que Vinicius e eu nos convencíamos de que sempre poderíamos encontrar esse consolo um no outro, se deixássemos o mundo lá fora. Mas inevitavelmente o mundo se esgueirava para dentro.

Uma tarde, enquanto nós dois trabalhávamos no meu quarto numa música particularmente teimosa, ele parou de tocar e perguntou:

– O que foi?

– Isso não vai caber em três minutos – respondi.

– Então a gente toca na roda.

Balancei a cabeça.

– Ela é boa. Não quero desperdiçar.

– A roda não é desperdício.

– Por que estamos dando nossas músicas de bandeja? – perguntei.

– Estamos gravando discos e as pessoas estão escutando. Era isso que você queria.

– E a Victor fica com a grana. Quanto você acha que eles ganham com “Meu vira-lata” todo carnaval?

– É assim que as coisas são – disse Vinicius, dando de ombros.

– E se não precisar ser assim? E se nós fôssemos donos das músicas? E se a gente gravasse nossos próprios discos?

Vinicius gargalhou.

– Ninguém pode ser dono de um samba. O samba é como um passarinho. Ele voa pela Lapa.

Caramba, talvez um dia até dê a volta ao mundo! E ele conta uma história, a nossa história. Se for bom de verdade, entra na cabeça das pessoas. Nas lembranças, Dor! Dá para acreditar? Ele vai lembrar às pessoas de um tempo bom ou de um tempo ruim, de um ente querido ou de casa. Isso é magia. Ninguém pode ser dono disso.

– É, e também não pode comer. Nem vestir. Nem morar nele.

– Não estamos passando fome, Dor. E estou feliz que nem pinto no lixo onde eu moro.

– Um pinto no lixo que precisa dividir o quarto.

Vinicius balançou a cabeça.

– Pelo menos Graça é agradecida. Ela não brigou comigo desde que ele foi morar lá.

– E isso faz tudo valer a pena?

– Se a gente der corda suficiente, ele vai acabar se enforcando logo.

– Ou vai enforcar um de nós.

A porta se abriu. Graça estava parada ali, usando um vestido florido e uma boina.

– Não fiquem tão felizes em me ver – disse ela.

– Não foi à aula? – perguntei.

Graça tirou a boina e bagunçou o cabelo curtinho e platinado.

– Papai disse que eu não preciso de aulas. Diz que minha voz é perfeita. Por que preciso de uma chapeleira me ensinando a cantar? Chega para lá.

Ela bateu com o quadril no ombro de Vinicius, que estava sentado na beirada da nossa cama, com o violão ao lado. Ele tirou rapidamente o instrumento antes de Graça se sentar, com o braço encostado no dele.

– Desculpe interromper o encontro de vocês.

Vinicius piscou.

– Não é um encontro. Não estamos aqui para nos divertir.

Graça gargalhou.

– Então vocês se encontram todo dia para sofrer!

Vinicius me olhou em pânico.

– Isso é sério – falei. – Estamos trabalhando.

– Parece que estão jogando conversa fora – disse Graça.

– Estamos fazendo uma pausa – retrucou Vinicius. – Mas acho que terminamos por hoje. Ficamos empacados.

– Bom, eu ajudo a desempacar! – disse Graça. – Vamos ouvir.

Vinicius e eu nos entreolhamos. Graça se enrijeceu.

– Eu também tenho ideias – disse ela. – Vocês dois não são uma dádiva divina. – Ela estendeu a mão e pegou o caderninho no meu colo. – Você ainda tem essa coisa velha? Eu me lembro de que também queria um. Mas você sempre foi melhor do que eu, pelo menos nos estudos. Vamos ouvir o que vocês fizeram.

Graça me devolveu o caderno. Vinicius segurou o violão no colo, mas não tocou. Eu folheei o caderninho tentando dar algum sentido às palavras que tinha rabiscado mais cedo naquela manhã.

Quantas vezes eu tinha imaginado Graça presenciando nossas sessões de composição? Tinha fantasiado Graça sentada em silêncio ao meu lado, impressionada ao ver como Vinicius e eu trabalhávamos bem juntos, percebendo pela primeira vez que nem todos os momentos importantes ocorriam com ela no palco. Minha Graça imaginária ficava sentada, dócil e em êxtase. Mas a verdadeira nos atraiu para sua órbita, fazendo com que prestássemos atenção a cada suspiro, cada cruzar e descruzar das pernas, cada unha roída e cada olhar distante. Ela desfez o equilíbrio que não sabíamos existir até ele sumir.

Olhei alguns versos no caderno e pigarreei.

– Uma noite dessas eu estava na praia e pensei nas ondas – falei. – Como elas se movem. E achei que a gente poderia compor sobre um casal na areia e como eles se movem.

– Igual às ondas – disse Graça.

Vinicius se animou.

– É. Dor achou que podíamos usar o mesmo ritmo: crescendo, quebrando, repetindo, à medida que o casal vai ficando mais e mais...

– Embolado! – interrompeu Graça. – Então eles não são mais um casal, são...

– Uma onda – sussurrou Vinicius, encarando-a.

Os dois se entreolharam um pouquinho a mais do que o necessário, como se tivessem compartilhado algum grande segredo.

Fechei o caderno com um estalo.

– Os censores nunca vão deixar passar.

– Fodam-se os censores – disse Graça. – Eu gosto. É só isso que importa.

– Isso não é um vestido numa vitrine – reagi. – O fato de você gostar não adianta nada para uma música. Nós estamos tentando entendê-la, ver o que ela poderia ser.

O rosto de Graça ficou pálido. Seus olhos ficaram arregalados e vítreos como naquela tarde, anos antes, no corredor da casa-grande, quando eu lhe dei um tapa no rosto. Senti o mesmo triunfo e o mesmo medo.

– Acho que esqueci qual é o meu lugar por aqui – disse Graça finalmente. – Você e Vinicius são os talentos, eu sou apenas a desmiolada que canta. Não foi sempre assim, Dor? – Ela apontou com a cabeça para o meu caderno. – Até mamãe sabia que você tinha inteligência e eu não.

– Isso não tem a ver com inteligência – disse Vinicius, baixinho. – Seu lugar é o centro do palco. Mas quando nós compomos, a música precisa ser o centro das atenções. Precisamos desaparecer completamente. Fazemos o que é melhor para a música, não para nós. Dor e eu somos bons em desaparecer. Deixe a gente fazer o trabalho sujo, e mais tarde, na roda, você dá o acabamento com os rapazes, quando cantar.

Graça se levantou. Seus lábios estavam apertados numa linha fina.

– Hoje à noite não vou à roda.

– Você não pode faltar – reagi.

– Por quê? Vocês dois não precisam de mim. Além disso, vou levar papai para tirar as medidas de um terno novo em Ipanema, no Duartes.

– No meio da noite? – perguntou Vinicius.

– Eles vão manter a oficina aberta especialmente para Sofia Salvador.

– Aqueles alfaiates fazem os ternos do Gegê – falei. – Onde você vai arranjar dinheiro para pagar?

Graça sorriu.

– Papai não pode se vestir feito um mendigo! Isso me faz parecer uma filha péssima.

– Aqui você não é filha de ninguém. Foi por isso que nós fugimos.

– Nós fugimos para cantar no palco. Portanto, vou ficar na ribalta, que é o meu lugar. E vocês dois, gênios, podem continuar com esse negócio de compor. É divertido que nem uma unha encravada.

Ela se levantou, enfiou a boina por cima do cabelo e saiu.

Semanas se passaram e um terno elegante virou dois, depois três, depois cinco, todos feitos à mão com linho português e forro de seda, todos com uma minúscula etiqueta de metal na parte interna da gola. A placa tinha um número, que os alfaiates usavam para registrar os tamanhos e as preferências dos clientes, dentre os quais estavam senadores, donos de cassino e o próprio presidente Gegê. Madame Lúcifer me informou que Graça tinha passado em seu escritório pedindo um empréstimo e ele concordara. No dia seguinte Seu Pimentel apareceu na Urca usando um smoking com botões de madrepérola, o que lhe permitiu escapar de seu confinamento nas coxias e se misturar aos frequentadores entre os shows. Aproveitei a oportunidade para falar com Graça, em particular, em seu camarim.

– Sei que você pegou dinheiro emprestado.

– Parabéns – disse ela, enxugando o suor do rosto. – Você é uma verdadeira detetive.

– Você não pode gastar o que nós não temos.

Ela se virou para mim, as pulseiras chacoalhando.

– Eu morro de trabalhar toda noite e tudo que faço é encher os bolsos dos outros. Também mereço algumas regalias.

– A única pessoa que está tendo regalias é o seu pai.

– Há pessoas importantes no cassino. Papai precisa dar boa impressão.

– Por quê?

Graça deu de ombros.

– Por mim.

Alguns dias depois, enquanto arrumávamos as coisas para sair do cassino no fim da noite, Seu Pimentel foi até os bastidores caminhando a passos largos com seu smoking novo e anunciou, como se fosse um mestre de cerimônias, que tinha conseguido um convite importante para Sofia Salvador.

– O filho do Leão quer que você faça uma apresentação especial, na casa dele! Você é a convidada de honra!

Graça cobriu a boca com as mãos. Vinicius olhou para mim.

– Convidada? – perguntou Cozinha. – Quer dizer que nós não fomos convidados também?

– Claro! – respondeu Seu Pimentel, forçando um sorriso. – Eles estão esperando todos vocês.

Leôncio de Melo Barroso, conhecido em todo o Brasil como “o Leão”, era dono de quase todos os jornais e revistas do país. Era amigo íntimo do presidente Gegê e de qualquer um que fosse bom para os seus negócios, ao passo que seus inimigos eram assunto de matérias escandalosas – verdadeiras ou não – em seus jornais. Era escrupuloso em se manter fora dos olhares do público, mas tinha uma influência tão gigantesca que, depois de seu desquite chocante, o governo aprovou uma lei permitindo que ele ficasse com a guarda completa dos filhos. “Se a lei é contra mim, teremos que mudar a lei”, alardeou o Leão. Sua casa era a maior mansão de Santa Teresa, e tão bem vigiada que poucas pessoas podiam passar pelos portões. Os rapazes do Lua Azul e eu não questionamos a apresentação particular por pura curiosidade; quem não quereria dar uma olhadinha no Leão em pessoa? Mesmo assim eu não estava muito animada com ela porque Seu Pimentel a havia conseguido, não eu.

O Leão mandou um carro particular nos pegar na Lapa. Seu Pimentel se enfiou no banco entre mim e Graça. O cubo de açúcar de diamantes reluzia na gravata.

O carro serpenteou pelas ladeiras de Santa Teresa até chegarmos a um muro de pedras mais alto do que a maioria das casas. Quando o portão de ferro se abriu rangendo e se fechou atrás de nós, Graça segurou a mão do pai com a sua, calçada com uma luva. Em vez de um dos vestidos coloridos que sempre usava para se apresentar, Seu Pimentel tinha convencido Graça a usar um preto com um único fio de pérolas, como se ela estivesse indo a um enterro, não fazer uma apresentação.

Fiquei olhando pela janela enquanto subíamos por um caminho sinuoso iluminado por lampiões a gás. Em seguida surgiu um morro enorme, mais escuro do que o céu noturno. Em cima, como se flutuasse, estava uma construção que lembrava um museu ou um teatro, enorme, com colunas, as paredes cobertas por ladrilhos portugueses pintados à mão que reluziam à luz dos lampiões. Um caminho de pedras subia até a porta da frente, mas o carro passou com dificuldade por ele e deu a volta na colina, até os fundos da casa.

Havia uma fileira de garagens abertas, cada uma com um carro dentro. Homens e mulheres uniformizados passavam com pressa pelas portas iluminadas. Ali perto ouvimos os latidos insistentes e guturais de cães. O carro parou. O motorista desceu e abriu a nossa porta, virada para a entrada de serviço.

Graça se soltou da mão do pai.

– Achei que eu era a convidada de honra, não uma criada qualquer.

Os rapazes do Lua Azul se entreolharam e saíram rapidamente do carro.

– Você é uma cantora de samba, não uma condessa – disse Seu Pimentel rispidamente. – Era isso que você queria.

Graça me olhou com uma mistura de pânico e raiva. Passei o braço por cima de Seu Pimentel

e segurei a mão dela.

– Você quer entrar pela porta da frente? – perguntei. – Estou com você. Vamos lá agora, juntas.

Seu Pimentel segurou o pulso dela, passando a mão por baixo da minha.

– Você é a atração. Entrar pela frente, com o mordomo anunciando, vai estragar o efeito. Não me envergonhe.

Graça baixou a cabeça como se rezasse. Depois se soltou de nós dois e saiu do carro. Seu Pimentel e eu fomos rapidamente atrás, cada um de nós tentando alcançar logo a porta, como se quem chegasse a Graça primeiro influenciasse sua decisão. Mas ela já estava decidida. Lá fora, Graça me deu um sorriso triste e foi em direção à porta da cozinha.

A entrada de serviço ficava no nível mais baixo, escavada no morro que sustentava a casa. A cozinha era a maior e mais moderna que eu já tinha visto, com azulejos do chão ao teto como um hospital. Mas o ar cheio de vapor, cheirando a alho e cebola, me fez voltar à cozinha de Nena no Riacho Doce. Eu não podia encarar aquelas cozinheiras e ajudantes que olhavam, fascinadas, enquanto seguíamos em fila através de seus domínios. Graça mantinha o olhar adiante e o queixo erguido, como se estivesse vadeando em água na altura do pescoço. Apenas os rapazes assentiam e sorriam para as moças da cozinha.

Acompanhamos a governanta através de um labirinto de corredores estreitos e escadas mal iluminadas até chegarmos a uma porta. Do outro lado havia uma sala do tamanho de um campo de futebol. Acima, um teto dourado reluzia com luzes elétricas. À frente havia fileiras de cadeiras douradas com estofamento bordado, todas vazias.

– Os senhores e as senhoras estão tomando alguma coisa depois do jantar no salão – anunciou a governanta, como se fôssemos funcionários seus. – Quando terminarem, eles virão para cá, escutar vocês. Estejam preparados.

Vinicius e os rapazes tiraram os instrumentos dos estojos. Graça fechou os olhos e começou a fazer exercícios vocais. Eu fui para o fundo da sala e me sentei numa das cadeiras douradas. Seu Pimentel ocupou o lugar ao meu lado, com a perna encostada na minha.

– Deve ser extraordinário: uma pessoa como você sentada num salão assim – disse ele.

– Já vi melhores.

Seu Pimentel gargalhou.

– Naquele cassino? Isto é uma casa particular, Jega! O dinheiro lá no Norte era uma gota no oceano comparado com o que existe aqui no Rio. Gracinha fez bem em ir embora. Ela sempre teve bons instintos, é só uma questão de orientá-la.

– Como o senhor orientou nesses últimos anos?

A boca de Seu Pimentel se retorceu. Ele forçou um sorriso.

– Gracinha me perdoou. Ela sabe que eu não podia levar o engenho à falência fazendo uma busca que seria inútil.

– E o senhor perdeu o engenho de qualquer modo.

– O destino perdeu o Riacho Doce. O preço do açúcar o perdeu. E isso me faz sofrer terrivelmente. Foi como perder a mãe dela outra vez. Minha família remonta aos primeiros portugueses, Jega. Eles plantaram as primeiras canas em Pernambuco. Graça tem linhagem nobre. Melhor do que a maioria desses convidados idiotas para quem ela vai cantar. Melhor do que o próprio Leão. Ela não é um cavalo de carga. Minha menina é um Pégaso! Tem asas! Mas agora está amarrada no arado feito uma mula comum.

– Ela se apresenta no melhor palco do Rio.

– O melhor palco do Rio é o do Copacabana Castle, e ela não canta lá porque eles têm padrões. Quanto tempo vai durar essa moda do samba? Até a beleza de Graça acabar? Até a voz dela ficar rouca? Então onde ela vai estar: presa numa pensão com você, gravando disquinhos e tocando em boates vagabundas pelo resto da vida? Você é mão fechada, Jega, tem essa ideia de que tudo é escasso no mundo e que você precisa pegar tudo que conseguir. Isso é natural para gente como você, mas não para a minha Gracinha. Ela precisa de alguém com visão. Precisa de alguém que pense para além de ganhar os próximos mil-réis. Gracinha tem uma voz esplêndida. Deveria cantar o tipo certo de música, com músicos de verdade, não com aquele bando de malandros. Ela precisa estar em salões como este ou no palco de um grande teatro, se apresentando para a classe alta, não para as massas. Precisa de uma turnê internacional, um contrato com uma gravadora de boa reputação, ter o nome numa linha de casacos de pele! Você a trouxe até aqui e, acredite, sua coragem é impressionante. Mas você não vai levá-la mais longe que isso, Jega. Você se veste feito um jornaleiro. Você bebe. Discute. Você anda com moças. Isso não é natural. Se minha Gracinha quiser uma carreira respeitável, se quiser alcançar as estrelas, não pode ser associada a essas coisas.

Alcançar as estrelas. Essas palavras pertenciam a Graça, não a ele.

– Ela falou com o senhor sobre isso? – perguntei. – Ela sabe que o senhor está me dizendo para pular do barco?

– Gracinha? Ela nem consegue decidir a cor do sapato que vai usar numa caminhada pelo corredor. Mas minha menina sempre teve ambição. Ela vai fazer a escolha certa entre nós dois. Você logo vai ver.

– Eu não sabia que existia uma escolha.

– Não há – disse Seu Pimentel e encostou o ombro no meu, a boca perto do meu ouvido como se fosse contar uma fofoca chocante. – Eu sou o pai dela. Sou o guardião dela. Meu dever é proteger minha menina inocente dos oportunistas, de bandos de sambistas, de bandidos e sapatões. Seria horrível se eu tivesse que procurar a polícia e os tribunais. Nós dois sabemos quem venceria.

A porta do salão se abriu. Graça e os rapazes ficaram em posição de sentido. Houve risos. Mulheres usando joias gigantescas e vestidos diáfanos flutuaram para dentro do salão, algumas de braços dados com homens, algumas sozinhas. Homens de smoking, jovens e velhos, seguravam taças de conhaque e gracejavam enquanto iam até as cadeiras da frente.

– O show vai começar – disse Seu Pimentel e assentiu para a porta. – Você conhece o

caminho da saída, Jega.

Precisei de todo o esforço do mundo para não bater nele. Fechei os olhos e imaginei o que Graça diria se eu batesse no seu queridinho pai ali mesmo, no salão de baile do Leão, na frente do anfitrião e dos convidados. Uma briga era provavelmente o que Seu Pimentel desejava, para ganhar a simpatia de Graça e fazer com que eu fosse expulsa da casa do Leão. Mas ele não era o primeiro a me subestimar e nem seria o último.

– Pode esperar sentado – falei, tonta de raiva.

Seu Pimentel sorriu e se virou para cumprimentar os convidados um por um, como se fosse o anfitrião da festa. Depois apresentou sua linda filha, Sofia Salvador, ignorando o Bando da Lua Azul.

Quantas centenas de shows Graça e os rapazes tinham feito enquanto eu assistia nas coxias? Para plateias grandes e pequenas; em espeluncas e mansões, cassinos e cabarés; para bêbados e nobres. Agora todos ficam embaçados e se misturam numa apresentação prolongada que repasso na memória vezes sem conta, um disco se repetindo.

Ela começava doce, a voz um pouco maliciosa, as canções como pura diversão, como se ela tivesse encontrado você no meio de uma festa cheia de gente e decidido flertar. Então, muito lentamente, passava para outras canções, românticas. Sua voz um sussurro, depois um gemido doce e suave. Estava fazendo confidências, pedindo que você a levasse para casa, para passar a noite. E justo quando você achava que a tinha compreendido, Graça sinalizava para os rapazes do Lua Azul e mudava o andamento, suspirava e balançava a cabeça, segurava o microfone e começava uma série de músicas mais lentas, mais tristes. Pouco a pouco dobrava as notas da melodia, estendendo a voz até você ficar nervoso por ela – eram agudas demais ou lentas demais, e ela sem dúvida não conseguiria sustentá-las. Seu corpo tremia com o esforço. Ela fechava os olhos, apertava as mãos, às vezes até se ajoelhava diante de você. E você, e todo mundo em volta, prendia o fôlego, com medo de ela rachar e se despedaçar na sua frente. Então ela se levantava, a voz tão cheia e luxuriante que o envolvia como uma banheira com água quente, e você ficava sabendo que ela não iria se quebrar.

Quando Sofia Salvador terminava um show, os aplausos não eram uma obrigação, mas uma libertação. Sem perceber, você tinha prendido o fôlego e retesado o corpo enquanto ela cantava, como se tivesse medo de que o menor movimento a espantasse. Porém assim que ela fazia a reverência e agradecia, cada emoção que ela trouxera à tona dentro de você subitamente clamava para se liberar. Como você poderia não aplaudir, uivar, assobiar e pedir mais um? Mais um! Por favor, só mais um? E, claro, Sofia Salvador sempre cedia. Fez isso naquela noite, na mansão do Leão.

Cantou até meus pés doerem e meu vestido pinicar. Até as muitas luzes do salão deixarem meus olhos turvos. E quando Sofia finalmente acabou, o peito brilhando de suor, o cabelo embolado e a maquiagem dos olhos escorrendo, aquela plateia nobre bateu palmas, enxugou os

olhos e partiu na direção dela como se todos esperassem abraçá-la ao mesmo tempo. Pelo que pareceram horas, aquelas senhoras e os cavalheiros parabenizaram Graça, o conjunto e até Seu Pimentel, que, sorridente e com o rosto vermelho, aceitava os apertos de mão e os elogios como se fosse um pai recente, acabado de sair da sala de parto. Eu poderia ter entrado naquele círculo de convidados e músicos. Poderia ter forçado a entrada e feito com que eles me reconhecessem e parabenizassem como compositora das músicas, como a graxa que lubrificava as engrenagens de Sofia Salvador e o Bando da Lua Azul. Mas o que é o reconhecimento quando não é dado livremente? Uma concessão. Um abono, distribuído em doses comedidas por quem tem o poder de dá-lo. Seu Pimentel estava certo: eu era mão fechada. Só que os punhos não eram meus; durante toda a vida eu tinha aberto dedos à força para arrancar minha parte. Naquela noite eu estava cansada. Pela primeira vez precisava que as coisas viessem fácil – ou simplesmente não viessem.

Os convidados bloqueavam a porta oculta que levava ao labirinto de corredores dos empregados. Saí pela porta de verdade e cheguei a um corredor amplo. Meus saltos ecoavam no piso de mármore. Tive a ideia assustadora de que uma empregada ou um mordomo podiam me ouvir e pensar que eu era uma intrusa perambulando pela casa. Andei mais rápido, meus passos fazendo ainda mais barulho. Por fim encontrei a enorme porta da frente, feita de madeira tão grossa que precisei usar as duas mãos para abri-la. Do lado de fora os lampiões a gás sibilavam e estalavam. Segurei a bainha do vestido e fui me equilibrando pelo caminho de pedras.

Olhei para a mansão do Leão; todas as janelas reluziam como se houvesse uma festa em cada cômodo. Graça estava por trás de uma daquelas janelas, rindo, aceitando elogios, deixando cada convidado fascinado numa adoração arrebatada. Aqueles convidados eram a nata da sociedade do Rio, não os Toninhos e Madames Lúcifer da Lapa nem o Joaquim Rolla do Cassino da Urca. Eles controlavam um país inteiro, não um bairro miserável. Talvez minha visão fosse pequena demais e eu fosse quadrada demais. Talvez eu fosse um estorvo. Talvez nunca tivesse sido uma salvação, mas uma pedra no bolso de Graça, puxando-a para baixo d’água.

Ia pedir que o motorista do Leão me levasse de volta para a Lapa, e se ele recusasse, eu desceria a pé. Imaginei como eu iria tropeçando nas ladeiras sinuosas de Santa Teresa, passando pelos portões das mansões, sob os arcos dos aquedutos. Pensei em visitar Anaïs, mas logo mudei de ideia. Com ela eu sempre seria a aluna, determinada a agradar a professora. Naquela noite eu não queria agradar ninguém. Pensei na fila de carros chiques perto da entrada de serviço do Leão e nos muitos choferes entediados que apreciariam minha companhia. Pensei em meu vestido chique levantado até a cintura, as pernas enroladas com tanta força num daqueles motoristas que ele ficaria sem fôlego enquanto se movia em cima de mim, e eu zombaria dele. Diria que papelão ele estava fazendo. Eu lhe daria um tapa e mandaria que ele metesse com mais força, que me esmagasse contra aquele banco de couro até eu virar coisa nenhuma. Até desaparecer completamente.

Preciso de você do meu lado.

Contra quem?

Contra todos, contra o mundo inteiro.

O mundo vai engolir a gente.

Deixei o corpo cair e me sentei no degrau, o rosto coberto com as mãos.

Quando finalmente me levantei, não conseguia me lembrar em que direção ficavam as garagens com os carros lustrosos dos convidados e seus choferes. Andei pelo terreno da casa do Leão, os saltos altos afundando num caminho de cascalho que ia ficando mais escuro e mais estreito. Havia um cheiro tão forte que meu nariz se franziu; parecia que eu tinha entrado num beco sem saída na Lapa onde os bêbados se aliviavam. Ouvi um rosnado.

Meu pescoço se arrepiou. Era um rugido profundo e longo, como um motor sendo ligado. Recuei. O cascalho fez barulho sob meus pés. Então explodiram latidos tão altos e violentos que eu pude sentir a força deles me empurrando para trás. Eu me ouvi ofegando. Meus braços cobriram o rosto e eu me preparei para o impacto. Os latidos continuaram, mais altos e mais loucos, mas não senti nenhum dente afiado, nenhum focinho molhado.

Baixei os braços. Nas sombras do morro ficavam as grades de um canil. Três filas brasileiros enormes como jumentos rosnavam e latiam, espremendo a cara entre as barras de ferro. Seus dentes brilhavam. Dei mais um passo atrás e os latidos pararam. Eles farejaram o ar. Seus rabos balançaram com tanta força que os corpos se sacudiram. Um cachorro ganiu, abrindo tanto a boca que caberia a cabeça de uma criança dentro dela. Atrás de mim o cascalho fez barulho.

– Eles se agitam com intrusos – disse um homem.

Ele usava smoking e segurava um balde de metal. O cabelo branco parecia azul na noite.

– Não sou uma intrusa – sussurrei.

– Vestida assim, é. Esta é a área dos empregados.

Seu smoking tinha corte impecável, a gravata-borboleta branca num laço perfeito. Na mão que segurava o balde de metal havia um anel com uma pedra do tamanho de uma goma de mascar.

– Então o senhor também é um intruso – falei.

Seus olhos estavam sérios. Avaliavam tudo ao redor como faria um ladrão ou um prisioneiro, certificando-se de que sempre houvesse uma rota de fuga rápida. Com a mão livre, tirou um lenço do bolso do paletó e o estendeu na minha direção. Acho que ele pensou que os cachorros tinham me perturbado. Agradeci e enxuguei os olhos e o nariz.

– Você é de Pernambuco – disse ele, apontando para o ouvido. – Não perdeu o sotaque. Também sou de lá, mas aprendi a falar como os cariocas. Senão eles não respeitam a gente.

O balde balançava em sua mão. Os cachorros ganiam.

– Você está com o conjunto? – perguntou. – É mulher de alguém? Namorada?

– Deus me livre.

Agora seus olhos reluziram.

– A música dela é boa. Talvez até excepcional. Mas não conte que eu disse isso.

– Não vi o senhor lá em cima, na apresentação.

– Eu estava no fundo, como você. Não gosto de me misturar.

Ele passou por mim, se aproximando das barras do canil. Os cachorros pularam animados. Ele enfiou a mão no balde e tirou um bocado de pedaços de carne lustrosos. Depois estendeu a mão com a palma para cima e enfiou entre as barras. Os animais encostaram os focinhos gentilmente na palma da sua mão, como se lambessem uma ferida. O homem enfiou a mão no balde várias vezes, o tempo todo sussurrando e falando carinhoso com aquelas feras.

– Pronto, querida. Isso... ah, que pressa! Não engula de uma vez, meu amor... isso, pronto.

Fiquei sem graça assistindo aquilo, como se estivesse xeretando.

– Todo mundo é leal quando você serve filé-mignon! – anunciou o sujeito, estendendo o balde para mim. – Quer tentar? Eles não vão morder.

Balancei a cabeça. Ele voltou a alimentá-los.

– O que você faz para aquela moça, Sofia Salvador? – perguntou ele. – Além de ficar pelos cantos, no fundo do salão.

– Eu componho as músicas.

Ele jogou o balde no chão com estardalhaço. As palmas das mãos e os punhos brancos da camisa estavam cobertos com manchas escuras. Enfiou as mãos de novo entre as grades e deixou os cachorros lamberem até ficarem limpas.

– Então você é quem dá sustância ao número – disse ele.

– Como assim?

– As músicas. De que adianta uma cantora se ela não tiver o que cantar? Você lhe dá substância. Meu filho ama o samba. Ele vai toda semana à Urca ver sua pequena cantar. Está fascinado. Já eu? Nunca tive inclinação pela música. Sou mais um entusiasta dos filmes.

– O senhor assiste aos filmes?

– Os esnobes aqui dizem que os filmes são *gauche*. Não seriam apanhados num cinema nem mortos. Mas eu? Mais *gauche* que eu, impossível! Vou à Cinelândia uma vez por semana, eles me deixam entrar escondido nos fundos do Odeon, de graça, e ficar na cabine de projeção. Sabe por quê?

– Não.

– Aqueles filmes não seriam importados se não fosse por mim. Ou os cinejornais. Nós é que fazemos os noticiários, você sabe. Juntamos umas fotos, acrescentamos narração e bum! Você tem uma história, mesmo que não seja nenhuma novidade. – Ele tirou as mãos do canil. – Já adivinhou quem eu sou?

– Não é o vigia noturno.

Ele estendeu a mão para mim, com os dedos ainda molhados das lambidas dos cães. Seus olhos pretos brilhavam, divertidos, para ver se eu iria apertá-la. Dei um passo à frente e agarrei sua mão com força. Ele segurou a minha, espremendo até meus ossos doerem, examinando meu rosto como se esperasse um vislumbre de dor ou choque. Espremi sua mão de volta.

– Suba comigo – disse ele. – Seu lugar não é aqui embaixo. Os guardas vão soltar os cachorros daqui a pouco, e essas meninas não sabem a diferença entre uma dama e um ladrão.

– E existe alguma? – perguntei.

Ele se permitiu um sorriso. Durou tanto que eu me peguei recuando, com medo de ele ter considerado que nossa conversinha era um convite para um beijo ou coisa pior. Quando finalmente falou, sua voz saiu baixa, como se não quisesse que os cachorros escutassem.

– Você já conheceu algum gringo? – sussurrou.

Balancei a cabeça.

– Eu tenho alguns, em posições importantes, que podem gostar do número da sua pequena. Talvez eu os mande até aquele cassino onde vocês se apresentam, para darem uma espiada.

– Seria ótimo – falei. – Ela não foi feita para se apresentar em cassinos a vida toda.

– Se você ficar no mesmo lugar por muito tempo, acaba morrendo de fome ou sendo devorada.

Então o homem me ofereceu o braço, como se estivesse me conduzindo de um canto escuro para o centro da pista de dança.

O Leão e eu éramos espíritos afins. Não fui sua informante, como alguns alegaram, ainda que seus jornais realmente conseguissem entrevistas exclusivas com Sofia Salvador. Na época todos os artistas e políticos estavam no mesmo barco: quem não trabalhasse com os jornais do Leão era difamado por eles. Eu não era sua amiga; ele não tinha amigos. Mas o Leão e eu possuíamos um traço em comum: tínhamos aberto caminho a cotoveladas, chegando a lugares que os outros achavam que não eram nossos.

Ele era filho de um bêbado, tinha viajado sozinho para o Rio com 10 anos de idade, nas costas de um jumento, e ganhado a vida como jornaleiro antes de virar magnata. Esse tipo de ascensão social poderia ser comum em outros lugares, mas no Brasil dos anos 1900 era raro como um cometa que atravessa o céu a cada cem anos. Se você está preso na lama, abaixo até mesmo dos degraus mais inferiores da sociedade, é mantido lá pelo peso dos outros que pisam em você, usando-o como trampolim. Ascender não é simplesmente questão de iniciativa: para subir você precisa estar disposto a abrir o caminho. Precisa estar disposto a empurrar e bater. E, sim, até mesmo a esmagar quem bloquear sua subida. Para aqueles que chamavam o Leão e, numa escala muito menor, a mim de implacáveis e gananciosos, eu pergunto: o que você queria que nós fizéssemos? Que ficássemos em silêncio na lama e suportássemos tudo, como outros fizeram antes, até sermos enterrados vivos?

Naquela primeira noite perto do canil, o Leão gostou de mim, é verdade, mas também soube que não seria ruim forjar uma parceria com uma estrela do samba em ascensão; alguém que ele poderia colocar nas páginas de seus jornais quando as notícias estivessem fracas; alguém que ele poderia balançar na frente de seus colegas gringos do Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos. As motivações do Leão não ficaram óbvias para mim em nosso primeiro encontro, mas algumas semanas depois ele cumpriu com sua promessa de enviar autoridades do Escritório aos nossos shows na Urca, homens ávidos por implementar a Política de Boa Vizinhança. Essas autoridades levaram a notícia a Chuck Lindsay, um agente de talentos norte-

americano que estava visitando o Rio e nos convidou para um jantar tardio no navio de passageiros *Normandie.*

Naquela noite, enquanto nos sacudíamos nas ondas da baía num táxi aquático indo para o enorme navio de cruzeiro, eu abri um largo sorriso para Seu Pimentel, tentando controlar o entusiasmo. Eu tinha conseguido um encontro com um agente de talentos de Hollywood! Quem é que tinha visão pequena, agora?

Os rapazes do Lua Azul riam e brincavam durante a turbulenta viagem. Seu Pimentel estava com uma carranca. Graça sentou-se ao lado de Vinicius, fechando os olhos com força.

– Esse gringo espera que a gente jante depois dessa corrida de barco? – perguntou ela, segurando a barriga.

Seu Pimentel pôs o braço em volta dos ombros da filha.

– Que pessoa civilizada come a essa hora? – perguntou. – É um crime manter você acordada depois de ter feito três apresentações em uma noite. Você deveria estar descansando, não indo assinar autógrafos para um turista qualquer.

– Ele não é turista – falei.

– Não, é coisa pior: um homem do cinema – retrucou Seu Pimentel, gritando acima do barulho do motor. – O que ele vai pedir para ela fazer? Tocar para os bêbados no Odeon?

– Qual o problema com o cinema? – perguntou Vinicius.

Graça abriu os olhos. Seu Pimentel sorriu.

– É uma plateia de calibre diferente. Eu imaginaria que você quereria subir acima da Urca, não descer ao denominador mais baixo.

– Caramba, eu sou o mais baixo de todos, então – gritou Miudinho. – Adoro aqueles filmes. Dá para imaginar a gente na tela grande, com 6 metros de altura, tocando para o mundo?

Banana gargalhou.

– Todas as donas do Brasil vão ver o seu cavaquinho enorme, irmão!

– A maioria já viu – disse Miudinho, piscando.

Seu Pimentel balançou a cabeça, indignado.

Há uma diferença entre riqueza e opulência. A primeira vez em que entendi essa distinção foi no *Normandie*. A sala de jantar particular de Chuck Lindsay tinha mesas com tampo de mármore, colunas de mogno e paredes cobertas de espelhos. Os espelhos amplificavam tudo na sala: o tamanho, as luzes, os ocupantes. Assim parecia haver uma dezena de lustres, em vez de apenas dois, e cinquenta pessoas jantando, em vez de apenas onze: Chuck Lindsay, seu tradutor, eu, Graça, Vinicius, os rapazes do Lua Azul e Seu Pimentel.

O Sr. Charles Lindsay era grisalho e afável, como um pai de cinema, só que mais bem-vestido. Usava smoking, como os rapazes do Lua Azul.

– Não sei bem quais de vocês são garçons e quais fazem parte do conjunto! – disse ele sorrindo.

Os sons entrecortados e nasais da língua inglesa me fizeram voltar subitamente para perto da cama de Dona Aurora, onde eu escutava sua voz suave falar aquele idioma com Graça e comigo, na esperança de que nossos cérebros jovens o absorvessem. E o meu tinha absorvido: reconheci

algumas palavras ditas por Lindsay, mas não todas. Seu tradutor – um universitário do Rio – hesitou antes de repassar para nós, em português, a piada infeliz de Chuck.

Os rapazes do Lua Azul e eu forçamos o riso. Mas Graça permaneceu com o rosto impassível ao lado do pai. Seu vestido vermelho tinha uma fenda comprida na frente, revelando uma coxa grossa e bronzeada, com os músculos tão pronunciados que fiquei surpresa de suas meias não rasgarem. Chuck Lindsay tentava atraí-la para a conversa, mas Graça suspirava e cruzava os braços, como fazia quando estava entediada com as aulas da Bruxa.

– O Sr. Chuck disse que você tem uma presença de palco maravilhosa, Srta. Sofia – traduziu o rapaz. – Diz que gosta de como você move as mãos quando canta. Disse que é encantador.

Graça assentiu minimamente, depois olhou para o convés do navio, como se pensasse em fugir.

– Obrigada – falei. – Ela já se apresentou para pessoas do mundo todo. Diplomatas e presidentes também. Não há público que ela não agrade.

– Bom, não creio que ela queira agradar *qualquer* público – interveio Seu Pimentel. – Ela é uma artista, não uma garota de vida fácil.

Graça ficou ruborizada. O universitário hesitou de novo, desta vez por um tempo ainda maior, antes de traduzir. Chuck Lindsay levantou as sobrancelhas, depois continuou como se não tivesse escutado nada. Nossa conversa prosseguiu, só que não parecia um diálogo, mas um exaustivo jogo de telefone sem fio misturado com mímica. Quando o jantar chegou, estávamos todos cansados de falar. Graça beliscou sua comida. Chuck Lindsay olhava para ela do mesmo modo que Nena ao avaliar as ajudantes antes de contratá-las, calculando até que ponto seus braços eram fortes, se as mãos eram macias e como elas iriam se sair na cozinha. Por duas vezes flagrei o olhar avaliador do Sr. Chuck apontado para mim. Antes que qualquer um terminasse de jantar, Graça empurrou o prato, tirou um cigarro e um isqueiro da bolsinha e começou a fumar. O Sr. Chuck tossiu e sorriu para ela, como se fizesse a vontade de uma criança.

Eu precisava guiar a situação com muito cuidado. Graça, quando estava de humor virado, era como uma criatura selvagem, livre das regras da lógica ou da boa educação. Se eu censurasse seu comportamento ou se dissesse para parar de fumar, ela só iria se comportar de maneira pior e fumar mais ainda. Se eu a puxasse para fora, ela chutaria e gritaria, sem sequer pensar em preservar sua dignidade ou a minha. Ela precisava acreditar que era ideia sua, um desejo seu, antes de fazer alguma coisa. A gente simplesmente precisava adivinhar o que Graça realmente queria e fazer primeiro. Ela não suportava ficar em segundo lugar.

Tirei o guardanapo do colo e me levantei.

– Com licença – disse ao tradutor. – Estou meio tonta. Vou ao convés tomar um pouco de ar puro. Por favor, continuem comendo.

O vasto convés privativo de Chuck Lindsay ficava ao redor do topo do navio. Abaixo, passageiros tagarelavam em línguas que eu não entendia. Para além do porto, o Rio rebrilhava. As praias da cidade estavam bem iluminadas, mas os morros se fundiam com o céu noturno. O Cristo Redentor, pequeno, reluzindo no seu poleiro do Corcovado, era um borrão flutuante de luz.

Ouvi o ruído de saltos estalando no convés. Fechei os olhos, saboreando a vitória: Graça se encostou em mim no escuro.

– Me dá um cigarro – ordenou ela.

– Isso vai mudar sua voz.

Graça tirou o cigarro da minha mão e deu uma tragada comprida.

– Talvez seja disso que eu precise: de uma mudança.

– Você está agindo como se precisasse de umas palmadas.

Graça gargalhou.

– Que você adoraria me dar!

Peguei o cigarro de volta.

– Aquele gringo pode colocar você nos filmes. Você poderia ser a próxima Marlene Dietrich. E em vez de jogar charme para ele você está agindo feito uma pirralha mimada. Está arruinando tudo para você e os rapazes.

– Talvez eu esteja cansada de ser encantadora. Talvez eu não queira aparecer nos filmes.

– Desde quando? Desde que o seu papai disse que o cinema é da classe baixa? O que você quer ser: uma cantora de ópera chique?

Graça olhou para a baía. Ondas iam na direção das praias, as cristas brancas como glacê ao luar.

– Às vezes eu acho que você é quem deveria ter cantado “Meu vira-lata” – sussurrou ela. – Você deveria ser Sofia Salvador, não eu. Você tem a determinação necessária.

– Mas não tenho o talento.

– Não se pode ter tudo. Toda vez que o Chuck fala em inglês eu escuto mamãe. É como se ela fosse um fantasma na sala. Papai disse que ela iria se revirar no túmulo se me visse num filme barato, fazendo o papel de alguma vagabunda de cantina. Ela queria uma filha elegante, não uma cantora insignificante de samba.

Minhas mãos apertaram o corrimão do navio. Balancei a cabeça.

– Dona Aurora adorava música. Ela deu aqueles discos à gente. Ela levou a gente àquele show de fado. Ela colocou a gente nesse caminho. Ela não ficaria com raiva por nós o seguirmos. Ficaria orgulhosa.

Graça passou um braço pela minha cintura e pousou a cabeça no meu ombro.

– Quando nós éramos crianças, eu tinha uma fantasia – sussurrou ela. – Não de fazer parte do mundo dos espetáculos. Nem mesmo de cantar. Eu queria ser mágica, Dor. Queria ficar na frente de uma plateia e ser tudo para ela, nem que fosse só por alguns minutos. Agora penso: alguns minutos é muito pouco. E se eu estiver cantando para o público errado? O tipo que vai me amassar numa bola e me jogar fora no piso engordurado de algum cinema? E se esse negócio de samba for uma moda, e quando as pessoas olharem para trás vão rir de mim por cantar essas músicas, e não alguma coisa mais respeitável? E se ninguém se lembrar de mim nunca mais?

Abracei-a com força. Na última vez em que tínhamos estado num navio na Baía da Guanabara eu era a patética e magricela Jega. Naquela noite na casa do Leão, Seu Pimentel havia conjurado a Jega de novo: eu não era suficientemente boa para ser cantora; não era bonita – pelo

menos no sentido convencional; não era uma mulher – pelo menos do modo como as pessoas esperavam; não era uma ajuda para Graça nem para ninguém. Essas crenças já existiam dentro de mim – ainda existem –, mas eu tinha conseguido contê-las, torná-las pequenas e humildes quando confrontadas com meu novo eu. Mas, com sua volta, Seu Pimentel tinha dado força a elas. Naquela noite no navio percebi que ele havia feito a mesma coisa com Graça. Tinha-a exaltado ao voltar e depois, pouco a pouco, passou a cutucar suas feridas antigas, trazendo à tona as dúvidas antigas e fazendo Graça questionar a pessoa que ela havia reconstruído. Quem nós somos, senão quem imaginamos ser? Quem era Graça sem sua audácia? Quem era eu sem Graça?

– Você se lembra daquela cantora de fado que a gente viu no Recife? – perguntei.

Graça assentiu, seu cabelo roçando no meu queixo.

– Ela provavelmente está em alguma espelunca, cantando por uma ninharia.

– Não importa onde ela está! – gritei. – Para mim ela sempre estará naquele palco. Ela sempre será mágica. E é assim que vou lembrar.

– Eu também – sussurrou Graça. E depois começou a dizer a letra de uma música que nunca tínhamos esquecido:

> “No fim da minha rua
> o oceano bate,
> o oceano bate.
> Sobre ele há um pedaço de lua,
> uma fatia do meu destino.”

Suspirei, o hálito quente contra o cabelo de Graça. Comecei a dizer a letra da música também, me lembrando das palavras exatamente como Graça lembrava. Nossas vozes se elevaram pouco a pouco. Começamos a rodopiar juntas como duas bêbadas no fim de uma noite longa. A voz de Graça saltando à frente da minha, mais aguda e mais melódica. Mas a melodia pode parecer vazia e solitária sem harmonia, sem algumas notas de sustentação que acrescentem riqueza e contraste, como o fundo de uma pintura ou um cenário de cinema. Assim, não tentamos acompanhar uma à outra; cantávamos do nosso modo, juntas.

> “Onde está o meu destino?
> Onde está o meu lar?
> Nunca terei um lugar neste mundo?
> Sozinha vou sempre estar?”

Quando terminamos, houve um silêncio. O falatório no convés abaixo havia diminuído. Os copos tilintando e as conversas na sala de jantar atrás de nós haviam parado. Só escutávamos as ondas batendo no navio. E então, do convés abaixo, vieram aplausos. Olhamos por cima do

corrimão. Homens e mulheres sorriam para nós, batendo palmas. Um homem enfiou dois dedos na boca e assobiou. Graça riu e acenou. Atrás de nós houve mais aplausos. Chuck Lindsay sorriu e aplaudiu, junto com os rapazes do Lua Azul.

– O Sr. Chuck pediu para vocês entrarem – disse o tradutor. – Há um piano.

Segurei a cintura de Graça com força. Por um instante, naquele convés, tínhamos voltado aos tempos de menina, cantando juntas na frente do toca-discos. Eu soube que aquele momento só duraria pelo tempo da música, mas mesmo assim fiquei desapontada quando Graça riu, assentiu e se soltou de mim. Ela foi em direção à porta, em direção a Lindsay, Vinicius e os rapazes, até Seu Pimentel aparecer. Graça parou. Seu pai estava ao lado dos outros, mas a expressão dele não era de surpresa nem diversão. Seu rosto era uma rígida máscara de fúria. Graça deu um passinho para trás, com medo.

Foi aquele passo que me fez ver o que eu não enxergara antes: a escolha entre mim e Seu Pimentel. Na verdade nem era uma escolha. Como nunca tive pai nem mãe, eu tinha sido ingênua ao pensar que podia competir com o homem que a havia segurado no colo, dando e recusando afeição como bem entendia. Até a lei estava do lado dele: enquanto estivesse vivo, Seu Pimentel seria dono de Graça como um fazendeiro é dono de uma vaca, e poderia vender os talentos dela como se fossem carne. Ele não reivindicaria sua propriedade imediatamente, sabendo que Graça reagiria contra essa autoridade. Não, ele faria coisa muito pior: iria amedrontá-la. Distribuiria seu afeto e sua desaprovação, fazendo com que ela duvidasse de si mesma, de seu talento, de suas realizações. Iria separá-la do Lua Azul e de mim, até ser a única alma que restasse para guiá-la.

Pode me julgar, se quiser. Dizer que eu era tão má quanto Seu Pimentel lutando para controlar Graça. Talvez seja verdade. Tive muitos anos solitários para tirar a poeira das lembranças antigas, reexaminá-las, revirar as motivações, procurando a mais verdadeira. O que acabei fazendo, fiz por medo. Mas também fiz por amor.

Então naquela noite, quando Graça deu um passo atrás, pus a mão no ombro dela e a empurrei para a frente.

– Vá – ordenei. – Entre lá e deixe todos eles de quatro.

Lá dentro observei-a cantar. Observei Seu Pimentel espumando de raiva. Observei Chuck Lindsay na beirada da cadeira enquanto ouvia Graça e calculava em silêncio o seu valor. Fiquei calada enquanto sacolejávamos de volta no táxi aquático. Resisti aos pedidos de Vinicius para dizer o que havia de errado. Nas minhas poucas e preciosas horas de sono naquele dia tive o mesmo sonho repetidamente: Seu Pimentel na sala do Riacho Doce, fingindo que ia me bater e depois rindo na minha cara. E quando acordei de manhã cedo, fiz questão de não incomodar Graça enquanto me vestia e saía para me encontrar com Madame Lúcifer.

Na prateleira atrás de sua mesa ficavam dez troféus do concurso de fantasias do carnaval da Lapa. Madame Lúcifer tinha ganhado o primeiro lugar todas as vezes em que participara. Olhei

aqueles troféus – com suas mulheres de bronze aladas, apontando espadas para o céu – e desabafei tudo sobre Seu Pimentel e seu discurso para mim na casa do Leão.

Quando terminei, Madame Lúcifer me ofereceu um copo d'água. Só falou quando eu terminei de beber.

– O sucesso é como o mel. Pode atrair as abelhas, mas também faz aparecerem ratos e moscas. Pelo modo como vejo, Srta. Das Dores, temos um problema. E precisamos decidir se vamos cuidar dele ao estilo da Lapa ou ao estilo de Santa Teresa.

– Qual é a diferença?

– Vocês se apresentaram na casa do Leão. Viram o bairro dele. Lá em cima tudo é educadíssimo. Em Santa Teresa eles aguardam. Ficam sentados em suas mansões e escrevem cartas com suas ameaças, depois tomam chá e esperam que os problemas fujam deles. Graça vem de gente assim. O pai dela está apostando que pode amedrontar você e depois esperar você sumir. Mas você e eu, Srta. Das Dores, não somos esse tipo de gente, não é? Você e eu não podemos nos dar ao luxo de esperar.

– Eu não posso dar um pé na bunda dele – falei. – Ele vai à polícia ou algum juiz e dizer que é responsável por Graça. E depois nós é que vamos tomar um pé na bunda.

Madame Lúcifer assentiu.

– O que você quer, então?

– Quero que ele deixe a gente em paz.

Madame Lúcifer e eu nos entreolhamos por cima da mesa. Fiquei frustrada e ligeiramente perturbada com seu silêncio. Mas não iria desviar os olhos e não falaria de novo até que ele falasse. Estávamos nos medindo. Ou, mais exatamente, Madame Lúcifer estava me medindo. Era um tipo de comunicação diferente, em que as palavras se tornavam inúteis e perigosas ao mesmo tempo.

– Eu nunca viro as costas a um amigo de verdade – disse ele minutos depois. – Mas você precisa pedir minha ajuda.

Minha língua ficou áspera e seca, como se estivesse coberta de areia.

– Me ajude – falei, e, assim que fiz isso, senti um calor enorme subir por dentro e chegar ao meu rosto, às pontas das orelhas, ao topo do crânio.

Eu estava de volta ao Riacho Doce, escondida no escuro, olhando os homens passando as tochas acesas pelos pés de cana. Era o único modo de se ter uma boa colheita, o único modo de espantar as cobras e os escorpiões escondidos. A cana precisava queimar para crescer de novo mais forte. Claro, assim que a gente põe fogo em alguma coisa não há mais garantias. Você pode fazer aceiros, morros de areia, estradas com a largura de dois caminhões. Diz a si mesmo que o fogo pode ser controlado, monitorado, contido. Mas o fogo pula. Ele se move. Dança. Como qualquer força da natureza, ele não tem escrúpulos, apenas necessidades.

Madame Lúcifer assentiu.

– Vamos beber alguma coisa juntos, nós três. Certifique-se de que o papai dela esteja com as malas feitas.

Na noite seguinte, enquanto Graça e os rapazes se apresentavam na Urca, eu saí e me encontrei com Seu Pimentel para tomar uns drinques. O fato de ele ter aceitado meu convite sem hesitação nem curiosidade mostrava quanto confiava em seus próprios planos. Acho que ele acreditava que eu ia argumentar pelo meu direito de ficar ao lado de Graça.

Antes de nos encontrarmos, eu tinha pedido a Vinicius a chave do apartamento que ele ainda dividia, relutante, com Seu Pimentel. Vinicius hesitou antes de me entregar.

– Esqueceu alguma coisa lá? – perguntou ele.

– Meu caderno – respondi sem encará-lo. – Não estou encontrando. Acho que devo ter deixado na sua casa.

Falei à senhoria que Vinicius tinha esquecido um instrumento e me mandado buscar. Ela me vira entrar e sair com ele antes, e me deixou subir sem discutir. Lá dentro, entrei com cuidado no espaço que ele havia separado com uma cortina para Seu Pimentel. Sob o catre encontrei a pequena valise gasta, trazida do Recife. Minhas mãos tremeram quando abri o guarda-roupa que ele dividia com Vinicius. Fiquei imóvel quando um carro buzinou na rua embaixo, e de novo quando os canos do prédio fizeram barulho. De repente eu era a Jega de novo, remexendo nas coisas do patrão. Precisei parar, fechar os olhos e dizer a mim mesma para pensar com clareza.

Enchi a valise com algumas camisas sociais, punhos, gravatas e dois ternos novos que Graça tinha comprado para ele. Acrescentei um par de sapatos, a lata de brilhantina e o kit de barbear. Por fim encontrei um envelope cheio de dinheiro e coloquei na mala também. Depois fechei-a e levei até um táxi lá embaixo.

Madame Lúcifer é que tinha sugerido o bar, mas Seu Pimentel não sabia disso. Ficava na distante Ipanema, perto da Lagoa. Estava muito tarde e o bar estava vazio, a não ser por um garçom com a barba por fazer e dois homens corpulentos que lembravam os antigos fãs das Ninfetas na boate do Toninho. Pedi uma cerveja e me sentei no canto. O tampo da minha mesa estava pegajoso. Coloquei a mala no chão entre meus pés.

Pouco depois Seu Pimentel entrou num passo hesitante. Os homens corpulentos olharam para ele, depois desviaram os olhos. Ele usava um terno cinza-claro, de linho tão fino que era praticamente transparente. O cubo de açúcar de diamantes era uma covinha brilhante no meio da gravata de seda. Seu Pimentel sorriu e se sentou à minha frente, depois sinalizou para o garçom, que o ignorou.

– Você frequenta esse lugar? – perguntou ele, já sem sorrir.

– Na verdade é a primeira vez que venho.

Seu Pimentel olhou desejoso para a minha cerveja. Envolvi o copo quente com a mão.

– Bom, aqui estou – disse ele. – O que você quer?

– Conversar.

Ao ver a mala aos meus pés, o sorriso de Seu Pimentel voltou.

– Está fugindo, Jega?

Madame Lúcifer chegou. Inclinou o chapéu para os dois homens e deslizou até nossa mesa.

– Srta. Das Dores – disse ele. – Que bom que todos podemos tomar alguma coisa antes de sair.

Seu Pimentel examinou Madame Lúcifer, sem dúvida notando que, a não ser pelas cores, os ternos dos dois eram iguais, feitos pelo mesmo alfaiate.

– Quem diabos é você? – perguntou Seu Pimentel.

O sorriso de Madame Lúcifer permaneceu, mas seus olhos se estreitaram.

– Não pediu uma bebida para o nosso amigo, Srta. Das Dores?

Madame Lúcifer levantou os dois dedos. O garçom serviu imediatamente duas doses de cachaça e entregou na nossa mesa. Seu Pimentel olhou cauteloso para o copo à sua frente.

– O senhor deveria beber – disse Madame Lúcifer. – Eu espero.

– Espera o quê?

– O senhor terminar.

Seu Pimentel olhou para mim, depois para Madame Lúcifer, em seguida para mim de novo.

– O que está acontecendo, Jega?

– Jega? – perguntou Madame Lúcifer e riu. – Quem é jega? Não vejo nenhuma jega por aqui. Mas estou vendo um asno.

Seu Pimentel se levantou. Madame Lúcifer impediu que ele se afastasse da mesa.

– Termine a bebida – ordenou. – O senhor vai precisar.

– Para quê? – gritou Seu Pimentel. – Saia da minha frente.

Madame Lúcifer suspirou, entediado. Atrás dele os dois homens se levantaram dos bancos e pararam ao seu lado. Seu Pimentel se calou.

Séculos depois fui com Vinicius a uma tourada em Sevilha, e quando vi a velocidade e a graça com que o toureiro cravava aquelas varetas compridas e afiadas nos ombros do touro, lembrei daquele bar e daqueles homens, da rapidez com que um deles tirou uma garrafa de cachaça de trás de si, elevou o braço e acertou a cabeça de Seu Pimentel.

Cobri os olhos. Cacos de vidro se espalharam pelo chão de ladrilhos. A parte da frente do meu vestido ficou molhada de cachaça.

– Pelo menos é da branquinha – murmurou Madame Lúcifer antes de enxugar as lapelas com um lenço.

O garçom tinha sumido. Os dois homens levantaram Seu Pimentel com dificuldade. Os olhos dele piscaram, abrindo e fechando. Junto à linha dos cabelos havia um talho fundo e escarlate. A cabeça de Seu Pimentel oscilou para a frente e gotas vermelhas pingaram no terno de linho.

Meu pé escorregava dentro do sapato – a cerveja, derrubada na confusão, empoçou na mesa e pingou nos meus pés e na mala, esquecida embaixo da mesa.

Os homens se posicionaram ao lado de Seu Pimentel e passaram os braços dele em volta do próprio pescoço, como se fossem colegas de copo levando um amigo para casa – um amigo rico, usando um dos ternos mais finos do Rio. Peguei a mala rapidamente.

– Esperem! – gritei, espantando a todos nós.

Bloqueei o caminho dos homens e Madame Lúcifer me olhou de cara feia. Antes que eu pudesse falar, ele estendeu a mão e pegou o cubo de açúcar da gravata de Seu Pimentel.

– Não há mais nada a esperar agora – disse ele, enquanto seus capangas arrastavam Seu Pimentel para fora do bar.

Fui para a cama. Minha cabeça doía como se eu tivesse passado a noite bebendo, quando na verdade havia percorrido Ipanema jogando o conteúdo da mala de Seu Pimentel em latas de lixo – menos o envelope de dinheiro, que enfiei embaixo do meu colchão. Imaginei Madame Lúcifer e seus homens despejando Seu Pimentel num cargueiro que ia para o Recife. Ele acordaria desorientado, com a cabeça latejando, a carteira vazia e sangue salpicando o terno; talvez se lembrasse do que havia acontecido na noite anterior, talvez não. Talvez achasse que tinha sido roubado a caminho do bar. Porém mais cedo ou mais tarde perceberia que não era coincidência ele estar naquele navio indo para o Norte. Procuraria alguma coisa para trocar com o capitão do navio, para fazer com que ele desse meia-volta. Procuraria seu precioso alfinete de diamantes e não encontraria. Lúcifer o havia tirado exatamente para impedir que Seu Pimentel desse um jeito de voltar ao Rio. Essa é a história que contei a mim mesma, apesar de saber que não era verdade.

No dia seguinte Seu Pimentel não voltou ao apartamento de Vinicius. A princípio Graça achou que seu pai estava na farra, até que Vinicius bateu à nossa porta e disse que Seu Pimentel tinha esvaziado seu armário. No apartamento, Graça inspecionou os cabides vazios, as gavetas abertas. Revirou tudo, vendo o que tinha sumido e o que ainda estava ali. Então sentou-se na cama desfeita de Seu Pimentel e cobriu os olhos. Não estava chorando, só ficou parada. Vinicius e eu nos sentamos cada um de um lado. Depois de alguns minutos ela falou, com as mãos ainda em cima dos olhos:

– Ele não levou o terno predileto. Levou o dinheiro.

– Você deu dinheiro a ele? – perguntei.

– Deixa para lá – disse Graça afastando as mãos do rosto.

– Quanto dinheiro era? – perguntou Vinicius. – Talvez ele esteja tentando recuperar a fazenda.

– Não era uma fazenda – disse Graça rispidamente. – Era uma porra de um engenho dez vezes maior do que a Lapa. Ele não poderia comprá-lo de volta nem se quisesse. – Graça esticou a cabeça para trás e olhou para o teto. – Sei que ele era um velho bêbado e esnobe, mas eu gostava de tê-lo por perto. Era bom ter alguém ao meu lado.

– Nós estamos ao seu lado – falei.

Graça balançou a cabeça.

– Nem sempre. Na maior parte do tempo vocês estão ao lado um do outro. Mas papai estava sempre a meu favor.

– Porque você pagava a ele – insisti.

Graça me olhou irritada.

– E daí? Mesmo assim era bom, porra.

Então ela se levantou da cama e se trancou no banheiro de Vinicius.

– Achou o seu caderno? – sussurrou Vinicius.

Pensei na mala de Seu Pimentel enfiada numa lixeira. Pensei em Madame Lúcifer e naqueles homens, arrastando-o pela porta do bar. Obriguei-me a encarar Vinicius.

– Não. Não estava aqui.

Cinco dias depois um tenente e um policial apareceram nos bastidores na Urca. Um corpo tinha sido encontrado na Lagoa. Estava muito inchado, mas usava um terno feito pelo melhor alfaiate da cidade. Achando que o morto poderia ser alguém importante, a polícia normalmente desinteressada e desastrada interrogou o alfaiate, que checou seus registros e ligou a placa de metal do terno à sua cliente Sofia Salvador.

– O alfaiate disse que fazia ternos para um parente seu – disse o tenente, um sujeito mais velho com bigode farto. – Vamos precisar que a senhorita identifique o corpo.

Graça cambaleou para dentro do camarim e fechou a porta. Os rapazes do Lua Azul ficaram perto das paredes, quietos; nenhum deles gostava da polícia nem confiava nela. Com isso restava apenas eu para lidar com os agentes. Segurei o braço de Vinicius.

– Vá ver como ela está – falei. – Ela não pode ficar sozinha.

Vinicius obedeceu, desaparecendo atrás da porta de Graça.

– Os senhores podem ver que a Srta. Salvador está perturbada – falei à polícia, com o estômago tão embrulhado que era difícil ficar de pé. – O que aconteceu com o homem na Lagoa?

O tenente deu de ombros.

– Bêbados caem lá o tempo todo. Nós tiramos um dia sim, dia não, se é que dá para acreditar. Esse estava mais bem-vestido.

– Nem os ricos conseguem controlar a bebida – falei.

– Especialmente os ricos – disse o tenente, com um sorriso débil brotando nos lábios.

– Eu odiaria que os jornais ficassem incomodando a Srta. Salvador num momento como este. Se o senhor puder manter isso em discrição, ela agradeceria. O cassino também. Eles sempre pagam os policiais de licença para assessorarem em assuntos de segurança.

– Os jornalistas não passam de um bando de fofoqueiros – disse o policial. – Eu nem leio essas porcarias.

Entreguei aos policiais cinco ingressos de primeira fila para os próximos cinco shows de Sofia Salvador. Pensei no motorista que tinha roubado um dos pães recheados de pó e depois sumido, na época em que Graça e eu éramos as garotas de entrega para Madame Lúcifer. Pensei em Toninho com o rosto desfigurado para sempre. E imaginei o alfinete de gravata com o cubo de açúcar na prateleira do escritório de Madame Lúcifer, junto aos seus muitos troféus. Assim que a polícia foi embora entrei no banheiro usado pelo conjunto e vomitei.

Depois de irmos ao necrotério, Graça, Vinicius e eu fomos à melhor funerária da Lapa. Com o dinheiro que dei a ela – o dinheiro que eu tinha tirado do envelope de Seu Pimentel –, ela comprou um caixão forrado de veludo e espaço num mausoléu chique no Cemitério São João Batista.

– Onde você conseguiu essa bolada? – perguntou Graça quando saímos da funerária.

– Economizei.

– Para os tempos difíceis, aposto – disse Graça, olhando pela janela do táxi.

Apesar de chique, o enterro foi simples, com apenas os rapazes do Lua Azul e um punhado de amigos. Anaïs estava lá, junto com a modista de Graça e Madame Lúcifer.

A cerimônia foi às onze da manhã, muito mais cedo do que Graça e os rapazes do Lua Azul acordavam fazia meses. Todos ficaram de pé, com cara de sono e solenes ao sol do meio-dia, enquanto o caixão de Seu Pimentel era deslizado para dentro da tumba, como se ele estivesse sendo guardado numa gaveta por toda a eternidade.

Graça chorou como uma das suas heroínas de cinema, os ombros sacudindo, a maquiagem perfeita sob o véu preto. Vinicius segurava uma das mãos dela e eu segurava a outra.

Quando o enterro terminou, Vinicius levou Graça para a nossa pensão, para descansar antes da apresentação na Urca. Chuck Lindsay estaria de novo na plateia e ela insistiu que preferiria estar no palco do que entocada no apartamento. Fiquei para dar a gorjeta aos coveiros e me despedir dos convidados.

– Você está magra demais – disse Anaïs, pondo a mão enluvada no meu rosto.

Apesar do calor, ela estava glamorosa e linda, com um vestido preto e justo e chapéu com voilette. Se tivesse pedido para eu fugir com ela naquele momento, eu iria sem hesitar. Mas ela simplesmente levantou o véu e me deu um beijo na boca antes de dizer adeus.

Anaïs e a modista conversavam perto da entrada do cemitério, ambas esperando Madame Lúcifer. Ele parou à minha frente, com terno preto e gravata cor de lavanda. Um chapéu fedora protegia seu rosto do sol.

– Não entendo o que aconteceu – falei.

A alguns metros dali dois trabalhadores do cemitério cimentavam as bordas do túmulo de Seu Pimentel. Madame Lúcifer olhou para eles.

– Aconteceu um enterro, Srta. Das Dores. Acho que você precisa sair deste calor.

– Eu queria que ele fosse embora – sussurrei. – Só isso.

Meus olhos ardiam. Enxuguei-os com as costas da mão, molhando as luvas. Madame Lúcifer passou o braço em volta de mim. Cheirava a sândalo e goma de passar roupa.

– Você precisa manter a cabeça no lugar, amiga – disse com a voz grave e baixa. – Em momentos assim é fácil ficar confusa. Nós somos sócios. Nós dois nos importamos com Graça. Nós dois precisamos de que ela seja um grande sucesso.

– Eu não precisava disso.

Madame Lúcifer suspirou.

– Faça-me o favor de não parecer surpresa. Quando é que a gente fez as coisas pela metade? Eu e você fazemos escolhas difíceis para que os outros não precisem. Nós resolvemos as coisas,

às vezes não do modo mais bonito, mas é o resultado que importa, Srta. Das Dores.

Seu aperto no meu ombro era firme. No dia seguinte haveria quatro hematomas perfeitos onde ele havia me segurado.

Mas naquele dia eu estava no banco de trás de seu Lincoln com Anaïs enquanto voltávamos para a Lapa. Eles me deixaram na frente da pensão, onde entrei, mas não subi para o nosso quarto. Graça estaria lá, dormindo na cama ou, pior, acordada e precisando de consolo. Encará-la nos dias depois da morte de Seu Pimentel tinha sido difícil; todo olhar que ela me dava parecia penetrante e cheio de suspeitas. Toda pergunta que ela fazia parecia ter um peso que eu não conseguia suportar. Por isso eu tinha deixado Vinicius para acalmá-la quando a polícia apareceu, para apoiá-la no necrotério e para levá-la até em casa depois do enterro. Naquele dia eu é que precisava de Vinicius. Verifiquei se o caderninho estava na bolsa, depois saí da pensão e fui rapidamente até a dele.

A porta do quarto de Vinicius estava trancada. Bati. Dentro houve um barulho. A voz dele. Vozes. A porta se abriu.

Vinicius estava de pé do outro lado, ainda com a camisa social e a calça que tinha usado no enterro. O colarinho e vários botões estavam abertos. A gravata havia sumido. Ele jamais gostara de gravatas e as tirava sempre que podia. Seu cabelo – desleixado e comprido demais – estava bagunçado. Um cacho preto caía sobre os olhos. Os lábios estavam rosados e parecendo escoriados.

– Dor – sussurrou ele.

– Achei que poderíamos compor.

Vinicius assentiu, mas não fez menção de me deixar entrar. Atrás dele ouvi estalos das molas da cama. Por cima do seu ombro vi Graça. Ela usava o vestido preto do enterro, estranhamente frouxo no busto. Seus olhos continuavam inchados. Os pés estavam descalços e pendiam da cama, mal chegando ao chão. Ela balançou os dedos dos pés; estava sem a meia-calça.

– Ela não queria ficar sozinha – disse Vinicius.

– Vou indo – respondi, a voz parecendo alta demais na minha cabeça, como se estivesse com os ouvidos cheios de algodão.

Vinicius segurou minha mão com delicadeza.

– Mais tarde vamos nos encontrar na roda.

– Claro – murmurei.

– Estou morta – ronronou Graça. – Fecha meu zíper, amor. Eu vou com ela.

Vinicius me olhou, depois foi na direção de Graça. Olhei para o chão de ladrilhos rachados. Ouvi o som do ranger de dentes do zíper. Graça suspirou. Houve sussurros. Estalos de beijos úmidos. Então ela estava perto de mim, enfiando a meia-calça preta na bolsa, seu perfume enjoativamente doce. Senti uma ânsia de fugir, descer a escada, atravessar a rua, correr pelos becos e nunca mais parar. Graça passou o braço pelo meu e de repente estávamos na rua, franzindo os olhos ao sol da tarde.

– Não fique com raiva, Dor. Sei que você está surpresa. Eu também fiquei, a princípio. Bom, um pouco surpresa. Sempre suspeitei que ele gostasse de mim, mas ele era cabeça dura demais

para admitir. Depois de papai... naquela noite, quando a polícia apareceu, Vinicius estava lá, me abraçando. Foi como se a gente tivesse uma porta entre nós o tempo todo, e aí alguém abriu e deixou que ele passasse.

É o resultado que importa. Foi o que Madame Lúcifer disse e o que eu disse a Graça anos depois, durante nossa última discussão terrível. É sempre mais fácil achar que nossas intenções são tão importantes quanto o resultado, mas não é verdade. O resultado é tudo. É com o resultado que a gente precisa viver.

SAMBA, POR UM TEMPO VOCÊ FOI MEU

Samba, por um tempo você foi meu.
A gente tocava tão bem, meu amor!
Eu segurava a curva do seu cavaquinho,
Tirava ritmo do seu agogô.

Seu pandeiro
tinha a pele mais macia.
E com o gemido da cuíca
os pecados eu esquecia.

Bom, eu errei e achei
que você era minha criação.
Ah, samba! Ah, samba! Agora você
é de outro a inspiração.

Viajei para muito longe,
a uma terra gelada demais.
Namorei a rumba, o foxtrote,
o swing, o tango e o jazz.

Não importavam as viagens,
Não importava onde eu pousava.
Sua melodia tão doce
nos meus lábios sempre estava.

Quando parei e procurei,
você não estava na estação.
Ah, samba! Ah, samba! Agora você
é de outro a inspiração.

Não resta mais ninguém que me conheceu na juventude; ninguém para ressuscitar a garota da Lapa, grandona e de cabelos escuros, que eu fui. Não me imagino jovem, mas ainda me espanto com a mulher que me olha no espelho: a coluna encurvada como a de um camarão, a pele sarapintada feito um mingau de aveia. O cabelo tão ralo que dá para ver pedaços do couro cabeludo. Ela franze os olhos. Nem parece uma *ela*, mas sim um conjunto de ossos num saco de pele mal ajustado.

Nós estamos, todos nós, presos num corpo que não pode nos conter. Somos definidos por esse corpo e suas partes. A voz de uma pessoa só pode alcançar um determinado registro. Os dedos só podem se esticar até certo ponto sobre as cordas. O lábio e a língua só vibram até certa velocidade num bocal de metal. E até mesmo os melhores instrumentos têm limitações: uma corda só pode ser esticada até certo ponto, um pedaço de madeira só pode ser reduzido a uma determinada espessura, há um limite para quanto uma folha de metal pode ser curvada. Mas a música na nossa mente pode tudo. Pode alcançar qualquer nota, mover-se a qualquer velocidade, tocar tão alto ou tão baixo quanto a imaginação permitir. Nas partes mais profundas e puras da nossa imaginação não existem masculino nem feminino, bom nem mau, bandido nem herói; não existe você ou eu. Existem apenas o sentimento e o êxtase do sentimento.

Quando me lembro das nossas músicas, esse tipo de pureza retorna. Repasso na memória nossos sambas e é como se estivéssemos falando urgentemente com uma pessoa querida, levando uma mensagem importante, sua transmissão impecável. Quando me lembro da nossa música, há a deliciosa perfeição da fantasia e também o vazio da fantasia. Para experimentar de verdade uma canção, é preciso ouvi-la. Assim, fielmente coloco nossos discos no toca-discos e ouço o tamborim de Noel ocasionalmente abafando a voz de Graça; a percussão de Cozinha competindo com a suave linha melódica; Vinicius começando uma música forte demais no violão e fazendo a gente perder o gemido suave da cuíca de Bonito. Se havia perfeição, era apenas na minha imaginação. Mas essas imperfeições me fazem voltar aos estúdios apertados e às noites longas, àquela magia fugidia, incognoscível, que ocorria quando nos sentávamos em círculo, sem

orgulho nem expectativas, e encontrávamos um balanço que podíamos cavalgar até de manhã. A música de verdade sempre me leva de volta à garota que eu era. Ela é traiçoeira exatamente por isso.

Estremeço quando tiro *Samba, por um tempo você foi meu* da capa, mas largo o disco no prato, deixo a agulha baixar e me preparo. É um tipo estranho de devoção, como se eu estivesse me açoitando com meu próprio cinto.

O Riacho Doce não existe mais. Dei alguns telefonemas. Os canaviais pertencem a um conglomerado que demoliu a casa-grande, o engenho e a capela para abrir espaço para mais cana e produzir mais etanol e cachaça. Agora as máquinas fazem colheitas. Não existe queimada. Não há vestígios da família Pimentel nem de qualquer pessoa que tenha trabalhado nas plantações ou na casa. Isso não me consola.

Quer saber se ele aparece para mim à noite, como um fantasma de cinema, deixando poças pela casa, com o terno chique encharcado, um talho na cabeça e peixes nos bolsos? Isso seria mais fácil de suportar.

Cada um carrega seus fardos de modo diferente – e de maneiras que nos surpreendem. As escolhas que fazemos, tanto na vida como no estúdio, jamais são isoladas, apesar de parecerem, quando as fazemos. Nada está sozinho – nenhuma nota, nenhuma melodia, nenhuma batida, nenhuma decisão. Tudo se encontra no final. É assim que tem que ser.

Por que escuto essas músicas que me fazem estremecer, me deixam fraca, me fazem sentir que estou presa embaixo d’água e não posso subir para respirar? Porque as prefiro àquela voz que fala – mesmo agora – me chamando de Jega, sibilando que vão me descobrir, que não passo de uma criança problemática, que não tenho nada para dar, que sou um estorvo e uma parasita. O sussurro é tão baixo que por muito tempo acreditei que fosse meu. Então eu gravava cada disco. Marcava cada apresentação. Preenchia cada registro de direitos autorais. Assinava cada contrato. Fazia amizades com colunistas de fofocas. Negociava com empresários e chefes de estúdios. Garantia que Sofia Salvador e o Bando da Lua Azul entrassem sempre em cena e fossem a cada estreia, nem que eu tivesse de arrastá-los se debatendo, chutando e gritando. Abri todos os caminhos com a implacável determinação dos melhores cortadores de cana. Eu estava ouvindo apenas as partes, não o todo.

SAMBA, POR UM TEMPO VOCÊ FOI MEU

Graça e Vinicius mostravam todos os sinais comuns e irritantes do início de um relacionamento. Encontravam desculpas para tocar um ao outro: tirando uma migalha do canto da boca, dando um tapinha na perna, ajeitando uma gravata, arrumando um chapéu. Cada descoberta trivial sobre o outro (Você dorme de lado! Você não gosta de leite de coco também!) trazia junto um enlevo entre os dois, como se tivessem acabado de descobrir os segredos do universo. Passeavam de braços dados pela Lapa como se flutuassem numa névoa e durante as rodas ficavam se olhando como se só os dois existissem. Criaram uma linguagem particular: um conjunto de sinais feito de sorrisos, sobrancelhas levantadas, tapinhas e mordidinhas nos lábios que o restante de nós via mas não conseguia decifrar. No palco essa linguagem aumentava. Sofia Salvador ainda dançava e cantava, mas seu foco havia mudado. A plateia sentiu isso e, como o Bando da Lua Azul e eu, passava o show inteiro sentindo que estava assistindo a um diálogo particular num código que não era capaz de decifrar. Depois, Graça e Vinicius corriam e se trancavam no camarim, deixando o resto de nós do lado de fora.

Os rapazes do Lua Azul tinham reações variadas ao namoro de Graça e Vinicius. Os irmãos – Banana e Bonito – faziam piadas à custa dos dois. Miudinho sentiu-se inspirado, e seduzia garçonetes e dançarinas de cabaré com impressionante fervor. Noelzinho ficou de coração partido e começou a beber demais. Cozinha era estoico, como um ancião estadista que soubesse que os problemas estavam por vir, mas não iria avisar a ninguém.

E eu? Eu estava irritada porque Vinicius faltava às nossas sessões de composição ou, pior, levava Graça e fazia olhos de peixe morto para ela o tempo todo, em vez de trabalhar de verdade. Depois dos shows na Urca ninguém, a não ser Vinicius, entrava no camarim de Graça, e eu me perguntava quem estava ajudando a tirar a maquiagem de Sofia Salvador – passando creme em seu rosto e no pescoço, e depois tirando cuidadosamente com uma toalha quente e esfregando sua pele com tônico de hamamélis, como eu costumava fazer. Olhando para a porta fechada do camarim, eu imaginava se Graça teria assumido ela própria essa tarefa ou se Vinicius precisava fazê-la. Eles saíam das nossas rodas de braços dados e iam para a casa de Vinicius, onde ela

entrava escondido. Eu não voltava para o nosso quarto vazio. Em vez disso rodava pela cidade. Acordava na cama de pessoas que eu não conhecia ou no chão do quarto de algum dos rapazes do Lua Azul, com a cabeça latejando, um dos olhos inchados e fechados e incapaz de fechar a mão por causa de uma ou outra briga de bar. Algumas vezes acordei na praia em frente ao Copacabana Castle. Estava descalça – quantos pares de sapatos perdi naquelas semanas? – com areia nos ouvidos e grudada no rosto. Olhava as torres brancas do Castle e pensava: *É só uma questão de tempo.*

Eu achava que conhecia Graça e Vinicius melhor do que eles próprios. Durante toda a vida Graça jamais era mesquinha com o afeto físico; ela adorava. Sentava-se no colo de amigos e amantes da mesma forma, dava beijos no rosto, dançava perto demais, sussurrava no ouvido, ficava de mãos dadas. A princípio, depois de receber tanta atenção, você poderia acreditar que tinha uma ligação com ela. E o negócio é que Graça era sincera em seus afetos, mas os distribuía amplamente. Para ela todo mundo era especial, o que fazia com que ninguém fosse especial. Quanto antes você percebesse isso, melhor. Agora, se de repente Graça decidisse cobrir você, e apenas você, com atenções, você poderia sentir que era diferente. Como se a tivesse ganhado. Para manter essa atenção fixa, você cederia às exigências dela. Serviria a ela e, ao servi-la, afastaria qualquer medo que ela pudesse sentir: de rejeição, de decepção, de traição. Despido do medo, o desejo se transforma em conforto. E o conforto era uma coisa que Graça poderia conseguir facilmente e com qualquer um. Ao lhe dar exatamente o que ela queria, você a perdia de vez.

Assim, esperei o momento em que Graça me usaria como desculpa para se afastar de Vinicius, me arrastando para o camarim em vez dele, e dizendo: *Puxa, preciso tirar uma folga daquele chato*. Vinicius poderia sofrer por ela, mas no fim seu orgulho venceria, e mais cedo ou mais tarde ele retornaria às nossas sessões musicais à tarde com mais melodias do que nunca, e todos acharíamos graça de seu pequeno romance. A vida voltaria ao que era antes, só que melhor, porque, graças a mim, Sofia Salvador e o Bando da Lua Azul iriam ser astros de cinema.

Essa era a história que eu contava a mim mesma para me consolar, mesmo quando Graça e Vinicius fizeram um estardalhaço se beijando no convés do *SS Uruguay* e multidões de fãs aplaudiram e fotógrafos aprovados pelo governo assistiram do cais do Rio.

Com seu vestido preto, as pérolas e o turbante preto, Graça mais parecia uma jovem chique da alta sociedade do que Sofia Salvador, a queridinha do público. Depois do enterro do Seu Pimentel, ela insistiu em usar preto todos os dias, mesmo para a comemoração de despedida de Sofia Salvador no porto do Rio. Alguns dias antes da nossa viagem ela havia tingido o cabelo de preto carvão. Estava inconsolável. “Estou parecendo um urubu!”, gemia, e quase cancelou a viagem a Los Angeles. Tentei consolá-la, mas foi Vinicius que a abraçou, disse que ela era o urubu mais lindo que ele já vira e a convenceu a fazer as malas para a América do Norte.

Viajar para o exterior não foi uma escolha difícil. Os rapazes do Lua Azul e Graça estavam entediados de tocar nos shows da Urca e viver na bolha da fama. Todos estávamos cansados de gravar uma música atrás da outra para a Victor, como todos os outros conjuntos de samba. E depois da morte do Seu Pimentel estávamos prontos para uma mudança de ares, e eu mais do que

todos. Toda vez que uma garçonete ou um fã entusiasmado demais batia à porta do camarim do conjunto, eu congelava, imaginando se seria a polícia. Sozinha em nosso pequeno quarto de pensão, não conseguia dormir, imaginando se Madame Lúcifer apareceria à porta me alertando para trocar de nome e me mudar para Buenos Aires, para não ser apanhada. Eram temores exagerados, nascidos da culpa e dos muitos filmes de Hollywood a que eu assistia. Mesmo assim, o cubo de açúcar do Seu Pimentel permanecia em posse de Madame Lúcifer, e me sentia exposta por aquele alfinete de gravata como se fosse um peso no meu bolso. Assim, quando Chuck Lindsay propôs um pequeno papel para Sofia Salvador e o Lua Azul num filme chamado *Bye Bye, Buenos Aires*, todos aproveitamos a chance.

Foi uma reviravolta que, meses antes, teria me petrificado: abrir mão da fama e dos rendimentos estáveis para viajar em direção ao desconhecido. Iríamos ganhar uma ninharia com aquele filme – cinquenta dólares por semana mais hospedagem –, mas Chuck disse que isso era comum. O estúdio estava nos testando, vendo se conseguiríamos nos sair bem trabalhando no cinema. Enquanto estivéssemos fora, Madame Lúcifer não receberia sua parte semanal de nossos ganhos, mas estava empolgado com a viagem: sabia identificar uma galinha dos ovos de ouro. Mesmo se só fizéssemos um filme de sucesso, ao voltarmos para o Brasil todo cassino, cabaré e gravadora pagariam muitíssimo por Sofia Salvador e seu Bando da Lua Azul, os maiores produtos de exportação do Brasil! Como todos nós, como o restante da nação, Madame Lúcifer acreditava que nossa passagem por Hollywood seria não apenas bem-sucedida, mas também temporária.

A maioria dos passageiros do *Uruguay* era de turistas norte-americanos que não compreendiam o burburinho. Ficavam olhando, confusos, enquanto nosso grupinho acenava e jogava beijos para a multidão.

– Quem é famoso? – perguntou uma turista ao meu lado em inglês. – O que está acontecendo?

Senti orgulho de mim mesma por entender. Nas semanas anteriores à partida eu tinha feito um curso de inglês, em parte para me preparar para o período nos Estados Unidos e em parte como distração. Em vez de esperar inutilmente que Vinicius aparecesse para as sessões de composição, mudei o foco das minhas tardes para reaprender a língua que a Dona Aurora havia me ensinado tanto tempo atrás. A bordo do *Uruguay* acreditei que meu trabalho duro tinha dado resultado.

– Somos grandes artistas – falei em inglês para a mulher pálida ao meu lado.

– Pintores? – perguntou ela.

Balancei a cabeça e expliquei que éramos sambistas, mandados ao Norte para conquistar Hollywood! Cantaríamos e dançaríamos num filme de verdade para os estúdios Twentieth Century Fox! Minha voz, em inglês, ficou aguda e pouco familiar. Minha língua se cansou depois de apenas alguns minutos de conversa. Como fiquei espantada ao ver a expressão de confusão e pena no rosto daquela americana! Ela assentiu e se afastou rapidamente. Fiquei sem graça e me senti burra. Acima de nós o apito do navio soou. Abaixo, a multidão aplaudiu mais alto ainda.

Não era um grupo enorme, mas tinha tamanho suficiente para merecer atenção. Algumas pessoas balançavam bandeiras do Brasil. Algumas seguravam cartazes dizendo “Nós te amamos, Sofia!”.

Seríamos os primeiros artistas brasileiros a participar de um filme de verdade, fato que os jornais nacionais do Leão e o Departamento de Propaganda de Gegê alardearam durante semanas antes da partida. Se antes Sofia Salvador era simplesmente uma conhecida estrela do samba do Rio, depois do anúncio da viagem aos Estados Unidos ela se tornou um símbolo nacional, um valioso produto de exportação. O Brasil inteiro estava contando com seu sucesso.

Eu me lembro de estar sozinha no convés, olhando o Brasil desaparecer de vista. O sol se pôs. O navio se arrastava, como se estivesse se movendo através de melaço. Não havia lua, o que tornava difícil separar o oceano do céu. Olhando aquele negrume enorme, senti uma euforia inebriante, como se tivesse feito jejum e me esquecido de qualquer sintoma de fome. O namorico de Graça e Vinicius parecia me incomodar menos. O Rio, com suas montanhas destacadas, as luzes espalhafatosas dos cabarés, as mansões e as favelas, os cassinos e os teatros chiques, a mistura sórdida de Madames Lúcifer, Leões e Senhores Pimentel, tinha ficado para trás. Agora só havia nosso conjunto e nossa música.

O oceano corcoveava e oscilava, fazendo o navio gigantesco subir e descer embaixo de mim. Eu me segurei teimosamente ao corrimão, decidida a manter vivo o entusiasmo, mas o mesmo enjoo que tinha me assolado na primeira viagem de navio, anos antes, a caminho do Colégio Sion, me encontrou de novo. Me encolhi na cabine e não saí até Graça me encontrar, dias depois.

Assim que destranquei a porta ela saltou para dentro, ágil como um felino.

– Você está com uma cara péssima – disse ela.

Me arrastei de volta para a cama.

– Não pedi para você me olhar.

Ela pôs uma lata de biscoitos e uma jarra d’água na mesa, já coberta de guimbas de cigarro e copos vazios. Felizmente o camareiro tinha trocado meu balde de vômito, que estava vazio ao lado da cama. Graça o empurrou de lado com o bico do sapato e cutucou minha perna com força.

– Chega para lá – disse, e se espremeu ao meu lado no colchão minúsculo.

Virei as costas para ela. Ela se grudou em mim, os joelhos se encaixando na parte de trás dos meus, o peito nas minhas costas, o braço embaixo do meu e envolvendo minha cintura. Senti perfume de rosas e o resíduo de seu creme hidratante. Fechei os olhos com força.

– Você e Vinicius brigaram? – perguntei. – É por isso que você veio se esgueirando para cá?

Graça se enrijeceu. Desenrolou o braço da minha cintura.

– Vocês dois se acham muito inteligentes – disse ela. – Sempre usando palavras bonitas e fazendo perguntas, mas comigo não, violão. Ele nunca me pergunta nada. A gente não conversa muito.

Quantas vezes eu tinha visualizado os dois juntos, atrás da porta trancada do camarim? Que

dom traiçoeiro pode ser a imaginação: num minuto uma bênção que nos garante a fuga, no outro um inimigo com quem você precisa lutar para sobreviver.

Virei-me para encará-la.

– O que você quer que ele pergunte?

– Se estou com medo – sussurrou ela. – De estar indo embora. De Hollywood.

– E está?

– Neste navio ninguém me conhece. No restaurante os gringos olham para mim e para os rapazes como se a gente não devesse estar lá. Como se devêssemos estar limpando a cabine deles, e não sentados com eles para jantar. O capitão nem visitou nossa mesa para me dizer olá.

Eu sorri.

– Ele provavelmente está ocupado dirigindo o navio.

– Pare com isso! – reagiu Graça. – Você está igual ao Vinicius, zombando de mim. Às vezes eu gostaria...

Ela balançou a cabeça e virou o rosto para o teto, me espremendo com mais força contra a parede da cabine.

– O quê?

– Que papai ainda estivesse aqui.

Fiquei com calor, como se precisasse do balde para vomitar.

– Se ele estivesse aqui, nós não estaríamos juntos neste navio – falei. – Ele não deixaria você ir para Hollywood. Faria você cantar ópera num chá para algumas peruas ricas de Santa Teresa.

– Pelo menos elas iriam me conhecer.

– Claro que iriam conhecer: uma ex-cantora de samba se esforçando para ser respeitável. A filha de um dono de engenho insignificante tentando ganhá-las com a voz bonita. Você seria uma novidade. Pior, seria uma piada. Sabe o que os ricos mais odeiam? Pessoas tentando copiar o jogo deles. E sabe o que provoca mais medo neles? Alguém com talento de verdade fazendo alguma coisa inesperada: fazendo uma coisa que eles nem pensavam que existia. Sabe por quê? Porque de repente eles veem que todo esse mundo de música, pessoas e talento não está ali por causa deles. Eles não fizeram nem pagaram por isso, e não podem comprar nem controlar. E isso faz com que eles se caguem de medo.

Graça piscou, espantada.

– Mas eu não quero amedrontar as pessoas, Dor. Quero que elas me queiram. Não querer do tipo para ir para a cama. Quero que me ouçam cantar e, durante um tempinho, se esqueçam de tudo. Que elas não tenham mulher, marido, filhos ou empregos. Só tenham a mim. Que eu seja tudo para elas, mas nunca possam me possuir. Então elas nunca vão cansar de mim, nunca vão zombar de mim, nunca vão achar que sou sem graça, inútil ou idiota. Eu sempre serei perfeita para elas porque estarei grudada na memória delas, e todas as vezes que pensarem em mim, elas vão me reconstruir, tudo de novo. A pessoa não pode deixar de amar uma coisa que ela mesma fez.

– Isso não é amor – sussurrei.

– Ah, é? Como você saberia?

Seu braço se comprimiu contra o meu e minha pele ficou dolorosamente sensível, como se eu estivesse queimada de sol.

– Não saberia.

– Bom, *eu* acho que é amor. É isso que importa.

– E o Vinicius? – perguntei. – O que ele acha?

Graça deu de ombros.

– Ele adora música. Fala dela como se fosse uma espécie de religião. Se eu não fosse cantora, se não cantasse as músicas dele, ele não ligaria a mínima para mim.

– As músicas são minhas também.

– Você e ele são farinha do mesmo saco – disse Graça, franzindo o cenho.

Encontrei sua mão e cruzei os dedos com os dela.

– Depois que gravamos "Meu vira-lata" você me disse para parar de me lamentar e ficar feliz, ficar empolgada. E estava certa. Eu transformei o que deveria ter sido um dia ótimo numa choradeira completa. Só estava pensando no que eu tinha perdido, e não em todas as coisas que iríamos conseguir. Por isso vou dizer a mesma coisa sobre Hollywood: fique feliz, fique empolgada. Vamos fazer um filme! Você vai ter 6 metros de altura nas telas de todo o mundo! Não há o que temer.

Graça olhou para o teto de metal da cabine.

– Se os filmes não derem certo, isso não vai importar para você ou Vinicius, porque vocês têm suas composições e as rodas. Mas e eu? Se aqueles gringos de Hollywood me odiarem, eu não serei um ótimo produto de exportação, serei um fiasco. Aracy ficou com o meu show na Urca. Se eu não acertar com esse negócio de cinema, não vou ter o show de volta. Não vou ter nenhum show. Parece que, quanto mais alto a gente sobe, maior o tombo. Pelo menos para mim. Que rede eu tenho para me segurar?

– Não precisa de rede – sussurrei. – Eu pego você.

Graça gargalhou.

– Você e Vinicius estarão tão ocupados com as músicas de vocês que nem vão ver quando eu bater na calçada.

Quando o *Uruguay* entrou no porto de Nova York, minha calça estava larga e o cinto frouxo no primeiro furo. Enquanto me olhava no espelho da cabine e passava batom, vi minhas maçãs do rosto protuberantes e as linhas angulosas da face e percebi que eu também tinha uma espécie de beleza, ainda que severa. Quando cheguei ao convés do navio onde tínhamos combinado de nos encontrar, Miudinho assobiou ao me ver. Os outros rapazes do Lua Azul gargalharam e deram tapas nas minhas costas, zombando por causa do enjoo. Vinicius abriu um sorriso tão grande que ficou difícil ignorá-lo como eu tinha feito nas últimas semanas.

– A esfinge finalmente ressurge! – disse ele, estendendo os braços para mim.

Graça, toda de branco com um turbante marfim cobrindo o cabelo de urubu, se meteu entre

nós.

– Você veio – disse ela, como se nossa chegada fosse um compromisso ao qual eu poderia facilmente faltar.

Passou o braço pelo meu e não me soltou até descermos em fila pela prancha de desembarque.

Ao ver a grande cidade de Nova York, senti como se uma película marrom cobrisse meus olhos, tornando tudo sujo e escuro. Os prédios cinzentos eram amontoados. O vento atravessava facilmente meu casaco de algodão. Era novembro e eu nunca tinha sentido tanto frio. Logo percebi que nossas viagens estavam apenas começando.

Um sujeito da Fox nos recebeu no porto, enfiou todos nós e os baús em três táxis amarelos e nos mandou para a Penn Station, onde embarcamos num trem para Chicago. Lá, entorpecidos de cansaço, entramos no famoso trem Super Chief para Los Angeles.

O que mais recordo daquela viagem de trem é a comida. Depois de treze dias de penúria no mar, comi feito um animal esfomeado: batata frita na manteiga, filé-mignon Kansas City, truta fresca, caviar Romanoff, ovos, saladas, pão de centeio. *Ah, América do Norte!*, pensei enquanto limpava com pão o resto de molho do prato. *Terra do luxo!* Os camareiros do Pullman se certificavam de sempre nos dar o lugar mais discreto do vagão-restaurante. Eu tinha acreditado que eles estavam sendo generosos – nós éramos um grupo barulhento, sempre comemorando – e as outras pessoas que comiam talvez quisessem paz e silêncio. Mas depois de desembarcarmos em Los Angeles descobri que não era do nosso barulho que os outros se ressentiam, e sim da nossa aparência. Por regra o Super Chief não era um trem segregado racialmente, mas havia costumes não verbalizados, dos quais os camareiros – tão cheios de tato e gentis – esperavam nos proteger.

Quando penso em nós oito – Graça, eu, Vinicius, Noelzinho, Miudinho, Cozinha, Banana e Bonito – no trem, admirando os guardanapos de linho do Super Chief e as lavandas de prata, fazendo brindes ao nosso sucesso, especulando empolgados sobre que estrelas de cinema poderíamos ver, penso num grupo de crianças brincando numa casa estreita e luxuosa, sem perceber as enormes engrenagens do mundo lá fora.

Lembro-me nitidamente da nossa chegada a Los Angeles não apenas porque era um lugar novo, mas também porque parecia que éramos pessoas novas lá: pessoas diferentes. Não éramos mais o experiente grupo de músicos famosos do Rio, e sim jovens desconhecidos tentando descobrir o caminho para a roda de Hollywood. No início isso não diminuiu nossa empolgação, apenas a fez aumentar.

A Twentieth Century Fox designou um rapaz louro para nos receber na enorme e caótica Union Station em Los Angeles. Semanas depois ficaríamos sabendo que as verdadeiras estrelas de cinema eram recebidas na mais pitoresca Pasadena Station. Mas no dia da nossa chegada estávamos numa ignorância feliz, e acompanhamos aquele jovem e alegre funcionário da Fox por

ruas chuvosas e nos amontoamos – encharcados – em dois carros pretos com janelas escuras. O louro nos separou: Vinicius, Noelzinho e Graça num carro; Miudinho, Cozinha, Bonito e Banana no outro. O rapaz da Fox me examinou – olhando meu rosto e meu vestido caro de viagem com o casaco cor de esmeralda combinando – antes de me levar para o carro de Graça. Os automóveis escuros seguiram lentamente pela tempestade, entrando em Los Angeles, como um cortejo fúnebre a caminho do cemitério.

O rapaz da Fox estava no nosso carro, e ele nos levou ao Plaza Hotel, na esquina do Hollywood com a Vine. O lugar era divulgado como um hotel de luxo para "estrelas em trânsito". O saguão tinha janelas cobertas por cortinas de adamascado vermelho, teto com altura suficiente para acomodar confortavelmente uma girafa e tapetes tão grossos que os saltos dos meus sapatos afundavam 5 centímetros. Os olhos de Graça reluziam. Ela tirou as luvas molhadas e me cutucou.

– Diga ao garoto da Fox que preciso de um toalete. Não posso encarar a imprensa parecendo um rato molhado.

Antes que eu pudesse formular um modo de traduzir o pedido de Graça no meu inglês hesitante, o rapaz da Fox começou a falar alto e devagar:

– A Fox vai cobrir a estadia de vocês por uma semana: a duração da sua filmagem. Depois disso terão que arranjar outras acomodações. Há um monte de pensões na cidade. Quanto antes vocês conseguirem um carro usado, melhor. Los Angeles é uma cidade enorme se vocês precisarem caminhar e pegar um ônibus para toda parte. Aqui estão os horários dos ônibus – disse ele, pondo um folheto na minha mão. – Vocês demoram uns noventa minutos para chegar ao estúdio. A chamada é às seis em ponto. Vou fazer o check-in de vocês agora.

Fiquei olhando atônita para o folheto de horários de ônibus e tentei juntar o que tinha entendido da fala do rapaz num fio coerente. Antes que eu pudesse traduzir, Graça falou:

– Onde estão os repórteres?

Balancei a cabeça.

– Não tem nenhum.

– Cadê o outro carro? – perguntou Vinicius.

Noelzinho assentiu.

– O pessoal já deveria ter chegado.

Repassei a pergunta ao rapaz da Fox do melhor modo que pude. O sorriso do louro hesitou. Ele respondeu com uma longa fiada de palavras, das quais só pude decifrar: *Outro hotel. O Dunbar. Lugar bacana.*

– Os rapazes não falam uma palavra de inglês – disse Vinicius, passando a mão pelo cabelo encharcado. – Eles deveriam estar aqui, conosco.

Graça embolou as luvas nas mãos.

– Dor, diga a esse garoto da Fox que somos famosos no Brasil – ordenou. – Aqui podemos não ser ninguém, mas o mínimo que eles poderiam fazer era nos colocar juntos. Vamos dividir os quartos, se for preciso. Eles podem espremer a gente.

O funcionário da Fox nos olhou com frieza, segurando as chaves dos quartos na mão

sardenta. Eu pigarreei.

– Vamos ficar todos juntos – falei. – Os outros rapazes? Aqui?

O louro levantou as sobrancelhas, como se eu tivesse pedido para ele tirar a roupa na minha frente.

– Os hotéis daqui não deixam certos tipos de pessoas se hospedar – respondeu com voz grave.

– Tipos? – perguntei, apesar de já suspeitar o que ele estava sugerindo.

– *Negroes* – respondeu ele.

A palavra existe em português. Não se pronuncia *nígrou*, como disse o rapaz da Fox em sua voz anasalada. Em geral dizemos *nego*. E ainda que possa significar a cor preta, também significa outras coisas. Meu nego – meu amigo, meu amante, meu irmão, meu querido. Em nossos círculos essa palavra era dita com grande afeto. Mas não éramos cegos nem idiotas; a lógica de que, quanto mais clara a pele, melhor, não era desconhecida, mas o modo como isso era expresso e imposto em Hollywood foi uma surpresa.

Como sambistas no Brasil, nós sempre subíamos pelos elevadores de carga, usávamos entradas de serviço e morávamos em lugares como a Lapa. A diferença era que fazíamos essas coisas juntos, como um grupo musical. Os filmes nos tinham feito acreditar que, ainda que os Estados Unidos pudessem ser rígidos nessas questões, Hollywood seria uma cidade boêmia onde tudo era possível e tudo acontecia. Logo descobriríamos que a Hollywood de verdade era um negócio, com alguns branquelos dando todas as ordens.

O rapaz da Fox murmurou algum tipo de despedida e pôs as chaves dos quartos nas minhas mãos. Olhei para Graça, Vinicius e Noelzinho.

– Existem regras – falei. – Os rapazes não podem ficar aqui.

Vinicius se deixou cair num sofá ali perto. Noelzinho acendeu um cigarro. Graça enfiou as luvas molhadas de volta nas mãos e me encarou.

– Arranje um táxi para a gente – ordenou.

Vinte minutos depois estávamos parados diante da entrada em arco do Dunbar Hotel. Ficamos sabendo que o hotel era lar de artistas negros que entretinham o pessoal da cidade, mas não podiam dormir por perto. Construído no estilo espanhol que passaríamos a reconhecer como marca registrada de Los Angeles, o hotel tinha piso de pedras e uma colunata impressionante decorada em estilo art déco, encimado por um enorme lustre de cristal. O Dunbar tinha seu próprio restaurante e sua barbearia, além de uma boate chamada Showboat. Foi lá que encontramos Cozinha, Miudinho, Bonito e Banana, bebendo e ouvindo um trio de bebop no palco.

Durante nossa longa viagem até Los Angeles, todos tínhamos nos revezado imaginando a primeira noite. Acreditávamos que Hollywood era um lugar mágico com os melhores conjuntos musicais e as boates mais barulhentas. Era a capital da diversão! Achávamos que poderíamos reviver as noites mais loucas da Lapa. Mas, sentados na boate Showboat, tentando beber até cair, aprendemos que fazer cinema não permitia noitadas. Todas as boates, inclusive a do Dunbar, fechavam às onze horas. Em Hollywood as únicas festas de verdade aconteciam nas tardes de

domingo – quando os estúdios estavam fechados –, e mesmo essas terminavam no máximo à meia-noite.

Anunciaram às dez e meia que essa seria a última rodada de bebidas. O trio tocou uma música lenta. Miudinho, Banana e Bonito tinham encontrado garotas para flertar. Cozinha gesticulava entusiasmado para um colega músico junto ao balcão, tentando conversar por mímica. Graça e Noelzinho oscilavam na pista de dança. Fiquei sentada sozinha, numa mesa dos fundos, até que Vinicius me achou.

– Esse lugar é melhor do que o nosso – disse, sentando-se na cadeira ao meu lado, com a perna encostada na minha. – Com certeza é melhor do que os nossos quartos na Lapa. Se eles querem nos manter separados, pelo menos fazem isso com estilo.

Esvaziei minha bebida e bati com o copo na mesa. Vinicius me encarou.

– Quanto tempo você vai continuar me dando gelo?

– Até você ter alguma coisa interessante para dizer.

– Ela fala!

Revirei os olhos.

– Estou surpresa por ter se soltado dela. Eu estava começando a achar que teríamos de descolar vocês dois antes da filmagem de amanhã.

– Graça reclamou que eu estava pisando no pé dela e me empurrou – disse ele, acenando para a pista de dança. – Ela fica arranjando briga. É porque está nervosa com relação a amanhã, com a filmagem. Não quer admitir, mas eu sei. Também estou nervoso.

Olhei nos olhos de Vinicius.

– Vocês só precisam tocar as nossas músicas. Eles nunca ouviram um samba bom de verdade, e vamos deixar todos de quatro. Quando tivermos terminado aqui, seremos o conjunto de samba mais famoso que já existiu. Vamos mostrar a todo mundo.

– Vamos mostrar o quê?

– Que não somos uma moda passageira. Que não podemos ser postos de lado como se não valêssemos nada.

Vinicius pôs a mão calejada em cima da minha.

– Eu não planejei essa coisa que está acontecendo com Graça.

Eu me afastei.

– Mas sempre quis. Você me convidou para aquelas primeiras rodas na Tia Clementina porque esperava que ela fosse também? Era essa a sua ideia?

– Não – respondeu Vinicius e desviou o olhar. – Talvez? Merda, Dor, não sei. Isso importa agora? Nunca consegui compor sozinho como nós compomos juntos. Você me afastou daquelas músicas antigas. Você e eu estamos fazendo algo novo.

– Não estamos fazendo nada. Você age como se Graça fosse a única pessoa que existe nesse mundo.

– E você não? – Vinicius segurou minha mão, dessa vez com mais força. – Me dá uma colher de chá, Dor. Você sabe o que eu sinto. Você é a única que sabe.

Olhei seu topete, suas costeletas grossas, os olhos tão escuros e brilhantes que pareciam

poças de líquido, e lembravam a primeira vez que sustentei seu olhar enquanto ele tocava na boate do Toninho. Desta vez não estávamos separados por um palco e uma plateia; ele não era o artista e eu uma pequena idiota no meio do público. Estávamos do mesmo lado, juntos.

Nenhum de nós tinha percebido que a boate havia ficado silenciosa, que o trio tinha parado de tocar e que Graça estava perto da nossa mesa, de braços cruzados. A mão de Vinicius se afastou mais que depressa da minha. As luzes da boate ficaram mais fortes.

– A festa acabou, crianças – disse Graça e levou Vinicius para longe.

Na manhã seguinte o sol mal tinha nascido quando chegamos à Twentieth Century Fox. Depois de passar pelos portões do estúdio ficamos meia hora tentando encontrar nosso set de filmagem. A Fox era uma cidade em si: tinha um prédio de administração com ar-condicionado antes de o ar-condicionado ser algo comum; um armazém gigantesco onde móveis, figurinos e adereços eram guardados; uma força de segurança com cinquenta guardas; um consultório dentário, uma clínica, uma central elétrica, um salão de beleza, um departamento de pesquisas, um refeitório, uma escola. Qualquer coisa de que você precisasse poderia ser encontrada nas dependências do estúdio, e era isso que a Fox desejava; o tempo passado fora do estúdio era considerado tempo perdido.

Nosso filme era *Bye, Bye, Buenos Aires* e seria feito em Technicolor, uma novidade na época. O enredo era o mesmo usado na maioria dos filmes de Sofia Salvador no decorrer dos anos: uma americana peituda chega a uma terra estrangeira, conhece o homem dos seus sonhos, briga com ele e, depois, perto do fim do filme, eles já estão um nos braços do outro. A ação acontece em navios de cruzeiro, pistas de corrida, saguões de hotel e boates glamorosas. É nessas boates que Sofia Salvador e o Bando da Lua Azul aparecem.

Ainda que se passasse na capital da Argentina, *Bye, Bye, Buenos Aires* foi filmado em estúdios na Califórnia. A verdadeira Buenos Aires tinha automóveis, homens elegantes com ternos da Savile Row, calçadas largas e parques bem cuidados. Mas no filme da Fox Buenos Aires era uma cidade rural tacanha que lembrava uma fazenda, e dentro dela ficava o Club Argentina. A Fox havia construído uma boate inteira e pintado de branco, acrescentando enormes colunas gregas e um pano de fundo com estrelas pintadas. Pequenas cruzes de fita adesiva preta estavam grudadas no palco falso, indicando onde Graça e os rapazes do Lua Azul deveriam ficar para tocar duas das nossas músicas mais populares: “Aquela baiana” e “O que ela tem (que eu não tenho)?”. Acreditávamos que nossa primeira filmagem não seria diferente de um show na Urca. A não ser, claro, pelas câmeras.

Às seis e meia Graça, os rapazes e eu estávamos no set bebendo café como se fosse água. O cenário era um hangar fechado, sem ar. Mais de vinte ventiladores giravam a toda a velocidade, mas o lugar continuava abafado. Três grandes câmeras sobre bases de metal estavam arrumadas em volta do palco – uma no centro e uma de cada lado. Colunas parecidas com escadas sustentavam grandes refletores que iluminavam o palco, fazendo com que o fundo branco ficasse

ofuscante. Logo antes de filmar, pessoas da produção correram de um lado para outro, gritando e desligando cada ventilador.

Sofia e os rapazes eram figuração, ainda não eram dignos dos muitos recursos da Fox, o que significava que fizeram o próprio cabelo e maquiagem e usavam roupas próprias: os rapazes de smoking e Graça com seu vestido vermelho inspirado nas baianas, com os ombros expostos e uma fenda na frente da saia ampla, revelando as pernas. Seu cabelo ainda estava preto e curtinho, o batom vermelho-sangue, os brincos enormes, balançando.

Quando o diretor mandou, Graça foi até sua marca feita com fita no palco, com os enormes saltos plataforma batendo no piso de madeira.

– Pare! – rosnou o diretor. – Leo! Cole um feltro nas solas dos sapatos dela. Não posso deixar que ela fique fazendo barulho aí feito uma porra de um cavalo.

Depois que o pessoal do figurino pegou seus sapatos e os devolveu, Graça e os rapazes receberam de novo a ordem de ir para as marcas. Tudo ficou em silêncio. As câmeras começaram a estalar.

Afora a equipe de filmagem, a boate estava vazia. Não havia garçons andando. Não havia tilintar de copos nem uma névoa aveludada de fumaça de cigarro. Não havia risos, conversas nem aplausos. Mas Graça precisava fingir que havia. Precisava sorrir e cantar como se centenas de pessoas estivessem assistindo. Precisava balançar o dedo para um homem imaginário na primeira fila, depois dar uma piscadela para a acompanhante dele. Perto do fim da primeira música ela parou na beirada do palco, o peito subindo e descendo, com gotas de suor no lábio superior.

– *Corta!* – interrompeu o diretor. – Passem uma porcaria de pó na cara dela.

Uma maquiadora apareceu, obrigou Graça a levantar os braços e empoou seu rosto, o peito e as axilas.

– Srta... é... Salvador, tente de novo – gritou o diretor. – Sem se afastar das marcas dos dois lados do palco. E não coloque os dedos na frente do rosto. Precisamos ver o seu rosto. Meu Deus! Ela ao menos está entendendo o que eu digo?

Aprendemos rapidamente que os filmes não eram shows ao vivo. Cada gota de suor precisava ser enxugada, cada fio solto precisava ser cortado, cada som externo devia ser abafado. Graça não podia dançar como fazia normalmente, indo para um lado e para o outro no palco. Precisava permanecer nas marcas, depois se torcer na direção da câmera. Os rapazes do Lua Azul precisavam sorrir, mas só de lábios fechados. Uma cabeleireira precisou aparar o cabelo de Vinicius, que não podia cair no rosto enquanto ele tocava violão. Três dos rapazes ficavam de cada lado de Graça, tocando rigidamente os instrumentos, certificando-se de que ninguém se separasse demais nem ficasse perto demais.

Depois de cinco horas apenas uma das nossas músicas tinha sido filmada do começo ao fim. Graça tinha feito trabalhos mais longos antes, mas sempre com uma plateia para animá-la. Sem os aplausos não havia como avaliar se estava se saindo bem. Naquele set silencioso cada música parecia ser inexpressiva. E assim que Graça ganhava ímpeto e começava a se sentir confiante e confortável, o diretor a interrompia: as luzes estavam fortes demais, o brinco dela estava torto,

um objeto de cena estava manchado. A princípio achei que o nome do diretor fosse Zanuck. Todo mundo no set sussurrava o nome dele, e sempre parecendo com medo.

– O Sr. Zanuck não vai gostar disso.

– Zanuck vai ficar furioso quando vir isso.

– O Sr. Zanuck quer garantir que as joias da Srta. Salvador não estejam brilhando demais na câmera.

À tarde o diretor embolou um telegrama e rosnou o nome de Zanuck, e eu percebi que ele não era Zanuck. Como logo ficaríamos sabendo, o Sr. Darryl F. Zanuck era o chefe dos estúdios Fox.

Às quatro horas da tarde tivemos nosso segundo e precioso intervalo. Os rapazes e eu pedimos sanduíches. Graça comeu picles e bebeu mais café. Não conseguia cantar e dançar de barriga cheia. Seus pés doíam terrivelmente.

Sentamo-nos em cadeiras dobráveis fora do set. Segurei os pés de Graça no colo e soltei as fivelas de seus sapatos de plataforma dourados. Os sapatos caíram no chão com uma pancada surda. Os colares dourados e as pérolas falsas em volta do pescoço dificultavam seus movimentos; as bijuterias eram pesadas e ela precisava conservar a energia. Estava quase dormindo, com os pés pesados no meu colo, quando um assistente de produção gritou dizendo que o diretor estava pronto.

Graça pareceu solene quando encontrou sua marca no palco. Mas assim que o estúdio silenciou e a câmera começou a rodar, ela brilhou. Seus dentes, emoldurados pelo batom reaplicado, pareciam de um branco chocante. Os olhos estavam arregalados. As mãos se moviam perto do rosto, mas jamais o obstruíam. Os quadris balançavam para um lado e para o outro, fazendo a saia adejar. Sua voz se elevou. Pela primeira vez desviei os olhos de Graça e espiei o operador de câmera, os assistentes de produção, os cenógrafos e os contrarregras. Eles sorriam e olhavam para o palco, os olhos vítreos como se tivessem bebido durante o intervalo. Um homem balançava a cabeça. Outro dava tapinhas na perna no ritmo da música e murmurava o refrão, que todos tínhamos ouvido uma dezena de vezes naquele dia. No fim da música Graça sustentou a pose e o sorriso. Então o diretor gritou:

– Corta!

E de novo o estúdio se encheu de conversas e movimento.

Graça desceu do palco mancando, soltando os brincos enormes que pendiam quase até os ombros e os enfiando nas minhas mãos.

– Graças a Deus acabou – disse. – Vamos arranjar umas bebidas.

Mas antes que pudéssemos voltar ao nosso trailer minúsculo, o diretor nos fez parar. Ao seu lado estava um homem que não reconhecemos – seu cabelo escuro era revolto e os olhos inchados, como se tivesse acordado de um sono profundo. Falou conosco em espanhol, que era muito mais próximo da nossa língua do que o inglês, mas mesmo assim era estranho. Precisei pedir que o homem, que parecia exausto, falasse mais devagar.

Ele era figurante em outro set de filmagem. O diretor o havia encontrado e pedido para ele traduzir. Olhei para o diretor, que sorriu e falou rapidamente em inglês. Captei algumas palavras,

e o homem traduziu o resto para o espanhol, que eu converti em português para Graça.

– E se Sofia Salvador não apenas cantasse e dançasse, mas também tivesse algumas falas? – propôs o diretor.

Graça torceu as mãos.

– Ele quer que eu fale em inglês? – perguntou.

O figurante e eu fizemos nosso jogo de tradução. O diretor balançou a cabeça. Sofia Salvador diria suas falas em português, e seu parceiro de cena, o amigo do herói, responderia em inglês, dando contexto à plateia. Lentamente o diretor explicou a cena: o personagem anônimo de Sofia Salvador encontra o colega do herói nos bastidores da boate e discute com ele. Sofia era uma amante rejeitada, discutindo com o namorado estrangeiro infiel. Seria um interlúdio de dois minutos no máximo.

– Qual é o script? – perguntou Graça. – Quais são as minhas falas?

O diretor riu quando traduzimos para ele.

– Não tem script – respondeu. – É só uma ideia que eu tive, uma intuição. Apenas deixe que ela fale. Ninguém vai entender mesmo.

No nosso trailer Graça tomou duas canecas de café puro para se animar; a essa altura fazia doze horas seguidas que estávamos filmando. Enquanto esperávamos a chegada do ator que atuaria com ela, Graça treinou várias versões da cena de dois minutos, repetidamente.

Pela primeira vez na vida ela se apresentaria sozinha, sem que eu estivesse ao lado ou os rapazes do Lua Azul apoiando, e faria isso diante da plateia mais difícil que se poderia imaginar: a equipe exausta da Fox.

– Como está? – perguntou ela depois de ensaiar pela centésima vez. – Você acha que uma mulher magoada falaria isso sem chorar? Acho que ela poderia chorar.

Foi assim que Graça interpretou a personagem: uma mulher traída e zangada.

Os rapazes do Lua Azul esperaram do lado de fora enquanto uma assistente de maquiagem retocava o pó e o batom de Graça. Seus sapatos de plataforma eram tão altos que ela estava da minha altura.

– Se eu não fizer isso direito, vou morrer ali mesmo, naquele set – disse ela.

– São só umas falas – respondi. – Vai ficar tudo bem.

– Você sempre faz isso – sibilou Graça.

– Isso o quê?

– Faz tudo parecer fácil demais. Mas não é fácil porra nenhuma – disse ela prendendo os brincos enormes. – Cantar é fácil, mas as outras coisas? Não são fáceis para mim como são para você.

Graça piscou para afastar as lágrimas. Antes que eu pudesse responder, um assistente de produção abriu a porta do trailer e a levou para o set.

Assim que a câmera começou a rodar, Sofia Salvador improvisou suas falas perfeitamente.

– Seu cachorro! – disse ela em português. – Você arruinou a minha vida. Como pôde fazer isso comigo?

A cada vez que ela falava, o ator interrompia, tentando acalmá-la, dizendo que sentia muito e

ao mesmo tempo recuando. Quanto mais ele se afastava, mais Sofia Salvador ia para cima dele. A cena parecia uma dança. Graça tinha bebido café demais, o que a deixou nervosa, quase frenética. Perto do fim da cena a discussão ficou tão acalorada, com Graça sacudindo a cabeça de modo tão feroz que um dos brincos gigantes começou a se soltar, puxando o lóbulo da orelha até cair, deslizando pelo peito e desaparecendo na sombra do decote. Graça colocou as mãos nos seios com os olhos arregalados.

Um operador de câmera soltou uma risadinha. Outro – com o rosto vermelho e os olhos fechados – tentou conter o riso, mas não conseguiu. Então a continuísta soltou uma risada e num instante todo o set vibrava com gargalhadas. Só os rapazes do Lua Azul e eu ficamos em silêncio.

– Corta! – gritou o diretor. – Qual é, pessoal. Vamos nos controlar.

Algumas pessoas olharam para os sapatos, para conter o riso, mas seus ombros sacudiam. Outros se entreolhavam e sorriam como crianças travessas levando bronca do professor.

Graça estava perigosamente pálida. Manteve as mãos sobre o coração.

– Você está bem? – perguntou o ator. – Ei, George – disse ele ao diretor. – Acho que a gente precisa de uma pausa.

– Cinco minutos – gritou o diretor. – Intervalo!

– Intervalo!

– Intervalo!

– Intervalo!

Os assistentes de produção repetiram a palavra pelo set como um eco. Corri até Graça. Ela se apoiou em mim e segurou minha mão com tanta força que eu quase gritei. Mesmo na segurança de seu trailer minúsculo, com os rapazes do Lua Azul vigiando a porta, Graça não soltava meus dedos.

Vinicius andava em volta de nós, torcendo as mãos como se estivesse esperando Graça dar à luz. Eu não conseguia pensar em palavras de consolo. Era a primeira vez que saíamos de um palco embaixo de risos.

Graça soltou minha mão, pegou a lata de lixo e vomitou.

Enquanto ela se deixava cair no chão, ainda arfando em cima da lata, Vinicius se ajoelhou ao lado e esfregou suas costas. Eu me ajoelhei do outro lado.

– Meu Deus – sussurrou ela. – Estraguei tudo. Eles zombaram de mim. – Seu rosto desmoronou. – Como podemos voltar para casa agora? Depois disso? O que os jornais vão publicar?

Olhei para Vinicius, depois passei os dedos pelo cabelo suado de Graça.

– A gente pode consertar. Vamos filmar de novo, sem os brincos. Vou dizer ao diretor que queremos todo mundo fora do set.

A respiração de Graça ficou presa na garganta. Seus olhos se mancharam de rímel.

– Não me faça voltar lá – sussurrou.

Levantamos Graça e a levamos até o sofá. Ficamos os três sentados, Graça no meio, uma das mãos dela muito fria dentro da minha.

– Vamos embora – disse Graça. – Por favor?

– Vou chamar táxis – respondi. – Vamos descansar esta noite e recomeçar amanhã.

Graça balançou a cabeça.

– Não, vamos embora de Los Angeles. Quero ir para casa.

– Fique tranquila – disse Vinicius, falando baixo como se estivesse acalmando uma criança. – Primeiro vamos falar com os rapazes...

Graça se soltou da mão dele.

– Você só se preocupa com a porcaria dos rapazes.

Ela deu as costas para Vinicius e me encarou. Cheirava a suor, vômito e ao pó que haviam passado embaixo dos seus braços.

– Quero ir para casa, Dor.

– Não podemos. Nós assinamos um contrato.

– Foda-se o contrato! – gritou Graça e depois me abraçou com tanta força que ficou difícil respirar. – Podemos voltar a ser como antes. Só nós duas. Poxa, podemos ir para casa e comprar nossa própria boate! Vamos trabalhar quantas horas quisermos e eu vou cantar o que eu quiser. E você vai cantar também, Dor. Podemos ser as Ninfetas de novo, só que melhores. Sem figurinos horrorosos. Sem maquiagem ruim. Vamos cantar nossas músicas! Vai ser um sonho. Vai ser como a nossa primeira noite juntas no palco. Lembra?

Ela havia escolhido a mim para fugir com ela, ainda que o plano fosse uma fantasia. Se estragássemos tudo com o Bando da Lua Azul, com os estúdios Fox e nosso agente americano, Chuck Lindsay, e voltássemos para casa, não teríamos dinheiro para comprar nossa própria boate. Poucas pessoas no Rio iriam nos contratar. Estaríamos de volta ao ponto de partida, mas estaríamos juntas.

– Vou dizer aos rapazes que vamos embora – anunciei.

Graça sorriu, me soltando.

Fiquei tonta. Me levantei e, num passo longo, estava junto à porta do trailer. Vinicius veio atrás de mim. Pôs gentilmente a mão no meu pulso.

– Dor – sussurrou ele, para Graça não escutar. – Foi um dia longo demais. Você sabe que ela diz essas coisas quando está cansada. Não é a sério. A gente deveria descansar um pouco e conversar de novo amanhã.

Ele falava num tom paternal, como se fosse o adulto entre nós e entendesse coisas que eu não entendia.

Soltei-me dele, agora com raiva.

– Você não conhece Graça – falei. – E você não me conhece.

Vinicius se encolheu. Senti prazer com sua reação. Eu o havia ferido, como ele e Graça tinham me ferido com suas piadas internas, sua linguagem de toques e olhares.

Houve uma batida à porta do trailer. Quando eu a abri, o diretor do filme me encarou.

– Como está nossa menina? – gritou ele, sorrindo.

Em seguida deu uma espiada rápida na direção de Graça, para garantir que ela estava vestida, depois se espremeu para dentro. Atrás dele vinha o figurante que havia traduzido para nós, com

os olhos fixos no piso do trailer.

Graça pegou um lenço e enxugou os olhos. Seu nariz estava vermelho, o batom manchado. O trailer cheirava a vômito.

– Peço desculpas pela equipe, Sofia – disse o diretor, falando muito devagar.

O figurante, sem afastar o olhar do chão, como se isso pudesse aliviar o embaraço de Graça e o dele, repetiu as palavras do diretor em espanhol.

– Desculpe se você está aborrecida – continuou o diretor. – Eu também estou. É uma vergonha termos de fazer toda aquela cena de novo. Ela ficou melhor do que eu tinha esperado. Vou mandar a maquiagem vir aqui para deixar você linda de novo. E você acha que, se deixarmos o brinco bem solto, você consegue fazer com que ele caia de novo no seu vestido? Aquilo foi hilário.

Graça engoliu em seco. Eu traduzi o espanhol do figurante, mas ela provavelmente havia entendido tanto quanto eu: *Ele gostou do que você fez. Ele quer que você fique e faça de novo, do mesmo jeito.*

Graça olhou para o diretor, que estava atrás de mim, e, sem hesitar, abriu seu sorriso mais largo.

– Perfeito – disse o diretor. – Zanuck estava certo: você vai roubar a cena. Você é engraçadíssima.

Uma piada é um modo de dominar um idioma. Você precisa ter timing e fluidez, como um bom músico. Nenhum de nós – os rapazes do Lua Azul e eu – conseguia fazer piada em nenhuma língua além da nossa. Em inglês éramos pessoas bem sérias. É o que acontece quando você se muda para um lugar estrangeiro: ou você se recolhe em si mesmo, tornando-se (pelo menos exteriormente) um ouvinte calado e tenso, ou exagera seus erros, alardeando-os para todos verem. As duas opções são maneiras de tentar fazer com que as pessoas se sintam confortáveis com sua alteridade. Com a primeira, você se torna esquecível. Com a segunda, você se torna uma atração. Que escolha Graça tinha?

Sofia Salvador filmou pela segunda vez sua parte falada do filme, fazendo tudo que tinha feito na primeira vez, só que exagerado: mais mãos balançando, mais beicinho, olhos mais arregalados. Quando o diretor gritou “Corta!”, o operador de câmera, os técnicos de iluminação e os engenheiros de som bateram palmas e assobiaram. Graça sorriu, fez uma pequena reverência e depois deu um beijo no rosto do diretor, deixando a marca vermelha de seus lábios para todos verem. Sua vergonha anterior e seus desesperados planos de fuga foram logo esquecidos, assim como eu.

Sem dizer uma palavra para Graça ou os rapazes, me arrastei até o portão da Fox e pedi um táxi para o Plaza.

Como eu logo descobriria, o bar do hotel era um ponto de atração para figurantes anônimas e aspirantes a estrelas. No set chamavam essas pequenas de *Dumb Doras*, ou Doras Idiotas. Eram

as ninfetas que invadiam a Fox, a MGM, a Warner Bros. e outros grandes estúdios às dezenas a cada manhã, para representar funcionárias de chapelarias, vizinhas, frequentadoras de boates e qualquer papel que exigisse um rosto bonito e nenhuma fala. Algumas eram altas, outras baixas. Algumas tinham ondas de cabelos castanhos presos na última moda. Outras tinham cabelos tão louros que eram quase brancos. Cada uma era perfeita ao seu modo, com muitas sobrancelhas pintadas, sem sardas, de pele lisa e seios fartos balançando sobre cinturas minúsculas.

Eu tinha conseguido engolir três drinques no bar do Plaza antes de uma Dora me pedir um cigarro. Era baixa, com cabelos castanhos que caíam em ondas cuidadosamente penteadas, como os de Graça antes de seu corte joãozinho. Tinha a mesma altura e o mesmo biotipo de Graça e usava um vestido tão justo que podia muito bem ser uma roupa de banho com uma saia por cima. Me pegou admirando-a e sorriu, revelando uma fenda perfeita entre os dentes da frente. Imaginei como seria passar a língua sobre seus dentes e naquela fenda. Ela era de algum estado no Oeste, do qual eu nunca tinha ouvido falar: Montana? Wyoming? Seria possível passar direto pela cidadezinha e nunca saber que um dia estivera ali. Foi o que a garota me disse, falando devagar e com um pouco de mímica. E eu gostei dela imediatamente porque ela vinha do nada e de lugar nenhum, e parecia sentir absolutamente nenhuma vergonha disso. Seu nome parecia um pouco com a tal cidade do Oeste em que havia nascido: deserto, áspero, simples.

– Sandy – sussurrei.

Ela me olhou de volta e sorriu.

– Meu Deus, adoro o seu sotaque.

Uma hora depois estávamos no meu quarto, que era do tamanho de uma caixa de sapatos. As luzes do pátio do hotel brilhavam através do vidro da janela, desenhando um quadrado amarelo no tapete. O cabelo castanho de Sandy caía em ondas suaves até os ombros. Seu corpo era pequeno, as pernas fortes. Ela tinha um cheiro doce, de fermento, como um bolo recém-saído do forno. Pelo que pareceram séculos, Sandy me encarou, examinando meus olhos. Eu não soube se ela estava impressionada ou se tinha mudado de ideia. Decidi lhe dar uma rota de fuga, se ela quisesse.

– Se alguém do estúdio nos vir – falei, com as palavras parecendo pedras duras na boca –, você perde o emprego. E eu... não faria boa figura para minha amiga... Sofia Salvador.

Sandy sorriu.

– Está brincando? Os estúdios não se importam com o que a gente faça, desde que seja atrás de portas fechadas. Garotas como nós podem se divertir juntas. Só não podemos fazer algo terrivelmente sadio como andar de mãos dadas no meio do dia. Mas não é dar as mãos que quero agora. Você quer?

Balancei a cabeça.

Sua boca era farta e macia. Senti o gosto da cera de seu batom e depois, enquanto aproximava nossas bocas, senti gosto de fumaça misturada com menta – daquele tipo de bala vermelha e branca que ficava em tigelas no bar lá embaixo. Imaginei Sandy rolando a balinha redonda e pequena na língua até ela se dissolver completamente.

Ela enfiou as mãos pequenas embaixo da minha blusa. A cama do hotel era de solteiro –

quase tão estreita como um leito de navio – e nós nos movemos como se fôssemos ondas na água, num ritmo preciso. Seu vestido tinha um cinto brilhante e um zíper nas costas, com o corpete duro estalando ao abrir, como um papel de bala. Ela não usava meia-calça, só uma calcinha fina que tirei rapidamente. Segurei seu rosto com as duas mãos e as desci pelo pescoço, até o peito que subia e descia sob minhas palmas. Depois desci até a barriga macia, em seguida aos quadris, e mais ainda, até ela se abrir completamente, escorregadia e doce como uma fatia de mamão que eu sorvia com a boca.

"Aprecie a maravilha que é o corpo!", ordenava Anaïs durante as aulas de canto. O que é a música, ensinava ela, senão dobras de músculo dentro da garganta tornadas flexíveis por estarem molhadas, movendo-se umas contra as outras, nem muito rápido nem muito devagar, nem muito forte nem muito suavemente, mas com o perfeito equilíbrio de tensão e relaxamento para liberar um som, uma canção, de dentro de nós.

Era uma fuga, ainda que efêmera. Uma hora depois Sandy já tinha ido embora e eu estava sozinha de novo.

O saguão do Plaza estava vazio, o bar silencioso. Os figurantes e as *Dumb Doras* tinham ido para casa ou subido para o quarto, para se preparar para as filmagens de manhã cedo. Subornei o garçom para me passar uma garrafa de gim e encontrei a piscina do hotel.

Estava frio do lado de fora. O ar cheirava a eucalipto. Nos arbustos, grilos cricrilavam, milhares de fofocas contando a mesma história. Fiquei sentada sozinha no escuro, os pés na água quente da piscina, olhando o Plaza, contando os andares até encontrar as janelas dos nossos quartos – três lado a lado –, emolduradas pelas pequenas sacadas de ferro fundido. As sacadas tinham apenas alguns centímetros de profundidade; como tantas coisas em L.A., eram de mentira. As cortinas do meu quarto estavam abertas. As de Noelzinho estavam fechadas. No quarto que Graça e Vinicius dividiam, as luzes estavam acesas. Quando eles teriam voltado dos estúdios da Fox?

Levantei a garrafa de gim do colo e tomei um longo trago.

Uma silhueta estava do outro lado do pátio, iluminada pelas luzes do saguão atrás. Reconheci a postura relaxada e familiar, os ombros largos, o topete. Ele ficou um tempo imóvel junto à porta iluminada antes de mergulhar no escuro, vindo na minha direção.

– Você é o quê? Um detetive? – perguntei.

Vinicius sentou-se com as pernas cruzadas no concreto ao meu lado.

– Consegui perguntar no bar. Imaginei que você não podia estar longe.

Olhei de novo para a janela de Graça, iluminada.

– Por que você não está lá em cima, colocando ela na cama?

Vinicius deu de ombros.

– Ela está de mal comigo. Não cedi aos caprichos dela, como todo mundo na terra.

As luzes da piscina estavam acesas. O reflexo brilhava no nosso rosto, ondulações azuis

oscilando sobre nossas bochechas e nossas bocas, fazendo parecer que estávamos presos embaixo d'água.

– Eu não cedi a ela.

Ele gargalhou.

– Ela queria fugir da cidade e você já estava com as malas prontas. Você abandonaria todos nós se ela pedisse.

– E você não? Você já abandonou, porra.

Vinicius balançou a cabeça.

– Não quero brigar mais hoje. Não com você.

Entreguei-lhe a garrafa de gim. Vinicius tomou um longo gole e enxugou a boca.

– Ela me deixa louco também – disse ele, passando as mãos pelos cabelos. – Às vezes é como se eu e ela estivéssemos castigando um ao outro.

– Pelo quê?

– Por não sermos quem queremos que o outro seja. Ela quer que eu seja como um daqueles pobres coitados da plateia quando ela canta: de boca aberta, pasmo o tempo todo.

– E não é?

– Sou, mas só dá para aguentar até certo ponto. Quero que ela me escute, que me entenda como...

Vinicius pôs a mão no meu joelho. Um choque de calor subiu pela minha coxa até a minha barriga.

– Você precisa ser melhor do que isso – falei, afastando a mão dele. – Vocês dois.

Vinicius pareceu confuso.

– Desculpe.

– Pedir desculpa não adianta. Se quisermos ser um grande espetáculo, não podemos ficar pedindo desculpa.

– Não quero ser um espetáculo – sussurrou ele.

– Então o que estamos fazendo aqui? – perguntei olhando o pátio escuro do Plaza. – Hoje me perguntei se o Seu Pimentel não estava certo. Se esse negócio de cinema não é bom para ela ou se ela é boa demais para isso. Dá para imaginar o que o papaizinho querido faria se nos visse aqui em Los Angeles, se ele visse vocês dois dividindo uma cama?

– Mas ele não pode ver, não é? – A voz de Vinicius era um sussurro que eu mal conseguia escutar. – Não sei por que ele sofreu aquele acidente, nem como. Mas se isso significa que nós podemos ficar juntos, não fico triste.

O zumbido dos grilos estava insuportavelmente alto. Minha cabeça parecia vibrar.

– Nós, quem? – perguntei. – Essa é uma pergunta idiota, não é? Você nem quer mais compor. Todas aquelas tardes, eu esperei... – Engoli em seco, tentando controlar o tremor na voz. – Você acha que pode simplesmente ignorar isso? Acha que pode ficar colocando a música de lado, como se ela realmente não importasse? Ela não vai esperar você para sempre. Ela não pode.

Vinicius olhou para a piscina, depois para mim.

– Não saia daqui – ordenou.

Entrou correndo no hotel e voltou alguns minutos depois com o violão e o agogô reserva de Cozinha.

– Aqui – disse Vinicius, me entregando o agogô e a baqueta.

– O Cozinha vai achar ruim eu pôr a mão nisso aí.

– Está brincando? Cozinha adora quando qualquer mulher brinca com o agogô dele.

Ri pela primeira vez naquele dia.

– Será que eu deveria ir ao Dunbar roubar a cuíca do Bonito? – perguntou Vinicius, sorrindo. – Você pode esfregar a vareta e fazer ela gemer.

– Ah, meu Deus. Pelo menos deixe o cavaquinho do Miudinho longe de mim.

– Ele é pequeno mas poderoso.

Um a um, demos vida aos instrumentos dos rapazes. Então Vinicius cantarolou algumas notas enquanto eu meio cantava, meio sussurrava.

"Samba, você foi meu por um tempo.

A gente tocava tão bem, meu amor!

Eu segurava a curva do seu cavaquinho,

Tirava ritmo do seu agogô."

Às vezes Vinicius encontrava a nota perfeita, o ritmo perfeito para as minhas palavras, e, quando isso acontecia, eu sentia um calor envolvendo meu pescoço e descendo pela coluna. Então continuávamos, movendo-nos em uníssono, assentindo um para o outro, sem saber o que viria a seguir, mas entusiasmados ao mesmo tempo. Às vezes saía um verso piegas ou uma nota em falso, e Vinicius e eu ríamos da nossa falta de jeito. Mas não parávamos para rir nem quebrar o ritmo. Nesse momento havia uma confiança perfeita entre nós. Se Vinicius queria algo mais suave, eu lhe dava suavidade. Se eu queria mais lento, ele me dava lentidão. Não havia hesitação, apenas expectativa. Continuamos em frente, numa perfeita sincronia, até chegarmos ao fim natural. Então veio o silêncio.

Agora a janela de Graça, virada para a piscina, estava aberta, as cortinas afastadas, o vidro escancarado. O quarto continuava com a luz acesa, mas sem sombras nem movimento. Quando Graça havia aberto o vidro? Quanto teria escutado? Senti certa satisfação por tê-la como nossa plateia, mas também uma espécie de medo estranho: será que nada nunca seria só meu? Quando uma de nós ganhava, a outra tinha sempre que perder?

Na manhã seguinte, nos estúdios da Fox, fomos levados a um prédio de escritórios, onde seguimos uma mulher emproada por um labirinto de corredores. Finalmente chegamos a uma grande porta dupla de madeira. Atrás dela havia uma pele de leão esparramada no piso. Assim que entramos, vimos a boca da fera aberta num rosnado, os olhos vazios e amarelos. Em volta do tapete havia várias poltronas de couro, enormes, e um sofá profundo como uma cama.

As paredes da sala estavam cobertas de fotos emolduradas. Reconheci rostos famosos, todos posando ao lado do mesmo homem: ele era baixo e tinha bigode, com um sorriso que mostrava

os dentes separados na frente. O mesmo homem estava de pé à nossa frente, em carne e osso, naquela sala enorme. Ele segurava um comprido taco de madeira. (Mais tarde eu ficaria sabendo que aquele taco era para jogar polo, um esporte que o Sr. Zanuck amava quase tanto quanto fazer filmes.) Ao seu lado estava um homem alto cuja beleza parecia quase alienígena, como se tivesse sido fabricado na oficina de adereços da Fox. Sua pele cor de caramelo reluzia; os olhos escuros eram profundos e tristes, como se ele estivesse sofrendo constantemente por alguém. Eu tinha visto sua imagem em cartazes de cinema por toda a Fox: Ramon Romero, um galã que sempre fazia o escada para algum ator mais jovem, de pele mais clara, mais arrumadinho e mais famoso do elenco da Fox. Ele nos cumprimentou com um aceno de cabeça.

O olhar de Zanuck esquadrinhou os pés de Graça, as pernas, os quadris, o peito e finalmente pousou em seu rosto. Esse exame não pareceu lascivo. Eu conseguia imaginar Zanuck avaliando do mesmo jeito um cavalo para o polo – estudando sua forma, sua postura, sua musculatura.

– Ramon! – gritou Zanuck! – Diga à Srta. Salvador que ela roubou a cena em *Bye, Bye, Buenos Aires*. Eu vi as tomadas ontem à noite: você quase saltou da tela, querida!

Um pedaço de língua cor de rosa apareceu no espaço entre os dentes da frente de Zanuck. Ramon traduziu obedientemente para o espanhol as palavras do chefe do estúdio.

– Deixe-me ouvir um pouco de português – ordenou Zanuck.

Ramon suspirou, depois repassou o pedido para nós. Graça me olhou.

– O que eu digo a ele?

Era a primeira vez que ela falava comigo desde a noite anterior no trailer, quando tinha tramado toda a nossa vida nova e a descartado imediatamente.

– Fale sobre nossa viagem – sugeri. – Aos Estados Unidos.

Os olhos de Graça se iluminaram. Ela assentiu e começou a listar para Zanuck e Ramon, em português, todas as amenidades do *SS Uruguay*. Zanuck sentou-se em sua poltrona enorme e sorriu.

– Maravilhoso! – interrompeu. – Escute, Srta. Salvador, não vou... – e aí ele usou uma expressão "*mince any meat with you*" que me deixou confusa.

Olhei para Ramon, preocupada.

– Ele quer que ela coma carne?

Ramon riu e, antes que pudesse explicar o significado correto, Zanuck continuou, ignorando-nos:

– Você é diferente. Todos os estúdios da cidade têm lindas Lupes e Dolores aos montes. Os homens certamente gostam de vê-las. Mas você tem um jeito especial, com esse corte de cabelo e essa boca. E é engraçada: uma verdadeira comediante.

Zanuck tomou um gole de seu drinque enquanto Ramon falava. Então de repente gritou:

– Quero uma foto!

Sua secretária saiu correndo e voltou com uma máquina fotográfica portátil. Zanuck se levantou com dificuldade de sua poltrona enorme.

– Vamos – ordenou. – Nada de timidez.

Todos fomos na direção de Zanuck, que levantou a mão gorda.

– Apenas Sofia – disse.

Não precisávamos da tradução de Ramon. Os rapazes do Lua Azul me olharam, depois olharam um para o outro. Graça ficou ao lado de Zanuck, que passou um braço pela sua cintura e sorriu. Houve um estalo e em seguida um clarão. E, por um momento, Graça desapareceu na luz.

VIREI GRINGA

Dizem que eu virei gringa,
com malas cheias de dinheiro,
diamantes nos dedos
e nenhuma ginga!

Dizem que balanço as mãos o dia inteiro,
e não consigo mais conversar em paz.
Que não suporto ouvir o toque da cuíca,
e que meu ritmo virou imitação do jazz.

Porque eu virei gringa,
com malas cheias de dinheiro,
diamantes nos dedos
e nenhuma ginga!

Dizem que tingi o cabelo de amarelo,
troquei o leite de coco por filé-mignon.
Que só namoro otários branquelos
e assino meus cheques com batom.

Porque eu virei gringa,
com malas cheias de dinheiro,
diamantes nos dedos
e nenhuma ginga!

Por que tanto veneno e despeito,
tanta besteira sem nexo?
Quando olho à noite no espelho,
só vejo Brasil no meu reflexo.

Porque jamais serei gringa.
Eu sou é da Lapa

e canto samba com tremenda ginga!

Quando trabalhava na cozinha, eu achava que fama significava ter a voz no rádio – a pessoa não tinha nome nem rosto, mas era ouvida. Na Lapa fama era popularidade, e popularidade significava ser benquista. Na Urca fama não era ser benquista, e sim fantasia; não tinha a ver com a pessoa, mas com o que ela criava no palco. Em Hollywood aprendi que todas as minhas crenças anteriores estavam erradas.

Fama é anseio. Não seu, mas da plateia. Uma estrela nada mais é do que a face pública do desejo privado.

As maiores estrelas, como os ditadores mais bem-sucedidos, realizam incontáveis desejos ao mesmo tempo. São pais que perdoam sempre, amigos de confiança, amantes ferozes, irmãos leais, professores rígidos, oponentes aterrorizantes. São tudo a que aspiramos e, às vezes, tudo que desprezamos. Dos muitos talentos de Graça, esse era o maior ou o pior, dependendo do seu ponto de vista: ela podia sentir o que o público desejava e se transformar no que quer que fosse.

Nas rodas dos cortadores de cana ela era a patroinha que se apresentava para os trabalhadores mais humildes do engenho, fazendo-os sentir que ela estava sob o poder deles, e não o contrário. Na boate do Toninho ela era a ninfeta, não por causa de um figurino idiota e das marias-chiquinhas, mas por causa de seu sorriso nervoso e da inocência ardorosa de sua voz. Como cantora de samba na Lapa ela era a colegial malandra, que mascava chiclete e que todas as outras copiavam. Como Sofia Salvador ela sentiu que o Rio ansiava por algo diferente e pelo perigo, mas não de verdade, por isso se tornou a baiana picante com bijuterias e blusas tomara que caia, mostrando as pernas e cantando cheia de emoção sobre um coração partido. E em Hollywood, durante os anos de guerra ela se tornou a *Brazilian Bombshell*: não uma mulher ou uma criança, e sim uma combinação das duas coisas, como uma fada ou um diabrete, maliciosa, engraçada, vinda de outro mundo, um mundo em Technicolor.

Para quem nunca viu seus filmes, vou colocar assim: se a Sofia Salvador do Rio era como uma dose de cachaça – doce mas forte a ponto de parar o coração, desfrutada igualmente por ricos e pobres, a mais brasileira de todas as bebidas –, a Sofia Salvador da Hollywood dos

tempos de guerra era uma taça de champanhe.

Não. Não está certo. Ela não era o champanhe. Era as bolhas subindo pela taça.

Durante a guerra os americanos iam ao cinema para esquecer o bombardeio de Pearl Harbor e a luta violenta na Europa e no Japão. Durante noventa minutos podiam parar de se preocupar com o racionamento de alimentos e se teriam carne e açúcar suficiente para o resto do mês. Podiam se aquecer no calor da tela gigante e esquecer que as praias de Los Angeles estavam cercadas de arame farpado e eram patrulhadas implacavelmente pela Guarda Costeira à procura de submarinos japoneses. Cercados por morte e incerteza, os americanos queriam uma fuga. Quem melhor para dar isso a eles do que Sofia Salvador e o Bando da Lua Azul?

Depois do nosso primeiro filme, Zanuck ordenou que Graça e os rapazes do Lua Azul limpassem e clareassem os dentes, cortassem o cabelo, fizessem as sobrancelhas e se submetessem a tratamentos faciais. Na clínica da Fox, um dermatologista fez o que chamaram de "tratamento de raios violeta" em Graça, para queimar uma camada de pele e fazer as sardas desaparecerem. Fizeram um tratamento doloroso na linha dos cabelos, para aumentar sua testa. Durante uma semana inteira Graça ficou escondida no quarto de hotel que dividia com Vinicius, com o rosto vermelho e descascando. Um médico do estúdio lhe ofereceu um suprimento considerável de analgésicos, junto com frascos de barbitúricos e bolinhas. Os primeiros apagavam a pessoa à noite, as bolinhas a deixavam de pé para as longas filmagens e as horas intermináveis de testes, garantindo que cada ponto de cada figurino parecesse perfeito no olho da câmera.

Sofia Salvador e o Lua Azul trabalhavam num cronograma extremamente rigoroso, fazendo um filme musical a cada três meses: *Detetive Shirley vai ao Rio, Ela é uma boneca, Como te amo* e *Tango mexicano*, entre muitos outros. Era difícil saber exatamente em que filme estávamos trabalhando porque o enredo era sempre o mesmo: americanos se aventuram ao sul da fronteira ou viajam a uma base do exército para entreter as tropas, e segue-se daí alguma confusão. O racionamento de eletricidade devido à guerra tornava a luz do dia valiosa, por isso as filmagens iam das seis da manhã até o pôr do sol todos os dias da semana. O tempo se dissolveu numa sucessão de chamadas matinais, filmagens de catorze horas, ensaios, provas de figurino e apresentações promocionais alimentadas por um fluxo contínuo de barbitúricos e bolinhas, até se passarem cinco anos e podermos contar numa das mãos o número de rodas que tínhamos feito, como um conjunto de samba.

A imagem de Sofia Salvador nos cartazes foi ficando maior a cada filme, assim como suas partes faladas, mas ela jamais era a estrela principal; era sempre uma cantora com dois ou três números no máximo. Todos começamos a falar e entender melhor o inglês, mas Graça era péssima em decorar o texto e frequentemente errava as falas.

Num filme ela disse: *"I just spilled the cat out of the beans."* E em outro: "*Scratch my heart and hope two thighs."*

Quando ela tentava se corrigir, os diretores impediam.

– Continue – ordenavam.

Zanuck visitava todos os sets de filmagem e mandava que os diretores de Sofia Salvador

filmassem seus números musicais e de dança numa tomada contínua.

– Jamais cortem Salvador depois que ela começar a cantar! – exigia Zanuck. – Nada de tomadas da plateia. Nada de reações. Nada de closes. Deixem a câmera no corpo inteiro durante toda a porcaria do número, não me importa se durar dez minutos.

Alguns números musicais chegavam a ter quinze minutos, e devido às ordens de Zanuck, de jamais cortar a imagem, quando Graça e os rapazes cometiam um único erro, precisavam parar de filmar e começar tudo de novo. Por causa disso eles ensaiavam cada número tantas vezes que costumavam fazê-los de olhos vendados para divertir a equipe e os operadores de câmera. Pelo calor das luzes no rosto, Graça podia sentir onde a câmera estava e se precisava virar a cabeça por poucos centímetros que fossem para uma tomada melhor.

O Bando da Lua Azul usou seus próprios smokings pretos no primeiro filme, mas depois disso a Fox encomendou paletós mais coloridos: amarelo-vivo, verde-água, roxos e laranja para complementar os vestidos de Sofia Salvador. A cada filme havia mais cores e pedras brilhantes de fazer os olhos arderem, até a baiana que tínhamos criado no Rio se tornar apenas uma sombra, um fantasma nos babados e nas blusas tomara que caia. Uma larga faixa da barriga de Sofia Salvador estava sempre à mostra. A fenda nas saias ficou tão comprida e larga que ela precisava usar roupas de banho coloridas por baixo. Manteve o cabelo preto e curtinho, um estilo tão de vanguarda que se passariam três décadas inteiras antes de as mulheres nas ruas começarem a cortar o cabelo assim também. E nas orelhas de Sofia Salvador havia sempre aquelas joias enormes, penduradas, em formatos fantásticos: golfinhos, beija-flores, borboletas, maçãs, morangos.

Ela virou o rosto do sabonete Lux e do creme Pond's. *A Brazilian Bombshell jamais descansa, mas até mesmo essa garota animada faz uma pausa para usar Pond's!*, exclamavam os anúncios. Repórteres da *Photoplay* e da *Silver Screen* lutavam por entrevistas com Sofia Salvador. Em cada revista ela aparecia em páginas triplas destacáveis que podiam ser coladas como pôsteres nas paredes ou acima das camas nos alojamentos das tropas. Numa dessas fotos ela usava um biquíni com dois enormes abacaxis de lantejoulas cobrindo os seios. Em outra ela estava deitada numa cama feita de bananas. Quando Sofia Salvador e o Bando da Lua Azul apareciam na Hollywood Canteen para entreter as tropas de licença em Los Angeles, os soldados aplaudiam de pé.

Apesar de Graça e Vinicius ainda serem um casal – apanhados em seu ciclo ardente de discussões e reconciliações –, a Fox armava flagras "reais" de Sofia Salvador flertando com astros como Ramon Romero e Tyrone Power para as páginas de fofocas. O estúdio emprestava roupas, sapatos e joias a Sofia Salvador. Durante as pausas para almoço e jantar, Graça exigia lagosta na manteiga e batata frita no nosso trailer, e a Fox atendia. Afinal de contas, nós não tínhamos permissão de nos sentarmos juntos – todos na mesma mesa – no refeitório da Fox. E como a Brazilian Bombshell não podia ser fotografada andando de táxi para lá e para cá, o estúdio deu a ela e ao Lua Azul um conversível DeSoto vermelho para usar no dia a dia. Essa era uma prática comum nesse mercado, em que as estrelas eram como cavalos de corrida: mimadas, alimentadas, bem-tratadas – e deveriam trabalhar até morrer.

Falo de nosso “cronograma extremamente rigoroso” sabendo que, enquanto suportávamos as provas de figurino e os ensaios de coreografia, homens lutavam e morriam do outro lado do oceano. E ali, em Los Angeles, legiões de mulheres, de mexicanos e cidadãos com a pele mais escura do que era aceitável para a época construíam aviões, fabricavam bombas e misturavam tonéis de borracha sintética. À medida que esses trabalhadores chegavam aos montes à cidade, o mesmo acontecia com marinheiros vindos de cidades pequenas de todo o país. No verão de 1943 o calor da cidade e a fumaça das fábricas pairavam sobre Los Angeles como uma tampa numa panela fervente. Todos estávamos presos lá dentro.

Quando os tumultos dos Zoot Suits irromperam e multidões de marinheiros brancos passaram a percorrer o centro da cidade à procura de rapazes que parecessem mexicanos para espancá-los impiedosamente, um assessor de imprensa do estúdio alertou os rapazes do Lua Azul para evitar as boates do centro por um tempo. A essa altura tínhamos nos mudado para uma casa numa rua deserta onde só passavam uns poucos bondes lentos e tristes de San Fernando. Havia uma piscina do tamanho de um palco de ópera e quartos suficientes para abrigar um time de futebol. Tínhamos poucos vizinhos, de modo que ninguém notava ou se importava com o fato de que pessoas como Cozinha, Miudinho, Banana, Bonito e eu íamos e vínhamos à vontade, afinal de contas muitas casas em Los Angeles tinham empregados que moravam no emprego. Nessa época o próprio Brasil parecia um lugar de cinema: uma pátria que permanecia intocada e imutável na nossa memória. O lar era o nosso talismã para afastar a frustração e a fadiga. Era a carta de baralho que mantínhamos no bolso de trás. Era a válvula de escape, garantindo que Hollywood era uma aventura temporária e que suas regras, seus tumultos, suas hierarquias e as indignidades pelas quais ela nos fazia passar não teriam efeito duradouro. Tínhamos nos acostumado tanto a contar mentiras nos filmes que começamos a acreditar nelas.

Por acaso Hollywood era uma roda em que não teríamos permissão de entrar. Era uma enorme casa-grande. Dentro dela seríamos – temporariamente – tolerados e teríamos algum luxo, mas a casa não era nossa e nós não éramos convidados. Também não éramos seus empregados, já que esse papel estava reservado aos nativos. Não. Tínhamos sido comprados e entregues com o único objetivo de entreter os moradores – como um toca-discos, um rádio ou um piano numa sala –, colocados ali para divertir, aliviar o clima, trabalhar incansavelmente e sem reclamar. E depois, quando não tivéssemos mais utilidade, ficar perfeitamente calados e imóveis até parecer que desaparecemos por completo.

VIREI GRINGA

O único figurino de Sofia Salvador que eu não guardei está numa caixa de vidro no museu da cidade do Rio. É uma roupa coberta de lantejoulas douradas que não foi de nenhum de seus filmes, mas de uma cerimônia no Grauman's Chinese Theatre. Na caixa de vidro, atrás do figurino, há uma foto de Sofia Salvador de joelhos com as mãos pressionadas no cimento molhado enquanto um bando de homens ri em volta dela. No cimento as mãos de Graça são pequenas como as de uma menina, os pés mal chegam ao número 34. O museu do Rio diz que aquele foi um dia de triunfo: Sofia Salvador até hoje é a única brasileira com as mãos e as pegadas gravadas no famoso teatro de Hollywood, ao lado de gente como Clark Gable e Ginger Rogers. Quando penso naquela cerimônia, não vejo triunfo. Vejo apenas o começo de nosso desenredo.

Era 1945 e a guerra estava terminando, apesar de ainda não sabermos disso. Fãs e fotógrafos disputavam lugares do lado de fora do Grauman's Chinese Theatre. (Mais tarde eu ficaria sabendo que a Fox tinha contratado fãs para irem à cerimônia, sabendo que haveria pouca gente. Os musicais luxuosos estavam perdendo força para os dramas de detetives, mais baratos de filmar. A cerimônia na Calçada da Fama era um modo de divulgar o último filme de Sofia sem pagar pelos anúncios.) Para além da área dos fãs, ficavam os assentos para convidados de honra e um pequeno palco com um microfone. No centro das festividades, isoladas por cordas de veludo, havia duas lajes de cimento.

Uma orquestra tocava uma versão acelerada de "Ai Ai Ai Love You", uma música de seu último filme. Depois Sofia Salvador apareceu no palco, flanqueada por Ramon Romero e Sid Grauman, como dois policiais escoltando um suspeito. Usava uma saia de chiffon e um corpete com ombreiras coberto por tantas lantejoulas douradas que parecia uma armadura. Sofia Salvador sorriu. Flashes espocaram e chiaram. Na primeira fila de cadeiras eu protegi os olhos. Quando as luzes se apagaram deixando apenas fumaça, Graça cambaleou. Sid Grauman segurou seu braço, impedindo que ela caísse no cimento molhado.

– Cuidado com os flashes! – gritou Grauman para os repórteres.

Graça tinha acabado de voltar de sua décima temporada em Palm Springs: a Fox a havia mandado para um suposto balneário de saúde. A dieta de Graça em Los Angeles, composta de álcool, lagosta e batata frita, tornava difícil para o departamento de figurino da Fox mantê-la com blusas com a barriga de fora e saias lápis. Cada estadia de Graça no balneário durava duas semanas e a deixava abatida e com o olhar vazio ao voltar. As enfermeiras do spa a obrigavam a tomar apenas sopa, beber apenas suco de toranja e usar uma roupa de borracha para suar os quilos a mais. Acho que ela poderia bater o pé e não ir, mas a teimosia de Graça vencia seu bom senso; ela considerava cada temporada um desafio.

– Aquelas megeras daquelas enfermeiras – dizia. – Acharam que eu não ia conseguir. Mas no fim da semana elas se foderam: perdi 10 quilos.

Sid Grauman foi até o pódio e falou sobre Sofia Salvador, lendo um roteiro aprovado pelos estúdios Fox, cheio de palavras como *pep*, *zing* e *va-va-voom*. Ao meu lado Vinicius suspirou. Cozinha olhou o relógio. Banana fez uma bola com seu chiclete.

Depois do discurso de Sid Grauman Sofia Salvador avançou e pressionou os sapatos de plataforma no cimento molhado. Em seguida se abaixou e fez o mesmo com as mãos minúsculas. Por fim Grauman lhe entregou o que parecia uma varinha de ouro. Graça assinou no concreto:

Para Sid,
Viva Hollywood!
Com amor,
A Brazilian Bombshell, Sofia Salvador

A plateia aplaudiu obedientemente. Depois houve entrevistas com pelo menos uma dezena de repórteres.

– Srta. Salvador! – gritou um deles. – Lembre às tropas: quais são as coisas de que você mais gosta nos Estados Unidos?

Os olhos de Sofia Salvador se iluminaram.

– Ah, *hot dogs*. *Mash-ed pow-tay-toos* e *mens mens mens of course*!

Houve uma onda de gargalhadas da plateia. Ao meu lado Vinicius se remexeu na cadeira. Depois veio outra pergunta gritada:

– Como se sente fazendo parte da história de Hollywood?

Sofia pôs a mão no peito coberto de lantejoulas.

– Como vou dizer? É uma honra muito grande. O que eu sou? Uma menina do Brasil. E vocês me acolheram em seus braços, fizeram eu me sentir especial. Muito amada. – A voz de Graça embargou. Ela engoliu em seco e começou de novo. – É tudo que sonhei.

– Sofia! – gritou uma voz no meio dos repórteres. – Você tem algumas palavras para o Brasil?

O sotaque do repórter era parecido com o meu, o dos rapazes do Lua Azul e o do punhado de outros brasileiros que tínhamos conhecido nos Estados Unidos.

– Quem está falando? – perguntou Sofia Salvador, examinando a multidão de repórteres.

Uma mão subiu. Eu não reconheci o rosto do rapaz. Ele não podia ter mais de 20 anos.

– Sou da rádio Mayrink! – gritou ele em português.

– Com prazer respondo à sua pergunta – disse Sofia Salvador, e passou a falar em português: – Queridos irmãos e irmãs de todo o Brasil. Estou falando com vocês do Chinese Theatre, em Hollywood, onde acabo de botar minhas humildes mãos e meus pés no cimento. É um dos momentos mais felizes da minha vida. Nesse momento só consigo pensar nos meus fãs e amigos daí e na minha querida cidade do Rio. Vocês estão sempre no meu coração. Que Deus os proteja e um dia desses me leve junto com os rapazes do Lua Azul de volta para vocês.

Miudinho baixou a cabeça como se rezasse. Noelzinho assentiu.

O jovem repórter da Mayrink deu um sorriso.

– Você vai mesmo voltar para o Brasil?

– Claro, por que não voltaria?

– Porque você ficou americanizada – respondeu o repórter.

O sorriso de Graça desapareceu.

– Somos todos americanos: americanos do norte e do sul.

– Por que você deixa a imprensa americana dizer que você é argentina ou mexicana? Tem vergonha de dizer a eles que é brasileira?

– Claro que não! Sou brasileira de cabo a rabo. Não é minha culpa se esses repórteres dos Estados Unidos não sabem ler um mapa.

– Então você está dizendo que os americanos são ignorantes com relação ao Brasil, mesmo que nós sejamos um dos maiores aliados deles na guerra? Está dizendo que os Estados Unidos não apreciam a existência e o sacrifício do Brasil?

A boca de Graça se abriu, mas não saiu nenhum som. Ela respirou fundo e tentou de novo.

– Não. Eu não quis dizer isso...

– O que você diz às pessoas no Brasil que estão boicotando seus filmes?

– Boicotando?

O repórter assentiu.

– Dizem que você virou gringa.

Os olhos de Graça se moveram rapidamente do repórter para Sid Grauman, mas o dono do cinema não entendeu o que estava sendo perguntado.

– O que esse rapaz está dizendo? – perguntou-me nervoso nosso empresário, Chuck Lindsay.

– Você acha que está representando o Brasil com dignidade – continuou o repórter – ou você e seu conjunto, como dizem alguns críticos nos jornais, são marionetes dos imperialistas americanos?

– Eu... Eu não sei o que você está querendo dizer – gaguejou Graça.

De repente eu estava de pé. Os convidados sentados perto de mim pareciam muito distantes, como se eu olhasse de uma grande altura.

– Seu filho da puta – gritei em português. – Fora daqui!

Ao meu lado, Vinicius e os rapazes do Lua Azul se levantaram. Miudinho estalou os dedos.

– Eu tenho direito de estar aqui – disse com frieza o rapaz da Mayrink. – Tenho o direito de fazer minhas perguntas.

– Ele está aborrecendo Graça – sussurrei para Chuck Lindsay em inglês, mas isso já era óbvio.

O rosto de Sofia Salvador ficara pálido. Ela cobriu a boca com a mão. Flashes espocaram. Um representante da Fox escoltou-a para fora do palco.

– Aonde a Srta. Salvador vai? – perguntou um repórter de entretenimento americano.

– Ao toalete – respondeu Sid Grauman. – Ela fica emotiva quando ouve a língua nativa. Você sabe como são as mulheres.

Então ele acenou para a orquestra, que começou a tocar tão alto que abafou o repórter da Mayrink, rapidamente retirado pela segurança.

Os rapazes do Lua Azul saíram do Grauman's pela entrada da frente, num carro dos estúdios Fox, para distrair os repórteres de nossa retirada pelos fundos. Cozinha, o melhor chofer entre nós, pegou o volante do DeSoto vermelho enquanto eu me sentava ao lado dele. No banco de trás, Vinicius olhava para Graça, encolhida perto da porta, quieta e desconfiada como um animal ferido.

– Não vou voltar para a casa – anunciou, sua voz cortante, a pele em volta dos olhos cercada de cinza do rímel e das lágrimas que ela havia enxugado.

Olhei para Cozinha.

– Vamos tomar uma bebida em algum lugar?

– Não quero ver gente – respondeu Graça. – Apenas dirija por aí.

Serpenteamos pela Los Angeles anterior às vias expressas numa noite clara, passando pelos restaurantes temáticos espalhafatosos, em forma de sombreiros gigantes e chalés suíços; passamos pelas farmácias e lanchonetes com suas luzes de néon. Pelo terreno vazio no fim do Sunset Boulevard onde crescia uma plantação de papoulas, as flores oscilando a cada carro que passava. Então as luzes dos postes praticamente desapareceram enquanto subíamos as colinas. Los Angeles surgia no vale embaixo, as luzes piscando e acenando, como uma lindíssima jovem deitada à nossa frente.

– Olha só isso! – ofegou Graça, espiando a cidade. – Parece mágica.

Vinicius fungou.

– É tudo falso. Você, mais do que ninguém, deveria saber.

– Como assim? – perguntou Graça.

– Esse lugar espreme tudo que há de bom nas pessoas. Só sobra a casca.

– Então eu sou a casca? Você está falando igual àquele filho da puta mentiroso da Mayrink.

– Talvez ele não estivesse mentindo – disse Vinicius. – Talvez as pessoas odeiem a gente no Brasil. Eu não ficaria surpreso.

– Por que diabo iriam odiar a gente? – quis saber Graça.

– Você com seus *pow-tay-toos* e seu *mens mens mens* – respondeu Vinicius. – Acha mesmo que é engraçado? Acha que é digno?

– Eu sou cantora, não uma especialista em inglês – berrou Graça. – Gostaria de ver você na frente de centenas de pessoas todo dia falando com elas numa língua que não sabe. Você não teria coragem, porra.

O DeSoto subia com dificuldade, roncando pelas estradas sinuosas. Cozinha me lançou um olhar. Virei-me no banco para olhar Graça e Vinicius.

– Já existe gente suficiente com quem vale a pena brigar fora do conjunto – falei. – Não vamos nos matar uns aos outros.

O cabelo de Graça estava todo desgrenhado. Os brincos tinham sumido. O lábio inferior tremia.

– Ele quer que eu fique de cara amarrada na frente das pessoas. Quer que eu fique séria como você, Dor. Se eu fizesse isso, nós estaríamos num navio de volta para o Brasil depois do primeiro filme.

– Talvez fosse melhor – disse Vinicius. – Agora não podemos mostrar a cara no Rio.

Graça balançou a cabeça. Seu corpete com lantejoulas douradas parecia desbotado e pesado na escuridão. Ela se deixou afundar sob o peso da roupa.

– Para você é fácil reclamar, não é? – disse com a voz quase num sussurro. – Ficar sentado aí, me julgando, dizendo que sou indigna, que tenho energia de mais ou de menos, que tenho samba de mais ou de menos. Mas nem todo mundo pensa igual a você. Eu não decepciono todo mundo. Tem gente que me ama de verdade, você sabe. Eu leio as cartas dos fãs. Encontro soldados na cantina. E os ajudo. Deixo as pessoas felizes. Talvez meu modo de fazer música, de entreter, seja diferente do seu. Mas você não é dono da música. Não é você que vai me dizer o que é real e o que não é. E amanhã vou até a embaixada brasileira pedir ao cônsul cada porcaria de jornal que ele guardou desde que nós chegamos aqui. Vou ler as críticas. Absolutamente todas.

Todos os domingos os estúdios fechavam, mas nossa casa na Bedford Drive ficava sempre cheia como um set de filmagem. Regimentos de pilotos da força aérea brasileira de visita jogavam vôlei na piscina. Os músicos que conhecíamos na Showboat ou na Brown Bottle apareciam para nadar e depois tocar perto da piscina. Sob a sombra do caramanchão, o galã Ramon Romero e seu namorado, Clifton, jogavam baralho com Cozinha. Algumas moças sem graça que trabalhavam como secretárias nos estúdios Disney ficavam estiradas perto da piscina, rindo das piadas de Miudinho e fingindo que ignoravam as poucas *Dumb Doras* lindíssimas – aquelas adoráveis figurantes dos filmes da Fox – que pegavam sol no gramado, mas nunca ousavam nadar na nossa piscina. Na mente dessas já era suficientemente arriscado comparecer às nossas festas. Em Los Angeles as pessoas ficavam entre gente do mesmo tipo, mas na Bedford Drive todo mundo era convidado: negros, brancos, vermelhos, marrons, ricos, pobres, homens,

mulheres ou indecisos. Tínhamos apenas uma exigência com os convidados: ou você se juntava a todos nós ou não se juntava a ninguém.

Sofia Salvador ganhava apenas duzentos dólares por semana e os rapazes ganhavam cinquenta. Era uma ninharia, considerando o que ela rendia nas bilheterias, mas ninguém jamais disse que Hollywood era justa. Se não fossem os contratos de Sofia Salvador com a Pond's e o sabonete Lux – contratos que eu pressionei Chuck Lindsay para conseguir, visitando seu escritório todo dia com revistas de beleza nas mãos e perguntando por que Sofia Salvador não podia anunciar aquelas coisas –, estaríamos falidos.

Pagávamos uma fortuna de aluguel pela casa na Bedford Drive, mesmo não sendo suntuosa pelos padrões de Hollywood e ficando numa área remota. Poucos proprietários alugavam propriedades para um "grupo misto" como o nosso, e o único disposto a assumir esse risco fez questão de que pagássemos caro pelo privilégio de morar juntos. Nossas finanças apertadas não impediam que Graça e os rapazes encomendassem 30 quilos de carne por semana, entregues na porta dos fundos, para as festas de domingo. Toda semana a loja de bebidas trazia dez caixas de suas melhores garrafas de gim, uísque e água tônica. A mercearia entregava caixas de limas, laranjas e morangos. O farmacêutico local entregava caixas de barbitúricos e estimulantes como se fossem balas, prescritos pelo médico do estúdio. Graça enchia grandes tigelas de vidro com maços de cigarro, sempre vazias no fim do dia. Até pediu que eu encomendasse pequenas piteiras de plástico que diziam em letras douradas na lateral: *Roubada da Casa de Sofia Salvador.*

No domingo depois da desastrosa cerimônia no Grauman's, o cônsul-geral do Brasil, Raul Bopp, e sua esposa sentaram-se embaixo das nossas sombrinhas listradas bebendo gim-tônica. Em troca do convite ele havia trazido da embaixada uma pilha de jornais brasileiros. Alguns eram publicações do Leão extremamente editadas pelos censores de Gegê. Outros eram jornais clandestinos de São Paulo, que reclamavam da enorme inflação do tempo de guerra e do nacionalismo imposto por Gegê.

Sentei-me numa cadeira de jardim ao lado da piscina e li os jornais, adorando os verbos familiares, os adjetivos cheios de sílabas e a velocidade e a facilidade com que entendia todos. O português era um refresco num dia quente. Li cada manchete, cada previsão do tempo, cada obituário, cada anúncio de creme para a pele e vitaminas. As partes mais interessantes li em voz alta para os rapazes e Graça, que tinham puxado a cadeira para perto da minha.

– "Cassinos nacionalizados" – falei alto. – "Todos os empregados precisam provar que são brasileiros natos."

– Como vão fazer isso? – perguntou Vinicius. – Será que o Velho Gegê tem um exame de sangue de brasilidade?

Os rapazes riram. Continuei lendo. Getúlio tinha imposto a jornada de trabalho de oito horas por dia. Tinha concordado com eleições de verdade, mas só depois da guerra. Os Estados Unidos e o Brasil eram aliados, mas isso não os tornava amigos. Os anos de nacionalismo de Getúlio tinham se enraizado finalmente: o Brasil era para os brasileiros, não para comunistas ou lacaios do Tio Sam.

– Que chatice, porra! – disse Graça, aboletando-se no colo de Vinicius. Sua mão penetrou a camisa desabotoada dele. Ela usava uma túnica coberta de lantejoulas que reluzia ao sol. Era difícil olhá-la sem franzir os olhos. – Passe para a sessão de artes! – insistiu.

Obedeci. Ali, na primeira página da sessão, estava o nome de Sofia Salvador. A matéria era uma crítica de *Minha louca secretária*, que tinha sido legendado em português e finalmente lançado no Brasil meses depois da estreia nos Estados Unidos. Li em silêncio as primeiras frases.

O que Hollywood fez com nossa adorável cantora? Sua aparência se transformou num pesadelo de lantejoulas. Suas músicas estão longe de ser sambas.

– O que foi, Dor? – perguntou Graça.

– Nada – respondi e dobrei o jornal, fechando-o.

– Então por que parece que alguém acabou de bater as botas?

Pousei o jornal.

– Vamos tomar uma bebida, aproveitar os convidados. Quem sabe, a gente pode ir fazer compras depois.

Os olhos de Graça se estreitaram.

– Desde quando você quer que eu gaste bufunfa? Leia esse jornal.

– Não.

Antes que eu pudesse enfiar o jornal embaixo do braço e me levantar da cadeira, Graça saltou do colo de Vinicius e o arrancou da minha mão. Abriu na sessão de artes. Seus olhos se moveram para um lado e para o outro. O peito subiu e desceu como se ela tivesse acabado de disputar uma corrida. O jornal tremia nas suas mãos.

– O que diz aí? – perguntou Vinicius.

Graça enfiou o jornal de volta na minha mão.

– Leia para eles – rosnou ela. Quando balancei a cabeça, ela beliscou meu queixo, como se eu fosse uma criança desobediente. – Leia em voz alta. Eles merecem saber.

Comecei do início. Só quando cheguei ao meio da matéria, minha língua, tão seca que parecia grudar no céu da boca, começou a misturar as palavras.

– Mais alto – ordenou Miudinho.

Olhei para ele. Seus braços estavam cruzados no peito nu, o rosto desprovido de qualquer humor.

Seu conjunto – que oferecia uma autenticidade feroz capaz de cativar as plateias – agora parece um punhado de pássaros tristes e velhos com seus smokings de arco-íris. Eles ao menos estão tocando os instrumentos? Ou será que também venderam a alma para a máquina do cinema americano? O cinema onde este repórter assistiu a Minha louca secretária **estava silencioso como uma igreja, mesmo durante as supostas partes engraçadas do filme. Sem dúvida os brasileiros de verdade não acharam graça das**

piadas dos gringos, mas será que a Srta. Sofia Salvador achou?

Cozinha acendeu um cigarro. Noelzinho tirou o avental e deixou seu churrasco pingando sangue no prato.

– Feroz? – perguntou Banana. – Nós somos o quê, cachorros?

– Éramos – respondeu Noelzinho. – Agora somos pássaros tristes. Não sei o que é pior.

– Os pássaros voam – disse Graça olhando para a piscina. – Os pássaros sabem cantar.

– Depende do pássaro – reagiu Cozinha. – Alguns não fazem uma coisa nem outra. Alguns só servem para ser comidos.

Apesar das minhas objeções, pegamos os outros jornais e continuamos lendo.

Ela fica pior a cada filme, escreveu um crítico do *Jornal do Brasil* sobre *Tango mexicano.*

Quanto maiores os brincos, comentou outro crítico, *menor o bom gosto.*

Se ao menos as habilidades de Sofia Salvador como atriz pudessem se expandir com a mesma velocidade que a sua cintura!, dizia uma crítica de *Como te amo*.

Parece que a nossa rainha do samba se transformou no que nenhum dos seus fãs leais esperava, dizia um jornal. *Uma gringa.*

Vinicius pegou o jornal na minha mão e o rasgou ao meio.

– Se eu encontrar esses críticos escrotos na rua, arrebento a cara deles.

– Você não vai encontrá-los – disse Cozinha. – Porque a gente não pode voltar. Somos sacos de pancada em dois países agora.

– *Eu* virei gringa? – perguntou Graça. – Que filhos da puta idiotas! Eles não reconheceriam uma gringa nem se ela estivesse sentada no colo deles. Eu pareço branquela? Alguma vez danço fora do ritmo?

Eu só conhecia um modo de fazer com que Graça e os rapazes esquecessem aquelas críticas, ao menos por um momento: uma boa briga.

– Bom, sem dúvida seu bumbum não está encolhendo – falei. – Esse é o primeiro sinal de ser gringa, de modo que você está em segurança.

Os rapazes ficaram calados. Vinicius me olhou espantado. Os olhos de Graça se estreitaram. Ela pôs as mãos na cintura. Eu me preparei.

– Ter a bunda chata é um problema terrível – disse Graça, e sorriu. – Você sabe disso por experiência própria, Dor.

Vinicius soltou uma risada. Os outros rapazes rapidamente o acompanharam.

– Ei! Veja se eu tenho dois pés esquerdos! – exclamou Noelzinho, balançando os dedos dos pés.

Miudinho estalou os dedos.

– Espera aí, preciso garantir que não estou perdendo o ritmo.

Peguei meu caderno embaixo da cadeira.

– O que você está escrevendo? – perguntou Graça. – Uma carta para o editor?

– Uma letra – respondi.

Os rapazes pegaram os instrumentos. Fizemos um círculo de cadeiras, ignoramos os convidados, esquecemos a comida e, pela primeira vez em muitos meses, começamos uma roda juntos. Vinicius trouxe a cadeira para perto da minha. Graça se sentou ao lado dele. Ele leu os versos que eu tinha escrito no caderno: *Virei gringa. Não tenho mais ritmo. Todos sofremos do mesmo problema.*

– Acho que precisamos de um som bambo, quase bêbado, no começo da música. Como uma comédia – disse Vinicius.

Balancei a cabeça.

– Ela precisa ser cortante. É a nossa vingança.

Vinicius assentiu.

– Que tal começar com a cuíca, tão doce que quase pareça mau agouro, e aí Cozinha pega firme no reco-reco.

– Que nem uma cobra – falei. – Uma cascavel preparada para atacar.

– Isso! – respondeu Vinicius.

Graça bateu nos braços de metal da cadeira.

– Vamos tocar música nessa porcaria de roda ou vocês dois vão ficar de blá-blá-blá o dia todo?

Vinicius se virou para ela.

– Por que a pressa? Só estamos começando.

– Não. Você e Dor estão começando. O resto de nós está esperando que vossas altezas deixem a gente entrar.

Noelzinho olhou para seu tamborim. O resto dos rapazes me olhou. Nenhum deles abriu um sorriso.

– Ninguém precisa de um convite impresso em relevo para participar – disse Vinicius, com a voz fraca. – Estamos juntos nesta roda.

– Até parece – reagiu Graça.

– Por que você está arrumando briga? – perguntou Vinicius. – Estamos fazendo essa música para defender você.

Graça inclinou a cabeça para trás e gargalhou.

– Que grande gentileza de vocês, porra! Uma pena eu não ter inteligência para incluir um verso, nem sequer uma palavra.

– Se você quer cantar, então cante, pelo amor de Deus – disse Vinicius. – Ninguém está impedindo.

– Ah, a gente não iria interromper vocês dois, não é, rapazes? – respondeu Graça com a voz gelada. – Eu virei gringa e essa roda virou uma dupla.

– Então vamos começar de novo – falei e entreguei o caderno para Graça. – Você escolhe as palavras.

Ela largou meu velho caderno de letras no chão.

– Eu posso escrever minha própria letra, não preciso da sua. Não vou pisar de mansinho. Vamos começar com força: *Dizem que eu virei gringa*.

Cozinha raspou seu reco-reco. Miudinho dedilhou o cavaquinho. Um a um os outros rapazes entraram até que, juntos, hesitantes, encontramos a batida.

No dia seguinte começamos a filmar *Não desfrute dessa fruta*, o musical mais caro feito pelos estúdios Fox e que seria o último sucesso de Sofia Salvador.

"O musical mais louco, adorável, animado e inovador de todos os tempos!" – foi como a Fox divulgou. Mas *Não desfrute dessa fruta* tinha o mesmo enredo de todos os musicais do tempo de guerra chamados de "musicais de bastidores": os personagens faziam parte do show business e a história girava em torno de sua apresentação para as tropas. De novo Sofia Salvador não era a estrela. Em todo musical havia sempre uma loura no papel principal. Ela se apaixonava e cantava as canções românticas, mas todo mundo preferia olhar Sofia Salvador. Ela entrava em cada cena se requebrando, com seu corte de cabelo de rapazinho, a barriga à mostra e os brincos enormes, as pernas e os braços sempre em movimento.

Os sets de filmagem são lugares dolorosamente maçantes; até mesmo as maiores estrelas são obrigadas a esperar uma eternidade em trailers apertados. Para os rapazes do Lua Azul e para mim essa espera era dupla: o conjunto só era usado para filmar números de música e dança, e eu não era usada em nada. Durante aquelas horas tediosas Vinicius acompanhava Graça aonde quer que ela fosse, vigiando-a. Os irmãos e Noel jogavam baralho. Miudinho dava em cima das *Dumb Doras*. Cozinha descobria outros poucos músicos que havia na Fox. E eu me entocava no trailer de Graça e respondia às cartas dos fãs; autografava fotos lustrosas da *Brazilian Bombshell*, enviando-as para soldados, agricultores, contadores e adolescentes. No início da guerra várias sacolas de correspondências de fãs chegavam todo dia para Sofia Salvador, mas no fim havia no máximo uma, e sempre cheia apenas até a metade.

Uma semana depois do início das filmagens de *Não desfrute dessa fruta* houve uma batida à porta do trailer. Vinicius entrou. Usava um smoking roxo e segurava o violão pelo braço.

– Graça não está aqui – falei.

– Eu sei – respondeu ele em voz baixa.

– Se vocês estão brigando de novo, não se esconda aqui. Você sabe como ela fica quando se sente deixada de fora. É melhor pedir a um dos rapazes para dar cobertura a você.

– Não sou um moleque se escondendo da mãe. Estou com uma melodia na cabeça. Não consigo fazê-la sair.

Olhei as muitas Sofias Salvador na pilha de fotos à minha frente, risos diabólicos, lábios fartos, olhos bem abertos.

– Então diga aos rapazes. E a Graça. Vamos fazer uma roda hoje à noite.

Vinicius se deixou cair na cadeira ao lado da minha.

– Qual é, Dor. Hoje à noite vamos estar tão cansados que nem vamos querer olhar para os instrumentos. Ou vamos estar tão doidos de bolinhas que não vamos conseguir ficar parados o suficiente para tocar duas notas. Não quero esperar até o domingo para tocar. Até lá a música vai

escapar. Você sabe, uma vez uma garota inteligente me disse que a música não espera por nós. Disse que a gente não pode ignorá-la.

Na Fox tinham aparado suas costeletas e esticado seu cabelo para trás. Senti uma ânsia de desgrenhá-lo com as duas mãos, deixá-lo como era antigamente. Em vez disso pousei a caneta e perguntei:

– O que você tem aí?

Depois disso, durante as filmagens daquele filme, trabalhamos todos os dias em segredo. As músicas que compusemos não eram para Sofia Salvador e o Lua Azul, mas para nós mesmos. Naqueles trailers da Fox que pareciam latas de sardinha não podíamos nos arriscar a fazer barulho demais, por isso Vinicius tocava o violão suavemente e eu mantinha a voz quase num sussurro. Muitas grandes descobertas começam como erros, e a nossa não foi diferente: sem querer Vinicius e eu criamos um gênero supostamente impossível: um samba calmo.

Os historiadores ainda discutem se foram Sofia Salvador e o Bando da Lua Azul ou o nosso duo – Sal e Pimenta, o nome que Vinicius e eu nos demos – os criadores desse estilo radical de samba calmo que inspiraria, uma década depois, outra ramificação do samba: a bossa nova de fala macia. Nem sei por que existe essa discussão. Siga a música e você vai encontrar a resposta.

Nos dias de folga das filmagens de *Não desfrute dessa fruta*, Vinicius e eu mentíamos para Graça e os rapazes. Ele dizia que fazia longos passeios de carro para espairecer. Eu dizia que ia visitar Chuck Lindsay para falar de negócios. Quando essas desculpas pararam de funcionar, Vinicius e eu começamos a sair no meio da noite, enquanto Graça e os rapazes dormiam. Íamos a um estúdio alugado perto da Disney e gravávamos nossas músicas novas.

A goma-laca usada para fazer discos estava escassa por causa da guerra, por isso o vinil foi introduzido como alternativa. Era mais durável do que a laca e podia ser enviado pelo correio para outros países sem se partir em mil pedacinhos. Assim, mandamos em segredo nossas matrizes inquebráveis para Madame Lúcifer, no Brasil, e ele as repassou aos disc-jóqueis das rádios do Rio, jamais mencionando nossa associação com o Bando da Lua Azul ou Sofia Salvador, porque isso nos condenaria de saída. Não, nós éramos algo novo, algo diferente. A profundidade e a precisão do violão de Vinicius – o único instrumento que usávamos, além de um reco-reco ocasional – deixavam nossas melodias nuas e vulneráveis. Não estavam cobertas por camadas de percussão. E minha voz, rouca e com alcance limitado, era perfeita para esse samba lento e baixinho que tínhamos criado por acidente. Éramos Sal e Pimenta, o perfeito par de opostos e o único complemento um do outro.

A estrela de *Não desfrute dessa fruta* tinha o apelido de “Santa Loura”. Os figurinos de Sofia Salvador eram mais caros e mais elaborados do que os dela, seus números musicais eram mais complexos, seu trailer mais luxuoso. Todo mundo no set sabia disso, mas a Santa Loura preservava sua autoridade. Havia boatos de que ela era protegida de Zanuck e visitava o escritório dele todas as tardes para rolar em seu enorme sofá. Isso significava que até o

temperamental diretor do filme era obrigado a atender aos seus caprichos. Ela mantinha uma caixa de palavrões no set, um cofrinho em que a Santa Loura fazia a pessoa colocar uma moeda sempre que dizia algum palavrão.

– Não vou pagar nenhum centavo – disse Cozinha em voz alta, em português. – Ela não sabe se eu estou falando do filme ou da bunda dela.

– E que bunda! – disse Miudinho. – Vamos fazer uma aposta: quando a filmagem acabar, eu vou fazer a Santa Loura soltar uma chuvarada de palavrões comigo, no trailer. Caramba, depois a gente até vai escrever uma música sobre isso.

– Já tenho o primeiro verso – disse Vinicius. – *Era uma vez uma rainha do gelo que congelou o miudinho do Miudinho.*

Cozinha levantou o dedo mindinho.

– *Em vez de um pinto, tenho agora um picolé!*

A Santa Loura olhou por cima do ombro, na nossa direção.

– Shhhhh! – sibilou.

Miudinho deu uma piscadela para ela. Os olhos da estrela se arregalaram. Ela cruzou os braços e saiu pisando firme, trombando em Graça na saída.

– Quem enfiou um marimbondo no cu da Santa Loura? – perguntou Graça.

– Miudinho – respondeu Noel.

– Não era um marimbondo que eu estava imaginando colocar ali – sussurrou Miudinho, e todos nós começamos a rir, segurando os braços uns dos outros e dando tapas nos ombros, sem nos importarmos com a equipe e o elenco em volta, como nos velhos tempos.

Quando chegamos ao set no dia seguinte, havia cartazes colados nas portas dos nossos trailers, no carrinho do café e no quadro de cortiça do lado de fora dos banheiros.

Este é um set onde só se fala INGLÊS.
Apoie nossos soldados! Tenha orgulho de ser americano!

Esse era o dia em que iríamos filmar nosso número musical mais longo e complexo. Toda a sequência – de quinze minutos – seria filmada usando apenas uma câmera, que se movia em trilhos. Assim que a música e a dança começassem, só poderíamos parar no final.

Os rapazes do Lua Azul usavam calças pretas simples e camisas brancas abertas no pescoço. Vinicius e Noelzinho ficaram sentados no trailer de maquiagem durante uma hora enquanto os maquiadores bronzeavam seu rosto e seu peito. Quando saíram, estavam laranja como cenouras. Num dia normal implicaríamos com os rapazes por usar maquiagem. Mas naquele dia em particular todos estávamos digerindo o significado dos cartazes de “só falar inglês”. Em vez de provocá-los, ficamos sentados calados, esperando.

Graça apareceu ao nosso lado. Seu vestido azul-escuro tinha uma fenda subindo até a coxa. Morangos do tamanho de punhos cobertos de lantejoulas estavam costurados ao longo da saia e pendurados sobre os seios. Dois figurantes musculosos, sem camisa, apareceram. Atrás deles um

treinador de animais guiou dois bois enormes para o set. Eles puxavam uma carroça cheia de bananas cenográficas.

– Srta. Salvador – gritou um assistente de produção. – Eu a ajudo a subir.

– Onde? – perguntou Graça.

– Aqui – disse o assistente, apontando para a carroça.

– A gente vai aí?

– Ah, não – respondeu o assistente. – Só a senhorita. O conjunto puxa a carroça.

Todos ficamos em silêncio. Graça olhou para mim.

– No roteiro não diz nada sobre nenhuma carroça nem animais – falei com o assistente.

– Eles são totalmente mansos – disse o treinador de animais.

O assistente de produção sorriu.

– Sofia Salvador fica escondida aqui, no meio das bananas, e de repente aparece. Isso torna sua entrada mais dramática. Foi ideia do Sr. Zanuck. Não se preocupem em puxar a carroça, os animais vão fazer todo o trabalho – disse o assistente, cheio de animação.

Um dos bois levantou o rabo. Uma pilha de pepitas marrons e pungentes caiu no tapete verde do set.

– Não vou fazer isso – disse Cozinha em português.

Graça suspirou.

– É só um animal, não precisa ter medo...

– Não estou com medo – respondeu Cozinha levantando a voz. – Sou músico. Não puxo carroça.

– Nunca mais vamos poder mostrar a cara no Brasil – interrompeu Miudinho.

– Já não podemos mostrar agora – disse Graça. – Qual é a diferença?

– Não é tão ruim – observou Noel. – *Deve* ser um número idiota de boate. Já vimos números piores do que esse uma dezena de vezes nas boates do Rio.

Graça assentiu.

– É para ser um negócio exagerado. Todo mundo que assistir vai entender.

– Vai? – perguntou Vinicius olhando para mim.

– Como ela iria saber? – perguntou Graça, cruzando os braços sobre os seios reluzentes. – Dor não é a diretora, porra.

Miudinho balançou a cabeça.

– Somos ótimos músicos e eles estão fazendo a gente parecer uns patetas. Você nunca veria uma orquestra de *swing* americana fazendo esse tipo de merda. Eles usariam smokings e teriam uma aparência respeitável.

– Não podemos dar para trás agora – falei. – Especialmente se foi ideia do Zanuck.

– Então o Zanuck pode fazer a gente parecer uns jumentos? – perguntou Cozinha.

– Claro que não – disse Banana. – Porque não vou fazer isso.

– Eu também não – concordou Miudinho.

O rosto de Graça empalideceu.

– Vocês acham que eu gosto disso? – perguntou ela apontando para os morangos gigantes

pendurados no vestido. – Nós estamos fazendo um show, é tudo de mentirinha. Pode parecer idiota agora, mas quando for filmado e a gente estiver numa tela de cinema, vai ficar diferente.

– Com você tudo é “nós” – disse Cozinha. – Até o momento em que “nós” não podemos pôr os pés no Mocambo Club com você porque não deixam pessoas do nosso tipo entrar. Até o momento em que “nós” não podemos andar no tapete vermelho quando nossos próprios filmes estreiam porque o estúdio não gosta da nossa aparência. Aí você não faz mais parte do “nós”, não é? Aí você é Sofia Salvador e nós somos só um conjunto qualquer. Bom, eu não vou puxar carroça nenhuma, nem de mentirinha.

– Então vocês vão me deixar na mão? – perguntou Graça.

– Não vamos deixar ninguém na mão – respondeu Miudinho. – Só não vamos puxar aquela carroça.

– É só um minuto de uma cena – disse Graça. – Se vocês não podem fazer isso por mim, não se deem ao trabalho de me apoiar em mais nada.

– Ninguém vai a lugar nenhum – declarou Vinicius. – Vamos nos acalmar.

– Não me mande me acalmar – reagiu Cozinha. – Você não é mais o líder deste conjunto.

– Desde quando? – perguntou Vinicius.

– Desde que você e Dor fizeram seu próprio conjunto – respondeu Cozinha.

Vinicius me encarou com os olhos arregalados.

– Ela não contou a ninguém – disse Graça. – Nós não somos idiotas. Todo mundo sabe que vocês dois andaram gravando pelas nossas costas.

– Não foi pelas costas de vocês – gaguejei. – É um som diferente.

– Um som que nós não somos capazes de fazer – disse Miudinho.

– Não – contrapôs Vinicius, passando as mãos pelos cabelos. – É só que fica melhor com duas pessoas. Não é nada sério. É só por diversão.

– Só por diversão? – perguntei a ele.

Graça gargalhou.

– Está vendo, Dor? É só uma diversãozinha. Não significa absolutamente nada.

– Nós nem deveríamos estar discutindo isso – falei. – Você tem um número para filmar e é melhor convencer os rapazes a filmar a cena. Não vou mais mexer os pauzinhos nos bastidores para você.

– Ótimo – disse ela, ainda me encarando. – Vou filmar sozinha. Vou puxar a porra da carroça com minhas próprias mãos, se for necessário. Não preciso de vocês.

Cozinha gargalhou.

– Então é assim? Quem vai tocar com você? Uns gringos?

Graça pôs o rosto perto do dele, os narizes quase se tocando.

– As pessoas compram ingressos para ver a mim, não para ver vocês.

– Então puxe a carroça, gringa – respondeu Cozinha.

Graça cambaleou para trás. Noelzinho segurou-a.

– Por que não esfria a cabeça um pouco, Cozinha? – gritou ele.

– Vai querer mandar em mim? – respondeu Cozinha em voz baixa.

Miudinho se colocou entre eles.

– Vamos dar um tempo. Acho que todos nós...

– Apenas inglês! – gritou uma voz esganiçada.

O assistente de produção pessoal da estrelinha loura veio andando imperiosamente na nossa direção.

– Vocês estão atrasando a tomada – disse. – O diretor vai voltar em cinco minutos e vocês nem ocuparam seus lugares.

– Esta é uma conversa particular – falei.

– Então talvez devessem conversar em particular, não no meio do set. Se vão conversar aqui, tem que ser em inglês. Não sabem ler as placas? Ou precisam que tudo seja escrito em espanhol?

Seria sensato ignorá-lo, ignorar a Santa Loura e concentrar meus esforços em pôr Graça e os rapazes na frente da câmera. Anos antes eu faria isso. Mas já fazia um tempo que estávamos ralando nos filmes de Hollywood e toda a nossa paciência havia se esgotado. Por isso ignorei aquele assistentezinho imundo e me virei para Cozinha.

– Me dá cinquenta dólares – ordenei.

– Por quê?

– Meu Deus, apenas me dê o dinheiro!

Ele enfiou a mão no bolso, tirou o clipe de dinheiro e me entregou uma nota de cinquenta. Ignorei o assistente, passei por ele e por outros até chegar à loura. Ela estava sentada com maquiagem e figurino completos, tomando refrigerante de canudinho e olhando para nós. Ao seu lado um dos seus assistentes segurava a caixa de palavrões embaixo do braço. Apontei para a caixa e enfiei a nota de cinquenta dólares dentro.

– Pronto – falei, me dirigindo à Santa Loura num inglês quase impecável. – Agora podemos mandá-la se foder quantas vezes quisermos.

A história da caixa de palavrões apareceu numa coluna de fofocas de Hollywood sem me citar. Era uma briga de mulheres entre Sofia Salvador e a Santa Loura – a temperamental *Brazilian Bombshell* com ciúme da outra estrela. Fui apagada da história com a mesma facilidade com que o Bando da Lua Azul foi apagado da cena. E como essa versão da história foi publicada nos jornais, foi assim que as pessoas se lembraram dela mais tarde. Ninguém se lembrou dos cartazes de “só falar inglês” no set. E ainda que todo o elenco e a equipe tivessem me visto encher a ridícula caixa de palavrões da Santa Loura, anos depois, quando os biógrafos de Sofia Salvador e da Santa Loura publicaram entrevistas em seus livros, os membros da equipe só confirmaram o relato da coluna de fofocas. Não fiquei surpresa; a história era melhor e, no final das contas, é isso que todo mundo quer.

Na realidade a Santa Loura me acusou de ameaçá-la e agarrá-la. (Não me lembro disso; os instantes depois de eu enfiar dinheiro na caixa de palavrões são um borrão de vozes exaltadas, berros e passos ressoando no set.) Independentemente do que tenha acontecido, a lourinha fez

uma elaborada representação de vítima para o diretor, dizendo que temia pela própria segurança. Recebi a ordem de sair da Fox e não voltar mais. Segundo o diretor, eu tive sorte de ele não mandar a polícia do estúdio me prender. Estava fazendo um grande favor a Sofia Salvador me mandando embora.

Antes de ser escoltada para fora me deram permissão para ir ao nosso trailer pegar minhas coisas; não tinha nada de importante ali, mas eu queria ver Graça. Parte de mim esperava que ela fosse embora comigo, sem filmar a cena de *Não desfrute dessa fruta* e fazendo toda a produção parar.

Graça se olhava no espelho do trailer. Ela soltou os enormes brincos de morango e os largou na penteadeira com uma pancada. Seus olhos passaram rapidamente por mim.

– Aí está a heroína – disse.

– O quê?

– Você está dando aos rapazes exatamente o que eles querem: uma desculpa para me deixar na mão, para não terminar o que todos nós começamos.

– Os rapazes podem ficar se quiserem.

– Mas não vão ficar. Se você for, eles também vão.

– Houve um tempo em que você teria me dado os parabéns pelo que fiz lá fora. Eu defendi você.

– O que quer que tenha sido, não foi por mim.

Pus a mão no seu ombro.

– Você não precisa voltar lá. Não precisa fazer aquela cena.

Graça se soltou.

– Não somos mais crianças da Lapa. Não podemos arrebentar a cara dos outros ou fazer com que as pessoas de quem a gente não gosta desapareçam.

Seu olhar encontrou o meu no reflexo do espelho. Segurei o encosto da cadeira com força.

– Se eu não for lá filmar, a Santa Loura e a equipe vão dizer que nós somos um bando de animais sem profissionalismo. É isso que eles querem, você sabe. Querem que a gente desista. Querem dizer a todo mundo que a gente não consegue. Bom, não vou dar esse prazer a eles. Vou fazer aquela cena nem que isso me mate.

– Não exagere. É só música e dança.

– Bom, estou cansada disso.

– Bom, era o que você queria.

– É mesmo? – perguntou ela, depois virou os olhos para ver o próprio reflexo. – Estou engordando de novo. Quando esse filme acabar, eles vão me mandar para alguma clínica no deserto, onde nos fazem passar fome e enfiam água no nosso cu para limpar as tripas. Vou voltar magra ou morta. Mas pelo menos, quando a gente está morta, não decepciona mais ninguém.

Um zumbido incessante, minúsculo, preencheu meus ouvidos.

– Você não me decepciona.

Graça balançou a cabeça.

– Não trabalho o suficiente. Não ensaio o suficiente. Estou arruinando a voz com esses

cigarros. Como demais. Durmo tarde demais. Gasto demais.

– Eu digo essas coisas para ajudar você a ser melhor.

– Não quero ser melhor! – disse Graça, irritada. – Quero ser quem eu sou.

– E quem é você?

– Nem sei mais, graças a você.

– Faça-me um favor: não venha com essa de bancar a artista atormentada. Você nunca sofreu um dia na vida.

– Sofro todo dia, sabendo o que sei.

O peito de Graça estava com manchas vermelhas, como se ela tivesse tocado numa urtiga.

– E o que você sabe?

– Você só está aqui por minha causa. Eu salvei você. Sempre salvo você. Mas você nunca me salva. Você só salva a si mesma.

Hoje em dia mostram a cena musical de Sofia Salvador em *Não desfrute dessa fruta* em aulas de cinema, como exemplo das produções exageradas da época. Eu mesma a assisti dezenas de vezes. Mesmo pelos padrões de hoje, o Technicolor é de uma luminosidade chocante. A câmera faz panorâmicas sobre o que parece ser água (é um carpete azul) chegando a uma enorme terra exótica (carpete verde salpicado com bananeiras de cetim) coberta por jovens idênticas: todas usando turbantes de um azul intenso. À medida que a música fica mais alta, as moças da ilha dançam. A carroça aparece. Andando ao lado da carroça, olhando nervosos para os bois, estão cinco homens musculosos, sem camisa, que o diretor pegou emprestado em outro set.

Os únicos rapazes do Lua Azul no set eram Vinicius e Noelzinho, que ficaram para apoiar Graça durante o número, mas não apareceriam no filme. Ficaram atrás da câmera, assistindo. Assim que a música dublada começa a tocar, Sofia Salvador surge de dentro da carroça. Nesse momento todo mundo em volta dela: as jovens da ilha, os homens musculosos – nada disso existe mais. Só Sofia Salvador importa.

> “Ah, por que é que todo mundo sempre para e olha,
> prestando atenção em tudo que eu faço?
> Pensam que não tenho preocupação
> porque eu sou a dona do pedaço!
> Os homens querem ver tudo que eu tenho,
> duvidam que alguém possa ter tanto desembaraço!
> Mas não desfrute dessa fruta, não,
> porque eu sou a dona do pedaço!”

É sua primeira e última música cantada totalmente em inglês e totalmente sozinha. Ela dá

uma piscadela para a câmera e desce da carroça. Toca um xilofone. Balança os braços. Sorri. Entra e sai das fileiras de moças idênticas. Dois homens sem camisa levantam Sofia Salvador bem alto. (O diretor quase foi censurado por isso; alguns grupos cristãos acharam vulgar, mas a Comissão Hays deixou que ele mantivesse essa tomada no filme.)

> "As senhoritas brasileiras, doces e sestrosas,
> não mostram suas frutas para qualquer devasso.
> Mas quando nós mostramos, são sempre as melhores.
> Porque somos as donas do pedaço!"

Sofia Salvador balança e sorri. A câmera faz uma panorâmica ampla. Há paredes de espelhos ao redor dela, fazendo parecer que a Sofia original se multiplicou em centenas, depois milhares – um caleidoscópio de cores e sorrisos reluzentes, movendo-se até o infinito. É um truque óbvio, e é obviedade que o torna genial.

Segundo boatos, toda a equipe aplaudiu quando o número terminou, a não ser pela estrela loura, claro. Depois que eu saí, Graça fez toda essa cena complicada numa única tomada perfeita.

A casa na Bedford Drive estava vazia. Graça, Vinicius e Noel continuavam na Fox. Os outros rapazes tinham ido cada um para um lado: uns foram para a Showboat, alguns saíram com garotas, outros foram passear de carro. Para onde eu iria depois de ter sido expulsa? Qual era o meu lugar?

Você só está aqui por minha causa.

Subi arrastando os pés pela escada curva, pretendendo me trancar no meu quarto. Em vez disso vi que a porta da suíte de Graça e Vinicius estava aberta.

A cama estava desfeita, os lençóis embolados. Acendi os abajures. O closet de Graça era quase tão grande quanto o próprio quarto e, por insistência dela, era pintado de rosa flamingo. Os varões dos cabides eram reforçados com suportes em cada extremidade para aguentar o peso dos figurinos. Parte de seu acordo com a Fox era que ela receberia menos por não ter contrato de exclusividade, mas poderia ficar com todo o guarda-roupa, inclusive as bijuterias. Agora os figurinos de cada número de dança pendiam daqueles grossos suportes de latão como as carapaças vazias de algum inseto estranho, exótico – iridescentes, rígidos, até mesmo afiados. Tive o cuidado de não passar as mãos por eles enquanto examinava o closet.

Nas prateleiras acima dos figurinos havia cabeças de manequins – sem rosto e sem cabelo – que usavam os chapéus, as tiaras, as boinas e os adereços com penas, cheios de pedrarias. E havia a parede de gavetas repletas de pulseiras e colares, além dos brincos enormes, de pressão. No fundo do closet, espremido entre suportes de sapatos e gavetas de lingerie, havia um espaço estreito com as roupas de domingo: alguns trajes de banho e dez vestidos, idênticos a não ser

pela cor. Eram simples e feitos com o algodão mais fino que eu já havia tocado. Graça só usava esses vestidos em casa, quando não era Sofia Salvador.

Olhei meu relógio: na certa os rapazes estavam a caminho de se embebedar estupendamente. Graça ainda devia estar filmando sua música e a coreografia.

Sempre salvo você. Você nunca me salva.

Sua penteadeira era um laboratório de cremes e tônicos, frascos de vidro com conta-gotas de borracha, chumaços de algodão usados, lenços de papel amarrotados, cílios presos na superfície da mesa como insetos esmagados. Soltei um suspiro profundo e me sentei na banqueta. Meu chapéu estava torto, com os grampos repuxando o cabelo. O cacho lateral em que eu tinha tentado transformar meu cabelo liso e curto estava frouxo, parecendo uma tortilha achatada, não uma onda. Tirei o chapéu. Os batons de Sofia Salvador estavam espalhados em cima da penteadeira, na maioria sem as tampas. Não eram do tipo de farmácia, que comprávamos nos nossos primeiros tempos no Brasil, mas de marcas chiques, em tubos dourados, parecendo joias pesadas na minha mão. Girei um. Cheirava a cera e baunilha.

Olhei minha boca nua no espelho, os lábios finos e sem vida, com os cantos curvados para baixo. Passei o batom neles, depois fechei os olhos e esfreguei os lábios um no outro. Tinha um gosto bom e era muito macio. Passei mais, delineando para fora dos lábios, para deixá-los mais cheios, como Sofia fazia. A cor era espantosa. Era de um coral luminoso, mais laranja do que vermelho. Eu precisava equilibrar aquilo de algum modo. Passei uma esponja de pó nas bochechas e depois dei batidinhas com ruge. Dentro da gaveta da penteadeira havia um par de brincos: de pressão e no formato de rosas, grandes como o punho de uma criança. Abri as presilhas e os prendi nos lóbulos.

Houve um barulho lá embaixo. Dei as costas para o espelho e me virei para a porta entreaberta do quarto de Graça. Prestei atenção, prendendo o fôlego, para ver se havia passos na escada. Será que algum dos rapazes teria voltado para casa? Meu coração deu um pulo – seria Vinicius? Será que ele teria abandonado Graça para ver como eu estava? Imaginei-o subindo a escada e não me encontrando no meu quarto, e sim no dele e de Graça.

Saltei para a porta e fechei-a em silêncio, virando a chave. Quando me sentei de novo diante da penteadeira, tomei um susto com meu reflexo. O pó de arroz me deixava pálida. Os círculos de ruge eram desiguais. O batom, brilhante demais. Os lóbulos das orelhas latejavam e ardiam com o peso daquelas rosas. Eu parecia uma bêbada que tivesse tropeçado numa mesa de maquiagem. Esfreguei os olhos com as mãos. O barulho lá embaixo havia parado; era o vento ou só a casa velha estalando. De qualquer modo, eu estava sozinha e tinha ficado ali por tempo demais. Tirei os brincos, peguei uma quantidade generosa de creme demaquilante e limpei a sujeira que eu tinha feito.

O exílio e a fama têm efeitos semelhantes: qualquer um dos dois torna seu mundo mais estreito, e as únicas pessoas que você consegue suportar – as que nos entendem de verdade – são as que

estão no mesmo barco.

Depois do final das filmagens de *Não desfrute dessa fruta*, havia um peso sobre todos nós – Graça, os rapazes e eu –, sobre nossos ombros, tornando difícil fazer qualquer movimento, comer, conversar uns com os outros. Nossa briga no set da Fox tinha mudado as coisas e todos nós sentíamos isso. Cada um se sentia traído ao seu modo.

Ficamos juntos em Los Angeles, sob o mesmo teto, mesmo depois que as filmagens terminaram, em parte porque não tínhamos dinheiro suficiente para voltar para o Brasil, em parte porque o Brasil não nos queria de volta. Estávamos unidos pelas intimidades lancinantes do exílio e da fama.

Três dias depois do fim das filmagens e antes de Sofia Salvador ser despachada para outra clínica de emagrecimento, Vinicius e eu tínhamos nossa reserva no meio da noite no estúdio perto da Disney, onde geralmente gravávamos em segredo as faixas do duo Sal e Pimenta. Mas naquela noite não conseguimos sair de fininho deixando Graça e os rapazes; eles saberiam exatamente aonde iríamos e o que faríamos. Parecia indigno.

– Nós já pagamos pela sessão – disse aos rapazes e a Graça, reunidos ao lado da piscina. – Seria uma idiotice desperdiçar.

Assim, nos amontoamos no DeSoto e, pela última vez, fomos todos juntos para o estúdio de gravação. Ali compusemos músicas no ato. Estendemos aquelas canções – tocando-as cada vez mais e mais devagar – até não podermos esticar mais. Graça cantou uma nota até o som se esvair, depois fez uma pausa. Essas pausas são tão longas que, quando a gente ouve o disco (o último que fizemos juntos, como um grupo), pensa que a voz dela desapareceu. E, como ouvinte, há um momento de pânico, um momento em que nos perguntamos: o que vai sustentar esse silêncio, esse vazio? Então a gente ouve Graça respirar. Ouve as pontas dos dedos de Vinicius se preparando para dedilhar o violão. Ouve Miudinho fungar. Ouve Cozinha soltar um pequeno suspiro. Ouve Noelzinho, Banana e Bonito mexendo os pés ou lambendo os lábios. Está tudo ali. E nós gravamos – até esses erros – porque faziam parte do momento, daquelas últimas baladas, daquela noite terrível em que suamos juntos naquele estúdio apertado e sufocante em Los Angeles, onde estávamos exilados de casa e agora uns dos outros, com apenas a música a nos consolar.

ENTRE NÓS

Tudo era farra
entre nós.
Tudo era brincadeira
entre nós.
Tudo era
uma aposta qualquer,
um dar e receber,
um riso, um toque contido,
um cigarro dividido
entre nós.

Tudo era uma conversa
quando os outros dormiam.
Tudo era uma caminhada
pela praia enluarada.
Tudo era
sua voz,
seu perfume,
sua boca envolvendo
os segredos
entre nós.

Caí da corda bamba
e não havia rede.
Mergulhei na correnteza
e não havia salva-vidas.
Bebi o veneno
e não havia antídoto.
O tempo todo sabendo
que não podia haver nada
entre nós.

Tudo era uma canção

entre nós.
Tudo virou tensão
entre nós.
Tudo era
um poema,
uma oração,
um pedido
entre nós.

Caí da corda bamba
e não havia rede.
Mergulhei na correnteza
e não havia salva-vidas.
Bebi o veneno
e não havia antídoto.
O tempo todo sabendo,
que não podia haver nada
entre nós.

Mas a esperança é meu talento
A paciência também
Não é difícil esperar
quando não resta nada além.
Nem tudo está perdido
entre nós.
Tudo teve o seu preço
entre nós.
Tudo pode ser
lembrado
e esquecido
e perdoado
entre nós.

Quando eu era jovem, participava de rodas diariamente. Escutava. Esperava. Fiz uma promessa à música: estarei aqui, abrirei um espaço dentro de mim para você. Mostrei que era dedicada, e em troca ela me recompensou com palavras, com a própria criação. Nesses momentos havia a paixão de um caso de amor porque a música exigia meu tempo, minha atenção absoluta, minha devoção completa. E enquanto eu me entregasse totalmente ao seu serviço, a música permitiria que eu penetrasse nela, imersa num espaço onde o tempo não existia.

Alguns artistas, se forem sábios e tiverem sorte, podem permanecer fiéis ao seu trabalho durante a vida toda, dedicando-lhe o tempo e a atenção que ele merece. Outros nos desgarramos. Paramos de abrir um espaço dentro de nós; ignoramos quando ele nos chama; inventamos desculpas. Depois da morte de Graça não fiz nenhuma música durante vinte anos. Vinicius aparecia com seus aparelhos de rádio, toca-discos e convites para boates, e isso me ajudou a voltar a escutar, mas não a criar. Havia momentos – na verdade lampejos – em que eu escutava uma melodia na cabeça ou pensava em palavras e corria para escrevê-las. Pedaços de papel se espalhavam nos meus apartamentos sujos como folhas caídas.

Então Vinicius me arrastou para um estúdio de Las Vegas com aquele jovem da Tropicália, e foi como se uma porta trancada se abrisse dentro de mim. Lentamente, no decorrer de meses, comecei a virar a maçaneta e dar uma espiada do outro lado. Cortei o cabelo. Comecei a tomar banho com maior regularidade e a comer refeições que consistiam em mais do que pão dormido e ovos fritos. Comprei roupas novas. Não parei de beber – pelo menos imediatamente –, mas senti que precisava menos da bebida. Comecei a acompanhar Vinicius em suas idas ao estúdio de gravação, mas não participei como naquela primeira vez. Naqueles meses senti como se tivesse voltado de um longo exílio e visse com novos olhos pessoas que antes me eram familiares.

Estava com 53 anos, e Vinicius com 62. Ele fumava demais. Tinha rugas no rosto e um tufo de cabelos grisalhos no topete. Era bonito, de um modo ferido, que as mulheres ainda adoravam; toda semana tinha uma garota nova na cama. Mas ainda que as mulheres fossem novas, as músicas não eram. Sem mim, ele não tinha composto nada novo. Havia passado as duas décadas

anteriores tocando e regravando nossas músicas velhas e dormidas.

Numa das minhas visitas àquele estúdio apertado em Las Vegas, escutei Vinicius e outro músico exilado gravando nossas mesmas faixas, mas com uma levada tropicalista. O resultado era dolorosamente exuberante, como alguém obrigado a sambar com o tornozelo quebrado.

– Esse som está ridículo – anunciei.

Vinicius pediu que os outros músicos saíssem do estúdio.

– Você é uma tremenda figura – disse ele. – Fica de fora durante vinte anos e agora vem dar opinião?

– Eu sempre tive opinião, só não dizia.

– Talvez fosse melhor assim.

Havia uma dor aguda e familiar dentro de mim, uma dor que surgiu depois de anos de entorpecimento. Por um instante foi terrível demais para suportar. Minha boca secou. Olhei ao redor procurando uma garrafa de cerveja, um copo pela metade, qualquer coisa que me ajudasse. Só havia Vinicius – um velho com topete grisalho e ombros encurvados – fumando na minha frente. Arranquei o cigarro dos lábios dele e enfiei entre os meus.

– Isso que vocês estão tocando é constrangedor – falei. – Você é muito melhor que isso.

– Você é a pessoa mais egoísta que já conheci. Eu achava que era Graça, mas é você. Sempre foi você.

O nome dela, dito em voz alta, fez com que eu me encolhesse.

– Se é egoísmo dizer a verdade, que seja. Pode me fazer de vilã. Estou acostumada.

Vinicius se enrijeceu.

– Você não tem o direito de vir me dizer a verdade agora. Você me abandonou. Cozinha está morto. Com o derrame, Miudinho não pode mais tocar. Não podemos ir para casa porque aqueles escrotos militares estão jogando pessoas como nós de helicópteros. Tudo está uma merda, e onde você esteve esse tempo todo? Sentada num apartamento imundo como uma porra de um zumbi.

Ele se deixou cair numa cadeira e esfregou os olhos com a mão. Ajoelhei-me ao seu lado.

– Estou aqui agora – sussurrei. – Você me ajudou a acordar. E isso é bom, porque essa música que você está fazendo é realmente uma merda.

Vinicius me encarou com os olhos úmidos.

– Vá para o inferno, Dor.

– Não posso. É longe demais.

– De quê?

– De você.

Vinicius se levantou. Havia um piano no estúdio e ele foi até lá, levantou a tampa do banco e folheou as partituras que estavam dentro. Voltou com um caderno e um toco de lápis, jogando os dois no meu colo.

– Esse verso é bom – disse. – Escreva.

Balancei a cabeça. Ficamos nos olhando como dois tigres, esperando a menor mudança, o mínimo tremor de um músculo, como desculpa para atacar. Houve uma batida à porta. Um dos rapazes da produção enfiou a cabeça dentro.

– Vocês dois estão bem? – perguntou ele.

– Vá para casa – disse Vinicius ainda me encarando. – Dor e eu vamos trabalhar. Tranque a porta quando sair.

Ficamos sentados cara a cara, como nos velhos tempos. Começamos, nos engalfinhamos, paramos e começamos de novo. Suspiramos, fizemos birra, riscamos versos, amassamos páginas e as jogamos no chão. Minhas letras estavam duras e cheias de palavrões. As melodias dele eram cortantes e maldosas, com finais abruptos. Quando éramos jovens, conseguíamos lutar com as músicas durante a noite toda, mas os anos tinham cobrado seu preço. Depois de apenas algumas horas estávamos exaustos, suando e tremendo. Tínhamos uma canção insignificante para mostrar, em troca de todo aquele sofrimento. Nós a tocamos de novo, do começo ao fim.

– O que você acha? – perguntou Vinicius.

– Um desastre.

Ele pousou seu violão. Sua voz tremia.

– O que vamos fazer, Dor?

– Compor mais. Compor melhor. Fazer uma porra de um disco.

– Eu e você?

– Você tem companhia melhor?

Depois disso trabalhamos duro, ganhando energia diariamente. Ao compor, bebíamos apenas suco de maçã e enchíamos latas de lixo com guimbas de cigarro. Depois de alguns meses tínhamos mais músicas ruins do que podíamos contar, mas também tínhamos canções razoáveis que dariam para encher um LP. Vinicius pediu àqueles tropicalistas exilados, com seus cabelos compridos e calças justas, para irem ao estúdio ajudar na gravação. Depois de gravarmos a última faixa, um dos rapazes deu um beijo no meu rosto.

– Não sei o que vocês dois fizeram para dar à luz esse neném, mas ele é um verdadeiro monstro. No melhor sentido da palavra.

Com a ditadura, a censura no Brasil era rígida demais para que qualquer gravadora se dispusesse a vender nosso disco. Nos Estados Unidos da década de 1970 havia pouco interesse numa dupla de sambistas idosos. Nossos discos posteriores como Sal e Pimenta acabariam vendendo e sendo saudados como obras *cult* que, segundo os críticos, “prestavam homenagem ao estilo calmo que Sofia Salvador tinha inventado sozinha em seu último show”. Até mesmo nosso melhor trabalho era atribuído retroativamente a ela, mas não me importei. Aquela primeira gravação em Las Vegas – a que Vinicius e eu tínhamos lutado, suado e labutado para fazer – jamais viu a luz do dia. Isso poderia ter importado para a jovem Das Dores, mas para a velha a gravação bastava. Fiquei sentada naquele estúdio segurando o máster durante o que pareceram horas.

– Não é uma coisa linda? – falei com a voz embargada.

Vinicius parou atrás de mim. Pôs suas mãos grandes e enrugadas nos meus braços. Seu queixo se acomodou confortavelmente no vale entre meu pescoço e o ombro, a boca perto da minha orelha. Fechei os olhos me lembrando de um abraço semelhante. Alguma coisa cresceu dentro de mim: um calor que começou na base da coluna e se irradiou para cima e para fora. Era

familiar, mas ao mesmo tempo havia mudado: não era desejo, e sim outra coisa, uma semente nascida de uma fruta semelhante.

– Precisamos fazer outros discos, melhores – sussurrou Vinicius. – Você não pode sumir de novo. Preciso de você.

Pousei o disco e saí dos seus braços.

– Sabe o que Graça me disse naquela noite, no Copa? Que eu jamais poderia ser magnífica; que eu simplesmente forço minha presença a pessoas que são. Como ela. Como você.

– Quando estava com raiva, ela sempre dizia coisas que não significavam nada.

Balancei a cabeça.

– Ela não estava com raiva. Naquela noite, não. Eu é que estava.

– Você não poderia tê-la salvado. Assim que ela punha uma ideia na cabeça, sempre ia até o final. Nunca pensava nas consequências, só pensava em si mesma. E você sempre pensou em nós: em mim, nos rapazes. Sei o que você fez por nós. Sei há muito tempo, só era egoísta demais para enxergar você com clareza.

– E o que está enxergando? – perguntei, com medo de olhá-lo.

– Uma grande musicista. Minha parceira.

Quando olho para nossa vida juntos (uma vida só – porque estávamos entrelaçados demais), penso em nós dois como atletas numa corrida, lutando pelo mesmo prêmio. Às vezes Vinicius se adiantava, às vezes era eu. Quando nos casamos, eu estava com 54 anos e Vinicius com 63. Estávamos abatidos, machucados, mancando por causa da corrida até então, e nosso prêmio fora perdido muito tempo atrás, num quarto de hotel em Copacabana, décadas antes. Mas ali estávamos, Vinicius e eu, ainda juntos, e cada um via no outro os jovens que tínhamos sido, muito tempo atrás, e a gentileza que poderíamos ter esquecido se não estivéssemos juntos para nos lembrarmos dela. Dividíamos uma cama, dentre outras coisas, ainda que os boatos sejam verdadeiros: no decorrer dos anos Vinicius teve suas garotas e eu tive as minhas. Mas essas uniões eram provocadas pelo desejo, não pelo amor. A música só fizemos um com o outro.

ENTRE NÓS

O fim da guerra trouxe a libertação dos campos de concentração na Europa, desfiles sob chuvas de papel picado, soldados e marinheiros voltando para casa e beijando moças no meio da Times Square como uma cena num filme de Sofia Salvador em Technicolor. Mas por trás das cores, do confete, das músicas e danças havia uma ansiedade sombria, infecciosa, que permaneceu até muito depois do fim da guerra. Era como se o mundo tivesse lutado contra uma doença que nós mesmos houvéssemos provocado – um vício, na verdade –, que durou anos, nos deixou devastados, cambaleando, e expôs as partes mais mesquinhas e baixas da nossa natureza. Milhões de pessoas morreram. As bombas atômicas lançadas no Japão tinham despertado uma tecnologia que ameaçava todos nós. O mundo não sabia se a paz que havia custado tanto iria continuar, mas os Estados Unidos estavam determinados em seu júbilo. Não importava o que acontecesse, eles sorririam para as câmeras.

Nos meses depois da guerra o entretenimento era todo açúcar e nenhum tempero forte. O maior cantor do país foi obrigado a cantar uma música na qual latia feito um cachorro. Esperava-se que atores sérios escorregassem em cascas de banana para provocar gargalhadas. E Sofia Salvador dançava e cantava com suas saias reluzentes e blusas com a barriga de fora, apesar de se mover mais lentamente e seu corpo estar mais magro de um jeito macilento e encolhido, fazendo com que os figurinos parecessem um peso para ela. Nos poucos filmes que ela fez no pós-guerra, o Bando da Lua Azul ainda está lá, mas parece menos um conjunto alegre do que um grupo de enfermeiros plantonistas de olho na paciente.

Alguns rapazes do Lua Azul estavam economizando para voltar para casa – ou para o que quer que o Brasil tivesse virado durante nossa ausência de cinco anos. O dinheiro era escasso porque menos filmes significavam intervalos maiores longe da Fox. Banana, Bonito e Noelzinho compunham músicas para desenhos animados da Disney, esperando ganhar dinheiro suficiente para três passagens com destino ao Rio. Cozinha parou de dormir na casa da Bedford Drive e começou a percorrer as boates da Central Avenue, aprendendo bebop e jazz e ensinando elementos do samba a outros músicos. Miudinho se juntou com uma secretária da Disney e nós

mal o víamos. E todos tomávamos alguma coisa para ajudar a passar aqueles meses sombrios depois da briga no *Não desfrute dessa fruta*: álcool, pó, bolinhas, Demerol, Nembutal, codeína.

Ainda líamos os jornais do Leão, mas não havia mais matérias sobre Sofia Salvador e o Lua Azul; Gegê tinha ocupado o lugar deles como exemplo de decepção e perda. O fim da guerra trouxe imagens de libertação e novas democracias na Europa; o velho Getúlio não conseguia impedir que essa febre batesse à sua porta. Seus militares o depuseram. Seu precioso Estado Novo foi substituído por uma nova constituição e eleições de verdade. Eurico Gaspar Dutra se tornou o primeiro presidente democraticamente eleito no Brasil em quinze anos.

Os Estados Unidos e o Brasil eram grandes amigos outra vez, enquanto a Rússia se tornava um inimigo comum. O Comitê de Atividades Antiamericanas intimou pessoas da indústria cinematográfica suspeitas de serem comunistas. Em Hollywood houve enormes greves convocadas pelos sindicatos, seguidas por declarações dos estúdios, dizendo que os grevistas eram comunas e viados, ofensas que se tornaram intercambiáveis. A polícia de costumes invadiu o bar do Plaza Hotel e prendeu Sandy, minha antiga amante, e dezenas de outras mulheres “com inclinações sáficas”, arrastando-as para a cadeia com seus vestidos de gala e estolas. As greves atrapalhavam o cronograma de filmagens da Fox, o que puxou o freio dos nossos magros salários. Não podíamos pagar o aluguel da Bedford Drive. Falávamos sobre vender algumas bijuterias dos figurinos de Sofia Salvador e talvez fazer alguns shows em Las Vegas, que tinha se tornado um local popular depois da guerra. O problema era que Graça se recusava a ir para lá.

– Não vou me apresentar para um punhado de cactos numa porra de um deserto – declarou.

Quando Chuck Lindsay nos chamou ao seu escritório, nós nos preparamos para ser dispensados de sua lista de clientes. Em vez disso ele balançou um telegrama amarelo em sua mão de unhas bem cuidadas.

– A Aerovias Brasil quer contratar vocês! – disse, incrédulo.

– Para um anúncio? – perguntou Graça.

Lindsay balançou a cabeça.

– Para ir de avião de Miami ao Rio. Vai ser o dinheiro mais fácil que vocês já ganharam.

A Aerovias era uma companhia aérea brasileira que tinha ajudado os Estados Unidos durante a guerra, fazendo voos de carga. Em troca desse serviço recebeu o direito de fazer os primeiros voos internacionais de passageiros para o Brasil. Naquele tempo as viagens aéreas eram consideradas exóticas e um tanto perigosas; os passageiros precisavam ser tranquilizados. Quem melhor do que Sofia Salvador para mostrar a potenciais passageiros americanos que viajar de avião podia ser uma festa no céu? E que publicidade melhor a Aerovias poderia conseguir no Brasil do que ser a empresa a levar Sofia Salvador de volta para casa, para encontrar seus compatriotas? Parte do acordo oferecido era um show de boas-vindas no Rio, depois da nossa chegada. A Aerovias bancaria tudo, junto com a cadeia de jornais do Leão.

– Onde vamos fazer esse show? – perguntei a Lindsay.

Todos os cassinos do Brasil tinham sido fechados graças à lei antijogo do novo presidente. Visualizei Graça e os rapazes sendo obrigados a se apresentar num pequeno cabaré da Lapa ou num hangar de aviões vazio fora da cidade, como uma espécie de penitência por sua ascensão e

queda. Graça devia estar com a mesma preocupação, porque antes que Chuck pudesse me responder, ela segurou meu braço e disse:

– Vamos fazer no Copa. Não vou pôr os pés em outro palco. É o Castle ou nada.

O Castle, aquela fortaleza de marfim em Copacabana, que ditava o bom gosto e o estilo. O lugar que nos havia repudiado por sermos um conjunto de samba. O lugar que, anos antes, Graça e eu tínhamos admirado da praia num dia de manhã. Ela estava com um olho roxo causado por um dos seus pafúncios e, olhando o Copa, dissera que aquele era o bilhete de passagem para as estrelas.

Enquanto nos apinhávamos no escritório de Chuck Lindsay, pensei que a exigência de Graça era boba: sem dúvida seria impossível realizar um pedido assim, e a teimosia dela faria com que perdêssemos o único trabalho que nos ofereciam em meses, além da possibilidade de nos redimirmos em casa. Mais tarde percebi que ela estava certa em exigir a lua e as estrelas. Depois da guerra a mensagem era bem clara: os Estados Unidos e seus estúdios estavam cansados de Sofia Salvador. O cavalo de corrida da Fox tinha sido montado até ficar manco e seria facilmente substituído. O Technicolor estava fora de moda, o preto e branco era chique. Os musicais eram coisas do passado e os dramas de espionagem estavam se tornando um furor. Para onde poderíamos ir, senão para casa? E quando voltássemos ao Rio, não poderíamos fazer isso num palco pequeno, de cabeça baixa. Seria no palco que nos tinha sido negado por tanto tempo. Graça não queria redenção; queria vingança e ressurreição.

Ela posou com o piloto sorridente. Acenou e sorriu enquanto subia a escada de metal, entrando no avião. Levantou um dos pés com salto alto e beijou a lateral do avião como se ele fosse um galã num filme. Sentou-se na cabine e piscou para as câmeras. Era uma versão um tanto opaca de Sofia Salvador, vestida num conjunto de viagem carmim com debruns azuis, combinando com o logotipo das Aerovias.

– Eles não podem esperar que eu use um figurino da Fox. Eu nem passaria pela porta do avião! – tinha reclamado Graça quando a Aerovias expressou desapontamento por sua insistência em usar “roupas normais”.

Ela fez uma concessão: pendurados em suas orelhas, como brinquedos de criança, havia brincos feitos sob encomenda, na forma de aviões da Aerovias e cobertos de strass.

Quando embarcamos, recebemos certificados carimbados, como se já tivéssemos realizado alguma coisa só por entrar no avião. Sofia Salvador posou com seu certificado para o grupo de fotógrafos que nos acompanharia no voo. Então, assim que o piloto anunciou a partida, Graça foi para trás da seção isolada por cortinas, reservada para ela e o conjunto, tirou os brincos enormes, jogou o chapéu na cadeira ao lado e pediu um uísque – puro.

Durante as 48 horas de voo esgotamos duas vezes o suprimento de uísque do avião. Só viajávamos durante o dia. À noite paramos em Port of Spain e depois em Belém, onde dormimos em hotéis enquanto o avião era reabastecido e enchiam a despensa com mais birita. Eu também

tinha trazido uma pilha de comprimidos com as cores do arco-íris – bolinhas, Seconal, Nembutal e outras coisas –, esperando ter o suficiente para que eu, Graça e os rapazes suportássemos a viagem para casa.

A viagem de avião foi turbulenta e nós estávamos nervosos, mas não com o voo. Era porque sabíamos que era nossa última aventura juntos. Cozinha, Banana, Bonito e Noelzinho ficariam no Rio quando o voo da Aerovias voltasse a Miami. O restante de nós planejava estar naquele avião de volta para os Estados Unidos, retornando a Hollywood apenas temporariamente. Tínhamos um último compromisso com a Fox e uma casa cheia de figurinos e discos para empacotar. Para onde mandaríamos os caixotes depois de cheios ainda era um mistério.

Quanto mais perto chegávamos do Rio, mais Vinicius queria discutir o repertório do show no Copa e mais Graça o evitava. Ela saía da nossa área privativa para conversar com fotógrafos e representantes da Aerovias; ia para o toalete; fingia dormir. Por fim Vinicius a encurralou.

– Não podemos estragar esse show – disse ele. – Se quisermos ir para casa e ficar em casa, precisamos ser ótimos.

– Você acha que eu sou idiota? – perguntou Graça. – Acha que eu quero fracassar?

– Você está agindo como se quisesse. Não temos um repertório. Não ensaiamos...

– Não preciso de ensaio – interrompeu Graça.

– Ah, é? Há quanto tempo a gente não faz um show ao vivo? Isso aqui não é um set da Fox. Não vamos ter chance de fazer uma segunda tomada no Copa.

Graça deu um tapa na sua mesinha. O copo de uísque balançou e virou.

– Você não pode ficar feliz nem uma vez? – sussurrou ela, olhando as cortinas que nos separavam dos fotógrafos. – Estamos numa porcaria de um avião e recebendo mais do que o presidente Dutra para fazer isso, e você ainda reclama? Você é chato que nem uma unha encravada.

– E você é uma idiota – disse Vinicius com a voz fria. – Não sabemos o que está esperando por nós. Aposto que o público do Copa quer que a gente se ferre. E você não se importa. Bom, se você quer se enforcar naquele palco, tudo bem. Mas não nos arraste junto.

Graça sorriu.

– Que coisa terrível! Eu estou dando a vocês uma viagem de primeira classe de volta ao Brasil. Estou arrastando vocês para o melhor palco do Brasil. Que tragédia! Deixe-me dar um conselho, querido: não se preocupe comigo no Copa. Se preocupe com seu showzinho em Ipanema com a Dor. Como é mesmo o nome do seu novo conjunto? Ketchup e Mostarda?

– Atum com Maionese – gritou Miudinho.

– Óleo e água – atalhou Cozinha, se juntando à diversão.

Graça apontou para mim com o polegar.

– É nela que você deveria estar dando sermão. Olha só! Ela está ficando verde.

O avião corcoveava e sacolejava. Fechei os olhos. Antes de sairmos de Los Angeles Madame Lúcifer tinha telefonado perguntando se o duo Sal e Pimenta poderia fazer um showzinho de estreia numa boate em Ipanema, imagine só. Tínhamos uma base pequena porém leal de fãs – muitos com dez anos a menos do que nós – que gostariam de nos ver ao vivo. Madame Lúcifer

adulou: não seria nada chique, só um palco pequeno, algumas luzes, duas cadeiras, Vinicius com o violão e eu. Minha voz era aceita (ao menos por Vinicius e alguns fãs ingênuos) por causa de seus defeitos. Se essa oportunidade tivesse surgido anos antes, eu poderia me sentir justificada, mas naquele momento sentia medo – e raiva de mim mesma por causa desse medo. Fingi, por causa de Vinicius, que estava empolgada e aceitei a proposta. Tocaríamos na noite anterior ao grande show de Graça no Copa.

– Não estou preocupada com a Dor – disse Vinicius enquanto o avião tremia em volta de nós. – Nosso show é só por diversão. Vai ser fácil.

Graça ajeitou seu copo vazio.

– E é a mim que você está chamando de idiota?

Chegamos no fim da tarde. O avião circulou sobre as águas azuis da Baía de Guanabara como um pássaro planando num bolsão de ar quente. Os rapazes do Lua Azul, Graça e eu nos apinhamos perto das janelinhas. O Rio estava lá embaixo, em toda a sua glória: as faixas curvas das praias, os morros amplos, os pontos luxuriantes e recortados de floresta. Tentamos identificar a Lapa, Copacabana, o Palácio do Catete, e nossos dedos deixaram manchas oleosas no vidro. Muitos anos depois um jovem músico veria o Rio do ar, como nós, e comporia uma famosa canção da bossa nova (aquele calmo e aguado descendente do samba dos anos 1950, que o duo Sal e Pimenta inspirou), falando da beleza da cidade. Sempre que escutava essa música eu ficava terrivelmente irritada – nós é que deveríamos ter escrito sobre o pouso no Rio, e deveria ser um samba, não uma bossa nova leve, insubstancial, porque só o samba poderia comunicar o misto de empolgação esmagadora e profunda decepção que a volta para casa inevitavelmente traz.

A pista do aeroporto estava vazia. Não havia fãs ansiosos nem multidões comemorando e levantando cartazes com a mensagem “Bem-vinda ao lar, Sofia!”.

– Nem parece que a gente chegou – murmurou Graça enquanto a porta do avião se abria sibilando.

Uma carreata militar nos levou rapidamente ao Copacabana Castle Hotel.

– Que tal uma parada na Lapa? – perguntou Vinicius enquanto nosso Cadillac preto se afastava rapidamente do aeroporto. – Em nome dos velhos tempos.

Antes que algum de nós pudesse responder, nosso acompanhante de rosto impassível respondeu:

– Não está na agenda. Vamos levar vocês diretamente ao hotel para entrevistas.

No Copa tivemos trinta minutos para nos arrumar antes de sermos escoltados pelos representantes uniformizados das Aerovias até o salão de baile do hotel para uma coletiva. Eu engoli duas bolinhas só para ficar acordada. Graça bebeu quatro expressos.

No salão de baile dourado e cheio de espelhos Sofia Salvador e os rapazes do Lua Azul foram acompanhados até uma fileira de cadeiras atrás de uma mesa enorme. Na frente deles havia dezenas de cadeiras de veludo vermelho arrumadas com precisão, todas vazias. Um bando

de repórteres esperava no fundo do salão de baile. No centro deles estava o Leão.

Sua cabeleira branca ainda era farta, os olhos continuavam escuros e avaliadores. Se na juventude o Leão poderia ser escolhido como um figurante bonito mas silencioso num filme, na velhice mereceria um papel com fala: o magnata; o sério chefe de uma família ampla e conturbada; o experiente dono de boate; o misterioso estranho num bar que oferece um cigarro ao herói atormentado, depois pega uma pistola e atira em sua barriga.

– Você é nosso anfitrião mais uma vez – disse Graça, abrindo caminho pelo grupo e beijando as duas bochechas do Leão. – Jamais vou me esquecer da noite em que cantei na sua casa. Fico feliz porque meu pai ainda estava vivo para assistir.

Ele segurou os braços dela e a encarou.

– Estonteante. Li que você tinha inchado feito um balão, mas não acreditei.

Graça piscou. Seu sorriso se alargou.

– Não acredite em nada que a imprensa diz. Seus rapazes mentem mais do que os políticos.

O Leão gargalhou.

– Talvez nos Estados Unidos, querida.

– Os mentirosos são de todas as nacionalidades – falei.

– Ah, Das Dores! Que bom ver que você ainda é leal a essa velha turma. Mas ouvi dizer que você tem seu próprio conjunto! Como é mesmo o nome: Ostra e Pérola?

Graça riu alto demais.

– Dor é uma pérola?

O Leão balançou a cabeça.

– Você é a única pérola nesta sala. Das Dores sempre foi a areia.

Graça sorriu. Um dos militares de Dutra se aproximou e a acompanhou até um lugar no centro da mesa principal.

– Fico surpresa ao ver o senhor num evento tão pequeno – falei ao Leão enquanto olhávamos Graça ajeitar o chapéu e sorrir para os rapazes do Lua Azul, que se acomodaram dos dois lados dela.

– Esse é o maior evento do ano! – respondeu o Leão. – As coisas estão mais chatas do que uma tábua, agora que o velho Dutra e sua mulher, a Dona Santinha, comandam o espetáculo. Mas a volta de Sofia Salvador é uma matéria que vende. Ainda bem que a Aerovias aceitou meu conselho.

– Foi o senhor que conseguiu que a Aerovias contratasse a gente?

O Leão pareceu surpreso.

– Você acha que eles fazem esse tipo de coisa por iniciativa própria? Vai ser uma publicidade enorme para eles, não importa o que aconteça. Muito melhor do que meus jornais escrevendo matérias sobre como os aviões deles são perigosos.

– E o senhor conseguiu o Copa para nós também.

– Quero dar exatamente o que vocês desejam. E foi uma ideia brilhante para um local. Foi ideia sua?

Balancei a cabeça.

– Você escreveu coisas nojentas sobre ela, sobre todos nós, enquanto estávamos longe.

– Eu não escrevi nada. Meus repórteres fazem o serviço deles. Não diga que você guarda ressentimento, Das Dores. Eu ouvi suas canções, prestei atenção às letras. Você sabe o que as pessoas querem ouvir.

– Ah, é?

– Não queremos ouvir sobre o sucesso e a felicidade dos outros; isso só faz a gente se sentir mal com a própria vida. Não, a gente quer escutar sobre coração partido, fracasso e perdas terríveis, desde que sejam de outra pessoa.

O Leão assentiu para Graça, depois foi se sentar. Eu não tinha cadeira, por isso fui rapidamente para a lateral do salão, ao lado da fila silenciosa de representantes do governo e os homens da Aerovias. Havia duas portas enormes no salão, ambas flanqueadas por militares.

O salão cheirava a cortinas mofadas e café velho. Perto do bando de repórteres o Leão sussurrou para um homem da Aerovias e gargalhou. O suor brotou na minha testa. Era difícil impedir que meus pés ficassem batendo no chão. Por que eu tinha tomado aquelas bolinhas? Examinei o salão à procura de uma mesa com um bule de café e talvez uma jarra d'água, mas não havia nada do tipo. O chefe da equipe de publicidade da Aerovias se adiantou.

– Podemos começar? – disse ele, com as palavras mais parecendo uma ordem do que uma pergunta.

Os jornalistas abriram seus blocos e tiraram as tampas das canetas. Sem levantar a mão, um homem na primeira fila começou e os outros não fizeram qualquer objeção, como se os rapazes da imprensa tivessem ensaiado aquilo.

– Sofia Salvador, como é estar de volta no Rio?

Graça sorriu.

– Maravilhoso, claro. Eu sentia muita saudade.

– Então você tinha esquecido o Rio? – continuou o sujeito.

– Não. Sentir saudade não é esquecer. Como eu poderia esquecer esta praia, este sol, esta cidade?

Outro jornalista se levantou e perguntou:

– Estão dizendo que você voltou ao Brasil porque não consegue mais trabalho nos Estados Unidos. É verdade?

O publicitário da Aerovias se adiantou.

– Ora, rapazes, nós combinamos...

Soaram batidas – insistentes e sem ritmo – que ecoaram no salão de baile. Os militares à minha direita e à esquerda se viraram para mim. Vários repórteres olharam na minha direção. Percebi que era o salto do meu sapato batendo no piso brilhante do salão. Graça me encarou; não parecia estar com raiva por eu ter interrompido sua coletiva, e sim aliviada. Na massa de repórteres um rapaz tão novo que parecia estar matando aula para comparecer à coletiva se levantou e pigarreou.

– Senhor Vinicius de Oliveira – perguntou ele com a voz oscilando.

Vinicius levantou os olhos, espantado.

– O... o senhor acha que o novo som que o senhor criou com o duo Sal e Pimenta é uma reação à guerra? Suavizando o som do samba e tornando as letras mais sombrias?

Vinicius olhou para mim.

– Bom, Das Dores... Pimentel, a minha parceira, ali, e eu não decidimos conscientemente colocar acontecimentos atuais no nosso som. Para nós o samba vem naturalmente e nós tentamos respeitá-lo, ouvi-lo. Mas todos fomos afetados pela guerra, então tenho certeza de que alguns elementos penetraram no nosso som. Afinal de contas a música é um reflexo nosso.

Alguns repórteres me encararam e depois fizeram anotações nos blocos. O rosto de Graça estava vermelho; seu sorriso, rígido. O rapaz me encarou.

– Srta. Pimentel, o que fez a senhorita concordar em fazer um show depois de ter evitado por tanto tempo ser o centro das atenções?

Na mesa principal, Graça gargalhou.

– Dor evitou ser o centro das atenções como uma abelha evita o mel – disse ela. – Eu achava que essa coletiva era sobre a volta de Sofia e do Lua Azul, e não sobre o Ketchup e Mostarda, ou sei lá como eles se chamam.

Alguns repórteres riram. Outro se levantou e falou com Graça:

– Existem boatos de que você foi mandada várias vezes para um centro de emagrecimento nos Estados Unidos. Os americanos querem mudar sua silhueta brasileira?

A pele acima do olho de Graça estremeceu. Ela apertou as mãos juntas com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

– Era uma clínica.

– Você estava doente? – insistiu o repórter.

– O trabalho de filmar é duro – disse Vinicius, alto demais. – Ela precisava de um local para descansar.

– Aqueles números de dança parecem desafiadores – disse o repórter. – Diga, o seu show no Copa vai ser uma comédia como os filmes ou você vai cantar samba de verdade?

Vinicius se levantou.

– Você está passando dos limites – gritou. – Pergunte outra vez se nós somos comediantes...

Câmeras espocaram. Os repórteres rabiscaram loucamente em seus blocos. O Leão sorria de orelha a orelha. Um representante da Aerovias correu para a frente da mesa, bateu palmas e disse que a coletiva estava terminada: Sofia Salvador e o Bando da Lua Azul precisavam descansar antes do grande show. Vinicius segurou o cotovelo de Graça e a ajudou a se levantar. Ela piscou várias vezes, como se houvesse poeira em seus olhos, e segurou com força o braço dele, enquanto ele a guiava para fora do salão, até o elevador.

– Eu seria capaz de dormir até morrer – disse Graça.

Vinicius pôs a mão no rosto dela.

– Não morra, amor. Vamos fazer um tremendo show depois de amanhã. E você vai mostrar àqueles escrotos quem é que manda.

Graça me encarou.

– Não é com o meu show que eles estão preocupados.

O bar do hotel estava estranhamente vazio para um fim de tarde de sexta-feira. Lá fora o céu reluzia laranja. Era maré alta na praia de Copacabana. As ondas pareciam pegar fogo.

Os rapazes e Graça tinham desaparecido em suas suítes no andar da cobertura particular do Copa. Mas, depois daquelas bolinhas, a ideia de ficar no meu quarto me deixou nervosa; eu mal conseguia permanecer parada. Vinicius me encontrou no bar.

– Você deveria estar dormindo – disse ele, sentando-se no banco ao lado do meu.

– Você também. Você tem dias movimentados pela frente.

– Todos nós temos. Se a plateia do Copa for ao menos um pouco parecida com aqueles repórteres de hoje, você vai ter que arrancar nosso corpo do chão do palco, porque vão arrasar com a gente. E vai passar o resto da viagem cuidando das nossas feridas.

– Você vai ser um paciente horrível: resmungão. E vou ser uma enfermeira malvada.

Vinicius sorriu.

– Parece uma combinação perfeita.

Concentrei-me no meu copo vazio.

– Você acha que amanhã, no nosso show... E se o público de Ipanema for maldoso?

Vinicius pousou a mão sobre a minha.

– Não vai ser um público difícil. E, se for, bem... Provavelmente vai ter tão pouca gente que nós dois vamos conseguir acabar com eles com os pés nas costas.

Assenti com a cabeça, depois esfreguei os olhos com a mão livre.

– Aquelas porras de bolinhas. Eu deveria jogar tudo no vaso sanitário.

– Quer dar uma volta?

Sem dizer uma palavra, fomos de mãos dadas até a praia diante do hotel. A tarde estava fresca. Outros casais passeavam de braços dados pela calçada larga. Como era bom me misturar com eles, franzir os olhos, como eles, para o sol que ia sumindo. Um vendedor fazia pipoca numa carrocinha. Vinicius parou segurando minha mão.

– Feche os olhos, Dor – disse ele. – Respire fundo.

Obedeci.

– Sentiu o cheiro?

A tarde cheirava a pipoca, água salgada, moças perfumadas.

– É quase como se estivéssemos no Rio – disse ele.

– Nós estamos no Rio.

Ele balançou a cabeça.

– Não o Rio que eu lembro. Parece diferente.

– Talvez nós estejamos diferentes.

Ficamos em silêncio um tempo e fomos caminhando pela areia, olhando o oceano enquanto o céu escurecia até um tom de cinza e depois índigo.

– Não tem problema se você ficar nervosa amanhã – disse Vinicius. – Você não se apresenta

para um público há muito tempo.

– Obrigada por me lembrar.

– Você vai ser ótima. Finja que estamos no estúdio, só nós dois.

Ele não tinha feito a barba desde que havíamos saído de Miami. Passei a mão pelo seu rosto, só para sentir a aspereza. Vinicius fechou os olhos, depois pegou minha mão e a colocou gentilmente de volta ao lado do meu corpo.

– Não sei se posso voltar, Dor.

– Para o hotel?

Ele balançou a cabeça.

– Para Los Angeles. Miudinho vai voltar por causa daquela secretária da Disney. Graça vai voltar para os filmes e os figurinos. Você vai voltar por causa dela. Por que diabo eu iria voltar?

O oceano batia suave junto aos nossos pés. Uma vez, anos antes, quando Graça e eu nadamos naquela água, o mar estava muito forte e uma onda me derrubou. Bateu no meu rosto e me virou de cabeça para baixo. A água encheu minha boca e minha garganta, mas quando me orientei e voltei batendo os braços e os pés até a areia, meu estômago parecia estranhamente vazio. Era como se eu tivesse sido esvaziada pela onda. Nesse momento, na praia com Vinicius, senti a mesma coisa.

– Graça – falei. – Você vai voltar por causa dela.

Vinicius assentiu.

– Não tenho certeza se isso ainda é motivo suficiente.

– Então você vai esperar por nós aqui. Até voltarmos para casa.

A testa de Vinicius se franziu.

– Depois do show no Copa não vai existir mais o Bando da Lua Azul. E, caramba, se nós fracassarmos no show, o que provavelmente vai acontecer, não vai existir mais Sofia Salvador. Pelo menos aqui. Graça vai ter de arranjar uma coisa nova ou continuar em Los Angeles. Na primeira vez nós dissemos que só íamos ficar uns meses, que viraram alguns anos. Se vocês voltarem para lá, não vão retornar tão cedo. Não posso esperar aqui para sempre.

– Então você quer se separar de nós definitivamente?

Vinicius segurou minha mão.

– Se eu voltar para lá com Graça, vou ficar andando atrás dela a vida toda. Você sabe, Dor. Não importa em que ela se transforme em seguida, eu vou ser um acessório. Ela vai mudar e mudar e eu vou permanecer o mesmo, como um cavalo atrelado cada vez a uma carroça diferente. E ela vai cansar de mim ou eu vou começar a odiá-la. E não quero odiá-la. Isso me mataria.

Vi um banco no calçadão da praia, longe da água. Fui até lá e me sentei. Vinicius foi atrás. Continuei segurando sua mão.

Pensei que, se eu me agarrasse àquele momento, poderia continuar me segurando para sempre: a ele, aos rapazes, a Graça, à música. Eu nunca tinha composto uma canção sem ele. Acreditava que, assim que Vinicius nos deixasse, toda a criação chegaria ao fim. Toda a música chegaria ao fim. E, se isso acontecesse, eu secaria como um daqueles buquês de flores

pendurados de cabeça para baixo nos camarins de Graça. Iria ficar quebradiça e fina como aquelas pétalas secas. Iria me despedaçar e virar poeira.

– E o Sal e Pimenta? – perguntei. – E nossas músicas? Você vai abandonar?

– O pessoal em Los Angeles não quer ouvir nosso tipo de música. Ela só funciona aqui.

– Podemos fazer com que eles queiram ouvir. Podemos fazer com que o mundo inteiro queira.

Vinicius acariciou minha mão com o polegar.

– Graça está certa: quando você não consegue as coisas do seu jeito, tenta forçar. Existem coisas que não é possível forçar.

Era difícil me concentrar nas palavras dele; o efeito das bolinhas estava finalmente passando.

– Você disse a ela que vai ficar?

Vinicius balançou a cabeça.

– Por favor, não mencione isso, pelo menos até depois da apresentação no Copa. Graça já está muito nervosa. Não quero arruinar nosso último show juntos.

– E o nosso, de amanhã? Você não pensou que poderia arruiná-lo para mim?

– Desculpe – disse Vinicius com os olhos arregalados. – Estou acostumado a contar tudo a você.

Fiquei de pé.

– Tudo bem. – Espanei a areia da calça. – Como você disse, é um show pequeno. Não é importante. Vai ser o primeiro e o último.

Vinicius me chamou de volta para o banco, mas eu fui cambaleando no escuro até o Copacabana Castle. Olhei a fachada branca, ofuscante por causa das luzes escondidas nos arbustos do hotel. Um porteiro me viu olhando boquiaberta para o prédio e por um instante achei que ele ia me enxotar dali. Mas ele sorriu, lembrando-se de mim vestida com as roupas finas, de viagem, e abriu a porta. Sem dizer uma palavra eu recuei e peguei um táxi até a Lapa.

Anaïs ainda era a própria imagem da elegância num vestido preto bem-cortado e de batom vermelho, mas o rosto parecia desgastado pela preocupação, e o cabelo estava preso em dois coques de matrona. Quando me viu junto à porta, seus olhos se arregalaram e ela me envolveu num abraço apertado. Segurou minha mão e me puxou para o andar de cima, onde havia outra garota da minha idade, fumando um cigarro e ouvindo o rádio. A moça me ofereceu uma xícara de café e depois foi pegá-la, como se o apartamento fosse dela. Anaïs ficou ruborizada e me disse o nome dela, mas eu não conseguiria lembrar nem se minha vida dependesse disso. Ficamos sentadas, as três, em volta da mesinha de Anaïs, e eu assenti ouvindo suas histórias sobre as dificuldades do período de guerra, a queda do negócio dos chapéus e o retorno glorioso no pós-guerra. Ouvia sem prestar atenção, como se Anaïs fosse uma música de fundo que eu tivesse escutado muitas vezes e deixasse tocando, pelo conforto. Mas quando ela falou do Sal e Pimenta, ouvi atentamente. Ela tinha escutado todos os nossos novos discos. Conseguiu as cópias

com Madame Lúcifer.

– Eu estava errada – disse. – Você sabe cantar. Só precisava encontrar seu próprio jeito de fazer isso.

Eu sorri.

– Vamos tocar em Ipanema amanhã à noite. Espero que você vá. Você e Madame Lúcifer.

Anaïs empalideceu.

– Você não sabe? Lúcifer foi preso.

– Por quê?

– Assassinato.

Minhas orelhas queimaram. Segurei a xícara de café com força, para não deixá-la cair.

– Que assassinato?

– De um soldado do Dutra. Lúcifer atirou nele. O soldado o chamou de bicha em seu próprio cabaré. E agora está morto e Madame Lúcifer trancado na Frei Caneca.

Devo admitir que senti alívio, não preocupação.

Depois de um sono agitado, acordei cedo na manhã seguinte. Antes que os rapazes e Graça sequer saíssem dos quartos, engoli duas bolinhas, fui até a entrada do hotel e entrei num táxi. Quando falei ao motorista para me levar à Frei Caneca, ele me olhou pelo retrovisor e continuou espiando durante toda a corrida, provavelmente imaginando o que uma mulher de negócios que se hospeda no Copacabana Castle estava indo fazer na penitenciária da cidade.

A área de visitas cheirava a cebola crua e panos de pratos úmidos. Um guarda trouxe Madame Lúcifer para a sala, mandando que ele se sentasse na cadeira enferrujada à frente da minha. Ele ainda tinha a postura empertigada e ereta de um aristocrata. Seu uniforme estava limpo, as unhas impecáveis. E o cabelo, que ele sempre tinha tomado um cuidado enorme para alisar e partir no meio, estava com uma série de tranças finas e elaboradas que desciam do couro cabeludo até a curva do pescoço. Ele usava um colar com uma bolsinha de couro na ponta; eu tinha visto essas bolsinhas antes, na casa de Tia Clementina. O pessoal da antiga as chamava de patuás, e as enchiam com ervas, amuletos, contas e outros itens importantes no candomblé. Eu nunca havia associado Madame Lúcifer com a religião, mas uma temporada na prisão poderia tornar qualquer um devoto.

– Que bom que você veio me ver hoje – disse Lúcifer. – Se esperasse, eu teria ido embora. Vão me transferir para a Ilha Grande.

A Ilha Grande, que ficava perto do litoral, era uma das colônias penais mais violentas do Brasil.

– Meu Deus – falei.

– Não adianta pedir para ele me ajudar. Acho que esses militares acharam que eu estava muito confortável. Aqui é possível comprar qualquer coisa, se você tiver dinheiro guardado. E eu tenho, graças a você e à nossa Sofia Salvador. Por isso tenho meus pequenos luxos e os guardas

fingem que não veem. Na Ilha Grande não será assim, claro.

– Vou arranjar um advogado para você.

– Não desperdice os seus dólares. Especialmente os que você não tem. Não me olhe desse jeito! Eu leio o noticiário. Vocês voltaram porque estavam falidos em Los Angeles.

– Nós não falimos. Ainda estamos vendendo discos.

Madame Lúcifer sorriu.

– Sal e Pimenta? Sua música é boa, menina. Mas diferente demais para fazer sucesso. Sua voz parece a de um velho bêbado num bar. Como se estivesse sussurrando seus segredos e fosse se arrepender de manhã. Mas eu gosto.

– Vamos fazer o show hoje à noite, o que você conseguiu na boate em Ipanema.

– É um lugar novo. E rico também. Engraçado eles gostarem do seu material. Mas é melhor ter uma plateia jovem do que velha. Significa que dá para continuar por um tempo.

– Vinicius não quer. Ele vai ficar aqui.

– E você não?

Balancei a cabeça.

– Me dá um cigarro, sim? – pediu ele.

Abri minha bolsa e tirei dois da cigarreira. Os guardas nem olharam na nossa direção enquanto eu acendia um cigarro para cada um de nós. Lúcifer deu várias tragadas examinando minha roupa, as luvas brancas, os sapatos com fivelas de ouro.

– A idade cai bem em você – disse ele. – Algumas mulheres melhoram com o tempo. – Ele riu e balançou a cabeça. – Quando você fazia biscates para mim, eu gostava de ver você varrendo. Você varria o chão daquele puteiro como se sentisse raiva da sujeira por ela estar ali. Você tinha ambição, menina. Sempre teve.

Sua voz parecia melancólica, quase triste.

– Quando vão deixar você sair?

Madame Lúcifer inclinou a cabeça de lado.

– Não sabe, menina? Esta é a nossa despedida.

– Você não vai ficar na Ilha Grande para sempre.

– Vinte e sete anos é muito tempo para ficar num lugar difícil – disse ele, depois deu uma tragada longa no cigarro. – Finalmente vão deixar que ela cante no palco do Copa, aqueles filhos da mãe. O que ela vai cantar?

– Não sei. Ninguém sabe. Ela vai improvisar, apesar de ter esperado a vida inteira para se apresentar lá.

– E você não improvisaria?

– Não.

– Acha que ela vai ser um fiasco?

Pensei em Graça no último ano: dormindo mais, errando as coreografias, voltando da clínica em Palm Springs parecendo murcha e sem vida.

– Não.

– Você quer que ela fracasse?

Nossos olhares se encontraram como havia acontecido anos antes, por cima da mesa dele, quando pedi sua ajuda. Dessa vez Madame Lúcifer foi o primeiro a desviar os olhos.

– Mesmo se ela esquecer toda a letra de todas as músicas, não vai importar, você sabe – disse ele. – As pessoas vão falar dela por causa disso. E vão continuar falando por muito tempo. Ela é a primeira de todas.

– A primeira o quê?

– Uma estrela de verdade, no mundo inteiro, nascida e criada aqui no Brasil. As pessoas daqui podem odiá-la por causa disso, mas não vão esquecê-la. Invejo isso.

Madame Lúcifer jogou seu cigarro no chão e o esmagou sob a sandália. Baixou a cabeça, tirou o patuá do pescoço e pôs a bolsinha de couro na minha mão enluvada.

– Estamos todos quites, menina. Não há mais dívidas entre nós.

Antes que eu pudesse responder, ele falou de novo:

– Você poderia fazer muito mais discos com o que tem aí – disse ele, apontando para a bolsinha. – Vai ser fácil vender isso agora. Você poderia fazer algo por si mesma e por ninguém mais. Não há nada errado em querer isso. Não há nada errado em pegar o que lhe é devido.

Empurrei a cadeira para longe da mesa.

– Preciso ir. Tenho um show daqui a algumas horas.

Lúcifer assentiu.

– Eu gostaria de estar lá, assistindo da mesa dos fundos, como nos velhos tempos.

Saí da penitenciária e entrei em outro táxi que me levou através da cidade, até a porta do Castle. No carro tirei as luvas e abri as tirinhas de couro que fechavam o patuá. Dentro da boca escura da bolsa, o cubo de açúcar de diamantes reluzia.

A primeira vez que vi aquele cubo foi no escritório do patrão, no engenho, onde eu estava ao lado de Graça enquanto a Dona Aurora pedia a permissão do marido para nos levar a um concerto no Recife. Eu não tinha ideia do que era a música nem de por que a Senhora achava que nós precisávamos ouvir; só queria pôr aquele cubo de açúcar brilhante na boca e ver se ele se dissolveria na língua. Como eu era ingênua em acreditar que uma coisa feita para durar séculos simplesmente desapareceria dentro de mim, como se pela pura força de vontade! E ali estava, quase catorze anos depois, pesado nas minhas mãos.

No Castle não voltei ao meu quarto. Atravessei a rua até a praia. Os saltos dos sapatos afundaram na areia quente. Franzi os olhos, serpenteando em volta das primeiras pessoas que chegavam à praia naquele dia, e fui até um trecho vazio perto da água. A bolsinha de couro com o cubo estava dura como uma pedra na minha mão. Madame Lúcifer estava certo: eu poderia empenhar aquele cubo e receber uma pilha de notas. Dinheiro suficiente para gravar alguns discos com Vinicius; o suficiente para me ajudar a ficar no Rio, num quarto alugado como nos velhos tempos; o bastante para escapar daquele voo de volta a Los Angeles. Imaginei Graça no avião das Aerovias, olhando por uma janela enquanto eu ficava aqui sozinha, em terra, olhando-a subir e penetrar nas nuvens.

Ergui o braço tomando impulso e joguei a bolsinha bem longe em meio às ondas.

A boate em Ipanema era pequena mas bem-organizada: havia garrafas arrumadas atrás do balcão; as mesas e cadeiras eram novas e idênticas, não um amontoado de peças achadas; e o palco (se é que se pode chamar de palco uma plataforma de madeira do tamanho de uma cama de solteiro) estava recém-pintado de preto. O cheiro da tinta ainda permanecia, forçando o dono da boate a abrir as portas da frente e dos fundos para arejar. Não havia microfones, sistema de som ou tomadas elétricas.

– Teremos que cantar mais alto do que no estúdio – disse Vinicius enquanto examinávamos o espaço.

Tínhamos chegado cedo para evitar surpresas.

– Nós não berramos nossas músicas – falei. – Não foi assim que a gente compôs. Elas devem soar baixinho.

– Bom, vamos precisar pensar num jeito de cantar baixinho e alto ao mesmo tempo.

Assenti. Um fio de suor desceu pela lateral da minha cintura; se eu não me controlasse, ficaria encharcada até o fim do show. Encontrei um lugar junto ao balcão vazio e pedi uma bebida ao dono.

O que você vai usar hoje à noite?, Graça tinha perguntado antes de Vinicius e eu sairmos do hotel. Dei de ombros. *Não posso deixar você subir no palco parecendo uma órfã*, disse ela, e remexeu na minha bagagem, escolhendo uma calça preta de pernas largas com debrum de cetim nas laterais e uma blusa de seda bege. Passou batom na minha boca e prendeu meu cabelo num coque elegante. *Pronto*, disse e sorriu. *Agora você é uma força que merece ser notada, porra.*

Sorri de volta e me senti realmente poderosa na presença dela, mas depois da segunda bebida no balcão da boate em Ipanema o batom já tinha saído e o coque estava frouxo.

– Deveríamos ir lá para trás – disse Vinicius.

Pessoas estavam começando a entrar na boate. Duas cadeiras tinham sido postas no tablado. O violão de Vinicius estava ao lado de uma delas. Na outra havia uma caixa de fósforos e o pandeiro de Cozinha. Eu não tocava bem, mas me virava. Cozinha havia me emprestado o instrumento, sabendo que eu precisaria de alguma coisa para ocupar as mãos no palco.

Nos bastidores, Vinicius e eu nos sentamos no escritório apertado do dono da boate ao lado de um depósito de material de limpeza. Vinicius pôs a mão no meu joelho; parei de bater o pé no chão.

– O que importa é a música – disse ele. – É como se estivéssemos fazendo uma gravação no estúdio, está bem?

Assenti. Minha boca parecia estar cheia de chumaços de algodão. Vinicius me ofereceu água, mas eu recusei; a ideia de líquido chacoalhando no meu estômago me deu vontade de vomitar.

Ouvi o som de saltos no piso do corredor. Senti o cheiro antes mesmo que ela pusesse os pés no escritório: perfume de rosas, como se ela tivesse tomado um banho daquilo.

– Este lugar é aconchegante – disse ela, beijando Vinicius na boca e me beijando no rosto.

– Achei que você fosse descansar hoje à noite – grasnei, esfregando o batom dela do rosto.

– Você acha que eu iria perder isso? – perguntou Graça, olhando o material de limpeza. – Eles esperam que vocês limpem a boate depois?

– Não precisamos de camarins chiques – respondeu Vinicius.

– Pelo jeito vocês dois não precisam de nenhum camarim – disse Graça. – Ah, não fique de cara amarrada! Estou brincando, está bem, Dor?

Pousei a cabeça nas mãos e olhei para os sapatos. Graça encontrou um banquinho e o puxou para perto de mim. Houve um farfalhar de seda e o cheiro de rosas enquanto ela se sentava e punha a mão pequena nas minhas costas.

– Pense nisso como se fosse uma roda – disse baixinho. – Você está na casa de Tia Clementina com os rapazes. Eu estou fazendo uma pausa e você assumiu. Vou me sentar junto ao balcão, logo atrás do Vinicius. Se você levantar os olhos, vai me ver, está bem?

Assenti ainda olhando para o chão. Quantas vezes eu tinha imaginado Graça me olhando das sombras enquanto eu brilhava no palco? Agora meu desejo seria realizado, mas eu não conseguia aproveitar. Talvez Anaïs estivesse certa: eu não era capaz de enfrentar os rigores de estar sozinha no palco. Não estaria sozinha, claro: teria Vinicius. Mas ele não era Graça. Eu quisera fazer parte de uma dupla, só que não dessa.

Levantei a cabeça, preparada para implorar que Graça cantasse conosco, mas ela já havia saído.

Na frente soaram palmas. Assobios. O dono da boate falou, dizendo palavras como *contracultura, autêntico, um som novo* e outras baboseiras. Em seguida veio o nome que tínhamos escolhido: *Sal e Pimenta*! E mais aplausos, mais gritos e assobios. Vinicius me puxou para ficarmos de pé e saímos juntos para a luz fraca do palco. Não me lembro de como cheguei à minha cadeira, virada em diagonal para Vinicius e para a plateia. Ele sorriu, acenou, disse algumas coisas que fizeram o público rir. Depois pegou o violão e me olhou.

Tocou a introdução suave e repetitiva de “Entre nós”. Aquelas primeiras notas deveriam ser como ondas batendo na areia. Tínhamos tido essa ideia no estúdio. O ritmo seria suave mas insistente, uma maré de som.

Ele tocou a introdução de novo. Delicadamente bateu com o pé no meu. Eu precisava cantar, sim. Era o meu trabalho ali.

> “Tudo era farra
> entre nós.
> Tudo era brincadeira
> entre nós.
> Tudo era
> uma aposta qualquer,
> um dar e um receber,
> um riso, um toque contido,
> um cigarro dividido

entre nós.”

Minha voz saiu suave. Suave demais. O violão de Vinicius, o pandeiro nas minhas mãos, os clientes se remexendo no espaço pequeno da boate, o tilintar de copos no bar: tudo abafava minha voz. O suor brotou na minha testa, como se uma dezena de mosquitos estivesse se refestelando comigo. Enxuguei-a. Vinicius me espiou com os olhos arregalados. Continuou tocando. Havia sussurros na plateia.

“Tudo era uma conversa
quando os outros dormiam.
Tudo era uma caminhada
pela praia enluarada.
Tudo era
sua voz,
seu perfume,
sua boca envolvendo
os segredos
entre nós.”

Pisquei para afastar o suor dos olhos, olhando para além de Vinicius. Graça estava sentada junto ao balcão, de braços cruzados, a boca franzida com irritação. Ela levantou o polegar e articulou as palavras sem emitir som: “MAIS ALTO.” Eu assenti. Mais alto. Sim. Fechei os olhos e pus a mão na barriga, como se estivesse de novo na loja de Anaïs, na aula de canto. Minha voz se elevou, rouca mas cheia, pesada com a perda. Imaginei-a cobrindo o espaço e todo mundo ali dentro, como um cobertor de lã. Os ruídos em volta diminuíram, a não ser pelas notas que Vinicius tirava do instrumento, notas que eu conhecia bem, tão bem quanto as batidas do meu coração.

“Tudo era uma canção
entre nós.
Tudo virou tensão
entre nós.
Tudo era
um poema,
uma oração,
um pedido
entre nós.”

A plateia estava em silêncio, mas eu sentia sua expectativa e sua necessidade voraz, como se cada nota, cada palavra, cada acorde fosse vital. E sabia exatamente como as pessoas se sentiam porque tinha me sentido assim aos 12 anos, sentada junto de Graça e da Dona Aurora no Teatro Santa Isabel, escutando aquela cantora de fado. Ela me fizera esquecer de mim, dos meus erros, da minha pobreza, da minha solidão, do meu nome. Ao ouvi-la, eu não era mais Jega. E eu jamais poderia ficar longe da música outra vez. Não era um vício, pois um vício pode ser superado. Era uma necessidade. Eu dependia da música. Então percebi: isso era o que sempre quis ser. Não memorável, mas necessária. Por um momento, naquela boate, eu fui.

Houve um silêncio. Depois aplausos. Depois gritos. Vinicius sorriu e assentiu, não aprovando, mas perguntando: *Mais uma?* Assenti de volta.

Tocamos duas horas sem parar, e depois voltamos duas vezes para o bis. No fim do show, Vinicius e eu nos levantamos. Ele segurou minha mão e a beijou, e eu olhei de novo para além dele, para Graça. Ela não estava sorrindo nem aplaudindo. Estava sentada no banco, de pernas cruzadas, parecendo atenta, como se resolvesse um problema matemático de cabeça. Sentindo o calor daquele show e a emoção das músicas tornadas reais por terem quem as escutasse, acreditei que Graça estivesse me vendo pela primeira vez como eu me via naquele breve momento: como alguém que havia chegado nervosa e acovardada e, através da música, saído transformada.

O show do Copa foi uma encruzilhada, ainda que cada um de nós visse os caminhos de um modo diferente. Os rapazes iam deixar o conjunto e nós, claro, queríamos que nossa última apresentação fosse grandiosa, e não um fracasso. Mas acho que todos esperávamos secretamente que o show fosse um sucesso tão grande que o conjunto não precisasse se separar. Que Sofia Salvador fosse vindicada e o Bando da Lua Azul se unisse outra vez. E todos voltaríamos ao que éramos antes, nos velhos tempos. Outra parte de mim esperava o fracasso deles, um recomeço, uma desculpa para ficar para trás com Vinicius (ainda que ele não tivesse me convidado para isso) e nos tornarmos Sal e Pimenta. E Graça? Onde estava ela nessa encruzilhada? Será que desejava continuar sendo Sofia Salvador ou fracassar e recomeçar como outra pessoa? Agora percebo que as escolhas dela não eram tão nítidas. Em todo sucesso há alguma perda e em todo fracasso há algum ganho. Graça sabia disso melhor do que ninguém.

O Copacabana Castle havia sido reformado depois de sairmos do Brasil. O palco principal agora era redondo e ficava exposto de todos os lados. Não havia cortinas atrás das quais alguém pudesse se esconder nem coxias para onde os artistas pudessem se retirar. Para chegar ao palco, os conjuntos e os cantores entravam pelas enormes portas espelhadas do salão de baile e passavam pela plateia. Isso, em si, já era uma performance. A plateia se sentava em mesas prateadas, para duas e quatro pessoas, cheias de cinzeiros e bebidas. Depois que os artistas finalmente chegavam à enorme plataforma circular, banhada em luzes e cercada pelo público de todos os lados, não havia como sair facilmente do palco. O único modo de sair era vadeando de novo pela multidão.

Na noite do show de boas-vindas a Sofia Salvador, o Copa estava totalmente lotado – mais de setecentas pessoas sentadas em volta do palco e apinhadas nas galerias. Havia executivos sorridentes da Aerovias e sérios homens do governo com suas esposas. Havia repórteres de jornal, críticos e estrelas do samba que tinham ficado no Brasil e eram considerados patriotas. Aracy Araújo estava sentada ao lado de um general, numa mesa mais perto do palco. Havia empresários enriquecidos pela guerra, além de representantes de algumas das famílias mais tradicionais e aristocráticas do Rio. O Leão estava na primeira fila. Nas distantes galerias superiores havia fãs da Lapa, da Glória e do centro da cidade; a Rádio Mayrink e a Aerovias tinham sorteado ingressos numa rifa para cinquenta sortudos. O presidente Dutra não estava na plateia: sua mulher, afetuosamente chamada de Dona Santinha, estava adoentada. Um fotógrafo se posicionava perto do palco, ao lado de vários homens segurando microfones para a Mayrink. O show seria transmitido ao vivo para todo o Brasil.

Não havia "bastidores" no Copa, só uma porta simples, fora do palco principal, que levava a um corredor branco e sem janelas cheirando a água sanitária e fumaça de cigarro. O corredor penetrava nas entranhas do hotel, passando por canos expostos e portas onde estava escrito "Não entre!", além de placas pintadas que guiavam garçons e funcionários para a cozinha e o bar. Uma das portas nesse corredor se abria para um camarim destinado aos artistas. Nos minutos anteriores ao show os rapazes do Lua Azul pareciam solenes em seus melhores smokings pretos enquanto eu andava de um lado para o outro e fumava. Graça não estava em lugar nenhum.

Quando ela finalmente apareceu, as contas de sua saia se arrastavam pelo chão, fazendo-a soar como se estivesse sobre rodinhas.

Ela usava o figurino feito por encomenda da Aerovias para o evento: um corpete de cetim vermelho de barriga de fora; uma saia enorme de 14 quilos bordada à mão com contas nas cores da Aerovias, vermelho e azul; batom vermelho; o cabelo joãozinho recém-tingido de preto para o show e os brincos do tamanho de punhos em forma de rosas, que ela havia trazido de Los Angeles. (Recusou-se a usar de novo os brincos de aviões que a Aerovias tinha feito para ela.)

– Que saia maldita – disse Graça, quando a bainha se prendeu num prego num banco do camarim.

Graça puxou e a saia rasgou. Contas se espalharam no chão.

– Vou correr até lá em cima e pegar sua saia extra – falei. – Essas contas vão ficar caindo quando você estiver no palco.

– Deixe cair – retrucou Graça e deu de ombros.

– Mas você vai escorregar quando estiver dançando. Vai cair.

Graça tocou meu rosto.

– Eu odiava seu pessimismo. Mas fico feliz por você estar aqui, se preocupando comigo. Eu não poderia fazer isso sem você.

Mais tarde, durante o show, eu ficaria sabendo que Graça não planejava dançar muito. Mas naquele momento fiquei tão balançada por sua afeição que não ouvi a batida à porta do camarim. Um contrarregra anunciou que estava na hora. Os rapazes e Graça deram as mãos, formando um círculo e me deixando do lado de fora.

Fazer parte de uma plateia é como entrar numa piscina cheia de desconhecidos: você divide a mesma água e quando alguém se mexe, ainda que ligeiramente, você sente a ondulação. Sem perceber, você começa a se mexer também, e seus movimentos enviam seus próprios sinais. Durante qualquer apresentação ao vivo sempre há uma troca: não só do artista com a plateia, mas também entre os membros da própria plateia.

Assim que Sofia Salvador e o Bando da Lua Azul passaram por todos e subiram ao palco, eu senti a determinação inflexível do público. Houve uns poucos aplausos esparsos por parte dos executivos da Aerovias, que pararam rapidamente, como se tivessem batido palmas fora da hora e percebessem o erro. Sofia Salvador sorriu.

– Olá, amigos! – gritou.

A plateia ficou muda. Graça olhou para os rapazes do Lua Azul e rosnou:

– Vamos com “Virei gringa”.

Os rapazes obedeceram.

Na ocasião eu não soube por que ela havia escolhido essa música; achei que Graça tivesse perdido a capacidade de decifrar um público. A plateia não tornaria as coisas fáceis para Sofia Salvador; não iria recebê-la de braços abertos, mas iria obrigá-la a trabalhar para ganhar seus aplausos, e esse trabalho seria uma espécie de pedido de desculpas a eles – a todo o Brasil que ouvia pelo rádio – por tê-los abandonado. Mas “Virei gringa” jamais tinha sido um pedido de desculpas.

A voz de Sofia Salvador chegava às galerias. Sua saia espalhava contas no palco e suas pernas se moviam como dois pistões em cima delas, esmagando-as sob os pés. Ela agitava as mãos. Piscava para os homens e as mulheres mais perto do palco. Sorria, balançava e batia as pálpebras. Os rapazes do Lua Azul tocavam seus instrumentos com entusiasmo semelhante. Quando ninguém da plateia devolveu os sorrisos de Sofia Salvador, ela ficou mais enérgica, mas sem a alegria e o júbilo de sempre. Em vez disso seus movimentos tornaram-se afiados, a voz gélida, como se ela houvesse sido apanhada numa luta e estivesse decidida a vencer.

No fim da música, Sofia Salvador levantou os braços em triunfo. O suor brotava na sua testa. Seu peito arfava. O grupo de executivos da Aerovias aplaudiu com entusiasmo, mas parou rapidamente quando percebeu que estavam sozinhos. A não ser por alguns aplausos esparsos das galerias, todo mundo em volta de Sofia Salvador estava em silêncio. Repórteres rabiscavam nos blocos. O Leão sorria de orelha a orelha: o fracasso vendia mais jornais do que o triunfo.

– Alguém tem uma cadeira para mim? – perguntou Sofia à plateia.

Houve um silêncio gelado. Por fim um dos homens da Aerovias levantou corajosamente sua cadeira e a colocou no palco.

– Obrigada, querido – disse Graça e sentou-se.

Eu estava de pé no fundo do salão de baile, perto da grande porta dupla por onde os músicos entravam e saíam. Assim que vi Graça se acomodar naquela cadeira dourada, fui para os degraus

do palco – se ela não estivesse bem, eu iria carregá-la. Graça me viu saltando na sua direção e estendeu a mão, com a palma virada para mim, como um guarda bloqueando meu caminho.

– Que tal outra cadeira para o meu violonista? – perguntou. – Ele está ficando velho e os pés já não aguentam.

Houve alguns risos. Vinicius pareceu surpreso. Outro homem da Aerovias lhe passou a cadeira.

– Sente-se – ordenou Graça.

Vinicius olhou para Miudinho, que deu de ombros. Então obedeceu e sentou-se ao lado de Graça.

– Hoje à noite quero experimentar algo novo. Vocês gostariam de ver algo novo?

Houve algumas palmas hesitantes.

– Vendo o público desta noite, tenho a sensação de que vocês querem diversão. Diversão de verdade – continuou Graça. – Não só o que já viram cem vezes antes. Bom, eu vivo para servir a vocês.

Houve sussurros. Aracy Araújo se remexeu na cadeira. O público estava ao mesmo tempo intrigado e nervoso, inclusive eu. Será que Sofia Salvador estava bêbada? Ou desesperada? O que ela iria nos mostrar? A noite seria um desastre ou uma revelação?

Sofia Salvador tirou um brinco, depois outro, largando-os no chão ao lado da cadeira. Passou a mão pelo cabelo, deixando-o estranhamente eriçado. Com as pontas das unhas tirou os cílios falsos e os jogou para trás, como dois insetos. Depois enfiou a mão no corpete do vestido e tirou um lenço branco. Em vez de enxugar o suor do rosto, pôs o quadradinho branco na boca e passou para um lado e depois para o outro, de novo e de novo, até que o pano ficasse manchado de vermelho e a boca rosa e crua.

Levantou-se, tirou o microfone do pedestal, jogou o fio para longe e se sentou. Então, sem assentir nem olhar para Vinicius, cantou no sussurro mais doce do mundo:

> “Tudo era farra
> entre nós.
> Tudo era brincadeira
> entre nós.”

Vinicius ficou olhando incrédulo, depois se recompôs rapidamente e acompanhou Graça. Atrás dele os rapazes começaram a entender o ritmo e tocaram baixinho e devagar, jamais abafando a suavidade da voz de Sofia Salvador.

Ela cantou todas as músicas do meu repertório de Ipanema na noite anterior, na mesma ordem. Cantou como eu havia cantado, só que melhor. Sua voz era mais suave, sim, mas havia uma solidão terrível dentro dela, como se estivesse cantando sozinha numa boate vazia, não na casa de espetáculos mais importante do Brasil. Não errou uma palavra, nem uma nota sequer, como se cantasse aquelas músicas há séculos; como se fossem suas o tempo todo, e jamais

minhas; como se o show roubado de mim não fosse um show, e sim um apelo genuíno à plateia. Só Vinicius e eu sabíamos da verdade.

Era uma Sofia diferente, com seus olhos pequenos e a boca manchada: mais delicada e mais velha. Tinha se despido diante deles. Em troca o silêncio da plateia parecia diferente de antes: atento, curioso, um pouco constrangido por ela.

Olhei seu cabelo desgrenhado, os brincos largados, o lenço sujo ao lado do pé. Ela não tinha pedido um guardanapo. Não tinha limpado a boca com as costas da mão. Estava com o lenço preparado, esperando, dentro do corpete. E os cílios: tinham sido arrancados facilmente, como pétalas de uma flor. Havia feito tudo em alguns poucos movimentos graciosos. Esse tipo de espontaneidade exige enorme planejamento.

No fim do show Graça fechou os olhos como se estivesse saboreando alguma iguaria rara. Então se levantou e fez uma reverência. A plateia estava dolorosamente silenciosa, como se houvesse ensaiado esse silêncio muitas vezes antes e estivesse decidida a seguir o roteiro original. Apenas algumas almas corajosas na galeria aplaudiram. Na mesa perto do palco, Aracy Araújo, parecendo atordoada, se virou para o general ao lado e começou a sussurrar. Outros no salão a acompanharam, virando as cadeiras para as mesas, acendendo cigarros, tomando longos goles das bebidas fortes e falando em voz baixa, como se tivessem acabado de testemunhar um acidente de carro e não soubessem direito como reagir nem se ao menos valeria a pena tentar salvar alguma vítima.

Graça desceu do palco lentamente. Vinicius segurou seu braço de modo que ela não tropeçasse com o peso da saia. Ela caminhou de cabeça erguida pelo meio do público, que fazia um enorme esforço para não olhá-la sair. Vi muitas pessoas levantarem os olhos, parando de beber e conversar, para ver a primeira e última saída de Sofia Salvador do Copacabana Castle. Os rapazes do Lua Azul foram atrás, com a boca trincada, o queixo rígido de fúria. Os olhos de Miudinho estavam úmidos. Quando ele finalmente se permitiu piscar, perto da saída, duas lágrimas enormes lhe escorreram pelo rosto até entrarem em sua boca. Antes de acompanhá-los pela porta, olhei de volta para o palco onde estavam os brincos de Sofia Salvador, brilhando, largados no chão.

MEU FIM

Silêncio, por favor.
Preciso de silêncio,
um momento para achar a saída
desse labirinto, querida.
Você foi açúcar na minha língua:
áspero e doce, sofrido.
Agora se foi.
Alguma coisa faz sentido?

Vou perambulando.
Me deixe assim.
Atrás de um grande samba,
que sempre foge de mim.

Andando pelos velhos lugares.
Revisitando nosso começo.
Olhando as moças bonitas –
minha cabeça está rodando.
A vida fez a maior trapaça
comigo,
Só restam becos sem saída:
castigo.

Vou perambulando.
Me deixe assim.
Ouvindo baixinho
uma canção que se perdeu:
eu e você,
você e eu.

A folha perdoa a árvore
que a deixou cair.
A concha perdoa o mar

que a esmagou no chão.
Como posso me perdoar, amor,
por cavar esta sepultura
com minhas próprias mãos?

Silêncio, por favor.
Preciso de silêncio.
Peguei este samba vivo
e não vou largá-lo assim.
Até que eu cante inteira
a canção sobre o meu fim.

Existem momentos, logo antes de acordar, em que não sei ao certo onde estou. Enrolada num estrado duro ao lado de Nena? Numa cama estreita no colégio Sion? Num quarto velho na Lapa ou em nossa mansão na Bedford Drive? As possibilidades se somam na minha cabeça. E pelo simples fato de eu poder criar esta lista sei que esses lugares e as pessoas que os habitaram se foram de mim e deste mundo.

Vinicius e eu compramos esta casa há trinta anos, depois que nos casamos, na época em que Miami Beach era considerada um porto seguro para os idosos e os párias. Nós dois acreditávamos teimosamente que não éramos uma coisa nem outra. É uma casa enorme, com muitas janelas, um quintal, uma antiga fachada em estilo espanhol e mais banheiros do que parece razoável. Capaz de deixar a casa-grande com vergonha.

Quando nos mudamos para cá, havia duas árvores no quintal da frente: uma grande e uma pequena. A menor tinha germinado numa fenda da outra. As raízes da árvore pequena desciam pelo tronco da grande e os galhos subiam. Ela se enrolava na maior, numa rede de membros, até parecerem atadas num abraço.

– Elas estão dançando – Vinicius gostava de dizer.

Nosso jardineiro perguntou se podia cortar a menor.

– É uma figueira estranguladora – disse ele. – Não é boa coisa.

– Deixe assim – ordenei e arranjei outro jardineiro.

Durante nossos primeiros anos nesta casa, Vinicius e eu assistimos à árvore pequena no quintal alcançar a maior em tamanho e estatura. Tinham a mesma altura, os galhos da mesma amplitude e se agarravam com força uma à outra, como amantes. Com o passar do tempo a menor envolveu a outra quase completamente com seus galhos e raízes de cipó, até que tudo que podíamos ver da árvore mais velha era um galho grosso e solitário se estendendo para fora do aperto da figueira estranguladora.

Vinicius e eu tivemos uma vida feliz juntos em Miami: caminhávamos na praia todas as manhãs, parávamos todas as tardes para tomar café na mesma lanchonete e produzíamos novos

discos. Chegamos a fazer breves turnês com o Sal e Pimenta, visitando a Europa e Cabo Verde, fazendo pequenos shows até que a memória de Vinicius começou a fraquejar. Nunca tocamos no Brasil. Depois da morte de Graça nunca voltamos para casa. A princípio porque Vinicius e eu ainda estávamos com raiva por causa do show no Copa e do que veio mais tarde. E também porque os militares tinham tomado o país e amordaçado ou prendido artistas como nós. Vinicius sempre dizia que voltaríamos para casa quando o Brasil fosse uma democracia de novo. Em 1985 isso aconteceu, mas a essa altura já era tarde demais. O Brasil não era nem mesmo uma lembrança para Vinicius. Se ele sentia falta do país, era do mesmo modo como sentia falta de todos os lugares e pessoas que acabou esquecendo: em silêncio e lágrimas. Na maioria dos dias ele ficava alegre, mas em outros sentava-se no nosso quintal e olhava aquelas árvores dançarinas com as bochechas molhadas e o nariz escorrendo. Eu levava um lenço, me ajoelhava e enxugava seu rosto. Se ele se lembrava de mim, era como uma presença segura e duradoura, como uma poltrona predileta ou um cachorro fiel, mas não como Dor. Eu também virei um espaço em branco para ele, arrancado da memória.

O que permaneceu foram as músicas. Não as nossas, do Sal e Pimenta, ainda que suas melodias fossem mais complexas e as letras melhores. Não, as canções que permaneceram com Vinicius – as que ele cantava mesmo quando não conseguia mais segurar um garfo e, mais tarde, quando as letras se perderam e ele cantarolava só a melodia – eram as primeiras, as que tínhamos gravado na Lapa. Ele me pedia para colocar aqueles discos repetidamente, e quando não podia mais pedir nada e precisou ir para o hospital, eu levei nosso toca-discos para o quarto e os colocava para tocar lá. As músicas às quais sempre voltamos nos permitem ouvir algo novo a cada nova execução. São familiares e ao mesmo tempo misteriosas, como nossos maiores amores.

– Cadê a Graça?

Ele perguntava por ela quando ainda conseguia falar. E mesmo quando o nome dela o deixou, ela não se foi.

– Ela está vindo? Quando ela vai chegar?

– Ela já vem – eu dizia. – Você sabe como ela demora para se aprontar.

Isso sempre o fazia sorrir.

Quando as palavras o abandonaram completamente, ele ficava olhando para a porta, esperando. Sempre esperando. O rosto cheio de expectativa como o de uma criança. Quando eu aparecia à porta, ele não conseguia esconder a decepção.

Nas florestas tropicais a competição pela luz é feroz; o mundo sob a copa das árvores é escuro como o crepúsculo. Li isso num livro há muito tempo. Também descobri outros nomes mais gentis para a arvorezinha feia e ambiciosa que estava lá fora, a que se impôs nas costas da outra: fícus, bânia, epífita. É de sua natureza se agarrar, entranhar, crescer para cima e para baixo, tudo ao mesmo tempo. Quando Vinicius morreu, com o rosto ainda virado para a porta do quarto do hospital, a árvore original do lado de fora da nossa casa era apenas um tronco morto no meio da figueira próspera. Hoje, enquanto escrevo isto, o tronco até sumiu. A figueira é oca no centro, um círculo sem núcleo, mas continua viva.

Agora também escuto aquelas primeiras canções. Toda noite. E faço isso pelo mesmo motivo simples de Vinicius: não para honrar nossa música ou me lembrar de nós dois, mas para escutar a voz de Graça.

MEU FIM

Se você já esteve num acidente de carro, escapou de um incêndio ou experimentou a queda súbita e nauseante de um avião, como se a corda imaginária que o mantinha voando tivesse sido cortada de repente; se experimentou qualquer incidente menos dramático mas igualmente perigoso – um carro freia bruscamente e derruba você; uma comida presa na garganta o deixa incapaz de respirar; um escorregão e uma queda, e aquele momento antes de bater no chão, em que o tempo parece se alongar e você se prepara para o impacto –, então sabe como, logo depois, quando você percebe que foi poupado, o puro alívio se evapora e você sente uma coisa totalmente diferente. É nesses momentos que somos confrontados com a indiferença cruel da vida para com a nossa sobrevivência. Percebemos que estamos à mercê de forças que não podemos compreender; que o controle que pensávamos exercer sobre nossa vida escorrega como um peixe entre nossas mãos.

Foi assim que me senti naquela noite depois do show de Graça no Copa.

Antes de chegarmos à porta onde estava escrito “Apenas Funcionários”, que levava ao camarim, um jovem militar veio correndo atrás do nosso grupo.

– Esperem! – gritou ele, ofegando. – Não sei o motivo do comportamento das pessoas lá embaixo, nos lugares bons, mas achei que você estava fantástica!

Sem dizer uma palavra, Graça segurou o rosto do rapaz e lhe deu um beijo de leve na boca. Em seguida abriu a porta dos funcionários e desapareceu atrás dela.

Não nos demos ao trabalho de parar no camarim, onde um repórter da Mayrink esperava. Um garçom nos ajudou a passar pela cozinha do hotel, onde encontramos o elevador de carga. Dentro, os rapazes do Lua Azul ficaram mudos. O portão de ferro do elevador comprimia minhas costas. Minha cabeça parecia um instrumento frágil enrolado em enchimento de algodão.

Vinicius falou alguma coisa. O que ele disse? Não pude ouvir, mas a expressão de Graça mudou e seu rosto ficou subitamente sério.

– Nós precisávamos tentar – disse ela.

– Não, *você* precisava tentar – respondeu Vinicius. – Aquelas músicas eram nossas, minhas e

da Dor. Elas não funcionam para você.

Graça cruzou os braços sobre o corpete vermelho.

– Então vocês dois são melhores do que o resto de nós? – perguntou. – E aquela coisa que você dizia: “Ninguém é dono do samba”? Bom, acho que você não acredita nisso. Eu não arruinei as músicas. Eu as tornei melhores.

O elevador estremecia e gemia como um animal ferido, e estávamos todos presos em sua barriga.

– Dor? Você está bem? – perguntou Vinicius.

Sua voz saiu abafada, como se eu tivesse encostado um copo na parede e ele estivesse do outro lado. Não lembro o que respondi, mas o corpo dele se afrouxou, seu rosto ficou inexpressivo.

– O que você esperava que eu fizesse? – perguntou ele. – Que fosse embora na metade? Que me recusasse a tocar? Havia setecentas pessoas assistindo. Eu não sabia que ela ia fazer isso.

Quando finalmente paramos no andar da nossa cobertura, os rapazes saíram, mas Vinicius ficou dentro do elevador. Quase fiquei com ele, porém Graça me puxou pelo braço.

– Não me abandone – disse ela.

E segurou minha mão com força durante a caminhada pelo corredor comprido até sua suíte, como se soubesse que, se me soltasse ao menos uma vez, eu sairia correndo.

Frequentemente sonho com a suíte de Graça no Copacabana Castle. Ando pelo piso lustroso de mármore, passando por longos sofás e cortinas amarelas compridas. Nos sonhos, as cores da suíte estão encardidas e desbotadas, como se alguém tivesse mergulhado um pincel em água suja e passado por cima de toda a cena. E o cômodo é maior também: um labirinto de mesas, abajures e poltronas que ficam no meu caminho enquanto tento chegar à porta dupla de vidro fechada, que dá para o quarto dela, embora eu não queira ir até lá. Nos sonhos sinto um pavor aterrorizante, de parar o coração, à medida que me aproximo daquela porta com cortinas. Mas meus pés me levam para lá de qualquer jeito, passo a passo, mesmo eu me segurando nos móveis numa tentativa de parar. Quando a porta finalmente está à minha frente, digo a mim mesma para ir embora, correr, recuar, mas estendo a mão e giro a maçaneta. Assim que isso acontece, sempre acordo. Estou sozinha na minha cama em Miami, suando e ofegando. Vinicius não está mais aqui para me consolar. Mesmo quando estava, eu só fingia me acalmar, para que ele dormisse de novo. Então saía de fininho do quarto, sabendo que não dormiria pelo resto da noite, sabendo que já tinha aberto aquela porta e visto o que estava atrás, e não era uma visão que eu pudesse apagar ou um pesadelo do qual pudesse acordar.

A suíte ficava no último andar do Copa, virada para o oceano. Naquela noite, depois do show, a vista das janelas estava negra como carvão, a não ser pela luz de alguns barcos. Pareciam vaga-lumes presos em piche.

Graça acendeu as luzes. O oceano escuro desapareceu e ficou apenas nosso reflexo no vidro:

ela com sua maquiagem de palco manchada e o cabelo desgrenhado, eu no vestido preto, de festa, que ela havia dito que era sem graça – e era mesmo.

Graça cobriu os olhos e virou o interruptor de novo para baixo.

– Estou cansada de luzes – disse.

O quarto voltou a ficar escuro. Permaneci completamente imóvel. Só minha respiração – acelerada, áspera pelos cigarros em excesso fumados nos bastidores – revelava minha presença.

– Vou morrer se não tirar a porra desse figurino. É como carregar um corpo extra – disse Graça, abrindo o zíper da saia e deixando-a cair com um baque surdo no chão.

Meus olhos começaram a se acostumar com a escuridão. Olhei Graça ir lentamente para o banheiro. A torneira rangeu e a água começou a cair na banheira. Larguei minha bolsa; o arsenal de comprimidos dentro chacoalhou nos frascos de vidro. Depois andei tateando, tendo cuidado com tudo que bloqueava o caminho.

Graça estava de roupão. Uma vela tremeluzia na bancada de pedra. Ela se sentou no banquinho da penteadeira e inclinou a cabeça para cima. Depois passou chumaços de algodão com força no rosto, as mãos se movendo num ritmo frenético. Mesmo à luz da vela dava para ver os poucos fios finos que restavam nas sobrancelhas depois de anos arrancando-os. Havia riscos em volta da boca, uma série de ruguinhas teimosas na testa. Graça manteve o olhar em mim enquanto trabalhava.

O quarto esquentou. Meu vestido parecia murcho e pegajoso.

– A banheira vai transbordar – disse ela.

Virei-me mecanicamente e fechei a torneira. Subia vapor da água. Minhas mãos tremiam. Graça delicadamente me empurrou de lado.

Deixou o roupão cair. Virei de costas, mas era impossível não vê-la de relance naquele enorme banheiro espelhado. Os quilos que ela havia perdido em cada viagem a Palm Springs tinham voltado. A parte de cima dos braços estava grossa, a barriga carnuda. Parecia uma mulher de uma antiga pintura italiana, toda feita de carne macia e furinhos de celulite. Ela entrou na água fumegante e se acomodou sem hesitar, pegando uma esponja e esfregando os braços.

– Você vai ficar muda a noite toda? – perguntou. – Eu é que fui um fiasco lá fora, e não você.

Sua coluna parecia uma corda presa embaixo da pele. Resisti à ânsia de passar os dedos sobre ela, empurrá-la para baixo d’água e segurá-la ali.

– Aquelas músicas eram minhas.

Graça soltou um longo suspiro. Sua respiração cortou o vapor no ar.

– Então você vai receber todo o crédito pelo meu fracasso.

O calor do banheiro fazia minhas bochechas pinicar.

– Não quero crédito.

– Você sempre quer crédito.

Graça se reclinou para trás para molhar o cabelo. Seus seios balançaram na superfície da água, redondos e rosados. Fechei os olhos.

– Você planejou aquela coisa da maquiagem, dos brincos.

Graça sentou-se de novo.

– Eu não podia ficar fazendo a mesma coisa para sempre. Precisava de algo novo. Quando vi você em Ipanema, decidi. Você sabe como esse show era importante para todos nós. Era fazer ou morrer. Eu precisava do seu número.

– Eu não sou um número.

– Claro que é. Todos nós somos. Tudo é um número, desde o minuto em que acordamos e abrimos os olhos.

– Você não pode mais cantá-las. Não vou deixar.

Graça soltou um riso agudo.

– Ninguém quer que eu cante mais.

Ela se levantou da água e saiu da banheira. Seu cabelo molhado pingava em seu pescoço. Graça suspirou e pareceu murchar, enterrando o rosto numa toalha e mantendo-o ali por um longo tempo.

Seus ombros não estavam sacudindo; ela não estava chorando, estava? Será que tinha ficado tonta? Ou estava se recompondo, como uma atriz antes de entrar no palco? Essas são as perguntas que eu me fiz naquele banheiro sufocante. Tive décadas para pensar naquela noite, naquele momento, encaixar as peças no lugar vezes sem conta e me perguntar como poderia tê-las mudado ou rearrumado para dar um resultado diferente a todos nós. Esse tipo de reminiscência é inútil. É um jogo cruel sem vencedor, porque não posso voltar àquela noite. Não posso apagar meus erros. Não posso ser mais gentil, mais generosa, mais compreensiva. Não posso dizer a mim mesma para deixar de lado o orgulho, a raiva, a vontade de retaliar. Agora vejo as coisas de modo mais completo. Vejo aqueles muitos minutos desconfortáveis em que Graça escondeu o rosto na toalha como uma espécie de apelo ao qual eu não atendi. Eu não podia, porque naquele momento pensava que eu era a vítima e Graça a ladra.

Quando ela finalmente emergiu, largou a toalha e veio na minha direção, nua, pingando água a cada passo. Segurou minha mão com a dela, molhada.

– Estou com uma sensação horrível desde *Não desfrute dessa fruta* – disse. As sombras da luz da vela distorciam seu rosto, fazendo parecer que ela era feita de uma espécie de massa, derretendo no calor do banheiro. – Sei que Vinicius não quer ficar comigo. Ele está com tanta raiva de mim agora que já deve até ter feito as malas. Cantar é a única coisa que eu posso fazer. Todo dia acordo e penso: *Quanto tempo?* Quanto tempo preciso me arrastar pela porra da vida antes de estar na frente de um público outra vez, antes de poder cantar outra vez? Antigamente eu conseguia esperar, sabe? O tempo entre as apresentações não parecia tão longo. Mas agora? Agora um dia parece uma eternidade. Só... Parece que não consigo fazer as coisas aqui fora, na vida real. Mas lá, na frente do público, eu sou perfeita todas as vezes! A não ser hoje à noite. Hoje não consegui fazer com que eles me amassem de novo.

Sua voz ficou embargada. O vapor fazia minhas narinas arderem e, não importava quanto respirasse, eu continuava sem fôlego. Soltei sua mão e me afastei até o outro lado do cômodo, esperando que a distância a impedisse de conquistar meu perdão. Eu queria a Graça que tinha puxado meu cabelo e brigado comigo no Riacho Doce; a que tinha enganado as freiras do Sion; a que tinha gritado, falado palavrões e me xingado na Lapa. Queria sua maldade, sua

mesquinharia, suas palavras cortantes, sua mordida. Queria uma oponente, não uma vítima.

– Aquelas músicas eram minhas – falei. – Você deveria ter me pedido.

Ela se encolheu como se eu a tivesse acordado bruscamente. Então seu rosto mudou, o olhar se afiou, as feições endureceram numa espécie de máscara. Meu coração deu um pulo.

– E se eu tivesse pedido, se tivesse implorado, você acha que me daria aquelas músicas? – perguntou Graça, balançando a cabeça. – Não quero ser rica, conhecida ou receber o crédito, como você. Quero ser grandiosa. Você ao menos sabe o que isso significa? Você nunca foi grandiosa um dia sequer na vida. Quer ser, mas não é. Então você fica perto de gente que é. Como eu, como Vinicius. Você quer tudo que é meu, mas nunca vai ter. Não é capaz. Você sempre vai ser a Jega com roupas chiques.

Éramos meninas de novo, encontrando-nos pela primeira vez naquele corredor vazio da casa-grande, onde tudo que eu conhecera estava mudando: a minúscula migalha de liberdade que eu tinha experimentado estava sendo tirada de mim; tudo que eu tinha fingido que era meu jamais havia me pertencido de verdade e nunca pertenceria. E ali estava Graça, com seus olhos cor de cortiça e a linda boca rosada, como prova. *Jega*. Ela nunca havia me chamado assim.

O banheiro era pequeno. Minhas pernas eram compridas. Em dois passos eu estava na frente de Graça. Dei dois tapas monumentais no rosto dela, a mão ricocheteando nas duas bochechas. Os olhos de Graça se iluminaram. Envolvi seu pescoço com uma das mãos, sentindo sua pulsação embaixo dos dedos. Teria sido fácil apertar com mais força, espremer todo o ar para fora dela como se ela fosse um balão. Não era essa a briga que eu queria?

Graça levantou as mãos para mim, mas em vez de segurar minhas mãos, em vez de lutar para me fazer soltá-la, pôs as mãos no meu rosto, segurando minhas bochechas como uma mãe faria com uma criança.

– Não me abandone, Dor. Por favor – sussurrou ela, tentando respirar. – Todo mundo me abandona. Você, não.

Soltei-a. Graça envolveu minha cintura com os braços e pousou a cabeça no meu peito. Chorou baixinho e ofegou como um pequeno animal machucado até a frente do meu vestido ficar úmida. Então, nua, me encarou com os olhos molhados, o nariz vermelho e a boca tremendo, e eu a agarrei de novo, só que dessa vez delicadamente e com outro objetivo.

Kiss. Para dizer essa palavra em inglês os lábios precisam se repuxar para trás, os dentes precisam se juntar de modo que você pressione o ar através deles e faça um som sibilado. *Beijo* é bem diferente. Para dizer beijo você precisa fazer beicinho. Precisa fazer o que a palavra significa. O que Graça e eu fazíamos na juventude em nosso quartinho na Lapa eram beijos – suaves, molhados, a princípio hesitantes e depois, lentamente, ficando mais ousados. O que fizemos no banheiro do Copa não foi nem um pouco parecido com aqueles nossos primeiros beijos.

Os dentes de Graça bateram nos meus. Sua língua era um músculo: duro, sondando, decidido a me escancarar. Tentei afastar a cabeça, mas Graça segurou os lados do meu rosto com as duas mãos. Tentei pegá-la, agarrá-la, colocá-la em algum tipo de submissão calma, mas ela ainda estava molhada do banho e escorregou sob meus dedos. Ela era redondez e músculos, maciez e

resistência.

Não foi como eu tinha imaginado. Como eu poderia não imaginar, de tempos em tempos, a sensação de beijá-la de novo? Naquela paisagem vasta e sem limites da minha imaginação eu ia a muitos lugares, e esse era um deles. Não podia me permitir visitá-lo com frequência porque, como ao caminhar num canavial não cortado, eu tinha medo de me perder lá dentro ou emergir coberta com milhares de ferimentos invisíveis, da cabeça aos pés. Mas havia momentos em que eu entrava, e o que visualizava era Graça pasma e ao mesmo tempo com medo – não de mim, mas de si mesma, do quanto me desejava, apenas a mim. E o tempo todo havia um ritmo perfeito entre nós: nossa respiração, nossos movimentos, até nossas intenções tinham uma sincronia tão perfeita que não sabíamos quem era Das Dores ou Graça, Jega ou Sofia Salvador.

Como essa fantasia pareceu distante naquela noite no banheiro do Copa! Minha mente girava enquanto Graça insistia, aparentemente decidida a terminar sua tarefa. *Esse é o modo de ela me consolar?*, pensei. *Não, esse é o modo de ela se consolar*. Mas isso também não parecia certo, e eu só conseguia pensar nela no palco, limpando os lábios vermelhos. E nas músicas. Minhas músicas.

Soltei-me do abraço.

– Por que você está fazendo isso? – perguntei. – Por que agora?

Graça me apertou de novo com força.

– Cale a boca. Continue me beijando.

Balancei a cabeça.

– Não posso.

Ela chegou o rosto perto do meu.

– Agora não – falei. – Não.

As unhas de Graça se cravaram nas minhas bochechas.

– Anda – ordenou ela. – Aproveita.

– Não.

Saí cambaleando do banheiro para o ar escuro e fresco da suíte, tomando fôlego, como se tivesse ficado presa embaixo d’água.

Graça apareceu, se escorando no batente da porta. Enxugou a boca, parecendo fraca como um boxeador que olhasse o oponente depois de receber um golpe particularmente doloroso.

– Você está indo embora – disse ela, com a voz pequena. – Você não me quer.

O que eu poderia fazer, senão dar o soco do nocaute?

– Não. Ninguém te quer.

Saí. Meus braços doíam do nosso embate no banheiro. Minhas mãos tremiam tanto que tive dificuldade para fechar a porta da suíte depois de sair. No elevador fiz menção de pegar um cigarro mas percebi que tinha deixado a bolsa – com a chave do meu quarto, todo o arsenal de bolinhas e barbitúricos, além dos cigarros – no quarto de Graça. Por um instante pensei em apertar os botões do elevador e voltar.

Lembrei-me do nosso primeiro concerto no Recife, séculos antes, quando éramos crianças e Graça não havia se comportado como uma criança. Não tinha me ridicularizado por ter chorado,

nem me manteve a distância. Tinha me consolado como ninguém havia feito e nunca mais fez. Jega – sempre chutada, espancada e ameaçada – tinha sido abraçada e compreendida. Por que não pude fazer o mesmo por ela naquele banheiro? Ela queria consolo, queria cair no esquecimento do corpo de outra pessoa. Eu não tinha buscado o mesmo tipo de consolo tantas vezes, com tantas mulheres e tantos homens? No entanto, eu havia negado a ela – e a mim mesma – o prazer desse consolo.

Naquele elevador do Copa, com sua grade de latão e as paredes acolchoadas, senti uma vontade louca de voltar à suíte de Graça. Queria abraçá-la e sacudi-la, gritar com ela, dizer o erro que ela havia cometido. Se ela ao menos tivesse pedido, eu teria lhe dado tudo. Tudo. Mas Graça – sempre a patroinha – tinha me chamado de Jega e depois ordenado que eu aceitasse as migalhas que ela estava me dando.

Anda. Aproveita.

Ao ouvir essa ordem, minha escolha já estava feita.

Depois de procurar no bar do hotel e nos corredores que levavam ao salão de baile, finalmente encontrei Vinicius na praia. Ele tinha se afastado um pouco do hotel, para um lugar mais isolado perto da água. A maré estava baixa, as ondas eram apenas marolas. Uma enorme faixa de areia se estendia quase até o horizonte, onde estava a lua, redonda e branca como uma fruta pendurada tão baixo que poderíamos torcê-la e pegá-la.

– Meu Deus – disse ele quando me viu.

Meu cabelo estava desgrenhado. O vestido, úmido de suor. Eu estava descalça. Comecei a tomar fôlego, mas não conseguia encher os pulmões. Fiz um esforço maior, agora com o rosto molhado, os olhos perdendo o foco. Vinicius me abraçou.

– *Shhh, shh, shhh* – disse ele e me balançou suavemente, como se pusesse uma criança para dormir.

Eu não queria sair daquele abraço, não queria ter que me sentar na praia e explicar. O que eu explicaria? Que ainda era Jega? Que sempre seria Jega? Que Graça acreditava que eu sempre quisera roubar dela, e que eu queria mesmo? E que ela havia roubado de mim? Éramos duas ladras, um par perfeito, sempre procurando algo mais para tirar da outra. Naquela noite, na suíte, não restava nada.

Soltei-me de Vinicius e levantei os olhos, imaginando se podia ver a janela da cobertura de Graça ali da praia; se a luz estaria acesa ou se ela seria uma sombra no vidro, olhando para a praia, para nós. Quando levantei os olhos, vi apenas Vinicius, e ele me viu. Ambos feridos. Ambos querendo a mesma coisa, mas jamais capazes de alcançá-la completamente.

Ele baixou a cabeça para o meu pescoço. A ponta no nariz indo da minha clavícula para cima, sentindo meu cheiro. Abracei-o com força, com medo de meus joelhos se dobrarem, com medo de cair e de o movimento súbito espantar Vinicius. *Eu deveria querer espantá-lo, não?*, pensei, depois parei totalmente de pensar.

No rosto de uma mulher não há barba por fazer. Não há cheiro de loção nem suor. Na boca de uma mulher há uma suavidade, uma delicadeza requintada que jamais encontraremos na de um homem. Mas às vezes a gente não quer uma baía calma – quer um oceano violento. Quer ser jogada pelas ondas, atirada na areia, arrastada até ficar em carne viva, sentir os pulmões e o corpo arder, até finalmente, felizmente, subir para respirar.

Eu tinha 26 anos – era uma criança! Não tinha sabedoria suficiente para pesar meus desejos conflitantes e ver qual deles deveria ser alimentado e qual deveria ser deixado à míngua. Eu alimentava a todos. E não é essa a beleza e o perigo da juventude: essa capacidade imprudente de sentir sem se perguntar por que ou como, ou se esse sentimento é bom ou ruim? O que eu queria realmente naquele momento na praia com Vinicius? Queria o que todos queremos a certa altura: alguém louco por mim, ser o centro do desejo – apenas eu, a estrela do espetáculo.

Um acorde são três notas tocadas simultaneamente. É a base da harmonia e da desarmonia. Aprendi isso tarde na vida.

Aquele jovem músico famoso que gravou comigo em Las Vegas também fez o favor de me ensinar sobre os aspectos mais técnicos da música. Eu pedi. Depois de nossas sessões de gravação ele me explicava pacientemente sobre acordes, altura, andamento e timbre, entre outras coisas. Quanto mais ele falava, mais eu percebia que ele estava simplesmente dando nomes a coisas que eu sempre soube que existiam. *Harmonia. Contorno. Melodia. Tom. Ritmo. Métrica. Tonalidade.* Eu tinha passado a vida sentindo esses aspectos da música sem saber como chamá-los nem por quê.

Me conforta o fato de a música existir antes de qualquer um lhe atribuir nomes e de que ela vai continuar existindo mesmo quando a linguagem nos falhar. E ela vai falhar; sempre falha. Pensamos que precisamos das palavras porque é de nossa natureza definir, decodificar, tentar entender dissecando as coisas e rotulando-as, como espécimes num museu. Uma criança nasce e nós lhe damos um nome, mas não é o fato de receber um nome que faz com que a criança exista. Nossos nomes nos tornam fáceis de ser lembrados. Ao lembrar, acreditamos que conhecemos, e, ao conhecer, acreditamos que entendemos. Os nomes nos trazem conforto. São as coisas que não podemos nomear que mais nos amedrontam.

Aqui estamos, então, depois de tantas noites insones, e tudo que fiz foi chegar ao ponto da história em que a maioria das pessoas escolhe começar. Por que todos os repórteres, biógrafos e picaretas optam por começar aqui suas histórias sobre Sofia Salvador? Porque a morte vende livros e revistas, e a morte de Sofia Salvador veio cedo demais e (para a maioria das pessoas) sem aviso.

Contrariamente à crença popular, contei muitas vezes essa parte da história. Tantas, na verdade, que jurei nunca mais contá-la de novo. Nos dias depois que ela morreu repeti a história inúmeras vezes à polícia, aos militares, ao advogado que fui obrigada a contratar, aos rapazes do Lua Azul, claro. É enfurecedor o fato de que doze curtas horas podem acabar definindo nossa

vida e as histórias que os outros contam sobre ela. Se eu escrevesse uma música sobre nós – Graça, Vinicius, os rapazes do Lua Azul e eu –, essa parte da história mereceria apenas um verso. Mas, como a percussão ditando o ritmo de toda a melodia, ela se transformou na batida da nossa canção.

Vinicius a encontrou. Na maior parte dos dias me sinto grata por isso.

Ele e eu pegamos no sono na praia, lado a lado. Sem ter tomado nenhum barbitúrico naquela noite, não caí no transe sem sonhos que eles geralmente me ofereciam. Em vez disso sonhei com o Riacho Doce. Estava diante de um mar de cana-de-açúcar. Nena estava ao meu lado. Os pés de cana se erguiam acima de nós. Quando o vento batia, eu os ouvia roçarem uns nos outros, como facas se afiando. Atrás de nós alguma coisa soltou um lamento – rouco e desesperado. Um animal, machucado? Olhei para trás e o Riacho Doce desapareceu.

O sol estava forte demais; eu mal consegui abrir os olhos. A armação do corpete de cetim do meu vestido preto beliscava minha cintura. Minha mão esquerda estava dormente. Sentei-me e a sacudi até ela voltar à vida, formigando. Minha cabeça latejava. Grãos de areia eram esmagados entre meus dentes.

Vinicius e eu fomos cambaleando até o hotel. Ainda estava muito cedo; não havia praticamente nenhum hóspede acordado. Os funcionários lançavam olhares de esguelha para nós enquanto chamávamos o elevador. Dentro não falamos nem nos olhamos. Depois parei diante da porta do meu quarto, enquanto Vinicius se despedia.

– Vou encarar a música agora – disse ele.

Vinicius e Graça ainda dividiam o mesmo quarto. Será que ele queria dizer que iria enfrentar o mau humor dela? Será que ele abandonaria Sofia Salvador e o Lua Azul naquela manhã? Será que contaria a ela sobre nossa noite na praia? Será que essa seria sua vingança, assim como tinha sido a minha? Quem sabe? Nós nunca respondemos a essas perguntas, apesar de na ocasião parecerem vitais.

Enquanto Vinicius ia arrastando os pés pelo corredor, fiquei diante da porta do meu quarto, olhando para a fechadura. Eu não estava com a chave. Precisaria encarar Graça também se quisesse a bolsa que tinha deixado no quarto dela. Olhei pelo corredor, mas Vinicius já havia sumido. Depois pensei que estava sonhando de novo, porque o lamento que eu tinha escutado antes, dormindo, voltou. Só que mais alto e vindo do quarto de Graça.

A porta não tinha sido trancada. Dentro estava claro. As cortinas, completamente abertas. A porta de vidro estava fechada. O uivo vinha de trás dela. Virei a maçaneta e entrei.

O quarto tinha um cheiro doce enjoativo, como os becos da Lapa depois do carnaval. Vinicius estava sentado no chão ao lado da cama, de boca aberta. Graça estava deitada nos joelhos dele. Os lençóis eram de cetim e eu me lembro de ter pensado em como o cetim era escorregadio, e que por isso ela havia caído da cama. Mas por que ela não estava xingando nem fazendo piadas? Por que não abria os olhos? Tudo naquele quarto parecia familiar e, ao mesmo

tempo, terrivelmente deformado, como às vezes acontece nos sonhos. Me perguntei outra vez se eu não estava dormindo.

Ajoelhei-me ao lado de Graça. Alguma coisa molhada e fria passou pela saia do meu vestido, onde os joelhos tocaram no chão. Vômito – amarelo, como mostarda coagulada – formava uma poça embaixo de nós. Tinha entrado embaixo da cabeça de Graça, grudando no cabelo. Uma crosta amarela salpicava os cantos da sua boca e cobria o queixo. A mão estava fria, os dedos rígidos.

Eu me ouvi falando, mas não recordo as palavras. Quando penso nesse momento, vejo o rosto antes bonito de Vinicius rígido de choque. Ele tinha parado de chorar e prestava atenção em mim. Pelo jeito eu lhe disse para chamar um médico. Não o médico de plantão no Copa, e sim o nosso médico. Um em quem pudéssemos confiar. O Dr. Farias, o homem que tinha tratado de Graça durante nossa temporada na Urca, anos antes. Eu não sabia o número do telefone dele, mas de algum modo me lembrei do endereço: rua Barata Ribeiro, em Copacabana. Mandei Vinicius pedir para a telefonista encontrá-lo, e somente a ele, mas não tinha ideia se o Dr. Farias sequer estava vivo. A polícia me fez contar de novo e de novo o que tinha dito a Vinicius.

Como você conhecia esse médico?

Ele nos ajudou antes.

Ajudou?

É, ajudou.

Como?

Como médico.

Por que chamar um médico particular?

Ela jamais deixaria um estranho tocá-la.

Por que vocês mexeram no corpo?

Mexemos?

Por que a mudaram de lugar?

Ela estava fria. Precisava ser aquecida.

Você achou que ela ainda estivesse viva?

Vinicius tinha ido procurar um telefone. Emudecida, olhei o quarto ao redor. Na mesinha de cabeceira estava a minha bolsa, aberta de lado, os frascos de barbitúricos e bolinhas vazios, com as tampas largadas no chão.

Quantos Nembutals, Benzedrinas, codeínas e Seconals eu tinha levado naquela viagem? Cinquenta? Sessenta? Quantos restaram na noite em que Graça e eu brigamos? Eu havia tomado dois barbitúricos no avião, duas bolinhas no primeiro dia no Brasil. Ou será que tinha tomado mais? Será que dei alguns comprimidos aos rapazes no avião ou antes do show? Tentei contabilizar aqueles comprimidos muitas vezes no correr dos anos: primeiro para a polícia, depois para Vinicius, depois para mim mesma. Fecho os olhos e penso naqueles frascos cor de

âmbar, e tento me lembrar dos números e das cores dos tabletes que restavam dentro. Na verdade é ridícula a quantidade de tempo que podemos perder pensando no que não importa e no que não pode ser mudado. Não importa quantos comprimidos estavam naqueles frascos quando saí do quarto dela. O que importa é que todos eles estavam vazios quando voltei.

Passei a mão pelo cabelo de Graça. O vômito sujou meus dedos. De repente eu estava no banheiro, molhando uma toalha, depois outra. Passei no rosto dela. Esfreguei seu cabelo e seus braços. Limpei o chão.

Tentei colocar Graça sentada, para lavar sua nuca. Ela estava mais pesada do que eu esperava. Ela não se dobrava na cintura, não importava o quanto eu tentasse convencê-la, então de alguma maneira consegui juntar forças para suspendê-la até a cama. Seu cabelo, que eu tinha molhado, encharcou o travesseiro. No banheiro encontrei um de seus batons vermelhos. Graça jamais recebia visitas sem batom.

Você sabia que a parte mais essencial de qualquer voz é o ar? Espaço vazio. É preciso abrir espaço para a voz fluir para fora. Os grandes cantores sabem relaxar a garganta e a língua enquanto cantam. Sabem respirar de modo a expandir o corpo, inspirando o máximo de ar possível, sustentando cada nota pelo maior tempo humanamente possível. Afinal de contas, é o ar que faz as cordas vocais vibrarem. O ar que respiramos é o alimento da nossa voz. É sua fonte.

Mais tarde Vinicius disse que, enquanto ele e os rapazes corriam pelo corredor particular da suíte presidencial, ouviram um gemido terrível durante todo o tempo em que eles percorriam aquele espaço interminável, que não parava. A voz não perdeu força, não fez pausas, não parou para recuperar o fôlego. Segundo Vinicius, ouvir aquilo o fez sentir um nó na boca do estômago.

Engraçado. Quando eu estava encolhida ao lado de Graça na cama, com sua mão pequena e fria na minha, acreditei que estivesse cantando para ela.

Quanto tempo se passou até o Dr. Farias e os rapazes do Lua Azul irromperem na suíte, arruinando nossa paz? O relatório da polícia diz que foram trinta minutos.

Eu me lembro de Vinicius agachado no canto, as mãos sobre o rosto. Senti Miudinho me puxando delicadamente da cama ao lado dela. Eu não conseguia me mexer. Ele e Cozinha me carregaram, encolhida como estivera na cama, até o sofá. Houve gritos. Polícia. Um investigador forense trouxe uma máquina fotográfica para documentar a cena.

As fotos vazaram para as revistas brasileiras e, mais tarde, para as americanas. Naquelas fotos em preto e branco ela parece serena na cama. Sua pele está limpa. Os lábios escuros e brilhantes. Mesmo na morte ela é uma estrela.

No relatório a polícia militar escreveu que a falecida foi transferida do chão para a cama. É um detalhe que os biógrafos e os teóricos da conspiração gostam de mencionar sempre. Como se tivesse alguma importância. Me perguntaram muitas vezes sobre os comprimidos que eu tinha deixado com ela: de que tipo, quantos, para quê. Mais tarde, depois da autópsia, ouvi perguntas diferentes: ela estava aborrecida depois da apresentação no Copa? Eu notei algum sinal de

instabilidade mental? Por que tinha deixado tantos comprimidos com ela? Por que a deixei sozinha? Ela já havia tentado machucar a si mesma?

Aí está Graça vadeando no rio escuro, a mão apertando a minha com firmeza.

Eu não vou muito fundo. E você é forte como um touro.

E se eu não conseguir?

Então nós duas vamos bater as botas.

Você vai se afogar.

Sempre salvo você. Você nunca me salva.

A história não é assim.

É a história que eu quero.

Você não pode fazer isso. Não é assim que funciona. Eu poderia ter obedecido. Eu poderia ter ficado.

Se você não tomar cuidado, vai ficar aí a vida toda.

Vamos ficar.

Eu quase me sinto real.

Você é real. Para mim.

Estou tão cansada, Dor. Quanto tempo?

Agora não falta muito, meu amor. Não falta muito.

Sofia Salvador teve um velório digno de um chefe de Estado. Se em vida ela era uma marionete dos americanos, na morte se tornou a amada vítima brasileira que tinha escapado do hostil Tio Sam e voltado para casa para recriar a si mesma, apresentando uma nova forma de samba só para ser tragicamente impedida de vê-lo florescer depois da morte.

Sofia Salvador sempre soube decifrar uma plateia e não estava errada com relação ao público do Copa: aqueles repórteres, socialites, homens do governo e nacionalistas estavam decididos a rejeitá-la. Eram como amantes desprezados, querendo punir Sofia Salvador por deixá-los e depois retornar com tanta ousadia. O que ela não pôde ver do palco do Copa – o que nenhum de nós viu – foram todos os ouvintes fascinados durante a transmissão pelo rádio para todo o Brasil. Ela não pôde vê-los nos cafés, nos bares e nas salas de estar, fechando os olhos para escutar melhor. Não pôde ouvir seus elogios nem seus aplausos. Ninguém (a não ser alguns clientes vanguardistas de uma boate em Ipanema na noite anterior) tinha ouvido um samba feito daquele jeito: tão comovente, tão vulnerável, tão necessitado de aceitação e perdão. Depois da transmissão, os muitos ouvintes em todo o Brasil guardaram a voz de Sofia Salvador na memória e estavam prontos para aceitá-la de volta, de braços abertos. Foi por isso, em parte, que sua morte foi tão triste para tantas pessoas: elas não tinham podido comprar seus discos de novo, esperar nas filas para assistir às suas apresentações, chamá-la de inovadora, dizer que era como ela nunca os tivesse deixado. Afinal de contas, eles a amavam; só não tinham demonstrado a tempo.

Ela foi embalsamada, o que naquela época era um luxo. Seu caixão era forrado de bronze e foi coberto com a bandeira brasileira. Um caminhão de bombeiros coberto de tecido preto carregou-a pelas ruas do Rio, até a Câmara dos Deputados. Durante dois dias ela ficou ali, com seu vestido vermelho e o batom vermelho, cercada de flores, no saguão principal da Câmara, onde filas de pessoas passavam lentamente para prestar seus sentimentos. As filas serpenteavam, passando pelo cinema Odeon e dando a volta na Praça Floriano. Algumas pessoas estavam com os olhos inchados de chorar, algumas estavam solenes, algumas simplesmente curiosas. Havia generais, padeiros, policiais, donas de casa, damas da sociedade, disc-jóqueis famosos. Até Aracy Araújo apareceu, usando uma mantilha preta sobre a cabeça e com rímel escorrendo pelo rosto. Olhei para Graça, esperando que ela se sentasse e gargalhasse de Aracy, que me ignorou, mas segurou o braço de Vinicius.

– Como vou ser uma grande artista agora? – perguntou ela. – Sem a melhor concorrente, como vou melhorar?

Senti vontade de arrancar aquela mantilha da cabeça de Aracy e lhe dar um tapa. Queria dar um tapa em cada uma daquelas pessoas, tanto nas poderosas quanto nas pobres.

Por que não tinham lotado o aeroporto para lhe dar as boas-vindas? Por que não a tinham aplaudido naquela noite no Copa? Por que não tinham mostrado afeto quando ela realmente precisava?

Se Graça tivesse morrido de velhice, depois de uma vida cheia de música e com várias encarnações de Sofia Salvador, será que receberia tanto amor e adoração? Ou será que perder a vida é mais aceitável do que perder a juventude? E será que Graça, sempre tão afinada com sua plateia, teria sentido isso e dado exatamente o que ela queria: uma estrela que retornava para a última apresentação; que na memória do público seria sempre jovem, sempre linda, sempre deles? Sentada, olhando aquelas pessoas enlutadas passar, percebi que eu nunca havia sentido tanto ódio.

Quando finalmente fecharam o caixão, os rapazes do Lua Azul e eu a carregamos de volta para o caminhão dos bombeiros. Ficamos lado a lado no veículo, seguindo lentamente pela multidão. Quem iria pensar que haveria tantas pessoas no Rio? Enquanto passávamos pela Praia do Flamengo, pela Avenida Oswaldo Cruz, pela Praia de Botafogo e mais além, até chegar ao Cemitério São João Batista, havia pessoas nas calçadas. Só que, ao contrário das que passavam enfileiradas pela sala pavorosamente calorenta da câmara municipal, essas não estavam em silêncio. Algumas tocavam cuícas, outras batiam tambores, outras raspavam os reco-recos. Todas cantavam “Meu vira-lata”, “Clara”, “Somos do samba”, “O ar que você respira”. Não havia uma música de Sofia Salvador que não soubessem.

Em cima do caminhão dos bombeiros, Noelzinho chorava feito um bebê. Banana e Bonito o seguravam. E então ouvimos a voz de Cozinha – grave e surpreendente como uma sirene – juntar-se à música da multidão. Um a um, os rapazes do Lua Azul e eu esquecemos nossa raiva e nossa dor e cantamos juntos. Aquilo virou um carnaval como nenhum outro. Que pena Graça não ter visto.

A maioria dos rapazes do Lua Azul ficou no Brasil. Só Vinicius e, surpreendentemente, Cozinha voltaram para Los Angeles comigo. Cozinha deixou claro que a volta aos Estados Unidos não era um ato de gentileza para comigo, e sim de desafio ao Brasil: ele não suportava mais ficar lá, vivendo ao lado de todos aqueles supostos fãs que tinham traído Graça quando ela era viva, no palco diante deles, e que agora alardeavam seu talento depois da morte.

Cozinha se mudou para Chicago, onde tocou jazz e blues samba-fusion até 1965, quando teve um derrame e morreu num quarto alugado. Banana, Bonito, Noelzinho e Miudinho tiveram algum sucesso como músicos, mas nada como quando faziam parte do Lua Azul. A maior parte das nossas melhores músicas pertencia à Victor Recording Company, e imediatamente depois do enterro de Graça contratei um advogado para processar a Victor. O processo levou quase uma década, mas acabou sendo decidido a nosso favor. De repente todos éramos ricos, mas a essa altura eu estava entorpecida demais para perceber. Nas palavras de Vinicius, eu tinha saído de cena.

Naqueles primeiros meses depois da morte de Graça, quando eu ainda estava relativamente sóbria, Vinicius me ajudou a recolher as coisas na casa da Bedford Drive e insistiu que eu fosse com ele para Las Vegas.

O que era Las Vegas naquela época senão uma terra nova, repleta de possibilidades para cada cantor, gângster, corista, músico, garçom e apostador? Durante a guerra Vegas era famosa por ser o lugar de divórcios rápidos, onde casais distantes ficavam em cassinos que lembravam os saloons do Velho Oeste, com serragem no piso. O Flamingo Hotel mudou tudo isso, com seus quinze hectares de quartos com ar-condicionado, lustres de cristal, campos de golfe e spas. Depois da guerra Hollywood virou uma terra de moralidade e listas negras. Las Vegas era o porto seguro para todo astro exilado por suspeita de ser comunista, homossexual ou as duas coisas. Vegas era uma espécie de Lapa no meio do deserto, mas não era uma fuga. Pelo menos para mim.

As lembranças da minha vida antes de Las Vegas eram dolorosamente nítidas; era como se o vazio do deserto me fizesse reviver cada cheiro, cada sabor, cada conversa, cada pausa, cada toque, cada emoção que eu havia experimentado no meu breve tempo nesta terra. E era demais para mim. Eu era produto dessas lembranças, e de repente, como uma mãe que segurasse o filho com força demais junto ao peito, elas estavam me sufocando.

Antes de seu segundo mandato o presidente Dutra foi posto para fora em eleições livres e justas. O povo usou o voto secreto para recolocar o velho Getúlio no cargo. Foi mais ou menos nessa época que Vinicius apareceu, barbado e de olhos vermelhos, de pé ao lado da minha cama no hospital. Meus antebraços e pernas estavam presos com correias; na época faziam isso com pacientes que eles acreditavam ser um perigo para si mesmos. Eu sentia mais vergonha daquelas correias do que das largas faixas de gaze em volta dos pulsos. Foi Vinicius quem me encontrou no chão do meu apartamento em Las Vegas. Foi ele quem convenceu os médicos a abrir as fivelas.

Depois de eu receber alta, a cada vez que surgia uma lembrança eu arrumava uma bebida.

O segundo mandato de Getúlio não durou muito. Mesmo no meu estupor bêbado eu me mantinha a par das notícias do Brasil, como um amante rejeitado que fareja histórias sobre um ex, esperando saber dos seus fracassos, não dos seus sucessos. Apesar dos seus defeitos, senti um conforto estranho ao saber que o velho Gegê – o homem que sempre chamávamos pelo primeiro nome e que lutara pela presidência desde que Graça e eu éramos meninas no Riacho Doce – estava de volta ao Palácio do Catete. De novo havia escândalo, luta pelo poder, e de novo Getúlio estava à beira de ser deposto à força. Em vez de recuar, ele se sentou à sua mesa, carregou sua pistola predileta e deu um tiro no coração. "Deixo a vida para entrar na história", escreveu numa carta deixada ao lado do corpo. Foi Vinicius quem me contou:

– O velho Getúlio se matou – disse, com as mãos tremendo enquanto levava um cigarro à boca.

Não fiquei surpresa. Para alguns é mais fácil imaginar a morte do que encarar a pessoa que as escolhas e os fardos da vida nos obrigaram a nos tornar. Mas a morte nos rouba muitas coisas, inclusive a chance de nos redimirmos.

Hoje em dia o sono não vem fácil, quando vem. A enfermeira diz que preciso descansar; não posso mais ouvir meus discos à noite. Por isso escrevo em segredo ou me sento no escuro, ouvindo o murmúrio do motor da cama hospitalar. A cama foi instalada na minha casa depois de uma queda que tive recentemente. Ela se abaixa para que a enfermeira da noite me ajude a subir nela, como uma criança.

Fecho os olhos e escuto: meu coração parece se arrastar, como se bombeasse melaço de cana em vez de sangue.

Aperto um botão. Com um gemido e um sopro de ar, a cama se abaixa.

– É isso aí – digo em voz alta. – Ou tudo ou nada.

Levanto-me com dificuldade e saio da cama.

A enfermeira da noite está dormindo no quarto ao lado, de boca aberta, a cabeça inclinada num ângulo estranho. Passo por ela na ponta dos pés, silenciosa como um lagarto. Quando chego ao escritório, me espremo pelo labirinto de caixas e araras de roupas até chegar ao toca-discos. E atrás dele – sim, ali está. Levanto o violão com facilidade, instilada de uma força que não tinha apenas algumas horas atrás. Todas as cordas estão intactas, apesar de provavelmente desafinadas. Levo-o para fora, como um ladrão na noite. No pátio encontro uma cadeira de metal e me deixo cair nela, tremendo e suando no escuro.

Sinto cheiro de sal no ar. As folhas da figueira estranguladora – grossas e brilhantes como couro – batem umas nas outras no escuro. Seguro o violão perto do corpo. Depois de esquecer como se tocava, Vinicius nunca mais pediu o violão, nem mesmo para segurá-lo no colo.

– Da vida não se leva nada, então por que ficar com ele agora? – ele gostava de proclamar antes de adoecer.

Vinicius permitia que muitos músicos gravassem e sampleassem nossas músicas sem pagar um tostão.

– Deixe-os ficar com a música. Não podemos levar ela quando a gente morrer.

– Para onde nós vamos? – eu perguntava.

Vinicius dava de ombros.

– Pro inferno se é que eu sei.

Será que ele queria dizer que não sabia para onde iríamos depois de descartar essas cascas dos nossos corpos ou será que achava realmente que iríamos para o inferno, nós dois?

Vá para o inferno, Dor.

– Não posso. É longe demais.

– De quê?

– De você.

– Esse verso é bom. Escreva.

Nena tinha um altar onde acendia velas e murmurava pedidos. Para Nena, rezar era uma permuta: eu faço isso para você e em troca você cuida de mim. Ela jamais falava em céu ou em almas. Se eu tivesse mencionado essas coisas a Nena, tenho certeza de que ela teria me dado uma surra.

Durante o ano que passei na escola as freiras falavam na criação e no pecado original, em confissões, no purgatório e nos nove diferentes tipos de anjos. Até a porcaria dos anjos tinham uma hierarquia! Se o céu das freiras é tão mesquinho e maldoso como nosso mundo, não quero ter nada a ver com ele. Não que eu fosse ter permissão de entrar pelo portão reluzente.

É o resultado que importa.

Madame Lúcifer morreu na cadeia, esfaqueado na Ilha Grande, mas, apesar de todos os seus malfeitos, não consigo imaginá-lo naquele lugar. Vejo-o alto, de vestido, glorioso, dançando em cima de um carro alegórico de carnaval, para sempre em movimento.

Não faz muito tempo houve uma matéria no rádio sobre universos paralelos, sobre como o tempo pode se dobrar repetidamente sobre si mesmo, nos dando muitas versões da nossa vida, cada uma com um resultado diferente. Sem dúvida existe uma vida em que eu fico com ela naquela noite no Copa. A vida em que eu lhe dou minhas canções. A vida em que eu abro os punhos – fechados por tanto tempo – e entendo, antes que seja tarde demais, o que Graça sabia o tempo todo: que, quando criamos, não é para provar nada, mas para compartilhar.

As músicas não são importantes, digo.

Estou mentindo, e ela sabe. Ela vê a dor e a dádiva da minha mentira. Uma dádiva que é sempre e apenas para ela. E me dá outra em troca: agora sou eu sua única plateia e ela me ama como sempre amou seu público, definitiva e completamente.

Meu peito está quente e terrivelmente dolorido, como se eu tivesse sido ferida. Seguro o violão mais perto. A cadeira de metal bambeia embaixo de mim.

Na Lapa ninguém falava de céu ou inferno; estávamos ocupados demais vivendo e tocando música. Agora a minha Lapa é só um lugar nos livros de história, mas me deixo imaginar que ela ainda existe. Dedilho o violão de Vinicius. É. Aí está.

Graça, Vinicius e os rapazes estão sentados no quintal de Tia Clementina, esperando. A roda só pode começar quando todo mundo chegar – essa é a regra – e eles já estão esperando há um tempão. Abro o portão que range, sinto o chão de terra batida embaixo das sandálias, o cheiro da fumaça do cigarro Onyx de Vinicius. E ali estão eles: Miudinho segura o cavaco contra o barrigão. Cozinha dá uma piscadela para mim. Noel abre um sorriso luminoso como o de uma criança. Banana assente. Bonito me serve uma dose generosa de bebida. Os olhos grandes e escuros de Vinicius tiram o meu fôlego. E Graça – ah, meu coração – com o sorriso de covinhas e sua impaciência. A cadeira ao lado dela está vazia.

Somos todos lindos em nossa juventude. E estamos todos perdoados. Na roda não existem ressentimentos que não possam ser postos de lado e nenhuma ferida que não possa ser curada. A música é o maior tipo de reciprocidade. Para uma corda retesada produzir som, ela precisa ser tirada de sua imobilidade. O músico tange a corda, e a corda se expande lutando para voltar ao lugar original. Essa volta é a vibração, e essa vibração é o som. Uma canção não pode existir sem que primeiro tenha havido imobilidade. A música não pode existir sem uma perturbação constante e um retorno contínuo ao que era e ao que pode ser.

Posso ouvir meu coração bater. Sim, e nele os tambores da roda dos cortadores de cana. As letras daquelas músicas me voltam como um anseio, palavras que eu achava que tivesse esquecido, palavras que tecem histórias de paixão, dor, vingança, arrependimento, misericórdia e, sim, até mesmo de graça. Olho para Graça e ela assente para mim: é a minha vez de começar. Sinto algo ancestral vindo à tona dentro de mim: um sopro do impossível, um sussurro de uma verdade que eu sempre conheci, mas nunca soube nomear. Eu dedilho uma corda. Seu som preenche todo o espaço e abre a roda.

AGRADECIMENTOS

Este livro passou por muitas encarnações. Mika Tanner, Deanna Fei e Christina Henríquez leram quase todas, jamais se furtando a dizer a verdade, jamais me deixando desistir e sendo sempre as leitoras (e amigas) mais generosas que eu poderia desejar. Meu agente, Dorian Karchmar, tem sido meu defensor inabalável e uma fonte de encorajamento há catorze anos – e continua sendo. Obrigada a todo mundo da Riverhead por apoiar este livro e acreditar nele. Obrigada especialmente a Danya Kukafka e à incrível Sarah McGrath, cujas cartas cheias de sabedoria e alterações bem pensadas foram minhas tábuas de salvação. Obrigada aos meus copidesques (especialmente, no Brasil, a Rafaella e Taís): seu trabalho cuidadoso me ajudou a levar este livro à linha de chegada.

Nenhuma mãe pode ser artista sem o apoio de uma tribo de mulheres que ouvem, cuidam e ajudam a limpar as bagunças da vida. Obrigada a Kate, Bahareh, Logan, Tatiana, Maria (Abegunde), Ashley (Tee-Tee), Ruth e todos os professores e cuidadores da minha filha. Obrigada sempre aos meus primeiros cuidadores: meus pais, David e Lúcia. Obrigada aos leitores deste livro por serem parceiros em sua criação e por trazerem Das Dores, Graça e os rapazes do Lua Azul à vida na imaginação de vocês.

Meus agradecimentos mais profundos vão para os membros da minha pequena roda: meu marido e minha filha. James, sou eternamente grata por sua crença calma e firme e por sua disposição em assumir essa viagem pela vida comigo. Emília, meu amor, você estava na minha barriga quando comecei a escrever este livro. Eu escutava música enquanto escrevia, colocando um fone no meu ouvido e grudando o outro com fita adesiva na barriga, para que você pudesse ouvir Cartola, Otis Redding, Marisa Monte, Carmen Miranda, Kanye, Tom Jobim, Paulinho da Viola, Édith Piaf e tantos outros. Obrigada, minha filha querida, por me fazer companhia naquela época e agora, e por me ensinar a improvisar, tocar e, especialmente, a ouvir.

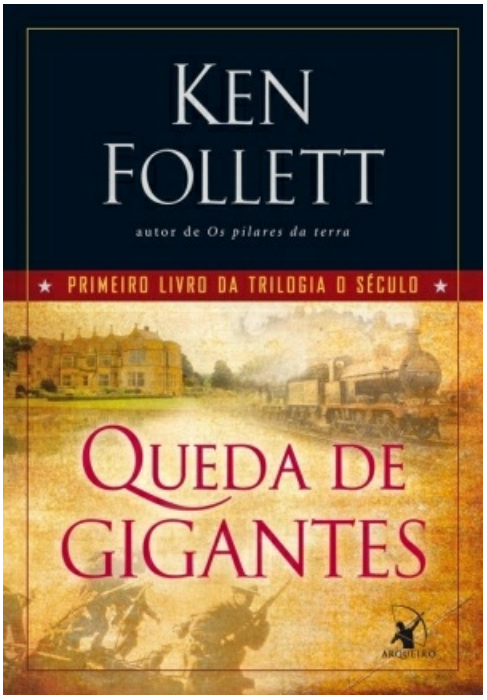
SOBRE AUTORA

Frances de Pontes Peebles nasceu no Recife e foi criada em Miami, Flórida. Formou-se em Letras pela Universidade do Texas, em Austin, e em 2003 completou o famoso Iowa Writers' Workshop. Em seguida recebeu bolsa do Programa Fulbright e do Instituto Sacatar. Seu livro *Entre irmãs* (publicado originalmente como *A Costureira e o Cangaceiro*) foi traduzido para nove idiomas e recebeu os prêmios Elle Grand Prix for Fiction, o Friends of American Writers Award e o Michener-Copernicus Fellowship. Além disso, foi adaptado para o cinema pela Conspiração Filmes e para a TV pela Rede Globo, em formato de minissérie.

Frances retornou ao Brasil em 2009, para cuidar da fazenda da família, e no fim de 2012 se mudou de novo para os Estados Unidos com o marido e a filha. Atualmente eles vivem em Chicago.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br


KEN
FOLLETT
autor de Os pilares da terra
PRIMEIRO LIVRO DA TRILOGIA O SÉCULO
QUEDA DE
GIGANTES
ARQUEIRO

Queda de gigantes

Follett, Ken

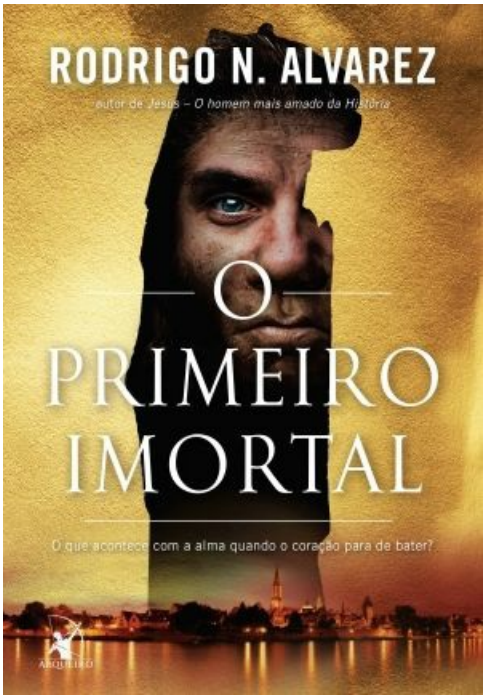
9788580410839

912 páginas

Compre agora e leia

Cinco famílias, cinco países e cinco destinos marcados por um período dramático da história. Queda de gigantes, primeiro volume da trilogia "O Século", de Ken Follett, começa no despertar do século XX, quando ventos de mudança ameaçam o frágil equilíbrio de forças existente – as potências da Europa estão prestes a entrar em guerra, os trabalhadores não aguentam mais ser explorados pela aristocracia e as mulheres clamam por seus direitos.De maneira brilhante, Follett descreve a saga de famílias de diferentes origens e apresenta os fatos sob os mais diversos pontos de vista. Na Grã-Bretanha, o destino dos Williams, uma família de mineradores de Gales do Sul, acaba irremediavelmente ligado por amor e ódio ao dos aristocráticos Fitzherberts, proprietários da mina de carvão onde Billy Williams vai trabalhar aos 13 anos e donos da bela mansão em que sua irmã, Ethel, é governanta.Na Rússia, dois irmãos órfãos, Grigori e Lev Peshkov, seguem rumos opostos. Um deles vai atrás do sonho americano e o outro se junta à revolução bolchevique. A guerra interfere na vida de todos. O alemão Walter von Ulrich tem que se separar de seu amor, lady Maud, e ainda lutar contra o irmão dela, o conde Fitz. Nem mesmo o americano Gus Dewar, o assessor do presidente Wilson que sempre trabalhou pela paz, escapa dos horrores da frente de batalha.Enquanto a ação se desloca entre Londres, São Petersburgo, Washington, Paris e Berlim, Queda de gigantes retrata um mundo em rápida transformação, que nunca mais será o mesmo. O século XX está apenas começando.

Compre agora e leia


RODRIGO N. ALVAREZ
autor de Jesus – O homem mais amado da História
O
PRIMEIRO
IMORTAL
O que acontece com a alma quando o coração para de bater?

O primeiro imortal

Alvarez, Rodrigo N.

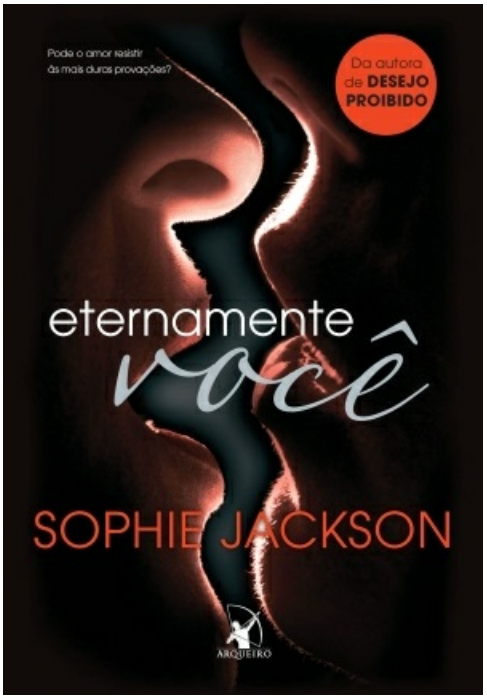
9788530600549

336 páginas

Compre agora e leia

RODRIGO N. ALVAREZ JÁ VENDEU MAIS DE 800 MIL LIVROS, QUE FORAM PUBLICADOS NO BRASIL, EM PORTUGAL E NA AMÉRICA LATINA.O que acontece com a alma quando o coração para de bater?Quando morremos, será que a alma morre também? Em 1987, na Península de Yamal, na Sibéria, uma descoberta pode mudar o futuro da humanidade.Durante uma caçada, o soviético Yuri encontra dentro de uma caverna de gelo quatro corpos de seres humanos, que ficaram congelados e preservados por 38 mil anos.Reconhecendo a oportunidade de ganhar uma fortuna, o ganancioso primo de Yuri vende um deles, clandestinamente, a membros de uma sociedade secreta que há décadas busca desvendar o enigma da imortalidade.Quando o impensável acontece e eles conseguem trazer o corpo de volta à vida, cientistas de várias partes do mundo entram em uma disputa sem limites pelo homem que venceu a morte.Só que, ao retomar a consciência, o primeiro imortal recupera também suas memórias, desejos e sonhos. E decide reaver o que é seu, fazendo com que o projeto saia totalmente de controle.Em sua estreia na ficção, o renomado autor Rodrigo N. Alvarez leva o leitor por uma viagem no tempo e por lugares tão diversos como Sibéria, Romênia, Estados Unidos, França, Alemanha e Brasil, passando por cavernas, geleiras, florestas, museus e centros de pesquisa de última geração.Com enorme habilidade, tece uma colcha narrativa mesclando arte, paleontologia, história e antropologia para contar a emocionante jornada de um sapiens ancestral em busca do sentido da própria existência.

Compre agora e leia


Pode o amor resistir
às mais duras provações?
Da autora
de DESEJO
PROIBIDO
eternamente
você
SOPHIE JACKSON
ARQUEIRO

Eternamente você

Jackson, Sophie

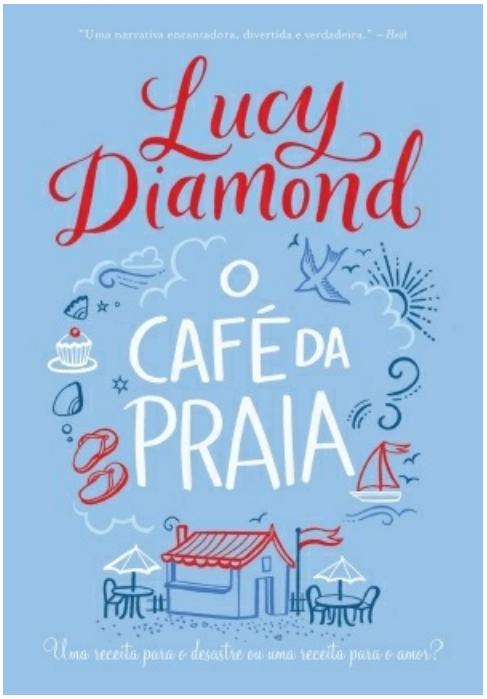
9788580414820

80 páginas

Compre agora e leia

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido.Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele.Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas.Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois.Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

Compre agora e leia


"Uma narrativa encantadora, divertida e verdadeira." – Heat
Lucy Diamond
O CAFÉ DA PRAIA
Uma receita para o desastre ou uma receita para o amor?

O café da praia

Diamond, Lucy

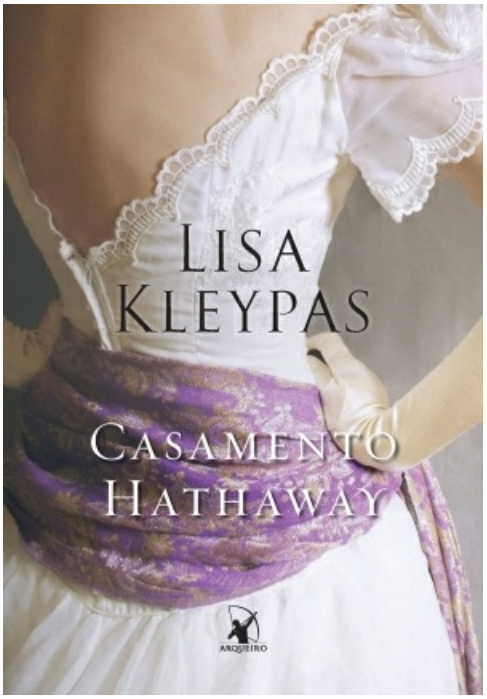
9788530600389

336 páginas

Compre agora e leia

UMA RECEITA PARA O DESASTRE OU UMA RECEITA PARA O AMOR?Lucy Diamond é autora de mais de 10 romances, sendo publicada em 15 idiomas, e sempre figura na lista de mais vendidos do The Sunday Times."Uma narrativa encantadora, divertida e verdadeira" – Heat"Com personagens cativantes e momentos de verdadeira emoção, este livro engraçado e otimista vai encantar as românticas de carteirinha." – The PeopleEm uma praia paradisíaca, Evie Flynn tem a chance de começar do zero…Evie sempre foi a ovelha negra da família: sonhadora e impulsiva, o oposto das irmãs mais velhas bem-sucedidas. Tentou fazer carreira como atriz, fotógrafa e cantora, mas nada deu muito certo. Às vezes, ao pular de um trabalho para outro, ela tem a sensação de que lhe falta um propósito.Quando sua tia preferida morre em um acidente de carro, Evie recebe uma herança inesperada, um café na beira da praia na Cornualha. Empolgada com a oportunidade de mudar de vida, ela decide se mudar para lá, mas logo descobre que nem tudo são flores: os funcionários não são dos melhores e o local está caindo aos pedaços. Tudo bem diferente dos tempos em que passava as férias de verão com a tia.Apesar das dificuldades, pela primeira vez Evie está determinada a ter sucesso. Ao lutar pelo café, ela busca secretamente dar um novo rumo à sua vida e, assim, pode acabar conquistando bem mais do que esperava no trabalho... e também no amor.

Compre agora e leia


LISA
KLEYPAS
CASAMENTO
HATHAWAY
ARQUEIRO

Casamento Hathaway

Kleypas, Lisa

9788580418484

36 páginas

Compre agora e leia

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância.Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improviso e convidados surpresa.Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

Compre agora e leia